Christopher Paolini

BRISINGR

ROCCO
JOVENS LEITORES

Christopher Paolini

BRISINGR

ROCCO
JOVENS LEITORES

BRISINGR

ou

AS SETE PROMESSAS DE ERAGON MATADOR DE

ESPECTROS E SAPHIRA BJARTSKULAR

A HERANÇA

LIVRO TRÊS

Christopher Paolini

Tradução

Waldéa Barcellos

Alexandre D'Elia

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

Título original

BRISINGR

The Seven Promises of Eragon Shadeslayer and Saphira Bjartskular

INHERITANCE

Book Three

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou localidades, é mera coincidência. *Copyright*© 2008 *by* Christopher Paolini

Copyright da arte de capa © 2008 *by* John Jude Palencar *Copyright* das ilustrações das páginas II, III e IV © 2002 *by* Christopher Paolini Tradução da edição brasileira publicada mediante acordo com

Random House Children's Books, uma divisão da Random House, Inc. Nova York Direitos para a língua portuguesa reservados

com exclusividade para o Brasil à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 — 8.º andar

20030-021 — Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000-Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais

LUCIANA FIGUEIREDO

CIP-Brasil. Catalogaçao-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P227b

Paolini, Christopher, 1983-Brisingr ou As sete promessas de Eragon Matador de Espectros e Saphira Bjartskular/Christopher Paolini; tradução de Waldéa Barcellos, Alexandre D'Elia. —

Primeira edição. — Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2008.

Tradução de: Brisingr — The Seven Promises of Eragon Shadeslayer and Saphira Bjartskular

ISBN 978-85-61384-49-4

1. Ficção infanto-juvenil americana. I. Barcellos, Waldéa, II. D'Elia, Alexandre. III. Título. IV. Título: As sete promessas de Eragon Matador de Espectros e Saphira Bjartskular. 08-4042 CDD — 028.5 CDU — 087.5

penas alguns meses atrás, Eragon usou pela primeira vez "brisingr", o termo na língua antiga para fogo. Desde então, aprendeu a fazer magia com palavras e passou por várias provações. Ele e Saphira A escaparam vivos por pouco da colossal batalha contra os soldados do Império na Campina Ardente.

Há, no entanto, mais desafios no caminho do Cavaleiro e do dragão, pois Eragon se vê envolvido em uma rede de promessas que talvez não seja capaz de cumprir. Ajudar o primo Roran a resgatar sua amada Katrina do cativeiro imposto pelo rei Galbatorix é somente uma delas.

Eragon ainda jura sua lealdade aos Varden — que necessitam urgentemente de suas habilidades e força —, aos elfos e aos anões. Quando a guerra iminente insufla os rebeldes e o perigo surge de todos os lados, o Cavaleiro precisa fazer escolhas que podem levá-lo a um sacrifício inimaginável.

Eragon é a maior esperança para libertar a Alagaësia da tirania. Será que esse jovem fazendeiro conseguirá unir as forças rebeldes e derrotar o rei?

Ilha de Vroengard
Alagaesia
Carvahall
A Espinha
Yazuac
Gil'ead
Teirm
Deserto de Hadarac
Dras-Leona
Helgrind
Du Weldenvarden
Farthen-Dûr
Montanhas Beor
Surda
Beirland
Nia
Uren
Parim

Como sempre, este livro é para minha família.

E também para Jordan, Nina e Sylvie,

as luzes fortes de uma nova geração.

Atra esterní ono thelduin.

SUMÁRIO

Sinopse de Eragon e Eldest

Os Portões da Morte

Em volta da fogueira

Ataque a Helgrind

Divergência

Cavaleiro e Ra'zac

Caminhar sozinho pela terra

O Desafio das Facas Longas

Noticias aladas

Escapada e evasão

Uma questão delicada

Lobo-de-Sangue

Misericórdia, Cavaleiro de Dragão

Sombras do passado

Em meio à multidão inquieta

Resposta a um rei

Banquete com amigos

Sagas entrecruzadas

Reparação

Presentes de ouro

Preciso de urna espada!

Hóspedes inesperados

Fogo no céu

Marido e mulher

Sussurros na noite

Ordens

Pegadas de sombra

Por montes e vales

Por meu amor

Uma floresta de pedra

Os mortos que nem

Sangue nas rochas

Questão de perspectiva

"Venha me dar um beijo carinhoso"

Glûmra

Conselho de clãs

Insubordinação

Mensagem num espelho

Quatro batidas no tambor

Reencontro

Ascensão

Palavras de sabedoria

Punição

Entre as nuvens

Marradas

Genealogia

A sina de dois amantes

Herança

Almas de pedra

Mãos de guerreiro

A árvore da vida

A mente sobre o metal

Um Cavaleiro completo

Grevas e braçais

Despedida

Vôo

Brisingr!

A sombra do fim

Alvorada

Guia de pronúncia e glossário

Agradecimentos

BRISINGR

SINOPSE DE

ERAGON E ELDEST

ragon — um lavrador de quinze anos — fica maravilhado quando uma pedra azul polida surge diante dele na cadeia de montanhas conhecida como a Espinha. Eragon leva a pedra para a fazenda onde E mora com seu tio, Garrow, e seu primo, Roran, nas proximidades do povoado de Carvahall. Garrow e sua falecida mulher, Marian, criaram o rapaz. Nada se sabe do pai de Eragon. Sua mãe, Selena, é irmã de Garrow e não é vista desde que o menino nasceu.

Algum tempo depois, a pedra se parte e dela sai um filhote de dragão. Quando Eragon o toca, uma marca prateada aparece na palma da sua mão, e um vínculo irrevogável se estabelece entre as duas mentes, tornando Eragon um dos lendários Cavaleiros de Dragão. Ele dá ao dragão o nome de Saphira, inspirado por um dragão mencionado por Brom, o contador de histórias do povoado.

Os Cavaleiros de Dragão foram criados milênios antes, em conseqüência da guerra devastadora entre os elfos e os dragões, com a finalidade de impedir que as duas raças um dia voltassem a lutar entre si. Os Cavaleiros tornaram-se pacificadores, educadores, curandeiros, filósofos naturais e os maiores de todos os mágicos, pois a união com um dragão faz com que a pessoa possa lançar encantamentos. Sob sua orientação e proteção, a terra desfrutou de uma era áurea.

Quando os humanos chegaram à Alagaësia, também foram aceitos nessa ordem de elite. Depois de muitos anos de paz, os belicosos Urgals mataram o dragão de um jovem Cavaleiro humano chamado Galbatorix. A perda deixou-o alucinado; e, quando os anciãos se recusaram a lhe fornecer outro dragão, Galbatorix decidiu derrubar os Cavaleiros.

Ele roubou outro dragão — ao qual deu o nome de Shruikan, recorrendo a certos encantamentos negros para o forçar a servi-lo — e reuniu ao seu redor um grupo de treze traidores: os Renegados. Com a ajuda desses discípulos cruéis, Galbatorix derrotou os Cavaleiros; matou seu líder, Vrael; e se proclamou rei da Alagaësia. Seus atos forçaram os elfos a se retirarem para as profundezas de seus pinheirais; e os anões, a se esconderem em seus túneis e cavernas. Agora, nenhuma das duas raças se aventura a sair de seus refúgios secretos. O impasse entre Galbatorix e as outras raças já dura mais de um século, período em que todos os Renegados morreram de causas diversas. E

no meio dessa tensa situação política que Eragon se vê lançado.

Alguns meses após o nascimento de Saphira, dois desconhecidos ameaçadores, semelhantes a besouros, chamados Ra'zac, chegam a Carvahall, procurando pela pedra que era o ovo de

Saphira. Eragon e Saphira conseguem escapar deles, mas os desconhecidos destroem a casa de Eragon e matam Garrow.

O rapaz jura seguir a pista dos Ra'zac para matá-los. Quando ele sai de Carvahall, o contador de histórias Brom, que tem conhecimento da existência de Saphira, aborda Eragon e pede para acompanhá-lo. Brom dá a Eragon uma espada vermelha de Cavaleiro de Dragão, Zar'roc, embora se recuse a dizer como a obteve.

Durante suas viagens, Eragon aprende muito com Brom, até mesmo a lutar com espadas e usar magia. Quando eles perdem a pista dos Ra'zac, seguem para a cidade portuária de Teirm e visitam Jeod, um velho amigo de Brom, que talvez possa ajudá-los a localizar o covil dos Ra'zac. Lá, eles descobrem que os Ra'zac moram em algum local perto da cidade de DrasLeona. Eragon também ouve a herbolária Angela ler seu destino e recebe dois conselhos estranhos do menino-gato Solembum, parceiro da mulher. No caminho até Dras-Leona, Brom revela que é agente dos Varden —

um grupo de rebeldes dedicado à derrubada de Galbatorix — e que esteve escondido em Carvahall, à espera do surgimento de um novo Cavaleiro de Dragão. Vinte anos atrás, Brom esteve envolvido no roubo cio ovo de Saphira, que estava com Galbatorix, e, no processo, matou Morzan, o primeiro e último dos Renegados. Restam somente dois outros ovos de dragão, que ainda estão nas mãos de Galbatorix.

Perto de Dras-Leona e na cidade, eles enfrentam os Ra'zac, que ferem Brom mortalmente quando ele está protegendo Eragon. Um rapaz misterioso chamado Murtagh rechaça os Ra'zac. Em suas últimas palavras, Brom confessa que ele também foi, um dia, um Cavaleiro, e que seu dragão assassinado também se chamava Saphira.

Eragon e Saphira decidem, então, juntar-se aos Varden, mas Eragon é

capturado na cidade de Gil'ead e levado à presença de Durza, um Espectro poderoso e maligno que serve Galbatorix. Com a ajuda de Murtagh, Eragon foge da prisão, levando consigo a elfa Arya, outra prisioneira de Durza e embaixadora dos elfos junto aos Varden. Arya foi envenenada e precisa de assistência médica dos Varden.

Perseguidos por um contingente de Urgals, os quatro fogem atravessando a Alagaësia rumo à sede dos Varden nas gigantescas montanhas Beor, que têm mais de dezoito quilômetros de altura. As circunstâncias forçam Murtagh, que não quer ir até os Varden, a revelar que é o filho de Morzan. Murtagh, entretanto, condenou a torpeza do pai e fugiu da corte de Galbatorix em busca do próprio destino. E conta a Eragon que a espada Zar'roc pertenceu, no passado, a seu pai.

Instantes antes de serem dominados pelos Urgals, Eragon e seus amigos são salvos pelos Varden, que moram em Farthen Dûr, uma montanha oca que também abriga Tronjheim, a capital dos anões. Uma vez dentro da montanha, Eragon é levado a Ajihad, líder dos Varden, enquanto Murtagh é

encarcerado por conta de seu parentesco com Morzan.

Eragon conhece Hrothgar, o rei dos anões, e Nasuada, a filha de Ajihad. Também é examinado pelos Gêmeos, dois mágicos bastante perversos a serviço de Ajihad. Eragon e Saphira também abençoam um dos bebês órfãos dos Varden enquanto estes curam Arya do envenenamento.

A estada de Eragon é perturbada por notícias de que um exército Urgal se aproxima pelos subterrâneos, pelos túneis dos anões. Na batalha que se segue, ele é separado de Saphira e forçado a enfrentar Durza sozinho. Muito mais forte que qualquer ser humano, Durza derrota Eragon com facilidade, fazendo um corte em suas costas do ombro ao quadril. Nesse momento, Saphira e Arya rompem o teto de uma câmara — uma safira em formato de estrela com dezoito metros de diâmetro — atraindo a atenção de Durza por tempo suficiente para Eragon fincar-lhe a espada no coração. Livres dos encantamentos de Durza, que os controlavam, os Urgals são rechaçados. Enquanto jaz inconsciente depois do combate, Eragon é contatado telepaticamente por um ser que se identifica como Togira Ikonoka — O

Imperfeito Que É Perfeito. Ele recomenda com insistência que Eragon o procure para receber sua formação em Ellesméra, a capital élfica. Quando desperta, Eragon tem uma enorme cicatriz que atravessa suas costas. Consternado, ele também percebe que só matou Durza por pura sorte e que precisa desesperadamente de uma formação mais aprimorada. No final do Livro Um, ele decide que irá, sim, procurar esse Togira Ikonoka para aprender com ele.

Eldest começa três dias depois de Eragon matar Durza. Os Varden estão se recuperando da batalha de Farthen Dûr; e Ajihad, Murtagh e os Gêmeos saem à caça dos Urgals que escaparam para o interior dos túneis por baixo de Farthen Dûr depois da batalha. Quando um grupo de Urgals os pega de surpresa, Ajihad é morto, e Murtagh e os Gêmeos desaparecem no conflito. O

Conselho de Anciãos dos Varden indica Nasuada para suceder ao pai como nova líder dos Varden, e Eragon jura lealdade a ela como seu vassalo. Eragon e Saphira decidem partir para Ellesméra para começar seu treinamento com O Imperfeito Que E Perfeito. Antes de viajarem, o rei dos anões, Hrothgar, se oferece a admitir Eragon em seu clã, o Dûrgrimst Ingeitum, e Eragon aceita, o que lhe dá plenos direitos legais como se fosse um anão e o autoriza a participar dos conselhos dos anões.

Tanto Arya como Orik, filho de criação de Hrothgar, acompanham Eragon e Saphira na viagem para a terra dos elfos. No caminho, param em Tarnag, uma cidade de anões. Alguns anões são amistosos, mas Eragon descobre que um clã em particular não aceita bem nem a ele nem a Saphira: o Az Sweldn rak Anhûin, que odeia os Cavaleiros e os dragões por terem os Renegados trucidado grande quantidade de integrantes do seu clã. Por fim, o grupo chega a Du Weldenvarden, a floresta dos elfos. Em Ellesméra, Eragon e Saphira são apresentados a Islanzadí, rainha dos elfos, que descobrem ser a mãe de Arya. Conhecem também O Imperfeito Que É

Perfeito: um elfo ancião chamado Oromis. Ele também é um Cavaleiro. Oromis e seu dragão, Glaedr, mantiveram sua existência oculta de Galbatorix pelos últimos cem anos, enquanto buscavam um modo de derrubar o rei. Tanto Oromis como Glaedr sofrem com ferimentos antigos que os impedem de lutar: Glaedr perdeu uma perna, e Oromis, que foi capturado e levado pelos Renegados, não consegue controlar a magia em grande quantidade e é dado a convulsões debilitantes.

Eragon e Saphira começam seu treinamento, tanto juntos como separados. Eragon aprende mais sobre a história das raças da Alagaësia, aprende esgrima e a língua antiga, que todos os mágicos usam. Em seus estudos, ele descobre que cometeu um erro terrível quando ele e Saphira deram a bênção ao bebê órfão em Farthen Dûr. Ele pretendia dizer "Que você seja protegida contra o infortúnio", mas o que disse de fato foi "Que você seja *um escudo* contra o infortúnio". Ele condenou o bebê a proteger outras pessoas de toda e qualquer dor e desgraça.

Saphira progride rapidamente em seu aprendizado com Glaedr, mas a cicatriz que Eragon traz do combate com Durza retarda seu treinamento. Não se trata apenas de uma mutilação em suas costas: em momentos inesperados, ela o deixa incapacitado, com espasmos dolorosos. Ele não sabe como conseguirá se aperfeiçoar como mágico e como espadachim se suas convulsões continuarem.

Eragon começa a perceber seus sentimentos por Arya. Ele os revela, mas ela o rejeita e logo parte para se unir novamente aos Varden. Os elfos celebram então um ritual conhecido como o Agaetí Blödhren, ou Celebração de Juramento ao Sangue, durante o qual Eragon passa por uma transformação mágica: ele se torna um híbrido de elfo e humano — nem totalmente um, nem totalmente o outro. Resulta dessa transformação a cura de sua cicatriz e a aquisição da mesma força sobre-humana dos elfos. Também suas feições são alteradas, tanto que adquire uma aparência ligeiramente élfica.

A essa altura, Eragon descobre que os Varden estão prestes a entrar em guerra com o Império e necessitam urgentemente dele e de Saphira. Durante sua ausência, Nasuada transferiu os Varden de Farthen Dûr para Surda, um país ao sul do Império, ainda independente de Galbatorix.

Eragon e Saphira deixam Ellesméra, junto com Orik, depois de prometer a Oromis e Glaedr que retornarão para completar o treinamento assim que puderem.

Enquanto isso, o primo de Eragon, Roran, passou por suas próprias aventuras. Galbatorix enviou os Ra'zac e uma legião de soldados do Império para Carvahall, com o objetivo de capturar Roran, para usá-lo contra Eragon. Roran consegue escapar para as montanhas das proximidades. Ele e os outros aldeões tentam expulsar os soldados de lá. Muitos aldeões morrem nesse processo. Quando Sloan, o açougueiro do povoado, que detesta Roran e se opõe ao noivado do rapaz com sua filha, Katrina, o denuncia aos Ra'zac, as criaturas semelhantes a besouros o encontram no seu quarto e o atacam. Lutando, Roran consegue fugir deles, mas os Ra'zac capturam Katrina. Roran convence o povo de Carvahall a deixar o povoado e procurar refúgio com os Varden em Surda. Eles partem na direção do oeste, para o litoral, na esperança

de conseguir navegar até Surda. Roran revela-se um líder, ao garantir a travessia segura de seu povo pela Espinha. Na cidade portuária de Teirm, eles conhecem Jeod, que diz a Roran que Eragon é um Cavaleiro e explica o que os Ra'zac estavam procurando em Carvahall em primeiro lugar: Saphira. Jeod propõe-se a ajudar Roran e os aldeões a chegar a Surda, ressaltando que, uma vez que Roran e seu povo estejam em segurança com os Varden, ele poderá obter o auxílio de Eragon no resgate de Katrina. Jeod e os aldeões seqüestram um navio e navegam na direção de Surda.

Eragon e Saphira chegam aos Varden, que estão se preparando para a batalha. Eragon tem notícias do que houve com o bebê a quem ele concedeu a bênção infeliz. Seu nome é Elva, e, embora ainda seja um bebê, ela tem a aparência de uma criança de quatro anos e a voz e o comportamento de um adulto entediado. O encantamento de Eragon condena a menina a sentir a dor de todas as pessoas que vê e lhe dá a compulsão de protegê-las. Se oferecer resistência a esse impulso, ela própria sofre.

Os Varden, a cavalo, Eragon e Saphira partem para enfrentar as tropas do Império na Campina Ardente, uma grande faixa de terra que fumega e arde sem chamas por conta de fogos na turfa subterrânea. Ficam pasmos quando outro Cavaleiro surge montado num dragão vermelho. O novo Cavaleiro mata Hrothgar, o rei dos anões, e então começa a lutar contra Eragon e Saphira. Quando Eragon consegue arrancar o elmo do Cavaleiro, fica abalado ao ver Murtagh.

Murtagh não morreu na emboscada dos Urgals nos subterrâneos de Farthen Dûr. Os Gêmeos organizaram tudo; são traidores que planejaram a emboscada para que Ajihad fosse morto e eles pudessem capturar Murtagh e levá-lo a Galbatorix. O rei o forçou a lhe jurar lealdade na língua antiga. Agora Murtagh e seu dragão recém-nascido, Thorn, são escravos de Galbatorix, e ele afirma que seus juramentos jamais lhe permitirão desobedecer ao rei, muito embora Eragon implore que ele abandone Galbatorix e se junte aos Varden. Murtagh consegue sobrepujar Eragon e Saphira com uma inexplicável demonstração de força. Contudo, decide libertá-los em razão da sua amizade anterior. Antes de ir embora, Murtagh tira Zar'roc de Eragon, reivindicando-a como sua herança como primogênito de Morzan. Ele revela, então, que não é

o único filho do traidor: Eragon e Murtagh são irmãos, ambos filhos de Selena, companheira de Morzan. Os Gêmeos descobriram a verdade quando examinaram as memórias de Eragon no dia em que ele chegou a Farthen Dûr. Ainda abalado pela revelação de Murtagh sobre seu progenitor, Eragon se retira com Saphira e finalmente se reúne com Roran e os moradores de Carvahall, que chegaram à Campina Ardente bem a tempo de ajudar os Varden na batalha. Roran lutou como um herói e conseguiu matar os Gêmeos.

Eragon e Roran se entendem a respeito do papel de Eragon na morte de Garrow, e Eragon jura que ajudará Roran a salvar Katrina dos Ra'zac.

OS PORTÕES DA MORTE

ragon olhava fixamente para a torre escura de pedra onde estavam escondidos os monstros que

tinham assassinado seu tio, Garrow.

Estava deitado de bruços por trás da borda de um morro arenoso,

E pontilhado com raras folhas de capim, arbustos espinhosos e

pequenos cactos parecidos com botões de rosa. As hastes

quebradiças da folhagem do ano anterior picavam as palmas de suas mãos enquanto ele avançava pouco a pouco, para conseguir uma visão melhor de Helgrind, que avultava acima das terras ao redor, como uma adaga negra que se projetava a partir das entranhas da terra.

O sol poente riscava os montes baixos com sombras compridas e estreitas e — ao longe, no oeste — iluminava a superfície do lago Leona, de modo que o horizonte parecesse uma barra de ouro ondulante.

A sua esquerda, Eragon ouvia a respiração compassada de seu primo, Roran, estendido a seu lado. O fluxo de ar normalmente inaudível parecia ter uma altura sobrenatural para Eragon, com sua audição apurada, uma das muitas mudanças resultantes de sua experiência durante o Agaetí Blödhren, a Celebração de Juramento ao Sangue dos elfos.

Ele prestou pouca atenção a isso agora que observava uma fila de pessoas se aproximando devagar da base de Helgrind, aparentemente vindas a pé da cidade de Dras-Leona, a alguns quilômetros de distância. Um contingente de vinte e quatro homens e mulheres, trajados em grossas vestes de couro, encabeçava a coluna. Esse grupo se movimentava em desalinho: mancavam, arrastavam os pés, corcoveavam e se remexiam; balançavam-se em muletas ou usavam os braços para avançar sobre pernas estranhamente curtas

— contorções necessárias porque, como Eragon percebeu, a cada um dos vinte e quatro faltava um braço, uma perna ou alguma combinação desses membros. Numa liteira carregada por seis escravos ungidos, seu líder estava sentado empertigado, postura que Eragon considerou um feito espantoso, levando-se em conta que o homem ou mulher — ele não sabia dizer —

possuía nada mais do que o torso e a cabeça, sobre cuja testa se equilibrava um cocar de couro enfeitado, com uns noventa centímetros de altura.

— Os sacerdotes de Helgrind — sussurrou ele para Roran.

— Eles sabem usar magia?

— E possível que sim. Só vou me aventurar a explorar Helgrind com minha mente quando eles tiverem ido embora, pois, se qualquer um deles *for* mágico, perceberá meu contato, por mais sutil que seja, e nossa presença será

revelada.

Atrás dos sacerdotes, seguia pesadamente uma coluna dupla de rapazes envoltos em tecido dourado. Cada um carregava uma estrutura retangular de metal, subdividida em doze barras horizontais, das quais estavam suspensos sinos de ferro do tamanho de nabos de inverno. Metade dos rapazes agitava com vigor seus retângulos quando avançava com o pé direito, produzindo uma cacofonia lancinante, enquanto a outra metade chocalhava os seus quando avançava com o pé esquerdo, fazendo com que badalos de ferro colidissem com paredes também de ferro e emitissem um clamor pesaroso que reverberava pelos montes. Os acólitos acompanhavam o pulsar dos sinos com seus próprios gritos, gemendo e berrando num êxtase apaixonado. Atrás da procissão grotesca vinha, cansada, uma leva de moradores de Dras-Leona: nobres, mercadores, comerciantes, alguns comandantes militares de alta patente e uma mistura dos menos afortunados, como operários, mendigos e soldados de infantaria.

Eragon se perguntou se o governador de Dras-Leona, Marcus Tábor, estaria em algum lugar no meio deles.

Parando à beira da escarpa de cascalho que cercava Helgrind, os sacerdotes se reuniram dos dois lados de um rochedo da cor de ferrugem, cujo topo era polido. Quando a coluna inteira estava imóvel diante do altar tosco, a criatura na liteira se mexeu e começou a cantar numa voz tão dissonante quanto o lamento dos sinos. Rajadas de vento truncavam a todo momento as declamações do xamã, mas Eragon captou trechos da língua antiga — estranhamente deturpada e mal pronunciada — entremeados com palavras da língua dos anões e dos Urgals, todas unidas por um dialeto arcaico da língua do próprio Eragon. O que ele entendeu lhe causou calafrios, pois o sermão falava de coisas que seria melhor não saber: de um ódio malévolo que tinha se inflamado por séculos nas cavernas sombrias do coração das pessoas antes de ter permissão para vicejar com a ausência dos Cavaleiros, de sangue e loucura, e de rituais repulsivos cumpridos sob uma lua negra.

Ao final desse discurso depravado, dois dos sacerdotes inferiores avançaram às pressas e levantaram seu mestre — ou mestra, conforme fosse

— da liteira e o puseram sobre o altar. Então, o Sumo Sacerdote deu uma breve ordem. Lâminas gêmeas de aço piscaram como estrelas quando subiram e caíram. Um pequeno riacho de sangue brotou de cada um dos ombros do Sumo Sacerdote, escorreu pelo torso em seu estojo de couro e então começou a formar poças sobre a rocha até transbordar para o cascalho ali embaixo. Outros dois sacerdotes deram um salto à frente para apanhar o líquido vermelho em taças que, quando estavam totalmente cheias, foram distribuídas entre os membros da congregação, que beberam sofregamente.

— Eca! — disse Roran, reprimindo a voz. — Você não me disse que

esses vagabundos traficantes de carne, esses adoradores de idiotas, esses transtornados manchados de sangue eram *canibais*.

— Não é bem assim. Eles não consomem a carne.

Quando todos os participantes tinham molhado a garganta, os noviços servis devolveram o Sumo Sacerdote para a liteira e ataram os ombros da criatura com faixas de linho branco. Borrões molhados mancharam imediatamente o tecido até então imaculado.

Os ferimentos pareceram não ter efeito algum sobre o Sumo Sacerdote, pois a criatura desprovida de membros girou de volta para os devotos, que tinham os lábios vermelhos como framboesa.

— Agora sois realmente meus Irmãos e Irmãs, por terem provado a seiva de minhas veias aqui à sombra do grande poder de Helgrind. O sangue chama o sangue, e se um dia vossa Família necessitar de ajuda, fazei então o que puderdes pela Igreja e por outros que reconheçam o poder de nosso Medonho Senhor. . Para afirmar e confirmar nossa lealdade ao Triunvirato, recitai comigo os Nove Votos. . Por Gorm, Ilda e pelo cruel Angvara, juramos render homenagem pelo menos três vezes por mês, na hora anterior ao anoitecer, e então fazer uma oferenda de nós mesmos para aplacar a fome eterna de nosso Grande e Terrível Senhor. . Juramos respeitar as regras do livro de Tosk... Juramos sempre trazer junto ao corpo nosso Bregnir e para sempre nos abstermos dos doze dos dozes e do contato de uma corda com muitos nós, para que não se corrompa. .

O vento aumentou de repente, obscurecendo o resto da lista do Sumo Sacerdote. E então Eragon viu que os ouvintes sacavam uma faca pequena e curva, e, cada um por sua vez, se cortavam na dobra do cotovelo para ungir o altar com um filete do seu próprio sangue.

Depois de alguns minutos, a brisa raivosa diminuiu, e Eragon voltou a ouvir o sacerdote.

— ... e aquelas coisas que desejais e pelas quais ansiais vos serão concedidas como prêmio por vossa obediência. . Nosso culto está completo. Entretanto, se algum dentre vós tiver coragem suficiente para demonstrar a verdadeira profundidade de sua fé, que se apresente!

A congregação se enrijeceu e se inclinou para a frente, com expressões de enlevo. Parecia que era por isso que todos esperavam.

Houve um intervalo longo e silencioso, que deu a impressão de que eles se decepcionariam, mas um dos acólitos se afastou do lugar na fileira, aos gritos.

— Eu quero!

Com um rugido de prazer, seus irmãos começaram a agitar os sinos num ritmo acelerado e selvagem, instigando a congregação a um desvario tal que todos pulavam e gritavam como se tivessem perdido o juízo. A música tosca acendeu uma centelha de empolgação no coração de Eragon — apesar de sua repulsa diante dos ritos — despertando alguma parte primitiva e brutal dentro dele.

Despindo seus trajes dourados para ficar coberto apenas com uma tanga de couro, o jovem de cabelos escuros saltou para cima do altar. Respingos da cor de rubi surgiram dos dois lados de seus pés. Ele encarou Helgrind e começou a estremecer e se sacudir como se estivesse

sofrendo um ataque convulsivo, no compasso das badaladas dos cruéis sinos de ferro. Sua cabeça girava frouxa no pescoço, espuma se juntava nos cantos da boca, os braços se debatiam como serpentes. O suor untava seus músculos até que o rapaz refulgisse como uma estátua de bronze ao sol poente.

Os sinos atingiram um ritmo alucinado em que uma nota discordava da outra, e a essa altura o rapaz esticou a mão para trás. Nela, um sacerdote depositou o punho de um utensílio estranhíssimo: uma arma de um gume, uns setenta centímetros de comprimento, com espiga completa, cabo com escamas, vestígios de um guarda-mão e uma lâmina plana de base larga, e perto da extremidade apresentava recortes arredondados, um formato que lembrava unia asa de dragão. Era uma ferramenta projetada para uma única finalidade: cortar armaduras, ossos e tendões com a mesma facilidade com que perfuraria um volumoso odre de água.

O jovem ergueu a arma para que ela se voltasse na direção do pico culminante de Helgrind. Caiu então de joelhos e, com um grito incoerente, fez a lâmina descer atravessando seu pulso direito.

O sangue jorrou borrifando as pedras por trás do altar.

Eragon recuou e desviou o olhar, embora não conseguisse escapar dos gritos penetrantes do rapaz. Não era nada que Eragon não tivesse visto em combate, mas parecia errado mutilar-se deliberadamente quando era tão fácil ser desfigurado no dia-a-dia.

Folhinhas de grama rasparam umas nas outras quando Roran mudou de posição. Ele resmungou alguma maldição, que se perdeu na sua barba, e voltou a se calar.

Enquanto um sacerdote cuidava do ferimento do rapaz — estancando o sangue com um encantamento —, um acólito soltou dois escravos da liteira do Sumo Sacerdote, só para acorrentá-los pelos tornozelos a uma argola de ferro embutida no altar. E então os acólitos se desfizeram de numerosos embrulhos que traziam por baixo das vestes e os empilharam no chão, fora do alcance dos escravos.

Encerradas as cerimônias, os sacerdotes e seu séquito deixaram Helgrind em direção a Dras-Leona, lamentando-se e repicando sinos pelo caminho. O fanático agora maneta seguia trôpego logo atrás do Sumo Sacerdote.

Um sorriso de beatitude adornava seu rosto.

— Bem — disse Eragon, liberando a respiração presa quando a coluna desapareceu por trás de um morro distante.

— Bem, o quê?

—Já viajei entre anões e elfos, e nada que eles fizeram jamais chegou a ser tão estranho quanto o que essas pessoas, esses humanos, fazem.

— Eles são tão monstruosos como os Ra'zac. — Roran levantou o queixo na direção de Helgrind. — Agora dá para você descobrir se Katrina está lá dentro?

— Vou tentar. Mas prepare-se para fugir.

Fechando os olhos, Eragon foi aos poucos ampliando sua consciência, passando da mente de um ser vivo para a de outro, como filetes de água se infiltrando na areia. Ele tocou cidades lotadas de insetos, que se apressavam aflitos a cuidar de seus assuntos, lagartos e serpentes escondidos entre pedras mornas, diversas espécies de aves canoras e inúmeros pequenos mamíferos. Os insetos e os animais também estavam em plena atividade enquanto se preparavam para a noite que vinha chegando veloz, fosse recolhendo-se para suas várias tocas, fosse, no caso daqueles voltados para atividades noturnas, bocejando, espreguiçando-se e se preparando de outros modos para a caça e a procura de alimento.

Da mesma forma que ocorria com seus outros sentidos, a capacidade de Eragon para tocar os pensamentos de outro ser diminuía com a distância. Quando sua sonda psíquica chegou por fim aos pés de Helgrind, ele conseguia perceber somente os animais maiores, e mesmo esses apenas de leve. Ele avançava com cautela, pronto para se retirar a qualquer instante se por acaso roçasse na mente dos seres que caçava: os Ra'zac e seus pais e montarias, os gigantescos Lethrblaka. Eragon se expôs dessa maneira somente porque nenhum da linhagem dos Ra'zac conseguia usar magia, e ele não acreditava que eles fossem violadores de mentes — aqueles treinados para lutar com telepatia sem serem mágicos. Os Ra'zac e os Lethrblaka não necessitavam de truques desse tipo, pois, sozinho, seu bafo conseguia causar um estupor mesmo nos maiores homens.

E, apesar de correr o risco de ser descoberto em razão dessa investigação fantasma, Eragon, assim como Roran e Saphira, precisam saber se os Ra'zac tinham encarcerado Katrina — a noiva de Roran — em Helgrind, porque essa resposta determinaria se sua missão seria de resgate ou de captura e interrogatório.

Eragon pesquisou muito e por muito tempo. Quando voltou a si, Roran o observava com a expressão de um lobo esfaimado. Seus olhos cinzentos ardiam com uma mistura de raiva, esperança e desespero tão forte que dava a impressão de que suas emoções poderiam explodir e incinerar tudo o que estivesse ao alcance da sua visão, num incêndio de intensidade inimaginável, que derreteria as próprias rochas.

Isso Eragon compreendia.

O pai de Katrina, o açougueiro Sloan, tinha denunciado Roran para os Ra'zac. Quando não conseguiram capturá-lo, em seu lugar, os Ra'zac levaram Katrina do quarto de Roran e desapareceram com ela do vale Palancar deixando os moradores de Carvahall para serem mortos e escravizados pelos soldados do rei Galbatorix. Impossibilitado de ir atrás de Katrina, Roran convenceu — bem a tempo — os aldeões a abandonar suas casas e acompanhá-lo na travessia da Espinha para depois seguir para o sul ao longo do litoral da Alagaësia, onde juntaram forças com os rebeldes, os Varden. As agruras suportadas em

conseqüência tinham sido numerosas e terríveis. Mas, mesmo tortuoso, seu percurso acabara por reunir Roran e Eragon, que conhecia a localização do covil dos Ra'zac e prometeu ajudar a salvar Katrina. Roran obtivera êxito, conto explicou mais tarde, somente porque a força de sua paixão o levava a extremos que outros temiam e evitavam, e assim ele conseguia desnortear seus inimigos.

Um fervor semelhante agora dominava Eragon.

Ele se dispunha a enfrentar qualquer risco sem se preocupar com a própria segurança, se alguém querido estivesse correndo perigo. Amava Roran como um irmão; e, como Roran ia se casar com Katrina, Eragon tinha ampliado sua definição de família para incluí-la também. Esse conceito parecia ainda mais importante porque Eragon havia renunciado a toda e qualquer ligação com seu irmão de sangue, Murtagh, e os únicos parentes restantes eram ele, Roran e agora Katrina.

Nobres sentimentos de parentesco não eram a única força a impelir a dupla. Outro objetivo também os obcecava: vingança! Mesmo enquanto tramavam arrancar Katrina das garras dos Ra'zac, os dois guerreiros-homem mortal e Cavaleiro de Dragão irmanados — estavam tentando matar os servos desnaturados do rei Galbatorix pela tortura e assassínio de Garrow, que era o pai de Roran e tinha sido como um pai para Eragon.

Portanto, as informações colhidas por Eragon eram tão importantes para ele quanto para Roran.

— Acho que a percebi — disse ele. — E difícil ter certeza porque estamos muito longe de Helgrind, e eu nunca toquei na mente de Katrina, mas *acho* que ela está naquele pico deserto, escondida em algum lugar perto do cume.

— Ela está doente? Está ferida? Droga, Eragon, não me esconda nada. Eles a machucaram?

— Ela não está sentindo dor no momento. Mais do que isso, não posso dizer, porque recorri a todas as minhas forças só para conseguir distinguir sua consciência. Não consegui me comunicar com ela. — Eragon deixou de mencionar, porém, que tinha detectado uma segunda pessoa também, uma pessoa cuja identidade ele adivinhava e cuja presença, se confirmada, o preocupava imensamente. — O que *não* encontrei foram os Ra'zac, nem os Lethrblaka. Mesmo que eu de algum modo pudesse ter deixado de perceber os Ra'zac, seus genitores são tão grandes que sua força vital deveria brilhar como mil lanternas, exatamente como a de Saphira. Além de Katrina e outros pontos de luz fraca, Helgrind está em trevas, trevas, trevas.

Roran franziu o cenho, cerrou o punho esquerdo e olhou com raiva para a montanha de pedra, que estava desaparecendo em meio ao crepúsculo enquanto sombras roxas a envolviam.

— Não faz diferença se você estiver certo ou errado — disse numa voz baixa e neutra, como se estivesse falando consigo.

— Como assim?

— Não ousaremos atacar nesta noite. A noite é quando os Ra'zac estão mais fortes. E, se estiverem por perto, não seria inteligente lutar com eles enquanto estivermos em desvantagem. Certo?

— Certo.

— Vamos então esperar o dia amanhecer. — Roran fez um gesto indicando os escravos acorrentados ao altar sangrento. — Se amanhã aqueles pobres desgraçados tiverem desaparecido, saberemos que os Ra'zac estão aqui e agiremos como planejamos. Se não, amaldiçoamos nossa falta de sorte por eles terem escapado, libertamos os escravos, salvamos Katrina e fugimos de volta para os Varden antes que Murtagh venha em nosso encalço. Seja como for, duvido que os Ra'zac deixem Katrina sem vigilância por muito tempo, não se Galbatorix quiser que ela sobreviva para poder usá-la como uma arma contra mim.

Eragon concordou. Tinha vontade de soltar os escravos naquela hora, mas agir assim poderia avisar aos inimigos que alguma coisa errada estava acontecendo. Se os Ra'zac viessem recolher seu jantar, nem mesmo ele e Saphira poderiam intervir antes que os escravos fossem levados dali. Uma batalha a céu aberto entre um dragão e criaturas como os Lethrblaka atrairia a atenção de cada homem, mulher e criança num raio de quilômetros. E Eragon acreditava que ele, Saphira e Roran não poderiam sobreviver se Galbatorix descobrisse que estavam sozinhos no seu Império.

Ele desviou o olhar dos homens acorrentados. *Para o bem deles, espero que os Ra'zac estejam do outro lado da Alagaësia ou, pelo menos, que os Ra'zac não estejam com fome nesta noite.*

Num acordo tácito, Eragon e Roran recuaram agachados do topo do morro baixo, atrás do qual estavam escondidos. Lá embaixo, levantaram-se um pouco e, ainda curvados, seguiram correndo em um vale. A depressão rasa foi aos poucos se aprofundando numa ravina estreita, erodida pelo escoamento de águas, revestida com lajes fragmentadas de xisto.

Desviando-se dos zimbros retorcidos que cobriam a ravina, Eragon olhou para o alto e, através de punhados de acúleos, viu as primeiras constelações a adornar o céu de veludo. Pareciam frias e penetrantes, como estilhaços brilhantes de gelo. Depois, concentrou-se em não se desequilibrar enquanto ele e Roran seguiam a passo acelerado para seu acampamento, mais ao sul.

EM VOLTA DA FOGUEIRA

pequeno amontoado de carvões pulsava como o coração de alguma

fera gigantesca. De vez em quando, uma quantidade de centelhas douradas se incendiava e percorria veloz a superfície da lenha antes O de desaparecer numa fissura incandescente.

Os restos mortais da fogueira que Eragon e Roran armaram lançavam um fraco fulgor vermelho sobre a área ao redor, revelando um trecho de solo rochoso, alguns arbustos da cor de estanho, a massa indistinta de um zimbro mais afastado e depois nada.

Eragon estava sentado com os pés descalços estendidos na direção do ninho de brasas da cor de rubis — apreciando o calor — e encostado nas escamas protuberantes da grossa perna dianteira direita de Saphira. A sua frente, Roran estava empoleirado na carcaça dura como ferro, desbotada pelo sol, desgastada pelo vento, de um antigo tronco de árvore. Cada vez que ele se mexia, o tronco emitia um guincho penetrante que fazia Eragon ter vontade de arrancar as orelhas.

Por enquanto, a tranqüilidade reinava na grota. Até mesmo as brasas ardiam em silêncio. Roran tinha apanhado somente galhos mortos havia muito tempo, sem nenhuma umidade, para eliminar qualquer fumaça que olhos hostis pudessem avistar.

Eragon tinha acabado de relatar as atividades do dia para Saphira. Normalmente, ele nunca precisava lhe contar o que estivera fazendo, pois os pensamentos, sentimentos e outras sensações fluíam entre eles com a facilidade com que a água flui de um lado para o outro em um lago. Nesse caso, porém, foi necessário porque Eragon tinha mantido sua mente cuidadosamente blindada durante a expedição de reconhecimento, além de sua incursão incorpórea ao covil dos Ra'zac.

Depois de um intervalo considerável na conversa, Saphira bocejou, expondo suas fileiras de muitos dentes temíveis. *Pode ser que eles sejam cruéis e malignos, mas estou impressionada com a capacidade que os Ra'zac têm de enfeitiçar sua presa a ponto de ela querer ser devorada. Para fazer isso, são grandes caçadores. . Talvez eu devesse experimentar um dia desses.*

Mas não, Eragon sentiu-se obrigado a acrescentar, com gente. Prefira ter a experiência com carneiros.

Gente, carneiros: que diferença faz para um dragão? E então ela deu uma risada no fundo do longo pescoço — um ronco ribombante que fez Eragon se lembrar de trovões.

Inclinando-se para a frente para tirar seu peso das escamas afiadas de Saphira, Eragon apanhou o cajado de espinheiro jogado ao seu lado. Ele o rolou entre as palmas, admirando o jogo de luz sobre o emaranhado polido de raízes no alto, a virola e a ponteira gasta de metal na base.

Roran tinha empurrado o cajado nos seus braços antes de deixarem os Varden na Campina Ardente.

— Pegue. Fisk fez esse para mim depois que o Ra'zac mordeu meu ombro. Sei que você perdeu sua espada e acho que talvez precise dele.. Se quiser arrumar outra espada, tudo bem, mas descobri que são poucas as lutas que uma pessoa não consegue vencer com alguns golpes de um cajado bom e forte. — Lembrando-se do cajado que Brom sempre levava, Eragon

decidiu abster-se de uma espada nova para ficar com o pedaço de espinheiro nodoso. Depois de perder Zar'roc, ele não desejava adotar qualquer outra espada inferior. Naquela noite, tinha reforçado tanto o espinheiro nodoso como o cabo do martelo de Roran com vários encantamentos que impediriam que qualquer um deles quebrasse, a menos que fossem submetidos a um estresse extremo.

Inesperadamente, uma série de lembranças dominou Eragon: *Um céu lúgubre em tons alaranjados e rubros turbilhonava ao seu redor enquanto Saphira mergulhava em perseguição ao dragão vermelho e seu Cavaleiro. O vento passava zunindo por suas orelhas.. Seus dedos ficaram dormentes com o choque de espada contra espada enquanto duelava com aquele mesmo Cavaleiro no chão. . O instante em que arrancou o elmo do rival no meio do combate para revelar aquele que um dia tinha sido seu amigo e companheiro de viagem, Murtagh, que Eragon acreditava ter morrido. . O escárnio no rosto de Murtagh quando tirou Zar'roc de Eragon, reivindicando a espada vermelha por direito de herança por ser o irmão mais velho de Eragon..*

Eragon piscou, desorientado quando o fragor e a fúria da batalha foram se apagando e a agradável fragrância da madeira do zimbro substituiu o fedor do sangue. Ele passou a língua pelos dentes superiores, procurando limpar o gosto de bile que enchia sua boca.

Murtagh.

O nome sozinho já gerava uma onda de emoções confusas em Eragon. Por um lado, ele *gostava* de Murtagh. Murtagh havia salvado Eragon e Saphira dos Ra'zac depois de sua primeira visita infeliz a Dras-Leona; havia arriscado a vida para ajudar Eragon a escapar de Gil'ead; havia cumprido seu dever honrosamente na batalha de Farthen Dûr; e, apesar dos tormentos que sem dúvida suportou em conseqüência disso, havia interpretado as ordens de Galbatorix de um modo que lhe permitiu libertar Eragon e Saphira depois da batalha da Campina Ardente, em vez de fizê-los prisioneiros. Não era culpa de Murtagh que os Gêmeos o tivessem seqüestrado; que o dragão vermelho, Thorn, tivesse nascido para ele; nem que Galbatorix tivesse descoberto seus nomes verdadeiros, com os quais extraiu juramentos de lealdade na língua antiga tanto de Murtagh como de Thorn.

Não se podia culpar Murtagh por nada disso. Ele era uma vítima do destino e o tinha sido desde o dia do seu nascimento.

E ainda assim.. Murtagh podia servir a Galbatorix a contragosto e podia abominar as atrocidades que o rei o forçava a cometer, mas alguma parte dele parecia se deliciar com o manejo desse novo poder. Durante o recente confronto entre os Varden e o Império na Campina Ardente, Murtagh havia escolhido matar o rei dos anões, Hrothgar, apesar de Galbatorix não lhe ter dado essa ordem. Ele havia deixado Eragon e Saphira livres, sim, mas somente depois de derrotá-los numa brutal disputa de força e de ouvir Eragon implorar pela liberdade.

E Murtagh demonstrou muito prazer diante da aflição que provocou em Eragon ao revelar que

os dois eram filhos de Morzan — o primeiro e o último dos treze Cavaleiros de Dragão, os Renegados, que tinham traído seus compatriotas, entregando-os a Galbatorix.

Agora, quatro dias depois da batalha, outra explicação se apresentava a Eragon: *Talvez o que agradou a Murtagh tenha sido ver outra pessoa suportar a mesma carga terrível que ele havia carregado a vida inteira.*

Fosse verdade ou não, Eragon suspeitava que Murtagh assumira de bom grado seu novo papel pela mesma razão que leva um cão surrado sem motivo a, um dia, atacar seu dono. Murtagh fora surrado repetidamente e agora tinha a oportunidade de revidar, atacando um mundo que não lhe mostrara praticamente nenhuma gentileza.

Contudo, por maior que fosse o bem que ainda luzisse no peito de Murtagh, ele e Eragon estavam fadados a ser inimigos mortais, pois as promessas de Murtagh na língua antiga o prendiam a Galbatorix com grilhões inquebráveis, e o prenderiam para sempre.

Se ao menos ele não tivesse acompanhado Ajihad na caçada aos Urgals nos subterrâneos de Farthen Dûr. Ou se eu tivesse sido só um pouco mais veloz, os Gêmeos. . Eragon, disse Saphira.

Ele se recompôs e fez que sim, grato pela intromissão. Eragon fazia o possível para evitar ficar remoendo culpas sobre Murtagh ou sobre os pais dos dois; mas esses pensamentos costumavam se apoderar dele quando menos esperava.

Inspirando e expirando lentamente para limpar a cabeça, Eragon tentou forçar sua mente a voltar ao presente, mas não conseguiu.

Na manhã seguinte à colossal batalha na Campina Ardente — quando os Varden estavam ocupados se reorganizando e se preparando para marchar atrás do exército do Império, que havia se retirado algumas léguas a montante do rio Jiet —, Eragon foi procurar Nasuada e Arya, explicou o problema de Roran e lhes pediu permissão para ajudar o primo. Não teve êxito. As duas se opuseram com veemência ao que Nasuada descreveu como um "plano desmiolado que terá conseqüências catastróficas para todos na Alagaësia, se der errado!".

O debate acalorado se prolongou tanto que Saphira os interrompeu com um rugido que fez tremer as paredes da tenda do comando. Disse ela, então: *Estou ferida e cansada; e Eragon não está se saindo bem nessa explicação. Temos coisas melhores afazer do que ficar aqui gritando como gralhas, não é mesmo?. . Ótimo, agora quero que me escutem.*

Era difícil discutir com um dragão, refletiu Eragon.

Os detalhes dos comentários de Saphira eram complexos, mas a estrutura subjacente à sua apresentação era simples. Saphira apoiava Eragon porque entendia o quanto a missão significava para ele, enquanto Eragon apoiava Roran pelo amor à família e porque sabia que Roran iria atrás de Katrina com ele ou sem ele, e que seu primo jamais conseguiria derrotar os Ra'zac sozinho. Além disso, enquanto o Império mantivesse Katrina em cativeiro, Roran — e

por tabela Eragon — era vulnerável à manipulação de Galbatorix. Se o usurpador ameaçasse matar Katrina, Roran não teria escolha a não ser se submeter às suas exigências.

Seria melhor, então, consertar essa falha nas suas defesas antes que os inimigos tirassem proveito dela.

Quanto ao momento, era a escolha perfeita. Nem Galbatorix nem os Ra'zac esperariam uma incursão ao centro do Império quando os Varden estavam ocupados lutando contra as tropas inimigas perto da fronteira de Surda. Murtagh e Thorn foram vistos voando na direção de Urû'baen — sem dúvida para receber o castigo pessoalmente —, e Nasuada e Arya concordavam com Eragon que esses dois provavelmente prosseguissem mais para o norte para enfrentar a rainha Islanzadí e seu exército, assim que os elfos fizessem seu primeiro ataque e revelassem sua presença. E, se possível, seria bom eliminar os Ra'zac antes que eles começassem a aterrorizar e desmoralizar os guerreiros dos Varden.

Saphira salientou então, nos termos mais diplomáticos possíveis, que, se Nasuada fizesse valer sua autoridade como senhora do Cavaleiro Eragon e o proibisse de participar da incursão, essa decisão envenenaria seu relacionamento com o tipo de rancor e desavença que poderia solapar a causa dos Varden. *Mas*, disse Saphira, *a escolha é sua. Mantenha Eragon aqui se quiser. No entanto, o compromisso assumido por ele não me inclui; e eu pelo menos resolvi acompanhar Roran. Parece-me uma bela aventura.*

Um leve sorriso passou pelos lábios de Eragon quando ele se lembrou da cena.

A declaração de Saphira combinada à sua lógica inexpugnável tinha convencido Nasuada e Arya a conceder sua aprovação, embora com relutância.

— Estamos confiando no seu discernimento nesse caso, Eragon e Saphira — disse Nasuada mais tarde. — Para o seu bem e para o nosso, espero que essa expedição dê certo. — Seu tom deixou Eragon sem saber se suas palavras representavam um desejo sincero ou unia ameaça sutil. Eragon passara o resto do dia juntando provisões, estudando mapas do Império com Saphira e lançando os encantamentos que considerou necessários, como um para frustrar qualquer tentativa de Galbatorix ou de seus capangas de enxergar Roran por cristalomancia.

Na manhã do dia seguinte, Eragon e Roran montaram no dorso de Saphira e ela alçou vôo, subindo acima das nuvens alaranjadas que sufocavam a Campina Ardente e se dirigindo para o nordeste. Saphira voou sem descanso até o sol ter atravessado toda a cúpula do céu e ter se apagado por trás do horizonte, para então irromper outra vez num glorioso incêndio de vermelhos e amarelos.

A primeira parte da viagem levou-os até a fronteira do Império, habitada por pouca gente. Lá eles se voltaram para Dras-Leona e

Helgrind. Daquele ponto em diante, viajavam durante a noite para evitar que fossem percebidos por alguém nos numerosos vilarejos espalhados pelas pradarias que os separavam do seu destino.

Foi preciso que Eragon e Roran se embrulhassem em capas e peles, luvas de lã e chapéus de feltro, porque Saphira resolveu voar mais alto que os picos gelados da maioria das montanhas — onde o ar era rarefeito, seco, e parecia apunhalar seus pulmões — para que, se um lavrador que estivesse cuidando de um bezerro doente no campo ou um vigia de olhos aguçados em sua ronda por acaso olhassem para o alto quando ela estivesse passando, Saphira não parecesse ser maior do que uma águia.

Por onde quer que fossem, Eragon via evidências de que a guerra estava agora em marcha: acampamentos de soldados, carroças cheias de suprimentos reunidas em grupo para passar a noite e fileiras de homens com argolas de ferro no pescoço sendo levados para longe de casa para lutar em nome de Galbatorix. A quantidade de recursos dispostos contra eles era de fato intimidante.

Quase no final da segunda noite, Helgrind havia surgido ao longe: um conjunto de colunas lascadas, indistintas e ameaçadoras na luz acinzentada que precede a aurora. Saphira pausara na grota onde estavam agora, e eles dormiram a maior parte do dia anterior antes de começar sua expedição de reconhecimento.

Um chafariz de ciscos da cor de âmbar turbilhonou e girou quando Roran jogou um galho sobre os carvões que estavam se desintegrando. Ele percebeu o olhar de Eragon e deu de ombros.

— Está frio — disse ele.

Antes de responder, Eragon ouviu um som sorrateiro de alguma coisa raspando, semelhante a alguém sacando uma espada.

Não pensou. Atirou-se na direção oposta, rolou uma vez e se levantou meio agachado, erguendo o cajado de espinheiro para desviar um golpe iminente. Roran foi quase tão rápido quanto ele. Apanhou o escudo do chão, recuou de qualquer jeito do tronco em que estava sentado e tirou o martelo do cinto, tudo em questão de alguns segundos.

Ficaram ali paralisados, à espera do ataque.

O coração de Eragon batia forte, e seus músculos tremiam enquanto esquadrinhava a escuridão em busca do mais leve indício de movimentação. *Não sinto cheiro de nada*, disse Saphira.

Quando se passaram alguns minutos sem incidentes, Eragon forçou a mente a sair da paisagem circundante.

— Ninguém — disse ele. Mergulhando fundo em si mesmo, até o lugar onde pudesse tocar no fluxo de magia, pronunciou as palavras: — Brisingr raudhr! — Uma pálida luz-viva vermelha surgiu do nada, a alguns palmos diante dele, e permaneceu ali, flutuando à altura dos olhos e iluminando a grota com uma luminosidade líquida. Ele se mexeu um pouco, e a luz-viva imitou seu movimento, como se estivesse unida a ele por uma ligação invisível.

Juntos, ele e Roran avançaram na direção de onde ouviram o ruído, descendo pela garganta que serpeava para o leste. Seguravam as armas no alto e paravam a cada passo, prontos para se defenderem a qualquer momento. Cerca de dez metros do acampamento, Roran ergueu a mão para Eragon parar e apontou para uma placa de xisto que estava caída em cima do capim. Era evidente que estava fora do lugar. Ajoelhando-se, Roran esfregou um fragmento menor de xisto de um lado a outro da placa e com isso criou o mesmo som de atrito metálico que tinham ouvido antes.

— Deve ter caído — disse Eragon, examinando as paredes da garganta. Permitiu, então, que a luz-viva se apagasse e desaparecesse.

Roran concordou e se levantou, espanando terra das calças.

Enquanto voltava até Saphira, Eragon refletiu sobre a velocidade com que os dois tinham reagido. Seu coração ainda se contraía num nó duro e dolorido a cada pulsação, suas mãos tremiam, e ele sentia vontade de disparar floresta adentro e correr alguns quilômetros sem parar. *Antes não teríamos pulado daquele jeito*, pensou. A razão para sua vigilância não era nenhum mistério: cada uma das suas lutas havia destruído um pouco da sua complacência, deixando nada em seu lugar a não ser nervos à flor da pele, que reagiam ao menor toque.

Roran devia ter pensamentos semelhantes porque lhe perguntou:

— Você os vê?

— Vejo quem?

— Os homens que matou. Você os vê nos sonhos?

— Às vezes.

O fulgor pulsante das brasas iluminava o rosto de Roran de baixo para cima, formando espessas sombras acima da boca e de um lado a outro da testa, e dando aos olhos semicerrados, de pálpebras pesadas, um aspecto maligno. Ele falou devagar como se achasse as palavras difíceis.

— Eu jamais quis ser guerreiro. Quando era menor, como todos os meninos, cheguei a sonhar com sangue e glória, mas o que era importante para mim era a terra. A terra e nossa família. . E agora matei.. Matei e matei; e você matou ainda mais. — Seu olhar focalizou algum lugar distante que somente ele podia ver. — Havia dois homens em Narda. . Já lhe contei isso?

Havia contado, mas Eragon fez que não e permaneceu calado.

— Eram guardas no portão principal.. Dois guardas, sabe? E o da direita tinha o cabelo totalmente branco. Eu me lembro porque ele não poderia ter mais de vinte e quatro, vinte e cinco anos. Usavam a insígnia de Galbatorix, mas falavam como se fossem de Narda. Não eram soldados profissionais. Era provável que fossem simplesmente homens que decidiram

ajudar a proteger seu lar de Urgals, piratas, arruaceiros. . Nós não íamos levantar um dedo contra eles. Juro, Eragon, que isso nunca fez parte dos nossos planos. Mas não tive escolha. Eles me reconheceram. Dei uma estocada no de cabeça branca por baixo do queixo. . Foi como nosso pai degolando um porco. E, então, o outro: esmaguei-lhe o crânio. Ainda tenho a sensação de como os ossos cederam.. Eu me lembro de todos os golpes que dei, desde os soldados em Carvahall até os que dei na Campina Ardente.. Sabe, quando fecho os olhos, às vezes não consigo dormir porque a luz do fogo que ateamos às docas em Teirm continua forte demais na minha cabeça. Nessa hora, acho que estou enlouquecendo.

Eragon descobriu que suas mãos seguravam o cajado com tanta força que as juntas estavam brancas e os tendões sulcavam a parte interna dos seus pulsos.

— Sim — disse ele. — De início, eram só os Urgals. Depois, homens e Urgals. E agora esta última batalha.. Sei que o que estamos fazendo está certo, mas *certo* não significa *fácil*. Em razão do que nós somos, os Varden esperam que Saphira e eu nos postemos à frente cio seu exército e exterminemos batalhões inteiros. Isso nós fazemos. E fizemos. — Sua voz ficou embargada, e ele se calou.

O tormento acompanha todas as grandes mudanças, disse Saphira aos dois. *E*

nós já passamos por mais tormentos do que deveria nos caber, pois somos agentes dessa própria mudança. Sou um dragão, e não me arrependo da morte dos que representam perigo para nós. Matar os guardas em Narda pode não ser um feito digno de comemoração, mas também não e motivo para sentir culpa. Foi necessário que você agisse assim. Quando você

deve lutar, Roran, a alegria feroz do combate não empresta asas aos seus pés? Você não conhece o prazer de enfrentar um adversário de valor e a satisfação de ver os corpos inimigos empilhados à sua frente? Eragon, você passou por isso. Ajude-me a explicar para seu primo.

Eragon manteve os olhos fixos nas brasas. Saphira havia explicitado uma verdade que ele relutava em reconhecer, para que, ao admitir que era possível apreciar a violência, ele não se tornasse um homem que ele próprio desprezaria. Por isso, permaneceu calado. Bem diante dele, Roran parecia ter sido afetado de modo semelhante.

Com uma voz mais baixa, Saphira continuou: Mio se zangue. Eu não pretendia perturbá-lo.. *Às vezes eu me esqueço de que você ainda não está acostumado com essas emoções, enquanto eu luto com unhas e dentes pela sobrevivência desde o dia em que nasci.*

Pondo-se em pé, Eragon andou até onde estavam seus alforjes e apanhou o pequeno pote de cerâmica que Orik lhe dera antes da partida. Despejou, então, goela abaixo dois bons goles de hidromel de framboesa. O

calor cresceu em seu estômago. Fazendo uma careta, Eragon passou o pote para Roran, que também bebeu do preparado.

Alguns goles mais tarde, quando o hidromel tinha conseguido amenizar seu péssimo humor, Eragon disse:

— Podemos ter um problema amanhã.

— Do que você está filando?

Eragon dirigiu as palavras também a Saphira.

— Você se lembra de como eu disse que nós, Saphira e eu, poderíamos facilmente lidar com os Ra'zac?

— Lembro.

E podemos mesmo, disse Saphira.

— Bem, andei pensando nisso enquanto espiávamos Helgrind, e já não tenho tanta certeza. São quase infinitos os modos de fazer alguma coisa com a magia. Por exemplo, se eu quisesse acender um fogo, poderia usar o calor colhido do ar ou do chão. Poderia criar uma chama de energia pura. Poderia invocar um relâmpago. Poderia concentrar um monte de raios de sol num único ponto. Poderia usar fricção. E assim por diante.

— E daí?

— O problema é que, muito embora eu possa inventar vários encantamentos para realizar essa única ação, *bloquear* esses encantamentos poderia exigir não mais que um único encantamento de contraposição. Se você impedir que a ação em si ocorra, não precisará adequar seu encantamento de contraposição às propriedades particulares de cada encantamento individual.

— Ainda não entendo o que isso tem a ver com amanhã.

Eu entendo, disse Saphira a eles dois. Tinha captado as implicações de imediato. *Quer dizer que, ao longo do último século, Galbatorix..*

— ... pode ter disposto anteparos em torno dos Ra'zac..

... que os protegerão de. .

— ... toda uma variedade de encantamentos. E provável que eu não. .

... consiga matá-los com qualquer..

— ... uma das palavras de morte que me ensinaram, nem com quaisquer. .

... ataques que possamos inventar agora ou depois. Podemos..

— ... ter de depender. .

— Parem! — exclamou Roran, com um sorriso de aflição. — Parem,

por favor! Minha cabeça dói quando vocês fazem isso.

Eragon parou, com a boca aberta. Até aquele momento, ele não tinha se dado conta de que ele e Saphira estavam se revezando ao falar. Ficou satisfeito com a percepção: aquilo queria dizer que eles tinham atingido novos patamares de cooperação e que estavam agindo em conjunto como uma entidade única. . o que os tornava muito mais poderosos do que qualquer um dos dois seria por si mesmo. Esse aspecto também o perturbava quando ele pensava em como esse tipo de parceria deveria, por sua própria natureza, comprometer a individualidade dos envolvidos.

Ele fechou a boca e reprimiu um risinho.

— Desculpe. O que me preocupa é o seguinte: se Galbatorix foi previdente e tomou certas precauções, então a força das armas pode ser o único meio pelo qual poderemos matar os Ra'zac. Se for esse o caso. .

— Amanhã eu só vou atrapalhar.

— Bobagem. Você pode ser mais lento que os Ra'zac, mas não duvido que você lhes dê bons motivos para temer sua arma, Roran Martelo Forte. —

O elogio pareceu agradar Roran. — O maior perigo para você será se os Ra'zac ou os Lethrblaka conseguirem separá-lo de Saphira e de mim. Quanto mais juntos ficarmos, mais seguros estaremos. Saphira e eu vamos tentar manter os Ra'zac e os Lethrblaka ocupados, mas alguns deles podem passar por nós. Quatro contra dois representa uma boa vantagem somente se estivermos entre os quatro.

Para Saphira, Eragon disse: *Se eu tivesse uma espada, tenho certeza de que poderia matar os Ra'zac sozinho, mas não sei se posso derrotar duas criaturas velozes como elfos, usando apenas esse cajado.*

Foi você que insistiu em trazer esse graveto seco em vez de uma arma decente, disse ela. Lembre-se de que eu lhe disse que ele talvez não fosse suficiente contra inimigos perigosos como os Ra'zac.

Relutante, Eragon admitiu o erro. *Se meus encantamentos falharem, nós estaremos muito mais vulneráveis do que eu esperava. . O dia de amanhã poderá realmente terminar muito mal.*

Roran continuou com a conversa da qual tinha participado.

— Essa história de magia é complicada. — A tora na qual estava sentado deu um gemido

prolongado quando ele pousou os cotovelos nos joelhos.

— E verdade — concordou Eragon. — A parte mais difícil é prever cada encantamento possível. Passo a maior parte do tempo pensando em como posso me proteger se eu for atacado *desse* modo e se outro mágico calcularia que eu fosse reagir *assim*.

— Você poderia me tornar tão forte e veloz quanto você é? Eragon refletiu alguns minutos acerca da sugestão antes de responder.

— Não vejo como. A energia necessária para fazer isso teria de vir de algum lugar. Saphira e eu poderíamos lhe dar essa energia, mas nesse caso nós perderíamos velocidade ou força à proporção que você ganhasse. — O que ele não mencionou foi que essa energia também poderia ser extraída de plantas e animais próximos, se bem que a um preço terrível: ou seja, a morte dos seres menores a cuja força vital se recorresse. A técnica era um importante segredo, e Eragon achou que não deveria revelá-lo levianamente, se é que deveria chegar a revelá-lo. Além do mais, essa possibilidade de nada adiantaria para Roran, já que em Helgrind a vida vegetal e a animal eram muito escassas para abastecer o corpo de um homem.

— Então, você poderia me ensinar a usar a magia? — Ao ver que Eragon hesitava, Roran acrescentou: — Claro que não agora. Não temos tempo, e eu calculo que ninguém se torne mágico do dia para a noite. Mas, em geral, por que não? Você e eu somos primos. Nosso sangue é praticamente o mesmo. E esse conhecimento seria realmente valioso para mim.

— Não sei como uma pessoa que não seja um Cavaleiro aprende a usar magia — confessou Eragon. — Não é algo que eu tenha estudado. —

Relanceando o olhar ao redor, ele tirou do chão uma pedra redonda e achatada, atirando-a para Roran, que a pegou com um movimento para trás.

— Pronto, experimente o seguinte: concentre sua vontade em levantar a pedra uns trinta centímetros no ar e diga "Stenr reisa".

— Stenr reisa?

— Isso mesmo.

Roran franziu o cenho diante da pedra pousada na palma da mão, numa pose que lembrava tanto a do treinamento do próprio Eragon que o Cavaleiro não pôde deixar de sentir uma fisgada de nostalgia dos dias que passou praticando com Brom. As sobrancelhas de Roran se encontraram, seus lábios se retesaram num ricto, e ele rosnou "Stenr reisa!" com tanta intensidade que Eragon quase esperou que a pedra saísse voando e desaparecesse.

Nada aconteceu.

— Stenr reisa! — repetiu Roran o comando, com a cara ainda mais fechada.

A pedra demonstrou uma profunda falta de movimento.

— Bem — disse Eragon —, continue a tentar. E o único conselho que posso lhe dar. Mas — e nesse momento ele levantou um dedo —, se por acaso você acabar tendo êxito, trate de me procurar imediatamente ou, se eu não estiver por perto, procure outro mágico. Você poderia matar a si mesmo e a outras pessoas, se começasse a fazer experiências com magia sem compreender as regras. Lembre-se pelo menos do seguinte: se você lançar um encantamento que exija energia demais, você *morre*. Não assuma projetos que estejam fora do alcance da sua capacidade. Não tente fazer os mortos voltar à

vida. E não tente desfazer nada.

Roran fez que sim, ainda olhando para a pedra.

— Deixando a magia de lado, acabei de me dar conta de uma coisa muito mais importante que você precisa aprender.

— É?

— E, sim. Você precisa ser capaz de esconder seus pensamentos da Mão Negra, Du Vrangr Gata, e de outros como eles. Agora você tem conhecimento de muitas coisas que poderiam prejudicar os Varden. E, portanto, crucial que você domine essa técnica assim que voltarmos. Enquanto não souber se defender de espiões, nem Nasuada, nem eu, nem mais ninguém poderá lhe passar informações que possam ser úteis a nossos inimigos.

— Entendo. Mas por que você incluiu Du Vrangr Gata nessa lista? Eles servem a você e a Nasuada.

— Servem, mas mesmo entre nossos aliados não são poucas as pessoas que dariam o braço direito — ele fez uma careta diante da correção da expressão — para descobrir nossos planos e segredos. E os seus também, nada menos. Você se tornou *alguém*, Roran. Em parte por causa dos seus feitos, e em parte porque somos parentes.

— Eu sei. E estranho ser reconhecido por pessoas a quem não se foi apresentado.

— E mesmo. — Diversos outros comentários afins saltaram para a ponta da língua de Eragon, mas resistiu ao impulso de enveredar por esse tópico. Era um tema a ser explorado em outro momento. — Agora que você

sabe qual é a sensação quando uma mente toca em outra, talvez consiga aprender a estender sua mente para tocar em outras por sua vez.

— Não sei bem se essa é uma capacidade que eu quero ter.

— Não importa. Também é possível que você não consiga. Seja como for, antes que gaste seu tempo tentando descobrir, deveria em primeiro lugar se dedicar à arte da defesa.

— Como? — perguntou o primo, levantando uma sobrancelha.

— Escolha alguma coisa, um som, uma imagem, uma emoção, qualquer coisa, e deixe que ela cresça na sua cabeça até eliminar quaisquer outros pensamentos.

— Só isso?

— Não é tão fácil quanto imagina. Vamos. Faça uma tentativa. Quando estiver pronto, me avise para eu ver como você se sai.

Passaram-se alguns instantes. Então, quando Roran estalou os dedos, Eragon lançou sua consciência na direção do primo, ansioso por descobrir o que Roran tinha conseguido.

A força total do raio mental de Eragon colidiu com uma muralha composta das lembranças de Roran sobre Katrina e não pôde avançar. Não encontrava nenhum terreno firme, nenhuma entrada ou base; nem conseguia minar a barreira impenetrável que tinha diante de si. Naquele instante, a identidade de Roran por inteiro estava baseada nos seus sentimentos por Katrina. Suas defesas superavam qualquer outra que Eragon já tivesse enfrentado, pois a mente de Roran estava esvaziada de qualquer outra coisa à

qual Eragon pudesse se agarrar e usar para controlar o primo.

Depois, Roran mexeu com a perna esquerda, e a madeira por baixo dele emitiu um guincho desagradável.

Com isso, a muralha contra a qual Eragon tinha se lançado se espatifou em dezenas de pedaços à medida que uma quantidade de pensamentos começou a concorrer para atrair a atenção de Roran: *O que foi.. Droga! Não preste atenção. Ele vai conseguir entrar. Katrina, lembre-se de Katrina. Deixe Eragon para lá. À noite em que ela aceitou se casar comigo, o cheiro do capim e do seu cabelo.. Isso aqui é ele? Não! Concentre-se! Não. .*

Tirando proveito da confusão de Roran, Eragon avançou veloz e, com a força da sua vontade, imobilizou Roran antes que ele conseguisse se proteger novamente.

Você entendeu o conceito básico, disse Eragon, retirando-se, então, da mente do primo para continuar com sua fala normal —, mas você precisa aprender a manter sua concentração mesmo quando estiver em pleno combate. Precisa aprender a pensar sem pensar. . a se esvaziar de todas as esperanças e preocupações, com exceção daquela idéia única que é sua armadura. Uma coisa que os elfos me ensinaram, e que descobri ser muito útil, é recitar uma charada ou um trecho de poema ou canção. Ter uma ação que se possa repetir infinitamente facilita muito quando se quer impedir que a mente vagueie.

— Vou trabalhar nisso — prometeu Roran.

— Você realmente ama Katrina, não é? — disse Eragon em voz baixa. Foi mais uma afirmação da verdade e do assombro do que uma pergunta, já

que a resposta era óbvia, e a pergunta fazia com que se sentisse inseguro. Questões românticas não eram um tópico que Eragon tivesse abordado com o primo antes, por maior que fosse o número de horas que os dois devotaram, em tempos passados, a debater as qualidades relativas das moças de Carvahall e cercanias. — Como foi que aconteceu?

— Eu gostava dela. Ela gostava de mim. Qual a importância dos detalhes?

— Ora, vamos — disse Eragon. — Eu estava com raiva demais para

perguntar antes de você partir para Therinsford, e só fomos nos ver de novo há quatro dias. Pura curiosidade.

A pele em volta dos olhos de Roran ficou repuxada e enrugada à

medida que ele esfregava as têmporas.

— Não tem muito para contar. Sempre gostei dela. Não significava muito antes de me tornar adulto; mas, depois dos meus ritos de passagem, comecei a me perguntar com quem eu deveria me casar e quem eu queria que fosse a mãe dos meus filhos. Durante uma de nossas visitas a Carvahall, vi Katrina parar ao lado da casa de Loring para colher uma rosa musgosa que crescia à sombra dos beirais. Ela sorriu ao olhar para a flor. . Foi um sorriso tão delicado, tão feliz, que decidi naquele instante que queria fazer Katrina sorrir daquele jeito muitas e muitas vezes, e que queria ver aquele sorriso até o dia da minha morte. — Lágrimas reluziram nos olhos de Roran, mas não caíram. E um segundo depois, ele piscou, e elas desapareceram. — Acho que fracassei sob esse aspecto.

Depois de uma pausa respeitosa, Eragon falou:

— Quer dizer que você a cortejou? Além de me usar como portador de suas mensagens para Katrina, o que mais você fez?

— Sua pergunta dá a impressão de alguém pedindo instruções.

— Nada disso. Imaginação sua.

— Ora, vamos, agora é sua vez — disse Roran. — Sei quando você

está mentindo. Fica com esse sorriso bobo, e suas orelhas ficam vermelhas. Os elfos podem ter lhe dado uma cara nova, mas essa parte sua não mudou. O que existe entre você e Arya?

A intensidade da percepção de Roran perturbou Eragon.

— Nada! A lua cozinhou seus miolos!

— Seja franco. Você idolatra as palavras dela como se cada uma fosse um diamante; e seu olhar se demora sobre ela como se você estivesse morrendo de fome e ela fosse um grande

banquete servido poucos centímetros fora do seu alcance.

Uma pluma de fumaça cinza-escura saiu pelas narinas de Saphira enquanto ela fazia um ruído como se tivesse se engasgado.

— Arya é uma elfa — disse Eragon, não dando atenção à alegria reprimida de Saphira.

— E belíssima. Orelhas pontudas e olhos puxados são pequenos defeitos em comparação a seus encantos. Mesmo você está parecido com um gato agora.

— Arya tem mais de cem anos.

Essa informação específica pegou Roran de surpresa.

— Isso é difícil de acreditar! — disse ele, erguendo as sobrancelhas. —

Ela está na flor da juventude.

— É a verdade.

— Bem, seja como for, tudo isso que você me disse são razões, Eragon, e o coração raramente dá ouvidos à razão. Você gosta ou não gosta dela?

Se gostasse um pouquinho mais que fosse, disse Saphira tanto a Eragon como a Roran, *eu mesma tentaria beijar Arya*.

Saphira! Mortificado, Eragon lhe deu um tapa na perna. Roran foi prudente o suficiente para parar de provocar Eragon.

— Então responda à minha primeira pergunta e diga como estão as coisas entre você e Arya. Você comentou isso com ela ou com a família dela?

Descobri que não é aconselhável deixar esse tipo de coisa infeccionar.

— É — concordou Eragon, olhando para o pedaço de espinheiro polido. — Falei com ela.

— E qual foi o resultado? — Como Eragon não respondeu de imediato, Roran exclamou, cheio de frustração. — Tirar alguma resposta de você é mais difícil do que puxar Birka para atravessar um lamaçal. — Eragon reprimiu um risinho ao ouvir a menção a Birka, um dos seus cavalos de tiro.

— Saphira, você quer resolver esse enigma para mim? Do contrário, receio que nunca vou receber uma explicação completa.

— Resultado nenhum. Absolutamente nenhum. Ela não me quer. —

Eragon falou sem paixão, como se estivesse comentando a desgraça de algum desconhecido,

mas no seu íntimo rugia uma torrente de mágoa tão profunda e descontrolada que ele sentiu Saphira recuar um pouco.

— Sinto muito — disse Roran.

Eragon engoliu em seco através do aperto na sua garganta, da dor no seu coração, até o emaranhado cheio de nós que era seu estômago.

— Acontece — disse ele.

— Sei que pode parecer improvável neste instante — disse Roran —

mas tenho certeza de que você vai encontrar outra mulher que o fará se esquecer de Arya. E enorme a quantidade de donzelas, e posso apostar que não são poucas as casadas, também, que ficariam felizes de atrair a atenção de um Cavaleiro. Você não terá nenhum trabalho para encontrar uma mulher para casar entre todas as belas da Alagaësia.

— E o que você teria feito se Katrina tivesse rejeitado suas pretensões?

A pergunta deixou Roran mudo. Ficou evidente que ele não conseguiria imaginar como poderia ter reagido. Eragon prosseguiu, então:

— Ao contrário do que você, Arya e todas as outras pessoas parecem imaginar, eu tenho consciência de que outras mulheres aceitáveis existem na Alagaësia e de que é sabido que as pessoas se apaixonam mais de uma vez. Sem dúvida, se eu passasse meu tempo na companhia das damas da corte do rei Orrin, eu poderia de fato decidir que me interesso por uma. Mas meu caminho não é assim tão fácil. Mesmo que eu consiga desviar meu afeto para outra. . e, como você observou, o coração é uma fera reconhecidamente volúvel.. ainda permanece a pergunta: será que eu deveria?

— Sua língua se tornou tão retorcida como as raízes de um abeto —

disse Roran. — Não me venha com charadas.

— Está bem. Que mulher humana tem como começar a entender quem

e o que eu sou, ou a extensão dos meus poderes? Quem poderia compartilhar minha vida? Poucas, e todas elas magas. E, desse grupo seleto, ou mesmo entre as mulheres em geral, quantas são imortais?

Roran deu unia gargalhada, um rugido áspero, espontâneo, que reverberou na ravina.

— Isso seria pedir demais, ou. . — Ele de repente parou, retesou-se como se estivesse prestes a saltar para a frente e então ficou extraordinariamente imóvel. — Você não pode ser. .

— Sou.

— É resultado da sua transformação em Ellesméra — perguntou Roran, procurando pelas palavras adequadas — ou faz parte de ser Cavaleiro?

— Faz parte de ser Cavaleiro.

— Isso explica por que Galbatorix não morreu.

— Isso mesmo.

O galho que Roran jogou na fogueira estourou com um estalo discreto, as brasas por baixo dele aqueceram o pedaço de madeira retorcida até que uma pequena reserva de água ou de seiva que de algum modo tinha escapado aos raios do sol por décadas sem conta transformou-se em vapor e explodiu.

— A idéia é tão. . *extraordinária* que chega a ser quase inconcebível —

disse Roran. — A morte é parte de quem nós somos. Ela nos guia. Ela nos molda. Ela nos leva à loucura. Será que ainda se pode ser humano quando não se tem um fim mortal?

— Não sou invencível — ressaltou Eragon. — Ainda posso ser morto por uma espada ou uma flecha. E ainda posso contrair uma doença incurável.

— Mas se você evitar esses perigos, viverá para sempre.

— Se eu os evitar, sim. Saphira e eu *perduraremos*.

— Parece ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição.

— É. Em sã consciência, não posso me casar com uma mulher que vai envelhecer e morrer enquanto eu me mantenho imune ao tempo. Uma experiência dessas seria igualmente cruel para nós dois. Ainda por cima, considero bastante deprimente a idéia de desposar uma mulher depois da outra ao longo dos séculos.

— Você tem como tornar alguém imortal por meio de magia? —

perguntou Roran.

— Existe como escurecer cabelos brancos, alisar a pele enrugada e eliminar cataratas. Caso se esteja disposto a um esforço extraordinário, podese dar a um homem de sessenta anos o corpo que ele possuía aos dezenove. Entretanto, os elfos nunca descobriram um modo de restaurar a mente de uma pessoa sem destruir suas lembranças. E quem vai querer apagar sua identidade de tantas em tantas décadas em troca da imortalidade? Na realidade, seria um desconhecido que continuaria a viver. Um cérebro velho num corpo jovem também não seria uma solução; pois, mesmo com a melhor saúde, aquilo de que nós humanos somos feitos consegue durar somente um século, talvez um pouco mais. Também é impossível impedir o envelhecimento de alguém. Isso causaria uma quantidade de problemas diferentes. . Ah, os

elfos e os homens já fizeram mil e uma tentativas diferentes para enganar a morte, mas nenhuma teve êxito.

— Em outras palavras — disse Roran —, é mais seguro para você amar Arya do que deixar seu coração livre ao alcance de uma mulher humana.

— Com quem mais eu *poderia* me casar a não ser com uma elfa?

Especialmente, levando em consideração minha aparência atual. — Eragon sufocou o impulso de levantar a mão e tocar as pontas curvas das orelhas, hábito que tinha adquirido. — Quando eu estava em Ellesméra, foi fácil aceitar o modo pelo qual os dragões tinham mudado meu aspecto. Afinal de contas, eles me concederam muitos dons. Depois do Agaetí Blödhren, os elfos também se tornaram mais amáveis comigo. Foi só quando voltei para os Varden que me dei conta de como me tornei *diferente*. .. Isso também me perturba. Já não sou simplesmente humano, e não chego a ser bem um elfo. Sou alguma outra coisa intermediária: um mestiço, um meio-sangue.

— Anime-se! — disse Roran. — Pode ser que você não precise se preocupar com essa história de viver para sempre. Galbatorix, Murtagh, os Ra'zac ou até mesmo um dos soldados do Império poderia nos atravessar com uma lâmina de aço a qualquer instante. Um homem sábio deixaria o futuro para lá e trataria de beber e se divertir enquanto ainda tem uma oportunidade de aproveitar a vida neste mundo.

— Eu sei o que nosso pai responderia ao que você está dizendo.

— E para completar nos daria uma boa surra.

Eles riram juntos, e então o silêncio que tantas vezes se intrometeu em sua conversa voltou a se afirmar: um abismo gerado em partes iguais pelo cansaço, familiaridade e, inversamente, pelas inúmeras diferenças que o destino tinha criado entre aqueles dois que antes levavam vidas que não passavam de variações de uma única melodia.

Vocês deveriam dormir, disse Saphira a Eragon e a Roran. *Já é tarde, e amanhã precisamos acordar cedo.*

Eragon olhou para a abóbada negra do céu, avaliando a hora pela distância percorrida pelas estrelas. A noite estava mais avançada do que esperava.

— Bom conselho — disse ele. — Eu só queria que tivéssemos mais alguns dias de descanso antes de invadirmos Helgrind. A batalha na Campina Ardente esgotou as forças de Saphira e as minhas, e ainda não nos recuperamos plenamente, com o vôo até aqui e a energia que transferi para o cinto de Beloth, o Sábio, nestas duas últimas noites. Meus braços e pernas ainda doem, e tenho mais contusões do que consigo contar. Olhe.. Desfazendo os nós no punho da manga esquerda da camisa, ele afastou o lámarae macio — um tecido que os elfos faziam entremeando fios de lã e de urtiga — para revelar uma faixa de um amarelo rançoso, no lugar em que seu escudo tinha ficado imprensado contra o antebraço.

— Ah! — disse Roran. — Você chama essa marquinha de nada de contusão? Eu me machuquei mais que isso quando dei uma topada com o dedão hoje de manhã. Aqui, vou lhe mostrar um hematoma do qual um homem pode se orgulhar. — Ele desamarrou a bota esquerda, arrancou-a e arregaçou a perna da calça para expor uma lista preta da largura do polegar de Eragon que atravessava o quadríceps de um lado a outro. — Bati no punho da lança de um soldado quando estava dando meia-volta.

— Impressionante, mas tenho outra ainda melhor. — Tirando a túnica pela cabeça, Eragon soltou a camisa de dentro da calça e se contorceu para que Roran pudesse ver a grande marca em suas costelas e a descoloração semelhante na barriga. — Flechas — explicou. Depois desnudou o antebraço direito, revelando uma contusão que combinava com a do outro braço, resultado de quando desviara uma espada com o braçal.

Agora Roran revelava uma coleção de manchas irregulares de um verde-azulado, cada uma do tamanho de uma moeda de ouro, que se estendia da axila esquerda até a base da coluna, conseqüência de ter caído em cima de uma confusão de pedras e armaduras com gravações em alto-relevo. Eragon inspecionou as lesões e reprimiu um risinho.

— Ora, não passam de alfinetadas! Você se perdeu e acabou entrando numa roseira? Tenho uma aqui que causaria vergonha nessas suas. — Ele tirou as botas, levantou-se e deixou cair as calças, de modo que seu único traje eram. a camisa e a ceroula de lã. — Quero ver você superar essa — disse ele, apontando para a região interna das coxas. Uma combinação alucinada de cores manchava sua pele, como se Eragon fosse uma fruta exótica que estivesse amadurecendo em trechos irregulares desde o verde-maçã até um roxo pútrido.

— Epa — disse Roran. — Como isso aconteceu?

— Saltei de Saphira quando estávamos lutando com Murtagh e Thorn no ar. Foi assim que feri Thorn. Saphira conseguiu mergulhar abaixo de mim e me apanhar antes que eu chegasse ao chão, mas eu pousei no dorso dela com mais força do que pretendia.

Roran estremeceu e se encolheu ao mesmo tempo.

— E a lesão vai até.. ? — Ele não completou a pergunta, mas fez um gesto vago para cima.

— Infelizmente, sim.

— Sou forçado a admitir que essa é uma lesão notável. Você deveria se orgulhar. Já é um grande feito ferir-se desse modo; ainda mais nesse.. lugar. . em particular.

— Alegro-me por você lhe dar valor.

— Bem — disse Roran —, você até pode ter a contusão maior, mas os Ra'zac me causaram um ferimento que você não tem como superar, já que os dragões, pelo que entendi, removeram a cicatriz das suas costas. — Enquanto falava, ele despiu a camisa e se afastou um pouco, mais para perto do clarão pulsante das brasas.

Os olhos de Eragon se arregalaram antes que ele se controlasse e ocultasse seu choque por trás de uma expressão mais neutra. Ele se censurou pela reação exagerada, pensando, *não pode ser tão ruim assim*, mas quanto mais examinava Roran, mais consternado ficava.

Uma longa cicatriz franzida, vermelha e lustrosa, envolvia o ombro direito de Roran, começando na clavícula e terminando logo depois do meio do braço. Estava óbvio que os Ra'zac tinham cortado parte do músculo e que as duas pontas não tinham conseguido se unir, pois uma protuberância terrível deformava a pele pouco abaixo da cicatriz, no local em que as fibras subjacentes tinham se recolhido sobre si mesmas. Mais acima, a pele estava afundada, formando uma depressão de mais de um centímetro de profundidade.

— Roran! Você devia ter me mostrado isso há dias! Eu não fazia idéia de que os Ra'zac o tivessem ferido com tanta gravidade. . Você enfrenta alguma dificuldade para mover o braço?

— Não para o lado, nem para trás — disse Roran, fazendo uma demonstração. — Mas para a frente só consigo levantar a mão mais ou menos até a metade do peito. — Ele fez uma careta e abaixou o braço. — Mesmo isso, é com enorme esforço. Preciso manter o polegar nivelado para meu braço não ficar dormente. O melhor jeito que descobri é balançar o braço, vindo de trás, e deixar que ele pouse naquilo que eu estiver querendo pegar. Esfolei as juntas algumas vezes antes de dominar a técnica.

Eragon torceu o cajado entre as mãos. *Eu deveria*?, perguntou ele a Saphira.

Acho que é seu dever,

Podemos nos arrepender amanhã.

Você terá mais motivos para se arrepender se Roran morrer por não ter conseguido brandir o martelo quando a ocasião exigia. Se você aproveitar os recursos ao nosso redor, poderá evitar esgotar-se mais ainda.

Você sabe que detesto fazer isso. Até falar sobre o assunto me faz passar mal. Nossas vidas são mais importantes do que a de uma formiga, contrapôs Saphira. Não para a formiga.

E por acaso você é uma formiga? Não seja hipócrita, Eragon. Não combina com você.

Com um suspiro, Eragon deixou o cajado no chão e acenou para Roran.

— Venha cá. Eu curo isso para você.

— Você tem como fazer isso?

— Claro que sim.

Uma onda momentânea de empolgação iluminou o rosto de Roran, mas depois ele hesitou e pareceu preocupado.

— Agora? Isso é prudente?

— Como Saphira disse, é melhor eu cuidar de você enquanto tenho a oportunidade, para que esse seu ferimento não custe sua vida nem ponha em perigo a todos nós. — Roran aproximou-se, e Eragon pôs a mão direita sobre a cicatriz vermelha enquanto, ao mesmo tempo, expandia sua consciência para abranger as árvores, as plantas e os animais que habitavam a ravina, com exceção do que ele temesse serem fracos demais para sobreviver ao encantamento.

Eragon começou então a cantar na língua antiga. O encantamento que recitou era longo e complexo. Reparar um ferimento daqueles ia muito além de fizer crescer pele nova; e, na melhor das hipóteses, era uma tarefa difícil. Para isso, Eragon contou com as fórmulas de cura que tinha estudado em Ellesméra e que tinha dedicado tantas semanas para decorar.

A marca prateada na palma da mão de Eragon, a gedwëy ignasia, brilhava incandescente enquanto a magia era liberada. Um segundo depois, ele emitiu um gemido involuntário ao morrer três vezes, uma vez com cada um de dois passarinhos empoleirados num zimbro próximo e também com uma cobra escondida entre as rochas. Diante dele, Roran jogou a cabeça para trás e expôs os dentes num uivo mudo à medida que o músculo de seu ombro saltava e se contorcia por baixo da superfície da pele em transformação. E então terminou.

Trêmulo, Eragon respirou fundo e descansou a cabeça nas mãos, aproveitando a cortina que elas lhe forneciam para enxugar as lágrimas antes de examinar o resultado de seu trabalho. Viu Roran movimentar os ombros algumas vezes, estender os braços e girá-los livremente. Os ombros de Roran eram grandes e redondos, resultado de anos passados cavando buracos para mourões de cerca, arrastando pedras e carregando carroças de feno. Apesar de seu controle, Eragon sentiu uma pontada de inveja. Ele podia ser mais forte, mas nunca tinha sido tão musculoso quanto o primo. Roran deu um largo sorriso.

— Está bom como sempre! Talvez melhor. Obrigado.

— Não há de quê.

— Foi muito estranho. Eu realmente me senti como se estivesse prestes a sair do meu corpo. E a coceira foi terrível. Eu mal consegui segurar a vontade de arrancar. .

— Pode me apanhar um pouco de pão no seu alforje, por favor? Estou com fome.

— A gente acabou de jantar.

— Preciso comer alguma coisa depois de usar esse tipo de magia. —

Eragon fungou e apanhou o lenço para limpar o nariz. Fungou mais uma vez. O que tinha dito não era a pura verdade. O que o perturbava era o preço que seu encanto tinha extraído da fauna, não a magia em si, e ele receava vomitar a menos que pusesse alguma coisa no estômago para acalmá-lo.

— Você não ficou doente, ficou? — perguntou Roran.

— Não. — Com a lembrança das mortes que tinha causado ainda lhe

pesando na mente, Eragon estendeu a mão para o pote de hidromel a seu lado, na esperança de rechaçar uma onda de pensamentos mórbidos. Alguma coisa muito grande, pesada e afiada bateu na sua mão e a prendeu no chão. Ele se encolheu e olhou, para ver a ponta de uma das garras de marfim de Saphira se enterrando na sua carne. Sua pálpebra espessa deu um estalido quando piscou veloz pela íris enorme e cintilante que Saphira fixava nele. Depois de um tempo, ela ergueu a garra, como uma pessoa ergueria um dedo, e Eragon retirou sua mão. Ele engoliu em seco e agarrou o cajado de espinheiro mais uma vez, lutando para desviar a atenção do hidromel e se concentrar no que era imediato e tangível, em vez de mergulhar numa introspecção desoladora.

Roran tirou dos alforjes uma metade irregular de um pão caseiro, parou um pouco e, com a sombra de um sorriso, fez um oferecimento.

— Você não prefere um pouco de carne de veado? Não terminei a minha. — Ele estendeu o espeto improvisado de madeira crestada de zimbro, no qual estavam enfiados três nacos de carne dourada. Ao olfato sensível de Eragon, o aroma que vinha na sua direção era forte e picante, fazendo com que se lembrasse de noites que tinha passado na Espinha e de longos jantares de inverno nos quais ele, Roran e Garrow tinham se reunido em torno do fogão para desfrutar da companhia uns dos outros enquanto uma nevasca uivava lá fora. Ficou com água na boca. — Ainda está quente — disse Roran, balançando o espeto de carne diante de Eragon.

Eragon abanou a cabeça, fazendo um esforço para recusar.

— Basta me dar o pão.

— Tem certeza? Está perfeita: nem dura nem macia demais, preparada com a quantidade certa de temperos. A cada mordida, ela está tão suculenta que é como se você estivesse engolindo um bocado do melhor ensopado de Elam.

— Não, não posso.

— Você sabe que vai gostar.

— Roran, pare de me provocar e me passe esse pão!

— Ah, viu? Você já está melhor. Vai ver que o que você precisa não é

de pão, mas de alguém que o deixe com raiva, né?

Eragon lançou um olhar furioso para ele e então, mais rápido do que o pensamento, arrancou o pão das mãos de Roran.

Isso pareceu divertir Roran ainda mais.

— Não sei como você consegue sobreviver comendo não mais do que

frutas, pão e legumes — disse ele, enquanto Eragon atacava o pão. — Um homem precisa comer carne se quiser manter as forças. Você não sente falta?

— Mais do que você possa imaginar.

— Então por que você insiste em se torturar desse modo? Cada criatura neste mundo precisa comer outros seres vivos, mesmo que sejam simples plantas, para poder sobreviver. Foi assim que fomos feitos. Por que tentar desafiar a ordem natural das coisas?

Eu disse praticamente o mesmo em Ellesméra, observou Saphira, *mas ele não me deu ouvidos.*

Eragon deu de ombros.

— Já tivemos essa discussão. Você faça o que quiser. Não vou dizer para você nem para mais ninguém como viver. Mas não posso em sã

consciência comer um animal cujos pensamentos e sentimentos compartilhei. A ponta da cauda de Saphira se contraiu, e suas escamas reuniram contra uma protuberância de rocha desgastada ali no chão. *Ai, ele não tem jeito*. Levantando e esticando o pescoço, Saphira abocanhou a carne de veado, com espeto e tudo, da outra mão de Roran. Quando ela mordeu, a madeira rachou entre seus dentes serrilhados e então desapareceu nas profundezas abrasadoras da sua barriga. *Hummm. Você não estava exagerando, disse ela a Roran. Que petisco mais gostoso: tão macio, tão salgadinho, tão deliciosamente saboroso que me dá*

vontade de me sacudir de prazer. Você deveria cozinhar para mim com mais freqüência, Roran Martelo Forte. Só que da próxima vez, acho que deveria preparar alguns cervos inteiros. Se não, a refeição não será suficiente para mim.

Roran hesitou, como se não conseguisse decidir se o pedido de Saphira era sério e, se fosse, como ele poderia se livrar com cortesia de uma obrigação tão imprevista e trabalhosa. Lançou um olhar de súplica na direção de Eragon, que caiu na gargalhada, tanto com a expressão de Roran quanto com a enrascada em que se metera.

A sonora risada de Saphira subiu e desceu, juntando-se à de Eragon e reverberando pela grota. Seus dentes reluziam num vermelho de garança à luz dos tições.

Uma hora depois que os três tinham se recolhido, Eragon estava deitado de costas ao lado de Saphira, com camadas de cobertores a protegê-lo do frio da noite. Tudo estava parado e em silêncio. A impressão era a de que um mágico havia lançado um encantamento sobre a terra e tudo neste mundo estivesse preso num sono eterno, em que permaneceria congelado e imutável para todo o sempre, sob o olhar vigilante das estrelas que cintilavam.

Sem se mexer, Eragon sussurrou mentalmente: *Saphira?*

Sim, pequenino?

E se eu estiver com a razão e ele estiver em Helgrind? Não sei o que deveria fazer nesse caso. . Diga-me como deveria agir.

Não posso, pequenino. Essa é uma decisão que você precisa tomar sozinho. Os costumes dos homens não são os costumes dos dragões. Eu arrancaria sua cabeça e me banquetearia com seu corpo, mas acho que isso pareceria errado para você. Você vai me apoiar, qualquer que seja minha decisão?

Sempre, pequenino. Agora descanse. Vai dar tudo certo.

Reconfortado, Eragon ficou olhando para o vazio entre as estrelas e desacelerou a respiração à medida que entrava no transe que tinha substituído o sono para ele. Ele permanecia consciente das proximidades, mas à frente do pano de fundo das constelações brancas, os vultos de seus devaneios avançavam e representavam peças confusas e sombrias, como era Seu costume.

ATAQUE A HELGRIND

altavam quinze minutos para raiar o dia quando Eragon se pôs de pé

sem esforço. Ele estalou os dedos duas vezes para acordar Roran e então recolheu os cobertores e os amarrou numa trouxa apertada. Com F um impulso, Roran se levantou e fez o mesmo com suas cobertas. Os dois se entreolharam e estremeceram de emoção.

— Se eu morrer — disse Roran —, você cuida de Katrina?

— Cuido.

— Diga-lhe então que entrei em combate com alegria no coração e o nome dela nos lábios.

— Direi.

Eragon murmurou uma frase rápida na língua antiga. Foi quase imperceptível a queda que se seguiu nas suas forças.

— Pronto. Isso filtrará o ar diante de nós e nos protegerá dos efeitos paralisantes do bafo dos Ra'zac.

De suas bolsas, Eragon tirou a cota de malha e desenrolou o pano no qual a tinha guardado. Sangue da luta na Campina Ardente ainda estava incrustado no corselete que no passado refulgia; e a combinação de sangue seco, suor e falta de trato tinha permitido que manchas de

ferrugem se espalhassem pelos elos. A malha estava livre de rasgos, porém, pois Eragon os consertara antes da partida para o Império.

Ele vestiu a camisa de costas de couro, torcendo o nariz para o fedor de morte e desespero que estava impregnado nela. Depois, prendeu braçais nervurados aos antebraços e grevas às canelas. Na cabeça, ele pôs um gorro acolchoado, uma coifa de malha e um elmo simples de aço. Tinha perdido o outro elmo — o que tinha usado em Farthen Dûr e no qual os anões tinham gravado o timbre do Dûrgrimst Ingeitum — junto com o escudo durante o duelo aéreo entre Saphira e Thorn. Nas mãos calçou manoplas de malha de ferro.

Roran se preparou da mesma forma, embora completasse a armadura com um escudo de madeira. Uma faixa de ferro doce envolvia o rebordo do escudo, para melhor receber e reter o golpe da espada de um inimigo. Nenhum escudo sobrecarregava o braço esquerdo de Eragon. O cajado de espinheiro exigia duas mãos para ser brandido corretamente.

A tiracolo, Eragon pendurou a aljava dada pela rainha Islanzadí. Além de vinte pesadas flechas de carvalho guarnecidas com penas cinzentas de ganso, a aljava continha o arco com apetrechos de prata que a rainha, com seu canto, tinha extraído de um teixo. O arco já estava encordoado e pronto para o uso.

Saphira amassava o solo debaixo de seus pés. *Vamos de uma vez*!

Deixando suas bolsas e suprimentos pendurados no galho de um zimbro, Eragon e Roran subiram de qualquer modo no dorso de Saphira. Não perderam tempo pondo-lhe a sela: ela passara a noite já com os arreios. O

couro moldado estava morno, quase quente, por baixo de Eragon. Ele agarrou o espinho do pescoço à sua frente — para manter o equilíbrio durante mudanças súbitas de direção — enquanto Roran passava um braço forte em torno da cintura de Eragon e segurava o martelo com a outra mão. Um pedaço de xisto rachou com o peso de Saphira quando ela agachou e, num único salto vertiginoso, saltou por cima da borda da ravina, onde se equilibrou um instante antes de desdobrar as asas enormes. As finas membranas zuniram quando Saphira as ergueu para o céu. Na vertical, elas pareciam duas velas azuis translúcidas.

— Não aperte tanto — resmungou Eragon.

— Desculpe — disse Roran, afrouxando o braço.

Tornou-se impossível falar quando Saphira deu mais um salto. Ao chegar ao cume, ela desceu as asas com uma poderosa rajada de vento, elevando os três ainda mais. A cada batida das asas, eles subiam para mais perto das nuvens estreitas, achatadas.

Quando Saphira se voltou na direção de Helgrind, Eragon olhou de relance para a esquerda e descobriu que conseguia ver uma faixa larga do lago Leona, a alguns quilômetros de distância. Uma espessa camada de névoa, cinzenta e fantasmagórica na claridade anterior ao alvorecer, emanava da água, como se um fogo mágico estivesse ardendo sobre a superfície. Eragon

tentou, mas, mesmo com sua visão de falcão, não conseguiu avistar a outra margem nem os confins meridionais da Espinha mais além, o que lamentou. Fazia muito tempo desde que tinha posto os olhos pela última vez na cadeia de montanhas da sua infância.

Para o norte, ficava Dras-Leona, uma massa imensa e emaranhada, que dava a impressão de uma silhueta atarracada em contraste com a muralha de névoa que delimitava seu flanco ocidental. A única construção que Eragon conseguiu identificar foi a catedral, onde os Ra'zac o tinham atacado. A trabalhada agulha da torre se erguia acima da cidade, como uma ponta de lança farpada.

E em algum ponto na paisagem que passava veloz lá embaixo, Eragon sabia que estavam os destroços do acampamento onde os Ra'zac tinham ferido Brom mortalmente. Ele permitiu que toda a sua raiva e mágoas passadas daquele dia — assim como o assassinato de Garrow e a destruição da fazenda — brotassem e lhe dessem a coragem, mais que isso, o desejo de enfrentar os Ra'zac em combate.

Eragon, disse Saphira. *Hoje não precisamos proteger nossa mente e manter nossos pensamentos em segredo um do outro, certo?*

Não, a menos que apareça outro mágico.

Um leque de luz dourada começou a surgir quando a beira do sol rompeu o horizonte. Num instante, o pleno espectro das cores animou o mundo anteriormente sem graça: a névoa refulgiu branca, a água se tornou de um azul forte, a muralha de taipa que cercava o centro de Dras-Leona revelou seus amarelos encardidos, as árvores se cobriram com mantos em todos os tons de verde, e a terra enrubesceu em vermelho e laranja. Helgrind, porém, continuou como sempre: negra.

A montanha de pedra foi crescendo rapidamente à medida que eles se aproximavam. Mesmo do alto, era intimidante.

Mergulhando na direção da base de Helgrind, Saphira se inclinou tanto para a esquerda que Eragon e Roran teriam caído se não tivessem amarrado as pernas à sela. Ela então deu uma volta acima da rampa de cascalho e do altar, onde os sacerdotes de Helgrind realizavam suas cerimônias. A borda do elmo de Eragon pegou o vento da passagem de Saphira e gerou um zunido que quase o ensurdeceu.

— E aí? — gritou Roran, pois não conseguia enxergar adiante deles.

— Os escravos sumiram!

Um peso enorme pareceu pressionar Eragon no assento quando Saphira saiu do mergulho e subiu em espiral em torno de Helgrind, em busca de uma entrada para o esconderijo dos Ra'zac.

Nem mesmo um buraquinho que desse para passar um rato-do-mato, declarou ela. Ela

reduziu a velocidade até pairar diante de uma vertente que ligava o terceiro pico mais baixo dos quatro ao cume acima. O contraforte recortado ampliava o estrondo produzido a cada batida das suas asas até soar tão alto quanto um trovão. Os olhos de Eragon se enchiam de lágrimas â medida que o ar pulsava de encontro à sua pele.

Uma teia de veios brancos adornava a traseira dos penhascos e colunas, ali onde a geada tinha se acumulado nas fissuras que sulcavam a rocha. Fora isso, nada perturbava a escuridão das ameias de Helgrind, retintas e varridas pelo vento. Entre as pedras inclinadas, não crescia árvore alguma, nem arbusto, capim ou líquen. Nem as águias ousavam fazer ninho sobre os ressaltos quebrados da torre. Como seu nome indicava, Helgrind era um lugar da morte e se erguia envolto nas dobras serrilhadas e afiadíssimas de suas escarpas e fendas como um espectro descarnado surgido para assombrar a terra.

Projetando sua mente, Eragon confirmou a presença das duas pessoas encarceradas no interior de Helgrind que tinha descoberto no dia anterior, mas nada sentiu dos escravos e, para sua preocupação, ainda não conseguia localizar os Ra'zac nem os Lethrblaka. *Se não estão aqui, onde estarão*?, perguntou-se. Procurando mais um pouco, percebeu algo que lhe havia escapado antes: uma única flor, uma genciana, aberta a menos de quinze metros deles, onde, por tudo, deveria haver apenas rocha compacta. *Como ela recebe luz suficiente para viver?*

Saphira respondeu à sua pergunta empoleirando-se num contraforte em processo de esboroamento alguns palmos à direita dali. Quando fez isso, ela perdeu o equilíbrio por um instante e abriu as asas para se reequilibrar. Em vez de roçar contra a parede rochosa de Helgrind, a ponta da sua asa direita mergulhou na rocha e saiu de novo.

Saphira, você viu isso?!

Vi.

Inclinando-se para a frente, Saphira empurrou a ponta do focinho na direção da rocha escarpada, parou a uns cinco centímetros de distância —

como se esperasse que uma armadilha fosse acionada — e então continuou a avançar. Escama por escama, sua cabeça foi entrando em Helgrind, até que tudo o que Eragon via de Saphira era um pescoço, torso e asas.

É uma ilusão!, Saphira exclamou.

Com um impulso poderoso, ela abandonou o contraforte e fez o resto do corpo acompanhar a cabeça. Eragon recorreu a todo o seu auto-controle para não cobrir o rosto numa tentativa desesperada de se proteger à medida que o penhasco avançava na sua direção.

Um instante depois, ele se encontrava olhando para uma caverna ampla e abobadada, iluminada pela claridade morna da manhã. As escamas de Saphira refletiam a luz, lançando por toda a rocha milhares de pontinhos azuis que não ficavam parados. Virando-se para trás, Eragon não viu parede nenhuma, apenas a entrada da caverna e uma vista panorâmica da

paisagem lá

fora.

Eragon fez uma careta. Nunca lhe havia ocorrido que Galbatorix pudesse ter ocultado o covil dos Ra'zac com magia. *Idiota! Preciso me sair melhor,* pensou ele. Subestimar o rei era o caminho certo para que todos eles fossem mortos.

Roran praguejou.

— Trate de me avisar antes de fazer alguma coisa semelhante outra vez

— disse ele.

Debruçando-se para a frente, Eragon começou a soltar as pernas da sela enquanto examinava os arredores, alerta para qualquer perigo. A entrada da caverna era um oval irregular, talvez com uns quinze metros de altura e uns dezoito de largura. A partir dali, a câmara dobrava de tamanho antes de terminar, à distância do alcance de uma boa flechada, numa pilha de grossas lajes de pedra que se apoiavam umas às outras numa confusão de ângulos incertos. Um emaranhado de riscos desfigurava o piso, prova das muitas vezes que os Lethrblaka tinham decolado daquela superfície, pousado e caminhado de um lado para outro nela. Como misteriosos buracos de fechadura, cinco túneis baixos penetravam nas laterais da caverna, do mesmo modo que um corredor em arco pontiagudo, grande o suficiente para permitir a passagem de Saphira. Eragon examinou com cuidado os túneis, mas eles estavam em negrume total e pareciam vazios, fato que confirmou com pequenas investidas da sua mente. Estranhos murmúrios desconexos reverberavam a partir das entranhas de Helgrind, sugerindo a existência de *coisas* desconhecidas correndo aflitas no escuro e de água gotejando sem parar. Ao coro de murmúrios, acrescentava-se a subida e a descida regulares da respiração de Saphira, que parecia excessivamente alta nos confins da câmara deserta.

O aspecto mais característico da caverna era, porém, a mistura de odores que a impregnava. O cheiro de pedra fria era dominante, mas, por baixo dele, Eragon discernia bafos de umidade e mofo, além de algo muito pior: o fedor repulsivamente doce de carne em decomposição.

Desatando as últimas tiras, Eragon jogou a perna direita sobre a espinha de Saphira, de modo que ficou montado de lado, e se preparou para desmontar. Roran fez o mesmo do outro lado.

Antes de soltar a mão, Eragon ouviu, em meio às inúmeras farfalhadas que atingiam seu ouvido, uma quantidade de estalidos simultâneos, como se alguém tivesse batido na rocha com uma coleção de martelos. O som se repetiu meio segundo depois.

Ele olhou na direção de onde vinha o ruído, como fez Saphira.

Um imenso vulto retorcido saiu em disparada da passagem em arco. Olhos negros, salientes, sem pálpebra. Um bico com mais de dois metros de comprimento. Asas semelhantes às de um morcego. O torso nu, sem pêlo, de músculos vigorosos. Garras como espigões de aço.

Saphira cambaleou ao tentar evitar o Lethrblaka, mas sem êxito. A criatura colidiu com seu lado direito, dando a Eragon a impressão de ter a força e o furor de uma avalanche.

Exatamente o que aconteceu depois, ele não soube, pois o impacto o catapultou sem nem mesmo uma vaga noção dos fatos no cérebro atordoado. O vôo cego terminou de modo tão abrupto como quando começou: alguma coisa plana e dura bateu com violência nas suas costas, e ele caiu ao chão, batendo com a cabeça uma segunda vez.

Essa última colisão extraiu o ar que restava nos pulmões de Eragon. Estonteado, ficou deitado de lado, enrascado, arfando e lutando para recuperar pelo menos uma aparência de controle sobre seus membros sem reação.

Eragon!, Saphira gritou.

A preocupação na sua voz estimulou os esforços de Eragon como mais nada conseguiria estimular. À medida que a vida voltava para seus braços e pernas, estendeu a mão e agarrou o cajado, que tinha caído ao seu lado. Fincou a ponteira fixada na extremidade inferior do cajado numa fenda próxima e foi se levantando ao longo da vara de espinheiro até ficar em pé. Oscilou um pouco. Um enxame de centelhas vermelhas dançou diante dele. A situação era tão confusa que ele mal sabia para onde olhar primeiro. Saphira e o Lethrblaka rolavam de um lado a outro da caverna, chutando, agadanhando e tentando morder um ao outro, com força suficiente para fender a rocha por baixo deles. O clamor da luta deve ter sido inimaginavelmente alto, mas para Eragon eles agiam em silêncio; seus ouvidos não estavam funcionando. Ainda assim, ele sentia as vibrações pela sola dos pés quando as feras colossais se debatiam para lá e para cá, ameaçando esmagar qualquer um que delas se aproximasse.

Um jorro de fogo azul irrompeu por entre os maxilares de Saphira e banhou o lado esquerdo da cabeça do Lethrblaka num inferno devora-dor, quente o bastante para derreter o aço. As chamas descreveram curvas em torno do Lethrblaka e não o atingiram. Sem se impressionar, o monstro bicou o pescoço de Saphira, forçando-a a parar para se defender.

Veloz como uma flecha disparada de um arco, o segundo Lethrblaka saiu do corredor em arco, investiu contra o flanco de Saphira e, abrindo o bico estreito, deu um guincho horrível, enregelante, que fez formigar o couro cabeludo de Eragon e formou no seu estômago um nó gelado de pavor. Ele rosnou com a sensação desagradável. Aquilo ele podia ouvir.

O cheiro agora, com a presença dos dois Lethrblaka, parecia o tipo de fedor insuportável resultante da mistura de três quilos de carne rançosa num barril de esgoto, fermentada por uma semana no verão.

Eragon fechou a boca com força quando sentiu o volume na garganta e desviou a atenção para evitar o vômito.

A alguns passos dali, Roran jazia encolhido, encostado numa parede da caverna, aonde também tinha sido arremessado. E enquanto Eragon olhava, seu primo ergueu um braço e se forçou a ficar de quatro e então em pé. Seus olhos estavam vidrados, e ele cambaleava como

se estivesse embriagado. Atrás de Roran, os dois Ra'zac surgiram de um túnel próximo. Nas mãos malformadas traziam lâminas longas e pálidas de desenho antigo. Diferentemente dos genitores, os Ra'zac eram mais ou menos do mesmo tamanho e forma de seres humanos. Um exoesqueleto de ébano os cobria de cima a baixo, embora pouco dele aparecesse, pois, mesmo em Helgrind, os Ra'zac usavam vestes e capas escuras.

Avançavam com uma rapidez espantosa, com movimentos definidos e

desajeitados como os de um inseto.

E ainda assim Eragon não conseguia percebê-los nem os Lethrblaka. *Será que eles também são uma ilusão*?, ele se perguntou. Mas, não, era uma tolice. A carne que Saphira estava tentando rasgar com suas garras era bastante real. Outra explicação lhe ocorreu: talvez fosse *impossível* detectar sua presença. Talvez os Ra'zac pudessem se ocultar da mente de humanos, suas presas, exatamente como as aranhas se ocultam das moscas. Se fosse assim, então Eragon afinal entendia por que os Ra'zac haviam tido tanto sucesso em caçar mágicos e Cavaleiros para Galbatorix quando eles mesmos não tinham como usar magia.

Droga! Eragon teria preferido usar xingamentos mais interessantes, mas agora era hora de agir, não de praguejar pela má sorte. Brom tinha afirmado que os Ra'zac não eram páreo para ele em plena luz do dia; c, embora isso pudesse ter valido para ele — já que Brom havia tido décadas para inventar encantos a serem usados contra os Ra'zac —, Eragon sabia que, sem a vantagem da surpresa, ele, Saphira e Roran teriam enorme dificuldade para escapar com vida, ainda mais para salvar Katrina.

Levantando a mão direita sobre a cabeça, Eragon gritou " *Brisingr*!", e lançou uma bola de fogo ribombante na direção dos Ra'zac. Eles se desviaram, e a bola de fogo caiu no piso rochoso, crepitou por um instante, piscou e desapareceu. O encanto era bobo e infantil, não podendo causar nenhum dano concebível se Galbatorix tivesse protegido os Ra'zac do mesmo modo que tinha protegido os Lethrblaka. Ele, no entanto, considerou o ataque imensamente gratificante. Também distraiu os Ra'zac o suficiente para Eragon correr até Roran e grudar as costas nas do primo.

— Mantenha esses dois ocupados um instante! — gritou ele, na esperança de que Roran o ouvisse. Quer tivesse ouvido, quer não, Roran entendeu o que Eragon queria, pois se protegeu com o escudo e ergueu o martelo, preparando-se para lutar.

A intensidade de força contida em cada um dos terríveis golpes dos Lethrblaka já tinha esgotado as proteções contra perigos físicos que Eragon tinha instalado ao redor de Saphira. Sem elas, os Lethrblaka infligiram algumas fileiras de arranhões — longos, porém rasos — pela extensão de suas coxas e conseguiram picá-la três vezes com o bico. Esses ferimentos eram pequenos, mas profundos, e lhe causavam uma dor enorme.

Por sua vez, Saphira tinha deixado descobertas as costelas de um Lethrblaka e tinha decepado praticamente o último metro da cauda do outro. O sangue dos Lethrblaka, para espanto de

Eragon, era de um verde-azulado metálico, não muito diferente do azinhavre que se forma em objetos velhos de cobre.

Naquele momento, os Lethrblaka haviam se afastado de Saphira e a estavam cercando, investindo de vez em quando contra ela para mantê-la a distância enquanto esperavam que se cansasse ou que eles pudessem matá-la com o golpe de um bico.

Saphira era mais adequada do que os Lethrblaka ao combate aberto graças às suas escamas — mais duras e resistentes do que o couro cinzento dos Lethrblaka — e graças aos seus dentes — muito mais letais de perto do que o bico dos Lethrblaka. Mas, apesar de tudo isso, tinha dificuldade para rechaçar as duas criaturas ao mesmo tempo, especialmente porque o teto a impedia de saltar, voar e superar seus inimigos com outras manobras. Eragon temia que, mesmo que ela saísse vitoriosa, os Lethrblaka conseguissem mutilála antes que ela os abatesse. Respirando rápido, Eragon lançou um único encanto que continha cada uma das doze técnicas para matar que Oromis tinha lhe ensinado. Ele teve o cuidado de enunciar o sortilégio como uma série de processos, para que, se as proteções de Galbatorix anulassem seus esforços, ele pudesse interromper o fluxo de magia. Se não fosse assim, o encanto talvez consumisse suas forças até sua morte.

Foi bom tomar essa precaução. Quando lançou o encantamento, Eragon logo percebeu que a magia não estava surtindo efeito algum sobre os Lethrblaka e abandonou o ataque. Não tinha imaginado ser bem-sucedido com as palavras da morte tradicionais, mas era preciso tentar, contando com a improvável possibilidade de Galbatorix ter sido negligente ou incompetente quando lançou proteções sobre os Lethrblaka e suas crias.

— Iaahh! — gritou Roran, atrás dele. Um instante depois, o baque de uma espada batendo no escudo de Roran, seguido do retinir do ondular da cota de malha e o toque de sino de uma segunda espada ricocheteando no elmo de Roran.

Eragon percebeu que sua audição estava melhorando.

Os golpes dos Ra'zac não paravam, mas em todas as vezes suas armas resvalavam na armadura de Roran ou deixavam de acertar seu rosto ou braços por um triz, não importava a velocidade com que fossem manejadas. Roran era lento demais para retaliar, mas os Ra'zac também não conseguiam feri-lo. Eles chiavam de frustração e vomitavam um jato contínuo de acusações, que pareciam ainda mais imundas por causa da forma como a língua era deturpada pelo jeito duro de falar e cheio de estalidos das criaturas.

Eragon sorriu. O casulo de encantos que ele havia tecido em torno de Roran tinha funcionado. Ele esperava que a rede invisível de energia agüentasse até encontrar outro modo de parar os Lethrblaka.

Tudo estremeceu e ficou cinzento em torno de Eragon quando os dois Lethrblaka guincharam juntos. Por um instante, sua determinação o abandonou, deixando-o incapaz de qualquer movimento. E então, ele reuniu forças e se sacudiu como um cachorro, desfazendo-se da

influência cruel. O

som fez com que se lembrasse principalmente de um par de crianças berrando de dor.

Depois, Eragon começou a recitar o mais rápido possível sem errar a pronúncia da língua antiga. Cada frase que dizia, e foram inúmeras, continha o potencial para produzir uma morte instantânea, e cada morte era única e singular. Enquanto ele entoava seu solilóquio improvisado, Saphira recebeu outro corte no flanco esquerdo. Em contrapartida, ela quebrou a asa do adversário, dilacerando em tiras, com suas garras, a fina membrana. Uma série de impactos pesados foi transmitida das costas de Roran para as de Eragon quando os Ra'zac tentavam golpeá-lo e feri-lo numa velocidade frenética. O

maior dos dois Ra'zac começou a circundar Roran, para poder atacar Eragon diretamente.

Então, em meio ao alarido de aço contra o aço, aço contra madeira e garras contra a pedra, veio o som raspado de uma espada cortando malha de ferro, seguido de um ruído úmido de esmagamento. Roran deu um berro, e Eragon sentiu o sangue se espalhar por sua panturrilha direita.

Com o canto de um olho, Eragon viu um vulto corcunda saltar na sua direção, estendendo a espada de lâmina em forma de folha para perfurá-lo. O

mundo pareceu se contrair em torno da extremidade fina, estreita; a ponta cintilava como um estilhaço de cristal, cada arranhão um fio de mercúrio na claridade do alvorecer.

Ele tinha tempo somente para mais um encanto antes de impedir que o Ra'zac enfiasse a espada entre seu fígado e seus rins. Em desespero, desistiu de tentar ferir diretamente os Lethrblaka e, em vez disso, deu um grito.

— Garjzla, letta!

Foi um encantamento tosco, criado às pressas e com uma expressão pobre, mas funcionou. Os olhos protuberantes do Lethrblaka de asa quebrada se tornaram um conjunto de espelhos, cada um deles um perfeito hemisfério, enquanto a magia de Eragon refletia a luz que, de outro modo, teria entrado pelas pupilas do Lethrblaka. Cega, a criatura tropeçou e agitou os braços tentando em vão atingir Saphira.

Eragon girou o cajado de espinheiro nas mãos e desviou para o lado a espada do Ra'zac quando ela estava a menos de três centímetros das suas costelas. A criatura caiu diante dele e esticou o pescoço. Eragon recuou quando um bico curto e grosso apareceu das profundezas do capuz. O

apêndice quitinoso se fechou com um estalo quase atingindo o olho direito de Eragon. Com bastante frieza, ele percebeu que a língua do Ra'zac era roxa, farpada e se contorcia como uma cobra sem cabeça.

Unindo as mãos no centro do cajado, Eragon empurrou os braços para a frente, atingindo o Ra'zac de um lado a outro do tórax oco e lançando o monstro alguns metros para trás, onde caiu de quatro. Eragon girou em torno de Roran, cujo lado esquerdo estava banhado de sangue, e aparou o golpe da espada do outro Ra'zac. Ele fez finta, atingiu a espada do Ra'zac e, quando este tentou picar seu pescoço, virou a outra metade do cajado diante do corpo e desviou o golpe. Sem parar, Eragon se atirou para a frente e fincou a ponta de madeira do cajado no abdome do Ra'zac.

Se estivesse brandindo Zar'roc, Eragon teria matado o Ra'zac ali mesmo. Como não estava, alguma coisa se rompeu dentro do Ra'zac, e a criatura saiu rolando pela caverna por uns doze passos ou mais. E

imediatamente se pôs de pé, deixando um borrão de sangue azul na rocha irregular.

Preciso de uma espada, pensou Eragon.

Quando os dois Ra'zac convergiram sobre ele, Eragon abriu mais a postura. Não tinha escolha, a não ser a de defender sua posição e enfrentar o ataque combinado dos Ra'zac, pois ele era tudo o que se encontrava entre aqueles abutres de garras em gancho e Roran. Começou a dizer o mesmo encanto que tinha se revelado eficaz contra os Lethrblaka, mas os Ra'zac desfecharam golpes altos e baixos antes que pronunciasse uma sílaba sequer. As espadas ricocheteavam no cajado com um baque surdo, sem conseguir fazer uma mossa nem ferir de outro modo a madeira encantada. Esquerda, direita, de cima, de baixo. Eragon não pensava. Somente agia e reagia enquanto trocava uma confusão de golpes com os Ra'zac. O cajado era ideal para lutar contra mais de um adversário, pois Eragon podia atacar e bloquear com as duas extremidades e, muitas vezes, ao mesmo tempo. Essa capacidade agora lhe era muito útil. Ele arfava, cada respiração vindo curta e rápida. O suor escorria da sua testa e se acumulava nos cantos dos olhos, banhava suas costas e a parte inferior dos braços. A névoa vermelha do combate nublava sua visão e pulsava em resposta às convulsões do seu coração.

Nunca se sentia tão vivo, nem com tanto medo, quanto na hora da luta. As próprias proteções de Eragon eram escassas. Como tinha sido pródigo na atenção dedicada a Saphira e a Roran, as defesas mágicas de Eragon logo se esgotaram, e o Ra'zac menor o feriu na parte externa do joelho esquerdo. A lesão não era uma ameaça à sua vida, mas era sério mesmo assim, pois sua perna esquerda já não sustentaria seu peso.

Agarrando a ponteira da base, Eragon empunhou o cajado como uma

clava e golpeou um Ra'zac na cabeça. A criatura caiu, mas Eragon não saberia dizer se estava morta ou apenas inconsciente. Investindo contra o Ra'zac que restava, ele espancou seus braços e ombros e, com um desvio repentino, arrancou-lhe da mão a espada.

Antes que Eragon pudesse terminar com o Ra'zac, o Lethrblaka cego, de asa quebrada, voou de um lado a outro da caverna e colidiu com a parede mais afastada, fazendo cair uma chuva de flocos de pedra do teto. A visão e o barulho foram tão colossais que Eragon, Roran e o

Ra'zac se encolheram e viraram, por puro instinto.

Saltando atrás do Lethrblaka, em quem tinha acabado de dar um chute, Saphira fincou os dentes na nuca vigorosa da criatura. O Lethrblaka se debateu num último esforço para se livrar, e então Saphira agitou a cabeça de um lado a outro, quebrando-lhe a espinha. Erguendo-se do corpo ensangüentado, Saphira encheu a caverna com um rugido selvagem de vitória. O Lethrblaka que restava não hesitou. Atacando Saphira, ele enfiou as garras por baixo das bordas das escamas para puxá-la para uma queda descontrolada. Juntos eles rolaram até o limite da caverna, balançaram ali por meio segundo e depois caíram desaparecendo de vista, sem parar de lutar o tempo todo. Foi uma tática inteligente, porque levou o Lethrblaka para longe do alcance dos sentidos de Eragon; e aquilo que Eragon não conseguia perceber era muito difícil de contrapor com algum encanto.

Saphira!, Eragon gritou.

Cuide de si mesmo. Este aqui não vai me escapar.

Com um sobressalto, Eragon girou nos calcanhares bem a tempo de ver os dois Ra'zac desaparecerem nas profundezas do túnel mais próximo, com o menor apoiando o maior. Fechando os olhos, Eragon localizou a mente dos prisioneiros em Helgrind, murmurou uma frase na língua antiga e então falou com Roran.

— Isolei a cela de Katrina para que os Ra'zac não possam usá-la como refém. Agora, só você e eu podemos abrir a porta.

— Ótimo — disse Roran, entre dentes. — Você pode fazer alguma coisa para me ajudar com isso aqui? — Ele mostrou com o queixo o lugar que estava segurando com a mão direita. O sangue brotava entre os dedos. Eragon avaliou o ferimento. Assim que tocou nele, Roran se encolheu e recuou.

— Você teve sorte — disse Eragon. — A espada atingiu uma costela.

— Colocando uma mão sobre a lesão e a outra sobre os doze diamantes escondidos no cinto de Beloth, o Sábio, atado à sua cintura, Eragon recorreu ao poder que tinha armazenado nas pedras. — Waíse heill! — Uma ondulação percorreu a lateral do corpo de Roran à medida que a magia entretecia a pele e o músculo, reunindo-os outra vez.

Em seguida, Eragon curou seu próprio ferimento: o corte aberto no joelho esquerdo.

Por fim, empertigou-se e olhou de relance para o lugar por onde Saphira tinha saído. A ligação dos dois estava se apagando com a perseguição que ela fazia ao Lethrblaka, na direção do lago Leona. Estava louco para ajudá-la, mas sabia que, por enquanto, ela teria de se virar sozinha.

— Depressa! — chamou Roran. — Eles estão escapando!

— Certo.

Erguendo o cajado, Eragon se aproximou do túnel sem iluminação ê

lançou seu olhar de uma pedra saliente para outra, esperando os Ra'zac saltarem de uma delas. Ele se movimentava lentamente para que seus passos não ecoassem no buraco sinuoso. Quando por acaso tocou numa rocha para se equilibrar, sentiu que ela estava coberta de limo.

Depois de uns vinte metros, várias curvas e dobras no corredor esconderam a caverna principal e os mergulharam em trevas tão profundas que até mesmo Eragon descobriu ser impossível enxergar.

— Pode ser que você seja diferente, mas eu não consigo lutar no escuro

— sussurrou Roran.

— Se eu acender uma luz, os Ra'zac não chegarão perto de nós, não agora que eu conheço um encanto que funciona sobre eles. Eles simplesmente vão ficar escondidos até nós irmos embora. Precisamos matá-los enquanto temos oportunidade.

— O que espera que eu faça? E mais provável eu dar um encontrão numa parede e quebrar meu nariz do que encontrar aqueles dois besouros. . Eles poderiam vir sorrateiros por trás de nós e nos apunhalar pelas costas.

— Psssiu. . Segure no meu cinto, venha atrás de mim e esteja pronto para se abaixar de repente.

Eragon não enxergava nada, mas ainda ouvia, apalpava, sentia cheiros e sabores; e essas faculdades eram bastante sensíveis para ele ter uma boa idéia do que estava por perto. O maior perigo era que os Ra'zac atacassem de alguma distância, talvez com um arco, mas Eragon confiava que seus reflexos fossem aguçados o suficiente para salvar Roran e a si mesmo de algum míssil lançado contra eles.

Uma corrente de ar afagou a pele de Eragon, então parou e inverteu a direção à medida que a pressão lá de fora crescia e diminuía. O ciclo se repetiu a intervalos aleatórios, criando remoinhos invisíveis que roçavam nele como chafarizes de água agitada.

Sua respiração, como a de Roran, estava alta e descompassada em comparação com a variedade de sons que se propagava pelo túnel. Mais alto que a respiração, Eragon ouviu o retinir prolongado de uma pedra que caiu em algum ponto do emaranhado de ramificações de túneis, bem como o gotejar uniforme de gotículas condensadas que atingiam a superfície de um lago subterrâneo como se fosse um tambor. Ele também ouviu o atrito de cascalho do tamanho de ervilhas esmagado debaixo da sola das suas botas. Um gemido longo e lúgubre vibrou em algum ponto muito adiante.

Dos cheiros, nenhum era novo: suor, sangue, umidade e mofo.

Passo a passo, Eragon ia à frente enquanto eles se enfurnavam cada vez mais nas entranhas de Helgrind. O túnel descia sempre e muitas vezes se bifurcava ou fazia curvas, tanto que Eragon logo estaria perdido se não fosse capaz de usar a mente de Katrina como ponto de referência. Os diversos buracos cheios de calombos eram baixos e apertados. Uma vez, quando Eragon bateu com a cabeça no teto, uma súbita explosão de claustrofobia o deixou abatido.

Já voltei, anunciou Saphira exatamente quando Eragon punha o pé num degrau tosco cortado na rocha abaixo dele. Ele parou. Ela não tinha sofrido outras lesões, o que lhe causou alívio.

E o Lethrblaka?

Boiando de barriga para cima no lago Leona. Receio que uns pescadores tenham visto nosso combate. Estavam remando para Dras-Leona quando os vi pela última vez. Bem, não dá para evitar. Veja o que consegue encontrar no túnel de onde os Lethrblaka saíram. E fique alerta para os Ra'zac. Eles podem tentar passar de mansinho por nós e escapar de Helgrind pela entrada que usamos.

É provável que tenham uma saída de emergência no nível do chão. É provável, mas acho que ainda não vão fugir.

Depois do que lhes pareceu uma hora confinados na escuridão —

apesar de Eragon saber que não poderiam ter sido mais do que dez ou quinze minutos — e depois de descerem mais de trinta metros dentro de Helgrind, Eragon parou num trecho plano de pedra. Transmitindo seus pensamentos para Roran, disse: *A cela de Katrina fica cerca de quinze metros à nossa frente, à direita. Não podemos nos arriscar a soltar Katrina antes que os Ra'zac estejam mortos ou que tenham ido embora.*

E se eles não se revelarem enquanto nós não a soltarmos? Por algum motivo, não consigo sentir a presença deles. Aqui dentro eles poderiam se esconder de mim até o dia do Juízo Final. E então, vamos esperar sem saber por quanto tempo ou vamos libertar Katrina enquanto ainda temos a oportunidade? Posso pôr algumas proteções em torno dela que devem protegê-la da maioria dos ataques.

Roran ficou calado por um instante. *Então vamos soltar Katrina*. Eles começaram a avançar novamente, tateando o caminho pelo corredor baixo, com seu piso áspero, sem acabamento. Eragon precisava dedicar quase toda a sua atenção a escolher onde pisar para poder manter o equilíbrio.

Resultado, quase deixou de perceber o farfalhar de pano roçando em pano e depois o leve zunido que vinha de algum lugar à sua direita. Ele se retraiu contra a parede, empurrando Roran para trás. Ao mesmo tempo, alguma coisa afiada passou pelo seu rosto, cavando um sulco na carne da sua bochecha direita. A fina trincheira ardia como se tivesse sido cauterizada.

— Kveykva! — gritou Eragon.

Acendeu-se uma luz vermelha, forte como o sol do meio-dia. Ela não tinha fonte e, por isso, iluminava todas as superfícies uniformemente e sem sombras, dando às coisas uma estranha aparência achatada. O brilho súbito ofuscou Eragon, mas fez mais que isso com o Ra'zac solitário diante dele: a criatura deixou cair o arco, cobriu o rosto encapuzado e deu um guincho agudo e estridente. Um guincho semelhante disse a Eragon que o segundo Ra'zac estava atrás deles.

Roran!

Eragon girou nos calcanhares a tempo de ver Roran investir contra o outro Ra'zac, segurando o martelo no alto. O monstro desnorteado recuou cambaleando, mas foi lento demais. O martelo baixou.

— For meu pai! — gritou Roran, dando mais um golpe. — Por nossa

casa! — O Ra'zac já estava morto, mas Roran ergueu o martelo mais uma vez.

— Por Carvahall! — Seu último golpe espatifou a carapaça do Ra'zac como a casca de uma cabaça seca. No clarão vermelho impiedoso, a poça de sangue que se espalhava parecia roxa.

Girando o cajado para desviar a flecha ou a espada que estava convencido de ter sido lançada contra ele, Eragon se virou para enfrentar o Ra'zac que restava. O túnel diante deles estava vazio. Ele praguejou. Eragon avançou até a figura contorcida no chão. Passou o cajado por cima da cabeça e o fez cair atravessado no peito do Ra'zac morto com um baque retumbante.

— Esperei muito para fazer isso — disse Eragon.

— Como eu.

Ele e Roran se entreolharam.

— Aaaai! — gritou Eragon, segurando a bochecha com a dor cada vez mais forte.

— Está borbulhando! — exclamou Roran. — Faça alguma coisa!

Os Ra'zac devem ter untado a ponta da flecha com óleo de Seithr, pensou Eragon. Lembrando-se de seu treinamento, ele limpou o ferimento e tecidos vizinhos com um encantamento e então reparou a lesão no seu rosto. Abriu e fechou a boca algumas vezes para se certificar de que os músculos estavam funcionando direito.

— Imagine o estado em que estaríamos sem a magia — disse ele, com um sorriso sinistro.

— Sem a magia, não precisaríamos nos preocupar com Galbatorix. Conversem depois, disse Saphira. Assim que aqueles pescadores chegarem a Dras-Leona, o rei poderá receber notícia dos nossos feitos por um dos seus feiticeiros prediletos na cidade, e nós não queremos que Galbatorix recorra à cristalomancia para esquadrinhar Helgrind enquanto ainda estivermos

aqui.

Está bem, está bem, disse Eragon. Apagando o clarão vermelho onipresente, ele disse "Brisingr raudhr", e criou com um isso uma luz-viva vermelha como a da noite anterior, com a diferença de que esta permanecia ancorada a quase um palmo do teto em vez de acompanhar Eragon aonde ele fosse.

Agora que tinha a oportunidade de examinar o túnel com mais atenção, Eragon viu que ao longo do corredor de pedra estavam dispostas cerca de vinte portas reforçadas com ferro, algumas dos dois lados. Ele indicou uma.

— Descendo por aqui, a nona, à direita. Você vai apanhá-la. Eu verifico as outras celas. Os Ra'zac podem ter deixado alguma coisa interessante nelas. Roran concordou. Agachando-se, ele fez uma busca no corpo aos seus pés, mas não encontrou chaves. Deu de ombros, então.

— Eu abro do jeito mais difícil. — Correu até a porta certa, deixou de lado o escudo e começou a trabalhar nas dobradiças com o martelo. Cada martelada gerava um estrondo assustador.

Eragon não se ofereceu para ajudar. Seu primo não ia querer nem apreciar auxílio naquela hora. Além do mais, havia outra coisa que Eragon precisava fazer. Ele foi à primeira cela, sussurrou três palavras e então, depois que a fechadura se abriu sozinha, ele empurrou a porta para o lado. Tudo o que o pequeno cômodo continha era uma corrente preta e uma pilha de ossos em decomposição. Aqueles tristes restos não eram mais do que ele esperava. Eragon já sabia onde estava o objeto da sua busca, mas manteve a simulação de ignorância para evitar despertar suspeitas em Roran.

Outras duas portas se abriram e se fecharam sob o toque dos dedos de Eragon. E então, na quarta cela, a porta se abriu para admitir o brilho tremeluzente da luz-viva e revelar exatamente o homem que Eragon havia desejado não encontrar: Sloan.

açougueiro estava caído na parede da esquerda, com os dois braços acorrentados a uma argola de ferro acima da cabeça. As roupas esfarrapadas mal lhe cobriam o corpo pálido e emaciado. Os O ângulos dos seus ossos se projetavam agudos por baixo da pele

translúcida. As veias azuis também estavam salientes. Feridas estavam abertas nos seus pulsos onde as algemas roçavam. Das úlceras brotava uma mistura de um líquido claro e sangue. O que restava do seu cabelo estava grisalho ou branco, em mechas engorduradas que escorriam sobre seu rosto marcado pela varíola.

Despertado pelo barulho metálico do martelo de Roran, Sloan levantou o queixo na direção da claridade para perguntar, em voz tremula: — Quem é?

Quem está aí? — Seu cabelo se repartiu e deslizou para trás, expondo as cavidades oculares,

que estavam muito afundadas no crânio. Onde deveriam estar as pálpebras, havia agora não mais que fragmentos de pele esfarrapada cobrindo as órbitas nuas por baixo. A área em volta apresentava contusões e cascas de feridas.

Foi um choque para Eragon perceber que os Ra'zac haviam arrancado com os bicos os olhos de Sloan.

O que deveria fazer então, Eragon não conseguia decidir. O açougueiro contara aos Ra'zac que Eragon havia encontrado o ovo de Saphira. Além disso, Sloan assassinara o vigia, Byrd, e havia traído Carvahall entregando o vilarejo ao Império. Se fosse levado à presença de seus concidadãos, sem a menor dúvida eles o considerariam culpado e o condenariam à morte por enforcamento.

Para Eragon, simplesmente parecia correto que o açougueiro morresse por seus crimes. Não era essa a fonte de sua insegurança. Ela derivava, sim, do fato de Roran amar Katrina; e, não importava o que Sloan tivesse feito, Katrina ainda devia nutrir algum afeto por seu pai. Assistir a um juiz denunciar em público os delitos de Sloan e depois enforcá-lo não seria fácil para ela ou, por tabela, para Roran. Uma provação dessas poderia até mesmo gerar rancor suficiente entre eles para terminar com o noivado. Fosse como fosse, Eragon estava convencido de que levar Sloan de volta com eles somente semearia a discórdia entre ele, Roran, Katrina e os outros aldeões, podendo gerar raiva suficiente pata desviá-los da luta contra o Império. *A solução mais fácil*, pensou, *seria matá-lo e dizer que o encontrei morto na cela.* . Seus lábios tremeram com uma das palavras da morte pesando na sua língua.

— O que você quer? — perguntou Sloan. Ele voltava a cabeça de um lado para outro no esforço de ouvir melhor. — Já lhe disse tudo o que sei!

Eragon praguejou contra si mesmo pela hesitação. A culpa de Sloan não estava em questão: ele era um assassino e um traidor. Qualquer defensor da lei o sentenciaria à execução.

Não obstante o mérito desses argumentos, era Sloan que estava encolhido à sua frente, um homem que Eragon havia conhecido a vida inteira. O açougueiro podia ser uma pessoa desprezível, mas a quantidade de lembranças e experiências que Eragon compartilhava com ele gerava uma noção de intimidade que perturbava a consciência do jovem Cavaleiro. Acabar com a vida de Sloan seria o mesmo que levantar a mão contra Horst, Loring ou qualquer outro dos anciãos de Carvahall.

Mais uma vez, Eragon se preparou para pronunciar a palavra fatal. Uma imagem surgiu em sua mente: *Torkenbrand, o traficante de escravos que ele e Murtagh tinham encontrado durante sua fuga até os Varden, ajoelhado no chão empoeirado, e Murtagh aproximando-se dele a passos largos para decapitá-lo.* Eragon se lembrou de como condenara o ato de Murtagh e como havia sido perturbado pela lembrança por dias a fio.

Será que mudei tanto assim, perguntou-se ele, *a ponto de conseguir fazer a mesma coisa agora? Como Roran disse, já matei, mas só no calor da batalha.. nunca desse jeito.*

Ele olhou de relance para trás quando Roran quebrou a última dobradiça da porta da cela de Katrina. Deixando cair o martelo, Roran se preparou para investir contra a porta e derrubá-la para dentro, mas de repente pareceu pensar melhor e tentou levantá-la do umbral. A porta subiu talvez um centímetro, parou e oscilou nas suas mãos.

— Dá para você me ajudar aqui? — gritou Roran. — Não quero que a porta caia em cima dela.

Eragon olhou de volta para o açougueiro desgraçado. Já não tinha tempo para devaneios irracionais. Precisava fazer sua escolha. De um modo ou de outro, precisava escolher. .

— Eragon!

Não sei o que está certo, concluiu Eragon. Sua própria incerteza lhe dizia que seria errado matar Sloan ou entregá-lo aos Varden. Não tinha a menor idéia do que deveria fazer então, a não ser a de que deveria encontrar uma terceira via, uma que fosse menos óbvia e menos violenta.

Erguendo a mão, como se estivesse concedendo uma bênção, Eragon

sussurrou "Slytha". As algemas de Sloan chocalharam quando ele perdeu a rigidez, caindo num sono profundo. Assim que teve certeza de que o encanto tinha dado certo, Eragon fechou e trancou a porta da cela novamente e repôs suas proteções em torno dela.

O que você está aprontando, Eragon?, perguntou Saphira. *Espere até nos reunirmos de novo. Então eu lhe explico.*

Explica o quê? Você não tem plano algum.

Basta me dar um minuto, e eu terei.

— O que havia ali dentro? — perguntou Roran quando Eragon assumiu a posição diante dele.

— Sloan. — Eragon acertou o jeito para segurar a porta com o primo.

— Está morto.

— Morreu? — Os olhos de Roran se arregalaram. — Como?

— Parece que quebraram o pescoço dele.

Por um instante, Eragon receou que Roran não acreditasse nele. Mas então o primo deu um resmungo.

— Melhor assim, imagino. Pronto? Um, dois, três. .

Juntos eles ergueram a porta pesadíssima do umbral e a jogaram do outro lado do corredor de

pedra, que devolveu repetidas vezes o estrondo resultante. Sem parar, Roran entrou correndo na cela, que estava iluminada por uma única vela fina de cera. Eragon entrou um passo atrás dele. Katrina estava toda encolhida na ponta mais distante de um catre de ferro.

— Me deixem em paz, seus bastardos sem dentes! Eu. . — Ela parou, pasma, quando Roran avançou. Seu rosto estava muito branco pela falta de sol e raiado de sujeira. Mesmo assim, naquele instante, um ar de tamanho assombro e puro amor inundou suas feições e Eragon achou que raramente tinha visto alguma moça tão bela.

Sem tirar os olhos de Roran, Katrina se levantou e, com a mão trêmula, tocou no seu rosto.

— Você veio.

— Eu vim.

Roran deixou escapar um soluço de riso e a abraçou, puxando-a para junto do peito. Os dois ficaram perdidos nesse abraço por um bom tempo. Afastando-se, Roran a beijou três vezes nos lábios. Katrina franziu o nariz e exclamou:

— Você deixou a barba crescer! — De todas as coisas que ela poderia ter dito, essa frase foi tão inesperada, e Katrina pareceu tão chocada e surpresa, que provocou um risinho em Eragon.

Pela primeira vez, Katrina pareceu perceber sua presença. Ela o observou por inteiro e então se deteve no rosto, que examinou com óbvia perplexidade.

— Eragon? E você?

— Eu mesmo.

— Ele agora é um Cavaleiro de Dragão — disse Roran.

— Um Cavaleiro? Você está querendo dizer. . — Ela não prosseguiu. A revelação pareceu desnorteá-la. Olhando para Roran, como que em busca de proteção, ela o abraçou ainda mais forte e começou a andar para o lado, afastando-se de Eragon. Dirigiu-se então a Roran: — Como. . como vocês nos encontraram? Quem mais está com vocês?

— Tudo isso fica para mais tarde. Precisamos escapar de Helgrind antes que o resto do Império venha correndo atrás de nós.

— Esperem! E meu pai? Vocês o encontraram?

Roran olhou para Eragon e então se voltou para Katrina.

— Chegamos tarde demais — disse, delicadamente.

Um calafrio percorreu Katrina. Ela fechou os olhos, e uma lágrima solitária escorreu pelo seu rosto.

— Que se há de fazer?

Enquanto falavam, Eragon tentava loucamente descobrir uma forma para se livrar de Sloan, embora ocultasse de Saphira suas deliberações, pois sabia que ela não aprovaria o rumo de seus pensamentos. Um plano começou a se formar na sua mente. Era uma idéia estapafúrdia, cheia de perigo e incerteza, mas era o único caminho viável, dadas as circunstâncias. Abandonando mais reflexões, Eragon entrou imediatamente em ação. Tinha muito a fazer em pouco tempo.

— Jierda! — gritou ele, apontando. Com uma explosão de fagulhas azuis e estilhaços voadores, os ferros rebitados em volta dos tornozelos de Katrina se partiram. Surpresa, Katrina deu um pulo.

— Magia.. — murmurou ela.

— Um encanto simples. — Ela se encolheu para não ser tocada quando ele estendeu a mão na sua direção. — Katrina, preciso me certificar de que Galbatorix ou um dos seus mágicos não colocou em você encantos com armadilhas nem a forçou a fazer juramentos na língua antiga.

— A língua. .

— Eragon! — disse Roran, interrompendo-a. — Faça isso quando acamparmos. Não podemos ficar aqui.

— Não. — O braço de Eragon cortou o ar. — Vamos fazer isso agora.

— De cara fechada, Roran saiu de lado e deixou que Eragon pusesse as mãos nos ombros de Katrina. — Basta olhar nos meus olhos — disse ele. Ela fez que sim e obedeceu.

Essa era a primeira vez que Eragon tinha um motivo para usar os encantos que Oromis lhe ensinara para detectar o trabalho de outro feiticeiro, e ele teve dificuldade para recordar cada palavra dos pergaminhos de Ellesméra. As lacunas na sua memória eram tão graves que em três ocorrências diferentes, ele precisou recorrer a um sinônimo para completar um encantamento.

Por muito tempo, Eragon olhou nos olhos cintilantes de Katrina e pronunciou frases na língua antiga, eventualmente — e com a permissão dela

— examinando uma das suas lembranças em busca de indícios de que alguém havia interferido ali. Usou da máxima delicadeza possível, diferentemente dos Gêmeos, que devastaram sua própria mente num procedimento semelhante, no dia em que Eragon chegou a Farthen Dûr.

Roran ficou de guarda, andando de um lado para o outro diante da porta aberta. Cada segundo

que passava aumentava sua agitação. Ele girava o martelo e batia com a cabeça da ferramenta na parte superior da coxa, como se estivesse acompanhando o ritmo de uma música.

— Terminei — disse Eragon, por fim, soltando Katrina.

— O que você encontrou? — murmurou ela, enrolando os braços em

torno de si mesma, com a testa vincada de rugas de preocupação enquanto esperava por seu veredicto. O silêncio dominou a cela quando Roran parou de andar.

— Nada a não ser seus próprios pensamentos. Você está livre de quaisquer encantos.

— E claro que está — rosnou Roran, e voltou a envolvê-la nos braços. Juntos, os três saíram da cela.

— Brisingr, iet tauthr — disse Eragon, com um gesto para a luz-viva, que ainda flutuava perto do teto do corredor. A um comando seu, o globo luminoso partiu para um ponto diretamente acima de sua cabeça e ali permaneceu, dançando como um pedaço de madeira boiando nas ondas. Eragon foi na frente enquanto eles seguiam apressados pela confusão de túneis na direção da caverna onde tinham pousado. Durante a corrida pela rocha escorregadia, ele vigiava, atento para o Ra'zac que restava, e ao mesmo tempo erguia proteções para salvaguardar Katrina. Atrás dele, Eragon ouvia Roran e ela trocar uma série de frases curtas e palavras isoladas: "Eu te amo. . Horst e os outros em segurança. . Sempre. . Por você. . Sim... Sim.. Sim.. Sim.. " A confiança e o afeto entre os dois eram tão óbvios que despertaram em Eragon uma dor difusa cheia de anseio.

Quando estavam a cerca de dez metros da caverna principal, e começavam a enxergar com a claridade fraca à sua frente, Eragon apagou a luz-viva. Poucos palmos adiante, Katrina reduziu o ritmo e depois se grudou na parede do túnel, cobrindo o rosto.

— Não posso. Está claro demais. Meus olhos estão doendo.

Roran rapidamente se postou na frente dela, protegendo-a com sua sombra.

— Quando foi a última vez que você esteve ao ar livre?

— Não sei. . — Uma sugestão de pânico começou a transparecer na sua voz. — Não sei! Acho que desde que me trouxeram para cá. Roran, estou ficando cega? — Ela fungou e começou a chorar.

Seu choro deixou Eragon surpreso. Ele se lembrava dela como alguém de enorme força física e moral. Mas a verdade era que Katrina havia passado muitas semanas trancafiada no escuro, temendo pela própria vida. *Eu também talvez deixasse de ser eu mesmo se estivesse no seu lugar.*

— Não, você está bem. Só precisa voltar a se acostumar ao sol. —

Roran afagou seu cabelo. — Ora, não deixe que isso a perturbe. Tudo vai dar certo. . Agora você está a salvo. A *salvo*, Katrina. Está me ouvindo?

— Estou.

Apesar de detestar a idéia de estragar uma das túnicas que os elfos tinham lhe dado, Eragon rasgou uma tira de tecido da barra do seu traje e a entregou a Katrina.

— Amarre essa tira por cima dos seus olhos. Você deve conseguir ver através do pano o suficiente para não cair nem colidir com alguma coisa. Ela agradeceu e se vendou.

Voltando a avançar, o trio saiu para a caverna principal, ensolarada e salpicada de sangue — que fedia mais ainda do que antes, em razão das emanações fétidas do corpo do Lethrblaka —, no exato instante em que Saphira surgia vinda das profundezas da abertura em arco ogival diante deles. Ao vê-la, Katrina abafou um grito e se agarrou a Roran, fincando os dedos nos seus braços.

— Katrina — disse Eragon —, permita-me apresentá-la a Saphira. Sou seu Cavaleiro. Ela entende se você falar.

— E uma honra, ó, Dragão! — Katrina conseguiu dizer. Também abaixou os joelhos numa fraca imitação de uma mesura.

Saphira respondeu inclinando a cabeça. Depois, voltou-se para Eragon. *Examinei o ninho dos Lethrblaka, mas só encontrei ossos, ossos e mais ossos, até mesmo uns ainda com cheiro de carne fresca. Os Ra'zac devem ter comido os escravos durante a noite.*

Eu queria ter conseguido salvá-los.

Eu sei, mas não podemos proteger todo o mundo nesta guerra.

— Andem — disse Eragon, indicando Saphira. — Podem montar nela.

Já vou me unir a vocês.

Katrina hesitou e então olhou para Roran, que fez que sim.

— Nenhum problema — sussurrou ele. — Foi Saphira que nos trouxe

aqui. — Juntos, os dois se desviaram do corpo do Lethrblaka quando se aproximaram de Saphira, que se agachou com o ventre no chão para que eles pudessem montar. Juntando as mãos para lhe dar apoio, Roran ergueu Katrina a uma altura suficiente para que ela se elevasse por cima da parte superior da perna dianteira esquerda de Saphira. Dali, Katrina conseguiu subir se agarrando às correias da sela, como se fossem uma escada de mão, até se sentar empoleirada no topo das espáduas de Saphira. Como um cabrito montês que salta de um ponto de apoio para outro, Roran imitou sua subida. Atravessando a caverna atrás deles, Eragon

examinou Saphira, para avaliar a gravidade de seus diversos arranhões, cortes, rasgos, contusões e ferimentos. Para isso, ele confiou no que ela mesma estava sentindo, além do que ele conseguia ver.

Por caridade, disse Saphira, *poupe suas atenções até nós estarmos bem longe, fora de perigo. Não vou sangrar até morrer.*

Isso não é bem verdade, e você sabe disso. Você está com uma hemorragia interna. A menos que eu a estanque agora, você poderá sofrer complicações que eu não terei como curar; e nesse caso nós jamais conseguiremos chegar aos Varden novamente. Não discuta. Você não conseguirá me fazer mudar de idéia. E não vou levar um minuto. Aconteceu que alguns minutos foram necessários para Eragon restaurar Saphira a seu estado de saúde anterior. Seus ferimentos eram tão graves que, para completar as fórmulas mágicas, Eragon precisou esgotar a energia do cinto de Beloth, o Sábio, e depois disso recorrer às vastas reservas de força da própria Saphira. Sempre que ele passava de um ferimento maior para um menor, ela protestava, dizendo que ele estava sendo tolo e, por favor, será que ele poderia largar do seu pé, mas Eragon não fazia caso dessas queixas, para grande desagrado de Saphira.

Depois, Eragon se deixou cair, exausto da magia e da luta. Apontando o dedo para os lugares onde os Lethrblaka a tinham perfurado com o bico, ele disse: *Você deveria pedir que Arya ou outro elfo inspecione meu trabalho nesses ferimentos. Fiz o que pude, mas posso ter deixado de ver alguma coisa.*

Aprecio sua preocupação com meu bem-estar, respondeu ela, *mas este aqui não é*

exatamente o lugar certo para demonstrações de carinho. De uma vez por todas, vamos embora!

Sim. Hora de ir embora. Recuando, Eragon foi se desviando de Saphira, indo na direção do túnel atrás dele.

— Vamos! — gritou Roran. — Depressa!

Eragon!, Saphira exclamou.

— Não. Vou ficar aqui — disse Eragon, abanando a cabeça.

— Você. . — começou Roran a dizer, mas um rosnado feroz de Saphira o interrompeu. Ela agitou a cauda contra a parede da caverna e riscou o chão com suas garras, de modo que osso e pedra guincharam no que parecia uma agonia mortal.

— Prestem atenção! — gritou Eragon. — Um dos Ra'zac ainda está à

solta. E pensem em tudo o mais que poderia estar em Helgrind: pergaminhos, poções, informações sobre as atividades do Império, coisas que podem nos ajudar! Os Ra'zac podem até mesmo ter ovos armazenados aqui. Se tiverem, preciso destruí-los antes que Galbatorix os

reivindique.

Para Saphira, Eragon também disse: *Não consigo matar Sloan. Não posso deixar que Roran nem Katrina o vejam. E não posso deixar que morra de inanição na cela, nem que os homens de Galbatorix o recapturem. Sinto muito, mas preciso lidar com Sloan sozinho.*

— Como você vai sair do Império? — perguntou Roran.

— Correndo. Agora sou tão veloz quanto um elfo, sabia?

A ponta da cauda de Saphira se contraiu. Esse foi o único aviso que Eragon teve antes que ela saltasse na sua direção, estendendo uma das patas cintilantes. Ele fugiu, disparando pelo túnel adentro uma fração de segundo antes que o pé de Saphira passasse pelo espaço onde ele estava antes. Saphira derrapou e parou diante do túnel, rugindo de frustração por não conseguir ir atrás dele pela abertura estreita. Seu volume obstruía quase toda a claridade. A rocha tremia em volta de Eragon enquanto ela atacava a entrada com as garras e os dentes, soltando grossos pedaços da rocha. Seus rosnados ferozes e a visão do focinho agressivo, cheio de dentes do comprimento do seu antebraço, causaram em Eragon um sobressalto de medo. Ele agora entendia como um coelho devia se sentir quando se encolhe na toca enquanto um lobo vem cavando na sua direção.

— Gánga! — gritou ele.

Não! Saphira pousou a cabeça no chão e soltou um lamento entristecido, com os olhos grandes, de dar pena.

— Gánga! Amo você, Saphira, mas você precisa ir.

Ela recuou alguns metros da boca do túnel e fungou para ele, miando como um gato. *Pequenino...*

Eragon detestava fazê-la infeliz e detestava mandá-la embora. Tinha a sensação de que estava se rasgando. A tristeza de Saphira fluía pelo vínculo mental entre os dois e, aliada à própria angústia de Eragon, quase o paralisava. De algum modo, ele reuniu coragem para continuar.

— Gánga! E não volte para me buscar, nem mande nenhuma outra pessoa atrás de mim. Vai dar tudo certo. Gánga! Gánga!

Saphira deu um uivo de frustração e então, relutante, andou até a entrada da caverna.

— Eragon, vamos! Tenha juízo! Você é importante demais para se arriscar. .

Uma combinação de ruído e movimento prejudicou o resto tia frase quando Saphira se lançou para fora da caverna. No céu claro lá fora, suas escamas cintilavam como uma infinidade de diamantes azuis. Ela era magnífica, pensou Eragon: altiva, nobre e mais bela que qualquer outra criatura viva. Nenhum cavalo nem leão teria como compelir com a majestade de um

dragão em vôo. Ela disse: *Uma semana*: *é esse o prazo que vou esperar. Depois voltarei para buscá-lo, Eragon, mesmo que eu tenha de abrir caminho lutando com Thorn, Shruikan e mil mágicos.*

Eragon ficou ali parado até ela diminuir ao longe e ele não mais conseguir tocar sua mente. E então, com o coração pesado como chumbo, ele endireitou os ombros e deu as costas ao sol e a todas as coisas brilhantes e vivas para mais uma vez descer para o interior dos túneis de sombra.

CAVALEIRO E RA'ZAC

ragon estava sentado, banhado pela luminosidade fria da sua luz-viva vermelha no salão revestido de celas perto do centro de Helgrind. Seu cajado estava atravessado no colo.

E A rocha repercutia sua voz enquanto ele repetia inúmeras vezes uma frase na língua antiga. Não era magia, mas uma mensagem para o Ra'zac que restava. O que ele dizia significava isto:

— Vem, ó devorador de carne humana, terminemos essa nossa luta. Estás ferido, e estou exausto. Teus companheiros morreram, e eu estou sozinho. Somos adversários à altura um do outro. Prometo não usar ciência oculta contra ti, nem te ferir, nem te prender com encantos que eu já tenha lançado. Vem, ó devorador de carne humana, terminemos essa nossa luta. . O tempo durante o qual ele falou pareceu interminável: um nunca-semfim numa câmara de tons medonhos, que permaneceu inalterada por toda uma eternidade de palavras repetidas, cuja ordem e importância deixaram de fazer diferença para ele. Momentos mais tarde, seus pensamentos clamorosos emudeceram, e uma estranha calma começou a dominá-lo.

Calou-se com a boca aberta e então a fechou, atento.

Uns dez metros de distância à sua frente, estava parado o Ra'zac. Sangue gotejava da bainha dos trajes esfarrapados da criatura.

— Meu sssenhor não quer que eu mate vocccê — disse ele, chiando.

— Mas agora, para você, isso não faz diferença.

— Não. Ssse eu cair diante do ssseu cajado, Galbatorix que lide com vocccê como quiser. Ele tem mais coraçççõesss que vocccê.

— Corações? — Eragon deu uma risada. — Eu sou o defensor do povo, não ele.

— Garoto bobo. — O Ra'zac inclinou um pouco a cabeça de lado, olhando para além de Eragon, para o corpo do outro Ra'zac mais adiante no túnel. — Ela era da minha ninhada. Vocccê ficou maisss lorir dcsssde que nosss conhecemosss, Matador de Espectrosss.

— Era isso ou morrer.

— Quer fazer um pacto comigo, Matador de Espectrosss?

— Que tipo de pacto?

— Sssou o último da minha raççça, Matador de Essspectrosss. Sssomosss antigosss, e eu não queria que fôssemosss esssquecidos. Nasss sssuasss cançççõesss e nasss sssuasss históriasss, vocccê lembraria aos ssseresss humanosss o terror que inssspirávamosss na sssua essspécie?. . Lembre-ssse de nósss como o *medo*!

— Por que eu faria isso por você?

Abaixando o bico contra o tórax estreito, o Ra'zac cacarejou e trinou consigo mesmo por alguns instantes.

— Porque — respondeu ele — vou lhe contar um sssegredo, vou sssim.

— Então conte.

— Sssua palavra primeiro, para vocccê não me enganar.

— Não. Você me conta o segredo, e eu decido se concordo ou não.

Mais de um minuto se passou, e nenhum dos dois se mexeu, embora

Eragon mantivesse os músculos retesados e prontos, na expectativa de um ataque surpresa. Depois de outra rajada de estalidos agudos, o Ra'zac falou.

— Ele quase dessscobriu o *nome*.

— Quem?

— Galbatorix.

— O nome de quê?

— Não posso lhe dizer! — respondeu o Ra'zac, chiando de frustração.

— O *nome*! O verdadeiro *nome*!

— Você precisa me dar mais informações.

— Não tenho como!

— Então, nada de pacto.

— Maldito ssseja, Cavaleiro! Eu o amaldiçççôo! Que vocccê não encontre teto, nem toca, nem paz de essspírito nesssta sssua terra. Que vocccê

vá embora da Alagaësia para nunca voltar!

A nuca de Eragon formigou de pavor. Na sua mente, ele ouviu mais uma vez as palavras de Angela, a herbolária, quando tinha lançado seus ossos de dragão para ele, lido sua sorte e previsto exatamente o mesmo destino. Um caminho de sangue separava Eragon do seu inimigo quando o Ra'zac abriu a capa empapada, revelando um arco que ele segurava com uma flecha pronta para ser encaixada na corda. Erguendo e preparando a arma, o Ra'zac desfechou a seta na direção do peito de Eragon.

Com o cajado, Eragon desviou a flecha.

Como se essa tentativa não fosse mais do que um gesto preliminar que os costumes determinavam que observassem antes de passar ao confronto de fato, o Ra'zac se abaixou, pôs o arco no chão, endireitou o capuz e devagar e deliberadamente sacou sua espada de lâmina em forma de folha que estava por baixo de suas vestes. Enquanto fazia isso, Eragon ficou em pé e assumiu uma postura de combate, segurando firme o cajado.

Os dois investiram um contra o outro. O Ra'zac tentou fender Eragon da clavícula ao quadril, mas o Cavaleiro se contorceu e se desviou do golpe. Empurrando de baixo para cima a ponta do cajado, ele fincou a ponteira metálica por baixo do bico do Ra'zac e através das placas que protegiam o pescoço da criatura.

O Ra'zac estremeceu uma vez e desmoronou.

Eragon ficou olhando para seu inimigo mais odiado, para seus olhos pretos sem pálpebras e de repente sentiu uma fraqueza nos joelhos e vomitou na parede do corredor. Limpando a boca, ele arrancou o cajado do pescoço do Ra'zac e sussurrou:

— Por nosso pai. Por nossa casa. Por Carvahall. Por Brom... Já me saciei com essa vingança. Que você apodreça aqui para sempre, Ra'zac. Dirigindo-se à cela correta, Eragon recolheu Sloan, que ainda estava imerso no sono encantado, jogou o açougueiro por cima do ombro e então começou a refazer seu caminho, até a caverna principal de Helgrind. No caminho, muitas vezes abaixou Sloan deixando-o no chão para ir explorar uma câmara ou desvio que não tinha visitado antes. Nesses lugares, descobriu muitos instrumentos maléficos, entre eles quatro frascos metálicos de óleo de Seithr, que destruiu imediatamente para que ninguém mais usasse o ácido que corroía a carne em planos nefastos.

O sol quente picou o rosto de Eragon quando ele saiu cambaleando da rede de túneis. Prendendo a respiração, passou às pressas pelo Lethrblaka morto e foi até a borda da enorme caverna, de onde olhou pelo precipício que era a encosta de Helgrind para os morros lá embaixo. A oeste, viu uma coluna de poeira laranja que crescia acima do caminho que ligava o lugar a DrasLeona, indicando a aproximação de um grupo montado a cavalo. Seu lado direito estava ardendo por sustentar o peso de Sloan. Por isso, Eragon passou o açougueiro

para o outro ombro. Ele piscou para se livrar das gotas de suor grudadas nos cílios enquanto se esforçava para solucionar o problema de como transportar a si mesmo e a Sloan até o chão a mais de cinco mil pés abaixo dali.

— E uma descida de mais de um quilômetro e meio de altura —

murmurou. — Se houvesse uma trilha, eu poderia transpor essa distância com facilidade, mesmo carregando Sloan. Preciso ter forças para nos levar para baixo com magia.. Sim, mas o que se pode fazer ao longo de um determinado tempo pode exigir demais para ser realizado de uma única vez sem a pessoa se matar. Como Oromis disse, o corpo não tem como converter em energia sua reserva de combustível com a rapidez suficiente para sustentar a maioria dos encantos por mais do que alguns segundos. Para cada momento, disponho somente de uma determinada quantidade de força, e uma vez esgotada, preciso esperar até me recuperar. . E falar sozinho não vai me levar a lugar nenhum. — Certificando-se de que Sloan estava seguro, Eragon fixou os olhos num pequeno ressalto a cerca de trinta metros dali. *Isso vai doer*, pensou ele, preparando-se para tentar. Depois, disse com a voz rouca: — Audr!

Eragon sentiu que se elevava a alguns centímetros do piso da caverna.

— Fram — disse ele, e o encantamento o empurrou de Helgrind para o espaço aberto, onde ele pairou, como uma nuvem vagando pelo céu. Como estava acostumado a voar com Saphira, a visão de nada a não selar ar rarefeito abaixo de seus pés ainda lhe causou inquietação.

Manipulando o fluxo da magia, Eragon desceu rapidamente do covil dos Ra'zac — que a muralha de pedra insubstancial voltou a esconder — para o ressalto. Sua bota escorregou num pedaço solto de rocha quando ele pousou. Por segundos, ele agitou os braços procurando um ponto de apoio, mas sem conseguir olhar para baixo, já que uma inclinação da cabeça poderia fazê-lo despencar. Ele deu um pequeno grito quando sua perna esquerda saiu do ressalto e ele começou a cair. Antes que pudesse recorrer à magia para se salvar, ele parou abruptamente quando seu pé esquerdo ficou preso numa fissura. As bordas da fenda machucavam sua panturrilha por baixo da greva, mas ele não se importava, pois era aquilo que o mantinha no lugar. Eragon encostou-se em Helgrind, usando a rocha para ajudar a sustentar o corpo inerte de Sloan.

— Não foi tão ruim assim — comentou ele. O esforço teve seu preço, mas não tanto que o deixasse incapacitado para continuar. — Isso eu posso fazer — disse ele. Puxou ar fresco para dentro dos pulmões, esperando que seu coração disparado se acalmasse. Sua sensação era a de que tinha corrido uns vinte metros carregando Sloan. — Isso eu posso fazer. .

Seu olhar foi mais uma vez atraído pelos cavaleiros que se aproximavam. Dava para perceber que estavam mais perto do que antes e atravessavam a galope a terra seca a uma velocidade que o preocupou. *É uma competição entre mim e eles, concluiu Eragon. Preciso escapar antes que eles cheguem a Helgrind. Com certeza há mágicos entre eles, e eu não estou em condições adequadas para enfrentar os feiticeiros de Galbatorix.*

— Talvez você possa me ajudar um pouco, hein? — disse ele, olhando de relance para o rosto de Sloan. — E o mínimo que pode fazer, levando-se em conta que estou me expondo à morte ou coisa pior por você. — O

açougueiro adormecido rolou a cabeça, perdido no mundo dos sonhos. Com um resmungo, Eragon pulou de Helgrind. Mais uma vez disse

"Audr" e mais uma vez flutuou no ar. Agora, contou com a força de Sloan, por pequena que fosse, assim como a sua própria. Juntos eles foram caindo como duas aves estranhas ao longo do flanco irregular de Helgrind na direção de mais um ressalto, cuja largura prometia um abrigo seguro.

Dessa maneira, Eragon orquestrou sua descida. Não seguiu em linha reta, mas preferiu sair de viés para a direita, de modo que acompanharam a curva de Helgrind, e a massa de pedra sólida escondeu os dois dos cavaleiros. Iam mais devagar, quanto mais perto do chão chegavam. Uma fadiga esmagadora dominou Eragon, reduzindo a distância que ele conseguia percorrer de cada vez, e dificultando cada vez mais sua recuperação durante as pausas entre os grandes esforços. Até mesmo levantar um dedo se tornou uma tarefa excessiva, além de ser quase insuportavelmente trabalhosa. A sonolência o isolava em suas dobras aquecidas e embotava seus pensamentos e sensações até as mais duras rochas parecerem macias como travesseiros aos seus músculos doloridos.

Quando por fim caiu no solo crestado pelo sol, fraco demais para impedir que Sloan e ele batessem com violência na terra — Eragon ficou deitado com os braços cruzados em ângulos estranhos por baixo do peito, olhando com os olhos semicerrados para as partículas amarelas de citrino engastadas na pequena rocha a cerca de cinco centímetros do seu nariz. Sloan pesava nas suas costas como uma pilha de lingotes de ferro. O ar vazava aos poucos dos pulmões de Eragon, mas não parecia voltar.

Sua visão escureceu como se uma nuvem tivesse coberto o sol. Uma calmaria mortal separava cada batimento do seu coração; e o palpitar, quando vinha, não era mais do que uma leve oscilação.

Eragon já não era capaz de ser coerente, mas, em algum ponto no fundo do seu cérebro, tinha consciência de que estava prestes a morrer. Isso não o assustava. Pelo contrário, a perspectiva o consolava, pois estava mais cansado do que seria possível acreditar, e a morte o libertaria do invólucro contundido da carne, permitindo que ele descansasse por toda a eternidade. Do alto e por trás da sua cabeça, surgiu um besouro-mangangá do tamanho do seu polegar. Ele deu uma volta perto da sua orelha e depois pairou junto da rocha, sondando os pontos de citrino, que eram do mesmo amarelo vivo das estrelas-de-ouro que floriam entre os montes. A crina do mangangá brilhava à luz da manhã — cada pêlo nítido e distinto aos olhos de Eragon —, e suas asas meio desfocadas geravam uma leve vibração, como um tamborilar delicado. As cerdas nas suas pernas estavam cobertas de pólen. O mangangá era tão vibrante, tão cheio de vida e tão belo que sua presença renovou a vontade de sobreviver de Eragon. Um mundo que continha uma criatura tão espantosa quanto aquele mangangá era um mundo no qual ele queria

viver.

Por pura força de vontade, conseguiu soltar a mão esquerda do peso do peito e agarrou a haste lenhosa de um arbusto próximo. Como uma sanguessuga, um carrapato ou algum outro parasita, ele extraiu a vida da planta, deixando-a esgotada e marrom. A subseqüente onda de energia que percorreu Eragon aguçou sua percepção. Agora estava apavorado. Tendo recuperado o desejo de continuar a existir, não encontrava nada a não ser terror nas trevas mais além.

Arrastando-se em frente, pegou outro arbusto e transferiu a vitalidade da planta para seu corpo. Passou então para um terceiro, um quarto e assim por diante até mais uma vez possuir a plena capacidade de suas forças. Ergueu-se e olhou para o rastro de plantas secas que se estendia atrás dele. Um gosto amargo encheu sua boca quando viu o que tinha provocado. Eragon soube que tinha sido descuidado com a magia e que seu comportamento inconseqüente teria condenado os Varden à derrota certa caso morresse. Em retrospectiva, sua estupidez lhe causou repulsa. *Brom me arrancaria as orelhas por eu me meter nesta encrenca,* pensou. Voltando a Sloan, Eragon levantou do chão o açougueiro macilento. Depois, voltou-se para o leste e começou a se afastar de Helgrind a passos largos, aproveitando um barranco para se ocultar. Dez minutos mais tarde, quando parou para verificar se estava sendo perseguido, viu uma nuvem de poeira em turbilhão aos pés da montanha, o que supôs significar que os cavaleiros tinham chegado à torre escura de pedra.

Ele sorriu. Os lacaios de Galbatorix estavam longe demais para que qualquer mágico inferior em suas fileiras detectasse sua mente ou a de Sloan. *Quando chegarem a descobrir os corpos dos Ra'zac, pensou, eu já terei percorrido uma légua ou mais. Duvido que consigam me encontrar então. Além disso, sua procura será por um dragão e seu Cavaleiro, não por um homem viajando a pé.*

Satisfeito por não ter de se preocupar com um ataque iminente, Eragon retomou seu ritmo anterior: passos largos, regulares e contidos, que ele poderia manter pelo dia inteiro.

Acima dele, o sol refulgia branco e dourado. A sua frente, uma região erma sem trilhas se estendia por muitas léguas antes de bater na periferia de algum povoado. E no seu coração brilhavam uma nova alegria e esperança. Finalmente, os Ra'zac estavam mortos!

Ao final, sua busca por vingança estava encerrada. Por fim ele tinha cumprido seu dever para com Garrow e para com Brom. E ainda havia se livrado da nuvem de medo e raiva sob a qual se desdobrara desde o instante em que os Ra'zac apareceram em Carvahall pela primeira vez. Matá-los tinha demorado muito mais do que imaginara, mas agora estava feito. E que feito admirável! Permitiu-se sentir a satisfação de ter realizado algo tão difícil, se bem que com o auxílio de Roran e Saphira.

No entanto, para sua surpresa, o triunfo tinha um sabor amargo, contaminado por uma sensação inesperada de perda. Sua caçada aos Ra'zac tinha sido um dos últimos vínculos com sua vida no vale Palancar, e não lhe agradava abandonar esse vínculo, por mais medonho que fosse. Além do mais, a tarefa lhe dera um objetivo na vida numa época em que ele não tinha nenhum.

Era a razão pela qual, para começar, tinha saído da sua terra natal. Sem a missão, abria-se nele um vazio no lugar em que tinha abrigado o ódio aos Ra'zac.

Que pudesse lamentar o fim de uma missão tão terrível deixou Eragon perplexo, e ele jurou que evitaria cometer o mesmo erro duas vezes. *Eu me recuso a me apegar tanto à minha luta contra o Império, Murtagh e Galbatorix que eu acabe sem vontade de seguir adiante para outros objetivos se e quando chegar a hora — ou, pior, que eu tente prolongar o conflito em vez de me adaptar ao que acontecer depois*. Decidiu então afastar seu lamento e se concentrar, sim, no alívio que sentia: alívio por estar livre das exigências sinistras da busca que tinha imposto a si mesmo e por saber que as únicas obrigações que lhe restavam eram as geradas por sua posição atual.

A exultação o deixou leve. Com a destruição dos Ra'zac, Eragon tinha a sensação de que podia finalmente levar uma vida baseada não em quem ele tinha sido, mas em quem tinha se tornado: um Cavaleiro de Dragão. Sorriu para o horizonte recortado e riu enquanto corria, indiferente à

possibilidade de que alguém o ouvisse. Sua voz ecoou para cima e para baixo do barranco, ao seu redor. Tudo parecia novo, bonito e promissor.

CAMINHAR SOZINHO

PELA TERRA

estômago de Eragon gorgolejava.

Estava deitado de costas, sobre as pernas dobradas — um alongamento para as coxas depois de correr uma distância maior e O levando mais peso do que jamais tinha feito —, quando o ronco

alto, líquido, irrompeu das suas entranhas.

O som foi tão inesperado que Eragon se empertigou assustado, tateando em busca do cajado.

O vento zunia pela terra vazia. O sol tinha se posto; e, na sua ausência, tudo estava azul e roxo. Nada se mexia, exceto as folhas de capim que esvoaçavam, e Sloan, cujos dedos se abriam e se fechavam em resposta a alguma visão no seu sono encantado. Um frio de doer os ossos anunciava a verdadeira chegada da noite.

Eragon relaxou e se permitiu um pequeno sorriso. Seu divertimento logo se extinguiu quando refletiu mais sobre a fonte do seu desconforto. Lutar com os Ra'zac, lançar inúmeros encantos e carregar Sloan nos ombros pela maior parte do dia tinham deixado Eragon tão faminto que ele imaginou que, se pudesse viajar no tempo, conseguiria comer todo o banquete que os anões prepararam em sua homenagem durante a sua visita a Tarnag. A lembrança do aroma do

Nagra, o javali gigante, assado — ardido, picante, temperado com mel e especiarias, e gotejando gordura — bastava para lhe dar água na boca. O problema era que ele não tinha provisões. Era bastante fácil conseguir água; ele podia extrair umidade do solo sempre que quisesse. Encontrar alimento naquele lugar desolado era, porém, não só muito mais difícil, era algo que lhe apresentava um dilema moral que ele tinha esperado evitar.

Oromis tinha dedicado muitas aulas às várias regiões climáticas e geográficas que existiam em toda a Alagaësia. Por isso, quando Eragon deixou o acampamento para investigar a área ao redor, ele foi capaz de identificara maioria das plantas que encontrou. Poucas eram comestíveis; e dessas, nenhuma tinha o tamanho ou a quantidade suficiente para ele conseguir colher uma refeição para dois homens adultos num prazo razoável. Com certeza os animais locais deviam ter escondido estoques de sementes e frutas, mas ele não fazia idéia do ponto por onde devia começar a procurar por eles. Também não considerava provável que um camundongo do deserto tivesse acumulado mais do que alguns bocados de alimento.

Isso o deixava com duas opções, nenhuma delas atraentes. Poderia —

como tinha feito antes — esgotar a energia das plantas e insetos em torno do acampamento. O preço disso seria deixar uma área morta sobre a terra, uma devastação onde nada permanecesse vivo, nem mesmo os minúsculos organismos do solo. E, embora ele e Sloan pudessem com isso se manter em pé, transfusões de energia estavam longe de ser satisfatórias, pois nada faziam para saciar o estômago.

Ou ele podia caçar.

Eragon franziu o cenho e girou a ponta do cajado no chão. Depois de compartilhar os pensamentos e desejos de inúmeros animais, ele sentia repugnância diante da idéia de comer um. Mesmo assim, não estava disposto a se enfraquecer e talvez permitir que o Império o capturasse só por ter ficado sem jantar para poupar a vida de um coelho. Tanto Saphira quanto Roran tinham salientado que toda criatura viva sobrevivia se alimentando de alguma outra. *Nosso mundo é cruel, pensou ele, e eu não posso mudar o jeito como foi feito. . Os elfos podem estar certos ao evitar carne, mas, neste momento, minha necessidade é enorme. Eu me recuso a sentir culpa se as circunstâncias me impelem. Não é crime apreciar um pouco de bacon, uma truta ou seja lá o que for.*

Continuou a se tranqüilizar com vários argumentos, mas a repulsa à

idéia ainda fazia nós em seu estômago. Por quase meia hora, não saiu do lugar, incapaz de fazer o que a lógica lhe dizia ser necessário. Depois, tomou consciência de como era tarde e se amaldiçoou pela perda de tempo. Precisava de cada minuto de descanso que conseguisse obter.

Reunindo coragem, Eragon enviou ramificações da sua mente para sondar a região até localizar dois lagartos grandes e, toda enrolada numa toca arenosa, uma colônia de roedores que lhe lembraram um cruzamento entre rato, coelho e esquilo.

— Deyja — disse Eragon, e matou os lagartos e um roedor. Morreram instantaneamente e sem dor, mas ele ainda trincou os dentes enquanto extinguia a forte chama de suas mentes.

Os lagartos, recolheu com as próprias mãos, virando as rochas por baixo das quais estavam escondidos. O roedor, porém, extraiu da toca por meio de magia. Teve o cuidado de não acordar os outros animais enquanto manobrava o corpo até a superfície. Parecia cruel aterrorizar os bichos com o conhecimento de que um predador invisível podia matá-los nos seus abrigos mais secretos.

Ele estripou, esfolou e limpou como pôde os lagartos e o roedor, enterrando as vísceras numa profundidade suficiente para escondê-las de animais que comem carniça. Com pedras finas e planas, ele construiu um pequeno forno, acendeu um fogo ali dentro e pôs a carne para assar. Sem sal, ele não teria como temperar direito nenhum tipo de comida, mas algumas das plantas nativas liberaram um aroma agradável quando ele as esmagou entre os dedos, e, com essas, recheou as carcaças, também esfregando-as por fora. Por ser menor que os lagartos, o roedor ficou pronto primeiro. Tirando-o do alto do forno improvisado, Eragon segurou a carne diante da boca. Fez uma careta e teria permanecido nas garras da repulsa se não precisasse continuar a cuidar do fogo e dos lagartos. As duas atividades o distraíram tanto que, sem pensar, ele obedeceu ao comando estridente da fome e comeu.

A primeira mordida foi a pior: ficou entalada na garganta, e o gosto de gordura quente ameaçou fazê-lo vomitar. Estremeceu e engoliu em seco duas vezes. Com isso, a vontade passou. Depois, foi mais fácil. Na realidade, ficou grato pela falta de sabor da carne, que o ajudou a se esquecer do que estava mastigando.

Comeu o roedor inteiro e parte de um lagarto. Arrancando o último pedaço de carne de um osso fino de perna, deu um forte suspiro de satisfação e então hesitou, mortificado, ao perceber que, apesar de si mesmo, tinha apreciado a refeição. Sua fome era tamanha que o jantar escasso lhe pareceu delicioso, uma vez que havia superado suas inibições. *Talvez*, refletia, *quem sabe, quando eu voltar. . se me encontrar à mesa de Nasuada ou do rei Orrin, e carne for servida.. talvez, se eu sentir vontade e for uma grosseria recusar, eu pudesse comer alguns bocados. . não vou comer corno comia antes, mas também não vou ser tão rígido como os elfos. A moderação é uma política mais sábia que o fanatismo, creio eu.* A luz das brasas no torno, examinou as mãos de Sloan. O açougueiro estava ali, a um metro ou dois de distância, onde Eragon o tinha deitado. Dezenas de cicatrizes brancas e finas riscavam de um lado para outro seus dedos longos e ossudos, com as juntas grossas e unhas compridas que, embora em Carvahall se mantivessem meticulosamente limpas, agora, estavam quebradas, rasgadas e enegrecidas com a imundície acumulada. As cicatrizes comprovavam a quantidade relativamente pequena de erros cometidos por Sloan ao longo das décadas que tinha passado manejando facas. Sua pele era enrugada, ressecada pelo tempo e marcada por veias salientes, semelhantes a minhocas. Já os músculos por baixo eram duros e magros.

Eragon se agachou, cruzando os braços sobre os joelhos.

— Não posso simplesmente deixá-lo sair por aí — murmurou. Se agisse desse modo, Sloan

poderia acabar encontrando Roran e Katrina, uma perspectiva que Eragon considerava inaceitável. Além disso, muito embora não fosse matar Sloan, acreditava que o açougueiro deveria ser punido por seus crimes.

Eragon não tinha sido amigo íntimo de Byrd, mas sabia que era um homem bom, honesto e leal. Lembrava-se também da mulher de Byrd, Felda, e dos seus filhos com algum carinho, pois Garrow, Roran e Eragon tinham comido e dormido na sua casa em várias ocasiões. Portanto, a morte de Byrd o havia abalado como um ato particularmente cruel, e achava que a família do vigia merecia justiça, mesmo que nunca tomassem conhecimento.

Contudo, o que constituiria uma punição correta? *Eu me recusei a me tornar um carrasco, pensou Eragon, só para me tornar um juiz. O que eu sei sobre a lei?*

Pondo-se de pé, ele foi até Sloan e se curvou junto do seu ouvido, dizendo "Vakna".

Com um sobressalto, Sloan acordou, riscando o chão com as mãos rijas. O que restava das suas pálpebras estremeceu quando, por instinto, tentou abri-las para olhar ao redor. Em vez disso, continuava preso na sua própria noite.

— Tome, coma isso — disse Eragon, empurrando a metade que sobrara do seu lagarto na direção de Sloan, que, apesar de não enxergar, sem dúvida sentia o aroma da comida.

— Onde estou? — perguntou Sloan. Com as mãos trêmulas, começou

a explorar as rochas e plantas à sua frente. Tocou os pulsos e tornozelos lacerados e pareceu confuso ao descobrir.que os grilhões tinham sumido.

— Os elfos e também os Cavaleiros em tempos passados chamavam este lugar de Mírnathor. Os anões se referem a ele como Werghadn; e os humanos, como Charneca Cinzenta. Se isso não lhe servir de resposta, então talvez sirva dizer que estamos a uma quantidade de léguas a sudeste de Helgrind, onde você estava encarcerado.

Sloan formou com os lábios a palavra *Helgrind*.

— Você me salvou?

— Salvei.

— E o que houve com.. ?

— Deixe suas perguntas para depois. Coma primeiro.

Seu tom severo teve o efeito de um açoite sobre o açougueiro. Sloan se encolheu e estendeu os dedos, tateando, para segurar o lagarto. Eragon soltou o alimento e voltou para seu lugar ao lado do forno de pedra. Com as mãos em concha jogou punhados de terra sobre as brasas, apagando o clarão para que não denunciasse sua presença na improvável hipótese de que

houvesse mais alguém ali por perto.

Depois de uma lambida inicial hesitante, para determinar o que Eragon lhe tinha dado, Sloan fincou os dentes no lagarto e rasgou um bom naco da carcaça. A cada mordida, entupia a boca com o máximo de carne que conseguia, e só mastigava uma vez ou duas antes de engolir e repetir o processo. Limpou osso por osso, com a eficiência de um homem que possuía um conhecimento profundo de como os animais eram estruturados e de qual era o modo mais rápido de desconjuntá-los. Os ossos ele deixou cair numa pilha organizada à sua esquerda. Quando o último pedaço de carne do rabo do lagarto sumiu pela goela de Sloan, Eragon lhe entregou o outro réptil, que ainda estava inteiro. O homem deu um resmungo de agradecimento e continuou a se empanturrar, sem fazer a menor menção de limpar a gordura da boca e do queixo.

O segundo lagarto se revelou grande demais para Sloan. Parou duas costelas acima da parte inferior da cavidade torácica e pôs o que restava do animal na pilha de ossos. Então, empertigou-se, passou a mão de um lado a outro da boca e ajeitou o cabelo comprido para trás das orelhas.

— Obrigado, estranho senhor, por sua hospitalidade. Faz tanto tempo que não faço uma refeição decente que acho que valorizo sua comida ainda mais que minha liberdade.. Se me permite uma pergunta, o senhor tem notícia de minha filha, Katrina, e do que aconteceu com ela? Ela estava presa comigo em Helgrind. — Sua voz continha uma complexa mistura de emoções: respeito, medo e submissão diante de uma autoridade desconhecida; esperança e receio quanto ao destino da filha; e uma determinação tão inabalável quanto as montanhas da Espinha. O único elemento que Eragon esperava ouvir, mas não ouvia, era o desdém zombeteiro que Sloan demonstrava para com ele quando se deparavam um com o outro em Carvahall.

— Ela está com Roran.

— Roran! — disse Sloan, boquiaberto. — Como ele chegou aqui? Os

Ra'zac também o capturaram? Ou. .

— Os Ra'zac e suas montarias estão mortos.

— Você os *matou*? Como?. . Quem... — Por um instante, Sloan ficou parado, como se estivesse gaguejando com o corpo inteiro, e então deixou o queixo cair, com os ombros afundados, e se agarrou a um arbusto para se apoiar, abanando a cabeça. — Não, não, não. . *Não*. . Não pode ser. Os Ra'zac falaram nisso. Exigiram respostas que eu não sabia, mas *achei*.. Quer dizer, quem poderia acreditar. .?

Seu corpo arfava com tanta violência que Eragon se perguntou se Sloan iria se ferir. O homem então murmurou, ofegante, como se estivesse sendo forçado a falar depois de levar um soco no estômago.

— Você não pode ser *Eragon*.

Uma noção de fatalidade e destino se abateu sobre Eragon. Sentia-se como se fosse o instrumento desses dois senhores impiedosos e reagiu de acordo, reduzindo o ritmo da fala para que cada palavra caísse como um golpe de martelo e transmitisse todo o peso da sua dignidade, posição e cólera.

— Sou Eragon e muito mais. Sou Argetlam, Matador de Espectros e Espada de Fogo. Meu dragão é Saphira, aquela que também é conhecida como Bjartskular e Língua em Chamas. Aprendemos com Brom, que foi Cavaleiro antes de nós, com os anões e com os elfos. Já lutamos contra os Urgals, contra um Espectro e contra Murtagh, filho de Morzan. Servimos aos Varden e ao povo da Alagaësia. E eu o trouxe aqui, Sloan Aldensson, para julgá-lo por assassinar Byrd e trair Carvahall entregando-a ao Império.

— Você está mentindo! Você não pode ser. .

— Mentindo? — rugiu Eragon. — Eu não minto! — Avançando com

sua mente, mergulhou a consciência de Sloan na sua própria e forçou o açougueiro a aceitar memórias que confirmavam a veracidade do que dizia. Também queria que Sloan sentisse seu poder e percebesse que ele já não era totalmente humano. E, embora relutasse em admitir, Eragon estava gostando de exercer controle sobre um homem que muitas vezes havia criado problemas para ele além de atormentá-lo com provocações, insultando tanto a ele como a sua família. Retirou-se meio minuto depois.

Sloan continuou a tremer, mas não se prostrou, humilhado, como Eragon achou que poderia fazer. Pelo contrário, a expressão do açougueiro se tornou fria e insensível.

— O diabo que o carregue! Não preciso dar explicações a você, Eragon, Filho de Ninguém. Entenda, porém, o seguinte: fiz o que fiz pelo bem de Katrina e por mais nada.

— Eu sei. Essa é a única razão para você ainda estar vivo.

— Faça o que quiser comigo, então. Não me importo, desde que ela esteja em segurança. . Ora, vamos! O que vai ser? Uma surra? Um estigma?

Eles já tiraram meus olhos. Então, uma das minhas mãos? Ou vai me deixar aqui para morrer de fome ou ser recapturado pelo Império?

— Ainda não me decidi.

Sloan fez que sim num movimento abrupto e puxou as roupas esfarrapadas em volta dos braços e pernas para se proteger do frio da noite. Ficou ali, sentado com precisão militar, contemplando com órbitas inexpressivas e vazias as sombras que cercavam seu acampamento. Não implorou. Não pediu misericórdia. Não negou seus atos nem tentou aplacar a disposição de Eragon. Simplesmente permaneceu sentado, esperando, protegido pela armadura da sua

força moral de um estoicismo perfeito. Sua coragem impressionou Eragon.

A paisagem escura ao redor deles parecia de uma imensidão incalculável para Eragon, e ele tinha a impressão de que toda aquela amplidão oculta estava convergindo sobre ele, uma noção que agravava sua ansiedade quanto à

escolha que tinha pela frente. *Meu veredicto moldará o resto da sua vida, pensou.* Abandonando por um instante a questão da punição, Eragon refletiu sobre o que sabia de Sloan: o amor supremo que o açougueiro tinha por Katrina — obsessivo, egoísta e no geral nocivo como era, apesar de um dia ter sido algo saudável —, seu ódio e medo da Espinha, que resultaram da dor pela perda da mulher, Ismira, que caíra para a morte daqueles picos que rasgavam os céus; seu distanciamento dos ramos remanescentes da família; o orgulho pelo seu trabalho; as histórias que Eragon tinha ouvido sobre a infância do açougueiro; e o próprio conhecimento de Eragon de como era a vida em Carvahall.

Ele pegou a coleção de percepções fragmentadas, dispersas e as examinou mentalmente, avaliando sua importância. Procurou encaixá-las, como peças de um quebra-cabeça. Não teve muito sucesso, mas persistiu; aos poucos detectou uma infinidade de ligações entre os acontecimentos e as emoções na vida de Sloan, e, com isso, teceu uma trama complexa, cujos desenhos representavam quem Sloan era. Ao lançar o último fio da trama, Eragon teve a impressão de que finalmente compreendia os motivos para o comportamento de Sloan. Por isso, conseguiu alguma empatia com ele. Mais do que uma empatia, sentia que compreendia Sloan, que tinha isolado os elementos centrais de sua personalidade, aqueles aspectos que não poderiam ser removidos sem modificá-lo irrevogavelmente. Ocorreram-lhe, então, três palavras na língua antiga que pareciam encarnar Sloan. E, sem pensar, Eragon murmurou muito baixo as palavras.

O som não poderia ter chegado a Sloan, mas ele se mexeu — com as mãos agarradas às coxas —, e sua expressão passou a demonstrar inquietação. Um formigamento frio desceu pelo lado esquerdo de Eragon, e a pele dos seus braços e pernas se arrepiou enquanto ele observava o açougueiro. Pensou numa série de explicações diferentes para a reação de Sloan, cada uma mais rebuscada que a outra, mas apenas uma pareceu plausível, e até mesmo essa era improvável na sua opinião. Ele murmurou as três palavras novamente. Como antes, Sloan se mexeu sem sair do lugar, e Eragon ouviu seu resmungo:

— ... a morte passou aqui por perto.

Eragon soltou uma respiração trêmula. Era difícil para ele acreditar, mas seu teste não deixava a menor dúvida: ele, totalmente por acaso, tinha dado com o verdadeiro nome de Sloan. A descoberta o deixou bastante confuso. Saber o verdadeiro nome de alguém era uma grande responsabilidade, pois esse conhecimento lhe conferia poder absoluto sobre aquela pessoa. Por causa dos riscos inerentes, os elfos raramente revelavam seus nomes verdadeiros; e, quando o faziam, era somente a alguém em quem confiassem sem reservas.

Eragon nunca tinha aprendido o nome verdadeiro de ninguém até

aquele momento. Sempre tinha calculado que, se o fizesse, seria como um presente de alguém de quem gostasse muito. Conquistar o verdadeiro nome de Sloan sem seu consentimento era um desdobramento para o qual Eragon não estava preparado e com o qual não tinha certeza se saberia lidar. Ocorreulhe então que, para adivinhar o verdadeiro nome de Sloan, devia entender o açougueiro melhor do que entendia a si mesmo, pois não fazia a menor idéia de qual pudesse ser o seu próprio.

A conscientização foi incômoda. Suspeitava que — dada a natureza de seus inimigos — não saber tudo o que pudesse a respeito de si mesmo poderia acabar se revelando fatal. Jurou então dedicar mais tempo à

introspecção e à revelação de seu verdadeiro nome. *Talvez Oromis e Glaedr possam me dizer qual é,* pensou .

Por maiores que fossem as dúvidas e a confusão que o verdadeiro nome de Sloan despertou nele, esse conhecimento deu a Eragon o esboço de uma idéia de como lidar com o açougueiro. Mesmo depois de ter o conceito básico, ainda levou mais dez minutos para traçar o resto do plano e se certificar de que funcionaria como pretendia.

Sloan inclinou a cabeça na direção de Eragon quando o Cavaleiro se levantou e saiu do acampamento para a noite estrelada lá fora.

— Aonde você vai? — perguntou Sloan. Eragon permaneceu calado.

Perambulou pelo mato até encontrar uma rocha larga e baixa coberta com crostas de líquen e cora uma concavidade no formato de uma tigela no centro.

— Adurna reisa — disse ele. Em torno da rocha, inúmeras gotículas minúsculas de água vieram se infiltrando pelo solo até se reunirem em perfeitos tubos prateados que caíam em arco sobre a borda, descendo para a concavidade. Quando a água começou a transbordar e voltar para a terra, só

para voltar a ser dominada pelo encanto, Eragon dispensou o fluxo da magia. Esperou que a superfície da água se tornasse perfeitamente imóvel —

para que pudesse funcionar como um espelho e ficou em pé diante do que agora parecia ser uma bacia de estrelas.

— Draumr kópa — disse ele, então, além de muitas outras palavras, recitando uma fórmula mágica que lhe permitisse não apenas ver, mas também falar com outros que estivessem distantes. Oromis tinha lhe ensinado as variações da cristalomancia dois dias antes que ele e Saphira deixassem Ellesméra para ir a Surda.

A água ficou totalmente negra, parecia que alguém havia apagado as estrelas como se tossem velas. Depois de um instante, uma forma oval clareou o meio da água, e Eragon contemplou o interior de uma grande tenda branca, iluminada pela luz sem chamas de uma Erisdar vermelha,

uma das lanternas mágicas dos elfos.

Normalmente, Eragon não conseguiria enxergar por cristalomancia nenhuma pessoa ou lugar que não tivesse visto antes, mas o cristal vidente dos elfos era encantado de modo que transmitisse uma imagem das proximidades a qualquer um que entrasse em contato com ele. Da mesma forma, o encanto de Eragon projetaria uma imagem, dele e das proximidades sobre a superfície do cristal. O sistema permitia que desconhecidos entrassem em contato uns com os outros de qualquer local no mundo, o que era uma técnica inestimável em tempos de guerra.

Um elfo alto, de cabelos prateados e armadura marcada pelo combate entrou no campo visual de Eragon, e ele reconheceu lorde Däthedr, conselheiro da rainha Islanzadí e amigo de Arya. Se Däthedr ficou surpreso ao ver Eragon, não demonstrou. Inclinou a cabeça, levou aos lábios os dois primeiros dedos da mão direita e falou com a voz cantada.

— Atra esterní ono thelduin, Eragon Shur'tugal.

— Atra du evarínya ono varda, Däthedr-vodhr — respondeu Eragon,

imitando o gesto e fazendo a conversão mental para comunicar-se na língua antiga.

— Estou feliz em saber que você está bem, Matador de Espectros —

continuou Däthedr, em sua língua materna. Arya Dröttningu nos informou da sua missão há alguns dias, e ficamos muito preocupados com você e com Saphira. Espero que nada tenha dado errado.

— Não, mas me deparei com um imprevisto; e, se me for possível, gostaria de fazer uma consulta à rainha Islanzadí para ouvir seus sábios conselhos sobre essa questão.

Os olhos de gato de Däthedr quase se fecharam, tornando-se duas riscas inclinadas, que lhe deram uma expressão feroz indecifrável.

— Sei que você não pediria isso se não fosse importante, Eragonvodhr, mas tome cuidado: um arco retesado pode com a mesma facilidade se partir e ferir o arqueiro como lançar a flecha ao alvo. . Queira, por favor, aguardar, e irei perguntar pela rainha.

— Esperarei. Agradeço imensamente seu auxílio, Däthedr-vodhr. —

Quando o elfo virou as costas para o espelho e se afastou, Eragon fez uma careta. Não lhe agradavam as formalidades dos elfos, mas principalmente detestava tentar interpretar suas declarações enigmáticas. *Ele estava me avisando que armar esquemas e intrigas em torno da rainha é um passatempo perigoso ou que Islanzadí é um arco pronto para se partir? Ou será que ele queria dizer algo totalmente diferente?*

Pelo menos, tenho condição de entrar em contato com os elfos, pensou Eragon. Suas proteções impediam que qualquer coisa entrasse em Du Weldenvarden por meio de magia, o

que incluía a visão a distância da cristalomancia. Enquanto os elfos permanecessem em suas cidades, a comunicação com eles era possível somente por meio de mensageiros enviados floresta adentro. Mas agora que estavam em movimento e haviam deixado a sombra de seus pinheiros de acículas negras, seus impressionantes encantos já não os protegiam, e era possível usar recursos, como o da visão pelo cristal. Eragon ficou cada vez mais ansioso à medida que um minuto e depois outro passaram lentamente.

— Vamos — murmurou ele. E olhou rápido à sua volta para se certificar de que nenhuma pessoa nem animal estava se aproximando sorrateiramente enquanto ele mantinha o olhar fixo na água.

Com um som semelhante ao de tecido sendo rasgado, a aba de entrada da tenda foi aberta com violência quando a rainha Islanzadí a empurrou para um lado e veio veloz na direção do cristal. Usava um corselete brilhante de armadura feita com escamas douradas, reforçado por malha, grevas e um elmo primorosamente decorado — engastado com opalas e outras pedras preciosas

—, que prendia para trás suas trancas negras e ondulantes. Uma capa vermelha debruada de branco, que se enfurnava a partir dos seus ombros, fez com que Eragon se lembrasse da frente de uma tempestade iminente. Na mão esquerda, Islanzadí portava uma espada desembainhada. A mão direita estava vazia, mas parecia enluvada em vermelho; e, depois de um instante, Eragon percebeu que era sangue que gotejava, cobrindo seu pulso e dedos. As sobrancelhas inclinadas de Islanzadí se uniram quando ela contemplou Eragon. Com essa expressão, ela mostrava uma semelhança impressionante com Arya, embora sua estatura e postura causassem impacto ainda maior que as da filha. Era bela e terrível, como uma assustadora deusa da guerra.

Eragon tocou os lábios com os dedos, depois torceu a mão direita sobre o peito no gesto dos elfos para indicar lealdade e respeito. Recitou então a linha inicial do cumprimento formal dos elfos, falando primeiro, como era correto quando alguém se dirigisse a outro que fosse seu superior. Islanzadí

deu a resposta esperada e, num esforço para agradá-la e demonstrar seus conhecimentos dos costumes élficos, Eragon concluiu com a terceira linha da saudação, que era opcional.

— Que a paz viva no seu coração.

A ferocidade da postura de Islanzadí diminuiu um pouco, e um leve sorriso tocou seus lábios, um reconhecimento de seu gesto.

— E no seu também, Matador de Espectros. — Sua voz grave e cheia continha sugestões do farfalhar de acículas de pinheiros, do gorgolejar de regatos e de música tocada em pífanos. Embainhando a espada, ela atravessou a tenda até a mesa de armar e se postou em diagonal em relação a Eragon enquanto lavava o sangue da pele com a água de um jarro. — Receio que seja difícil encontrar a paz nestes nossos tempos.

— A luta está acirrada, Vossa Majestade?

— Estará em breve. Meu povo está se reunindo ao longo da borda ocidental de Du Weldenvarden, onde podemos nos preparar para matar r ser mortos enquanto estamos próximos das árvores que tanto amamos. Somos uma raça dispersa e não marchamos em fileiras como outras raças, por causa dos danos que esse tipo de movimentação causa à terra, e assim e preciso tempo para que possamos nos reunir vindo dos confins mais remotos da floresta.

— Entendo. Só que.. — Ele procurou um jeito de fazer sua pergunta sem ser grosseiro. — Se a luta ainda não começou, não posso deixar de me perguntar por que sua mão está manchada de sangue derramado.

Sacudindo dos dedos gotículas de água, Islanzadí levantou seu perfeito antebraço bronzeado para Eragon examinar, e ele percebeu que ela havia sido o modelo para a escultura de dois braços entrelaçados que estava na entrada da casa na árvore onde ele havia ficado em Ellesméra.

— Não está mais manchada. A única nódoa que o sangue deixa numa

pessoa é na sua alma, não no corpo. Eu disse que a luta ia se acirrar no futuro próximo, não que ainda não tínhamos começado. — Ela puxou de volta ao pulso a manga do corselete e da túnica por baixo. Do cinto cravejado de pedras preciosas em torno da cintura fina, retirou uma manopla costurada com fio de prata e nela enfiou a mão. — Estivemos observando a cidade de Ceunon, pois é lá que pretendemos atacar primeiro. Há dois dias, nossas tropas de reconhecimento avistaram turbas de homens e mulas que saíram de Ceunon para penetrar em Du Weldenvarden. Achamos que eles fossem apanhar madeira da borda da floresta, como costumam fazer. E uma prática que toleramos porque os humanos necessitam de madeira, e as árvores nos limites são jovens e estão praticamente fora da nossa influência, além do fato de que antes não quisemos nos expor. Contudo, as turbas não pararam nos limites da floresta. Eles se embrenharam em Du Weldenvarden, acompanhando trilhas de caçada com as quais estavam obviamente familiarizados. Estavam procurando as árvores mais altas e mais grossas: árvores da idade da própria Alagaësia, árvores que já eram antigas e adultas quando os anões descobriram Farthen Dûr. Quando as encontraram, eles começaram a derrubá-las. — Sua voz fervilhava de ódio. — Pelos seus comentários, soubemos por que estavam aqui. Galbatorix queria as maiores árvores que pudesse conseguir para substituir os engenhos de sítio e os aríetes que perdeu durante a batalha na Campina Ardente. Se seu motivo tivesse sido puro e honesto, nós poderíamos ter perdoado a perda de uma monarca de nossa floresta. Talvez até mesmo duas. Mas não vinte e oito.

Um calafrio percorreu Eragon.

— O que vocês fizeram? — perguntou ele, embora já suspeitasse da resposta.

Islanzadí levantou o queixo e endureceu o rosto.

— Eu estava presente com dois dos nossos batedores. Juntos, nós corrigimos o erro dos humanos. No passado, o povo de Ceunon tinha juízo e não invadia nossas terras. Hoje, nós lhes relembramos por que esse era o costume. — Sem parecer perceber, ela esfregou a mão direita como se lhe causasse dor e ficou olhando para além do cristal, fixando uma visão só sua.

— Você já aprendeu como é, Eragon-finiarel, tocar a força vital das plantas e animais à sua volta. Imagine como você os valorizaria se tivesse possuído essa capacidade pelos séculos afora. Nós doamos de nós mesmos para sustentar Du Weldenvarden, e a floresta é uma extensão dos nossos corpos e mentes. Qualquer ferimento que ela sofra nós sofremos também.. Somos um povo que demora a se inflamar; mas, uma vez inflamados, somos como os dragões. A fúria nos enlouquece. Já faz mais de cem anos que não derramo sangue em combate, nem eu nem praticamente qualquer outro elfo. O mundo se esqueceu daquilo de que somos capazes. Nossa força pode ter se reduzido desde a queda dos Cavaleiros, mas nós ainda faremos valer nossa plenitude. Aos olhos dos nossos inimigos, vai parecer que até mesmo os elementos se voltaram contra eles. Somos uma Raça Antiga, e nossas técnicas e conhecimentos superam de longe os dos mortais. Que Galbatorix e seus aliados estejam atentos, pois nós elfos estamos prestes a abandonar nossa floresta, e retornaremos vitoriosos ou jamais retornaremos.

Eragon estremeceu. Mesmo durante seu confronto com Durza, nunca

se deparara com uma determinação tão implacável e impiedosa.

Não é humano, pensou ele, e então riu de si mesmo. *É claro que não. E*

seria bom eu me lembrar disso. Por mais que sejamos parecidos — e, no meu caso, quase idênticos —, não somos seres da mesma espécie.

— Se vocês tomarem Ceunon, como vão controlar o povo de lá? Eles podem odiar o Império mais do que a própria morte, mas duvido que confiem em vocês, nem que seja só porque são humanos e vocês, elfos.

Islanzadí abanou a mão.

— Isso não tem importância. Uma vez dentro das muralhas da cidade, temos meios de garantir que ninguém se oponha a nós. Esta não é a primeira vez que lutamos com sua gente. — Ela então removeu o elmo, e seus cabelos caíram para a frente emoldurando o rosto entre as mechas negras. — Não fiquei satisfeita ao saber da sua incursão contra Helgrind, mas imagino que o ataque já esteja terminado e tenha tido êxito.

— Sim, Vossa Majestade.

— Então, minhas objeções são por nada. Advirto-o, porém, Eragon Shur'tugal, não se arrisque em aventuras tão desnecessariamente perigosas. O

que devo dizer é cruel, embora seja verdadeiro: sua vida é mais importante que a felicidade

do seu primo.

— Jurei a Roran que o ajudaria.

— Então jurou impensadamente, sem levar em consideração as conseqüências.

— A senhora preferiria que eu abandonasse aqueles com quem me importo? Se agisse desse modo, eu me tornaria um homem desprezível e indigno de confiança: um veículo malformado para as esperanças das pessoas que acreditam que eu, *de algum modo*, hei de derrubar Galbatorix. E ainda mais, enquanto Katrina fosse refém de Galbatorix, Roran estaria vulnerável a ser manipulado por ele.

A rainha ergueu uma sobrancelha afiada como uma adaga.

— Uma vulnerabilidade que você poderia ter impedido Galbatorix de explorar instruindo Roran a usar certos juramentos nesta língua da magia. . Não o aconselho a abandonar amigos nem parentes. Seria realmente uma loucura. Mas trate de manter em mente com firmeza o que está em jogo: a Alagaësia como um todo. Se fracassarmos agora, a tirania de Galbatorix se estenderá a todas as raças, e seu reino não terá fim. Você é a ponta da lança que é nosso esforço. E, se a ponta se partir e se perder, nossa lança resvalará

na armadura do inimigo, e nós também estaremos perdidos.

Camadas de líquen se quebraram debaixo dos dedos de Eragon enquanto ele agarrava a beira da bacia de pedra e reprimia o impulso de fazer um comentário impertinente sobre como um guerreiro bem equipado deveria ter uma espada ou outra arma além da lança. Sentia-se frustrado pelo rumo que a conversa tinha tomado e ansioso por mudar de assunto assim que possível. Não tinha entrado em contato com a rainha para ela poder repreendê-lo como se fosse uma criança. Entretanto, permitir que a impaciência ditasse suas ações de modo algum seria útil para sua causa. Por isso permaneceu calmo e respondeu:

— Acredite em mim, por favor, Vossa Majestade. Levo muito, muito a sério suas preocupações. Só posso dizer que, se eu não tivesse ajudado Roran, teria me sentido tão infeliz quanto ele, e ainda mais se ele tentasse salvar Katrina sozinho e morresse por isso. Num caso ou no outro, eu teria ficado abalado demais para ser de qualquer valia para a senhora, ou para qualquer um. Pelo menos, não podemos aceitar que discordamos quanto a esse assunto? Nenhum de nós dois conseguirá convencer o outro.

— Muito bem — disse Islanzadí. — Deixemos essa questão de lado. . por enquanto. Mas não pense que você escapou de uma investigação adequada da sua decisão, Eragon, Cavaleiro de Dragão. Parece-me que você

tem uma atitude frívola para com suas responsabilidades maiores, e essa é uma questão grave. Vou discuti-la com Oromis. Ele decidirá o que se deve fazer a seu respeito. Agora, diga-me, por que pediu esta audiência?

Eragon trincou os dentes algumas vezes antes de conseguir se forçar a explicar, num tom educado, os acontecimentos do dia, as razões para seus atos em relação a Sloan e a punição que pretendia para o açougueiro. Quando terminou, Islanzadí girou nos calcanhares e percorreu a circunferência da tenda, com movimentos ágeis como os de um gato, e então parou.

— Você decidiu ficar para trás, no meio do Império, para salvar a vida de um assassino e traidor. Você está sozinho com esse homem, a pé, sem provisões nem armas, exceto a magia, e seus inimigos estão no seu encalço. Vejo que minha repreensão anterior foi mais que justificada. Você. .

— Se Vossa Majestade tiver de me demonstrar sua ira, por favor, demonstre-a depois. Quero resolver esse assunto rapidamente para poder descansar antes do amanhecer. Tenho muitos quilômetros a percorrer amanhã.

— Sua sobrevivência é só o que importa — disse a rainha, concordando. — Ficarei furiosa depois que terminarmos de falar.. Quanto a seu pedido, uma coisa dessas não tem precedentes na nossa história. Se tivesse sido eu no seu lugar, teria matado Sloan e me livrado do problema de uma vez.

— Sei que Vossa Majestade teria agido assim. Uma vez vi Arya matar um gerifalte que estava ferido, porque ela disse que sua morte era inevitável e, ao matá-lo, estava poupando à ave horas de sofrimento. Talvez eu devesse ter feito o mesmo com Sloan, mas não consegui. Acho que teria sido uma decisão da qual me arrependeria pelo resto da vida, ou pior, que no futuro tornaria mais fácil para mim a tarefa de matar.

Islanzadí deu um suspiro e, de repente, aparentou cansaço. Eragon lembrou que ela também tinha passado o dia inteiro lutando.

— Oromis pode ter sido seu mestre verdadeiro, mas você se revelou herdeiro de Brom, não de Oromis. Brom é a outra única pessoa que conseguia se enredar em tantas atribulações quanto você. Como ele, você parece ser levado a procurar o trecho mais fundo de areia movediça para mergulhar nele. Eragon escondeu um sorriso, satisfeito com a comparação.

— E Sloan? — perguntou. — O destino dele agora está nas suas mãos. Lentamente, Islanzadí se sentou num banco ao lado da mesa de armar, pôs as mãos no colo e olhou para um lado do cristal vidente. Seu semblante adquiriu uma expressão de observação enigmática: uma bela máscara que escondia seus pensamentos e sentimentos, máscara que Eragon não conseguia decifrar, por mais que se esforçasse.

— Como você decidiu salvar a vida desse homem — disse ela, quando falou o que exigiu muito trabalho e esforço de sua parte, não posso negar seu pedido e com isso tornar seu sacrifício sem sentido. Se Sloan sobreviver à

prova que você lhe impôs, Gilderien, o Sábio, permitirá sua passagem. E

Sloan terá um quarto, uma cama e alimento. Mais do que isso, não posso prometer, pois o que vier depois dependerá dele mesmo. Mas, se as condições que você estipulou forem cumpridas, sim, nós iluminaremos sua escuridão.

— Obrigado. Vossa Majestade é extremamente generosa.

— Não, não sou generosa. Esta guerra não me permite ser generosa, apenas prática. Vá e faça o que deve fazer. E tome cuidado, Eragon Matador de Espectros.

— Vossa Majestade. — Ele fez uma reverência. — Se posso lhe fazer um último pedido: a senhora poderia, por favor, não relatar minha situação atual a Arya, Nasuada ou a qualquer outro Varden? Não quero que se preocupem comigo nem um pouco a mais do que o necessário, e logo terão notícias por Saphira.

— Vou pensar em sua solicitação.

Eragon esperou, mas, quando ela permaneceu calada e deixou claro que não tinha a menor intenção de anunciar sua decisão, ele fez uma segunda reverência e agradeceu mais uma vez.

A imagem luminosa na superfície da água tremeluziu e desapareceu na escuridão quando Eragon encerrou o encanto que tinha usado para criá-la. Apoiou-se nos calcanhares e olhou para a infinidade de estrelas, permitindo que seus olhos se reajustassem â luz fraca e lampejante que elas forneciam. Deixou então a rocha friável com a poça de água e refez seus passos pelo capim e mato baixo até o acampamento, onde Sloan ainda estava sentado, empertigado, rígido como se fosse de ferro fundido.

Eragon pisou num seixo, e o ruído resultante revelou sua presença a Sloan, que girou a cabeça de repente, rápido como um passarinho.

— Já tomou sua decisão? — perguntou Sloan.

— Tomei — disse Eragon. Ele parou e se agachou diante do açougueiro, firmando-se com a mão no chão. — Ouça bem porque não pretendo repetir. Você fez o que fez por causa do seu amor por Katrina, ou é

isso o que diz. Quer admita, quer não, acredito que teve outros motivos mais desprezíveis no seu desejo de separá-la de Roran: raiva. . ódio. . vingança. . e sua própria dor.

Os lábios de Sloan se retesaram em linhas brancas e finas.

— Você está me ofendendo.

— Não, acho que não estou. Como minha consciência me impede de

matá-lo, sua pena há de ser a mais terrível que pude imaginar, com exceção da morte. Estou convencido de que o que disse antes é a verdade: que Katrina é

mais importante para você que qualquer outra coisa. Portanto, sua pena é a seguinte: você não voltará a ver sua filha, tocá-la nem conversar com ela, até o próprio dia da sua morte, e conviverá com o conhecimento de que ela está

com Roran e que os dois estão felizes juntos, sem você.

Sloan respirou fundo entre dentes.

— *Essa* é a sua punição? Ora! Você não tem como garantir seu cumprimento. Nem tem uma cadeia onde me prender.

— Ainda não terminei. Vou garantir seu cumprimento com juramentos na língua dos elfos, a língua da verdade e da magia, que você fará

comprometendo-se a se sujeitar aos termos da sentença.

— Você não pode me forçar a dar minha palavra — rosnou Sloan. Nem que me torture.

— Posso, sim, e não vou torturá-lo. Além disso, vou lançar sobre você

uma compulsão de viajar para o norte até chegar à cidade élfica de Ellesméra, que se encontra nas profundezas de Du Weldenvarden. Pode tentar resistir ao impulso, se quiser, mas não importa por quanto tempo se oponha a ele, o encanto irá irritá-lo como uma comichão que não se consegue cocar, até que obedeça ao comando e siga para o reino dos elfos.

— Você não tem coragem para me matar? — perguntou Sloan. — É

covarde demais para levar uma espada ao meu pescoço, e por isso vai me fazer perambular pelo mato, cego e perdido, até que as intempéries ou as leras acabem comigo? — Ele cuspiu à esquerda de Eragon. — Você não passa de um tolo, cria de um molóide perebento; filho sem pai é o que você é, sim, que até a mãe largou; um devorador de pedra, de cara sem cor, borrado de medo; um vilão vomitador, sujeito desprezível e doente; um nanico chorão nascido de uma porca sebenta. Eu não lhe daria uma casca de pão se estivesse morrendo de fome, nem uma gota d'água se estivesse queimando, nem uma cova de indigentes se estivesse morto. No lugar da medula você tem é pus; e fungos no lugar do cérebro. Seu frouxo encorujado!

Na opinião de Eragon, os xingamentos de Sloan chegavam a ser obscenamente impressionantes, muito embora sua admiração não o impedisse de ter vontade de estrangular o açougueiro ou de, pelo menos, responder à

altura. O que freou esse desejo de retaliação foi sua suspeita de que Sloan estava tentando deliberadamente enfurecê-lo o suficiente para ele agredir o homem mais velho e assim lhe proporcionar um fim rápido do qual não era merecedor.

— Sem pai, posso ser, mas não sou assassino — disse Eragon. Sloan inspirou ruidosamente. Antes que pudesse retomar sua série de insultos, Eragon acrescentou: — Aonde quer que vá,

não lhe faltará comida, nem você

será atacado por animais selvagens. Lançarei ao seu redor alguns encantamentos que impedirão homens e feras de perturbá-lo e farão com que animais lhe tragam alimento quando precisar.

— Você não tem como fazer isso — murmurou Sloan. Mesmo à luz

das estrelas, Eragon pôde ver os últimos resquícios de cor fugirem da pele de Sloan, deixando-o branco como cera. — Você não tem os meios. Não tem o direito.

— Sou um Cavaleiro de Dragão. Tenho tanto direito quanto qualquer rei ou rainha.

E então Eragon, que não tinha nenhum interesse em continuar a repreender Sloan, pronunciou o verdadeiro nome do açougueiro alto o suficiente para que ele o ouvisse. Uma expressão de horror e revelação invadiu o rosto de Sloan, e ele lançou os braços para o alto à sua frente, uivando como se tivesse sido esfaqueado. Seu grito era bruto, desigual e desolado: o berro de um homem condenado por sua própria natureza a um destino do qual não podia escapar. Caiu para a frente sobre as palmas das mãos, permanecendo nessa posição, e começou a soluçar, com o rosto oculto por mechas desgrenhadas.

Eragon observava, petrificado com a reação de Sloan. *Será que descobrir o próprio nome verdadeiro afeta todas as pessoas dessa forma? Será que isso aconteceria também comigo?*

Endurecendo o coração diante da infelicidade de Sloan, Eragon passou a fazer o que disse que faria. Repetiu o verdadeiro nome de Sloan e, palavra por palavra, ensinou ao açougueiro os juramentos na língua antiga que garantiriam que ele jamais se encontraria ou procuraria Katrina outra vez. Sloan resistiu com muito choro, lamentações e ranger de dentes; mas, ainda que lutasse com vigor, não tinha escolha a não ser obedecer, sempre que Eragon invocava seu nome verdadeiro. E, quando terminaram os juramentos, Eragon lançou os cinco encantos que levariam Sloan na direção de Ellesméra, que o protegeriam de violência não provocada e instigariam as aves, os animais e os peixes que moravam nos rios e lagos a alimentá-lo. Eragon formulou os encantos para que extraíssem sua energia de Sloan, não de si. A meia-noite havia ficado muito para trás quando Eragon completou o encantamento final. Tonto de cansaço, apoiou-se no cajado de espinheiro. Sloan jazia, enroscado, aos seus pés.

— Encerrado — disse Eragon.

Um gemido trancado subiu do vulto jogado ali embaixo. Parecia que Sloan estava tentando dizer alguma coisa. Franzindo o cenho, Eragon se ajoelhou ao seu lado. O rosto do açougueiro estava vermelho e sangrento onde o tinha arranhado com as unhas. Seu nariz escorria, e lágrimas caíam do canto da órbita do olho esquerdo, que era o menos mutilado dos dois. Pena e culpa começaram a crescer dentro de Eragon. Não sentia o menor prazer em ver Sloan reduzido a uma condição tão humilhante. Era um homem arrasado, desprovido de tudo o que valoriza na vida, aí incluídas as ilusões a respeito de si mesmo, e Eragon era quem o tinha arrasado. O feito deixou o Cavaleiro se sentindo contaminado, como se tivesse feito algo de

vergonhoso. *Foi necessário, pensou ele, mas ninguém deveria ter de fazer o que fiz.*

Veio outro gemido de Sloan, antes que falasse novamente.

— ... só um pedaço de corda. Eu não pretendia. . Ismira. . Não, não, por favor, não. . — Os devaneios do açougueiro foram amainando, e no silêncio subseqüente Eragon pôs a mão no braço de Sloan, que se enrijeceu ao contato. — Eragon. . — murmurou ele. — Eragon. . estou cego, e você me manda caminhar pela terra. . caminhar sozinho pela terra. Sou um renegado desamparado. Sei quem sou e não consigo tolerar saber. Ajude-me. Mate-me!

Livre-me dessa agonia.

Seguindo um impulso, Eragon forçou a mão direita de Sloan a seguir o cajado de espinheiro.

— Leve meu cajado. Que o guie em sua jornada.

— Mate-me!

— Não.

Um grito esganiçado irrompeu da garganta de Sloan, e ele se debatia e socava a terra com os punhos.

— Cruel, cruel é o que você é! — Tendo esgotado suas parcas forças, enroscou-se numa bola ainda mais fechada, arfando e choramingando. Debruçando-se sobre ele, Eragon pôs a boca bem perto da orelha de Sloan para sussurrar:

— Não sou desprovido de misericórdia. Por isso, vou lhe dar a seguinte esperança. Se chegar a Ellesméra, lá encontrará uma casa à sua espera. Os elfos cuidarão de você e permitirão que taça o que quiser pelo resto da vida, com uma única exceção: uma vez que entrar em Du Weldenvarden, não poderá sair. . Sloan, preste atenção. Quando eu estava entre os elfos, aprendi que muitas vezes o verdadeiro nome de uma pessoa muda com a idade. Você

entende o que isso significa? Quem você é não é eterno. Um homem poderia se reinventar se quisesse.

Sloan não lhe deu resposta.

Eragon deixou o cajado ao seu lado e foi para a outra parte do acampamento, onde se estendeu no chão. Já com os olhos fechados, resmungou um encanto que o despertaria antes do amanhecer e então se deixou levar para o abraço reconfortante de seu descanso alerta. A Charneca Cinzenta estava fria, escura e inóspita quando um zumbido baixo soou dentro da cabeça de Eragon.

— Letta — disse ele, e o zumbido cessou. Gemendo enquanto esticava os músculos doloridos, pôs-se de pé e levantou os braços acima da cabeça, sacudindo-os para fazer o sangue correr.

Sentia tanta dor nas costas que esperava um bom tempo passar antes que precisasse usar novamente uma arma. Abaixou os braços e então procurou por Sloan.

O açougueiro tinha sumido.

Eragon sorriu ao ver pegadas, acompanhadas da marca redonda do cajado, que se afastavam do acampamento. Era um rastro confuso e sinuoso, mas, mesmo assim, em geral sua direção era o norte, para onde estava a grande floresta dos elfos.

Quero que ele consiga, pensou Eragon com certa surpresa. *Quero que consiga porque isso significará que todos nós podemos ter uma chance de nos redimir de nossos erros. E, se Sloan puder reparar as falhas em seu caráter e encarar o mal que causou, descobrirá*

que sua provação não é tão terrível quanto acredita. Isto porque Eragon não contou a Sloan que, se o açougueiro demonstrasse estar realmente arrependido de seus crimes, se mudasse seu modo de agir e vivesse como uma pessoa melhor, a rainha Islanzadí faria com que seus criadores de encantamentos restaurassem sua visão. Entretanto, esse era um prêmio que Sloan teria de conquistar sem ter conhecimento da sua existência, para que não procurasse iludir os elfos, levando-os a concedê-lo antes da hora.

Eragon fixou o olhar nas pegadas por um bom tempo e depois ergueu os olhos para o horizonte.

— Boa sorte — disse ele. Cansado, mas também satisfeito, deu as costas ao rastro de Sloan e começou a correr pela Charneca Cinzenta afora. Para o sudoeste, sabia que se erguiam as antigas formações calcárias onde Brom jazia encerrado em seu túmulo de diamante. Sentiu uma vontade enorme de se desviar do caminho e ir prestar homenagem, mas não ousou fazê-lo. Se Galbatorix tivesse descoberto o local, mandaria seus agentes para procurá-lo.

— Eu volto — disse. — Prometo, Brom. Um dia eu volto.

E continuou a correr.

O DESAFIO DAS FACAS LONGAS

as nós somos seu povo!

Fadawar, um homem alto, de pele escura e nariz empinado,

—M falava com a mesma ênfase pesada e vogais alteradas que

Nasuada lembrava ouvir em sua infância, em Farthen Dûr,

quando chegavam emissários da tribo de seu pai e ela se sentava no colo de Ajihad e tirava uma soneca enquanto eles conversavam e fumavam cardo. Nasuada ergueu o olhar na direção de Fadawar e desejou ser um palmo mais alta para poder encarar o senhor da guerra e seus criados bem nos olhos. Contudo, estava acostumada a se sentir mais baixa do que os homens. Achava muito mais desconcertante estar entre pessoas tão escuras quanto ela. Era uma experiência nova não ser objeto de olhares estranhos e sussurros. Estava em pé, em frente à cadeira de madeira esculpida onde realizava suas audiências — uma das únicas cadeiras sólidas que os Varden trouxeram em sua campanha —, no interior de seu pavilhão de comando. O sol estava quase se pondo e os raios, filtrados pelo lado direito do pavilhão, banhavam os objetos com um brilho avermelhado. Uma mesa longa e baixa, coberta de relatórios e mapas espalhados, ocupava a metade do lugar.

Do lado de fora da entrada da grande tenda, Nasuada sabia que seis membros de sua guarda pessoal — dois humanos, dois anões e dois Urgals —

estavam à espera, de armas em punho, prontos para atacar ao menor sinal de perigo. Jörmundur, seu comandante mais velho e confiável, mantinha vigilância sobre ela desde o dia em que Ajihad morrera, mas jamais havia disponibilizado tantos guardas por tanto tempo. Entretanto, um dia após a batalha da Campina Ardente, Jörmundur passou a exprimir uma profunda e permanente preocupação com sua segurança, uma preocupação, dizia ele, que freqüentemente o mantinha acordado com o estômago em chamas. Como um assassino tentara matá-la em Aberon e Murtagh efetivamente conseguira assassinar o rei Hrothgar menos de uma semana atrás, Jörmundur achava que Nasuada deveria criar uma força dedicada à sua defesa pessoal. Ela recusara, afirmando que tal medida seria uma reação exagerada, mas não conseguira convencê-lo de todo. Ele ameaçara abdicar do posto caso ela se recusasse a adotar o que ele considerava serem medidas adequadas. Por fim, ela acatou, mas ficou uma hora inteira discutindo a quantidade de guardas necessária. Ele queria doze ou mais o tempo todo. Ela queria no máximo quatro. Acabaram acertando seis, o que para Nasuada era muito. Ela temia parecer amedrontada ou, pior ainda, que estava tentando intimidar aqueles com quem se encontrava. Mais uma vez seus protestos não convenceram Jörmundur. Quando ela o acusava de ser teimoso como um estraga-prazeres, ele ria e dizia: "Melhor um velho e teimoso estraga-prazeres do que uma jovem temerária morta antes do tempo."

Como os membros da guarda trocam de posto a cada seis horas, o número total de guerreiros

relacionados para proteger Nasuada chegava a trinta e quatro, incluindo os dez adicionais que estavam sempre de prontidão para substituir seus companheiros em caso de doença, ferimento ou morte. A própria Nasuada insistira em recrutar a tropa de cada uma das três raças de mortais disponibilizadas contra Galbatorix. Dessa forma, tinha esperança de galvanizar maior solidariedade entre eles, assim como demonstrar que representava os interesses de todas as raças sob seu comando, não apenas os humanos. Teria incluído igualmente os elfos, mas, no momento, Arya era a única elfa que lutava ao lado dos Varden e seus aliados, e os doze feiticeiros que Islanzadí enviara para proteger Eragon ainda estavam para chegar. Para a decepção de Nasuada, seus guardas humanos e anões eram hostis para com os Urgals com quem serviam, uma reação que previra, mas que não pudera impedir ou aliviar. Levaria, como ela própria sabia, mais do que uma batalha em conjunto para diminuir as tensões entre raças que haviam lutado e se odiado por mais gerações do que ela ousava contar. Mesmo assim, achava estimulante os guerreiros terem escolhido nomear sua corporação de Falcões da Noite, já que o título era uma brincadeira não apenas com sua cor, mas também com o fato dos Urgals invariavelmente se referirem a ela como lady Caçadora Noturna.

Embora jamais admitisse a Jörmundur, Nasuada passara rapidamente a apreciar a crescente sensação de segurança que a guarda proporcionava. Além de serem mestres das armas de sua escolha — sejam as espadas humanas, os machados dos anões ou a excêntrica coleção de instrumentos dos Urgals —, muitos dos guerreiros eram habilidosos criadores de encantamentos. E todos haviam feito um eterno juramento de lealdade a ela na língua antiga. Desde o dia em que os Falcões da Noite assumiram suas tarefas, Nasuada não ficou sozinha com nenhuma outra pessoa além de sua aia Farica.

Até aquele momento.

Nasuada havia mandado que saíssem do pavilhão porque sabia que seu encontro com Fadawar poderia se transformar no tipo de banho de sangue que o senso de responsabilidade dos Falcões da Noite os obrigava a impedir. Mesmo assim, não estava inteiramente indefesa. Possuía uma adaga escondida nas pregas do vestido e um punhal ainda menor no espartilho que usava por baixo das roupas. E Elva, a criança-bruxa vidente, estava atrás da cortina nas costas da cadeira de Nasuada, pronta para interceder se necessário. Fadawar bateu seu longo cetro no chão. A haste entalhada era feita de ouro maciço, assim como a fantástica coleção de jóias que o acompanhava: aros cobriam seu antebraço; um peitoral protegia seu peito; espessas correntes pendiam de seu pescoço; discos de ouro branco em relevo esticavam os lóbulos de suas orelhas; e por sobre sua cabeça encontrava-se uma coroa resplandecente de tão enorme proporção que Nasuada imaginava como seu pescoço podia agüentar aquele peso sem tombar e como tal monumento arquitetônico permanecia fixo no lugar. Parecia que seria necessário alguém para soldar a construção, de mais de setenta e cinco centímetros, em seu alicerce ossudo de modo a impedir o aparato de cair.

Os homens de Fadawar estavam engalanados da mesma maneira, embora menos opulentos. O ouro que vestiam servia para proclamar não somente sua riqueza, mas também o status e os feitos de cada indivíduo e a habilidade dos famosíssimos artesãos de suas tribos. Fossem nômades ou citadinos, os povos de pele escura da Alagaësia eram há muito conhecidos pela

qualidade de suas jóias, algumas das quais inclusive rivalizavam com a dos anões.

Nasuada possuía diversos itens, mas decidira não usá-los. Sua pobre indumentária não teria como competir com o esplendor de Fadawar. Além disso, acreditava que não seria inteligente afiliar-se com algum grupo, por mais influente ou rico que fosse, quando tivesse que lidar com e talar por todas as diversas facções dos Varden. Se ela demonstrasse parcialidade para uma ou outra, sua habilidade para controlar a totalidade delas diminuiria. O que era a base de sua discussão com Fadawar. Fadawar bateu novamente com o cetro no chão.

— Sangue é a coisa mais importante! Primeiro vem a responsabilidade com a família, depois com a tribo, depois com o chefe, depois com os deuses acima e abaixo e só depois com o rei e com a nação, se eles existem. E assim que Unulukuna quis que os homens vivessem e é assim que deveríamos viver se quisermos ser felizes. Vocês são corajosos o suficiente para cuspir nos sapatos do Velho? Se um homem não ajuda sua família com quem pode contar para ajudá-lo? Amigos são volúveis, mas a família é eterna.

— Você me pede — disse Nasuada — para dar cargos de poder para

seus amigos porque é primo de minha mãe e porque meu pai nasceu entre vocês. Isso eu faria com prazer se seus homens pudessem cumprir esse papel melhor do que qualquer um dos Varden, mas nada do que você disse até

agora me convenceu. E antes de desperdiçar mais de seus eloqüentes floreios verbais, você deveria saber que argumentos baseados em nosso sangue comum são insignificantes para mim. Eu teria uma maior consideração por seu pedido se tivesse feito mais para amparar meu pai do que mandar bugigangas e promessas vazias para Farthen Dûr. Somente agora que possuo a vitória e o prestígio você se apresenta a mim. Bem, meus pais estão mortos e eu digo que não tenho mais família, apenas a mim. Você é meu povo, sim, mas nada além disso.

Fadawar estreitou os olhos, ergueu o queixo e disse:

— O orgulho de uma mulher é sempre desprovido de sentido. Você

fracassará sem nosso amparo.

Ele mudara para sua língua nativa, o que forçara Nasuada a responder da mesma maneira. Ela o odiou por isso. Sua fala hesitante, com acentos inseguros, expunha sua falta de familiaridade com sua língua nativa, enfatizando o fato de ela não ter crescido na tribo deles, mas que era, isto sim, uma estrangeira. A manobra minou sua autoridade.

— Eu sempre dou boas-vindas a novos aliados — disse ela. —

Entretanto, não posso ser condescendente com favoritismos. Tampouco você

deveria necessitar desse tipo de coisa. Suas tribos são fortes e bem-dotadas. Deveriam estar aptas a se impor rapidamente sobre o exército dos Varden sem precisar contar com a caridade

dos outros. Vocês são cães esfomeados choramingando em volta de minha mesa ou homens que podem se alimentar por conta própria? Se podem, então anseio trabalhar com vocês para melhorar o quinhão cios Varden e derrotar Galbatorix.

— Ah! — exclamou Fadawar. — Sua oferta é tão falsa quanto você

mesma. Nós não faremos trabalho de servos; nós somos os escolhidos. Você

nos insulta, isto sim. Fica aí parada, sorrindo, mas seu coração está cheio de veneno de escorpião.

Nasuada sufocou sua raiva e tentou acalmar o chefe tribal.

— Não foi minha intenção ofendê-los. Eu estava apenas tentando explicar minha posição. Não nutro inimizade pelas tribos nômades nem tenho amor especial por elas. Isso é tão ruim assim?

— E pior do que ruim. Isso é traição descarada! Seu pai fez algumas solicitações a nós com base em nossa relação e agora você ignora nosso trabalho e nos dispensa como se fôssemos mendicantes de mãos vazias!

Uma sensação de resignação tomou conta de Nasuada. Então Elva linha razão: é inevitável, pensou ela. Um calafrio de medo e excitação percorreu seu corpo. Se assim deve ser, então não tenho motivo nenhum para manter esse enigma. Elevou a voz e disse:

— Solicitações que vocês não honraram metade das vezes.

— Honramos sim!

— Não honraram. E mesmo que estivessem dizendo a verdade, a posição dos Varden é muito precária para que eu possa lhes dar alguma coisa por nada. Vocês me pedem favores, mas o que me oferecem em troca? Vão ajudar a custear os Varden com seu ouro e jóias?

— Não diretamente, mas. .

— Me oferecerão o trabalho de seus artesãos sem custo algum?

— Não poderíamos. .

— Então, como pretendem receber esses proveitos? Não podem pagar com guerreiros; seus homens já combatem a meu favor, seja nos Varden ou no exército do rei Orrin. Fique contente com o que já possui, chefe tribal, e não procure conseguir mais do que é seu de direito.

— Você distorce a verdade para adequá-la a seus próprios objetivos egoístas. Eu procuro o que é nosso de direito! E por isso que estou aqui. Você

fala e tala, mas suas palavras não têm significado porque em suas ações você

nos traiu. — Os aros em seu braço chacoalhavam enquanto ele gesticulava, como se estivesse diante de uma audiência de milhares. — Você admite que nós somos seu povo. Então ainda segue nossos costumes e adora nossos deuses?

Aqui é o momento decisivo, pensou Nasuada. Ela poderia mentir e afirmar que abandonara seus antigos costumes, mas, se assim fizesse, os Varden perderiam as tribos de Fadawar, além de outros nômades, assim que ouvissem sua sentença. Nós precisamos deles. Precisamos de todos que conseguirmos se quisermos ter a mínima chance de superar Galbatorix.

— Sigo — disse ela.

— Então eu digo que você não está preparada para liderar os Varden e, como é meu direito, eu a convoco para o Desafio das Facas Longas. Se triunfar, nós nos curvaremos a você e jamais questionaremos novamente sua autoridade. Mas, se perder, então abdicará de seu posto e eu tomarei seu lugar como chefe dos Varden.

Nasuada reparou o brilho de júbilo que iluminou os olhos de Fadawar. Era isso que ele queria desde o início, percebeu ela. Ele teria invocado o desafio mesmo que eu tivesse acatado suas demandas.

— Talvez eu esteja errada, mas pensei que a tradição rezasse que quem quer que vença deverá assumir o comando não só das tribos do rival como também de sua própria, não é assim? — Ela quase riu da expressão de desalento que ficou estampada no rosto de Fadawar. Você não esperava que eu soubesse disso, não c?

— Sim.

— Então eu aceito seu desafio, com a compreensão de que sendo eu a vencedora, sua coroa e seu cetro serão meus. Estamos acordados?

Fadawar franziu o cenho e anuiu.

— Estamos.

Bateu o cetro com tanta força no chão que o objeto fincou, então agarrou o primeiro aro de seu braço esquerdo e começou a removê-lo pela mão.

— Espere — disse Nasuada. Ela correu até a mesa que preenchia o outro lado do pavilhão, pegou um pequeno sino de metal e o soou duas vezes. Fez uma pausa e então o soou mais quatro vezes.

Um instante depois, Farica entrou na tenda. Ela dirigiu um olhar franco na direção dos convidados de Nasuada, fez uma mesura a todos e disse:

— Pois não, senhora? Nasuada olhou para Fadawar.

— Podemos começar. — Então se dirigiu à aia e disse: — Ajude-me a tirar o vestido. Não quero arruiná-lo.

A mulher mais velha pareceu chocada pelo pedido.

— Aqui, senhora? Na frente desses. . homens?

— Sim, aqui. E seja rápida com isso! Não vou querer discutir com minha criada.

Nasuada estava sendo mais dura do que gostaria, mas seu coração estava disparado e sua pele estava incrivelmente, terrivelmente sensível. O

linho suave de sua roupa de baixo parecia tão abrasivo quanto uma lixa. Paciência e cortesia estavam acima de sua capacidade naquele momento. Só

conseguia se concentrar na provação que se aproximava.

Nasuada ficou imóvel enquanto Farica puxava os laços de seu vestido, que iam dos ombros até a base da coluna. Quando os cordões ficaram suficientemente soltos, Farica puxou os braços de sua senhora para fora das mangas e todo o tecido caiu formando uma pilha em volta dos pés de Nasuada, deixando-a quase nua em sua camisa branca. A líder dos Varden lutou contra um calafrio ao perceber os guerreiros a examinando, sentindo-se vulnerável diante daqueles olhares cobiçosos. Ignorou-os, deu um passo para trás e se afastou do vestido. Farica, com um puxão, retirou a vestimenta do chão.

Em frente a Nasuada, Fadawar estivera ocupado removendo os aros de seu braço, revelando as mangas bordadas de sua túnica de baixo. Quando terminou, ergueu sua gigantesca coroa e deu para um de seus criados. O som de vozes do lado de fora do pavilhão atrasou os preparativos. Marchando através da entrada, um mensageiro — seu nome era Jarsha, lembrava-se Nasuada — adentrou alguns centímetros e proclamou:

— O rei Orrin de Surda, Jörmundur dos Varden, Trianna de Du Vrangr Gata e Naako e Ramusewa da tribo Inapashunna. — Jarsha mantinha os olhos apontados fixamente para o teto enquanto falava.

Com um movimento brusco, o mensageiro retirou-se e a congregação que ele havia anunciado adentrou o recinto com Orrin à frente. O rei viu primeiro Fadawar e o saudou dizendo:

— Ah, chefe tribal, isso foi inesperado. Eu confio em você e.. —

Espanto tomou conta de seu jovem rosto assim que avistou Nasuada. — Por quê, Nasuada? O que significa isso?

— Eu também gostaria de saber — trovejou Jörmundur. Ele segurou

com firmeza o punho de sua espada, que resplandecia para todos que ousavam olhá-la

diretamente.

— Eu os convoquei aqui — disse ela — para que pudessem testemunhar o Desafio das Facas Longas entre Fadawar e mim e para, após o desfecho, contar a verdade a respeito do resultado a todos que perguntarem. Os dois guerreiros tribais de cabelos grisalhos, Naako e Ramusewa, pareciam alarmados pela revelação; aproximaram-se um do outro e começaram a sussurrar. Trianna cruzou os braços, deixando à vista o bracelete de cobra enrolado em volta de um dos pulsos magros, mas essa foi sua única reação. Jörmundur praguejou e disse:

— Você abandonou o bom senso, minha lady? Isto é loucura. Você

não pode..

— Posso e o farei.

— Lady, se o fizer, eu. .

— Sua preocupação está registrada, mas minha decisão é final. É

proíbo qualquer pessoa de interferir. — Ela podia perceber que ele ansiava desobedecer a suas ordens, mas, por mais que desejasse protegê-la de todo perigo, a lealdade sempre fora a principal característica de Jörmundur.

— Mas, Nasuada — começou o rei Orrin —, esse desafio, não é nele que...

— É sim.

— Acabe com essa idéia, então. Por que não desiste dessa loucura? Só

pode ser um desatino prosseguir com isso.

— Já dei minha palavra a Fadawar.

O clima ficou ainda mais sombrio no pavilhão. O fato de ter empenhado sua palavra significava que ela não poderia rescindir sua promessa sem se revelar uma trapaceira desonrada que pessoas de bem não teriam outra opção além de amaldiçoar e manter-se a distância. Orrin vacilou por um instante, mas persistiu com o questionamento:

— Por qual motivo? Quero dizer, se você perder. .

— Se eu perder, os Varden não estarão mais sob meu comando, mas

sob o de Fadawar.

Nasuada esperava uma chuva de protestos. Em vez disso, ocorreu um silêncio geral no qual a raiva ardente que animava o semblante do rei Orrin esfriou e adquiriu uma tonalidade mais frágil.

— Não é de meu gosto sua escolha de colocar em perigo toda a nossa causa. — Para Fadawar, ele disse: — Seja razoável e livre Nasuada de sua obrigação. Eu lhe darei uma rica recompensa se concordar em abandonar essa sua ambição malsã.

— Já sou rico — respondeu Fadawar. — Não tenho necessidade de seu ouro sem valor. Não, nada além do Desafio das Facas Longas pode me compensar pela injúria imposta por Nasuada a meu povo e a mim.

— Seja testemunha desse momento — disse Nasuada.

Orrin apertou com força as dobras de sua túnica, mas inclinou-se e disse:

— Sim, testemunharei.

De dentro de suas volumosas mangas, os quatro guerreiros de Fadawar retiraram pequenos tambores peludos de couro de cabra. Agacharam-se, colocaram os instrumentos entre os joelhos e bateram com tanta fúria e intensidade que suas mãos pareciam manchas fuliginosas no ar. A música áspera obliterava todos os outros sons, assim como os frenéticos pensamentos que infernizavam Nasuada. Seu coração parecia bater no mesmo ritmo que a maníaca sonoridade que assaltava seus ouvidos.

Sem perder uma única nota, o mais velho dos homens de Fadawar enfiou a mão por dentro de sua roupa e de lá retirou duas facas longas e curvas que ele lançou para o alto da tenda. Nasuada observou as facas girando no ar, ora cabo ora lâmina, fascinada pela beleza do movimento.

Quando estava suficientemente próxima, ela ergueu o braço e pegou sua faca. O punho cravejado de opalinas irritou a palma de sua mão. Fadawar também interceptou sua arma com sucesso.

Então, ele pegou o punho esquerdo de sua vestimenta e empurrou a manga para trás do cotovelo. Nasuada mantinha seus olhos fixos no antebraço de Fadawar enquanto ele se preparava. Seu braço era grosso e musculoso, mas ela não dava muita importância a isso. O porte atlético não o ajudaria a vencer a disputa. Em vez disso, o que ela procurava eram os sulcos reveladores que, caso existissem mesmo, estariam em seu antebraço. Ela observou cinco deles.

Cinco!, pensou ela. *Tantos assim*. Sua confiança balançou quando contemplou a evidência do poder de Fadawar. A única coisa que a impedia de perder a calma era a predição de Elva: a garota havia dito que, nesse embate, Nasuada prevaleceria. Ela agarrava-se à lembrança como se fosse sua única filha. *Ela disse que eu conseguiria, então eu posso mesmo superar Fadawar.. eu devo ter condições!*

Como havia sido ele a propor o desafio, Fadawar foi primeiro. Esticou o braço esquerdo com a palma da mão para cima, posicionou a lâmina contra o antebraço logo abaixo da junção com o cotovelo e rasgou sua carne com a lâmina espelhada. Sua pele partiu-se como uma amora

madura. O sangue jorrou de dentro da greta carmim.

Ele encarou Nasuada.

Ela sorriu e posicionou sua faca contra o braço. O metal estava frio como gelo. Os dois estavam em meio a um teste de vontade para descobrir quem suportaria o maior número de cortes. A crença era que quem quer que aspirasse se tornar chefe de uma tribo, ou mesmo um senhor da guerra, deveria estar disposto a suportar mais dor do que qualquer outra pessoa em prol de seu próprio povo. Do contrário, como poderiam as tribos confiar que seus líderes colocariam as preocupações da comunidade antes de seus próprios desejos egoístas? Na opinião de Nasuada, a prática estimulava ao extremismo, mas ela também compreendia a capacidade que a atitude possuía de conquistar a confiança das pessoas. Embora o Desafio das Facas Longas fosse específico das tribos de pele escura, superar Fadawar solidificaria sua liderança sobre os Varden e, esperava ela, sobre os seguidores do rei Orrin. Nasuada fez um rápido pedido de força à Gokukara, a deusa Louva-adeus, e empunhou a faca. O aço afiado deslizou com tanta facilidade por sobre a pele que ela precisou se esforçar para o corte não ser demasiado profundo. Estremeceu. Queria jogar a faca para longe, tapar o ferimento e gritar.

Não fez nada disso. Manteve os músculos amolecidos. Se ficasse tensa, o processo doeria ainda mais. E continuou sorrindo enquanto a lâmina lentamente mutilava seu corpo. O corte terminou em apenas três segundos, mas nesses segundos sua carne ultrajada urrou milhares de vezes, e cada urro quase a fazia interromper o processo. Enquanto abaixava a faca, reparou que apesar dos homens ainda estarem batendo seus tambores, ela não ouvia nada além de sua pulsação.

Então Fadawar cortou-se mais uma vez. As veias em seu pescoço permaneciam saltadas e sua jugular estava tão inchada que parecia poder explodir enquanto a faca traçava sua trilha sangrenta.

Nasuada viu que era sua vez de novo. A expectativa apenas aumentava seu medo. Seu instinto de autopreservação — um instinto que a servira muito bem em todas as outras ocasiões — lutava contra os comandos que ela enviava a seu braço e sua mão. Desesperada, concentrou-se em seu desejo de resguardar os Varden e derrotar Galbatorix: as duas causas para as quais devotara todo o seu ser. Em sua mente viu seu pai, Jörmundur, Eragon e o povo dos Varden e pensou: *Por eles! Eu faço isso por eles. Nasci para servir e esse é o meu serviço.*

Ela fez a incisão.

Um instante depois, Fadawar abriu um terceiro talho em seu antebraço, assim como Nasuada.

O quarto corte aconteceu logo em seguida.

E o quinto. .

Nasuada foi acometida de uma estranha letargia. Sentiu-se bastante cansada e com frio.

Ocorreu-lhe então que a tolerância à dor talvez não decidisse o desafio, mas sim o primeiro que desmaiasse em decorrência da perda de sangue. Torrentes de sangue percorriam seu pulso e desciam até os dedos, inundando ainda mais a piscina aos seus pés. Uma poça similar, porém ainda maior, formava-se em volta das botas de Fadawar.

As fileiras de talhos abertos e avermelhados no antebraço do senhor da guerra lembravam a Nasuada as brânquias de um peixe, um pensamento que, por algum motivo, parecia incrivelmente engraçado para ela. Ela precisou morder a língua para conter o riso.

Com um uivo, Fadawar conseguiu completar seu sexto corte.

— Faça melhor, sua bruxa incapaz! — berrou ele por sobre o barulho dos tambores e desabou sobre um dos joelhos.

Ela fez.

Fadawar tremeu ao transferir sua faca da mão direita para a esquerda; a tradição ditava um máximo de seis cortes por braço. Mais do que isso a pessoa corria o risco de comprometer as veias e os tendões próximos ao pulso. Quando Nasuada imitou o movimento, o rei Orrin surgiu entre os dois e disse:

— Pare! Não vou permitir que isso continue. Vocês vão se matar.

Ele foi até Nasuada, mas recuou com o movimento brusco da faca em sua direção.

— Não se intrometa — grunhiu ela, rilhando os dentes.

Agora Fadawar estava começando o processo em seu antebraço direito, liberando um jato de sangue de seus músculos rígidos. *Ele está rangendo os dentes, reparou ela*, e ficou na esperança de que o erro fosse suficiente para minar suas forças.

Nasuada não pôde se conter. Proferiu um grito primitivo quando a faca rasgou sua pele. A lâmina queimava como um ferro em brasa. Durante o corte, seu braço esquerdo traumatizado deu um espasmo. A faca deu então uma guinada, deixando-a com uma longa laceração dentada duas vezes mais profunda do que as outras. Parou de respirar enquanto suportava a agonia. Não consigo continuar, pensou ela. *Não posso.. Não posso*! *Não posso suportar*. *Prefiro morrer.. Oh, por favor, que tudo se acabe*! Era um alívio entregar-se a essas e a outras súplicas desesperadas, mas no fundo do coração sabia que jamais desistiria.

Pela oitava vez Fadawar posicionou sua lâmina acima de um dos antebraços e lá a manteve, o pálido metal suspenso a alguns centímetros de sua pele escura. Ele assim permaneceu enquanto o suor escorria sobre seus olhos e suas feridas jorravam lágrimas de rubi. Parecia que a coragem o estava abandonando, mas então ele rosnou e, com um rápido puxão, retalhou o braço.

Sua hesitação galvanizou a depauperada força de Nasuada. Um intenso entusiasmo tomou

conta dela, transmutando a dor em uma quase prazerosa sensação. Ela repetiu o esforço de Fadawar e então, impulsionada por um súbito e imprudente descaso por seu próprio bem-estar, baixou uma vez mais a faca sobre o braço.

— Supere *isso* — sussurrou ela.

A necessidade de realizar dois cortes em seguida — um para igualar o número de Nasuada e outro para avançar na competição — pareceu intimidar Fadawar. Ele piscou, lambeu os lábios e apertou o cabo da faca três vezes antes de erguê-la sobre o braço.

Sua língua saltou da boca e umedeceu seus lábios mais uma vez.

Um espasmo destorceu sua mão esquerda, e a faca caiu de seus dedos contorcidos, afundando no chão.

Ele a pegou. Por baixo da túnica, seu peito subia e descia numa velocidade frenética. Ele ergueu a faca e encostou-a no braço. De imediato a lâmina produziu um pequeno pingo de sangue. Fadawar trincou os dentes e então um tremor percorreu sua espinha, e ele dobrou-se sobre si mesmo, pressionando seus braços machucados contra a barriga.

— Desisto — disse ele. Os tambores cessaram.

O silêncio que se seguiu durou apenas um instante antes que o rei Orrin, Jörmundur e todos os outros preenchessem o pavilhão com suas exclamações.

Nasuada não prestou atenção às colocações deles. Tateando atrás de si, encontrou sua cadeira e desabou sobre ela, ansiosa para livrar as pernas do peso antes que elas próprias desabassem. Lutou para manter-se consciente enquanto sua visão fraquejava; a última coisa que queria fazer era desmaiar na frente de seus homens. Uma delicada pressão em seu ombro a alertou para o fato de Farica estar em pé ao seu lado segurando uma pilha de compressas.

— Minha lady, posso atendê-la? — perguntou Farica, sua expressão ao mesmo tempo preocupada e hesitante, como se não tivesse certeza da reação de Nasuada.

Ela balançou a cabeça em concordância.

Enquanto Farica começava a colocar as bandagens em volta de seus braços, Naako e Ramusewa aproximaram-se. Saudaram-na e então Ramusewa disse:

— Jamais alguém suportou tantos cortes no Desafio das Facas Longas. Tanto você quanto Fadawar provaram seu brio, mas você, sem dúvida, é a vencedora. Comunicaremos ao nosso povo seu êxito e eles lhe darão sua lealdade.

— Obrigada — disse Nasuada. Ela fechou os olhos ao sentir os braços latejando cada vez mais.

— Minha lady.

Em torno dela, Nasuada podia ouvir a confusa mistura de sons, mas não fazia o menor esforço para decifrar, preferindo, em vez disso, ensimesmar-se mais profundamente, em busca de um local onde sua dor não fosse tão imediata e ameaçadora. Ela flutuava no útero de um interminável espaço negro, iluminado por bolhas de formato indefinido e coloração eternamente mutante.

Sua pausa foi interrompida pela voz da feiticeira Trianna:

— Pare logo com isso, aia, e remova todas essas bandagens para que eu possa curar sua ama.

Nasuada abriu os olhos e viu Jörmundur, o rei Orrin e Trianna à sua frente. Fadawar e seus homens haviam partido.

— Não — disse ela.

O grupo dirigiu-lhe um olhar de surpresa, e então Jörmundur se manifestou:

— Nasuada, seus pensamentos estão confusos. O desafio acabou. Você

não precisa permanecer com esses cortes por mais tempo. De qualquer modo, necessitaremos estancar o sangramento.

— Farica está fazendo o suficiente. Vou mandar um curandeiro dar pontos nos ferimentos e preparar uma cataplasma para reduzir o inchaço. E

isso é tudo.

— Mas por quê?

— O Desafio das Facas Longas requer que os participantes permitam que suas feridas sarem num ritmo natural. Do contrário, nós não experimentaríamos a quantidade total de dor que o desafio impõe. Se eu violar a regra, Fadawar será declarado vencedor.

— Você permitiria, pelo menos, que eu aliviasse seu sofrimento? —

perguntou Trianna. — Conheço diversos encantos que podem eliminar qualquer quantidade de dor. Se tivesse me consultado previamente, eu poderia ter lhe preparado para que, se preciso fosse, arrancasse um membro inteiro sem sentir o menor desconforto.

Nasuada riu e deixou sua cabeça pender para o lado, sentindo-se bastante tonta.

— Minha resposta teria sido a mesma de agora: truques são desonrosos. Eu precisava vencer o desafio sem logro para que ninguém pudesse questionar minha liderança no futuro.

Num tom mortalmente suave, o rei Orrin disse:

— Mas e se você tivesse perdido?

— Eu não poderia perder. Mesmo que isso significasse minha morte, eu jamais teria permitido que Fadawar conquistasse o controle sobre os Varden.

Com o olhar grave, Orrin estudou-a por um bom tempo.

— Eu acredito em você. Contudo, valerá mesmo tão grandioso sacrifício a lealdade das tribos? Você não é tão comum a ponto de ser tão facilmente substituída.

— A lealdade das tribos? Não. Mas o efeito atingirá muito mais do que as tribos, como você deve saber. Deverá ajudar na unificação de nossas forças. E esse é um prêmio cujo inestimável valor me faria suportar uma coleção de mortes desagradáveis.

— Mas eu lhe imploro que me diga: o que os Varden teriam ganhado com *sua* morte hoje? Nenhum benefício existiria. Seu legado seria desestímulo, caos e provavelmente ruína.

Sempre que bebia vinho, hidromel e principalmente aguardentes fortes, Nasuada ficava mais cuidadosa com seu discurso e seus gestos porque, por mais que não notasse de imediato, sabia que o álcool degradava seu julgamento e coordenação, e não tinha nenhum desejo de se comportar de maneira inapropriada ou de dar aos outros uma vantagem ao tratar com ela. Bêbada de dor como estava, mais tarde percebeu que deveria ter sido tão vigilante em sua discussão com Orrin como teria sido se houvesse bebido três tanques do hidromel dos anões. Se tivesse sido, seu bem desenvolvido senso de cortesia a teria impedido de retrucar:

— Você se preocupa como um velho, Orrin. Eu precisava fazer isso, e está feito. Não faz sentido discutir agora. . eu me arrisquei, sim. Mas não podemos derrotar Galbatorix a menos que dancemos na beira do precipício e do desastre. Você é rei. Deve entender que o perigo é o manto que as pessoas assumem quando têm a arrogância de decidir os destinos dos outros.

— Eu entendo muito bem — grunhiu Orrin. — Minha família e eu temos defendido Surda contra a intromissão do Império cada dia de nossas vidas há gerações, enquanto os Varden meramente se escondem em farthen Dûr aproveitando-se da generosidade de Hrothgar. — Sua túnica tremulou quando ele se virou e saiu às pressas do pavilhão.

— Isso não foi muito habilidoso, minha lady — observou Jörmundur. Nasuada estremeceu quando Farica começou a atar as bandagens.

— Eu sei — arquejou ela. — Amanhã vou tratar de cuidar do seu orgulho ferido.

NOTÍCIAS ALADAS

m vazio se abriu então nas lembranças de Nasuada: uma ausência

de informações sensoriais tão completa que ela só se deu conta do tempo perdido quando lhe ocorreu que Jörmundur estava

U sacudindo seu ombro e dizendo alguma coisa em voz alta. Ela

levou alguns instantes para decifrar os sons que saíam de sua boca e só então ouviu o que ele dizia:

— ... não pare de olhar para mim, droga! Agora, sim! Não adormeça de novo. Você não conseguirá acordar se voltar a dormir.

— Pode me soltar, Jörmundur — disse ela, conseguindo forçar um sorriso fraco. — Já estou bem.

— E meu tio Undset era um elfo.

— Não era, não?

— Ora, bolas! Você é igual a seu pai: sempre ignorando a cautela quando se trata de sua própria segurança. Pouco me importa que as tribos apodreçam com seus velhos costumes sangrentos. Permita que um curandeiro a trate. Você não está em condições de tomar decisões.

— Foi por isso que esperei até o anoitecer. Veja, o sol já está quase se pondo. Posso repousar durante a noite, e amanhã estarei em condições de lidar com os assuntos que exigirem minha atenção.

Farica apareceu, vindo de um lado, e ficou adejando em torno de Nasuada.

— Ai, a senhora nos deu um pavor daqueles!

— Por sinal, ainda está dando — resmungou Jörmundur.

— Bem, agora estou melhor. — Nasuada se empertigou na cadeira, sem dar atenção ao calor que provinha dos seus antebraços. — Vocês dois podem ir. Vou ficar bem. Jörmundur, mande avisar a Fadawar que ele pode continuar a ser chefe da própria tribo, desde que jure lealdade a mim como sua comandante. E um líder capaz demais para ser desperdiçado. E, Farica, no caminho de volta para sua tenda, faça o favor de dizer a Angela, a herbolária, que preciso dos seus serviços. Ela concordou em preparar alguns tônicos e cataplasmas para mim.

— Não vou deixá-la sozinha nessas condições — declarou Jörmundur. Farica concordou com ele em silêncio.

— Peço-lhe que me perdoe, minha lady — disse ela —, mas concordo com ele. Não é seguro.

Nasuada olhou de relance para a entrada do pavilhão, para se certificar de que nenhum dos Falcões da Noite estava perto o suficiente para escutar, e então baixou a voz para uni sussurro discreto:

— Não estarei sozinha. — As sobrancelhas de Jörmundur subiram de repente, e uma

expressão alarmada passou pelo rosto de Farica. — Eu *nunca* estou só. Vocês entendem?

— A senhora tomou certas. . precauções? — perguntou Jörmundur.

— Tomei.

Tanto Farica quanto Jörmundur ficaram inquietos com essa afirmação.

— Nasuada — disse Jörmundur —, sua segurança é responsabilidade

minha. Preciso saber que proteção adicional você pode ter e exatamente quem tem acesso à sua pessoa.

— Não — respondeu ela, com delicadeza. Vendo a mágoa e a indignação que apareceram nos olhos de Jörmundur, ela prosseguiu: — Não que eu duvide da sua lealdade, longe disso. É que isso eu preciso ter só para mim. Para minha própria paz de espírito, preciso de uma adaga que ninguém mais veja: uma arma oculta, enfiada na manga da minha roupa, se quiser encarar assim. Considere isso uma falha no meu caráter, mas não se atormente imaginando que minha escolha seja sob qualquer aspecto uma crítica ao seu desempenho no cumprimento do dever.

— Minha lady. — Jörmundur fez uma reverência, formalidade que quase nunca usava com ela.

Nasuada ergueu a mão, indicando sua permissão para que eles saíssem, e Jörmundur e Farica saíram às pressas do pavilhão vermelho.

Por um longo minuto, talvez dois, o único som que Nasuada ouviu foi o grito rouco dos abutres, dando voltas acima do acampamento dos Varden. E então, dali detrás dela, veio um leve farfalhar, como o de um camundongo procurando alimento. Virando a cabeça, ela viu Elva sair do esconderijo, surgindo entre dois painéis de tecido para entrar no aposento principal do pavilhão.

Nasuada ficou olhando para a menina.

O crescimento extraordinário de Elva tinha continuado. Quando Nasuada a conheceu, pouco tempo antes, Elva tinha a aparência de três ou quatro anos de idade. Agora parecia mais perto dos seis. Seu vestido simples era preto, com algumas dobras roxas em torno do pescoço e dos ombros. Seu cabelo comprido e liso estava ainda mais escuro: um vazio líquido que escorria pelas costas até a cintura. Seu rosto anguloso estava branco como cera porque ela raramente se dispunha a sair ao ar livre. A marca de dragão na sua testa era prateada. E seus olhos, seus olhos violeta, tinham um ar calejado, cínico —

resultado da bênção de Eragon que era uma maldição, pois a forçava tanto a suportar a dor das outras pessoas como a tentar impedi-la. A batalha recente quase a matara, com a agonia combinada de milhares atingindo sua mente, apesar de um membro da Du Vrangr Gata a ter posto num sono artificial por toda a duração do combate, numa tentativa de protegê-la. Fazia pouco tempo que a menina tinha recomeçado a talar e a se interessar pelo que ocorria à sua

volta. Ela limpou a boca de botão de rosa com o dorso da mão.

— Você passou mal? — perguntou Nasuada.

— Já estou acostumada com a dor — disse ela, dando de ombros. —

Mas nunca fica mais fácil resistir ao encantamento de Eragon. . E difícil eu me impressionar, Nasuada, mas você é uma mulher forte para agüentar tantos cortes.

Muito embora Nasuada a tivesse ouvido várias vezes, a voz de Elva ainda lhe inspirava um calafrio de alarme, pois era a voz amarga e zombeteira de um adulto cansado da vida, não a de uma criança. Nasuada lutou para não dar atenção a esse ponto enquanto respondia.

— Você é mais forte. Eu não precisei passar também pela dor de Fadawar. Obrigada por ficar comigo. Sei o que deve ter lhe custado, e sou grata.

— Grata? Rá! Essa é uma palavra que não tem sentido para mim, *lady Caçadora Noturna*. — Os lábios pequenos de Elva se contorceram num sorriso deformado. — Você tem alguma comida aqui? Estou morrendo de fome.

— Farica deixou pão e vinho atrás daqueles rolos — disse Nasuada, apontando para o outro lado do pavilhão. Ficou olhando a menina ir até a comida e começar a devorar o pão, enchendo a boca com pedaços grandes. —

Pelo menos, você não vai ter de continuar a viver assim muito mais. Logo que Eragon voltar, ele removerá o encantamento.

— Pode ser. — Depois que devorou metade de um pão, Elva parou um pouco. — Eu menti sobre o Desafio das Facas Longas.

— O que você quer dizer?

— Eu previ que você perderia, não que venceria.

— O quê?!

— Se eu tivesse permitido que os acontecimentos seguissem seu curso, sua coragem teria falhado no sétimo corte, e Fadawar estaria sentado onde você está agora. Por isso, eu lhe disse o que você precisava ouvir para sair vitoriosa.

Um calafrio percorreu Nasuada. Se o que Elva estava dizendo era a verdade, ela mais do que nunca era devedora da criança-bruxa. Ainda assim, *não gostava de ser manipulada*, mesmo que fosse em benefício próprio.

— Entendi. Parece que devo lhe agradecer mais uma vez.

Elva então deu uma risada, um som frágil.

— E você odeia cada instante desses, não? Não importa. Não precisa se preocupar com a possibilidade de me ofender, Nasuada. Somos úteis uma para a outra, só isso.

Nasuada sentiu alívio quando um dos anões de guarda no pavilhão, o capitão daquele turno específico, bateu com o martelo no escudo antes de anunciar:

— A herbolária Angela solicita audiência com lady Caçadora Noturna.

— Audiência concedida — disse Nasuada, erguendo a voz.

Angela entrou no pavilhão, atabalhoadamente, trazendo algumas bolsas e cestas penduradas nos braços. Como sempre, seu cabelo crespo formava uma nuvem de tempestade em torno do seu rosto, que estava crispado de preocupação. Logo atrás dela vinha pisando macio Solembum, o menino-gato, em sua forma animal. Ele de imediato se desviou para onde Elva estava e começou a se esfregar nas suas pernas, arqueando as costas.

Angela depositou sua bagagem no chão e girou os ombros.

— Realmente! — disse ela. — Entre você e Eragon, pareço passar a maior parte do tempo entre os Varden curando pessoas bobas demais para perceberem que precisam *evitar* ferimentos que os partam em mil pedacinhos.

— Enquanto falava, a herbolária baixinha se aproximou de Nasuada e começou a desenrolar as ataduras em torno do seu antebraço direito, estalando a língua em censura. — Normalmente, é nessa hora que a curandeira pergunta à paciente como está, e a paciente mente no nariz dela

"Ah, não tão mal assim", e a curandeira diz "Isso é bom, muito bom. Animese e terá uma bela recuperação". Acho, porém, que é óbvio que você *não* está

preparada para começar a sair correndo por aí, comandando investidas contra o Império. Longe disso.

— Vou me recuperar, não vou? — perguntou Nasuada.

— Você se recuperaria se eu pudesse recorrer à magia para fechar esses ferimentos. Como não posso, fica mais difícil dizer. Vai precisar passar por todas as etapas, como a maioria das pessoas, e torcer para que nenhum desses cortes se infeccione. — Ela fez uma pausa no trabalho e encarou Nasuada. —

Você se dá conta de que esses ferimentos vão formar cicatrizes?

— O que será, será.

— Não deixa de ser verdade.

Nasuada sufocou um gemido e olhou para o alto enquanto Angela costurava cada ferimento e depois o cobria com um grosso emplastro úmido de plantas maceradas. Com o canto do olho, ela viu Solembum pular em cima da mesa e se sentar junto de Elva. Estendendo uma pata grande e peluda, o menino-gato fisgou um pedaço de pão do prato de Elva e ficou mordiscando o bocado, com as presas brancas faiscando. As borlas pretas nas suas orelhas enormes tremiam quando ele as girava de um lado para outro, ouvindo guerreiros em trajes de metal que passavam diante do pavilhão vermelho.

— Barzûl — resmungou Angela. — Só homens pensariam em se cortar

para determinar quem é o líder da matilha. Idiotas!

Rir doía, mas Nasuada não conseguiu se controlar.

— É mesmo — disse ela, depois do acesso.

Exatamente quando Angela terminou de amarrar a última tira de pano em torno dos braços de Nasuada, o capitão anão do lado de fora do pavilhão gritou "Alto!" e se ouviu um coro de notas trêmulas como as de sinos à

medida que os guardas cruzavam as espadas, impedindo a passagem de quem quer que estivesse tentando entrar.

Sem parar para pensar, Nasuada sacou a faca de dez centímetros da bainha costurada por dentro do corpete de sua camisa. Foi difícil para ela segurar bem o cabo, já que seus dedos lhe pareciam grossos e desajeitados, e os músculos dos seus braços estavam lentos para reagir. Era como se os braços estivessem dormentes, com exceção das linhas nítidas, ardidas, marcadas na sua carne.

Também Angela puxou uma adaga de algum canto nas roupas e se posicionou à frente de Nasuada, murmurando uma frase na língua antiga. Saltando para o chão, Solembum se agachou ao lado de Angela. Seu pêlo estava todo eriçado, fazendo com que parecesse maior que a maioria dos cães. Rosnava baixo no fundo da garganta.

Elva continuou a comer, parecendo não se deixar perturbar pela comoção. Examinou o pedaço de pão que estava segurando entre o polegar e o indicador, como alguém que inspeciona uma espécie estranha de inseto, e então o mergulhou num copo de vinho e o deixou cair na boca.

— Minha lady! — gritou o homem. — Eragon e Saphira se aproximam

velozes, vindo do nordeste!

Nasuada embainhou a faca.

— Ajude-me a me vestir — disse a Angela, levantando-se com esforço da cadeira.

A herbolária segurou o traje aberto diante de Nasuada, que entrou nele. E então Angela delicadamente guiou seus braços para dentro das mangas. Quando estavam no lugar, começou a amarrar as costas do vestido. Elva se juntou a ela. Juntas, logo deixaram Nasuada corretamente trajada. A líder dos Varden examinou os braços e não viu sinal das ataduras.

— Eu deveria esconder ou expor meus ferimentos? — perguntou ela.

— Depende — respondeu Angela. — Você acha que mostrá-los vai elevar sua posição ou incentivar seus inimigos, se eles supuserem que é fraca e vulnerável? A questão é na realidade bastante filosófica, determinada pela hipótese de se dizer quando se olha para um homem que perdeu um dedão do pé "Coitado, é um inválido" ou "Corno ele foi esperto, forte ou sortudo de escapar sem ferimentos mais graves".

— Você faz as comparações mais estranhas.

— Obrigada.

— O Desafio das Facas Longas é uma prova de força — disse Elva. Isso é de conhecimento geral entre os Varden e os habitantes de Surda. Você

sente orgulho da sua força, Nasuada?

— Cortem as mangas — disse Nasuada. Quando hesitaram, ela prosseguiu: — Vamos. Cortem na altura do cotovelo. Não se importem com o vestido. Mando consertá-lo depois.

Com alguns movimentos hábeis, Angela removeu as partes indicadas por Nasuada, deixando cair em cima da mesa o tecido que sobrou. A líder levantou o queixo.

— Elva, se você pressentir que estou prestes a desmaiar, por favor, avise Angela para que ela me segure. Vamos, então? — As três se juntaram numa formação cerrada, com Nasuada na frente. Solembum seguiu sozinho.

— A postos! — ordenou o capitão anão quando elas saíram do pavilhão vermelho. E os seis Falcões da Noite ali presentes se dispuseram em torno do grupo de Nasuada: os humanos e os anões à frente e atrás, e os volumosos Kull, Urgals de no mínimo dois metros e quarenta de altura, um de cada lado.

O crepúsculo abria suas asas douradas e roxas sobre o acampamento dos Varden, emprestando um ar de mistério às fileiras de tendas de lona que se estendiam além do alcance da visão de Nasuada. Sombras cada vez mais escuras prenunciavam a chegada da noite, e inúmeros archotes e fogueiras de sentinela já refulgiam brilhantes no calor do anoitecer. No leste, o céu estava limpo. Ao sul, uma nuvem longa e baixa de fumaça preta escondia o horizonte e a Campina Ardente, a uma légua e meia de distância. No oeste, uma fileira de laias e choupos assinalava o curso do rio Jiet, no qual estava *Asa de Dragão*, o navio que Jeod, Roran e os outros moradores do vilarejo de Carvahall tinham pirateado. Mas Nasuada só tinha olhos para o norte, e para a forma cintilante de Saphira, que vinha descendo de lá. A luz do

sol poente ainda a iluminava, envolvendo-a num halo azul. Parecia um aglomerado de estrelas caindo do firmamento.

A visão era tão majestosa que Nasuada ficou petrificada por um instante, grata pela felicidade de presenciá-la. *Eles estão em segurança*!, pensou ela, dando um suspiro de alívio.

O guerreiro que havia trazido a notícia da chegada de Saphira — um homem magro com a barba grande, sem aparar — fez uma reverência e apontou.

— Minha lady, como pode ver, eu disse a verdade.

— É. Agiu bem. Seus olhos devem ser extremamente perspicazes para terem avistado Saphira antes. Como você se chama?

— Fletcher, minha lady, filho de Harden.

— Aceite meus agradecimentos, Fletcher. Pode voltar a seu posto agora.

Com mais uma reverência, o homem saiu correndo na direção dos limites do acampamento.

Mantendo o olhar fixo em Saphira, Nasuada seguiu por entre as fileiras de tendas na direção da grande clareira designada para Saphira pousar e decolar. Seus guardas e acompanhantes foram junto, mas ela deu pouca atenção a eles, por estar ansiosa pelo encontro com Eragon e Saphira. Tinha passado grande parte dos dias anteriores preocupada com os dois, tanto como líder dos Varden e, de certo modo para sua surpresa, como amiga. Saphira voava tão rápido quanto qualquer falcão que Nasuada tivesse visto, mas ainda estava a alguns quilômetros do acampamento, e levou quase dez minutos para transpor a distância que faltava. Enquanto isso, uma enorme multidão de guerreiros se reuniu em torno da clareira: humanos, anões e até

mesmo um contingente de Urgals de pele cinzenta, liderados por Nar Garzhvog, que chiavam para os homens mais próximos deles. Também ali reunidos estavam o rei Orrin e seus cortesãos, que se posicionaram em frente a Nasuada; Narheim, o embaixador dos anões que havia assumido as funções de Orik desde que este deixara Farthen Dûr; Jörmundur; os outros membros do Conselho de Anciãos; e Arya.

A elfa alta abriu caminho através da multidão na direção de Nasuada. Mesmo com Saphira quase acima deles, tanto os homens como as mulheres desviaram os olhos do céu para assistir ao avanço de Arya, tão impressionante era a imagem que apresentava. Toda vestida de negro, usava malha como um homem, uma espada no quadril e um arco e uma aljava nas costas. Sua pele era da cor de mel claro. Seu rosto era tão anguloso quanto o de um gato. E se movimentava com uma desenvoltura musculosa e sorrateira que denunciava sua perícia com a espada, bem como sua força sobrenatural.

Seu traje excêntrico sempre tinha parecido a Nasuada ligeiramente indecente, por revelar tanto suas formas. Mas ela era forçada a admitir que, mesmo que Arya usasse um vestido esfarrapado, ainda pareceria mais majestosa e imponente que qualquer mortal nascido na

nobreza.

Parando diante de Nasuada, Arya fez um gesto com um dedo elegante indicando os ferimentos da líder.

— Como o poeta Earnë disse, expor-se ao perigo em nome do povo e da terra que se ama é o ato mais sublime possível. Conheci todos os líderes dos Varden, e todos eram poderosos, homens e mulheres. Nenhum tanto quanto Ajihad. Nisso, porém, creio que você superou até mesmo a ele.

— Você me honra com sua opinião, Arya, mas receio que, se eu queimar com luz muito forte, serão poucos os que se lembrarão de meu pai como ele merece.

— Os feitos dos filhos são testemunho da criação recebida dos pais. Brilhe como o sol, Nasuada. Pois, quanto mais você brilhar, mais gente haverá

para respeitar Ajihad por ensiná-la a arcar com as responsabilidades do comando sendo tão jovem.

Nasuada abaixou a cabeça, levando a sério o conselho de Arya. Depois sorriu.

— Tão jovem? Sou uma mulher adulta, pelas contas dos humanos.

— É verdade — respondeu Arya, com o divertimento refulgindo nos

olhos verdes. — Mas, se fôssemos julgar pelos anos e não pela sabedoria, nenhum humano seria considerado adulto entre meu povo. Quer dizer, com exceção de Galbatorix.

— E de mim — acrescentou Angela.

— Ora, vamos — disse Nasuada. — Você não pode ser muito mais velha que eu.

— Rá! Você está confundindo aparência com idade. Deveria compreender melhor tudo isso depois de ter passado tanto tempo perto de Arya.

Antes que pudesse perguntar qual era a idade exata de Angela, Nasuada sentiu um forte puxão nas costas do vestido. Olhando para trás, viu que era Elva que tinha tomado essa liberdade e que a menina estava acenando para ela. Curvando-se, Nasuada grudou um ouvido a Elva.

— Eragon não está em Saphira — murmurou a menina.

Nasuada sentiu um aperto no peito, que prejudicava sua respiração. Olhou para o alto. Saphira descrevia círculos diretamente acima do acampamento, a uma altura de milhares de pés. Suas asas enormes, semelhantes às de um morcego, pareciam negras em contraste com o céu. Nasuada conseguia ver o ventre de Saphira, e as garras brancas encolhidas nas escamas superpostas da barriga, mas não via absolutamente nada de quem pudesse estar montado nela.

— Como você sabe? — perguntou, mantendo a voz baixa.

— Não consigo sentir seu constrangimento, nem seus medos. Quem está lá é Roran; e uma mulher, que eu penso ser Katrina. Mais ninguém.

— Jörmundur! — disse Nasuada, empertigando-se enquanto batia palmas e permitia que sua voz se projetasse.

Jörmundur, que estava a quase doze metros dali, veio correndo, empurrando de qualquer jeito quem estivesse atrapalhando seu avanço. Tinha experiência suficiente para reconhecer uma emergência.

— Minha lady!

— Esvazie o campo! Tire todos daqui antes que Saphira pouse.

— Incluindo Orrin, Narheim e Garzhvog?

— Não — respondeu ela, com uma careta. — Mas não permita que mais ninguém permaneça. Depressa!

Quando Jörmundur começou a dar ordens aos gritos, Arya e Angela vieram se juntar a Nasuada. Pareciam tão alarmadas quanto ela.

— Saphira não estaria tão calma se Eragon estivesse ferido ou morto

— disse Arya.

— E onde está ele, então? — perguntou Nasuada. — Em que encrenca foi se meter agora?

Uma comoção estridente encheu a clareira à medida que Jörmundur e seus homens despachavam os espectadores de volta para as tendas, dando golpes a torto e a direito com varas, sempre que os guerreiros relutantes se demoravam ou protestavam. Diversas escaramuças ocorreram, mas os capitães sob as ordens de Jörmundur dominaram rapidamente os culpados, para impedir que a violência fincasse raízes e se espalhasse. Felizmente, os Urgals, em obediência à palavra de seu chefe, Garzhvog, saíram sem incidentes, embora o próprio Garzhvog viesse na direção de Nasuada, assim como o rei Orrin e o anão Narheim.

Nasuada sentiu o chão tremer sob seus pés quando o Urgal de mais de dois metros e meio de altura se aproximou dela. Ele levantou o queixo ossudo, expondo o pescoço, como era o costume da sua raça.

— O que significa isso, lady Caçadora Noturna? — O formato de seus maxilares e dentes, aliado ao sotaque, tornava difícil que Nasuada o entendesse.

— E, eu bem que gostaria de receber alguma explicação — disse Orrin, com o rosto

vermelho.

— Como eu também — disse Narheim.

Ocorreu a Nasuada, enquanto olhava para eles, que essa era provavelmente a primeira vez em milhares de anos que membros de tantas das raças da Alagaësia tinham se reunido em paz. Os únicos que faltavam eram os Ra'zac e suas montarias; e Nasuada sabia que nenhuma criatura sã

jamais convidaria aqueles seres imundos a participar de seus conselhos secretos.

— Ela vai fornecer as respostas que vocês querem — disse Nasuada, apontando para Saphira.

Exatamente quando os últimos retardatários deixaram a clareira, uma forte corrente de ar passou veloz por Nasuada quando Saphira se precipitou para o chão, abrindo as asas para reduzir a velocidade antes de tocar o solo com as patas traseiras. Ela se deixou cair de quatro, e um estrondo surdo ressoou pelo acampamento. Soltando-se da sela, Roran e Katrina desmontaram rapidamente.

Nasuada avançou e examinou Katrina. Estava curiosa por ver que tipo de mulher poderia inspirar um homem a empreender feitos tão extraordinários para salvá-la. A jovem diante dela tinha ossos fortes, com a tez pálida de uma pessoa doente, uma juba cor de cobre e um vestido tão rasgado e imundo que era impossível saber qual teria sido sua aparência original. Apesar dos efeitos visíveis do cativeiro, Nasuada percebeu que Katrina era bastante bonita, mas não o que os bardos chamariam de grande beleza. Ela possuía, porém, uma certa força no olhar e na postura que fez Nasuada pensar que, se fosse Roran que tivesse sido capturado, Katrina teria sido igualmente capaz de incitai" os moradores de Carvahall, levá-los para o sul, para Surda, lutar na batalha da Campina Ardente e depois prosseguir até Helgrind, tudo pelo seu amado. Mesmo quando percebeu a presença de Garzhvog, Katrina não se encolheu nem estremeceu, mas permaneceu em pé onde estava, ao lado de Roran.

Roran fez uma reverência para Nasuada e, girando, também para o rei Orrin.

— Minha lady — disse ele, com expressão séria. — Vossa Majestade. Se me permitem, esta é minha noiva, Katrina. — Ela fez uma mesura para os dois.

— Seja bem-vinda aos Varden, Katrina — cumprimentou Nasuada. —

Todos nós conhecemos seu nome aqui por causa da extraordinária devoção de Roran. Canções do seu amor por você já se espalham pela terra.

— Seja muito bem-vinda — acrescentou Orrin. — Muito bem-vinda,

mesmo.

Nasuada percebeu que o rei tinha olhos só para Katrina, como todos os homens presentes, aí

incluídos os anões, e ela teve certeza de que, antes que terminasse a noite, já estariam contando histórias dos encantos de Katrina para seus companheiros de luta. O que Roran tinha feito por ela a elevava muito acima das mulheres comuns. Fazia dela um objeto de mistério, fascínio e encanto aos olhos dos guerreiros. Que qualquer um se sacrificasse tanto por alguém significava, em razão do preço pago, que aquela pessoa devia ser extraordinariamente preciosa.

Katrina enrubesceu e sorriu.

— Obrigada — disse ela. Junto com seu constrangimento diante de todas essas atenções, um toque de orgulho coloria sua expressão, como se soubesse como Roran era notável e se deliciasse por ser, de todas as mulheres da Alagaësia, a única a ter conquistado seu coração. Ele era seu, e essa era toda a condição ou todo o tesouro que ela desejava.

Uma fisgada de solidão transpassou Nasuada. *Eu queria ter o que eles têm,* pensou ela. Suas responsabilidades a impediam de nutrir sonhos pueris de romance e casamento — e decerto de filhos —, a menos que organizasse um casamento de conveniência para o bem dos Varden. Muitas vezes tinha pensado em fazer isso com Orrin, mas sempre lhe faltava coragem. Ainda assim estava contente com seu quinhão e não invejava a felicidade de Roran e Katrina. Era com sua causa que se importava. Derrotar Galbatorix era muito mais importante que algo tão corriqueiro quanto casamento. Praticamente todo o mundo se casava, mas quantos tinham a oportunidade de supervisionar o nascimento de uma nova era?

Não estou sendo eu mesma nesta noite, percebeu Nasuada. *Meus cortes fizeram meus pensamentos zumbirem como um ninho de abelhas*. Sacudindo-se, ela olhou por cima de Roran e Katrina para Saphira. Nasuada abriu as barreiras que geralmente mantinha em torno da mente para poder ouvir o que Saphira tinha a dizer.

— Onde ele está? — perguntou então.

Com o farfalhar seco de escamas deslizando sobre escamas, Saphira avançou um pouco e abaixou o pescoço para sua cabeça ficar bem em frente de Nasuada, Arya e Angela. O olho esquerdo do dragão cintilava com uma chama azul. Ela fungou duas vezes, e sua língua da cor de carmim a disparou da sua boca. Um bafo quente e úmido fez esvoaçar a gola de renda no vestido de Nasuada.

Nasuada engoliu em seco quando a consciência de Saphira roçou na sua. Saphira parecia diferente de qualquer outro ser que a líder conhecesse: antiga, estranha e tão feroz quanto delicada. Tudo isso, associado à imponente presença física de Saphira, sempre lembrava a Nasuada que, se o dragão quisesse devorá-los, poderia fazê-lo. Ela acreditava que era impossível alguém se sentir soberbo perto de um dragão.

Sinto cheiro de sangue, disse Saphira. *Quem a feriu, Nasuada? Diga os nomes, e eu os rasgarei de cima a baixo e trarei as cabeças para você como troféus.*

— Não há nenhuma necessidade de rasgar ninguém. Pelo menos, não

por enquanto. Eu mesma brandi a faca. Mas esta não é a hora certa para nos determos nesse assunto. Agora mesmo, tudo o que me importa é o paradeiro de Eragon.

Eragon, disse Saphira, *decidiu permanecer no Império*. Por alguns segundos, Nasuada não conseguiu se mexer nem pensar. Depois, uma sensação crescente de fatalidade substituiu sua recusa atordoada em acreditar na revelação de Saphira. Também os outros reagiram de diversos modos, e Nasuada deduziu que Saphira tinha falado com todos eles de uma vez.

— Como. . como você pôde permitir que ele ficasse? — perguntou ela. Pequenas línguas de fogo ondularam nas narinas de Saphira quando ela bufou. *Eragon fez sua escolha. Não consegui impedi-lo. Ele insiste em fazer o que acha que é certo, sem se importar com as conseqüências para si mesmo ou para o resto da Alagaësia. . Eu poderia sacudi-lo como um filhote, mas tenho orgulho dele. Não temam. Ele sabe se cuidar. Até o momento, nenhum infortúnio lhe aconteceu. Eu saberia se fosse ferido.*

— E por que ele fez essa escolha, Saphira? — quis saber Arya.

Seria mais rápido eu mostrar para vocês do que explicar por palavras. Posso?

Todos manifestaram seu consentimento.

Um rio de lembranças de Saphira se derramou em Nasuada. Ela viu o negrume de Helgrind, de cima de uma camada de nuvens. Ouviu Eragon, Roran e Saphira debatendo qual seria o melhor ataque. Viu-os descobrir o covil dos Ra'zac. E vivenciou a luta épica de Saphira com os Lethrblaka. A sucessão de imagens fascinou Nasuada. Tinha nascido no Império, mas não se lembrava de nada de lá. Essa era a primeira vez na vida adulta em que via qualquer coisa além das bordas agrestes dos territórios de Galbatorix. Por último, surgiu Eragon em seu confronto com Saphira. Ela tentou esconder, mas a angústia que sentiu por deixar Eragon ainda era tão forte e penetrante que Nasuada precisou enxugar o rosto com as ataduras dos antebraços. No entanto, os motivos que Eragon deu para ficar-matar o último Ra'zac e explorar o que restava de Helgrind — pareceram insuficientes para Nasuada.

Ela franziu o cenho. *Eragon pode ser impulsivo, mas sem a menor dúvida não é*

tolo o suficiente para pôr em perigo tudo o que pretendemos realizar, apenas para visitar umas cavernas e extrair as últimas gotas amargas da sua vingança. Deve haver outra explicação. Perguntou-se se deveria pressionar Saphira para descobrir a verdade, mas sabia que o dragão não revelaria uma informação dessas por impulso. *Talvez ela queira ter uma conversa particular sobre isso*, pensou Nasuada.

— Raios! — exclamou o rei Orrin. — Eragon não poderia ter escolhido uma hora pior para seguir sozinho. Que diferença faz um único Ra'zac quando todo o exército de Galbatorix se encontra a poucos quilômetros de nós?. . Precisamos trazê-lo de volta.

Angela riu. Estava tricotando uma meia com cinco agulhas de osso, que clicavam e roçavam

umas nas outras com um ritmo regular, embora estranho.

— Como? Ele deve viajar durante o dia, e Saphira não ousaria voar para lá e para cá em busca dele com o sol alto, quando qualquer um poderia avistá-la e alertar Galbatorix.

— E, mas ele é nosso Cavaleiro! Não podemos ficar sentados sem fazer nada enquanto ele permanece no meio dos nossos inimigos.

— Concordo — disse Narheim. — Não importa como seja feito, precisamos nos certificar de que volte em segurança. Grimstnzborith Hrothgar acolheu Eragon em sua família e em seu clã. E esse é o meu próprio clã, como vocês sabem. Portanto, devemos a ele a lealdade da nossa justiça e do nosso sangue.

Arya se ajoelhou e, para surpresa de Nasuada, começou a desatar e reatar as partes superiores das botas.

— Saphira, exatamente em que lugar Eragon estava quando você tocou sua mente pela última vez? — perguntou ela, segurando um cadarço entre os dentes.

Na entrada de Helgrind.

— E você faz alguma idéia do caminho que ele pretendia seguir?

Ele mesmo ainda não sabia.

— Então vou precisar procurar por toda parte — disse Arya, pondo-se em pé, de um salto.

Como uma corça, ela pulou para a frente e atravessou a clareira correndo, desaparecendo entre as barracas do outro lado enquanto seguia para o norte veloz e leve como o próprio vento.

— Arya, não! — gritou Nasuada, mas a elfa já havia sumido. Uma desesperança ameaçou envolver Nasuada, enquanto olhava espantada para onde Arya não estava mais. *O centro está se esboroando*, pensou. Segurando as bordas das peças desencontradas de armadura que cobriam seu torso, como se quisesse arrancá-las, Garzhvog se dirigiu a Nasuada.

— Lady Caçadora Noturna, quer que eu vá atrás? Posso não correr tão rápido quanto os pequenos elfos, mas consigo cobrir a mesma distância.

— Não. . não, fique aqui. De longe, Arya consegue se passar por humana, mas os soldados o caçariam até abatê-lo no instante em que um lavrador qualquer o visse.

— Estou acostumado a ser caçado.

— Mas não no meio do Império, com centenas de homens de Galbatorix percorrendo os campos. Não, Arya vai precisar se virar sozinha. Tomara que consiga encontrar Eragon e o

mantenha em segurança, pois sem ele, estamos condenados ao fracasso.

ESCAPADA E EVASÃO

s pés de Eragon batiam no solo como tambores.

O ritmo originava-se nos calcanhares e subia pelas pernas, atravessava as costelas e percorria a coluna até encerrar-se na base O do crânio, onde o impacto repetitivo fazia seus dentes rangerem e exacerbava a dor de cabeça, que parecia piorar a cada quilômetro. A monótona música da corrida a princípio o perturbara, mas logo o envolveu num transe no qual ele não pensava, apenas movia-se.

À medida que as botas de Eragon desciam, ele ouvia frágeis brotos de relva estalarem como galhos e esparsos montinhos de lama endurecida pulando do solo quebradiço. Imaginava que não chovia nesta parte da Alagaësia havia pelo menos um mês. O ar seco dissolvia a umidade de seu hálito, deixando sua garganta sensível. Por mais que bebesse, não conseguia repor a quantidade de água que o sol e o vento lhe roubavam.

Este era o motivo da dor de cabeça.

Helgrind estava a uma boa distância. Entretanto, seus progressos haviam sido bem menores do que esperava. Centenas de patrulhas de Galbatorix — contendo não só soldados como também mágicos —

infestavam o caminho e freqüentemente precisava se esconder para evitá-las. Estavam atrás dele, não havia a menor dúvida. Na noite anterior, mesmo Thorn ele avistara voando baixo a oeste, no horizonte. Na ocasião, colocou-se imediatamente alerta, jogou-se num poço e lá ficou por meia hora até que o dragão desaparecesse bem abaixo da beira do mundo.

Eragon decidira viajar sempre que possível em estradas e trilhas preestabelecidas. Os eventos da última semana o levaram ao limite de sua capacidade física e emocional. Preferia permitir que seu corpo descansasse e se recuperasse em vez de estressar-se avançando sobre sarças, colinas e ao longo de rios lamacentos. O tempo para os exercícios violentos e desesperados voltaria, mas não agora.

Contanto que permanecesse nas estradas, não ousava correr tão rápido quanto era capaz; na verdade seria mais sábio evitar qualquer tipo de corrida. Uma razoável quantidade de vilarejos e construções anexas espalhava-se ao longo da área. Se algum dos habitantes observasse um homem solitário correndo no campo como se estivesse sendo caçado por uma alcatéia, o espetáculo certamente despertaria curiosidade e suspeita, e talvez até

inspirasse um lavrador assustado a relatar o incidente ao Império. Isso poderia ser fatal para Eragon, cuja principal defesa era o manto do anonimato. Só corria naquele instante porque não encontrara nenhuma criatura viva havia quilômetros, exceto uma cobra tomando sol.

Retornar aos Varden era sua preocupação principal, e ele ficava profundamente amargurado

por ter de caminhar a duras penas, como um vagabundo qualquer. Mas, mesmo assim, agradecia a oportunidade de estar só. Não ficava sozinho, verdadeiramente sozinho, desde que achara o ovo de Saphira, na Espinha. Sempre os pensamentos dela grudavam-se aos seus, ou Brom ou Murtagh ou qualquer outra pessoa estava a seu lado. Além do fardo da companhia constante, Eragon passara todos os meses desde que deixara o vale Palancar envolvido em árduo treinamento, parando apenas para viajar ou participar do tumulto da batalha. Nunca antes pudera se concentrar tão intensamente por tanto tempo ou conviver com tamanha quantidade de preocupação e medo.

Então, dava boas-vindas à sua solidão e à paz que ela proporcionava. A ausência de vozes, incluindo a sua própria, era uma doce cantiga que, por um curto período, o fazia esquecer o medo do futuro. Não sentia vontade alguma de consultar Saphira — embora estivessem muito separados para que suas mentes pudessem se tocar, sua ligação com ela lhe diria se estivesse ferida —

ou contatar Arya ou Nasuada e ouvir suas palavras enraivecidas. Muito melhor, pensou, ouvir as canções dos pássaros esvoaçantes e o suspiro da brisa na relva e nos galhos.

O som do tilintar de arreios, cascos e vozes humanas arrancou Eragon de seu devaneio. Alarmado, parou e olhou ao redor, tentando identificar de que direção vinham os homens que se aproximavam. Um par de gralhas ruidosas alçou vôo de uma ravina próxima.

O único esconderijo perto de Eragon era uma pequena moita de juníperos. Correu para lá e mergulhou embaixo de um monte de folhas caídas no exato instante em que seis soldados surgiram cavalgando de uma ravina em direção a uma estreita estrada enlameada a poucos metros dali. Normalmente, Eragon teria sentido a presença deles muito antes de estarem tão próximos, mas, desde a aparição distante de Thorn, mantivera sua mente fechada para as adjacências.

Os soldados seguraram as rédeas e seguiram caminho pelo meio da estrada, discutindo entre si.

— Estou dizendo, eu vi alguma coisa — gritou um deles. Tinha estatura mediana, bochechas rosadas e barba amarela.

Com o coração martelando, Eragon lutava para manter a respiração lenta e quieta. Tocou a testa para certificar-se de que a faixa de pano que a marrara em sua cabeça ainda cobria suas sobrancelhas empinadas e orelhas pontudas. *Eu queria ainda estar usando minha armadura*, pensou. Para evitar atrair atenções indesejadas, fizera uma trouxa — utilizando folhas mortas e um quadrado de tela que trocara com um funileiro — e colocara a armadura dentro. Agora, não ousava remover e vestir a armadura por medo de ser ouvido pelos soldados.

O soldado com a barba amarela desceu da montaria e caminhou ao longo da estrada, estudando o terreno e os juníperos adiante. Como todos os membros do exército de Galbatorix, o soldado vestia uma túnica vermelha bordada com um fio de ouro contornando

uma língua de logo. O fio brilhava à medida que se movia. Sua armadura era simples — um capacete, um escudo em formato de cone e uma cota de couro — indicando que não passava de um soldado de infantaria. Quanto às armas, segurava uma lança em sua mão direita e uma espada longa presa na cintura.

Quando o soldado chegou ao esconderijo, Eragon começou a sussurrar um complexo encanto na língua antiga. As palavras vazaram de sua língua numa corrente sem fim até que, por descuido, pronunciou incorretamente uma seqüência particularmente difícil de vogais e foi obrigado a recomeçar o encantamento, não sem antes ficar bastante aturdido.

O soldado deu outro passo na direção dele.

E outro.

No exato instante em que o soldado parou à sua frente, Eragon completou o encanto e sentiu sua força refluir com o efeito da magia. Entretanto, por um instante apenas, não conseguiu deixar de ser notado, porque o soldado exclamou:

— A-rá! — E afastou os galhos, revelando-o.

Eragon não se moveu.

O soldado olhou fixamente para ele e franziu o cenho:

— O que.. — murmurou, e espetou a lança nos arbustos. Por poucos centímetros não acertou o rosto de Eragon, que enterrou as unhas nas palmas das mãos à medida que o tremor atormentava seus músculos retesados. —

Ah, que se dane — disse o soldado, e soltou os galhos que voltaram à posição original escondendo Eragon mais uma vez.

— O que foi? — perguntou outro homem.

— Nada — respondeu o soldado, retornando para seus companheiros. Ele removeu o capacete e enxugou a testa. — Meus olhos estão brincando comigo.

— O que aquele maldito Braethan espera da gente? Quase não pudemos piscar os olhos durante esses últimos dois dias.

— É mesmo. O rei deve estar desesperado pra nos obrigar a uma marcha tão forçada.. Pra ser franco, preferia não encontrar quem quer que seja que estamos procurando. Não que eu seja medroso, mas qualquer um que consiga encarar Galbatorix escapa facilmente de gente como nós. Deixem Murtagh e seu dragão monstruoso pegar nosso fugitivo misterioso, que tal?

— A menos que estejamos procurando Murtagh — sugeriu um terceiro homem. — Vocês ouviram tão bem quanto eu o que a cria de Morzan disse. Um desconfortável silêncio tomou

conta dos soldados. Então, o que estava no chão retornou à montaria, agarrou as rédeas com a mão esquerda e disse:

— Cala essa matraca, Derwood. Você fala demais.

Com isso, o grupo de seis esporeou os cavalos e seguiu na direção norte da estrada.

À medida que o som dos cavalos foi desaparecendo, Eragon encerrou o encanto, esfregou os olhos com os punhos e descansou as mãos sobre os joelhos. Uma gargalhada longa e silenciosa escapou-lhe, e balançou a cabeça, divertindo-se em imaginar o quanto suas dificuldades eram bizarras em comparação com sua criação no vale Palancar. *Eu certamente jamais imaginei que isso pudesse acontecer comigo*, pensou.

O encantamento que utilizara continha duas partes: a primeira dispunha raios em volta de seu corpo de modo que parecesse invisível e a segunda, por sorte, impedia que outros mágicos detectassem sua magia. Os principais inconvenientes do encanto eram, por um lado, a impossibilidade de esconder pegadas — portanto a pessoa deveria permanecer parada como uma pedra enquanto estivesse em uso — e por outro, o fato da fórmula freqüentemente filhar em eliminar inteiramente a sombra da pessoa.

Eragon saiu dos arbustos, esticou os braços bem acima da cabeça e então virou-se para a ravina de onde os soldados haviam surgido. Uma única questão o ocupava enquanto ele retomava sua jornada:

O que dissera Murtagh?

— Ah!

A ilusão brumosa do sonhar acordado de Eragon desapareceu quando socou o ar com suas mãos. Contorceu-se incrivelmente e rolou para longe de onde estava deitado. Com muito esforço, conseguiu se levantar arremetendose para trás e ergueu os braços na frente do corpo para desviar possíveis golpes.

Estava cercado pela escuridão da noite. Acima, as estrelas imparciais continuavam a girar em sua interminável dança estelar. Abaixo, nenhuma criatura se mexia. Tampouco ele podia ouvir qualquer coisa além do suave vento acariciando a relva.

Eragon golpeava com sua mente, convencido de que alguém estava prestes a atacá-lo. Caminhou pela vizinhança em todas as direções, mas não encontrou ninguém.

Por fim baixou as mãos. Seu peito arfava e sua pele queimava. Estava fedendo a suor. Em sua mente, uma tempestade explodia: um redemoinho de espadas brilhantes e membros dilacerados. Por um momento, pensou que estivesse em Farthen Dûr combatendo os Urgals, depois na Campina Ardente, trincando espadas com homens parecidos com ele mesmo. Cada local era tão real que podia jurar que alguma estranha magia o havia transportado para o passado através do espaço e do tempo. Viu diante de si os homens e os Urgals que havia

chacinado; pareciam tão reais que Eragon imaginava se não começariam a falar. E apesar de não estar mais com as cicatrizes dos ferimentos, seu corpo se lembrava das diversas contusões que sofrerá, e estremeceu quando sentiu novamente as espadas e as flechas dilacerando sua pele.

Com um uivo bestial, Eragon caiu de joelhos e abraçou-se, balançando para a frente e para trás. *Está tudo bem. . está tudo bem.* Pressionou a testa contra o chão e colocou-se em posição fetal. Sua respiração queimava sua barriga.

— O que há de errado comigo?

Nenhum elos épicos que Brom recitara em Carvahall mencionara que os heróis antigos eram atormentados por tais visões. Nenhum dos guerreiros que Eragon conhecera entre os Varden parecia perturbado pelo sangue que derramavam. E apesar de Roran admitir não gostar da matança, não acordava no meio da noite gritando.

Sou fraco, pensou Eragon. *Um homem não deveria se sentir assim. Um Cavaleiro não deveria se sentir assim. Garrow ou Brom estaria se sentindo bem, eu sei. Eles faziam o que era necessário e ponto final. Sem choro, sem preocupações sem fim ou ranger de dentes.. eu sou fraco.*

Deu um salto e começou a caminhar em torno de seu ninho na grama, tentando se acalmar. Após meia hora, quando a apreensão ainda martelava seu peito com golpes de ferro e sua pele doía como se assolada por milhares de formigas e ele atentava ao menor ruído, Eragon agarrou sua trouxa e saiu correndo sem destino. Não se importava com o que pudesse encontrar à sua frente na escuridão desconhecida nem com o fato de alguém poder notar sua desabalada e impetuosa corrida.

Só desejava escapar de seus pesadelos. Sua mente voltara-se contra ele, e não podia confiar no pensamento racional para se livrar do pânico. Seu único recurso, então, era confiar na antiga sabedoria animal de seu corpo, que lhe ordenava que se movesse. Se corresse numa boa velocidade, talvez pudesse estabilizar-se por um momento. Talvez a agitação de seus braços, as pancadas de seus pés na lama, a sensação gélida e escorregadia do suor embaixo das axilas e uma miríade de outras sensações pudessem, pelo puro excesso, forçá-lo a esquecer.

Talvez.

Um bando de estorninhos irrompeu no céu da tarde como se fossem peixes no oceano.

Eragon estreitou os olhos na sua direção. No vale Palancar, quando os estorninhos voltavam após o inverno, sempre formavam bandos tão grandes que transformavam o dia em noite. Este não era dos maiores, mas ainda assim o fazia lembrar das noites passadas bebendo chá de menta com Garrow e Roran na varanda de casa, observando o movimento constante de uma nuvem negra no céu.

Imerso em lembranças, parou e se sentou sobre uma pedra para amarrar o cadarço das botas.

A temperatura mudara; estava frio agora, e a mancha cinzenta na direção do oeste indicava a possibilidade de uma tempestade. A vegetação estava mais rica. Musgos, juncos e espessas porções de grama eram visíveis. Vários quilômetros além, cinco morros destacavam-se em meio a passagem plana. Um grupo de grossos carvalhos adornava o do meio, acima dos enevoados montes de folhagem, Eragon olhou de relance as paredes caídas de uma construção há muito abandonada, obra de alguma casa de um passado longínquo.

Despertado pela curiosidade, decidiu fazer o desjejum nas ruínas, certamente haveria muita caça por lá, e a busca por alimentos lhe daria a desculpa perfeita para explorar um pouco a região antes de seguir viagem. Uma hora depois, Eragon chegou à base do primeiro morro, onde encontrou restos de uma antiga estrada pavimentada com quadrados de pedra. Seguiu-a até as ruínas, imaginando a estranha construção, já que não lhe parecia nem um pouco com trabalho humano, élfico ou de anão com o qual estivesse familiarizado.

As sombras embaixo dos carvalhos deram-lhe um leve calafrio enquanto escalava o morro central. Perto do topo, o chão ficou plano e a mata se abriu. Adentrou uma grande clareira, onde encontrou uma torre quebrada. A parte de baixo era larga e amparada com vigas, como se fosse o tronco de uma árvore. Então, a estrutura se estreitava e erguia-se na direção do céu por pelo menos vinte metros, terminando em uma linha fina e pontuda. A parte superior da torre estava no chão, destroçada em inúmeros fragmentos.

Eragon foi tomado de excitação. Suspeitava haver encontrado uma posição avançada dos elfos, erguida muito antes da destruição dos Cavaleiros. Nenhuma outra raça teria a habilidade ou a propensão para construir tal estrutura.

Então, avistou uma horta do lado oposto da clareira.

Um único homem estava debruçado sobre a fileira de plantas, jogando sementes de ervilha. Seu rosto, voltado para o chão, estava coberto por sombras. Sua barba grisalha era tão longa que ficava empilhada em seu colo como um monte de lã desgrenhada. Sem levantar os olhos, o homem disse:

— Bem, vai me ajudar com essas ervilhas ou não? Vai poder ganhar um prato de comida se colaborar.

Eragon hesitou, sem ter certeza do que fazer. Depois pensou: *Por que* eu *deveria ter medo de um velho eremita*? E caminhou em direção à horta.

— Sou Bergan. . Bergan, filho de Garrow.

O homem grunhiu:

— Tenga, filho de Ingvar.

A armadura dentro da trouxa de Eragon fez um ruído quando ele a lançou ao chão. Por cerca de uma hora trabalhou em silêncio com Tenga. Sabia que não deveria ficar muito tempo, mas

gostou da tarefa. Evitava os pensamentos ruins. Enquanto semeava, permitiu que sua mente se expandisse e tocasse a multiplicidade de criaturas vivas dentro da clareira. Deu boasvindas à sensação de unidade que compartilhava com elas. Quando terminaram de remover o último resquício de grama, beldroegas e dentes-de-leão do entorno das ervilhas, Eragon seguiu Tenga até

uma estreita porta na frente da torre, através da qual entraram em uma espaçosa cozinha com sala para refeições. No meio do local, uma escada circular subia até o segundo andar. Livros, pergaminhos e roldanas revestidas de couro cobriam quase toda a superfície, incluindo uma boa parte do chão. Tenga apontou para a pequena pilha de galhos na lareira. Com um estalo, a madeira pegou fogo. Eragon ficou tenso, pronto para se digladiar física e mentalmente com Tenga.

O outro homem não pareceu reparar a reação. Apenas continuou a zanzar às pressas pela cozinha atrás de canecas, pratos, facas e diversas sobras para o almoço dos dois enquanto resmungava baixinho para si mesmo. Com todos os sentidos alerta, Eragon desabou no canto de uma poltrona. Ele não proferiu a língua antiga, pensou ele. *Mesmo que tivesse dito o encanto em sua cabeça, ainda assim estaria se arriscando a morrer ou coisa pior ao acender uma mera lareira!* Porque, de acordo com o que Oromis lhe ensinara, as palavras eram os meios pelos quais a pessoa controlava a liberação da magia. Lançar um encantamento sem a estrutura de linguagem controlando a força motriz poderia incorrer no risco de alguma emoção ou pensamento desgarrado distorcer o resultado.

Eragon deu uma olhada em torno do recinto em busca de indícios a respeito de seu anfitrião. Localizou um pergaminho aberto onde estavam dispostas colunas de palavras da língua antiga e identificou aquilo como um compêndio de nomes verdadeiros, similar àqueles que ele estudara em Ellesméra. Mágicos desejavam imensamente tais pergaminhos e livros e sacrificariam quase tudo para obtê-los, porque com eles aprenderiam novas palavras para os encantos e também poderiam neles gravar novas palavras descobertas. Poucos, entretanto, podiam adquirir um compêndio por serem incrivelmente raros. E aqueles que já possuíam algum quase nunca se desfaziam dele por opção.

Dessa forma, era pouco comum Tenga possuir tal compêndio, mas para seu espanto, Eragon viu mais seis na sala, além de escritos sobre assuntos que iam de história a matemática, passando por astronomia e botânica. Uma caneca de cerveja e um prato com pão, queijo e uma fatia de torta de carne fria surgiram na sua frente quando Tenga empurrou os pratos embaixo de seu nariz.

— Obrigado — disse Eragon, aceitando.

Tenga ignorou-o e se sentou de pernas cruzadas perto da lareira. Continuou a resmungar e sussurrar enquanto devorava seu almoço.

Após ter raspado o prato e enxugado a última gota da cerveja de ótima qualidade, e também Tenga quase ter terminado seu repasto, Eragon não pôde se conter e perguntou:

— Foram os elfos que construíram essa torre?

Tenga mirou-o fixamente, como se a pergunta colocasse dúvidas sobre a inteligência de Eragon.

— Foram. Os elfos espertinhos que construíram Edur Ithindra.

— O que é que você faz aqui? Você vive sozinho ou. .

— Eu procuro uma resposta! — exclamou Tenga. — Uma chave para

uma porta ainda fechada, o segredo das árvores e das plantas. Fogo, calor, raio, luz... a maioria não sabe a pergunta e vaga na ignorância. Outros sabem a pergunta, mas temem o que a resposta pode significar. Argh! Por milhares de anos, nós vivemos como selvagens. Selvagens! Acabarei com isso. Anunciarei a era da luz, e todos saudarão meu feito.

— Por obséquio, o que exatamente você procura?

Uma carranca apareceu no rosto de Tenga.

— Você não sabe a pergunta? Pensei que talvez soubesse. Mas, não, eu estava errado. Ainda assim, vejo que compreende minha busca. Você procura uma resposta diferente, mas procura. A mesma tocha que queima em seu coração queima no meu. Quem além de um companheiro peregrino é capaz de agradecer aquilo que devemos sacrificar para encontrar a resposta?

— A resposta para quê?

— Para a pergunta que escolhemos.

Ele é louco, pensou Eragon. Em busca de algo com que pudesse distrair Tenga, seu olhar encontrou uma fileira de pequenos animais de madeira dispostos no peitoril abaixo de uma janela em forma de lágrima.

— Belas peças — elogiou, indicando as estátuas. — Quem as fez?

— *Ela fez*. . antes de partir. Ela estava sempre fazendo coisas. — Tenga deu um salto e colocou a ponta de seu indicador esquerdo na primeira das estátuas. — Aqui o esquilo com o rabo ondulado, ele tão vivaz e veloz e tão cheio desse riso zombeteiro. — Seu dedo migrou para a estátua seguinte. Aqui o porco selvagem, tão mortal com suas presas afiadas. . aqui o corvo com.. Tenga não estava prestando atenção quando Eragon se afastou, soltou o trinco da porta e saiu de Edur Ithindra. Com sua trouxa no ombro, deu um trote através dos carvalhos e deixou para trás os cinco morros e o feiticeiro clemente que entre eles residia.

Pelo resto daquele dia e do seguinte, o número de pessoas na estrada aumentou tanto que em um dado momento pareceu a Eragon que um novo grupo estava surgindo a cada instante depois de um morro. A maioria era de refugiados, embora soldados e outros homens também

estivessem presentes. Eragon evitava-os sempre que podia e marchava com a cabeça baixa quase todo o tempo.

Esse hábito, entretanto, forçou-o a passar a noite no vilarejo de Eastcroft, trinta quilômetros ao norte de Melian. Ele havia pretendido abandonar a estrada bem antes de chegar lá. Desejava encontrar um abrigo ou caverna onde pudesse descansar até a manhã seguinte, mas como não tinha muita familiaridade com o local, calculou mal a distância e deparou com o vilarejo e com uma companhia de três soldados. Quando os deixou, os menos de trinta minutos que o separavam da segurança dos portões e muros de Eastcroft e o conforto de uma cama macia teriam inspirado até mesmo o mais retardado dos néscios a se perguntar por que estava tentando evitar o vilarejo. Então, Eragon começou a ensaiar silenciosamente as historias que preparara para explicar sua viagem.

O sol encontrava-se alguns centímetros acima do horizonte quando Eragon avistou Eastcroft pela primeira vez, um vilarejo mediano cercado por uma paliçada alta. Já estava quase escuro quando finalmente chegou ao local e atravessou os portões. Atrás de si, ouviu uma sentinela perguntar aos soldados se havia mais alguma pessoa logo atrás deles na estrada. — Não que eu tenha percebido.

— Já está mais do que bom pra mim — retrucou a sentinela. — Se houver algum retardatário vai ter de esperar até amanhã pra entrar. — E

gritou para outro homem do lado oposto do portão: — Fecha! — Juntos, empurraram as imensas portas de ferro e colocaram quatro barras de carvalho da largura de Eragon.

Eles devem estar esperando um ataque, pensou Eragon, e depois sorriu para sua própria cegueira. *Bem, quem é que não espera problemas hoje em dia?* Alguns meses atrás, teria ficado preocupado em cair em alguma cilada em Eastcroft, mas agora estava confiante em poder escalar as fortificações com as próprias mãos e, conseguindo ocultar-se com a ajuda da magia, poderia escapar no meio da noite sem ser percebido. Mas resolveu ficar porque estava cansado. Além do mais, um encanto poderia atrair a atenção de algum mágico nas redondezas, se é que havia algum.

Antes de dar mais do que alguns passos na ruela enlameada que dava na praça principal da cidade, um vigia se aproximou dele, encostando um lampião em seu rosto.

— Pare aí! Você nunca esteve antes em Eastcroft, esteve?

— Essa é minha primeira visita — disse Eragon.

O vigia atarracado balançou a cabeça.

— E você tem família ou amigos aqui para recebê-lo?

— Não.

— O que o traz a Eastcroft, então?

— Nada. Estou viajando para o sul para pegar a família de minha irmã

e levá-los de volta a Dras-Leona.

A história de Eragon não pareceu surtir nenhum efeito sobre o vigia. *Talvez ele não acredite em mim, especulou ele. Ou talvez tenha ouvido tantos relatos como o meu que nem se importa mais.*

— Então vai querer a casa dos viajantes, perto do poço principal. Lá

você vai achar comida e cama. E enquanto ficar aqui em Eastcroft, deixe-me avisá-lo, nós não toleramos assassinatos, roubos ou qualquer outra coisa do tipo por aqui. Temos troncos bem fortes e patíbulos resistentes que já tiveram muitos hóspedes. Estou sendo claro?

— Sim, senhor.

— Então vá e tenha boa sorte. Mas espere! Qual é o seu nome, estranho?

— Bergan.

Com isso, o vigia seguiu adiante, retornando à sua ronda noturna. Eragon esperou até que os muros das casas escondessem o lampião que o vigia carregava para caminhar em direção ao mural de avisos localizado à

esquerda dos portões.

Lá, em meio a diversos cartazes de criminosos, encontravam-se duas folhas de pergaminho com quase um metro de comprimento. Uma delas mostrava Eragon, outra Roran e em ambas aparecia a mesma inscrição: traidores da Coroa. Eragon examinou-os com interesse e ficou impressionado com a recompensa oferecida: um condado a cada um que capturasse algum deles. O desenho de Roran era bem semelhante a ele e até mesmo incluía a barba que cultivara desde que fugira de Carvahall, mas o retrato de Eragon o representava como havia sido antes da Celebração de Juramento ao Sangue, quando ainda parecia totalmente humano.

Como as coisas mudaram, pensou.

Seguiu em frente, perambulando pela cidade, até localizar a casa dos viajantes. A sala principal possuía um teto baixo com madeiras manchadas de alcatrão. Velas amarelas forneciam uma luz suave que adensava o ar com camadas de fumaça que se cruzavam. Areia e juncos cobriam o chão, e a mistura estalava debaixo das botas de Eragon. A sua esquerda ficavam mesas e cadeiras e uma grande lareira, na qual um rapazola girava um porco no espeto. Do lado oposto ficava um longo bar, uma fortaleza com pontes levadiças que protegiam os tonéis de cerveja dos mais diversos tipos da horda de homens sedentos que acometiam de todos os lados.

Umas sessenta pessoas estavam lá, fazendo com que o local atingisse uma superlotação desconfortável. O bramido da conversação já teria sido suficiente para sobressaltar Eragon após tanto tempo na estrada, mas com sua audição sensível, sentia-se como se estivesse no meio de uma catarata. Era difícil para ele se concentrar em qualquer das vozes. Assim que pescava uma palavra ou frase, outras já apareciam de imediato, atropelando as anteriores. Em um canto, um trio de menestréis cantava e representava uma versão burlesca de "Doce Aethrid o' Dauth", o que não melhorava em nada o alarido. Eragon estremeceu com o portentoso ruído e esgueirou-se através da multidão até chegar ao bar. Queria conversar com a atendente, mas ela estava tão ocupada que somente passados cinco minutos pôde olhar para ele e perguntar:

— Pois não?

Fios de cabelo caíam-lhe pelo rosto suado.

— Você tem um quarto ou algum canto onde eu possa passar a noite?

— Eu não teria como lhe dizer. Você deveria falar diretamente com a proprietária. Ela está lá embaixo — respondeu a moça, e balançou a mão na direção de uma escada soturna.

Enquanto esperava, Eragon recostou-se no bar e estudou as pessoas no recinto. Era uma mistura bastante heterogênea. Metade, imaginava, eram moradores da cidade que vinham beber um trago à noite. Quanto ao resto, a maioria era de homens e mulheres — famílias, quase sempre — que estavam migrando para locais mais seguros. Era fácil para ele identificá-los pelas camisas puídas e calças sujas e pela maneira como se acotovelavam nas cadeiras e olhavam desconfiados para qualquer pessoa que se aproximava. Entretanto, evitavam meticulosamente olhar na direção do último e menor grupo de clientes da casa dos viajantes: soldados de Galbatorix. Os homens de túnica vermelha falavam mais alto do que qualquer outra pessoa. Riam e berravam e batiam com os punhos sobre a mesa enquanto entornavam cerveja e apalpavam todas as garçonetes suficientemente ingênuas para passar perto deles.

Será que se comportam dessa maneira porque sabem que ninguém ousa se opor a eles e se divertem demonstrando seu poder?, imaginava Eragon. *Ou porque eram forçados a se alistar no exército de Galbatorix e procuravam embotar a sensação de vergonha e medo com aquela pândega?*

Neste instante, os menestréis começaram a cantar:

E então com seu cabelo ao vento a doce Aethrid o' Dauth

Correu até o lorde Edel e gritou: "Liberte meu amante,

Senão uma bruxa te transforma num bode peludo!"

Lorde Edel riu e disse: "Nenhuma bruxa vai me transformar em um bode peludo!"

A multidão se moveu um pouco e possibilitou que Eragon visualizasse uma mesa encostada a

uma parede. Nela estava sentada uma mulher solitária, seu rosto escondido num capuz escuro. Quatro homens estavam ao seu redor, fazendeiros grandes e encorpados com pescoços rijos e bochechas vermelhas de álcool. Dois deles estavam encostados na parede, um de cada lado da mulher, agigantando-se sobre ela, enquanto o terceiro estava sentado numa cadeira virada para trás arreganhando os dentes e o quarto estava com o pé

esquerdo na borda da mesa e inclinado na direção do joelho. Os homens falavam e gesticulavam de modo deselegante. Embora Eragon não pudesse ouvir ou ver o que a mulher estava dizendo, era óbvio para ele que a resposta estava deixando os fazendeiros enraivecidos, já que franziram os cenhos e estufaram os peitos como se fossem galos de briga. Um deles sacudiu o dedo no rosto dela.

Para Eragon, pareciam homens decentes e trabalhadores que haviam perdido seus modos nas profundezas de suas canecas de cerveja, um erro que testemunhara diversas vezes nos dias de festa em Carvahall. Garrow não nutria muito respeito por homens que sabiam que não conseguiam beber e ainda assim insistiam em constranger-se em público. "E indecoroso!", dizia ele. "E o pior, se você bebe para esquecer seu fardo na vida e não pelo prazer, deve fazer isso sem perturbar ninguém."

O homem à esquerda da mulher irrompeu de súbito e enfiou um dos

dedos embaixo do capuz dela, como se tentasse empurrá-lo para trás. Em seguida, com tanta rapidez que Eragon quase não conseguiu ver, a mulher ergueu sua mão esquerda, agarrou o pulso do homem, mas logo soltou, voltando para sua posição inicial. Eragon duvidou se alguma outra pessoa no recinto, incluindo o homem que ela tocara, havia notado a ação.

O capuz desabou sobre seu pescoço e Eragon enrijeceu, embasbacado. A mulher era humana, mas parecia Arya. As únicas diferenças entre as duas eram os olhos — redondos e nivelados e não puxados como os de um gato

— e as orelhas, que não eram pontudas como as dos elfos. Era tão bonita quanto a Arya que Eragon conhecia, mas de um modo menos exótico e mais familiar.

Sem hesitar, esquadrinhou a mulher com sua mente. Ele tinha de saber quem realmente era.

Assim que tocou sua consciência, um golpe mental estourou de volta sobre ele, destruindo sua concentração. Então, nos confins de seu crânio, ele ouviu uma voz ensurdecedora exclamar: *Eragon*!

Arya?

Seus olhos se encontraram por um instante antes da multidão adensar mais uma vez e escondê-la.

Eragon atravessou às pressas a sala até sua mesa, empurrando a massa de corpos à sua frente para achar um caminho. Os fazendeiros olharam de soslaio quando ele emergiu do meio da

turba. Um deles disse:

— Você é muito grosseiro se intrometendo assim sem ser convidado. Pode ir saindo, hein!

Com a voz mais diplomática que conseguiu, Eragon disse:

— Cavalheiros, me parece que a moça prefere ficar sozinha. Com certeza vocês não ignorariam a vontade de uma mulher honesta, não é?

— Uma mulher honesta? — disse o homem que estava mais próximo,

rindo. — Nenhuma mulher honesta viaja desacompanhada.

— Então me permitam acalmar suas preocupações, já que sou seu irmão e vamos morar com nosso tio em Dras-Leona.

Os quatro homens trocaram olhares inquietos. Três deles começaram a se afastar de Arya, mas o maior plantou-se a alguns centímetros de Eragon e, respirando em seu rosto, disse:

— Não tenho certeza se acredito em você, *amigo*. Você só está tentando fazer a gente sair pra poder ficar com ela.

Ele não está tão distante, pensou Eragon.

Então, de maneira tão tranqüila que apenas aquele homem pôde ouvir, afirmou:

— Eu lhe asseguro que ela é minha irmã. Por favor, cavalheiro, não há

nenhuma desavença entre nós. Você vai sair ou não?

— Não, se estou achando que você é um covarde mentiroso.

— Cavalheiro, seja razoável. Não há necessidade desse dissabor. A noite é uma criança e há bebida e música de sobra. Não vamos brigar por causa de um desentendimento tão insignificante que não chega aos nossos pés.

Para alívio de Eragon, o outro homem relaxou após alguns segundos e deu um grunhido cheio de escárnio.

— Eu não lutaria com um guri como você, de qualquer maneira —

disse o homem. Deu as costas e arrastou seu corpanzil até o bar acompanhado dos amigos.

Com o olhar fixo na multidão, Eragon deslizou para a mesa e sentou ao lado de Arya.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou, quase sem mover os

lábios.

— Procurando você.

Surpreso, olhou para ela, que ergueu uma sobrancelha curvada. Ele voltou a olhar para a aglomeração de pessoas e, fingindo sorrir, perguntou:

— Você está sozinha?

— Não mais. . Você alugou uma cama para a noite?

Ele balançou a cabeça.

— Bom. Eu já tenho um quarto. Podemos conversar lá.

Eles se levantaram em uníssono e ele a seguiu até a escada atrás da sala principal. Os degraus gastos rangiam enquanto subiam até o hall no segundo andar. Uma única vela iluminava o lúgubre corredor revestido de madeira. Arya seguiu na frente até a última porta à direita e, de dentro da volumosa manga de seu manto, pegou uma chave de ferro.

Destrancou a porta, entrou no quarto, esperou Eragon cruzar a soleira e então fechou e trancou novamente a porta.

Um tênue brilho amarelado vinha da janela próxima a Eragon. A luz era proveniente de um lampião pendurado no outro lado da praça central de Eastcroft. Com ela, ele conseguia perceber a forma de uma lamparina numa mesinha à sua direita.

— Brisingr — sussurrou Eragon, e acendeu o pavio com uma faísca de seu dedo.

Mesmo com a lamparina queimando, o quarto ainda estava escuro. A câmara continha o mesmo madeirame do corredor, e a coloração castanha absorvia grande parte da luz, fazendo com que o local parecesse menor e mais carregado, como se um grande peso pressionasse de tora para dentro. Além da mesinha, a única outra peça de mobiliário era uma cama estreita com um cobertor jogado sobre a colcha. Uma pequena bolsa de suprimentos estava sobre o colchão.

Eragon e Arya olharam um para o outro. Então, ele se levantou e removeu a faixa de pano amarrada na cabeça. Ela soltou o broche que prendia o manto sobre os ombros e colocou a indumentária sobre a cama. Estava usando um vestido verde-musgo, o primeiro vestido que Eragon a vira usar. Para ele, era uma estranha experiência as aparências de ambos estarem invertidas, de modo que ele estava parecendo um elfo e Arya uma humana. A mudança não diminuía em nada seu apreço por ela, mas o deixava mais confortável em sua presença, já que ela ficava menos diferente dele. Foi Arya quem quebrou o silêncio:

— Saphira disse que você ficou para trás para matar o último Ra'zac e para explorar o resto de Helgrind. É verdade?

— Em parte.

— E qual é toda a verdade?

Eragon sabia que nada menos a satisfaria.

— Prometa-me que você não compartilhará com mais ninguém o que

eu lhe direi agora, a menos que eu lhe dê permissão.

— Eu prometo — disse ela na língua antiga.

Assim, contou-lhe sobre como encontrara Sloan, por que decidira não trazê-lo de volta para os Varden, sobre a maldição que lançara sobre o açougueiro e a chance que dera a Sloan para redimir-se — pelo menos parcialmente — e para reconquistar sua visão. Eragon terminou dizendo:

— O que quer que aconteça, Roran e Katrina *jamais* poderão saber que Sloan ainda está vivo. Se souberem, os problemas nunca terão um fim. Arya sentou na beirada da cama e, por um bom tempo, mirou a lamparina e sua flama saltitante.

— Você deveria tê-lo matado.

— Talvez, mas não pude.

— O fato de você julgar sua tarefa intragável não lhe dá o direito de furtar-se dela. Você foi covarde.

Eragon reagiu com desprezo à acusação dela.

— Fui? Qualquer um com uma faca poderia ter matado Sloan. O que

eu fiz foi muito mais difícil.

— Fisicamente, mas não moralmente.

— Eu não o matei porque pensei que era errado — disse Eragon, franzindo as sobrancelhas, concentrado em procurar as palavras certas para explicar-se. — Eu não estava com medo... isso não. Não depois de ter participado das batalhas. . E diferente. Eu mato na guerra. Mas não vou jogar sobre mim a responsabilidade sobre quem deve ou não viver. Não tenho a experiência nem a sabedoria. . Todo homem tem um limite do qual não passa, Arya, e eu achei o meu quando olhei Sloan. Mesmo que eu tivesse Galbatorix como meu prisioneiro, não o mataria. Eu o levaria para Nasuada ou para o rei Orrin, e, se eles o condenassem à morte, então eu lhe arrancaria a cabeça com toda a felicidade, mas não antes. Chame isso de fraqueza, se quiser, mas é

assim que sou e não pedirei perdão por isso.

— Então você será uma ferramenta soldada pelos outros?

— Eu servirei ao povo da melhor maneira possível. Jamais tive nenhuma aspiração de liderar. Alagaësia não necessita de outro rei tirano. Arya esfregou as têmporas e disse:

— Por que tudo tem de ser tão complicado com você, Eragon? Não importa aonde vá, sempre parece estar envolvido em situações difíceis. E

como se fizesse um esforço para pisar em todas as plantas espinhosas do caminho.

— Sua mãe me disse exatamente a mesma coisa.

— Não me surpreende.. Muito bem, deixe assim. Nenhum dos dois está disposto a mudar de opinião, e temos outras preocupações mais urgentes do que discutir a respeito de justiça e moralidade. No futuro, entretanto, seria bom você lembrar quem é e o que significa para as raças da Alagaësia.

— Eu nunca esqueci. — Eragon tez uma pausa, esperando uma resposta, mas Arya resolveu não aceitar o desafio. Ele sentou na beirada da mesa e disse: — Sabe que não precisava ter vindo me procurar. Eu estava bem.

— E claro que eu precisava.

— Como me encontrou?

— Adivinhei a rota que você pegaria em Helgrind. Por sorte, minha aposta me levou a uns sessenta quilômetros a oeste daqui, o que já era suficientemente perto para eu localizá-lo ouvindo os sussurros da terra.

— Não compreendo.

— Um Cavaleiro não anda neste mundo sem ser notado, Eragon. Aqueles que têm ouvidos para ouvir e olhos para ver podem interpretar os sinais com muita facilidade. Os pássaros cantam sua chegada, as bestas da terra observam seu cheiro e até as árvores e a grama lembram seu toque. O

laço entre Cavaleiro e dragão é tão poderoso que aqueles que são sensíveis às forças da natureza podem senti-lo.

— Qualquer hora dessas, você vai ter de me ensinar esse truque.

— Não é truque, é apenas a arte de prestar atenção ao que está à sua volta.

— Por que veio a Eastcroft, então? Teria sido mais seguro me encontrar fora do vilarejo.

— As circunstâncias me obrigaram a vir, assim como imagino que também obrigaram você. Você não veio de livre e espontânea vontade, veio?

— Não. . — Girou os ombros, fatigado pelo dia de viagem. Tentou repelir o sono, apontou o vestido da elfa e disse: — Você finalmente abandonou sua camisa e a calça comprida?

Um pequeno sorriso apareceu no rosto de Arya.

— Apenas durante essa viagem. Vivi entre os Varden por mais tempo do que ouso lembrar, mas mesmo assim ainda esqueço como os humanos insistem em separar suas mulheres dos homens. Jamais conseguiria adotar os costumes de vocês, mesmo que não me comportasse inteiramente como uma elfa. Quem diria sim ou não para mim? Minha mãe? Ela estava do outro lado da Alagaësia. — Arya pareceu fazer uma pausa, como se tivesse dito mais do que desejava. Então, continuou: — De qualquer modo, eu tive um inoportuno encontro com um par de pastores de boi logo depois de deixar os Varden, e em seguida roubei esse vestido.

— Cai bem em você.

— Uma das vantagens de ser feiticeira é jamais precisar de alfaiate. Eragon riu por um momento. Depois perguntou:

— E agora?

— Agora nós descansamos. Amanhã, antes de o sol nascer, nós saímos de Eastcroft e ninguém será o mais esperto.

Naquela noite Eragon dormiu em frente à porta enquanto Arya ficou com a cama. O acordo não foi resultado de deferência ou cortesia da parte dele —

embora, de qualquer modo, tivesse insistido em dar a cama para Arya —, mas, sim, cautela. Se alguém irrompesse no quarto, acharia estranho uma mulher dormindo no chão.

À medida que as horas vazias se sucediam, Eragon mirava as vigas acima de sua cabeça e rastreava as falhas na madeira, incapaz de acalmar seus pensamentos desenfreados. Tentou todos os métodos que conhecia para relaxar, mas sua mente sempre retornava a Arya, para a surpresa em encontrála, para seus comentários a respeito de como ele tratara Sloan e acima de tudo, para o que sentia por ela. O que era exatamente, não unha certeza. Ansiava por estar a seu lado, mas ela rejeitara seus avanços e isso gerou uma mancha de dor e raiva na afeição que sentia por ela. E também frustração, já que apesar de recusar-se a aceitar que sua corte era desprovida de esperança, não conseguia pensar em como proceder.

Uma dor se formou em seu peito ao ouvir a suave respiração de Arya. Era um tormento para ele ficar tão perto e ao mesmo tempo ser tão incapaz de abordá-la. Torceu a borda de sua túnica entre os dedos e desejou que houvesse algo que pudesse fazer em vez de resignar-se àquele destino desagradável.

Lutou com suas tempestuosas emoções noite adentro, até que finalmente sucumbiu à exaustão e submergiu no abraço esperado de seu sonhar acordado. Lá vagou por algumas horas incertas até que as estrelas começaram a perder o brilho e já era hora de os dois deixarem Eastcroft. Juntos, abriram a janela e pularam do parapeito ao chão, três metros abaixo, pouca coisa para alguém com habilidades élficas. Ao cair, Arya segurou a saia de seu vestido para evitar que formasse um balão. Aterrissaram poucos centímetros um do outro e começaram a correr por entre as casas até

a paliçada.

— As pessoas vão imaginar aonde nós fomos — disse Eragon, correndo. — Talvez devêssemos ter esperado e saído como viajantes normais.

— É mais arriscado ficar. Eu paguei o quarto. Isso é tudo o que interessa à dona da estalagem. Ela não quer saber se saímos mais cedo. — Os dois se separaram por alguns segundos ao circundar uma carroça decrépita. Então, Arya acrescentou: — O mais importante é não parar. Se nos demorarmos, certamente o rei nos achará.

Quando chegaram ao muro externo, Arya caminhou ao longo até

encontrar um pilar com uma protuberância. Envolveu-a com as mãos e puxou, testando a madeira com seu peso. O pilar oscilou e retiniu, mas ficou firme.

— Você primeiro — disse Arya.

— Por favor, depois de você.

Com um suspiro de impaciência, ela deu uma batidinha no corpete e disse:

— Um vestido é mais fresco do que um par de calças, Eragon.

O rosto dele ficou vermelho assim que entendeu o significado da frase. Levantando os braços acima da cabeça, agarrou firme e começou a escalar a paliçada usando os pés e os joelhos durante a subida. No topo, parou e se equilibrou nas pontas dos pilares pontudos.

— Continue — sussurrou Arya.

— Não até que você suba.

— Não seja tão. .

— Vigia! — disse Eragon, e apontou. Um lampião flutuou na escuridão entre um par de casas. Quando a luz se aproximou, o perfil de um homem com armadura emergiu das sombras. Ele portava uma espada desembainhada em uma das mãos.

Silenciosa como um espectro, Arya agarrou o pilar e, usando apenas a força dos braços,

puxou-se mão após mão até Eragon. Parecia deslizar para cima, como se por mágica. Quando estava suficientemente próxima, Eragon pegou seu antebraço direito e ergueu-a acima dos pilares restantes, colocandoa perto dele. Como dois pássaros estranhos, ficaram empoleirados sobre a paliçada, imóveis e ofegantes enquanto o vigia caminhava abaixo, balançando o lampião para um lado e para o outro em busca de intrusos.

Não olhe para o chão, suplicou Eragon. *E não olhe para o alto*. Um instante depois, o vigia embainhou a espada e continuou sua ronda, cantarolando.

Sem dizer uma palavra, Eragon e Arya pularam para o outro lado da paliçada. A armadura dentro da trouxa chocalhou quando ele se chocou com o chão coberto de grama e rolou para dissipar a força do impacto. Levantouse, inclinou-se e disparou para longe de Eastcroft através da paisagem cinzenta, seguido de perto por Arya. Corriam ao longo das bacias e leitos secos dos rios costeando as fazendas que cercavam o vilarejo. Algumas vezes, cães indignados surgiam para protestar pela invasão de seus territórios. Eragon tentava acalmá-los com a mente, mas a única forma que encontrou para fazer os cachorros pararem de latir era assegurá-los de que seus terríveis dentes e garras haviam convencido os dois a fugir dali. Satisfeitos com o sucesso, os cachorros voltavam de rabo abanando para os celeiros, alpendres e varandas de onde vigiavam seus feudos. A presunçosa confiança deles divertia Eragon.

Oito quilômetros além de Eastcroft, quando ficou aparente que estavam absolutamente sós e ninguém estava atrás deles, fizeram uma parada perto de um toco de árvore calcinado. Arya ajoelhou-se e pegou um punhado de terra do chão.

— Adurna reisa — disse ela. A partir de um pingo, a água começou a surgir do solo e seguiu até o buraco que ela havia cavado. Arya esperou até

que a água preenchesse a cavidade e então disse: — Letta — e o fluxo foi interrompido.

Ela evocou a cristalomancia e o rosto de Nasuada apareceu na superfície da água parada. Arya a saudou.

— Minha lady — disse Eragon, e fez uma mesura.

— Eragon — respondeu ela. Nasuada parecia cansada, emaciada, como se houvesse sofrido uma longa enfermidade. Uma madeixa soltara-se de seu coque e enrolara-se formando um nó apertado no couro cabeludo, Eragon olhou de relance uma fileira de pesadas bandagens em seu braço quando ela deslizou uma das mãos por cima da cabeça, ajustando o fio de cabelo rebelde.

— Você está a salvo, graças a Gokukara. Nós ficamos muito preocupados.

— Sinto muito tê-la irritado, mas eu tinha meus motivos.

— Você deve explicá-los a mim quando chegar.

— Como desejar — disse ele. — Como se feriu? Alguém a atacou? Por que ninguém da Du Vrangr Gata a curou?

— Eu ordenei que eles me deixassem em paz. E isso eu vou explicar quando você chegar. — Tremendamente intrigado, Eragon assentiu com a cabeça e engoliu suas questões. Para Arya, Nasuada disse: — Estou impressionada. Você o encontrou. Eu não tinha tanta certeza de que conseguiria.

— A sorte sorriu para mim.

— Talvez, mas eu tendo a acreditar que sua habilidade foi tão importante quanto a generosidade da sorte. Quanto tempo até que se juntem a nós?

— Dois, três dias, a menos que encontremos dificuldades imprevistas.

— Bom. Eu os espero, então. De agora em diante, quero que me contatem pelo menos uma vez antes do meio-dia e uma vez antes do anoitecer. Se eu não ouvir noticias, entenderei que foram capturados e enviarei Saphira com uma força de resgate.

— Talvez nem sempre seja possível que tenhamos a privacidade necessária para fazer magia.

— Encontrem um jeito. Eu preciso saber onde os dois estão e se estão a salvo.

Arya pensou por um instante.

— Se eu puder, farei como pede, mas não se precisar colocar Eragon em risco.

— Aceito.

Aproveitando a pausa que se seguiu à conversa, Eragon disse:

— Nasuada, Saphira está por perto? Gostaria de falar com ela. . Não nos falamos desde Helgrind.

— Saiu há uma hora para explorar nosso perímetro. Você consegue manter esse encantamento enquanto vejo se já retornou?

— Vá — disse Arya.

Um único passo retirou Nasuada do campo de visão dos dois, deixando para trás uma imagem estática da mesa e das cadeiras de dentro do pavilhão vermelho. Por um bom tempo, Eragon estimou o conteúdo da tenda, mas logo a inquietude tomou conta dele e ele permitiu que seus olhos vagassem da piscina para a nuca de Arya. Seus espessos cabelos negros caíam para um dos lados, expondo uma faixa de pele macia logo acima do colarinho do vestido. Aquilo o deixou petrificado por quase um minuto inteiro. Então, despertou e recostou-se no tronco calcinado.

Surgiu um som de madeira se quebrando e então uma porção de escamas azuis resplandecentes cobriu a piscina quando Saphira enfiou seu corpo pavilhão adentro. Era difícil para Eragon dizer qual parte estava vendo porque era uma bastante pequena. As escamas deslizaram por cima da piscina e ele vislumbrou a parte de trás de uma coxa, um espinho na cauda, a membrana estufada de uma asa dobrada e então a ponta luzente de um dente no instante em que o dragão se virou e se contorceu, tentando achar uma posição na qual pudesse confortavelmente visualizar o espelho que Nasuada usava para as comunicações arcanas. Pelos ruídos assustadores que se originavam atrás de Saphira, Eragon podia muito bem adivinhar que ela estava arrebentando grande parte do mobiliário. Finalmente, assentou-se em um lugar, aproximou a cabeça do espelho — de modo que um grande olho de safira ocupou a totalidade da piscina — e mirou Eragon.

Olharam um para o outro por um minuto inteiro, ambos imóveis. Eragon ficou surpreso do quanto estava aliviado em vê-la. Não se sentira verdadeiramente seguro desde que haviam se separado.

— Senti sua falta — sussurrou ele. Ela piscou uma vez.

— Nasuada, você ainda está aí?

A resposta abafada flutuou na direção dele de algum ponto à direita de Saphira:

— Sim, estou tentando.

— Você teria a gentileza de transcrever os comentários de Saphira para mim?

— Eu o faria com prazer, mas no momento estou presa entre uma asa e uma estaca e não há nenhum caminho livre até onde eu posso ver. Talvez tenha dificuldades em me ouvir. Se, no entanto, estiver disposto a me acompanhar, eu posso tentar.

— Por favor.

Nasuada ficou quieta por vários batimentos cardíacos, e então, num tom tão parecido com o de Saphira que Eragon quase riu, disse:

— Você está bem?

— Saudável como um boi. E você?

— Comparar a mim mesmo com um bovino seria tão ridículo quanto

ofensivo, mas estou em forma como sempre, se é isto o que quer saber. Estou feliz por Arya estar com você. É bom ter alguém sensato por perto para tomar conta de você.

— Concordo. Ajuda é sempre bem-vinda quando se está em perigo. Apesar de Eragon estar grato por poder conversar com Saphira, não obstante o estilo circular, achava a palavra falada

um pobre substituto para a livre troca de pensamentos e emoções que eles vivenciavam quando estavam próximos um do outro. Além disso, com Arya e Nasuada tão próximas, ele relutava em tratar de tópicos de natureza mais pessoal, tais como se Saphira o havia perdoado por tê-la forçado a deixá-lo em Helgrind. Ela parecia compartilhar sua relutância já que também evitava introduzir o assunto. Conversaram a respeito de outros acontecimentos inconseqüentes e então se despediram. Antes de sair da piscina, Eragon tocou os dedos nos lábios e pronunciou silenciosamente: *Sinto muito*.

Uma ranhura apareceu em torno de cada pequena escama que contornava o olho de Saphira à medida que a carne subjacente ficava mais suave. Ela piscou longa e lentamente e ele percebeu que ela entendera a mensagem e que não lhe desejava mal.

Depois que Eragon e Arya deixaram Nasuada, Arya encerrou seu encanto e se levantou. Com as costas da mão, limpou a terra do vestido. Enquanto isso, Eragon estava inquieto, impaciente como jamais estivem antes; naquele momento não queria nada além de correr direto para Saphira e se abraçar a ela na frente de uma fogueira.

— Vamos embora — disse ele, já se movendo.

UMA QUESTÃO DELICADA

s músculos das costas de Roran saltavam e ondulavam enquanto erguia do chão a pedra enorme. Por um instante, pousou a rocha nas coxas e então, com um grunhido, se esforçou para levantá-la acima O da cabeça, com os braços retesados. Por um minuto inteiro, segurou no alto o peso esmagador. Quando seus ombros tremeram e estavam prestes a não agüentar mais, jogou a pedra no chão à sua frente. Ela caiu com um baque surdo, deixando na terra batida uma marca de alguns centímetros de profundidade.

De cada lado de Roran, vinte guerreiros dos Varden lutavam para levantar pedras de tamanho semelhante. Somente dois conseguiram. Os demais voltaram para as pedras mais leves, com as quais estavam acostumados. Agradou a Roran saber que os meses passados na ferraria de Horst e os anos anteriores de trabalho na lavoura tinham lhe dado força suficiente para não se envergonhar diante de homens treinados com armas todos os dias da vida, desde os doze anos de idade.

Roran sacudiu o calor que corria nos braços e respirou fundo diversas vezes, sentindo o frio do ar no peito nu. Levantando um braço, massageou o ombro direito e, com a mão cobrindo a bola de músculo, o explorou com os dedos. Mais uma vez confirmou que não restava sinal da lesão que tinha sofrido com a mordida do Ra'zac. Abriu um sorriso, feliz por estar ileso e são novamente, já que isso havia lhe parecido tão improvável quanto uma vaca dançando quadrilha.

Um gritinho de dor fez com que voltasse o olhar para Albriech e Baldor, que estavam treinando esgrima com Lang, um veterano mulato, cheio de cicatrizes de combate, que ensinava as artes da guerra. Mesmo sendo dois contra um, Lang se saiu bem: com sua espada

de treinamento, de madeira, desarmou Baldor, com um golpe atravessado na altura das costelas, e atingiu Albriech com tanta força na perna que ele caiu esparramado, tudo em questão de alguns segundos. Roran se identificou com eles, pois havia acabado sua própria sessão com Lang, o que o deixara com algumas contusões novas para fazer companhia às quase apagadas que sobraram de Helgrind. Na maior parte do tempo, preferia o martelo a uma espada, mas achava que ainda deveria ser capaz de manejar uma lâmina, se a ocasião pedisse. As espadas exigiam mais refinamento do que ele achava que qualquer luta merecia: golpeie um espadachim no pulso e, com ou sem armadura, ele ficaria preocupado demais com. os ossos quebrados para tentar se defender.

Depois da batalha da Campina Ardente, Nasuada convidara os moradores de Carvahall para se juntarem aos Varden. Todos haviam aceitado sua oferta. Os que teriam recusado já haviam decidido ficar em Surda quando os aldeões pararam em Dauth a caminho da Campina Ardente. Todos os homens capazes de Carvahall pegaram em armas decentes — desfazendo-se das lanças e escudos improvisados — e vinham trabalhando para se tornar guerreiros à altura de qualquer outro na Alagaësia. O povo do vale Palancar estava acostumado a uma vida dura. Brandir a espada não era pior do que cortar lenha; e era muito mais fácil do que romper a terra dura ou cultivar hectares de beterrabas no calor do verão. Quem sabia uma profissão útil continuou a viver dela a serviço dos Varden, mas nas horas de folga continuavam a se esforçar para dominar o uso das armas que lhes foram dadas, pois era esperado que cada homem lutasse quando soasse o chamado para o combate.

Roran tinha se entregado ao treinamento com uma dedicação total desde seu retorno de Helgrind. Ajudar os Varden a derrotar o Império e, em última instância, Galbatorix era a única coisa que podia fazer para proteger os aldeões e Katrina. Roran não era arrogante a ponto de acreditar que sozinho pudesse provocar um desequilíbrio de forças na guerra, mas tinha confiança na sua capacidade de fazer alguma diferença e sabia que, caso se aplicasse, poderia aumentar as chances de vitória dos Varden. Ele precisava manter-se vivo, porém, e isso significava condicionar o corpo e dominar as ferramentas e técnicas de trucidar pessoas, para evitar cair, vítima diante de um guerreiro mais experiente.

Enquanto atravessava o campo de treinamento, voltando para a barraca que dividia com Baldor, Roran passou por um trecho gramado com pouco menos de vinte metros de comprimento onde estava uma tora de uns seis metros, toda descascada e polida pelos milhares de mãos que a esfregavam diariamente. Sem perder o ritmo dos passos largos, Roran se virou, deslizou os dedos pela extremidade mais grossa da tora, ergueu-a e, grunhindo com o esforço, fez com que ficasse em pé. Deu então à tora um empurrão e ela tombou para a frente. Pegou-a pela extremidade mais fina e repetiu o processo mais duas vezes.

Sem conseguir reunir forças para tombar a tora novamente, Roran deixou o campo e seguiu correndo pelo labirinto de tendas de lona cinzenta, acenando para Loring, Fisk e outros que reconhecia, bem como para cerca de meia dúzia de desconhecidos que o cumprimentaram.

— Salve, Martelo Forte! — gritaram, amistosos.

— Salve! — respondeu ele. *É estranho*, pensou, *ser reconhecido por pessoas a quem não se foi apresentado*. Um minuto depois, chegou à tenda que linha se tornado sua casa e, abaixando-se para entrar, guardou o arco, a aljava de flechas e a espada curta que os Varden lhe tinham dado.

Puxou seu odre que estava ao lado da camada de palha onde dormia, voltou correndo para o sol forte e, tirando a tampa do odre, derramou o conteúdo sobre as costas e os ombros. Banhos costumavam ser acontecimentos esporádicos e raros para Roran, mas hoje era um dia importante, e queria estar renovado e limpo para o que estivesse por vir. Com a ponta aguda de um bastão polido, raspou a sujeira grudada nos braços e pernas e retirou a que estava debaixo das unhas. Depois penteou os cabelos e aparou a barba.

Concluindo que estava apresentável, vestiu uma túnica recém-lavada, enfiou o martelo no cinto e estava prestes a sair pelo acampamento afora quando se deu conta de Birgit o observando por trás do canto da tenda. Com as duas mãos, ela segurava firme uma adaga embainhada.

Roran ficou paralisado, pronto para sacar o martelo diante da menor provocação. Sabia que estava correndo um perigo mortal e, apesar de sua bravura, não tinha certeza de conseguir derrotar Birgit se ela atacasse, pois, como ele, perseguia os inimigos com uma determinação ferrenha.

— No passado você me pediu que o ajudasse — disse Birgit —, e eu concordei porque queria encontrar os Ra'zac e matá-los por terem devorado meu marido. Não cumpri minha parte no trato?

— Cumpriu.

— E você se lembra de eu ter prometido que, uma vez que os Ra'zac morressem, eu exigiria minha compensação de você pelo seu papel na morte de Quimby?

— Eu me lembro.

Birgit torceu a adaga com insistência cada vez maior, o dorso das mãos riscado de tendões. A adaga saiu quase três centímetros de dentro da bainha, com o aço brilhante exposto, e então aos poucos voltou para a escuridão.

— Que bom! — disse ela. — Eu não ia querer que sua memória o traísse. *Hei* de exigir minha compensação, filho de Garrow. Nunca duvide disso. — Com o passo ágil e firme, ela partiu, já com a adaga escondida entre as dobras do vestido.

Soltando a respiração, Roran se sentou num banquinho ali perto e esfregou o pescoço, convencido de que tinha escapado por um triz de ser esfaqueado por Birgit. Sua visita o alarmou, mas não foi nenhuma surpresa. Já

havia meses que estava consciente das suas intenções, desde antes de partirem de Carvahall, e

sabia que um dia teria de acertar sua dívida com ela. Um corvo passava lá no alto e, enquanto Roran acompanhava seu vôo, sentiu sua disposição de espírito ficar mais leve e sorriu. Ora, disse a si mesmo. *É raro que um homem saiba o dia e a hora em que vai morrer. Eu poderia ser morto a qualquer instante, e não há nada que eu possa fazer a respeito. O que será, será, e não vou desperdiçar com preocupações o tempo que tenho acima da terra. Desgraças sempre chegam aos que esperam. O segredo é encontrar a felicidade nos breves intervalos entre os desastres. Birgit fará o que sua consciência mandar, e eu lidarei com isso quando for preciso.* Junto do pé esquerdo, viu uma pedra amarelada, que apanhou e rolou entre os dedos. Concentrando-se nela ao máximo, disse "Stenr reisa". A pedra não deu atenção ao comando e permaneceu imóvel entre seu polegar e o indicador. Bufando com desdém, ele a atirou longe.

Levantou-se e caminhou decidido em direção ao norte, entre as fileiras de tendas. Enquanto andava, tentava desfazer um nó na amarração da gola, mas ele resistia aos seus esforços. Desistiu de desfazê-lo quando chegou à

tenda de Horst, que tinha o dobro do tamanho da maioria.

— Ô de casa! — chamou ele, batendo no poste entre as duas abas de lona da entrada.

Katrina saiu correndo da tenda, com os cabelos da cor de cobre esvoaçantes, e o abraçou. Rindo, Roran a levantou pela cintura e a fez girar em torno de si mesmo, com o mundo inteiro fora de foco menos o rosto de Katrina. E então a pôs no chão com delicadeza. Ela lhe deu um curto beijo nos lábios, uma, duas, três vezes. Ele parou e olhou no fundo dos seus olhos, mais feliz do que conseguia se lembrar de ter se sentido um dia.

— Que cheiro bom! — disse ela.

— E você, como está? — A única falha na sua alegria era ver como a prisão a tinha deixado magra e pálida. Dava-lhe vontade de ressuscitar os Ra'zac para que pudessem suportar o mesmo sofrimento que tinham imposto ao seu pai e a ela.

— Todos os dias você me pergunta, e todos os dias eu lhe digo

"Melhor". Tenha paciência. Eu vou me recuperar, mas vai levar tempo. . O

melhor remédio para o que me aflige é estar aqui com você à luz do dia. Isso me faz um bem maior do que eu poderia descrever.

— Não era só isso que eu queria saber.

Manchas vermelhas surgiram nas bochechas de Katrina, e ela inclinou a cabeça para trás, dando-lhe um sorriso malicioso.

— Ora, é uma audácia sua, meu caro senhor. Muita audácia. Não sei se deveria estar sozinha na sua companhia, para que o senhor não tome liberdades comigo.

O tom da resposta acalmou a preocupação de Roran.

— Liberdades, hein? Bem, como você já me considera um patife, acho melhor eu começar a desfrutar de algumas dessas *liberdades*. — E a beijou até

que ela interrompesse o contato, apesar de continuar nos seus braços.

— Ai — disse Katrina, ofegante. — E difícil discutir com você, Roran Martelo Forte.

— E mesmo. — Com um gesto de cabeça na direção do interior da tenda atrás dela, ele abaixou a voz e perguntou: — Elain sabe?

— Saberia se não estivesse tão mergulhada na própria gravidez. Acho que o estresse da viagem de Carvahall pode provocar a perda do bebê. Ela passa mal uma boa parte do dia e sente dores que... bem, dores de natureza preocupante. Gertrude vem cuidando dela, mas não consegue fazer muito para aliviar sua indisposição. Seja como for, quanto mais rápido Eragon voltar, melhor. Não sei ao certo por quanto tempo vou conseguir manter isso em segredo.

— Vai dar tudo certo, tenho certeza. — Ele a soltou e puxou a bainha da túnica para alisar as rugas. — Estou bem assim?

Katrina o examinou com olho crítico, molhou a ponta dos dedos e passou pelo cabelo de Roran, afastando-o da testa. Ao perceber o nó na gola, ela começou a desfazê-lo.

— Você devia prestar mais atenção às suas roupas.

— E que as roupas não andaram tentando me matar.

— Bem, as coisas agora estão diferentes. Você é o primo de um Cavaleiro de Dragão, e sua aparência deveria ser condizente. E o que as pessoas esperam.

Ele permitiu que ela continuasse a arrumá-lo até ficar satisfeita com sua aparência. Com um beijo de despedida, foi caminhar os oitocentos metros que o separavam do centro do enorme acampamento dos Varden, onde ficava o pavilhão vermelho de comando de Nasuada. O estandarte hasteado no alto trazia um escudo preto e abaixo duas espadas paralelas, inclinadas, que panejava e estalava com o vento quente vindo do leste.

Os seis guardas do lado de fora do pavilhão — dois humanos, dois anões e dois Urgals — baixaram as armas quando Roran se aproximou.

— Quem vem lá? — gritou um dos Urgals, um bruto musculoso, de dentes amarelos, exigindo que se identificasse, num sotaque quase ininteligível.

— Roran Martelo Forte, filho de Garrow. Nasuada mandou me chamar.

O Urgal bateu no peitoral com um punho, o que produziu um forte estrondo, antes de anunciar:

— Roran Martelo Forte solicita audiência com lady Caçadora Noturna.

— Permitam que entre — veio a resposta lá de dentro.

Os guerreiros ergueram as armas, e Roran passou com cuidado por eles. Observavam-no, e também ele os observava, com o ar neutro de homens que poderiam ter de lutar uns com os outros a qualquer instante. No interior do pavilhão, Roran ficou alarmado ao ver que a maior parte da mobília estava quebrada ou caída. As únicas peças que pareciam estar incólumes eram um espelho instalado num poste e a cadeira imponente em que Nasuada estava sentada. Sem fazer caso do ambiente, Roran se ajoelhou e fez uma reverência diante dela.

As feições e o porte de Nasuada eram tão diferentes daqueles das mulheres com quem Roran tinha crescido que não tinha certeza de como agir. Ela parecia estranha e imperiosa, com seu vestido bordado, as correntes de ouro no cabelo e a pele escura, que, no momento, tinha um tom avermelhado, decorrente da cor das paredes de tecido. Em forte contraste com o restante do traje, ataduras de linho envolviam seus ante-braços, testemunho da sua coragem espantosa durante o Desafio das Facas Longas. Seu feito havia sido tópico de conversas constantes entre os Varden desde que Roran voltara com Katrina. Esse era um aspecto de Nasuada que Roran acreditava compreender, pois ele também faria qualquer sacrifício para proteger aqueles com quem se importava. Por acaso, ela se importava com um grupo de milhares de pessoas, ao passo que a dedicação dele era para com sua família e seu lugarejo.

— Pode se levantar — disse Nasuada. Ele obedeceu à instrução e pousou a mão na cabeça do martelo, esperando enquanto ela o observava. —

Minha posição raramente me permite o luxo de falar de modo direto e claro, Roran; mas com você vou talar hoje sem rodeios. Você me parece ser um homem que aprecia a franqueza, e nós temos muito a examinar num período curto demais.

— Obrigado, minha lady. Jamais gostei de jogos de palavras.

— Ótimo. Para ser franca, então, você me apresenta duas dificuldades, nenhuma das quais consigo resolver facilmente.

— Dificuldades de que tipo? — perguntou ele, franzindo o cenho.

— Uma, de caráter; a outra, de natureza política. Seus feitos no vale Palancar e durante sua fuga de lá com os aldeões seus companheiros são praticamente inacreditáveis. Eles me dizem que você tem uma mente ousada, que tem talento para o combate, para a estratégia e para inspirar pessoas a acompanhá-lo com uma lealdade sem questionamentos.

— Eles podem ter me acompanhado, mas sem dúvida nunca pararam

de me questionar.

— Pode ser — disse ela, com um sorriso discreto. — Mas ainda assim conseguiu trazê-los

para cá, não foi? Você possui talentos valiosos, Roran, e poderia ser útil para os Varden. Suponho que queira ser aproveitado, certo?

— Quero.

— Como sabe, Galbatorix dividiu seu exército e enviou tropas para o sul para reforçar a cidade de Aroughs, para o oeste na direção de Feinster e para o norte na direção de Belatona. Ele espera que essa guerra se arraste, para esgotar nossa última gota de sangue em uma longa disputa. Jörmundur e eu não podemos estar numa dúzia de lugares ao mesmo tempo. Precisamos de capitães nos quais possamos confiar para lidar com a infinidade de conflitos que brotam ao nosso redor. Nisso, você poderia provar seu valor para nós. Mas. . — Sua voz sumiu.

— Mas vocês ainda não sabem se podem confiar em mim.

— E verdade. Proteger os amigos e a família fortalece uma pessoa, mas eu me pergunto como você se sairá sem eles. Sua coragem vai se manter? E

embora você saiba liderar, será que sabe também obedecer a ordens? Não lanço dúvidas sobre seu caráter, Roran, mas o destino da Alagaësia está em jogo e não posso me arriscar a entregar a responsabilidade por meus homens a alguém incompetente. Esta guerra não perdoará erros desse tipo. Nem seria justo para com os homens já com os Varden dar a você uma posição superior à deles sem um bom motivo. Você precisa conquistar suas responsabilidades conosco.

— Entendi. O que se espera que eu faça então?

— Ah, mas não é assim tão fácil, pois você e Eragon são praticamente irmãos, e isso complica imensamente as coisas. Como tenho certeza de que você percebeu, Eragon é fundamental para nossas esperanças. E, portanto, importante protegê-lo de perturbações para que possa se concentrar na tarefa que tem pela frente. Se eu mandá-lo para a batalha e você morrer, a dor e a raiva poderiam muito bem desequilibrar Eragon. Já vi isso acontecer. Além disso, preciso tomar extremo cuidado com a pessoa a quem vou permitir que você se reporte. Pois haverá quem queira procurar influenciá-lo por causa da sua relação com Eragon. Agora você tem uma boa idéia do alcance das minhas preocupações. O que tem a dizer sobre elas?

— Se a própria terra está em jogo e esta guerra for tão acirrada quanto a senhora sugere, só posso dizer que vocês não podem se dar ao luxo de me deixar ocioso. Seria um desperdício semelhante se me empregassem como mais um espadachim. Mas acho que isso a senhora já sabe. Quanto à política. .

— Ele deu de ombros. — Para mim não faz a menor diferença a quem serei designado. Ninguém chegará a Eragon através de mim. Meu único interesse é

acabar com o Império para poder voltar com meus parentes e amigos para nossa terra natal e lá viver em paz.

— Você tem determinação.

— Muita. A senhora não poderia permitir que eu permanecesse encarregado dos homens de Carvahall? Somos unidos como se fôssemos uma família e funcionamos bem juntos. Testem-me dessa forma. Assim, os Varden não seriam prejudicados se fracassássemos.

— Não — disse ela, abanando a cabeça. — Talvez no futuro, mas não por enquanto. Eles precisam receber instrução adequada, e eu não vou poder avaliar seu desempenho se você estiver cercado de pessoas tão leais que, por recomendação sua, se dispuseram a abandonar seus lares e atravessar a Alagaësia de um lado a outro.

Ela me considera uma ameaça, percebeu ele. *Minha capacidade de influenciar os aldeões faz com que mc trate com cautela.*

— Eles tinham seu próprio bom senso a guiá-los — disse ele, numa tentativa de desarmá-la. — Sabiam que seria loucura permanecer no vale.

— Você não vai conseguir anular o comportamento deles, Roran, com essa explicação.

— Então, senhora, o que quer de mim? Vai permitir que eu lhe sirva ou não? E, em caso positivo, como?

— Eis minha oferta. Hoje pela manhã, meus mágicos detectaram uma patrulha de vinte e três soldados de Galbatorix seguindo para leste. Estou despachando um contingente sob o comando de Martland Barba Ruiva, conde de Thun, para destruí-los e explorar um pouco o terreno. Se você concordar, servirá sob o comando de Martland. Dará ouvidos a ele, obedecerá às suas ordens, e esperemos que aprenda com ele. Ele, por sua vez, vai observá-lo e me informar se achar que tem potencial para ser promovido. Martland é

muito experiente, e eu confio plenamente na sua opinião. Isso lhe parece justo, Roran Martelo Forte?

— Parece. Só preciso saber quando eu partiria e quanto tempo levaria para voltar.

— Partiria hoje e voltaria no prazo de quinze dias.

— Então, preciso lhe pedir, seria possível aguardar para me enviar numa expedição diferente, daqui a alguns dias? Gostaria de estar aqui quando Eragon voltar.

— Sua preocupação com seu primo é admirável, mas tudo se desenrola rapidamente, e não podemos nos atrasar. Assim que soubermos o que houve com Eragon, pedirei a um membro da Du Vrangr Gata que entre em contato com você para lhe transmitir a notícia, seja boa, seja má.

Roran passou o polegar pelas pontas aguçadas do martelo enquanto procurava compor uma resposta que convencesse Nasuada a mudar de opinião e ao mesmo tempo não lhe revelasse seu segredo. Por fim, abandonou a idéia por ser impossível e se resignou a contar a verdade.

— A senhora tem razão. Estou preocupado com Eragon, mas ele é a

pessoa que mais sabe se defender. Vê-lo são e salvo não é o motivo pelo qual desejo ficar.

— Por que, então?

— Porque Katrina e eu queremos nos casar e gostaríamos que Eragon realizasse a cerimônia.

Ouviu-se uma cascata de estalidos enquanto Nasuada batia com as unhas nos braços da cadeira.

— Se você acredita que vou permitir que você fique à toa, quando poderia estar prestando serviços aos Varden, só para que você e Katrina possam ter sua noite de núpcias alguns dias antes, está terrivelmente enganado.

— É uma questão de certa urgência, lady Caçadora Noturna. Os dedos de Nasuada pararam no ar e seus olhos se contraíram.

— Que tipo de urgência?

— Quanto mais cedo nos casarmos, melhor para a honra de Katrina. Se a senhora me entende, saiba que eu jamais pediria um favor para mim mesmo. A luz mudou sobre a pele de Nasuada quando ela inclinou a cabeça.

— Entendo. . Por que Eragon? Por que você quer que ele realize a cerimônia? Por que não outra pessoa: talvez um ancião do seu vilarejo?

— Porque é meu primo, eu gosto dele e ele é um Cavaleiro. Katrina perdeu quase tudo por minha causa: a casa, o pai e o dote. Não posso compensá-la por nada disso, mas pelo menos quero lhe dar um casamento digno de ser lembrado. Sem ouro nem gado, não posso pagar por uma cerimônia esplêndida. Por isso, preciso encontrar outros meios que não sejamos da riqueza para tornar nosso casamento memorável. E me parece que nada poderia ser mais impressionante que pedir a um Cavaleiro de Dragão que nos case.

Nasuada ficou tanto tempo em silêncio que Roran começou a se perguntar se ela esperava que ele saísse.

— Seria realmente uma grande honra que um Cavaleiro de Dragão casasse vocês dois, mas seria um dia triste se Katrina precisasse aceitar sua mão sem um dote decente. Os anões me deram muitos presentes de ouro e pedras preciosas quando morei em Tronjheim. Alguns, já vendi para financiar as atividades dos Varden, mas o que me resta manteria uma mulher vestida em cetim e peles ainda por muitos anos. Pertencerão a Katrina, se você

concordar.

Pasmo, Roran fez mais uma reverência.

— Obrigado, sua generosidade é inimaginável. Não sei como vou conseguir retribuir um dia.

— Retribua lutando pelos Varden como lutou por Carvahall.

— Lutarei. Eu juro. Galbatorix amaldiçoará o dia em que mandou os Ra'zac atrás de mim.

— Tenho certeza de que já amaldiçoa. Agora vá. Pode permanecer no acampamento até Eragon voltar e casá-lo com Katrina. Mas então espero que esteja pronto para partir na manhã do dia seguinte.

LOBO-DE-SANGUE

ue homem orgulhoso, pensou Nasuada ao observar Roran sair do pavilhão. *É interessante; ele e Eragon são iguais em várias coisas, mas ainda assim suas personalidades são fundamentalmente diferentes. Eragon* Q *talvez seja um dos guerreiros mais mortíferos da Alagaësia, mas não é uma pessoa dura ou cruel. Roran, entretanto, é feito de um material mais inflexível. Espero que jamais se oponha a mim; eu seria obrigada a destruí-lo para contê-lo.* Ela verificou as bandagens e, satisfeita por ainda estarem limpas, chamou Farica e pediu que trouxesse a refeição. Depois que sua aia entregou a comida e se retirou da tenda, Nasuada fez um sinal para Elva, que emergiu de seu esconderijo atrás do falso painel nos fundos do pavilhão, [tintas, compartilharam o repasto do meio da manhã.

Nasuada passou as horas seguintes revisando os últimos relatórios dos Varden, calculando o número de vagões necessários para removê-los mais para o norte e adicionando e subtraindo fileiras de números que representavam as finanças de seu exército. Enviou mensagens para os anões e Urgals, pediu aos espadeiros que aumentassem a produção de pontas de lança, ameaçou dissolver o Conselho de Anciãos — como fazia a cada semana — e, para variar, participou dos afazeres dos Varden. Então, com Elva a seu lado, cavalgou seu garanhão, Tempestade na Guerra, e se encontrou com Trianna, que havia capturado um membro da rede de espiões de Galbatorix, a Mão Negra, e estava ocupada interrogando-o.

Quando ela e Elva saíram da tenda de Trianna, Nasuada deu-se conta de um tumulto ao norte. Ouviu gritos e hurras e então um homem apareceu do meio das tendas correndo em sua direção. Sem dizer uma palavra, todos os seus guardas formaram um círculo fechado em torno dela. Salvo um dos Urgals, que se plantou no caminho do corredor e ergueu seu porrete. O

homem diminuiu a velocidade até parar diante do Urgal e, arfando, gritou:

— Lady Nasuada! Os elfos estão aqui! Os elfos chegaram!

Num átimo primitivo, Nasuada pensou que ele estava querendo dizer Islanzadí e seu exército, mas então se lembrou que a rainha estava perto de Ceunon; nem mesmo os elfos poderiam deslocar um exército tão grande através da Alagaësia em menos de uma semana. *Devem ser os doze criadores de encantamentos que Islanzadí enviou para proteger Eragon.*

— Rápido, meu cavalo — disse ela, estalando os dedos. Seus antebraços queimaram enquanto

montava sobre Tempestade na Guerra. Esperou apenas o suficiente para que o Urgal mais próximo lhe desse Elva e então esporeou o garanhão. Pôde sentir os músculos dele intumescerem assim que o animal começou a galopar. Curvando-se bastante sobre o pescoço do cavalo, ela o conduziu através de uma senda tosca entre duas tendas, desviando de homens e animais e saltando sobre um barril de água de chuva que lhe bloqueava o caminho. Os homens não pareceram ter ficado ofendidos; riram e correram atrás dela para poderem ver os elfos com seus próprios olhos.

Quando chegou á entrada norte do acampamento, ela e Elva desmontaram e rastrearam o horizonte em busca de algum sinal de movimento.

— Lá — apontou Elva.

Quase cinco quilômetros dali, doze figuras altas emergiram de trás de um grupo de juníperos, seus contornos ondulando no calor da manhã. Os elfos corriam em uníssono, tão leves e rápidos que seus pés não levantavam poeira. Parecia que voavam por sobre o campo. Nasuada sentiu um comichão no couro cabeludo. A velocidade deles era não só bela como também pouco natural. Eles lhe lembravam um bando de predadores caçando sua presa. Teve a mesma sensação de perigo quando vira um Shrrg, um lobo gigante, nas montanhas Beor.

— São dignos de louvor, não são?

Nasuada tomou um susto e encontrou Angela a seu lado. Ficou aturdida e intrigada pela forma como a herbolária conseguira surgir de modo tão furtivo. Desejava que Elva a tivesse avisado de sua aproximação.

— Como é possível que você sempre consiga estar presente quando alguma coisa importante está para acontecer?

— Ah, bem, eu gosto de saber o que está acontecendo, e estar no local é bem mais rápido do que esperar que alguém me conte depois. Além disso, as pessoas sempre omitem partes importantes da informação, tipo se o dedo anular de uma pessoa é maior do que o indicador, ou se possui uma blindagem mágica, ou se o jumento que está montando tem uma parte sem pêlo no formato de cabeça de galo. Você concorda? Nasuada franziu o cenho.

— Você nunca revela seus segredos, não é?

— Agora me diga, o que isso adiantaria? Todo mundo ficaria excitado por causa de alguma baboseira ou algum encantamento e aí eu teria de passar horas e horas tentando explicar, e no fim o rei Orrin ia querer arrancar minha cabeça e eu teria de enfrentar metade dos feiticeiros do reino durante minha fuga. Simplesmente não vale a pena o esforço, se quer saber.

— Sua resposta não me inspira muita confiança. Mas. .

— Isso é porque você é séria demais, lady Caçadora Noturna.

— Mas, diga-me — persistiu Nasuada —, por que você teria interesse em saber se alguém está montando um jumento com uma parte sem pêlo no formato de uma cabeça de galo?

— Ah, isso? Bem, o homem que possui este jumento específico me enganou em um jogo de pedrinhas e por três pedrinhas eu perdi um fragmento muito interessante de cristal encantado.

— Enganou *você*?

Angela mordeu os lábios, obviamente entediada.

— O tabuleiro estava cheio. Eu mudei algumas pedras de lugar, mas ele substituiu por outras quando eu estava distraída. . Ainda não estou certa de como conseguiu me enganar.

— Então, vocês dois estavam roubando.

— Era um cristal valioso! Além disso, como se rouba de um ladrão?

Antes que Nasuada pudesse responder, os seis Falcões da Noite vieram marchando do campo e se posicionaram em torno dela. Ela escondeu seu desgosto quando foi invadida pelo calor e o cheiro de seus corpos. O odor dos dois Urgals era particularmente pungente. Então, de modo até certo ponto surpreendente para ela, o capitão de plantão, um homem corpulento com um nariz torto e de nome Garven, aproximou-se:

— Minha lady, permita-me uma palavra em particular? — perguntou ele, entre dentes, como se estivesse lutando para conter uma grande emoção. Angela e Elva olharam para Nasuada para confirmar que desejava que se retirassem. Ela assentiu, e as duas começaram a caminhar em direção ao oeste, para o rio Jiet. Assim que Nasuada teve certeza de que estavam a uma distância segura, começou a falar, mas Garven passou por cima dela, exclamando:

— Raios, lady Nasuada, você não deveria ter nos abandonado dessa maneira!

— Calma, capitão — retrucou ela. — Foi um risco suficientemente pequeno, e eu senti que era importante estar aqui a tempo de saudar os elfos. A cota de malha de Garven farfalhou quando ele golpeou a perna com a mão empunhada.

— Um pequeno risco? Não faz mais do que uma hora, teve a prova de que Galbatorix ainda tem agentes escondidos entre nós. Ele tem conseguido se infiltrar em nossas fileiras seguidamente e ainda assim julga sensato abandonar sua guarda pessoal e sair cavalgando em meio a um exército de potenciais assassinos! Esqueceu-se do ataque em Aberon? Ou de como os Gêmeos trucidaram seu pai?

— Capitão Garven! Você está indo longe demais.

— Irei mais longe ainda se isto significar garantir seu bem-estar. Os elfos, Nasuada observou, haviam dividido ao meio a distância entre eles e o acampamento. Zangada e ansiosa para encerrar a conversa, disse:

— Não estou sem minha proteção pessoal, capitão.

Garven piscou rapidamente os olhos na direção de Elva e disse:

— Tivemos a mesma percepção, lady. — Seguiu-se uma pausa, como

se ele estivesse na esperança de que ela lhe forneceria mais informações de livre e espontânea vontade. Como ela permanecesse em silêncio, ele avançou:

— Se estava realmente segura, então eu estava errado em acusá-la de imprudência e peço desculpas. Mas, ainda assim, segurança e aparência de segurança são duas coisas diferentes. Para os Falcões da Noite serem eficientes, temos de ser os guerreiros mais inteligentes, duros e cruéis da região, e as pessoas têm de *acreditar* que nós somos os mais inteligentes, os mais duros e os mais cruéis. Têm de acreditar que, se tentarem esfaquear ou atirar na senhora com uma besta ou se usarem magia, nossos soldados *acabarão* com elas. Se acreditarem que têm mais ou menos as mesmas chances de matála quanto um Camundongo de matar um dragão, então com certeza abandonarão a idéia e nós teremos evitado um ataque sem nem mesmo precisar erguer um dedo.

"Nós não podemos combater todos os seus inimigos, lady Nasuada. Para isso seria preciso um exército. Até mesmo Eragon não poderia salvá-la se todos que a querem morta tivessem a coragem de agir de acordo com seu ódio. Talvez a senhora sobrevivesse a uma centena ou mesmo a um milhar de atentados à sua vida, mas no final algum obteria sucesso. A única maneira de evitar que isso aconteça é convencer a maioria de seus inimigos de que jamais sobrepujarão os Falcões da Noite. Nossa reputação pode protegê-la tão certamente quanto nossas espadas e nossas armaduras. Então, não é bom para nós que a vejam cavalgando sem nossa vigilância. Sem dúvida nós parecemos um bando de tolos tentando alcançá-la naquele frenesi. Afinal, lady, se a senhora não nos respeita, por que os outros deveriam nos respeitar?" Garven aproximou-se e diminuiu a voz:

— Nós morreremos de bom grado pela senhora, se preciso for. Tudo o que pedimos em troca é que nos permita realizar nossas tarefas. Se pensar bem, é um pequeno favor. E um dia, quem sabe, nos será grata por estarmos aqui. Sua outra proteção é humana, portanto falível, quaisquer que sejam seus arcanos. Ela não fez os mesmos juramentos na língua antiga que nós, Falcões da Noite, fizemos. Sua amizade pode mudar de lado, e faria bem em avaliar seu destino se ela se voltar contra a senhora. Os Falcões da Noite, entretanto, *jamais* a trairão. Nós somos seus, lady Nasuada, total e completamente. Então, por favor, deixe que os Falcões da Noite façam o que devem fazer.. Deixenos protegê-la. Inicialmente, Nasuada foi indiferente aos seus argumentos, mas sua eloqüência e clareza de raciocínio a impressionaram. Ele era, imaginou, um homem que talvez ela pudesse utilizar em alguma outra função.

— Vejo que Jörmundur me cercou de guerreiros tão habilidosos com suas línguas quanto são com suas espadas — disse, com um sorriso.

— Minha lady.

— Você tem razão. Eu não deveria ter deixado você e seus homens para trás. Peço desculpas. Fui descuidada e desrespeitosa. Ainda não estou acostumada a ter guardas comigo todas as horas do dia, e às vezes me esqueço de que não posso me deslocar com a liberdade de antes. Você tem minha palavra de honra, capitão Garven, que isso não se repetirá. Desejo salvaguardar os Falcões da Noite tanto quanto você.

— Obrigado, minha lady.

Nasuada voltou-se para os elfos, mas estavam escondidos atrás da margem de um ribeirão seco a uns trezentos metros dali.

— Garven, fiquei impressionada por você ter inventado um lema para os Falcões da Noite há poucos instantes.

— Eu? Se inventei, não me recordo.

— Inventou sim. "Os mais inteligentes, os mais duros e os mais cruéis", você disse. Isso daria um excelente lema, embora talvez sem o e. Se os outros Falcões da Noite aprovarem, fale para Trianna traduzir a frase para a língua antiga e eu vou mandar gravar nos escudos e bordar nos estandartes de vocês.

— Você é muito generosa, minha lady. Assim que retornarmos à nossa tenda, vou discutir o assunto com Jörmundur e os outros capitães. Só que... Ele hesitou, e, adivinhando o que poderia estar perturbando-o, Nasuada disse:

— Mas você está preocupado com o fato de que tal mote talvez seja vulgar demais para homens de sua posição e preferiria algo mais nobre e elevado, estou certa?

— Exatamente, minha lady — concordou ele, com uma expressão de

alívio.

— É uma preocupação válida, suponho. Os Falcões da Noite representam os Varden, e vocês devem interagir com notáveis de todas as raças e escalões no curso de suas tarefas. Seria lamentável se transmitissem a impressão errada.. Muito bem, deixo para você e seus compatriotas criarem um lema apropriado. Tenho confiança de que farão um trabalho excelente. Naquele momento, os doze elfos emergiram de seu esconderijo, e Garven, após murmurar agradecimentos adicionais, afastou-se discretamente de Nasuada. Compondo-se para uma visita oficial, Nasuada fez um sinal para que Angela e Elva retornassem.

Quando ainda se encontrava a vários metros de distância, o líder dos elfos parecia preto como fuligem, dos pés à cabeça. A princípio, Nasuada achou que ele tivesse a pele escura como ela própria, e estivesse igualmente vestido com um traje escuro, mas à medida que se aproximava, ela viu que o elfo estava vestindo apenas uma tanga e um cinto de tecido trançado com uma pequena bolsa atada a ele. O resto era coberto com uma pelagem azul-escura que refletia um brilho lustroso e saudável à luz do sol. Em média, o pêlo tinha um centímetro de espessura —

uma armadura macia e flexível que acompanhava o formato e o movimento dos músculos subjacentes —, mas nos tornozelos e abaixo dos antebraços, chegava a uns dois centímetros. Entre os ombros, havia uma erma eriçada que se destacava um palmo além de seu corpo e descia acompanhando suas costas até a base da coluna. Mechas rebeldes faziam uma sombra sobre sua testa, e tufos parecidos com os dos gatos brotavam das pontas de suas orelhas pontudas. Mas, fora isso, o pêlo em seu rosto era tão curto e baixo que apenas a cor traía sua presença. Seus olhos eram de um amarelo vivaz. Em vez de unhas, uma garra saía de cada um dos dedos médios. E quando diminuiu o passo e chegou perto dela, Nasuada reparou que um certo odor o acompanhava: um almíscar salgado remanescente de madeira seca de junípero, couro oleoso e fumaça. Era um cheiro tão forte, e tão obviamente masculino, que Nasuada sentiu sua pele ficar quente e fria ao mesmo tempo e se agitar com a expectativa. Enrubesceu e ficou feliz por não demonstrar.

O restante dos elfos tinha a aparência mais condizente com sua expectativa, com o mesmo tamanho e fisionomia de Arya, com túnicas curtas de um amarelo soturno ou verde-claro. Seis homens e seis mulheres. Todos tinham o cabelo de um preto retinto, salvo duas das mulheres cujos cabelos pareciam luz estelar. Era impossível determinar as idades deles, já que os rostos eram lisos e inexpressivos. Aqueles eram os primeiros elfos, além de Arya, que Nasuada conhecia pessoalmente, e estava ansiosa para descobrir se a princesa elfa era representativa de sua raça.

Tocando seus dois primeiros dedos nos lábios, o líder elfo fez uma mesura, assim como seus companheiros, e então torceu a mão direita contra o peito e disse:

— Saudações e felicitações, Nasuada, filha de Ajihad. Atra esterní ono thelduin.

Seu sotaque era mais pronunciado do que o de Arya: uma cadência ritmada que transformava suas palavras em música.

— Atra du evarínya ono varda — replicou Nasuada, como Arya lhe havia ensinado.

O elfo sorriu, revelando dentes mais afiados do que o normal.

— Sou Blödhgarm, filho de Ildrid, a Bela. — Ele apresentou os outros elfos um a um antes de continuar: — Nós lhe trazemos boas-novas da rainha Islanzadí; ontem à noite nossos feiticeiros destruíram os portões de Ceunon. Neste exato instante, nossas forças avançam através das ruas em direção à

torre onde lorde Tarrant montou uma barricada. Alguns ainda resistem, mas a cidade caiu, e logo nós todos teremos controle total sobre o lugar. Os guardas de Nasuada e os Varden atrás dela gritaram de alegria com a notícia. Também ela regozijou-se com a vitória, mas logo uma sensação de apreensão e inquietação amainou seu clima de celebração ao imaginar os elfos

— principalmente os tão fortes quanto Blödhgarm — invadindo lares humanos. *Que forças sobrenaturais terei eu liberado?* , imaginou.

— Estas são boas-novas de fato — disse ela —, e eu estou bastante feliz de ouvi-las. Com Ceunon capturada, nós estamos bem mais próximos de Urû'baen e, por conseguinte, de Galbatorix e do alcance de nossas metas. —

Com uma voz mais particular, ela disse: — Eu confio que a rainha Islanzadí

será gentil com o povo de Ceunon, com aqueles que não sentem nenhum amor por Galbatorix, mas são desprovidos dos meios ou da coragem para se opor ao Império.

— A rainha Islanzadí é delicada e clemente para com seus súditos, mesmo os súditos refratários, mas se alguém ousar se opor a nós, será varrido como se fosse uma folha morta antes das tempestades de outono.

— Eu não esperaria menos de uma raça tão antiga e poderosa como a sua — replicou Nasuada. Após satisfazer as demandas de cortesia com diversas outras trocas mais polidas de crescente trivialidade, Nasuada julgou apropriado mencionar a razão da visita dos elfos. Ela mandou a multidão reunida se dispersar e então disse: — O propósito de sua visita é, do modo como entendo, proteger Eragon e Saphira. Estou certa?

— Está, Nasuada Svit-kona. E nós estamos cientes de que Eragon ainda está no interior do Império, mas que logo retornará.

— Também estão cientes de que Arya partiu em sua busca e de que estão agora viajando juntos?

Blödhgarm sacudiu a orelha.

— Fomos informados disso igualmente. E uma pena que ambos estejam em perigo, mas esperamos que nada de mal lhes aconteça.

— O que pretendem fazer, então? Vocês os procurarão e os conduzirão em segurança de volta aos Varden? Ou ficarão aqui na esperança de que Eragon e Arya possam defender-se dos asseclas de Galbatorix?

— Ficaremos como seus hóspedes, Nasuada, filha de Ajihad. Eragon e Arya ficarão suficientemente seguros na medida em que evitarem ser detectados. Nos juntarmos a eles no Império poderia muito bem atrair uma atenção indesejada. Nas atuais circunstâncias, parece mais sensato utilizarmos nosso tempo onde ainda seremos úteis. E muito provável que Galbatorix ataque os Varden aqui, e se ele o fizer, e se Thorn e Murtagh reaparecerem, Saphira precisará de nossa ajuda para repeli-los.

Nasuada ficou surpresa.

Eragon disse que figuravam entre os feiticeiros mais fortes de sua raça, mas vocês têm mesmo os recursos para rechaçar aquela dupla maldosa. A exemplo de Galbatorix, eles têm poderes muito maiores dos que o que os Cavaleiros comuns possuem.

Com Saphira nos ajudando, sim, nós acreditamos que podemos igualar ou superar Thorn e Murtagh. Sabemos do que os Renegados são capazes, e apesar de Galbatorix ter, provavelmente, tornado Thorn e Murtagh mais fortes do que qualquer membro individual do grupo, ele certamente não os tornará seus iguais. Neste particular, pelo menos, seu medo de traição está a nosso favor. Mesmo três dos Renegados não poderiam vencer doze de nós e um dragão. Portanto, estamos confiantes de que poderemos nos manter contra todos, exceto Galbatorix.

— Isso é animador. Desde a derrota de Eragon nas mãos de Murtagh, tenho imaginado se nós não deveríamos recuar e nos esconder até suas forças aumentarem. Sua certeza me convence de que não estamos totalmente desprovidos de esperança. Podemos não ter idéia de como mataremos Galbatorix, mas até derrubarmos os portões de sua cidadela em Urû'baen, ou até que ele escolha voar sobre Shruikan e nos confrontar no campo de batalha, nada deverá nos deter. — Ela fez uma pausa. — Vocês não me deram motivo algum para não confiar em vocês, Blödhgarm, mas antes que entre em nosso acampamento, devo pedir que permita que um de meus homens toque cada uma de suas mentes para confirmar que são realmente elfos e não humanos que Galbatorix enviou disfarçados. É muito triste para mim fazer essa solicitação, mas temos sido vítimas de incontáveis espiões e traidores e não ousamos acreditar em suas palavras nem de ninguém mais. Não é minha intenção causar ofensa, mas a guerra nos ensinou que estas precauções são necessárias. Certamente você, que já proveu toda a extensão de folhas de Du Weldenvarden com encantos protetores, pode entender meus motivos. Então eu pergunto: está de acordo?

Os olhos de Blödhgarm ficaram ferozes e seus dentes assustadoramente afiados enquanto respondia:

— A maior parte das árvores de Du Weldenvarden possui hastes, não folhas. Pode nos testar, se assim deseja, mas eu a aviso, quem quer que indique para a tarefa deve tomar um grande cuidado para não mergulhar muito profundamente em nossas mentes a menos que queira se ver despido de sua razão. E perigoso para os mortais perambular por nossas mentes; podem ficar facilmente perdidos e não conseguir retornar para seus corpos. E

nem nossos segredos estão disponíveis para uma inspeção geral.

Nasuada entendeu. Os elfos destruiriam qualquer um que se aventurasse em território proibido.

— Capitão Garven — chamou ela.

Dando um passo para trás com a expressão de um homem que está

prestes a encarar seu fim, Garven ficou de frente para Blödhgarm, fechou os olhos e franziu intensamente o cenho enquanto vasculhava sua consciência. Nasuada mordeu a parte de dentro de seus lábios enquanto observava. Quando era criança, um homem de uma perna só chamado Hargrove a ensinou a esconder os pensamentos de telepatas e a bloquear e desviar as lanças

pontiagudas de um ataque mental. Era bastante talentosa em ambas as habilidades, e embora jamais tivesse obtido êxito em iniciar contato com a mente de outra pessoa, era totalmente familiarizada com os princípios envolvidos. Era solidária, então, com a dificuldade e a delicadeza do que Garven estava tentando fazer. Um desafio ainda mais difícil, devido à estranha natureza dos elfos.

Angela inclinou-se em sua direção e sussurrou:

— Você deveria ter me mandado verificar os elfos. Teria sido mais seguro.

— Talvez — disse Nasuada. Apesar de toda a ajuda que a herbolária dera a ela e aos Varden, Nasuada ainda sentia-se desconfortável em confiar nela para assuntos oficiais.

Por mais alguns instantes, Garven continuou com seus esforços, e então seus olhos ficaram arregalados e ele começou a respirar em espasmos explosivos. Seu pescoço e rosto ficaram inchados e manchados devido ao esforço e suas pupilas dilatadas, como se fosse noite. Em contraposição, Blödhgarm parecia imperturbável; sua pelagem continuava lisa, sua respiração regular e um tênue sorriso bem-humorado insinuava-se nos cantos de seus lábios.

— E então? — perguntou Nasuada.

Parecia que Garven estava levando mais tempo do que o normal para ouvir a pergunta, e então o corpulento capitão de nariz encurvado respondeu:

— Ele não é humano, minha lady. Disso eu não tenho dúvida. Nenhuma dúvida.

Satisfeita e perturbada, já que havia algo desconfortavelmente remoto naquela resposta, Nasuada disse:

— Muito bem. Prossiga.

Conseqüentemente, Garven passou a requerer cada vez menos tempo

para examinar os outros elfos, passando não mais do que alguns segundos com o último membro do grupo. Nasuada manteve um olhar atento nele durante todo o processo, e viu como seus dedos ficaram brancos e sem sangue e a pele na altura das têmporas parecia encovada como os tímpanos de um sapo e como adquiriu a lânguida aparência de uma pessoa nadando debaixo d'água.

Tendo completado sua tarefa, Garven retornou ao seu posto ao lado de Nasuada. Ele era, pensou a líder, um outro homem. Sua determinarão e firmeza de espírito originais haviam desvanecido na atmosfera sonhadora de um sonâmbulo. E enquanto olhava para ela quando foi perguntado se estava bem e respondera num tom suficientemente neutro, Nasuada teve a nítida sensação de que seu espírito estava bem distante, vagando por entre sendas secas e ensolaradas em algum canto da misteriosa floresta dos elfos. Nasuada ficou torcendo para que se recuperasse logo. Do contrário, pediria que Eragon ou Angela, ou quem sabe os dois juntos,

cuidasse de Garven. Até que suas condições melhorassem, decidiu que ele não mais serviria como membro ativo dos Falcões da Noite; Jörmundur daria algo mais simples para ele fazer, de modo que ela não precisasse se sentir culpada por lhe causar ainda mais dores e ele pudesse, finalmente, ter o prazer de desfrutar quaisquer que tivessem sido as visões que seu contato com os elfos havia lhe proporcionado. Amargurada com sua perda e furiosa consigo mesma, com os elfos, com Galbatorix e com o Império por tornarem tal sacrifício necessário, ela teve dificuldade em manter a polidez e as boas maneiras.

— Quando falou em perigo, Blödhgarm, poderia ter mencionado que

mesmo aqueles que retornam a seus corpos não escapam totalmente ilesos.

— Minha lady, eu estou bem — disse Garven. Seu protesto era tão fraco e inócuo que quase ninguém reparou, e apenas serviu para fortalecer a sensação de ultraje de Nasuada.

A pelagem sobre a nuca de Blödhgarm se eriçou e endureceu.

— Se eu falhei em me fazer suficientemente claro antes, peço desculpas. Entretanto, não nos culpe pelo que aconteceu; nós não podemos mudar nossa natureza. E tampouco culpe a si mesma, porque vivemos numa época de suspeitas. Permitir que passássemos incólumes teria sido negligente de sua parte. E lamentável que um incidente tão desagradável estrague este nosso encontro histórico, mas pelo menos agora a senhora pode ficar tranqüila e confiante de que estabeleceu nossas origens e de que nós somos o que parecemos ser: elfos de Du Weldenvarden.

Uma refrescante nuvem almiscarada proveniente do elfo aterrissou em Nasuada, e mesmo endurecida de raiva, suas juntas amoleceram e ela foi tomada por imagens de caramanchões acetinados, jarras de vinho de cereja e das canções tristes dos anões que costumava ouvir ecoando através dos corredores vazios de Tronjheim. Distraída, comentou:

— Gostaria muito que Eragon e Arya estivessem aqui, porque poderiam examinar as mentes de vocês sem temer perder a sanidade. Mais uma vez, sucumbiu à sensual atração do odor de Blödhgarm, imaginando como seria passar as mãos por sua juba. Só retornou a si quando Elva puxou seu braço esquerdo, forçando-a a se inclinar e colocar a orelha perto da boca da criança-bruxa. Com uma voz baixa e rascante, Elva disse:

— Marroio-branco. Concentre-se no sabor de marroio-branco. Seguindo o conselho, Nasuada resgatou uma lembrança do ano anterior, quando havia comido bala de marroio-branco durante uma das festas do rei Hrothgar. A simples lembrança do sabor acre da bala ressecou sua boca e combateu as qualidades sedutoras do almíscar de Blödhgarm. Ela tentou ocultar seu lapso de concentração.

— Minha jovem companheira gostaria de saber por que você é tão diferente dos outros elfos. Devo confessar que nutro a mesma curiosidade. Sua aparência não é a que normalmente esperamos de sua raça. Você teria a gentileza de compartilhar conosco o motivo de suas feições serem mais *animalescas*?

Uma ondulação brilhante percorreu a pelagem de Blödhgarm quando ele deu de ombros.

— Essa forma me agradou. Algumas pessoas escrevem poemas sobre o sol e a lua, outras cultivam flores ou constroem grandes estruturas ou compõem músicas. Por mais que aprecie essas várias formas de arte, eu acredito que a verdadeira beleza só existe no dente de um lobo, no pêlo de um gato selvagem, no olho de uma águia. Então eu adotei esses atributos. Daqui a cem anos, talvez eu perca o interesse nos animais terrestres e decida que os animais marinhos incorporam tudo o que é bom, e então me cobrirei de escamas, transformarei minhas mãos em nadadeiras e meus pés num rabo e sumirei em meio às ondas para jamais ser visto novamente na Alagaësia. Se aquilo era uma brincadeira, como Nasuada acreditava, ele não estava dando nenhuma indicação. Muito ao contrário, estava tão sério que ela imaginava se não estaria caçoando dela.

— Muito interessante — limitou-se a dizer. — Espero que a vontade de se transformar em peixe não lhe apareça num futuro próximo, porque necessitamos de você aqui na terra. E claro que se Galbatorix decidir também escravizar os tubarões e os peixes, então um feiticeiro que consegue respirar debaixo d'água pode ser de grande utilidade.

Sem aviso, os doze elfos encheram o ar com uma sonora gargalhada em uníssono, e os pássaros num raio de dois quilômetros em todas as direções começaram a cantar. O som de tamanha alegria era como água caindo sobre um cristal. Nasuada sorriu sem querer, e ao seu redor viu expressões similares nos rostos dos guardas. Até mesmo os dois Urgals pareciam loucos de alegria. E quando os elfos silenciaram e o mundo voltou a ser como era antes, Nasuada sentiu a tristeza de um sonho que se esvai. Uma lágrima obscureceu sua visão por alguns segundos, e então até isso desapareceu.

Sorrindo pela primeira vez e, portanto, apresentando um semblante ao mesmo tempo bonito e aterrorizante, Blödhgarm completou:

— Será uma honra servir ao lado de uma mulher tão inteligente, capaz e sagaz como a senhora, lady Nasuada. Qualquer dia, quando seus afazeres permitirem, terei prazer em lhe ensinar nosso jogo de runas. A senhora daria uma formidável oponente, tenho certeza.

A repentina mudança de comportamento dos elfos a fez lembrar de uma palavra que eventualmente ouvia os anões usarem para descrevê-los: *volúveis*. Parecia uma descrição suficientemente inofensiva quando era criança

— reforçava a crença que tinha dos elfos como criaturas que saltavam de um prazer para outro, como fadas em um jardim —, mas agora reconhecia que o que os anões realmente queriam dizer era: *Cuidado*! *Cuidado porque nunca se sabe o que um elfo vai fazer.* Suspirou internamente, deprimida pela perspectiva de ter de lidar com outro grupo de seres com a intenção de manipulá-la. *A vida é*

sempre assim tão complicada?, perguntou-se. *Ou será que eu atraio esse tipo de coisa?*

Nas cercanias do acampamento, viu o rei Orrin cavalgando em sua direção à frente de uma maciça fileira de nobres, cortesãos, funcionários de alto e baixo escalões, conselheiros, assistentes, criados, soldados e uma pletora de outras espécies que ela nem. se importou em identificar. Enquanto do oeste, descendo rapidamente com suas asas abertas, viu

Saphira. Preparou-se para o barulhento tédio que estava para tomar conta deles:

— Talvez demore alguns meses até que eu possa aceitar seu convite, Blödhgarm, mas agradeço assim mesmo. Adoraria a distração de um jogo após um longo dia de trabalho. Por enquanto, contudo, este prazer deve permanecer adiado. Todo o peso da sociedade humana está para cair sobre vocês. Sugiro que se preparem para uma avalanche de nomes, perguntas e solicitações. Nós humanos somos muito curiosos e nenhum de nós jamais viu tantos elfos antes.

— Estamos preparados para isso, lady Nasuada — disse Blödhgarm.

Assim que o tonitruante cortejo do rei Orrin se aproximou e Saphira preparou-se para aterrissar, achatando a grama com o vento de suas asas, o último pensamento de Nasuada foi: *Céus. . Vou ter de colocar um batalhão em torno de Blödhgarm para impedir que seja despedaçado pelas mulheres no acampamento. E talvez nem isso resolva o problema!*

MISERICÓRDIA,

CAVALEIRO DE DRAGÃO

ra o meio da tarde, no dia seguinte ao da sua partida de Eastcroft, quando Eragon pressentiu a patrulha de quinze soldados adiante deles. Comentou com Arya.

E — Eu também os percebi. — Nenhum dos dois manifestou

ansiedade, mas a preocupação começou a corroer Eragon, e ele viu como as sobrancelhas de Arya se abaixaram numa careta feroz.

O terreno em torno deles era aberto e plano, desprovido de qualquer abrigo. Tinham deparado com grupos de soldados antes, mas sempre na companhia de outros viajantes. Agora, estavam sozinhos na trilha apagada de uma estrada.

— Podíamos cavar um buraco com magia, cobrir com mato e nos esconder até eles irem embora — sugeriu Eragon.

Arya fez que não sem diminuir o ritmo das passadas.

— E o que faríamos com a terra que sobrasse? Eles iam achar que tinham descoberto a maior toca de texugo do mundo. Além do mais, eu preferiria poupar nossa energia para correr.

Eragon deu um grunhido. N *ão sei ao certo quantos quilômetros eu ainda consigo correr.*

Não estava ofegante, mas a caminhada implacável já o estava desgastando. Seus joelhos doíam, os tornozelos ardiam, o dedão do pé

esquerdo estava vermelho e inchado, e bolhas continuavam a estourar nos seus calcanhares, por mais que os atasse com firmeza. Na noite anterior, tinha curado algumas das dores e incômodos que o afligiam; e, embora isso lhe tivesse dado algum alívio, os encantamentos apenas exacerbaram sua exaustão. A patrulha ficou visível como uma nuvem de poeira por meia hora antes que Eragon conseguisse distinguir as formas dos homens e dos cavalos na base da nuvem amarela. Como ele e Arya tinham a visão mais aguçada do que a maioria dos humanos, era improvável que os cavaleiros pudessem vê-los àquela distância. Por isso, continuaram a correr por mais dez minutos. Depois pararam. Arya tirou da mochila sua saia e a amarrou por cima das calças que usava quando corria, e Eragon guardou o anel de Brom na sua mochila e espalhou terra na palma direita da mão para esconder sua gedwëy ignasia prateada. Eles retomaram a viagem com a cabeça baixa, ombros encurvados, arrastando os pés. Se tudo corresse bem, os soldados suporiam que eles eram simplesmente mais um casal de refugiados.

Apesar de Eragon conseguir sentir o troar dos cascos que se aproximavam e ouvir os gritos dos homens a conduzir suas montarias, ainda demorou quase uma hora para os dois grupos se encontrarem na vasta planície. Quando isso ocorreu, Eragon e Arya saíram para a beira da estrada e ficaram ali em pé olhando para baixo para o meio dos pés. Eragon viu um relance de patas de cavalos por baixo da beira da fronte, enquanto os primeiros cavaleiros passavam ruidosos, mas então a sufocante nuvem de pó

subiu em torno dele, escondendo o restante da patrulha. A poeira no ar era tão densa que ele precisou fechar os olhos. Escutando com cuidado, contou até ter certeza de que mais da metade da patrulha já tinha passado. *Eles não vão se dar ao trabalho de nos interrogar!,* pensou.

Sua alegria teve vida curta. Daí a um instante, alguém gritou no meio do turbilhão de poeira "Companhia, alto!". Ressoou então um coro de *Eia, Calma aí e Ô, Nell,* enquanto quinze homens faziam suas montarias formar uma roda em torno de Eragon e Arya. Antes que os soldados completassem a manobra e a poeira baixasse, Eragon procurou chão uma pedra grande e voltou a ficar em pé.

— Não se mexa! — repreendeu Arya, entre dentes.

Enquanto esperava que os soldados manifestassem suas intenções, Eragon lutou para acalmar seu coração disparado ensaiando a história que ele e Arya tinham inventado para explicar sua presença tão perto da fronteira com Surda. Seus estorços não tiveram êxito, pois, apesar de sua força, sua formação, o conhecimento de combate que havia adquirido e a meia dúzia de proteções ao seu redor, seu corpo continuava convencido de que lesão ou morte iminente o aguardava. Sentia torções na barriga; aperto na garganta; e pernas e braços frouxos. *Ah, vamos logo com isso*!, pensou. Estava louco para quebrar alguma coisa com as mãos, como se um ato de destruição pudesse aliviar a pressão que estava se acumulando dentro dele, mas o impulso

só

aumentava sua frustração, já que não ousava se mexer. A única coisa que o acalmava era a presença de Arya. Preferiria decepar uma mão a que ela o considerasse um covarde. E, embora fosse por si mesma uma guerreira poderosa, ele ainda sentia o desejo de defendê-la.

A voz que dera o comando para a companhia parar voltou a falar.

— Deixem o rosto à mostra! — Erguendo a cabeça, Eragon viu um homem montado diante dele num cavalo de batalha, com as mãos enluvadas cobrindo a parte mais alta da sela. Do seu lábio superior, brotava um bigode enorme e encaracolado que, depois de descer até os cantos da boca, se estendia mais de vinte centímetros nas duas direções e apresentava um forte contraste com o cabelo liso que lhe caía até os ombros. Como uma peça de escultura tão grande e repolhuda agüentava o próprio peso deixou Eragon intrigado, principalmente porque o bigode era opaco, sem brilho e obviamente não havia sido impregnado com cera morna de abelha.

Os outros soldados seguravam lanças apontadas para Eragon e Arya. Estavam tão cobertos de poeira que era impossível ver as chamas aplicadas sobre a túnica.

— Ora, ora. . — disse o homem, e seu bigode oscilou como uma balança desequilibrada. — Quem são vocês? Aonde vão? E o que fazem nas terras do rei? — Depois, sacudiu a mão. — Não, não precisam responder. Não faz diferença. Nada importa hoje em dia. O fim do mundo está

chegando, e nós desperdiçamos nosso tempo interrogando camponeses. Ora!

Uma gentalha supersticiosa que corre, assustada, de um lugar para outro, devorando toda a comida e se reproduzindo a uma velocidade medonha. Na propriedade da minha família perto de Urû'baen, gente como vocês seria açoitada se tosse apanhada perambulando à toa sem permissão. E, se descobríssemos que haviam roubado do seu senhor, ora, nesse caso, seriam enforcados. Qualquer coisa que me digam vai ser mentira. Sempre é..

"E o que trazem aí nessa mochila, hein? Comida e cobertores, sim, mas talvez um par de castiçais de ouro, não? Prataria da arca trancada? Cartas secretas para os Varden? Hein? O gato engoliu sua língua? Bem, isso logo vamos descobrir. Langward, por que você não dá uma olhada nos tesouros que conseguir escavar daquela mochila? Esse é um bom garoto." Eragon cambaleou para a frente quando um dos soldados lhe deu um golpe transversal nas costas com a haste de uma lança. Tinha enrolado a armadura com farrapos para evitar que as peças roçassem umas nas outras. Os trapos eram, porém, finos demais para absorver totalmente a força do golpe e abafar o ruído metálico.

— Epa! — exclamou o homem do bigode.

Agarrando Eragon por trás, o soldado desatou o alto da mochila e tirou sua cota de malha.

— Olhe, senhor!

O homem do bigode abriu um sorriso de prazer.

— Armadura! E de boa qualidade, ainda por cima. Excelente qualidade, eu diria. Bem, você é mesmo cheio de surpresas. Ia se juntar aos Varden, não é? Com o propósito de traição e rebelião? — Sua expressão se azedou. — Ou não será daqueles que em geral dão péssima reputação aos soldados honestos?

Se for assim, é um mercenário dos mais incompetentes, pois nem mesmo tem uma arma. Será que daria assim tanto trabalho cortar um cajado ou uma clava?

Hein? Bem, o que me diz? Responda!

— Não, senhor.

— Não, senhor? Não lhe ocorreu a idéia, suponho eu. É uma pena que tenhamos de aceitar desgraçados tão lerdos, mas é a isso que esta guerra nos reduziu, a disputar o rebotalho.

— Me aceitar onde, senhor?

— Cale-se, seu safado insolente! Ninguém lhe deu permissão para falar!

— Com o bigode trêmulo, o homem fez um gesto. Luzes vermelhas explodiram no campo visual de Eragon quando o soldado atrás dele golpeou sua cabeça. — Quer você seja um ladrão, um traidor, um mercenário, quer não passe de um tolo, seu destino será o mesmo. Uma vez que faça o juramento do serviço, não terá escolha a não ser obedecer a Galbatorix e àqueles que falarem em nome dele. Somos o primeiro exército da história totalmente livre de dissidência. Nada de discussões desmioladas sobre o que deveríamos fazer. Somente ordens, claras e diretas. Você também há de se juntar à nossa causa e terá o privilégio de ajudar a realizar o futuro glorioso que nosso grande rei previu. Quanto à sua linda companheira, ela poderá ser útil ao Império de outras formas, não é? Agora amarrem os dois!

Nesse instante, Eragon soube o que devia fazer. Num relance, descobriu que Arya já estava olhando para ele, com uma expressão dura nos olhos brilhantes. Piscou uma vez. Ela piscou em resposta. Sua mão se fechou em volta da pedra.

A maioria dos soldados com quem Eragon tinha lutado na Campina Ardente possuía certas proteções rudimentares destinadas a blindá-los contra ataques de magia, e suspeitava que esses homens estivessem equipados em termos semelhantes. Eragon tinha confiança de que poderia romper ou contornar quaisquer encantos que os mágicos de Galbatorix tivessem inventado, mas isso exigiria mais tempo do que podia gastar agora. Em vez disso, dobrou o braço e, com um movimento ágil do pulso, lançou a pedra no homem do bigode.

A pedra perfurou a lateral do seu elmo.

Antes que os soldados pudessem reagir, Eragon deu meia-volta, arrancou a lança das mãos do homem que o vinha atormentando e a usou para derrubá-lo do cavalo. Quando este caiu no chão, Eragon lhe transpassou o coração, quebrando a lâmina da lança nas placas de metal da couraça do soldado. Soltando a arma, mergulhou recuando, com o corpo paralelo ao chão enquanto passava por baixo de sete lanças que estavam voando para o lugar onde ele não estava mais. As armas letais pareceram flutuar acima dele quando caiu.

No instante em que Eragon atirou a pedra, Arya subiu com um salto pelo flanco do cavalo mais próximo dela, pulando do estribo para a sela, e deu um chute na cabeça do soldado distraído que estava montado na égua. O

soldado foi atirado a mais de dez metros dali. Depois, Arya saltou de um cavalo para outro, matando os soldados com os joelhos, os pés e as mãos numa incrível demonstração de graça e equilíbrio.

Pedras pontiagudas quase perfuraram o ventre de Eragon quando tombou no chão. Com uma careta, pôs-se em pé de um salto. Quatro soldados que haviam desmontado o enfrentavam com espadas

desembainhadas. Investiram. Desviando-se para a direita, segurou o pulso do primeiro soldado quando este brandiu a espada e o feriu na axila. O homem desmoronou e ficou imóvel. Eragon se livrou dos outros adversários torcendo-lhes a cabeça até a espinha se partir. O quarto soldado estava tão perto a essa altura, investindo contra ele com a espada erguida que Eragon não teria como se desviar.

Encurralado, fez a única coisa que pôde: atingiu o homem no peito com toda a sua força. Um jorro de sangue e suor irrompeu quando seu punho o tocou. O golpe amassou as costelas do soldado e o empurrou a mais de três metros de distância sobre o capim, onde ele parou quando bateu em outro cadáver.

Eragon arquejou e se curvou, protegendo a mão que latejava. Quatro articulações estavam deslocadas, e a cartilagem branca aparecia através da pele ralada. *Maldito*!, pensou ele enquanto o sangue quente se derramava dos ferimentos. Seus dedos se recusavam a se mover quando dava-lhes o comando. Percebeu que sua mão permaneceria inútil enquanto não a curasse. Temendo mais um ataque, olhou ao redor, em busca de Arya e dos soldados restantes.

Os cavalos tinham se espalhado. Somente três soldados ainda estavam vivos. Arya estava lutando com dois a alguma distância dali enquanto o terceiro, e último, soldado fugia para o sul pela estrada. Reunindo suas forças, Eragon o perseguiu. Enquanto a distância entre os dois ia se reduzindo, o homem começou a implorar por misericórdia, prometendo que não relataria o ataque a ninguém e estendendo as mãos para mostrar que estavam vazias. Quando Eragon chegou a menos de um metro dele, o homem deu uma guinada para o lado e depois de mais alguns passos voltou a mudar de direção, disparando pelo campo em ziguezague como uma lebre assustada. O tempo todo, o homem não parou de implorar, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, dizendo que era muito jovem para morrer, que ainda precisava se casar e ter um

filho, que seus pais sentiriam sua falta, que havia sido forçado a entrar para o exército, que aquela era somente sua quinta missão, e perguntando por que Eragon não podia deixá-lo em paz.

— O que você tem contra mim? — quis saber, soluçando. — Só fiz o que tive de fazer. Sou uma boa pessoa!

Eragon parou e se forçou a responder.

— Você não tem como acompanhar nosso passo. Nós não podemos deixá-lo aqui. Você vai arrumar um cavalo e nos denunciar.

— Não vou, não.

— As pessoas vão perguntar o que aconteceu aqui. Seu juramento a Galbatorix e ao Império não permitirá que você minta. Sinto muito, mas não sei como liberá-lo do seu voto, a não ser. .

— Por que está fazendo isso? Você é um monstro! — berrou o homem. Com uma expressão de puro terror, fez uma tentativa de contornar Eragon e voltar para a estrada. Eragon o alcançou em menos de três metros. E mesmo enquanto o homem ainda chorava e pedia clemência, segurou-lhe o pescoço com a mão esquerda e apertou. Quando relaxou a mão, o soldado caiu diante dos seus pés, morto.

Eragon sentiu um gosto amargo na boca quando olhou para o rosto sem vida do homem ali embaixo. *Sempre que matamos, matamos uma parte de nós mesmos*, pensou. Trêmulo com uma mistura de choque, dor e ódio de si mesmo, voltou para o lugar onde a luta havia começado. Arya estava ajoelhada ao lado de um corpo, lavando as mãos e os braços com água de um cantil que um dos soldados trazia.

— Como foi que você pôde matar esse homem, mas não conseguiu pôr um dedo em Sloan? — Ela se levantou e o encarou, com o olhar franco.

— Ele era uma ameaça — respondeu Eragon, sem emoção, dando de

ombros. — Sloan não era. Não é óbvio?

Arya ficou em silêncio por um tempo.

— Deveria ser, mas não é.. Fico envergonhada de receber instruções de moralidade de alguém com tão menos experiência. Talvez eu tenha tido um excesso de segurança, um excesso de confiança nas minhas próprias escolhas. Eragon ouviu o que ela dizia, mas as palavras não significavam nada para ele enquanto passava o olhar pelos cadáveres. *É só nisso que minha vida se tomou?,* perguntou-se. *Uma série interminável de batalhas?*

— Sinto-me como um assassino.

— Compreendo como isso é difícil — disse Arya. — Lembre-se, Eragon, que você vivenciou somente uma pequena parte do que significa ser um Cavaleiro de Dragão. Com o tempo, esta guerra há de terminar, e você

verá que seus deveres abrangem mais do que a violência. Os Cavaleiros não eram apenas guerreiros; eram mestres, curandeiros e estudiosos.

Os músculos do maxilar de Eragon se retesaram por um instante.

— Por que estamos combatendo esses homens, Arya?

— Porque eles estão entre nós e Galbatorix.

— Então deveríamos descobrir um meio de atingir Galbatorix diretamente.

— Não existe nenhum. Somente poderemos marchar contra Urû'baen

quando tivermos derrotado suas forças. E somente conseguiremos entrar em seu castelo depois de termos desfeito as armadilhas, de natureza mágica ou não, que ele instalou ao longo de quase um século.

— Tem de haver um jeito — resmungou Eragon. Ele permaneceu onde estava enquanto Arya avançou e apanhou do chão uma lança. Mas, quando tocou com a ponta da lança por baixo do queixo de um soldado morto e a fincou no seu crânio, Eragon deu um salto e a afastou do corpo.

— O que você está fazendo? — gritou ele.

Um lampejo de raiva passou pelo rosto de Arya.

— Vou lhe perdoar esse comportamento porque sei que você está

transtornado e fora de si. Pense, Eragon! E tarde demais para você ser paparicado. Por que isso aqui é necessário?

A explicação se apresentou a ele, e ele respondeu de má vontade.

— Se não agirmos assim, o Império perceberá que a maioria dos homens morreu por ferimentos manuais.

— Exatamente! Os únicos capazes de um feito semelhante são os elfos, os Cavaleiros e os Kull. E, como até mesmo um imbecil poderia calcular que um Kull não foi responsável por isso, logo saberão que estamos próximos; e em menos de um dia, Thorn e Murtagh estarão lá em cima, procurando por nós. — Ouviu-se um ruído molhado quando Arya puxou a lança do corpo. Ela a estendeu para Eragon até ele aceitar a arma. — Considero tudo isso tão repugnante quanto você. Portanto, bem que você podia fazer alguma coisa de útil.

Eragon fez que sim. Arya então recuperou uma espada, e os dois juntos passaram a fazer o necessário para dar a impressão de que uma tropa de guerreiros comuns havia matado os soldados. Foi um trabalho horripilante, porém rápido, pois sabiam exatamente que tipos de ferimentos os soldados deveriam ter para garantir a ilusão, e nenhum dos dois queria se demorar por ali.

Chegaram então ao homem cujo tórax Eragon tinha destruído.

— Não se pode fazer grande coisa para disfarçar uma lesão como essa

— disse Arya. — Vamos ter de deixá-la como está e torcer para que as pessoas suponham que um cavalo tenha pisado nele. — Eles seguiram adiante. O último soldado com quem lidaram foi o comandante da patrulha. Seu bigode agora estava caído, desfeito e tinha perdido a maior parte da imponência anterior.

Depois de aumentar o buraco da pedra de modo que se assemelhas-se mais à marca triangular deixada pela unha de um martelo de combate, Eragon se deteve um momento, contemplando o bigode triste do comandante.

— Ele estava certo, você sabe?

— Certo sobre o quê?

— Preciso de uma arma, uma arma decente. Preciso de uma espada.

— Limpando as palmas das mãos na bainha da túnica, ele observou a campina ao redor, contando os corpos. — Só isso, não é? Terminamos. —

Ele recolheu sua armadura espalhada, voltou a enrolar tudo em pano e a devolveu ao fundo da mochila. Depois, foi se juntar a Arya na pequena colina sobre a qual estava.

— De agora em diante, seria melhor evitarmos as estradas — disse ela.

— Não podemos nos arriscar a outro confronto com os homens de Galbatorix. — Indicando a mão direita de Eragon, deformada, que manchava de sangue sua túnica, ela continuou: — Você deveria cuidar disso antes de prosseguirmos. — Ela não lhe deu tempo para responder, mas segurou seus dedos paralisados, dizendo, "Waíse heill".

Um gemido involuntário escapou dele quando seus dedos voltaram com um estalido para a posição certa; os tendões raspados e a cartilagem esmagada recuperaram a forma perfeita; e as tiras de pele pendentes das juntas voltaram a cobrir a carne esfolada abaixo delas. Quando o encantamento terminou, ele abriu e fechou a mão para confirmar que estava plenamente curada.

— Obrigado — disse. Ficou surpreso por Arya ter tomado a iniciativa quando ele era perfeitamente capaz de curar os próprios ferimentos. Arya pareceu embaraçada.

— Fico feliz porque você estava ao meu lado hoje, Eragon — disse ela, olhando para as campinas ao longe.

— E você ao meu.

Ela lançou-lhe um sorriso rápido, inseguro. Os dois permaneceram mais um minuto na colina, sem que nenhum deles tivesse vontade de retomar a viagem. Então, Arya deu um suspiro.

— Devíamos sair daqui. As sombras já se alongam, e outra pessoa pode aparecer para fazer o maior escândalo quando descobrir esse banquete para abutres.

Abandonando a colina, orientaram-se mais ou menos para o sudoeste, desviando-se da estrada, e seguiram a galope pelo ondulante mar de capim. As suas costas, o primeiro devorador de carniça veio descendo do céu.

SOMBRAS DO PASSADO

aquela noite, Eragon sentou-se e ficou mirando o fogo esparso, enquanto mastigava uma folha de dente-de-leão. O jantar

consistira em uma porção de raízes, sementes e hortaliças que Arya colhera no campo. Consumidos crus e sem estar maduros, N eram pouquíssimo apetitosos, mas ele se abstivera de aumentar a refeição com algum pássaro ou coelho — que existiam em

abundância nas redondezas — porque não desejava que Arya o olhasse com desaprovação. Além do mais, depois da luta contra os soldados, a idéia de tirar outra vida, mesmo a de um animal, lhe dava enjôos.

Estava tarde, e teriam de sair bem cedo na manhã seguinte, mas nem ele nem Arya fizeram algum movimento para se recolher. Ela estava sentada à

sua direita, abraçada às pernas e com o queixo sobre os joelhos. A saia de seu vestido estava aberta, como as pétalas de uma flor açoitada pelo vento. Com o queixo colado ao peito, Eragon massageava sua mão direita com a esquerda, tentando dissipar uma dor renitente. *Preciso de uma espada, pensou ele. Na falta de uma, eu poderia usar algum tipo de proteção para minhas mãos de modo a não aleijá-las sempre que precisar bater em alguma coisa. O problema é que eu estou tão forte agora que teria de usar luvas com acolchoamento muito espesso, o que seria ridículo. Ficariam imensas, quentes demais, e além disso não vou poder usar luva para o resto da vida.* Franziu o cenho. Empurrando os ossos da mão para a posição original, analisou como eles alteravam o jogo de luz sobre sua pele, fascinado pela maleabilidade de seu corpo. *E o que acontece se eu entrar em uma luta usando o anel de Brom? Foi feito pelos elfos, então, provavelmente, não vou precisar me preocupar com a safra, não vai quebrar. Mas se eu bater em alguma coisa com o anel no dedo, não vou apenas deslocar algumas juntas, vou despedaçar todos os ossos de minha mão. . Talvez eu nem seja capaz de consertar o estrago. .* Fechou as mãos com força, cerrando o punho, e lentamente começou a movimentá-las de um lado para o outro, observando as sombras variando entre os nós dos dedos. *Eu poderia inventar um encanto para impedir que qualquer objeto em alta velocidade toque minhas mãos. Não, espera aí, isso não é bom. E se fosse um pedregulho? E se fosse uma montanha? Eu poderia morrer tentando pará-la.*

Bem, se luvas e magia não funcionarem, quero ter um conjunto de Ascûdgamln, os

"punhos de ferro" dos anões. Com um sorriso, lembrou como o anão Shrrgnien possuía uma ponta de ferro atada numa base de metal sobre cada um dos nós dos dedos, exceto nos polegares. As pontas de ferro permitiam a Shrrgnien acertar o que quisesse sem medo de se machucar. E também eram convenientes, porque podia removê-las quando quisesse. A idéia era atraente a Eragon, mas ele não ia começar a esburacar as articulações dos dedos. *Além do mais,* pensou, *meus ossos são mais finos do que os dos anões, talvez finos demais para atar a base e ainda manter a função das juntas. . Então Ascûdgamln não é uma boa idéia, mas*

quem sabe em vez disso eu não possa..

Inclinou-se sobre as mãos e sussurrou:

— Thaefathan.

Os dorsos de suas mãos começaram a pinicar e a picar como se ele houvesse caído sobre um leito de urticárias. A sensação era tão forte e desagradável que sentiu uma ânsia de saltar e se cocar intensamente. Com muita força de vontade, permaneceu onde estava, observando a pele das articulações intumescerem, formando um calo achatado e esbranquiçado dois centímetros acima de cada uma das juntas. Lembraram a Eragon os calos que apareciam na parte interna das pernas dos cavalos. Quando ficou satisfeito com o tamanho e a densidade dos nós, liberou o fluxo de magia e pôs-se a explorar, com toque e visão, o novo formato que assomava por sobre seus dedos.

Suas mãos estavam mais pesadas e rígidas do que antes, mas ainda podia realizar todos os movimentos com os dedos. *Pode ser feio*, pensou, esfregando as protuberâncias ásperas de sua mão direita contra a palma da esquerda, *e as pessoas podem até rir e debochar se repararem, mas não ligo, porque isso vai ter sua serventia e pode me manter vivo.*

Vibrando com uma excitação silenciosa, golpeou o topo de uma rocha arredondada que estava no chão entre suas pernas. O impacto sacudiu seu braço e produziu um estrondo abafado, mas não lhe causou um desconforto maior do que socar um quadro coberto com várias camadas de tecido. Com uma coragem renovada, retirou o anel de Brom de seu estojo e deslizou a peça fria e dourada pelo dedo, verificando se o calo adjacente era mais alto do que a face do anel. Testou sua observação golpeando novamente a rocha. O único resultado sonoro foi o de uma pele seca e compacta colidindo com uma pedra inflexível.

— O que você está fazendo? — perguntou Arya, olhando para ele através de um véu de cabelo negro.

— Nada. — Então ergueu as mãos. — Pensei que seria uma boa idéia, já que, quase com certeza, vou precisar bater novamente em alguém. Arya estudou as juntas dele.

— Você terá dificuldade para usar luvas.

— Eu posso cortá-las para dar espaço.

Ela assentiu com a cabeça e voltou a mirar o fogo.

Eragon recostou-se sobre os cotovelos e esticou as pernas, contente por estar preparado para quaisquer combates que estivessem à sua espera num futuro próximo. Além disso, não ousava especular, porque, se o fizesse, começaria a se perguntar como ele e Saphira poderiam derrotar Murtagh ou Galbatorix, e então uma sensação de pânico fincaria suas garras gélidas sobre ele.

Fixou seu olhar nas profundezas tortuosas do fogo. Ali, naquele inferno agonizante, tentou esquecer preocupações e responsabilidades. Mas o movimento constante das chamas logo o embalou em um estado passivo onde fragmentos desconexos de pensamentos, sons, imagens e emoções vagavam através dele como flocos de neve caindo de um calmo céu de inverno. E em meio a esse enlevo, surgiu o rosto do soldado que suplicara por sua vida. Novamente, Eragon o viu chorando. E novamente ouviu seu pedido desesperado, e novamente sentiu o pescoço do homem se partindo como se fosse um pedaço úmido de madeira.

Atormentado pelas lembranças, Eragon trincou os dentes e respirou forte através das narinas escancaradas. Suor frio cobriu todo o seu corpo. Mudou de posição e lutou para se livrar do espírito antipático do soldado, mas sem êxito. *Vai embora*!, berrou. *Não foi culpa minha. Galbatorix é o culpado, não eu. Eu não quis te matar!*

Em algum lugar em meio à escuridão que os cercava, um lobo uivou. Em vários locais ao longo da planície, uma série de outros lobos respondeu, elevando suas vozes em uma melodia desarmônica. A cantoria terrível eriçou o couro cabeludo de Eragon, e manchas vermelhas afloraram em seus braços. Então, por um breve instante, os uivos uniram-se num único tom familiar ao grito de batalha de um Kull pronto para a luta.

Eragon mexeu-se, inquieto.

— O que há de errado? — perguntou Arya. — São os lobos? Eles não vão nos incomodar, você sabe disso. Eles estão ensinando seus filhotes a caçar, e não permitirão que se aproximem de criaturas com um cheiro tão estranho como o nosso.

— Não são os lobos lá — disse Eragon, abraçando a si próprio. — São os lobos aqui. — E deu um tapinha no meio da testa.

Arya assentiu com um movimento rápido, similar ao de um pássaro, traindo o fito de não ser humana apesar de ter assumido esta forma.

— E sempre assim. Os monstros da mente são muito piores do que os de fato. Medo, dúvida e ódio já arrebentaram mais pessoas do que os animais.

— E o amor — apontou ele.

— E o amor — admitiu ela. — Também a ganância e o ciúme e todas

as outras obsessões às quais estão suscetíveis as raças sensíveis. Eragon pensou em Tenga, sozinho na vanguarda dos elfos nas ruínas de Edur Ithindra, debruçado sobre sua preciosa coleção de tomos, procurando, sempre procurando, sua elusiva "resposta". Conteve-se para não mencionar o eremita a Arya, porque não estava disposto a conversar sobre o curioso encontro naquele momento. Em vez disso, perguntou:

— Você se incomoda em matar? Arya estreitou os olhos verdes.

— Nem eu nem o resto de meu povo comemos carne de animais porque não podemos suportar ferir outra criatura para satisfazer nossa fome, e você tem a afronta de me perguntar se matar nos perturba? Você realmente compreende tão pouco de nós a ponto de acreditar que somos assassinos frios?

— Não, é claro que não — protestou ele. — Não foi isso o que eu quis dizer.

— Então diga o que quer dizer. E não me insulte, a menos que seja essa a sua intenção.

Escolhendo suas palavras com muito mais cuidado dessa vez, Eragon começou:

— Eu fiz essa pergunta a Roran, ou uma bem parecida com essa, antes de atacarmos Helgrind. O que eu quero saber é como você se sente quando mata? Como devemos nos sentir? — Ele fez uma careta na direção do fogo.

— Você vê os guerreiros que derrotou a encarando, assim tão reais como você está diante de mim?

Arya apertou os braços em torno das pernas, o olhar pensativo. Uma chama deu um pulo quando uma das mariposas que circundavam o acampamento foi incinerada pelo fogo.

— Gánga — murmurou ela, e movimentou o dedo. Com um bater de

asas, as mariposas voaram. Sem jamais tirar os olhos dos galhos ardentes, ela disse: — Nove meses após eu me tornar embaixadora, a única embaixadora de minha mãe, verdade seja dita, viajei dos Varden, em Farthen Dûr, até a capital de Surda, que ainda era um país novo naquele tempo. Logo depois que meus companheiros e eu saímos das montanhas Beor, nós encontramos um bando de andarilhos Urgals. Ficamos contentes de mantermos nossas espadas embainhadas e seguir nosso caminho, mas como é o costume deles, os Urgals insistiram em tentar ganhar honra e glória para melhorar suas posições nas tribos. Nosso grupo era maior do que o deles, já que Weldon, o homem que sucedeu Brom como líder dos Varden estava conosco, e seria fácil para nós nos livrarmos deles. . Aquele foi o primeiro dia em que tirei a vida de alguém. Fiquei atormentada por semanas a fio, até que percebi que ficaria louca se continuasse a lutar contra aquilo. Muitos o fazem, e se tornam tão enraivecidos, tão acometidos de culpa, que deixam de ser confiáveis. Ou seus corações viram pedras e eles perdem a habilidade de distinguir o certo do errado.

— Como você lidou com o que havia feito?

— Examinei minhas razões para matar de modo a determinar se elas eram justas. Satisfeita por terem sido, perguntei a mim mesma se nossa causa era suficientemente importante para ser apoiada, mesmo sabendo que ela me obrigaria a matar novamente. Então, decidi que sempre que começasse a pensar nos mortos, eu me imaginaria nos jardins de Tialdarí.

— Funcionou?

Ela afastou o cabelo do rosto, empurrando para trás de uma orelha arredondada.

— Funcionou. O único antídoto para o corrosivo veneno da violência é

encontrar paz dentro de você mesmo. E uma cura difícil de se obter, mas vale o esforço. — Ela fez uma pausa, e então acrescentou: — Respirar também ajuda.

— Respirar?

— Respirar regular e lentamente, como se estivesse meditando. E um dos métodos mais eficientes para se acalmar.

Eragon seguiu o conselho e começou a inspirar e expirar controladamente, tomando o cuidado de manter um ritmo estável e de expelir todo o ar dos pulmões a cada respiração. Em um minuto, o nó que sentia dissolveu-se, suas feições relaxaram e a presença de seus inimigos abatidos tornou-se menos tangível.. Os lobos uivaram novamente, e, após um susto inicial, ele passou a ouvir sem medo, porque o som perdera o poder de desconcertá-lo.

— Obrigado — disse ele. Arya respondeu com uma graciosa inclinação do queixo.

Silêncio reinou por um quarto de hora, até que Eragon disse:

— Urgals. — Ele deixou que a palavra pairasse por um tempo, um monólito verbal de ambivalência. — O que você acha de Nasuada permitir que eles se juntem aos Varden?

Arya pegou um graveto na borda de seu vestido e o enrolou em seus dedos aquilinos, estudando o pedaço torto de madeira como se contivesse um segredo.

— Foi uma decisão corajosa, e eu a admiro por isso. Ela sempre age pensando no melhor para os Varden, não importa a que custo.

— Ela desagradou muitos Varden quando aceitou a oferta de apoio de Nar Garzhvog.

— E ganhou a lealdade deles de volta com o Desafio das Facas Longas. Nasuada é muito sagaz sobre a manutenção de sua posição. —

Arya jogou o graveto no fogo. — Eu não tenho nenhum amor pelos Urgals, mas tampouco os odeio. Ao contrário dos Ra'zac, não são inerentemente maus, apenas excessivamente afeiçoados à guerra. E uma distinção importante, mesmo não proporcionando consolo às famílias de suas vítimas. Nós, elfos, já nos relacionamos antes com Urgals, e nos relacionaremos novamente quando a necessidade surgir. Entretanto, é uma perspectiva infrutífera.

Ela não precisava explicar por quê. Vários pergaminhos cuja leitura Oromis indicara a Eragon eram devotados ao assunto Urgals, e um em particular, *As viagens de Gnaevaldrskald*, lhe havia ensinado que toda a cultura dos Urgals era baseada em feitos de combate. Urgals do

sexo masculino só

podiam melhorar sua posição atacando outra cidade — pouco importando se era de Urgals, de humanos, de elfos ou de anões — ou lutando com seus rivais um a um, às vezes até a morte. E no que concernia à escolha de um parceiro, Urgals do sexo feminino se recusavam a eleger um macho a não ser que ele tivesse derrotado pelo menos três oponentes. Como resultado, cada nova geração de Urgals não tinha escolha além de desafiar seus pares, desafiar seus membros mais velhos e percorrer a região atrás de oportunidades para provar seu valor. A tradição estava tão profundamente arraigada que qualquer tentativa de suprimi-la havia falhado. *Pelo menos são sinceros consigo*, ruminou Eragon. *Isso é muito mais do qualquer humano sonharia em conseguir.*

— Como é que — perguntou ele — Durza conseguiu emboscar você,

Glenwing e Fäolin com Urgals? Você não estava com guardas para protegê-la contra emboscadas?

— As flechas eram encantadas.

— Então os Urgals também eram feiticeiros?

Arya fechou os olhos, suspirou e balançou a cabeça.

— Não. Era alguma magia negra inventada por Durza. Ele estava se gabando disso quando eu estava em Gil'ead.

— Não sei como conseguiu resistir a ele por tanto tempo. Eu vi o que ele fez a você.

— Não. . Não foi fácil. Eu via os tormentos como um teste de meu compromisso, como uma chance de demonstrar que eu havia cometido um erro e era realmente digna do yawë. Dessa forma, eu aceitei minha provação.

— Mas, ainda assim, mesmo os elfos não são imunes à dor. E incrível você ter conseguido manter oculta a localização de Ellesméra todos esses meses.

Um toque de orgulho coloriu o rosto dela.

— Não somente a localização de Ellesméra como também para onde

eu havia mandado o ovo de Saphira, meu vocabulário na língua antiga e tudo o mais que poderia ser útil a Galbatorix.

Houve uma interrupção na conversa, e então Eragon recomeçou:

— Você pensa muito nisso? No que se passou em Gil'ead? — Como

ela não respondia, ele acrescentou: — Você nunca fala sobre isso. Você relata os fatos de sua prisão sem problema, mas jamais menciona como foi para você nem como se sente a respeito.

— Dor é dor — disse ela. — Não há necessidade de descrição.

— Verdade, mas ignorá-la pode ferir mais do que a dor original... Ninguém pode ter uma vivência dessa e sair ileso. Pelo menos não internamente.

— Por que você supõe que eu jamais confidenciei isso a alguém?

— Quem?

— E isso importa? Ajihad, minha mãe, um amigo em Ellesméra.

— Talvez eu esteja errado — disse ele —, mas você não parece assim tão próxima de alguém. Aonde vai, vai sozinha, mesmo entre seu próprio povo.

O semblante de Arya permaneceu impassível. Sua falta de expressão era tão completa que Eragon começou a imaginar se ela se dignaria a responder. A dúvida se transformou em certeza quando ela sussurrou:

— Nem sempre foi assim.

Em alerta, Eragon esperou sem se mover, com medo de fazer qualquer coisa que a fizesse parar de falar.

— Uma vez eu tive com quem conversar, alguém que entendia o que

eu era e de onde eu vinha. Uma vez.. Ele era mais velho do que eu, mas éramos almas gêmeas, ambos curiosos a respeito do mundo fora da floresta, ansiosos para explorar e ansiosos para enfrentar Galbatorix. Nenhum dos dois conseguia suportar ficar em Du Weldenvarden.. estudando, fazendo magia, perseguindo nossos próprios projetos pessoais. . quando soubemos que o Matador de Dragão, o flagelo dos Cavaleiros, estava atrás de uma maneira de conquistar nossa raça. Ele chegou a essa conclusão mais tarde do que eu. . décadas após eu ter assumido minha posição de embaixadora e poucos anos antes de Helfring roubar o ovo de Saphira. . mas assim que chegou, foi voluntário em me acompanhar aonde quer que as ordens de Islanzadí

pudessem me levar. — Ela piscou, e sua garganta tremeu. — Eu não ia permitir, mas a rainha gostou da idéia, e ele era tão convincente.. — Ela mordeu os lábios e piscou outra vez, seus olhos mais brilhantes do que o normal.

Da maneira mais delicada que conseguiu, Eragon perguntou:

— Era Fäolin?

— Era — disse ela, sua voz saindo como um arquejo.

— Você o amava?

Jogando a cabeça para trás, Arya levantou o olhar em direção ao Armamento cintilante, seu longo pescoço dourado pela luz do fogo, seu rosto pálido com o esplendor dos céus.

— Sua pergunta provém de uma preocupação amigável ou de algum interesse próprio? — Ela deu uma gargalhada abrupta, sufocada, o som de água caindo sobre pedras geladas. — Ignore isso. O ar da noite me deixou confusa. Desfez meu senso de cortesia e me deixou livre para dizer as coisas mais malignas que me ocorreram.

— Não importa.

— Importa sim, porque eu lamento o que ocorreu e acho isso intolerável. Se eu amava Fäolin? Como você definiria amor? Por mais de vinte anos nós viajamos juntos, os únicos imortais a caminhar em meio às raças de vida curta. Éramos companheiros. . E amigos.

Um acesso de ciúme afligiu Eragon. Ele lutou contra, sobrepujou e tentou eliminar o sentimento, mas todas as tentativas foram infrutíferas. Uma leve memória continuava a provocá-lo, como uma farpa penetrando sua pele.

— Mais de vinte anos — repetiu Arya. Persistindo na análise das constelações, avançava e recuava, aparentemente esquecida de Eragon. — E

então, num único instante, Durza arrancou isso de mim. Fäolin e Glenwing foram os primeiros elfos a morrer em combate por quase um século. Quando vi Fäolin cair, compreendi então que a verdadeira agonia da guerra não é você

se ferir, mas sim ser obrigada a ver aqueles que você mais gosta se ferirem. Foi uma lição que pensei já ter aprendido durante meu tempo com os Varden, quando, um após outro, homens e mulheres que eu viera a respeitar morreram por causa de espadas, flechas, venenos, acidentes e velhice. Contudo, a perda jamais havia sido tão pessoal. E quando isso ocorreu, eu pensei: "Agora, certamente eu morrerei também." Porque sempre sobrevivemos juntos a todos os perigos que havíamos encontrado, Fäolin e eu. Se ele não podia escapar daquele, então por que eu deveria?

Eragon percebeu que ela estava chorando, grossas lágrimas rolavam dos cantos dos olhos, caíam pelas têmporas e chegavam ao cabelo. A luz das estrelas, as lágrimas pareciam rios de vidro prateado. A intensidade de seu sofrimento o deixou surpreso. Nunca pensou que fosse possível extrair tal reação dela. E jamais foi sua intenção, tampouco.

— E então Gil'ead — continuou ela. — Aqueles dias foram os mais longos da minha vida. Fäolin se fora. Eu não sabia se o ovo de Saphira estava a salvo ou se eu o havia, inadvertidamente, mandado de volta para Galbatorix, e Durza. . Durza saciou sua sede de sangue dos espíritos que o controlavam fazendo comigo as coisas mais horríveis que alguém

pode imaginar. Às vezes, se ia longe demais, curava-me para recomeçar tudo de novo na manhã

seguinte. Se tivesse me dado uma chance de recompor minha sabedoria, talvez eu tivesse conseguido enganar meu carcereiro, como você conseguiu, e evitar consumir a droga que me impediu de usar a magia, mas nunca tive mais do que algumas horas de sossego.

"Durza não precisava dormir mais do que eu ou você, e me torturava sempre que eu estava consciente ou quando suas outras tarefas permitiam. Enquanto trabalhava em mim, cada segundo era como uma hora, cada hora uma semana, e cada dia uma eternidade. Ele tinha o cuidado de não me deixar enlouquecer — Galbatorix teria ficado insatisfeito com isso —, mas chegou perto. Chegou muito, muito perto. Comecei a ouvir cantos de pássaros onde nenhum pássaro podia voar e a ver coisas que não podiam existir. Uma vez, quando estava em minha cela, uma luz dourada inundou o local e fiquei totalmente aquecida. Quando olhei para cima, descobri que estava num galho no alto de uma árvore, perto do centro de Ellesméra. O sol estava quase se pondo, e toda a cidade resplandecia como se estivesse pegando fogo. Os Äthalvard estavam cantando na trilha abaixo, e tudo estava tão calmo, tão tranqüilo. . Tão belo, que eu teria ficado lá para sempre. E, então, a luz desapareceu e eu estava de volta à minha cela. . Havia esquecido, uma vez um soldado deixou uma rosa branca em minha cela. Foi a única vez que alguém demonstrou delicadeza para comigo em Gil'ead. Naquela noite, a flor criou raízes e se transformou em um imenso roseiral que subia pelas paredes, forçando caminho por entre os blocos de pedra no teto, quebrando-os, e prosseguindo seu percurso calabouço afora em direção ao exterior. Continuou ascendendo até que tocou a lua e ficou ali como uma gigantesca torre retorcida que me prometia a chance de fuga uma vez que eu pudesse me erguer acima do chão. Tentei com cada grama da força que me restava, mas estava além de mim, e quando desviei o olhar, o roseiral já havia sumido. . Aquele era o estado da minha mente quando você sonhou comigo e eu senti sua presença pairando sobre mim. Claro que não dei importância para a sensação porque julguei que fosse outro delírio."

Ela deu um sorriso lívido na direção dele.

— E então você apareceu, Eragon. Você e Saphira. Depois que a esperança já havia me abandonado e eu estava quase sendo levada para Galbatorix em Urû'baen, um Cavaleiro chegou para me resgatar. Um Cavaleiro e um dragão!

— E o filho de Morzan — completou ele. — *Ambos* os filhos de Morzan.

— Descreva como queira, aquele foi um resgate tão improvável que eventualmente penso que fiquei louca e que tudo até agora foi imaginação minha.

— Você teria me imaginado causando tanto problema ficando em Helgrind?

— Não — respondeu ela. — Suponho que não. — Enxugou os olhos

com a manga esquerda. — Quando acordei em Farthen Dûr, havia tanta coisa para ser feita que eram escassas as oportunidades de lembrar do passado. Mas os últimos eventos têm sido

tenebrosos e sangrentos, e cada vez mais eu me encontro lembrando o que não devo. Isso me endurece e, portanto, me deixa sem paciência para os atrasos ordinários da vida. — Ela mudou de posição, ficou de joelhos e colocou suas mãos no chão, como se estivesse tentando se estabilizar. — Você diz que eu ando sozinha. Elfos não são inclinados às demonstrações abertas de amizade características dos humanos e anões, e eu sempre tive uma tendência solitária. Mas se você tivesse me conhecido antes de Gil'ead, se tivesse me conhecido como eu era, não teria me considerado tão solitária. Nessa época, eu podia cantar e dançar e não me sentir ameaçada por uma sensação de morte.

Eragon se aproximou e colocou seu braço direito sobre o ombro esquerdo dela.

— As histórias sobre os heróis do passado nunca mencionam que esse é o preço por enfrentar os monstros da escuridão e os monstros da mente. Continue pensando nos jardins de Tialdarí e tenho certeza de que você ficará

em paz.

Arya permitiu que o contato entre eles durasse quase um minuto, um tempo não de excitação ou paixão para Eragon, mas muito mais de um tranqüilo companheirismo. Ele não fez nenhuma tentativa de pressioná-la com sua corte porque valorizava sua confiança mais do que qualquer coisa, além de seus laços com Saphira, e preferiria antes entrar em uma batalha a colocar isso em risco. Então, levantando levemente o braço, Arya demonstrou a ele que o momento passara, e ele retirou a mão sem reclamar.

Ansioso para livrá-la de seu fardo como pudesse, Eragon deu uma olhada nas proximidades e então murmurou tão suavemente a ponto de ser quase inaudível:

— Loivissa.

Guiado pelo poder do nome verdadeiro, remexeu a terra perto dos pés até que seus dedos fecharam-se sobre o que ele buscava: um fino disco de papel com a metade do tamanho de sua unha menor. Segurando a respiração, ele depositou-o na palma de sua mão direita, centrando-o sobre sua gedwëy ignasia com o máximo de delicadeza que conseguiu. Revisou o que Oromis lhe havia ensinado em relação ao tipo de encanto que estava a ponto de lançar para se certificar de que não cometeria um erro, e então começou a cantar à

maneira dos elfos, suave e fluentemente:

Eldhrimner O Loivissa nuanen, dautr abr deloi,

Eldhrimner nen ono weohnataí medh solus un thringa,

Eldhrimner un fortha onr féon vara,

Wiol al r sjon.

Eldhrimner O Loivissa nuanen..

Seguidas vezes, Eragon repetiu as mesmas quatro estrofes, direcionando-as para o floco marrom em sua mão, que tremeu e depois inchou, ficando esférico. Pequenas gavinhas brancas de mais ou menos cinco centímetros brotaram da base do globo que se descascava, pinicando Eragon, enquanto um caule fino esverdeado surgiu da ponta e, sob o comando dele, cresceu uns quarenta centímetros no ar. Uma única folha, larga e achatada, brotou do lado do caule. Então, a ponta do caule ficou mais espessa, pendeu e, após um instante de aparente inatividade, separou-se em cinco segmentos que se expandiram para fora revelando as pétalas macias de um lírio alongado. A flor tinha uma coloração azulada e o formato de um sino.

Quando atingiu seu tamanho real, Eragon liberou a magia e examinou seu trabalho manual. Fazer surgir plantas através do canto era uma habilidade que a maioria dos elfos adquiria ainda jovem, mas Eragon só havia feito isso algumas vezes e não tinha certeza se seus esforços redundariam em sucesso. O

encanto havia cobrado um preço pesado; o lírio requeria uma surpreendente quantidade de energia para alimentar o que era equivalente a um ano e meio de crescimento.

Satisfeito com o que produzira, ele entregou o lírio para Arya.

— Não é uma flor branca, mas. .

Ele sorriu e deu de ombros.

— Você não deveria — disse ela. — Mas estou contente que tenha feito. — Ela acariciou a parte interior da floração e ergueu-a para sentir seu aroma. As rugas em seu rosto diminuíram de intensidade. Por vários minutos, admirou o lírio. Então, cavou um buraco no solo perto de si e plantou o bulbo, pressionando a terra com a palma da mão. Tocou as pétalas novamente e continuou olhando o lírio enquanto dizia: — Obrigada. Dar flores é um costume que ambas as nossas raças compartilham, mas nós elfos damos muito mais importância a essa prática do que os humanos. Significa tudo o que é

bom: vida, beleza, renascimento, amizade, e mais. Eu explico para que você

compreenda o quanto isso significa para mim. Você não sabia, mas. .

— Eu sabia.

Arya olhou para ele com uma expressão solene, como se fosse decidir quem ele era.

— Perdoe-me. Pela segunda vez, eu me esqueço da extensão de seus conhecimentos. Não vou repetir o mesmo erro.

Ela repetiu seus agradecimentos na língua antiga, e — também na língua nativa de Arya — Eragon replicou que o prazer era seu e que estava feliz por ela ter gostado do presente. Ele

estremeceu de fome, apesar da refeição recente. Arya notou e disse:

— Você gastou muito da sua energia. Se restar alguma energia em Aren, use-a para se manter estável.

Eragon levou alguns instantes para lembrar que Aren era o nome do anel de Brom; ele ouvira a palavra ser proferida apenas uma vez antes, por Islanzadí, no dia em que chegara a Ellesméra. *Meu anel agora*, ele disse para si mesmo. *Tenho de parar de pensar nele como se fosse de Brom*. Lançou um olhar crítico na direção da grande safira que brilhava na base de ouro sobre seu dedo.

— Não sei se há alguma energia em Aren. Eu nunca armazenei nenhuma energia nele antes, e nunca verifiquei se Brom fez isso. Enquanto falava, estendeu sua consciência para a safira. No instante em que sua mente entrou em contato com a gema, ele sentiu a presença de um enorme redemoinho de energia. Para seu olho interno, a safira zunia de energia. Ele imaginava como o anel não explodia tal a quantidade de força contida naquelas facetas bem trabalhadas. Mesmo após usar a energia para se livrar das dores e restaurar a força de seus membros, o baú do tesouro no interior de Aren ainda era abundante.

Com a pele pinicando, Eragon cortou seu vínculo com a gema. Deliciado com sua descoberta e a súbita sensação de bem-estar, riu bem alto e depois contou para Arya o que havia descoberto.

— Brom deve ter poupado cada gota de energia que conseguiu durante todo o tempo em que ficou escondido em Carvahall. — Ele riu novamente, maravilhado. — Todos aqueles anos. . Com o que existe aqui em Aren, eu poderia destruir um castelo inteiro com um simples encanto.

— Ele sabia que ia precisar disso para manter a salvo o novo Cavaleiro quando Saphira saísse do ovo — observou Arya. — Igualmente, tenho certeza de que Aren era uma maneira de proteger a si mesmo se tivesse de lutar contra um Espectro ou algum outro oponente com poder similar. Não foi por acidente que conseguiu frustrar seus inimigos por grande parte de um século. . Se eu fosse você, pouparia a energia que ele deixou em seu poder para quando mais precisar, e a abasteceria sempre que pudesse. E uni recurso incrivelmente valioso. Você não deveria desperdiçá-lo.

Não, pensou Eragon, *isso eu não farei*. Ele girou o anel em volta do dedo, admirando o brilho intenso à luz do fogo. *Desde que Murtagh roubou Zar'roc, esse anel, a sela de Saphira e Fogo na Neve são as únicas coisas que eu tenho de Brom, e, muito embora os anões tenham trazido Fogo na Neve de Farthen Dûr, eu raramente o monto hoje em dia. Aren é, de fato, tudo o que me resta de lembrança de Brom. . Meu único legado. Minha única herança. Gostaria que ainda estivesse vivo! Jamais tive uma chance de conversar com ele sobre Oromis, Murtagh, meu pai... Oh, a lista é infindável. O que teria dito a respeito do que sinto por Arya? Eragon suspirou. Eu sei o que teria dito: teria me criticado por ser um bobão apaixonado e por desperdiçar minha energia em uma causa sem esperança. . E*

estaria certo, ainda por cima, eu suponho, mas, ah, como posso evitar? Ela é

a única mulher com quem eu desejo estar.

O fogo crepitou. Uma rajada de fagulhas voou para longe. Eragon observava com olhos miúdos, contemplando as revelações de Arya. Então sua mente retornou a uma pergunta que o perturbava desde a batalha na Campina Ardente.

— Arya, dragões machos crescem mais rápido do que dragões fêmeas?

— Não. Por que a pergunta?

— Por causa de Thorn. Ele só tem alguns meses de vida e mesmo assim já está quase do tamanho de Saphira. Não entendo isso.

Arya pegou um galho seco do chão e começou a desenhar no solo, traçando os símbolos curvados da escrita elfa, Liduen Kvaedhí.

— Muito provavelmente, Galbatorix acelerou seu crescimento para que Thorn ficasse grande o suficiente para enfrentar Saphira.

— Ah. . Mas isso não é perigoso? Oromis me disse que se ele usasse magia para me dar força, velocidade, resistência e outras características de que eu precisava, eu não entenderia minhas novas habilidades tão bem quanto se as tivesse conseguido da maneira normal: com trabalho duro. Ele estava certo. Mesmo agora, as mudanças que os dragões fizeram em meu corpo durante o Agaetí Blödhren ainda me surpreendem, às vezes.

Arya assentiu com a cabeça e continuou desenhando símbolos no chão.

— É possível reduzir os indesejáveis efeitos colaterais de certos encantos, mas é um processo longo e árduo. Se você deseja atingir um domínio verdadeiro sobre seu corpo, ainda é a melhor opção utilizar os meios normais. A transformação que Galbatorix impôs a Thorn deve estar sendo incrivelmente confusa para ele. Thorn agora tem o corpo de um dragão quase adulto, ainda que sua mente seja a de um filhote.

Eragon passou os dedos pelos novos calos em suas juntas.

— Você também sabe por que Murtagh é tão poderoso. . Mais poderoso do que eu?

— Se eu soubesse, sem dúvida também compreenderia como

Galbatorix conseguiu aumentar sua própria força até atingir níveis sobrenaturais, mas infelizmente não sei.

Mas Oromis sabe, pensou Eragon. Ou pelo menos o elfo deixara a entender que sabia. Entretanto, ainda precisava compartilhar a informação com ele e Saphira. Assim que

estivessem aptos a retornar a Du Weldenvarden, Eragon pretendia perguntar ao Cavaleiro ancião a verdade sobre a questão. *Ele tem de nos contar agora! Por causa de nossa ignorância, Murtagh nos derrotou, e poderia ter facilmente nos levado para Galbatorix.* Eragon quase mencionou os comentários de Oromis para Arya, mas segurou a língua porque percebeu que Oromis não teria ocultado um fato tão decisivo por mais de cem anos a menos que o segredo fosse de suma importância.

Arya assinalou uma parada na sentença que estivera escrevendo no chão. Eragon inclinou-se e leu: *À deriva no mar do tempo, o deus solitário vagueia em litorais cada vez mais distantes, sustentando as leis das estrelas no céu.*

— O que isso significa?

— Não sei — disse ela, e apagou a frase com o braço.

— Por que será — perguntou ele, falando lentamente, como se estivesse organizando os pensamentos — que ninguém se refere aos dragões dos Renegados pelo nome? Nós dizemos "O dragão de Morzan" ou "o dragão de Kialandí", mas nunca nomeamos de fato o dragão. Certamente eles foram tão importantes quanto seus Cavaleiros! Eu nem me lembro de ter visto seus nomes nos pergaminhos que Oromis me deu. . Embora *devessem* estar lá.. Sim, estou certo de que estavam, mas, por algum motivo, não ficaram na minha cabeça. Não é estranho? — Arya começou a responder, mas antes que pudesse abrir a boca, ele continuou: — Pela primeira vez estou feliz por Saphira não estar aqui. Sinto vergonha de não ter reparado nisso antes. Até

você, Arya, e Oromis e todos os outros elfos que conheci se recusam a chamá-los pelo nome, como se eles fossem animais idiotas que não merecessem a honra. Vocês fazem isso de propósito? E porque foram seus inimigos?

— Nenhuma das suas lições falou sobre isso? — perguntou Arya. Ela parecia genuinamente surpresa.

— Acho que Glaedr falou alguma coisa a respeito disso com Saphira, mas não tenho certeza. Eu estava no meio de uma acrobacia durante a Dança da Cobra e do Grou, de modo que não estava prestando muita atenção ao que Saphira estava fazendo. — Ele riu um pouco, constrangido pelo lapso e sentindo-se como se tivesse de se explicar. — Às vezes, ficava confuso. Oromis conversava comigo enquanto eu ficava ouvindo os pensamentos de Saphira enquanto ela e Glaedr se comunicavam com suas mentes. E o pior, Glaedr raramente utiliza uma linguagem reconhecível com Saphira; prefere usar imagens, aromas e sensações em vez de palavras. Em vez de nomes, envia impressões das pessoas e dos objetos que quer descrever.

— Você não se lembra de nada do que ele disse, seja com palavras ou não?

Eragon hesitou.

— Somente que isso tinha a ver com um nome que não era nome, ou

qualquer coisa assim. Não dava para fazer distinções.

— Ele falou a respeito de Du Namar Aurboda, O Banimento dos Nomes — disse Arya.

— O Banimento dos Nomes?

Ela encostou sua lâmina de grama seca no chão e recomeçou a escrever na terra.

— Foi um dos eventos mais importantes que aconteceram durante o combate entre os Cavaleiros e os Renegados. Quando os dragões perceberam que treze de sua raça os haviam traído, e que aqueles treze estavam ajudando Galbatorix a erradicar os outros, e que era improvável que alguém pudesse impedir o massacre, ficaram tão enfurecidos que todos os que não estavam com os Renegados combinaram suas forças e lançaram uma de suas magias inexplicáveis. Juntos, erradicaram os nomes dos treze.

Eragon ficou embasbacado.

— Como isso é possível?

— Eu não acabei de dizer que era inexplicável? Tudo o que nós sabemos é que depois de os dragões lançarem seu encanto, ninguém pôde proferir os nomes dos treze; aqueles que se lembravam dos nomes logo os esqueceram; e apesar de ser possível ler esses nomes nos pergaminhos e nas cartas onde estão registrados, até mesmo copiá-los, se olhar para cada símbolo separadamente, tudo parecerá ininteligível. Os dragões pouparam Jarnunvösk, o primeiro dragão de Galbatorix, porque não foi sua culpa ser morto por Urgals, e também Shruikan, porque não escolheu servir ao rei, tendo sido forçado pelo rei e por Morzan.

Que destino terrível, perder o próprio nome, pensou Eragon. Ele estremeceu. Se há

uma coisa que eu aprendi desde que me tornei um Cavaleiro, é que você jamais em toda a sua vida vai querer ter um dragão como inimigo.

— E quanto aos nomes verdadeiros deles? — quis saber. — Eles apagaram esses também?

Arya assentiu com a cabeça.

— Nomes verdadeiros, nomes de nascimento, apelidos, nomes de família, títulos. Tudo. E como resultado, os treze foram reduzidos a não mais do que animais. Não mais puderam dizer "eu gosto disso" ou "eu não gosto daquilo" ou "eu tenho escamas verdes", porque dizer isso significaria dar nomes a si mesmos. Eles nem podiam se chamar de dragões. Palavra por palavra, o encanto obliterou tudo que os definia como criaturas pensantes, e os Renegados não tiveram escolha a não ser acompanhar com um silêncio desesperado seus dragões submergirem na mais completa ignorância. A experiência foi tão perturbadora que pelo menos cinco dos treze e vários dos Renegados enlouqueceram em conseqüência. — Arya fez uma

pausa, analisou o contorno do símbolo, e então o apagou e o desenhou novamente. — O

Banimento dos Nomes é o principal motivo de muitas pessoas agora acreditarem que dragões não eram nada além de animais de transporte.

— Eles não acreditariam nisso se conhecessem Saphira — disse Eragon.

Arya sorriu.

— Não. — Com um floreio, ela completou a última sentença era que estivera trabalhando. Ele inclinou a cabeça e se aproximou para decifrar os símbolos que ela desenhara. Estava escrito: *O trapaceiro, o charadista, o guardião do equilíbrio, o de muitas faces que encontra a vida na morte e que não teme nenhum mal; o que caminha através das portas.*

— O que a levou a escrever isso?

— A idéia de que muitas coisas não são o que aparentam.

Um montinho de terra se acumulou em volta de sua mão enquanto ela esfregava o chão e apagava os símbolos desenhados na superfície.

— Alguém já tentou adivinhar o verdadeiro nome de Galbatorix? —

perguntou Eragon. — Parece que essa seria a maneira mais rápida de acabar com a guerra. Para ser franco, penso que talvez essa seja a única esperança que nós temos de derrotá-lo na batalha.

— Você não estava sendo franco comigo antes? — perguntou Arya, com um brilho nos olhos.

Sua pergunta o obrigou a dar uma gargalhada.

— E claro que estava. E só urna figura de linguagem.

— Uma figura bastante ruim, a propósito — comentou ela. — A menos que você cultive o hábito de mentir.

Eragon atrapalhou-se um instante antes de recompor sua linha de raciocínio e conseguir dizer:

— Eu sei que seria difícil descobrir o nome verdadeiro de Galbatorix, mas se todos os elfos e todos os membros dos Varden que conhecem a língua antiga procurarem, nosso sucesso seria garantido.

Como uma flâmula pálida e amarelada pelo sol, a lâmina seca de grama pendurava-se entre o polegar e o indicador esquerdo de Arya. Tremia em solidariedade com cada pulsação de sangue nas veias dela. Apertando-a no topo com a outra mão, ela rasgou a folha ao meio no comprimento, e então fez o mesmo com cada pedacinho resultante, esquartejando-a. Depois,

começou a enrolar um pedacinho no outro, formando uma varinha trançada. Ela disse:

— O verdadeiro nome de Galbatorix não é nenhum grande segredo. Três elfos distintos. . um Cavaleiro e dois feiticeiros comuns. . descobriram sozinhos e com muitos anos de diferença.

— Descobriram! — exclamou Eragon.

Imperturbável, Arya pegou outra lâmina de grama, rasgou-a em pedacinhos, inseriu os pedacinhos nos buracos de sua varinha e continuou trançando em outra direção.

— Nós só podemos especular se o próprio Galbatorix sabe seu nome verdadeiro. Penso que ele não sabe. Seja lá qual for, seu nome verdadeiro deve ser tão terrível que ele não poderia continuar vivendo se o ouvisse.

— A menos que seja tão maléfico ou tão insano que a verdade sobre suas ações não tem nenhum poder para perturbá-lo.

— Talvez. — Os dedos ágeis dela voavam tão rápidos, torcendo, trançando, tecendo, que eram quase invisíveis. Ela pegou mais duas lâminas de grama. — De um jeito ou de outro, Galbatorix certamente está ciente de que tem um nome verdadeiro, como todas as criaturas e coisas, e que isso é

uma fraqueza potencial. Em algum momento antes de iniciar sua campanha contra os Cavaleiros, ele lançou um encanto que mata quem quer que use seu nome verdadeiro. E como nós não sabemos exatamente como esse encanto mata, não podemos nos proteger dele. Você vê, então, por que nós abandonamos definitivamente essa linha de investigação. Oromis é um dos poucos suficientemente corajosos para continuar procurando o nome de Galbatorix, mesmo que de uma maneira indireta. — Com uma expressão satisfeita, ela colocou as palmas das mãos para cima. Sobre elas estava um lindo navio feito de grama verde e branca. Não tinha mais do que cinco centímetros de comprimento, mas era tão detalhado que Eragon podia distinguir bancos e remos, minúsculas escotilhas ao longo da borda do convés e janelas do tamanho de sementes de amora. A proa curvada tinha mais ou menos o formato de uma nuca de dragão. Havia um único mastro.

— É lindo — disse ele.

Arya inclinou-se para a frente e murmurou:

— Flauga.

Ela soprou delicadamente sobre o navio e ele voou de suas mãos. Navegou em volta do fogo e então, ganhando velocidade, adejou para cima e deslizou em direção às profundezas cintilantes do céu noturno.

— Até onde ele vai?

— Até o infinito — disse ela. — Ele suga energia para voar das plantas abaixo. Onde existirem plantas, ele voará.

A idéia fascinou Eragon, mas também achou muito triste pensar no lindo navio de grama vagando entre nuvens pelo resto da eternidade somente com a companhia dos pássaros.

— Imagine as histórias que as pessoas vão contar sobre ele nos anos futuros.

Arya juntou os longos dedos, como se para impedir que eles fizessem outra coisa.

— Muitas coisas esquisitas assim existem no mundo. Quanto mais você

viver e quanto maior a distância que percorrer no mundo, mais coisas assim verá.

Eragon mirou o fogo pulsante por um tempo.

— Se é assim tão importante proteger seu nome verdadeiro, será que eu não deveria então lançar um encanto para impedir que Galbatorix use meu nome verdadeiro contra mim?

— Você pode, se assim desejar — disse Arya —, mas duvido que seja necessário. Nomes verdadeiros não são tão fáceis de serem encontrados como você pensa. Galbatorix não conhece você tão bem a ponto de adivinhar seu nome, e, se ele estivesse dentro de sua mente e apto a examinar todos os seus pensamentos e lembranças, você já estaria perdido, com nome verdadeiro ou não. Se serve de conforto, duvido que eu mesma tenha capacidade para adivinhar seu nome verdadeiro.

— Você não conseguiria? — Ele estava ao mesmo tempo satisfeito e insatisfeito por ela acreditar que alguma parte sua era um mistério. Arya olhou de relance para ele e depois baixou os olhos.

— Não, acho que não. Você conseguiria adivinhar o meu?

— Não.

O silêncio envolveu o acampamento. Acima, as estrelas brilhavam frias e brancas. Um vento soprou do leste e atravessou a campina, açoitando a grama e soando um longo e tênue queixume, como se lamentasse a perda de um ente amado. Com os golpes do vento, os pedaços de carvão explodiram em chamas mais uma vez e uma tortuosa cabeleira de fagulhas extinguiu-se na direção oeste. Eragon encolheu os ombros e puxou o colarinho da túnica para cobrir o pescoço. Havia alguma coisa hostil naquele vento; açoitava-o com uma ferocidade pouco usual, e parecia isolá-los do resto do mundo. Ficaram sentados sem se mover, presos em sua diminuta ilha de luz e calor, enquanto o enorme rio de ar passava às pressas, uivando suas raivosas lamentações na vazia extensão de terra.

Quando as rajadas se tornaram mais violentas e começaram a carregar as fagulhas para mais longe ainda do local onde Eragon montara sua fogueira, Arya jogou um punhado de terra na

madeira. Ajoelhando-se rapidamente, Eragon juntou-se a ela, lançando a terra com as duas mãos para acelerar o processo. Com o fogo extinto, ele tinha dificuldade para enxergar; o campo virará um fantasma, cheio de sombras agonizantes, formas indistinguíveis e folhas prateadas.

Arya fez menção de se levantar, mas parou quase agachada, braços esticados para manter o equilíbrio, a expressão alerta. Eragon tinha a mesma sensação: o ar picava e zunia, como se um raio estivesse para cair. Os pêlos de sua mão se eriçaram e ondularam livremente ao vento.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Estamos sendo observados. O que quer que aconteça, não use magia ou poderá nos matar.

— Quem..

— Xiiu.

Olhando ao redor, ele encontrou uma rocha do tamanho de um punho, pegou-a e ergueu-a, testando seu peso.

Ao longe, um ajuntamento de luzes multicoloridas e brilhantes apareceu. Elas se lançavam na direção do acampamento, voando baixo, logo acima da grama. À medida que se aproximavam, viu que as luzes mudavam constantemente de tamanho — variando de uma esfera menor do que uma pérola a uma com vários metros de diâmetro — e que também suas cores variavam, em todas as matizes do arco-íris. Uma auréola cintilante envolvia cada esfera, um halo de gavinhas líquidas que chicoteava e vergastava, como se faminto para agarrar alguma coisa. As luzes se moviam com tanta rapidez que ele não podia determinar exatamente quantas havia, mas adivinhava que eram duas dúzias.

As luzes irromperam no acampamento e formaram um paredão rodopiante em torno de Eragon e Arya. A velocidade de rotação delas, combinada à barreira de cores pulsantes, deixou Eragon tonto. Ele colocou uma das mãos no chão para se equilibrar. O zumbido era tão alto que seus dentes vibravam uns contra os outros. Sentiu um gosto de metal, e seu cabelo foi jogado para trás. O mesmo aconteceu com o de Arya, apesar do comprimento maior, e quando ele olhou para ela, achou a visão tão ridícula que precisou se conter para não dar uma gargalhada.

— O que elas querem? — gritou Eragon, mas ela não respondeu.

Uma das esferas se soltou do paredão e ficou suspensa diante de Arya, na altura de seus olhos. Ela encolhia e aumentava como se fosse um coração pulsante, sua cor alternava entre o azul-púrpura e o verde-esmeralda, com flashes ocasionais de vermelho. Uma das gavinhas segurou um fio de cabelo de Arya. Ouviu-se um ruído agudo e, por um instante, o fio brilhou como um fragmento cio sol, e então desapareceu. O cheiro de cabelo queimado chegou a Eragon.

Arya não recuou para não demonstrar alarme. Com o rosto tranqüilo, ela ergueu um braço e, antes que Eragon pudesse dar um salto e interrompêla, pousou a mão sobre a esfera cintilante. O glóbulo ficou dourado e branco, e inchou até ficar com mais de um metro. Arya fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, uma felicidade radiante transbordava de seu semblante. Seus lábios se moveram, mas o que quer que ela estivesse dizendo, Eragon não conseguia ouvir. Quando parou, a esfera ficou intensamente vermelha e depois, com muita rapidez, mudou de vermelho para verde e depois para lilás e para um laranja vivido. Em seguida mudou para um azul tão resplandecente que ele precisou desviar o olhar. Então, a esfera passou para o preto puro, adornada com uma cornija de gavinhas brancas e retorcidas, como se fosse o sol durante um eclipse. Neste instante, sua aparência deixou de flutuar, como se apenas a ausência de cor pudesse traduzir adequadamente seu estado de espírito.

Afastando-se de Arya, aproximou-se de Eragon, um buraco no tecido do mundo, envolvida por uma coroa de chamas. Flutuou na sua frente, zumbindo com tanta intensidade que os olhos dele se encheram de água. Sua língua parecia revestida de cobre, sua pele arranhava, e pequenos filamentos de eletricidade dançavam nas pontas de seus dedos. Um pouco assustado, imaginou se deveria tocar a esfera como Arya o fizera. Olhou para ela em busca de conselho, que assentiu com a cabeça e fez um gesto para ele prosseguir.

Estendeu sua mão direita na direção do vácuo que era a esfera. Para sua surpresa, encontrou resistência. A esfera era incorpórea, mas empurrava sua mão da mesma maneira como o faria uma suave corrente de água. Quanto mais perto ele chegava, mais forte ela empurrava. Com um esforço, alcançou os últimos centímetros e conseguiu contato com o centro da criatura. Uma rajada de raios azulados irrompeu entre a palma da mão de Eragon e a superfície da esfera com um movimento similar ao de uma hélice, lançando um brilho que ofuscou a luz das outras esferas e transformou tudo em um pálido azul esbranquiçado. Eragon gritou de dor quando os raios golpearam seus olhos, e ele desviou a cabeça com os olhos semicerrados. Então, alguma coisa se mexeu dentro da esfera, como um dragão adormecido se desenroscando, e uma presença entrou em sua mente, varrendo suas defesas como se fossem folhas secas em uma tempestade de outono. Ele arquejou. Uma alegria transcendental o inundou; o que quer que fosse aquela esfera, parecia feita de pura felicidade. Sentia prazer em estar viva, e tudo em volta lhe dava prazer em um grau maior ou menor. Eragon teria chorado de felicidade, mas perdera o controle de seu corpo. A criatura o mantinha no lugar, os raios cintilantes ainda surgindo debaixo de sua mão e se movendo rapidamente por seus ossos e músculos, parando nos locais onde ele havia se ferido e então retornando à sua mente. Embora Eragon estivesse bastante eufórico, a presença da criatura era tão estranha e tão sobrenatural que ele desejava fugir dela. Mas no interior de sua consciência, não havia nenhum lugar onde pudesse se esconder. Ele tinha de permanecer em contato íntimo com a alma incandescente da criatura enquanto ela vasculhava suas lembranças, indo de uma a outra com a velocidade de uma flecha élfica. Ele imaginou como o ser conseguia apreender tanta informação com tanta rapidez. Enquanto a criatura procurava, ele tentou, por sua vez, vasculhar a mente da esfera para aprender o que pudesse sobre sua natureza e suas origens, mas essa compreensão desafiava suas tentativas. As poucas impressões que pinçou eram tão diferentes daquelas que ele havia encontrado nas mentes de outros seres que eram incompreensíveis.

Depois de um último circuito quase instantâneo por seu corpo, a criatura se retirou. O contato entre eles se partiu como um cabo sob excessiva tensão. A panóplia de raios na mão de Eragon caiu no esquecimento, deixando para trás aterradoras ilusões de ótica em tom rosado, atravessadas em seu campo de visão.

Novamente mudando de cor, a esfera à frente de Eragon encolheu até

o tamanho de uma maçã e reuniu-se a suas companheiras no vórtice espiralado de luz que circundava Eragon e Arya. O zumbido aumentou a um nível quase insuportável, e então o vórtice explodiu quando as esferas brilhantes espalharam-se por todas as direções. Elas se reagruparam vários metros além do acampamento mal iluminado, uma saltando por cima da outra como se fossem filhotes de gato lutando, depois dispararam para o sul e desapareceram de vista, como se jamais tivessem existido. O vento arrefeceu, virando uma brisa suave.

Eragon caiu de joelhos, o braço estendido na direção que as esferas haviam tomado, sentindo-se vazio sem o regozijo que elas lhe deram.

— O que... — perguntou ele, e então precisou tossir e recomeçar, pois sua garganta estava muito seca. — O que são elas?

— Espíritos — respondeu Arya, e se sentou.

— Eles não pareciam com os que saíram de Durza quando eu o matei.

— Espíritos podem assumir várias feições diferentes, ditadas por seus caprichos.

Ele piscou diversas vezes e esfregou os cantos dos olhos com o dedo.

— Como alguém pode ter a coragem de escravizá-los com magia? E

monstruoso. Eu ficaria envergonhado de chamar a mim mesmo de feiticeiro. E Trianna se gaba de ser uma. Vou obrigá-la a parar de usar espíritos ou então vou expulsá-la de Du Vrangr Gata e pedir a Nasuada seu banimento dos Varden.

— Eu não seria tão precipitada.

— Certamente você não acha que é certo os mágicos forçarem espíritos a obedecer suas vontades. . Eles são tão belos que.. — Ele interrompeu e balançou a cabeça, tomado de emoção. — Qualquer pessoa que faça mal a eles deveria levar uma surra que a deixasse à beira da morte.

Quase sorrindo, Arya disse:

— Imagino que Oromis ainda não tocara no assunto quando você e Saphira deixaram Ellesméra.

— Se você está falando sobre os espíritos, ele tocou no assunto diversas vezes.

— Mas não em grandes detalhes, eu ousaria dizer.

— Talvez não.

Na escuridão, o contorno dela se moveu quando se inclinou para um lado.

— Espíritos sempre induzem uma sensação de êxtase quando escolhem se comunicar conosco que somos feitos de matéria, mas não permita que eles o enganem. Eles não são tão benevolentes, contentes ou esfuziantes quanto fazem você acreditar. Satisfazer aqueles com os quais eles interagem é a maneira que têm para se defender. Odeiam ficar presos em um lugar, e perceberam há muito que se a pessoa com quem estão lidando está feliz, então será muito menos provável que ele ou ela detenha os espíritos e os mantenha como servos.

— Não sei — disse Eragon. — Eles fazem você se sentir tão bem que eu posso entender por que alguém poderia desejar mantê-los por perto em vez de soltá-los.

Os ombros dela subiram e desceram.

— Espíritos têm tanta dificuldade em prever nosso comportamento quanto nós temos de prever os deles. Eles têm tão pouco em comum com as outras raças da Alagaësia que conversar com eles, mesmo da maneira mais simples, é uma perspectiva desafiadora. E qualquer encontro é acompanhado de perigo porque ninguém sabe ao certo como eles vão reagir.

— Nada disso explica por que eu não deveria pedir a Trianna que abandonasse a feitiçaria.

— Você já a viu convocando espíritos para fazer sua magia?

— Não.

— Eu imaginei que não. Trianna está com os Varden há não menos de seis anos e, nesse período, demonstrou sua maestria na arte da feitiça-ria exatamente uma vez, e isso após muita persuasão da parte de Ajihad e muita consternação e preparação da parte de Trianna. Ela possui as habilidades necessárias, não é nenhuma charlatã, mas convocar espíritos é extremamente perigoso, e ninguém embarca em uma aventura dessas com suavidade. Eragon esfregou sua palma brilhante com o polegar esquerdo. A aparência da luz começou a mudar à medida que o sangue voltou à superfície de sua pele, mas seus esforços não conseguiram reduzir a quantidade de luz que irradiava de sua mão. Ele cocou a gedwëy ignasia com as unhas. *Seria melhor que isso não durasse mais do que algumas horas. Não vou poder sair por aí*

brilhando como uma lanterna. Eu poderia ser morto. E também é uma coisa muito boba. Quem já ouviu falar de um Cavaleiro de Dragão com uma parte do corpo brilhando?

Eragon pensou no que Brom lhe havia dito.

— Eles não são espíritos humanos, são? Nem elfos, nem anões, nem de nenhuma outra criatura. Quer dizer, eles não são fantasmas. Nós não viramos algo assim depois que morremos.

— Não. E por favor, não me pergunte, como eu sei que você vai perguntar, o que então eles são de fato. Essa é uma pergunta para Oromis responder, não eu. O estudo da feitiçaria, se conduzido adequadamente, é

longo e árduo e deveria ser encarado com cuidado. Não quero dizer nada que venha a interferir nas lições que Oromis planejou para você, e certamente não quero que você se machuque tentando alguma coisa que eu tenha mencionado sem ter o conhecimento adequado.

— E quando eu vou retornar a Ellesméra? — perguntou ele. — Não

posso deixar os Varden novamente, não assim, não enquanto Thorn e Murtagh ainda estão vivos. Até que derrotemos o Império, ou o Império nos derrote, Saphira e eu temos de apoiar Nasuada. Se Oromis e Glaedr realmente querem terminar nosso treinamento, eles deveriam se juntar a nós, e maldito seja Galbatorix!

— Por favor, Eragon — pediu ela. — Essa guerra não terminará tão rápido quanto você imagina. O Império é vasto, e nós apenas lhe fizemos cócegas. Enquanto Galbatorix não souber a respeito de Oromis e Glaedr, nós temos uma vantagem.

— E realmente uma vantagem se os Varden nunca os utilizam em proveito próprio? — rosnou ele. Ela não respondeu e, após um instante, ele se sentiu infantil por reclamar. Oromis e Glaedr queriam mais do que ninguém a destruição de Galbatorix, e, se escolheram esperar em Ellesméra, era porque tinham motivos suficientes. Eragon podia, inclusive, nomear vários deles se estivesse disposto, o mais importante sendo a inabilidade de Oromis em lançar encantos que requeressem grandes quantidades de energia.

Eragon sentiu frio, puxou as mangas para cima das mãos e cruzou os braços.

— O que foi mesmo que você disse para o espírito?

— Foi intrigante o motivo pelo qual nós estávamos usando a magia; foi isso que chamou sua atenção para nós. Eu expliquei, e também expliquei que foi você que libertou os espíritos presos dentro de Durza. Isso pareceu lhes dar muito prazer. — Silêncio surgiu entre os dois, e então ela avançou na direção do lírio e tocou-o novamente. — Ah! Eles ficaram realmente gratos. Naina!

Ao comando dela, uma onda de luz suave iluminou o acampamento. Com isso, ele pôde ver que a folha e o caule do lírio eram de ouro maciço, as pétalas eram de um metal esbranquiçado que ele não conseguia reconhecer, e o coração da flor — revelado por Arya quando ela ergueu a planta — parecia ter sido esculpido com rubis e diamantes. Impressionado, Eragon passou um dedo sobre a folha recurvada e os diminutos pêlos sobre ela lhe fizeram cócegas. Inclinando-se para a frente, discerniu a mesma coleção de

protuberâncias, reentrâncias, cavidades, veias e outros minúsculos detalhes com os quais havia adornado a versão original da planta; a única diferença era que agora era feita de ouro.

— E uma cópia perfeita! — disse ele.

— E ainda está viva.

— Não! — Concentrando-se, procurou os tênues sinais de calor e movimento que indicariam que o lírio era mais do que um objeto inanimado. Localizou-os, fortes como sempre são em uma planta durante a noite. Passando novamente o dedo pela folha, comentou: — Isso ultrapassa todos os meus conhecimentos de magia. De acordo com todas as regras, esse lírio deveria estar morto. Ao contrário, está pulsando. Não posso nem imaginar o que seria necessário para transformar uma planta em um metal vivo. Talvez Saphira pudesse fazer isso, mas ela jamais conseguiria ensinar o encanto a qualquer outra pessoa.

— A questão principal — disse Arya — é se esta flor produzirá

sementes férteis.

— Será que ela se reproduziria?

— Eu não ficaria surpresa se ela conseguisse. Inúmeros exemplos de magia que se autoperpetua existem na Alagaësia, tais como o cristal flutuante na ilha de Eoam e o poço de sonho nas cavernas Mani. Isso aqui não seria um fenômeno mais improvável do que os outros.

— Infelizmente, se alguém descobrir essa flor ou os frutos que ela tiver, eles serão arrancados da terra. Todo aventureiro na região apareceria para colher os lírios de ouro.

— Eu acho que não seria tão fácil assim destruí-las, mas só o tempo dirá com certeza.

Um riso borbulhou dentro de Eragon. Quase sem conseguir conter o júbilo, ele disse:

— Eu já ouvi a expressão "aperfeiçoar o que já era perfeito", mas os espíritos realmente fizeram isso! Eles aperfeiçoaram o que já era perfeito! —

E ele caiu de tanto rir, sua voz ribombando na campina desolada. Arya mordeu os lábios.

— Bem, a intenção deles era nobre. Nós não podemos culpá-los por serem ignorantes a respeito dos provérbios humanos.

— Não, mas. . Rá, rá, rá! !

Arya estalou os dedos, e a onda de luz desapareceu.

— Nós desperdiçamos quase a noite inteira com conversa. Já é hora de descansarmos. O amanhecer não tardará, e devemos partir logo em seguida. Eragon espreguiçou-se numa parte

sem pedras ainda gargalhando enquanto imergia em seu sonhar acordado.

EM MEIO À

MULTIDÃO INQUIETA

á era o meio da tarde quando por fim eles avistaram os Varden.

Eragon e Arya pararam no cume de um morro baixo para

examinar a vasta cidade de tendas cinzentas que se espraiava diante deles, apinhada por milhares de homens, cavalos e J fumegantes fogueiras de cozinhar. A oeste das tendas, seguia

sinuoso o rio Jiet, margeado de árvores. A uns oitocentos metros para o leste havia um segundo acampamento, menor — como uma ilha flutuando ao largo do continente-mãe —, onde residiam os Urgals, chefiados por Nar Garzhvog. Dispostos num raio de alguns quilômetros a partir do perímetro do acampamento dos Varden, havia numerosos grupos de cavaleiros. Alguns eram da patrulha montada, outros eram mensageiros portadores de flâmulas, e ainda outros eram grupos de assalto, de partida em alguma missão ou de volta. Duas das patrulhas avistaram Eragon e Arya; e, depois de soar as trombetas, galoparam na direção deles o mais rápido possível.

Um largo sorriso se abriu no rosto de Eragon, e ele riu, aliviado.

— Conseguimos! — exclamou ele. — Murtagh, Thorn, centenas de soldados, os mágicos prediletos de Galbatorix, os Ra'zac.. nenhum deles conseguiu nos apanhar. Rá! Que provocação ao rei, não? Quando ele souber, sem dúvida, vai ficar mordido de raiva.

— E com isso ele vai se tornar duas vezes mais perigoso — avisou Arya.

— Eu sei — disse ele, abrindo ainda mais o sorriso. — Pode ser que fique com tanta raiva que se esqueça de pagar aos soldados, e eles todos vão jogar fora o uniforme para se juntar aos Varden.

— Você está de bom humor hoje.

— E por que não deveria estar? — perguntou ele. Pulando na ponta dos pés, abriu a mente ao máximo e, reunindo forças, gritou Saphira!, arremessando o pensamento em vôo pelos campos como se fosse uma lança. A resposta não tardou:

Eragon!

Suas mentes se abraçaram, uma sufocando a outra com ondas carinhosas de orgulho, felicidade e preocupação. Trocaram lembranças do tempo de separação, e Saphira tentou consolar Eragon com relação aos soldados que ele havia matado, extraindo a dor e a revolta que se acumulavam dentro dele desde o incidente. Ele sorriu. Com Saphira tão perto, tudo parecia

estar certo no mundo.

Senti sua falta, disse ele.

E eu a sua, pequenino. Ela então lhe enviou uma imagem dos soldados com quem ele e Arya tinham lutado. *Sem falta, todas as vezes que eu o deixo sozinho, você se mete em encrenca. Todas as vezes! Detesto até mesmo a idéia de lhe dar as costas por temer que comece a travar um combate mortal no instante em que cu tirar os olhos de você.*

Seja justa: já me meti em encrencas suficientes estando com você. Não é uma coisa que aconteça somente quando estou sozinho. Parece que nós somos ímãs para atrair acontecimentos inesperados.

Não, e você que é um ímã para acontecimentos inesperados, disse ela, fungando. Nada fora do comum acontece comigo quando estou sozinha. Mas você atrai duelos, emboscadas, inimigos imortais, criaturas obscuras como os Ra'zac, parentes perdidos e esquecidos, e misteriosos atos de magia, como se todos eles fossem doninhas famintas e você, um coelhinho que por acaso entrou sem querer na toca errada. E o que você me diz do tempo que passou como propriedade de Galbatorix? Aquilo foi um acontecimento comum?

Eu ainda nem tinha saído do ovo, disse ela. Aquela época não conta. A diferença entre nós dois é que as coisas acontecem com você, ao passo que eu faço as coisas acontecerem. Pode ser, mas isso é porque ainda estou aprendendo. Basta você me dar alguns anos, e vou ser tão bom quanto Brom em fazer com que as coisas aconteçam. Você não pode dizer que eu não tomei a iniciativa com Sloan.

Hummm. Ainda precisamos conversar sobre isso. Se um dia você voltara me surpreender desse jeito, eu o prendo no chão e lhe dou lambidas da cabeça aos pés. Eragon estremeceu. A língua de Saphira era coberta de farpas recurvadas que conseguiam arrancar cabelo, couro e carne de um cervo com uma única passada. *Eu sei, mas eu mesmo não tinha certeza se ia matar Sloan ou soltá- lo no mundo até o instante em que me postei diante dele. Além do mais, se eu lhe tivesse dito que ia ficar para trás, você teria insistido em me impedir.*

Eragon sentiu um leve rugido roncar pelo peito de Saphira. *Você deveria ter confiado em mim, que eu agiria do modo correto. Se não pudermos conversar abertamente, como seríamos dragão e Cavaleiro?*

E esse modo correto teria envolvido me tirar de Helgrind, contra a minha vontade?

Talvez não, disse ela com uma sugestão de atitude defensiva. Ele sorriu.

Sabe que você tem razão? Eu deveria ter estudado meu plano com você. Sinto muito. De agora em diante, prometo que vou consultá-la antes de fazer qualquer coisa que você não espere. A proposta é aceitável?

Só se envolver armas, magia, reis ou parentes, disse ela. *Ou flores*.

Ou flores, concordou ela. *Não preciso saber se você decidir comer pão com queijo no meio da noite.*

A menos que um homem com uma faca muito comprida esteja me esperando do lado de fora da tenda.

Se você não pudesse derrotar um homem com uma faca muito comprida, não passaria de um arremedo de Cavaleiro.

Isso para não dizer que eu já estaria morto.

Bem. .

Pela sua própria argumentação, você deveria se tranqüilizar com o fato de que, embora eu possa atrair mais problemas que a maioria das pessoas, sou perfeitamente capaz de escapar de situações que matariam praticamente qualquer um. Mesmo os maiores guerreiros podem cair vítimas da má sorte, disse ela. Lembre-se do rei anão Kaga, que foi morto por um espadachim novato — um espadachim anão —

quando tropeçou numa pedra. Você deve sempre se manter cauteloso, pois, por maiores que sejam suas habilidades, você não tem como prever e impedir cada infortúnio que o destino puser no seu caminho.

Concordo. Agora, será que podemos abandonar esse tipo de conversa profunda?

Fiquei totalmente exausto com essas idéias de destino, fatalidade, justiça e outros temas igualmente entristecedores nestes últimos dias. No que me diz respeito, a investigação filosófica tem tanta probabilidade de deixar a pessoa confusa e deprimida quanto tem de melhorar sua condição. Girando a cabeça, Eragon esquadrinhou a planície e o céu, procurando o característico cintilar azul das escamas de Saphira. Onde é que você está?

Sinto que está por perto, mas não consigo vê-la.

Estou bem acima de você!

Com forte urro de alegria, Saphira saiu do bojo da nuvem a alguns milhares de pés de altitude, mergulhando em espiral na direção do chão com as asas dobradas bem junto do corpo. Abrindo os maxilares assustadores, ela soltou uma coluna de fogo, que voltou por cima da sua cabeça e pescoço como uma juba ardente. Eragon riu e manteve os braços bem abertos para ela. Os cavalos da patrulha que vinha galopando na direção dele e de Arya refugaram com o som e a imagem de Saphira, e dispararam na direção contrária enquanto seus cavaleiros se esforçavam loucamente para freá-los.

— Eu tinha a esperança de podermos entrar no acampamento sem atrair atenção indevida — disse Arya —, mas suponho que deveria ter percebido a impossibilidade de sermos discretos com Saphira por perto. E

difícil deixar de perceber um dragão.

Eu ouvi isso, disse Saphira, abrindo as asas e pousando com um barulho retumbante. Suas coxas e ombros enormes ondularam à medida que ela absorvia a força do impacto. Uma rajada de ar atingiu o rosto de Eragon, e a terra estremeceu debaixo dos seus pés. Ele curvou os joelhos para manter o equilíbrio. Dobrando as asas para fechá-las grudadas no dorso, ela disse: *Posso ser sorrateira se quiser*. Depois inclinou a cabeça e piscou, balançando a cauda de um lado para outro. *Mas hoje não quero ser sorrateira! Hoje sou um dragão, não um pombo apavorado procurando não ser visto por um falcão caçador. Quando é que você não é um dragão?,* perguntou Eragon, correndo para ela. Leve como uma pluma, ele saltou da sua pata dianteira esquerda para o ombro e de lá para a reentrância na base do seu pescoço, que era seu lugar habitual. Acomodando-se, ele pôs as mãos de cada lado do pescoço morno, sentindo a subida e descida dos músculos fibrosos enquanto ela respirava. Ele sorriu mais uma vez, com uma profunda sensação de contentamento. *É aqui o meu lugar, aqui com você*. Suas pernas vibraram quando Saphira cantarolou com satisfação, num ronco profundo que acompanhava uma melodia estranha e sutil que Eragon não reconhecia.

— Saudações, Saphira — disse Arya, torcendo a mão diante do peito no gesto élfico de respeito.

Agachando-se e curvando o pescoço comprido, Saphira tocou Arya na fronte com a ponta do focinho, como tinha feito ao abençoar Elva em Farthen Dûr, e disse, *Saudações, älfa-kona*. S *eja bem-vinda, e que ventos favoráveis sempre a acompanhem*. Ela falava com Arya com o mesmo tom de afeto que até

aquele momento tinha reservado para Eragon, como se agora considerasse Arya parte da sua pequena família e digna do mesmo respeito e intimidade que eles compartilhavam. Seu gesto surpreendeu Eragon; mas, depois de se sentir invadido subitamente pelo ciúme, ele aprovou. Saphira continuou a falar: *Sou- lhe grata por ajudar Eragon a voltar incólume. Se ele tivesse sido capturado, não sei o que eu teria feito!*

— Sua gratidão significa muito para mim — disse Arya, com uma reverência. — Quanto ao que você teria feito caso Galbatorix tivesse capturado Eragon, ora, você o teria salvado, e eu a teria acompanhado, mesmo que fosse até a própria Urû'baen.

É, eu gosto de pensar que o salvaria, Eragon, disse Saphira, virando o pescoço para olhar para ele, *mas me preocupo com a possibilidade de eu me render ao Império para salvá-lo, sem me importar com as conseqüências para a Alagaësia*. Abanou então a cabeça e remexeu no solo com as garras. *Ah, essas são divagações sem sentido. Você está aqui e em segurança. E é assim que deve ser. Desperdiçar o dia refletindo sobre males que poderiam ter acontecido é envenenar a felicidade de agora.* . Naquele momento, uma patrulha chegou a galope e, parando a trinta metros de distância por conta dos cavalos nervosos, perguntou se poderia escoltar os três até a presença de Nasuada. Um dos homens desmontou e entregou seu cavalo a Arya; e então, como um grupo, eles avançaram na direção do mar de tendas a sudoeste. Saphira estabeleceu o ritmo: um passo vagaroso que permitiu que ela e Eragon

pudessem ter o prazer da companhia um do outro antes de mergulhar no fervor que sem dúvida os dominaria quando se aproximassem do acampamento.

Depois de pedir notícias de Roran e Katrina, Eragon perguntou: *Você*

tem comido erva-de-fogo em quantidade suficiente? Seu bafo está mais forte do que de costume.

E claro que tenho comido. Você só está percebendo porque passou muitos dias longe. Meu cheiro é exatamente o cheiro que um dragão deve ter. E eu lhe agradeço se não fizer mais comentários desagradáveis sobre ele, a menos que você queira que eu o derrube de ponta-cabeça. Além do mais, quem são vocês, humanos, para falar? Criaturas suarentas, engorduradas, de cheiro penetrante. Na natureza os únicos seres tão fedorentos quanto os humanos são os bodes e os ursos em hibernação. Em comparação com vocês, o cheiro de um dragão é uma fragrância deliciosa como uma campina coberta de flores da montanha. Ora, vamos, não exagere. Se bem que, disse ele, franzindo o nariz, *desde o Agaetí Blödhren, eu percebi que os humanos têm uma tendência a ter um cheiro bastante forte. Mas você não pode me incluir entre eles, porque já não sou total-mente humano. Pode ser que não, mas mesmo assim está precisando de um banho!*

Enquanto atravessavam a planície, um número cada vez maior de homens ia se aglomerando em torno de Eragon e Saphira, proporcionandolhes uma guarda de honra completamente desnecessária, embora muito impressionante. Depois de tanto tempo passado nas regiões agrestes da Alagaësia, a multidão cerrada, a cacofonia de vozes altas e empolgadas, a tempestade de pensamentos e emoções desprotegidas, e o movimento confuso de braços que se agitavam e cavalos que se empinavam eram avassaladores para Eragon.

Ele se recolheu bem fundo em si mesmo, onde a dissonância não era mais alta que o estrondo distante da arrebentação das ondas. Mesmo através das camadas de barreiras, sentiu a aproximação de doze elfos, que vinham correndo em formação desde o outro lado do acampamento, velozes, esguios e de olhos amarelos como felinos das montanhas. Desejoso de causar uma impressão favorável, Eragon penteou o cabelo com os dedos e endireitou os ombros, mas também reforçou a armadura em torno da sua consciência para que ninguém além de Saphira pudesse ler seus pensamentos. Os elfos tinham vindo para sua proteção e a de Saphira, mas em última análise sua lealdade era para com a rainha Islanzadí. Embora estivesse grato por sua presença e duvidasse que a cortesia mata aos elfos permitisse que tentassem espioná-lo, não queria proporcionar à rainha dos elfos nenhuma oportunidade de descobrir os segredos dos Varden, nem de conseguir algum domínio sobre ele. Se ela tivesse como afastá-lo de Nasuada, ele sabia que era isso o que faria. Em geral, os elfos não confiavam nos humanos, não depois da traição de Galbatorix; e por essa e outras razões, tinha certeza de que Islanzadí preferiria que ele e Saphira estivessem sob seu comando direto. E dos potentados que havia conhecido, Islanzadí era em quem ele menos confiava. Era por demais autoritária e imprevisível.

Os doze elfos pararam diante de Saphira. Fizeram uma reverência e torceram as mãos como

Arya tinha feito. Então, um a um, apresentaram-se a Eragon com a frase inicial do cumprimento tradicional dos elfos, à qual Eragon respondeu com as palavras corretas. Em seguida, seu líder, um elfo alto e bonito, com um pêlo lustroso azul-escuro que lhe cobria o corpo inteiro, anunciou o objetivo de sua missão a todos os que puderam ouvir e perguntou formalmente a Eragon e Saphira se os doze podiam assumir suas funções.

— Podem — disse Eragon.

Podem, disse Saphira.

— Blödhgarm-vodhr — perguntou, então, Eragon —, eu por acaso o

vi durante o Agaetí Blödhren? — Pois ele se lembrava de ter visto um elfo com pelagem semelhante cabriolando entre as árvores durante as festividades. Blödhgarm sorriu, expondo presas como as de um animal.

— Creio que você viu minha prima Liotha. Nossa semelhança é

impressionante, se bem que o pêlo dela é castanho e sarapintado, enquanto o meu é azul-escuro.

— Eu teria jurado que era você.

— Infelizmente, eu tive outros compromissos na ocasião e não pude participar da comemoração. Pode ser que eu tenha oportunidade de comparecer da próxima vez, daqui a cem anos.

Você não acha, disse Saphira a Eragon, *que ele tem um aroma agradável?*

Eragon farejou o ar. *Não sinto cheiro de nada. E eu sentiria se houvesse algum cheiro. Que estranho*. Saphira então lhe transmitiu o leque de odores que tinha detectado, e de imediato Eragon se deu conta do que ela queria dizer. O

almíscar de Blödhgarm o cercava como uma nuvem, espessa e inebriante, um perfume quente, esfumaçado, que incluía sugestões de bagas esmagadas de zimbro e que fazia formigar as narinas de Saphira. *Todas as mulheres nos Varden parecem estar apaixonadas por ele, disse ela. Elas o perseguem aonde quer que vá, desesperadas para falar com ele, mas tímidas demais para sequer deixar escapar um gritinho quando ele olha para elas.*

Talvez somente as fêmeas sintam seu cheiro. Ele lançou um olhar preocupado para Arya. *Parece que ela não está afetada*.

Ela tem proteção contra influências mágicas.

Espero que sim. . Você acha que devíamos fazer Blödhgarm parar com isso? O que ele está fazendo é um modo furtivo e dissimulado de conquistar o coração de uma mulher. Será que

é mais dissimulado do que se enfeitar com belos trajes para atrair a atenção do amado? Blödhgarm não se aproveitou das mulheres que estão apaixonadas por ele. E

parece improvável que tenha combinado as notas do seu perfume para atrair especificamente as fêmeas humanas. Acho, sim, que essa é uma conseqüência imprevista e que ele criou a fragrância para algum objetivo totalmente diferente. A menos que abandone toda e qualquer aparência de decência, creio que não deveríamos nos intrometer. E Nasuada? Ela é vulnerável aos encantos dele?

Nasuada é sábia e prudente. Ela pediu a Trianna que pusesse uma proteção á sua volta que a defendesse da influência de Blödhgarm.

Ótimo.

Quando chegaram às tendas, a multidão cresceu até dar a impressão de que metade dos Varden estava reunida em torno de Saphira. Eragon erguia a mão em resposta quando as pessoas gritavam "Argetlam!" e "Matador de Espectros!". E ele ouviu outros dizerem "Onde você esteve, Matador de Espectros? Conte-nos suas aventuras!". Um número razoável se referia a ele como a Ruína dos Ra'zac, o que o deixou tão satisfeito que ele repetiu a expressão para si mesmo quatro vezes em voz muito baixa. As pessoas também gritavam bênçãos para sua saúde e para a de Saphira, além de convites para jantar, ofertas de ouro e jóias e entristecedores pedidos de ajuda: será que ele poderia curar um filho que tinha nascido cego, remover um tumor que estava matando a mulher de um homem, ou teria corno sarar a perna quebrada de um cavalo ou consertar uma espada torta porque tinha pertencido ao avô do homem que gritava? Duas vezes uma voz de mulher gritou "Matador de Espectros, quer casar comigo?". E, embora olhasse, não conseguiu identificar de quem tinha vindo.

Ao longo de toda a comoção, os doze elfos permaneceram bem perto. Saber que estavam vigiando para ver o que ele não podia ver e para escutar o que não conseguia ouvir era um conforto para Eragon e permitia que interagisse com os Varden ali reunidos com uma tranqüilidade que no passado não tivera.

E, então, do meio das fileiras em curva de tendas de lã, os antigos moradores de Carvahall começaram a surgir. Eragon desmontou e foi caminhar entre os amigos e conhecidos da infância, dando apertos de mãos, tapinhas nas costas e rindo de piadas que seriam incompreensíveis para qualquer pessoa que não tivesse crescido lá por Carvahall. Horst estava ali, e Eragon segurou o antebraço vigoroso do ferreiro.

— Seja bem-vindo de volta, Eragon. Parabéns. Ficamos lhe devendo por ter nos vingado daqueles monstros que nos expulsaram de casa. Fico feliz de ver que você ainda está inteiro.

— Os Ra'zac teriam precisado ser muito mais rápidos para conseguir arrancar algum pedaço de mim! — disse Eragon. Descobriu-se, então, cumprimentando os filhos de Horst, Albriech e Baldor; depois, Loring, o sapateiro, e seus três filhos; Tara e Morn, que eram donos da taberna de Carvahall; Fisk; Felda; Calitha; Delwin e Lenna; e por fim Birgit, de olhar feroz.

— Eu lhe agradeço, Eragon, filho de ninguém. Eu lhe agradeço por se certificar de que as criaturas que devoraram meu marido fossem devidamente punidas. Meu lar é seu, agora e para sempre.

Antes que Eragon pudesse responder, a multidão os separou. *Filho de ninguém?* , pensou ele. *Rá! Eu tenho pai, e todos o odeiam.* Então, para seu enorme prazer, Roran veio abrindo caminho em meio à

multidão, com Katrina ao lado. Ele e Roran se abraçaram, enquanto o primo resmungava.

— Ficar para trás foi muita loucura. Eu devia arrancar suas orelhas por nos abandonar daquele jeito. Da próxima vez, quero que me avise antes de sair passeando sozinho por aí. Isso está começando a se tornar um hábito seu. E você precisava ver como Saphira ficou perturbada no vôo de volta. Eragon pôs uma mão na perna esquerda de Saphira.

— Sinto muito, mas eu não podia lhe contar antes que eu planejava ficar porque só fui perceber que isso seria necessário no último momento.

— E exatamente por que você ficou naquelas cavernas imundas?

— Porque havia uma coisa que eu precisava investigar.

Quando viu que o Cavaleiro não dava uma resposta mais completa, o rosto largo de Roran endureceu; e por um momento Eragon receou que ele fosse insistir em receber uma explicação mais satisfatória.

— Bem — disse Roran, por fim —, que esperança um homem comum

como eu pode ter de compreender as motivações de um Cavaleiro de Dragão, mesmo que seja meu primo? Tudo o que importa é que você ajudou a libertar Katrina e agora está aqui, são e salvo. — Ele esticou o pescoço como se estivesse tentando ver se havia alguma coisa no dorso de Saphira e então olhou para Arya, que estava alguns metros atrás deles. —

Você perdeu meu cajado! Atravessei a Alagaësia inteira com aquele cajado. Você não podia ter ficado com ele mais alguns dias?

— Foi para um homem que precisava dele mais do que eu — disse Eragon.

— Ora, pare de implicar com ele — disse Katrina a Roran e, depois de um instante de hesitação, ela deu um abraço em Eragon. — Ele está realmente muito feliz de ver você, sabe? E só que tem dificuldade para encontrar as palavras para dizer isso.

Com um sorriso tímido, Roran deu de ombros.

— Ela está com a razão no que me diz respeito, como sempre. — Os dois trocaram um olhar amoroso.

Eragon olhou para Katrina com grande atenção. O cabelo cor de cobre tinha recuperado seu brilho original, e, em sua maioria, as marcas deixadas pelo cativeiro tinham desaparecido, muito embora ela ainda estivesse mais magra e mais pálida que o normal.

— Nunca pensei que um dia eu lhe deveria tanto, Eragon — disse Katrina, aproximando-se ainda mais dele para que nenhum dos Varden reunidos em volta a ouvisse. — Que *nós* lhe deveríamos tanto. Desde que Saphira nos trouxe para cá, eu soube o quanto você se arriscou para me salvar, e sou extremamente grata. Se eu tivesse passado mais uma semana em Helgrind, teria morrido ou perdido a razão, que é uma morte em vida. Por me salvar daquele destino e por restaurar o ombro de Roran, você tem toda a minha gratidão. Mas, mais do que isso, você tem minha gratidão por nós estarmos juntos de novo. Se não fosse você, nós nunca teríamos conseguido.

— Pois eu acho que Roran teria descoberto um jeito de arrancar você

de Helgrind, mesmo sem mim — comentou Eragon. — Ele sabe ser eloqüente quando se anima. Teria conseguido convencer outro mágico a ajudá-lo. Talvez, Angela, a herbolária. E teria sido bem-sucedido do mesmo jeito.

— Angela, a herbolária? — zombou Roran. — Aquela garota tagarela não teria sido páreo para os Ra'zac.

— Você ficaria surpreso. Ela é mais do que aparenta ser. . ou do que parece aos ouvidos. — E, então, Eragon ousou fazer uma coisa que jamais teria tentado quando morava no vale Palancar, mas que achava que condizia com seu papel de Cavaleiro: beijou Katrina e Roran na fronte.

— Roran — disse ele —, você é como um irmão para mim. E Katrina, você é como uma irmã para mim. Se algum dia vocês estiverem em apuros, mandem me chamar. E sua necessidade quer seja de Eragon, o lavrador, quer seja de Eragon, o Cavaleiro, tudo o que sou estará à sua disposição.

— E da mesma forma — retribuiu Roran —, se um dia você estiver enfrentando alguma dificuldade, é só mandar nos chamar, e nós nos apressaremos em ir ajudá-lo.

Eragon fez que sim, agradecendo o oferecimento, e deixou de mencionar que as dificuldades que tinha maior probabilidade de enfrentar não seriam de uma natureza condizente com a ajuda que eles poderiam lhe dar. Assim, segurou os dois pelos ombros.

— Que vocês tenham muitos anos de vida, que sempre estejam juntos e felizes e que tenham muitos filhos. — O sorriso de Katrina se apagou por um instante, e Eragon achou estranho.

Por sugestão de Saphira, eles retomaram a caminhada na direção do pavilhão vermelho de Nasuada no centro do acampamento. Passado algum tempo, acompanhados pela multidão animada dos Varden, chegaram diante da soleira, onde Nasuada esperava, com o rei Orrin à esquerda e dezenas de nobres e outros notáveis reunidos por trás de uma fileira dupla de

guardas dos dois lados.

Nasuada trajava um vestido de seda verde que tremeluzia ao sol, como as penas de um beija-flor, em forte contraste com o tom negro da sua pele. As mangas do vestido terminavam em babados de renda na altura do cotovelo. Ataduras brancas cobriam o resto dos braços até os pulsos finos. De todos os homens e mulheres reunidos diante dela, Nasuada era a mais impressionante, como uma esmeralda pousada num leito de folhas marrons de outono. Somente Saphira conseguia competir com o esplendor da sua aparência. Eragon e Arya se apresentaram a Nasuada e depois ao rei Orrin. Nasuada lhes deu boas-vindas formais em nome dos Varden e elogiou sua bravura.

— Sim, Galbatorix pode ter um Cavaleiro e um dragão que lutam por ele da mesma forma que Eragon e Saphira lutam por nós — disse ela, para encerrar. — Ele pode ter um exército tão numeroso que escureça a terra. E

pode ser versado numa magia estranha e terrível, uma abominação da arte dos feiticeiros. No entanto, apesar de todo o seu poder maligno, ele não conseguiu impedir Eragon e Saphira de invadir seu reino e matar quatro dos seus servos prediletos. Também não conseguiu impedir Eragon de atravessar o Império impunemente. O braço do Embusteiro está de fato enfraquecido se ele não consegue defender suas fronteiras, nem proteger seus agentes imundos no interior de sua fortaleza oculta.

Em meio aos vivas entusiasmados dos Varden, Eragon se permitiu um sorriso secreto diante de como Nasuada sabia despertar as emoções do povo, inspirando neles confiança, lealdade e disposição apesar de uma realidade muito menos promissora do que ela a retratava. Não mentia para eles. Ao que lhe fosse dado saber, Nasuada não mentia, nem mesmo quando lidava com o Conselho de Anciãos ou com outros adversários políticos seus. O que fazia era expor as verdades que mais sustentavam sua posição e sua argumentação. Sob esse aspecto, pensou ele, Nasuada era como os elfos.

Quando a manifestação de empolgação dos Varden se acalmou, o rei Orrin cumprimentou Eragon e Arya como Nasuada tinha feito. Seu discurso foi sóbrio em comparação com o dela; e, embora a multidão escutasse educadamente e aplaudisse no final, ficou evidente para Eragon que, por mais que o povo respeitasse Orrin, ele não era tão amado quanto Nasuada. Também não conseguia inflamar sua imaginação como Nasuada conseguia. O

rei de expressão serena era dotado de um intelecto superior. Mas sua personalidade era por demais rarefeita, excêntrica e reprimida para carregar a bandeira de esperanças dos humanos que se opunham a Galbatorix.

Se derrubarmos Galbatorix, disse Eragon a Saphira, *Orrin não deveria substituí-lo em Urû'baen. Ele não seria capaz de manter o país unido como Nasuada manteve os Varden.*

Concordo.

Por fim, o rei Orrin terminou, e Eragon ouviu Nasuada sussurrar:

— Agora é a sua vez de se dirigir àqueles que se reuniram para conseguir dar uma olhada no célebre Cavaleiro de Dragão. — Seus olhos cintilavam, com uma alegria contida.

— Quem? Eu?!

— É o que se espera.

Eragon se virou para encarar a multidão, com a língua seca como areia. Sua mente estava vazia; e, por alguns segundos de pânico, achou que não poderia falar e que ficaria constrangido diante de todos os Varden. Em algum lugar um cavalo relinchou baixinho. Fora isso, o acampamento estava num silêncio assustador. Foi Saphira quem rompeu sua paralisia, cutucando seu cotovelo com o focinho e dizendo: *Diga a eles como se sente honrado de ter o apoio de todos e como se sente feliz por estar de volta entre eles.* Com esse incentivo, Eragon conseguiu encontrar algumas palavras para balbuciar; e depois, assim que pareceu aceitável, fez uma reverência e recuou um passo.

Forçando um sorriso enquanto os Varden aplaudiam, davam vivas e batiam com as espadas nos escudos, ele exclamou: *Foi horrível! Eu preferia lutar com um Espectro a fazer isso outra vez!*

É mesmo?! Não foi tão difícil assim, Eragon.

Foi, sim!

Uma baforada de fumaça subiu das suas narinas quando ela bufou, achando graça. *Belo Cavaleiro de Dragão que você é, com medo de falar para um grupo numeroso! Ah, se Galbatorix soubesse, poderia controlá-lo simplesmente pedindo que fizesse um discurso para as tropas dele. Rá, rá!*

Não tem graça nenhuma, resmungou ele, mas Saphira continuou a reprimir uns risinhos.

RESPOSTA A UM REI

epois que Eragon deu sua localização aos Varden, Nasuada fez um

gesto e Jörmundur correu para o seu lado.

— Mande todos aqui retornarem a seus postos. Se fôssemos atacados agora, seríamos sobrepujados.

D — Sim, minha lady.

Gesticulando para Eragon e Arya, Nasuada colocou a mão esquerda sobre o braço do rei Orrin e, com ele, adentrou o pavilhão.

E *quanto a você?* , Eragon perguntou a Saphira enquanto os seguia. Então, entrou no pavilhão e viu que um painel nos fundos havia sido enrolado e atado à moldura de madeira acima, de modo que Saphira pudesse inserir sua cabeça e participar da reunião. Ele precisou esperar um instante até que a cabeça brilhante e o seu pescoço ultrapassassem a abertura, escurecendo o interior assim que ela se ajustou no local. Pontinhos de luz púrpura adornavam as paredes, projetados pelas escamas azuis sobre o tecido vermelho.

Eragon examinou o resto da tenda. O local estava árido comparado com o que vira em sua última visita, resultado da destruição causada por Saphira quando ela rastejara para dentro do pavilhão para ver Eragon no espelho de Nasuada. Com apenas quatro peças de mobiliário, a tenda era austera até para os padrões militares. Havia a lustrosa cadeira de espaldar alto na qual estava sentada Nasuada, com o rei Orrin ao seu lado; o espelho equivalente, que ficava ao alcance dos olhos sobre um pilar de metal esculpido; uma cadeira dobrável e uma mesa baixa cheia de mapas e outros documentos de importância. Um tapete extremamente bem tecido ao estilo dos anões cobria o chão. Além de Arya e dele próprio, uma série de pessoas já

estava diante de Nasuada. Todas estavam olhando para ele. Entre elas, ele reconheceu Narheim, o atual comandante das tropas dos anões; Trianna e outros feiticeiros de Du Vrangr Gata; Sabrae, Umérth e o restante do Conselho de Anciões, exceto Jörmundur; e diversos nobres e funcionários da corte do rei Orrin. Os que lhe eram estranhos, assumia que também deveriam ter posições de destaque em alguma das muitas facções que compunham o exército dos Varden. Seis dos guardas de Nasuada estavam presentes — dois parados na entrada e quatro atrás dela e Eragon detectou o tortuoso padrão dos soturnos e distorcidos pensamentos de Elva vindos do local onde a criança-bruxa estava escondida, bem nos fundos do pavilhão.

— Eragon — disse Nasuada você ainda não o conhece, mas me permita apresentá-lo a Sagabato-no Inapashunna Fadawar, chefe da tribo Inapashunna. Ele é um homem corajoso.

Durante toda a hora seguinte, Eragon foi submetido ao que parecia um interminável processo

de apresentações, congratulações e questões que não podia responder de imediato sem revelar segredos que era melhor não serem divulgados. Assim que o último convidado se dirigiu a ele, Nasuada acenou para que todos saíssem. Enquanto faziam uma fila para deixar o pavilhão, ela bateu palmas e os guardas do lado de fora fizeram entrar um segundo grupo, e quando o segundo grupo terminou de aproveitar os dúbios frutos de sua estada com ele, seguiu-se um terceiro. Eragon sorria o tempo todo. Apertava mão após mão. Trocava gracejos sem sentido e lutava para memorizar a pletora de nomes e títulos que o cercava. Em suma, exercia com perfeita civilidade seu papel. Sabia que eles o saudavam não porque era seu amigo, mas por causa da chance de vitória para as pessoas livres da Alagaësia que ele incorporava, por causa de seu poder e pelo que eles esperavam ganhar através dele. Em seu coração, uivava de frustração e ansiava livrar-se dos constrangimentos opressivos das boas maneiras e da polidez para montar em Saphira e voar para um lugar bem distante e tranqüilo.

A parte do processo que Eragon gostou foi observar como os suplicantes reagiam aos dois Urgals que assomavam atrás da cadeira de Nasuada. Alguns fingiam ignorar os guerreiros chifrudos — embora pela rapidez de seus movimentos e pelo tom penetrante de suas vozes, Eragon pudesse adivinhar que as criaturas os enervavam — enquanto outros encaravam os Urgals e mantinham suas mãos nos cabos de suas espadas ou adagas. Outros mais demonstravam uma falsa altivez e davam pouca importância à notória força dos Urgals, gabando-se de suas próprias. Apenas umas poucas pessoas pareciam estar genuinamente indiferentes à visão dos Urgals. A primeira entre elas era Nasuada, mas também estavam incluídos nesta lista o rei Orrin, Trianna e um conde que dizia ter visto, quando ainda não passava de uma criança, Morzan e seu dragão arrasar uma cidade inteira. Quando Eragon não podia suportar mais, Saphira inflou o peito e liberou um grunhido baixo, mas tão profundo que sacudiu o espelho na moldura. O pavilhão ficou silencioso como se fosse uma tumba. O grunhido não era manifestamente ameaçador, mas capturou a atenção de todos e proclamou sua impaciência com o protocolo. Nenhum dos convidados era tolo o suficiente para testar sua perseverança. Com desculpas apressadas, eles juntaram suas coisas e seguiram em fila para fora do pavilhão, aumentando o passo quando Saphira bateu com as pontas das garras no chão.

Nasuada suspirou quando a aba da entrada se fechou atrás do último visitante.

— Obrigada, Saphira. Sinto muito tê-lo submetido ao sofrimento da apresentação pública, Eragon, mas, como tenho certeza de que está ciente, você ocupa uma posição privilegiada entre os Varden, e eu não posso escondê-lo mais. Você pertence ao povo agora. Eles exigem que os reconheça e que lhes dê o que consideram ajusta parcela de seu tempo. Nem você nem Orrin nem eu podemos recusar os desejos da multidão. Até mesmo Galbatorix, em seu trono obscuro em Urû'baen, teme a multidão inconstante, embora talvez negue isso a todos, inclusive a si próprio.

Com todos os convidados já ausentes, o rei Orrin abandonou a máscara do decoro real. Sua expressão dura relaxou e se transformou em uma que denotava mais alívio humano, irritação e curiosidade feroz. Mexendo os ombros dentro da túnica rígida, olhou para Nasuada e disse:

— Eu não acho que nós tenhamos convocado seus Falcões da Noite

para esperar ainda mais.

— Concordo.

Nasuada bateu palmas, dispensando os seis guardas do interior da tenda.

Arrastando a cadeira vazia para perto de Nasuada, o rei Orrin sentou-se gerando uma confusão de membros espalhados e tecidos inflados.

— Agora — disse ele, olhando ora para Eragon ora para Arya —, vamos ouvir um relato completo de seus atos, Eragon Matador de Espectros. Só ouvi explicações vagas sobre o motivo de você ter optado por se demorar em Helgrind e já estou ficando farto de evasivas e respostas enganosas. Estou determinado a saber a verdade sobre a questão, então, estou avisando-o, não tente esconder o que realmente ocorreu quando você estava no Império. Até

que eu esteja satisfeito por você ter dito tudo o que há para ser dito, nenhum de nós vai colocar os pés fora dessa tenda.

Com a voz fria, Nasuada advertiu:

— Você está se excedendo. . Sua Majestade. Você não possui a autoridade para me questionar dessa maneira, nem a Eragon, que é meu vassalo, nem a Saphira, nem a Arya, que não responde a nenhum senhor mortal, mas a algo muito mais poderoso do que nós dois juntos. E nem nós temos a autoridade para questioná-lo. Nós cinco somos tão iguais quanto qualquer pessoa na Alagaësia. Seria melhor que não se esquecesse disso. A resposta do rei Orrin foi igualmente dura.

— Por acaso estou ultrapassando os limites de minha soberania? Bem, talvez esteja. Você está certa: não tenho nenhum poder sobre você. Entretanto, se somos iguais, ainda necessito enxergar evidências disso em seu tratamento para comigo. Eragon responde a você e somente a você. Com o Desafio das Facas Longas, você assegurou domínio sobre as tribos nômades, muitas das quais eu há muito considerava como minhas súditas. E você

comanda como quer não somente os Varden como também os homens de Surda, que há muito têm servido minha família com bravura e determinação além das dos homens comuns.

— Foi você mesmo quem me pediu para orquestrar esta campanha —

disse Nasuada. — Eu não o depus.

— Sim, foi minha solicitação que você assumisse o comando de nossas forças dispersas. Não sinto vergonha de admitir que você teve mais experiência e sucesso nas guerras do que eu. Nossas perspectivas são por demais precárias para que eu ou você ou qualquer outra pessoa incorramos em falso orgulho. Entretanto, desde sua investidura, você parece ter esquecido que eu ainda sou rei de Surda, e nós da família Langfeld podemos rastrear nossos antepassados até o próprio Thanebrand, o Doador do Anel, que sucedeu o velho e louco Palancar e que foi o

primeiro de nossa raça a sentar no trono do que hoje conhecemos como Urû'baen.

"Considerando nossa hereditariedade e a assistência que a Casa de Langfeld lhe forneceu nessa causa, é insultuoso de sua parte ignorar os direitos de meu gabinete. Você age como se o seu veredicto fosse o único e as opiniões dos outros não tivessem importância, sendo simplesmente pisoteadas na busca de seja lá qual for o objetivo que já tenha determinado como sendo o melhor para a parcela de humanidade livre que é suficientemente afortunada para tê-la como líder. Você negocia tratados e alianças — tais como aquele com os Urgals — de iniciativa própria e espera que eu e os outros concordemos com suas decisões, como se falasse por todos nós. Você

organiza visitas de estado à revelia dos outros, tais como aquela com Bloödhgarm-vodhr, e não se preocupa em me alertar de sua chegada nem espera que eu me junte a você para podermos saudar a embaixada dele como iguais. E quando eu tenho a ousadia de perguntar por que Eragon — o homem cuja própria existência é o motivo pelo qual eu empenhei meu país nessa empreitada —, quando eu tenho a ousadia de perguntar *por que* essa pessoa de suma importância escolheu colocar em risco as vidas não só dos surdanos como também de todas as outras criaturas que se opõem a Galbatorix ao prolongar demais sua estada em território inimigo, como é

mesmo que responde? Tratando a mim como se eu fosse nada além de um inferior excessivamente zeloso e excessivamente questionador cujas preocupações pueris desviam sua atenção de assuntos mais urgentes. Ah! Eu não vou aceitar isso, estou dizendo. Se você não pode respeitar minha posição e aceitar uma divisão justa de responsabilidades — como seria o certo entre dois aliados —, então sou de opinião de que você não está apta a comandar uma coalizão como a nossa, e serei obrigado a me colocar contra você com todos os meios de que dispuser."

Que companheiro cansativo, observou Saphira.

Alarmado pelo rumo que a conversa tomara, Eragon comentou: *O que eu devo jazer? Eu não tinha o intuito de contar a respeito de Sloan a mais ninguém, exceto Nasuada. Quanto menos gente souber que ele está vivo, melhor.* Um ondulante brilho azul-marinho percorreu a base da cabeça de Saphira até a crista de seus ombros quando as pontas das escamas pontudas e em formato de diamante ao longo de seu pescoço ergueram-se uma fração acima da pele subjacente. As camadas rugosas das escamas projetadas para fora davam-lhe uma aparência áspera e ameaçadora. *Não posso lhe dizer o que é*

melhor, Eragon. Neste caso, você deve confiar em seu próprio julgamento. Ouça atentamente o que seu coração diz e talvez fique claro como escapar desses traiçoeiros torvelinhos. Em resposta às colocações do rei Orrin, Nasuada bateu com as palmas das mãos sobre o colo, suas bandagens brancas misturando-se ao verde do vestido, e com uma voz calma e equilibrada disse:

— Se eu o negligenciei, senhor, então foi devido ao meu próprio descuido impaciente e não a

algum desejo de minha parte de diminuir a sua importância ou a de sua Casa. Por favor, perdoe meus lapsos. Eles não se repetirão, isso eu lhe prometo. Como apontou, faz muito pouco tempo que eu ascendi a este posto. Sendo assim, ainda preciso aperfeiçoar todas as delicadezas que acompanham a função.

Orrin inclinou a cabeça em uma aceitação fria, porém graciosa, das palavras dela.

— Quanto a Eragon e suas atividades no Império, não poderia lhe ter fornecido detalhes específicos porque eu mesma não disponho de outras informações. Não era, e estou certa de sua compreensão em relação a isso, uma situação que eu desejasse divulgar.

— Não, é claro que não.

— Portanto, me parece que a cura mais rápida para a disputa que nos aflige é permitir que Eragon exponha os fatos de sua viagem. Que nós possamos apreender toda a gama desse evento e estabelecer nosso julgamento sobre ele.

— Em si, isso não é uma cura — ponderou o rei Orrin —, mas é o começo de uma cura, e ouvirei com prazer.

— Então, não desperdicemos mais tempo — pediu Nasuada. Comecemos e encerremos nosso suspense. Eragon, chegou a hora de seu relato.

Com Nasuada e os outros mirando-o com olhos maravilhados, Eragon fez sua escolha. Ergueu o queixo e disse:

— O que eu lhes conto, conto em segredo. Sei que não posso esperar que nenhum de vocês, rei Orrin ou lady Nasuada, jure que manterá esse segredo em seus corações até a hora de suas mortes, mas eu lhes imploro que ajam como se pudessem. Se esta informação for sussurrada nos ouvidos errados poderá causar uma grande dose de infelicidade.

— Um rei não se mantém rei por muito tempo a menos que aprecie o valor do silenciei — disse Orrin.

Sem mais delongas, Eragon descreveu tudo o que acontecera a ele em Helgrind e nos dias seguintes. Em seguida, Arya explicou como ela conseguira localizar Eragon e então corroborou seu relato das viagens ao fornecer diversos fatos e observações próprias. Quando ambos encerraram suas falas, o pavilhão ficou quieto e Orrin e Nasuada permaneceram imóveis em suas cadeiras. Eragon sentia-se como se fosse novamente uma criança, esperando Garrow lhe dizer qual seria sua punição por ter feito alguma coisa tola na fazenda.

Orrin e Nasuada continuaram imersos em profundas reflexões por vários minutos. Então, Nasuada alisou a parte da frente de seu vestido e disse:

— O rei Orrin pode ter outra opinião, e se assim for, aguardo seus motivos, mas, da minha parte, acredito que você tenha tomado a decisão correta, Eragon.

— Eu também — disse Orrin, surpreendendo todos.

— Vocês aprovam! — exclamou Eragon. Mas hesitou: — Não quero

parecer impertinente, já que estou feliz por sua aprovação, mas não esperava que vissem com bons olhos minha decisão de poupar a vida de Sloan. Se me permitem perguntar, por que...

O rei Orrin interrompeu:

— Por que nós aprovamos? A regra da lei deve ser mantida. Se você

tivesse se apontado como executor de Sloan, Eragon, teria dado a si o poder que Nasuada e eu possuímos. Porque aquele que tem a audácia de determinar quem deve viver e quem deve morrer não mais serve à lei, mas dita a lei. E

embora você seja benevolente, tal fato não seria bom para nossa espécie. Nasuada e eu, pelo menos, estamos submetidos ao único senhor a quem até

mesmo os reis devem se ajoelhar. Nós estamos submetidos a Angvard, em seu reino de eterno crepúsculo. Nós estamos submetidos ao Homem Grisalho que cavalga seu cavalo cinza. A morte. Nós poderíamos ser os piores tiranos de toda a história e, ainda assim, no devido tempo, Angvard nos dominaria. . Mas não você. Humanos são uma raça de vida curta e não deveríamos ser governados por um dos Imortais. Nós não precisamos de outro Galbatorix.

— Uma estranha gargalhada escapou de Orrin e sua boca se contorceu num sorriso mal-humorado. — Você compreende, Eragon? Você é tão perigoso que nós somos forçados a reconhecer o perigo cara a cara com você e esperar que você seja uma das únicas pessoas aptas a resistir aos encantos do poder. O rei Orrin enlaçou os dedos embaixo do queixo e mirou uma dobra em sua túnica.

— Eu disse mais do que pretendia. . Então, por todos esses motivos, e ainda outros, concordo com. Nasuada. Você fez o certo em se conter quando descobriu esse Sloan em Helgrind. Por mais inconveniente que esse episódio possa ter sido, teria sido bem pior, e também para você, se você tivesse matado para satisfazer a si próprio e não para se defender ou a serviço de outros.

Nasuada assentiu com a cabeça.

— Foi um belo discurso.

Durante esse tempo todo, Arya ouviu com uma inescrutável expressão. Quaisquer que pudessem ser seus próprios pensamentos sobre o assunto, ela não os divulgou.

Orrin e Nasuada pressionaram Eragon com inúmeras perguntas a respeito das maldições que ele lançara sobre Sloan, bem como o inquiriram sobre o restante de sua viagem. O interrogatório continuou por tanto tempo que Nasuada foi obrigada a solicitar que trouxessem

ao pavilhão uma bandeja com sidra fresca, frutas e tortas de carne junto com uni quarto de boi para Saphira. Nasuada e Orrin tiveram ampla oportunidade de comer entre uma questão e outra. Entretanto, mantiveram Eragon tão ocupado falando que ele só conseguiu dar duas mordidas em uma fruta e dar alguns goles na sidra para molhar a garganta.

Finalmente, o rei Orrin deu-lhes adeus e partiu para passar em revista sua cavalaria. Arya saiu um minuto depois, explicando que precisava se apresentar à rainha Islanzadí e, como ela disse: "Entrar em uma banheira com água quente, lavar a areia de minha pele e fazer minhas feições voltarem à

forma original. Não me sinto eu mesma sem as pontas de minhas orelhas, com os olhos arredondados e nivelados e os ossos de meu rosto nos lugares errados."

Quando ficou a sós com Eragon e Saphira, Nasuada suspirou e recostou a cabeça contra o encosto da cadeira. Eragon estava chocado com sua aparência cansada. Perdera sua antiga vitalidade e altivez. Perdera o fogo em seus olhos. Ela estivera, notou ele, fingindo ser mais forte do que era de modo a evitar incitar seus inimigos e desmoralizar os Varden com o espetáculo de sua fraqueza.

— Você está doente? — perguntou ele.

Ela indicou os braços com a cabeça.

— Não exatamente. Estou levando mais tempo do que previra para me recuperar.. Alguns dias são piores do que outros.

— Se quiser eu posso. .

— Não. Obrigada, mas não quero. Não me tente. Uma regra do Desafio das Facas Longas é que você deve permitir que seus ferimentos sarem a seu próprio ritmo, sem magia. Do contrário, os desafiantes não terão sofrido toda a dor dos cortes.

— Isso é barbárie!

Um lento sorriso apareceu em seus lábios.

— Talvez, mas é o que é, e eu não fracassaria neste estágio avançado do desafio somente porque não posso suportar um pouco de dor.

— E se seus ferimentos supurarem?

— Então supurarão, e terei de pagar o preço de meu erro. Mas duvido que isso aconteça enquanto Angela estiver cuidando de mim. Ela possui um incrível estoque de conhecimento no que concerne a plantas medicinais. Eu sou quase capaz de acreditar que ela poderia lhe dizer o verdadeiro nome de cada espécie de gramínea existente na campina a leste daqui apenas sentindo suas folhas.

Saphira, que estivera tão parada que parecia estar adormecida, deu um bocejo — quase tocando o chão e o teto com as extremidades de sua mandíbula aberta — e balançou a cabeça e o pescoço, fazendo com que os pontinhos de luz refletidos pelas escamas girassem dentro da tenda numa velocidade alucinante.

Esticando-se em sua cadeira, Nasuada disse:

— Ah, sinto muito. Eu sei que isso foi tedioso. Vocês dois foram muito pacientes. Obrigada.

Eragon ajoelhou-se e colocou a mão direita sobre a dela.

— Não precisa se preocupar comigo, Nasuada. Eu conheço meus deveres. Jamais aspirei ao poder; esse não é meu destino. E se alguma vez me for oferecida a chance de sentar em um trono, eu recusarei e cuidarei para que seja ocupado por alguém melhor preparado do que eu para liderar nossa raça.

— Você é uma boa pessoa, Eragon — murmurou Nasuada, e

pressionou a mão dele entre as suas. Então, deu uma gargalhada. — Com você, Roran e Murtagh, eu acabo passando grande parte de meu tempo me. preocupando com membros da sua família.

Eragon refreou a sentença.

— Murtagh não é da minha família.

— É claro. Perdoe-me. Mas, ainda assim, você tem de admitir que é

impressionante a quantidade de problemas que vocês três causaram tanto ao Império quanto aos Varden.

— É um talento nosso — brincou Eragon.

Corre no sangue deles, disse Saphira. Onde quer que eles estejam, vão sempre estar engalfinhados nos piores perigos possíveis. Ela deu um empurrãozinho no braço dele.

Principalmente esse aqui. O que mais podemos esperar das pessoas do vale Palancar?

Descendentes de um rei louco.

— Mas eles próprios não são loucos — completou Nasuada. — Pelo

menos, eu não acho. Às vezes, é difícil dizer. — Ela riu. — Se você, Roran e Murtagh ficassem presos na mesma cela, não sei qual sobreviveria. Eragon também riu.

— Roran. Ele não vai deixar que uma coisinha à-toa como a morte se coloque entre ele e Katrina.

O sorriso de Nasuada ficou um pouco mais contido.

— Não, suponho que ele não deixaria. — Pelo tempo de algumas batidas de coração, ela ficou em silêncio, e então disse: — Céus! Como sou egoísta. O dia está quase no fim e aqui estou eu retendo vocês apenas para aproveitar um minuto ou dois de conversa ociosa.

— O prazer é meu.

— Sim, mas há lugares melhores do que esse para uma conversa entre amigos. Depois do que passou, imagino que gostaria de se lavar, mudar de roupa e comer uma refeição substanciosa, não? Deve estar faminto! -Eragon olhou de relance para a maçã que ainda estava segurando e concluiu, lamentando-se, que seria deselegante continuar comendo-a quando sua audiência com Nasuada já estava quase chegando ao fim. Ela flagrou o olhar dele e disse: — Seu rosto responde por você, Matador de Espectros. Está com as feições de um lobo esfomeado no inverno. Bem, não o atormentarei mais. Vá, banhe-se e se vista com sua melhor túnica. Quando estiver apresentável, terei o maior prazer de recebê-lo para a ceia, se isto for de seu agrado. Compreenda, você não será meu único convidado, já que os assuntos dos Varden demandam minha constante atenção. Mas, para mim, abrilhantaria consideravelmente o evento se escolhesse participar.

Eragon reprimiu uma careta ao pensar que teria de passar mais algumas horas rebatendo as arremetidas verbais daqueles que ansiavam usá-lo em sua própria vantagem ou que queriam satisfazer suas curiosidades a respeito de Cavaleiros e dragões. Mesmo assim, um convite de Nasuada não poderia ser negado. Então, ele fez uma mesura e aceitou.

BANQUETE COM AMIGOS

ragon e Saphira deixaram o pavilhão rubro, com o contingente de

elfos disposto ao redor deles, e caminharam até a pequena tenda que tinha sido designada para o Cavaleiro quando os dois se juntaram aos Varden na Campina Ardente. Ali, ele encontrou meio

E tonel de água fervente à sua espera, com as espirais de vapor

opalinas à luz oblíqua de sol poente. Não deu atenção à água por um instante e se abaixou para entrar na tenda.

Depois de olhar para se certificar de que durante sua ausência ninguém havia mexido em seus poucos bens, Eragon baixou a mochila das costas e retirou com cuidado a armadura, guardando-a debaixo do catre. Ela precisava ser limpa e lubrificada, mas essa tarefa teria de esperar. Estendeu, então, a mão ainda mais por baixo do catre, com os dedos raspando a parede de pano do outro lado, e apalpou no escuro até entrar em contato com um objeto longo e duro. Ele o apanhou e pôs no colo o embrulho pesado enrolado em pano. Desatou os nós no invólucro e depois, começando pela ponta mais grossa, começou a desenrolar as tiras grosseiras de lona.

Centímetro a centímetro, o punho de couro puído do montante começou a aparecer. Eragon parou quando já estavam expostos o punho, o guarda-mão e uma boa extensão da lâmina reluzente, denteada como um serrote nos lugares em que Murtagh tinha aparado seus golpes quando ainda empunhava Zar'roc.

Eragon ficou ali sentado, olhando fixamente para a arma, em conflito. Não sabia dizer o que o levara a agir daquele modo. No dia posterior à

batalha, tinha voltado ao platô e recolhido a espada do meio da confusão de terra pisoteada onde Murtagh a deixara cair. Mesmo depois de uma única noite exposto aos elementos, o aço tinha adquirido uma capa desuniforme de ferrugem. Com uma palavra, ele desfez a leve camada de corrosão. Talvez fosse porque Murtagh roubara sua própria espada que Eragon sentiu o impulso de apanhar a de Murtagh, como se essa troca, por mais desigual e involuntária que fosse, pudesse reduzir sua perda.

Talvez fosse porque ele queria ter uma recordação daquele conflito sangrento. E talvez fosse porque ainda nutrisse um afeto latente por Murtagh, apesar das circunstâncias sinistras que haviam voltado um contra o outro. Por mais que abominasse o que Murtagh tinha se tornado, e sentisse pena dele por isso, Eragon não tinha como negar a ligação que existia entre eles. O destino deles era compartilhado. Se não fosse por um acidente de nascimento, ele teria sido criado em Urû'baen, e Murtagh no vale Palancar. E, nesse caso, suas posições atuais bem poderiam estar invertidas. As vidas de ambos estavam inexoravelmente entrelaçadas.

Enquanto olhava para o aço prateado, Eragon compôs um encanto que alisaria as rugas da lâmina, fecharia as fendas em forma de cunha ao longo dos gumes e restauraria a força da tempera. Perguntava-se, porém, se deveria fazer isso. A cicatriz que Durza lhe dera, Eragon tinha mantido como um lembrete do confronto, pelo menos até os dragões a apagarem durante o Agaetí

Blödhren. Será que devia guardar essa cicatriz também? Seria saudável para ele levar à cintura uma lembrança tão dolorosa? E que tipo de mensagem transmitiria para os demais entre os Varden se resolvesse brandir a espada de mais um traidor? Zar'roc tinha sido um presente de Brom. Eragon não poderia ter se recusado a aceitá-la, nem lamentava tê-lo feito. Mas não estava dominado por nenhuma compulsão de reivindicar como sua a arma anônima pousada no seu colo.

Preciso de uma espada, pensou. Mas não dessa espada.

Ele voltou a envolver a arma em sua mortalha de lona e a escondeu novamente por baixo do catre. Depois, levando debaixo do braço uma camisa e túnica limpas, saiu da tenda e foi se banhar.

Quando estava limpo e trajado nas belas camisa e túnica de lámarae, foi ao encontro de Nasuada perto das tendas dos curandeiros, como ela havia pedido. Saphira foi voando porque, como disse: *No chão tudo é muito apertado para mim. Eu não paro de derrubar tendas. Além do mais, se eu for andando com você, um aglomerado de gente vai se formar ao nosso redor e para nós vai ser quase impossível avançar.*

Nasuada estava esperando por ele ao lado de uma fileira de três mastros, dos quais meia dúzia de flâmulas de cores fortes pendia sem ânimo no ar frio. Nasuada tinha se trocado desde que se despedira dele e agora estava usando um vestido leve de verão, da cor de palha clara. Seus cabelos densos, semelhantes a musgo, estavam presos para o alto numa massa complexa de nós e trancas. Uma única fita branca mantinha no lugar o penteado.

Ela sorriu para Eragon. Ele retribuiu o sorriso e andou mais rápido. Quando chegou mais perto, seus guardas se misturaram aos dela, com uma manifestação de suspeita sem disfarces por parte dos Falcões da Noite e uma indiferença calculada por parte dos elfos.

Nasuada pegou seu braço e, enquanto conversavam em tons agradáveis, guiou seus passos ao longo de um passeio pelo mar de tendas. Lá no alto, Saphira dava voltas, satisfeita em poder esperar até que eles chegassem ao destino antes de se entregar ao esforço de pousar. Eragon e Nasuada falaram de muitos assuntos. Pouca coisa de importância passou entre seus lábios, mas sua inteligência, bom humor e a prudência dos seus comentários o encantavam. Para ele, era fácil conversar com ela, e ainda mais fácil ouvi-la; e essa serenidade fez com que percebesse como gostava dela. O domínio que ela exercia sobre ele superava de longe o de uma senhora feudal sobre seu vassalo. Era uma sensação nova para ele, esse vínculo. Além de sua tia, Marian, de quem tinha apenas uma leve lembrança, Eragon havia sido criado num mundo de homens e meninos, sem nunca ter a oportunidade de fazer amizade com uma mulher.

Sua falta de experiência o deixava inseguro, e sua insegurança o deixava constrangido, mas Nasuada parecia não perceber. Ela o deteve diante de uma tenda que reluzia com a luz de muitas velas acesas lá dentro, e de onde vinha o burburinho de uma quantidade de vozes ininteligíveis.

— Agora precisamos mergulhar no pântano da política. Prepare-se. Ela abriu com um gesto largo a aba de entrada da tenda, e Eragon deu um pulo quando a multidão gritou "Surpresa!". Uma larga mesa de cavaletes abarrotada de comida dominava o centro da tenda, e lá estavam Roran e Katrina, cerca de vinte dos moradores de Carvahall — incluindo-se Horst e a família —, Angela, a herbolária, Jeod e a mulher, Helen, bem como algumas pessoas que Eragon não reconhecia, mas que aparentavam ser marinheiros. Meia dúzia de crianças que estava brincando no chão junto da mesa interrompeu a brincadeira e ficou olhando para Nasuada e Eragon, de queixo caído, aparentemente sem conseguir decidir qual dessas duas figuras estranhas merecia mais atenção.

Eragon abriu um sorriso, sem saber o que dizer. Antes que conseguisse pensar em alguma coisa, Angela levantou o caneco, falando com a voz aguda.

— Bem, não fique aí parado de boca aberta! Entre, sente-se! Estou com fome!

Enquanto todos riam, Nasuada puxou Eragon na direção das duas cadeiras vazias ao lado de Roran. Eragon segurou a cadeira para Nasuada e, enquanto ela se sentava, ele perguntou:

— Foi *você* que organizou isso?

— Roran sugeriu quem você gostaria que estivesse presente; mas, sim, a idéia original foi minha. E fiz alguns acréscimos meus à mesa, como você

pode ver.

— Obrigado — disse Eragon, com humildade. — Muito obrigado. Ele

viu Elva sentada de pernas cruzadas no canto esquerdo da tenda, com uma bandeja de comida no colo. As outras crianças a evitavam — Eragon podia imaginar que não tivessem muito em comum —, e nenhum dos adultos se sentia à vontade na sua presença. A menina pequena, de ombros estreitos, olhou para ele por trás da franja negra com seus horríveis olhos violeta e formou com os lábios o que ele adivinhou ser "Saudações, Matador de Espectros".

— Saudações, Vaticinadora — respondeu ele, sem voz. A boquinha cor-de-rosa se abriu no que teria sido um sorriso encantador se não fossem os globos cruéis que ardiam ali acima.

Eragon se agarrou aos braços da cadeira quando a mesa tremeu, os pratos chocalharam e as paredes da tenda panejaram. Em seguida, o fundo da tenda se avolumou e se abriu quando Saphira fez entrar sua cabeça. *Carne*!, disse ela. *Sinto o cheiro de carne!*

Durante as horas seguintes, Eragon se deixou mergulhar num nevoeiro de comida, bebida e

prazer de estar em boa companhia. Era como uma volta ao lar. O vinho jorrava como água; e, depois de esvaziarem as taças uma vez ou duas, os aldeões esqueceram toda a deferência e o trataram como se fosse mais um deles, que era o maior presente que poderiam lhe dar. Foram igualmente generosos com Nasuada, embora não fizessem brincadeiras que zombassem dela, como algumas vezes fizeram com Eragon. Uma fumaça pálida encheu a tenda à medida que as velas se consumiam. Ao seu lado, Eragon ouvia a risada retumbante de Roran que soava repetidamente, e do outro lado da mesa vinha o retumbar ainda mais forte do riso de Horst. Murmurando um sortilégio, Angela fez dançar um homenzinho que tinha modelado numa casca de um pão caseiro, para grande divertimento de todos. As crianças aos poucos superaram o medo que tinham de Saphira e ganharam coragem para se aproximar dela e afagar seu focinho. Logo estavam escalando pelo seu pescoço, pendurando-se dos espinhos e dando puxões nas antenas acima dos seus olhos. Eragon ria enquanto olhava. Jeod cantou para os convivas uma canção que tinha aprendido num livro havia muito tempo. Tara dançou uma dança campestre. Os dentes de Nasuada rebrilhavam quando jogava a cabeça para trás. E Eragon, a pedido de todos, recontou algumas das suas aventuras, incluindo uma descrição detalhada de sua fuga de Carvahall com Brom, que tinha um interesse especial para seus ouvintes.

— E pensar — disse Gertrude, a curandeira de rosto redondo, puxando e repuxando o xale — que tínhamos no nosso vale um dragão e nem chegamos a saber disso. — Com um par de agulhas de tricô tirado de dentro das mangas, ela apontou para Eragon. — Pensar que eu cuidei de você

quando suas pernas estavam arranhadas de voar em Saphira, e eu nunca suspeitei a causa. — Abanando a cabeça e estalando a língua, encheu uma agulha com lã marrom e começou a tricotar com a velocidade de décadas de prática.

Elain foi a primeira a sair da festa, alegando estar exausta por conta da gravidez avançada. Um dos filhos, Baldor, foi com ela. Meia hora depois, Nasuada também fez menção de sair, explicando que as exigências da sua posição a impediam de ficar tanto tempo quanto gostaria, mas que lhes desejava saúde e felicidade; e esperava que continuassem a apoiá-la em sua luta contra o Império.

Enquanto se afastava da mesa, Nasuada acenou para Eragon. Ele foi se juntar a ela perto da entrada.

— Eragon — disse ela, de lado para o resto da tenda —, sei que precisa de tempo para se recuperar da viagem e que tem seus próprios assuntos a tratar. Portanto, você tem o dia de amanhã e o de depois para fazer o que quiser. Na manhã do terceiro dia, porém, apresente-se no meu pavilhão para podermos conversar sobre seu futuro. Tenho uma missão importantíssima para você.

— Minha lady — disse ele, prosseguindo então: — A senhora sempre mantém Elva por perto aonde quer que vá, não é mesmo?

— Sim. Ela é minha proteção contra qualquer perigo que possa passar pelos Falcões da Noite.

Além disso, sua capacidade para adivinhar o que aflige as pessoas já se revelou de uma utilidade extraordinária. E muito mais fácil obter a cooperação de alguém quando se está inteirado de todas as suas mágoas secretas.

— A senhora está disposta a abdicar disso tudo?

Ela o estudou com um olhar penetrante.

— Você pretende remover a maldição que lançou sobre Elva?

— Pretendo tentar. Lembre-se, prometi a ela que tentaria.

— E, eu estava presente. — O barulho da queda de uma cadeira a perturbou por um instante. E então prosseguiu: — Suas promessas acabarão nos matando. . Elva é insubstituível. Mais ninguém tem o dom que ela tem. E

o serviço que presta, como acabei de confirmar, vale mais que uma montanha de ouro. Já chegou a me ocorrer que, de todos nós, talvez somente ela seja capaz de derrotar Galbatorix. Ela seria capaz de prever cada ataque dele, e seu encantamento lhe mostraria como se opor a eles. E, desde que essa oposição não exigisse que sacrificasse a própria vida, sairia vitoriosa.. Pelo bem dos Varden, Eragon, pelo bem de todos na Alagaësia, você não poderia simular sua tentativa de curar Elva?

— Não — disse ele, interrompendo-a como se ela o ofendesse. — Eu não o faria mesmo que pudesse. Seria errado. Se forçarmos Elva a permanecer como é, ela se voltará contra nós, e eu não quero tê-la como inimiga. — Ele se calou e então, vendo a expressão de Nasuada, acrescentou: — Além do mais, há uma boa probabilidade de que eu não tenha êxito. Remover um encantamento de formulação tão vaga é na melhor das hipóteses uma perspectiva difícil.. Permite-me uma sugestão?

— Qual?

— Seja franca com Elva. Explique para ela o que ela representa para os Varden e pergunte se ela se dispõe a continuar a suportar essa carga pelo bem de todas as pessoas livres. Ela pode se recusar. Tem todo o direito; mas, se for isso o que ocorrer, ela demonstraria ter um caráter no qual nós não íamos querer confiar, de qualquer maneira. E, se aceitar, será por sua livre e espontânea vontade.

Franzindo um pouco o cenho, Nasuada concordou.

— Falarei amanhã com ela. Você também deveria estar presente, para me ajudar a convencê-la e para anular a maldição caso não consigamos. Esteja no meu pavilhão três horas depois do nascer do dia. — E com isso, ela saiu majestosa para a noite iluminada por archotes lá fora.

Muito mais tarde, quando as velas espirravam nos castiçais e os aldeões começaram a se dispersar em grupos de dois e três, Roran pegou, o braço de Eragon pelo cotovelo e o levou

pela parte de trás da tenda para ficar ao lado de Saphira, onde os outros não os ouvissem.

— O que você disse antes acerca de Helgrind, aquilo foi tudo o que houve? — perguntou Roran. Sua mão parecia um par de tenazes de ferro segurando a carne de Eragon. Os olhos estavam duros, questionadores e também de uma vulnerabilidade extraordinária. Eragon sustentou seu olhar.

— Se você confia em mim, Roran, nunca volte a me fazer essa pergunta. Não é uma coisa que você queira saber. — Mesmo enquanto falava, Eragon teve uma profunda sensação de constrangimento por ter de esconder de Roran e Katrina a existência de Sloan. Ele sabia que a mentira era necessária, mas mesmo assim se sentia constrangido por enganar sua família. Por um instante, Eragon pensou em contar a verdade a Roran, mas então lembrou-se de todos os motivos pelos quais tinha decidido não contar e refreou o impulso.

Roran hesitou, com uma expressão perturbada. Depois firmou o queixo e soltou Eragon.

— Eu confio em você. E para isso que existe a família, afinal de contas, né? Para confiar.

— Isso e para se matarem uns aos outros. Roran riu e esfregou o polegar no nariz.

— Para isso também. — Ele girou os ombros fortes, redondos, e estendeu a mão para massagear o direito, hábito que tinha adquirido desde que o Ra'zac o mordera. — Tenho mais uma pergunta.

— É?

— E um privilégio. . um favor que eu gostaria que você me fizesse. —

Um sorriso sem graça tocou seus lábios, e ele deu de ombros. — Nunca pensei que um dia falaria com você sobre esse assunto. Você é mais novo que eu, mal chegou à idade adulta e ainda por cima é meu primo.

— Falar do quê? Pare com os rodeios.

— De casamento — disse Roran, levantando o queixo. — Você me casaria com Katrina? Seria um prazer para mim se você concordasse. E, apesar de eu não ter tocado no assunto com Katrina, à espera de uma resposta sua, sei que ela se sentiria honrada e feliz se você aceitasse nos unir como marido e mulher.

Surpreso, Eragon não encontrou palavras para responder. Por fim, conseguiu falar, gaguejando:

— Eu? — Depois, apressou-se a completar. — E claro que eu teria o maior prazer, mas. . *eu*? E isso mesmo o que você quer? Tenho certeza de que Nasuada concordaria em casar vocês dois. . Você poderia pedir ao rei Orrin, um rei de verdade! Ele correria para agarrar a oportunidade de presidir a cerimônia se isso o ajudasse a ganhar pontos comigo.

— Quero você, Eragon — afirmou Roran, dando-lhe um tapinha no ombro. — Você é um Cavaleiro, e você é a única outra pessoa viva que tem meu sangue. Murtagh não conta. Não consigo pensar em mais ninguém que eu pudesse querer que amarrasse o nó em torno do pulso dela e do meu.

— Se é assim — concluiu Eragon —, eu o farei. — O ar escapuliu dele quando Roran lhe deu um abraço apertado, com toda a sua força prodigiosa. Eragon arquejou um pouco, quando Roran o soltou, e voltou a falar quando recuperou o fôlego. — Quando? Nasuada tem uma missão planejada para mim. Ainda não sei qual é, mas suponho que vá me manter ocupado por um tempo. Então. . pode ser no início do mês que vem, se as circunstâncias permitirem?

Os ombros de Roran se incharam e se retesaram. Ele abanou a cabeça como um touro passando os chifres por uma moita de espinheiros.

— O que você acha de depois de amanhã?

— Tão rápido? Você não acha um pouco corrido? Praticamente não haveria tempo para preparativos. As pessoas vão achar pouco elegante. Os ombros de Roran se encolheram, e as veias nas mãos se avolumaram enquanto abria e fechava os punhos.

— Não dá para esperar. Se não nos casarmos rapidamente, os mexericos das velhas logo tratarão de um assunto muito mais interessante do que minha impaciência. Está me entendendo?

Eragon levou um instante para captar o que Roran queria dizer. Mas, assim que entendeu, Eragon não conseguiu evitar que um largo sorriso se espalhasse pelo seu rosto. *Roran vai ser pai!,* pensou.

— Acho que entendi — disse ele, ainda sorrindo. — Que seja então depois de amanhã. — Eragon deu mais um resmungo quando Roran o abraçou novamente, batendo com força nas suas costas. Com alguma dificuldade, conseguiu se livrar.

— Devo-lhe essa — disse Roran, sorridente. — Obrigado. Agora preciso dar a notícia para Katrina, e nós vamos precisar fazer o possível para aprontar uma festa de casamento. Assim que nos decidirmos, eu o aviso da hora certa.

— Está bem.

Roran começou a voltar para a tenda, mas então girou e lançou os braços para o alto como se quisesse trazer o mundo inteiro para seu peito.

— Eragon, eu vou me casar!

Com uma risada, Eragon acenou para ele.

— Anda logo, seu tolo. Ela está esperando.

Eragon montou em Saphira quando as abas da tenda se fecharam depois da passagem de Roran.

— Blödhgarm? — chamou ele. Silencioso como uma sombra, o elfo deslizou para a luz, com os olhos amarelos refulgindo como brasas. —

Saphira e eu vamos voar um pouco. Mais tarde, nos encontramos na minha tenda.

— Matador de Espectros — disse Blödhgarm, inclinando a cabeça.

Depois, Saphira ergueu as asas enormes, deu três passos correndo e se lançou acima das fileiras de tendas, atingindo-as com o vento enquanto batia as asas com força e velocidade. Os movimentos do seu corpo por baixo de Eragon o sacudiam, e ele agarrou o espinho à sua frente para ter mais apoio. Saphira foi subindo em espirais acima do acampamento cheio de luzes cintilantes até que não passasse de uma mancha de claridade sem importância, reduzido a quase nada pela paisagem escura que o cercava. Lá no alto, ela permaneceu, flutuando entre o firmamento e a terra, e o silêncio era total. Eragon encostou a cabeça no pescoço de Saphira e olhou para cima para a faixa de poeira luminosa que ia de um lado ao outro do céu. *Descanse se quiser, pequenino,* disse Saphira. *Não o deixarei cair.* E ele descansou. E se abateram sobre ele visões de uma cidade circular de pedra situada no centro de uma planície sem fim e de uma menininha que perambulava pelos seus becos estreitos e sinuosos, cantando uma melodia obsessiva.

E a noite foi passando até chegar a manhã.

SAGAS ENTRECRUZADAS

cabara de amanhecer e Eragon estava sentado em sua cama passando óleo em sua cota de malha quando um dos arqueiros dos Varden veio até ele e pediu para que curasse sua mulher que

estava sofrendo de um tumor maligno. Mesmo precisando estar

A no pavilhão de Nasuada em menos de uma hora, Eragon

concordou e acompanhou o homem até sua tenda. Eragon

encontrou a mulher bastante enfraquecida devido ao inchaço e necessitou de toda a sua habilidade para extrair os insidiosos cirros de seu corpo. O esforço o deixou exausto, mas ficou satisfeito por ter podido salvar a mulher de uma longa e dolorosa morte.

Em seguida, Eragon juntou-se novamente à Saphira do lado de fora da tenda do arqueiro e ficou ao lado dela por alguns minutos, massageando os músculos perto da nuca do dragão. Zunindo, Saphira moveu seu rabo sinuoso e contorceu a cabeça e os ombros de modo que ele

pudesse ter um melhor acesso à lisa e metálica parte inferior dela.

Enquanto você estava ocupado lá dentro, outros pedintes apareceram em busca de uma audiência com você, mas Blödhgarm e seus congêneres os espantaram porque seus pedidos não eram urgentes.

Foi mesmo? Ele enterrou os dedos embaixo da borda de uma de suas grandes escamas do pescoço e cocou com mais força ainda. *Talvez eu devesse anular Nasuada.*

Como assim?

No sexto dia de cada semana, de manhã até a noite, ela disponibiliza uma audiência a todos que desejam trazer solicitações ou contendas para ela. Eu pode-ria jazer a mesma coisa.

Eu gosto da idéia, disse Saphira. *Só que você terá de tomar cuidado para não gastar energia demais nos pedidos das pessoas. Nós devemos estar preparados para lutar contra o Império a qualquer momento*. Ela empurrou seu pescoço contra a mão dele, zunindo mais alto ainda.

Preciso de uma espada, disse Eragon.

Então arranje uma.

Mmh..

Eragon continuou coçando-a até que ela se afastou e disse: *Você vai se atrasar para o encontro com Nasuada, a menos que corra.*

Juntos, tomaram a direção do centro do acampamento onde ficava o pavilhão de Nasuada. Como o local não ficava a mais de quatrocentos metros de distância, Saphira caminhou ao lado dele em vez de voar entre as nuvens, como fizera antes.

Mais ou menos uns sessenta metros no caminho do pavilhão, encontraram, por acaso, Angela, a herbolária. Ela estava ajoelhada entre duas tendas, apontando para um quadrado de couro enrolado à frente de uma rocha achatada. Sobre o couro encontrava-se uma pilha mal-arrumada de ossos do tamanho de dedos rotulados com símbolos diferentes em cada faceta: os artelhos de um dragão com os quais ela lera o futuro de Eragon em Teirm.

A sua frente, estava sentada uma mulher alta de ombros largos; tinha a pele bronzeada e enrugada; cabelos pretos presos com um fio grosso que lhe caía pelas costas; e um rosto que ainda era bonito apesar das linhas duras que os anos haviam esculpido em volta de sua boca. Usava um vestido de burel que havia sido feito para uma mulher menor; seus pulsos estavam vários centímetros para fora das mangas. Ela havia amarrado uma faixa de tecido escuro em volta de cada pulso, mas a do pulso esquerdo tinha afrouxado e deslizado em direção ao cotovelo. Eragon viu espessas camadas de cicatrizes onde a faixa deveria estar. Era o tipo de cicatriz que só adquiria quem era constantemente submetido a algemas. Em algum ponto de sua

vida, imaginou Eragon, ela havia sido capturada por seus inimigos e lutara, lutara até rasgar seus pulsos, a julgar pela aparência das cicatrizes. Ele imaginou se ela havia sido uma criminosa ou uma escrava, e sentiu sua fisionomia obscurecer ao pensar em alguém com tamanha crueldade a ponto de permitir que tal sofrimento acometesse um prisioneiro sob seu controle, mesmo que a própria pessoa houvesse imposto.

Perto da mulher encontrava-se uma adolescente com o olhar sério que apenas acabara de adquirir todo o encanto da beleza adulta. Os músculos de seu antebraço eram de uma grossura pouco usual, como se ela fosse aprendiz de um ferreiro ou de um espadachim, o que era altamente improvável para uma garota, independentemente de sua torça.

Angela acabara de dizer alguma coisa para a mulher e sua companheira quando Eragon e Saphira pararam atrás da bruxa de cabelos encaracolados. Com um único movimento, juntou os artelhos no quadrado de couro e os enfiou debaixo da faixa amarela em sua cintura. Levantou-se e abriu um resplandecente sorriso na direção de Eragon e Saphira.

— Gente, vocês dois têm um impecável senso de oportunidade. Sempre aparecem no momento em que a varinha do destino começa a girar.

— A varinha do destino? — questionou Eragon.

Ela deu de ombros.

— O quê? Você não vai querer que eu seja brilhante o tempo todo, não é? Nem eu consigo. Ela fez um gesto na direção das duas estranhas que também haviam se levantado e disse: — Eragon, você poderia lhes dar sua bênção? Elas passaram por muitos perigos e uma estrada dura ainda as espera. Tenho certeza de que ficariam muito agradecidas com qualquer bênção protetora transmitida por um Cavaleiro de Dragão.

Eragon hesitou. Ele sabia que Angela raramente usava os ossos de dragão com as pessoas que buscavam, seus serviços — normalmente apenas com. aqueles com quem Solembum se dignava a falar —, já que tal prognóstico não era um falso ato de magia, mas sim uma verdadeira previsão que poderia revelar os mistérios do futuro. O fato de a bruxa ter escolhido fazer isso pela mulher bonita com as cicatrizes nos pulsos e pela adolescente com os antebraços de um espadachim lhe indicava que eram pessoas de relevo, pessoas que haviam tido — e ainda teriam — importantes papéis na formação da futura Alagaësia. Como se para confirmar suas suspeitas, ele enxergou Solembum em sua usual forma de gato, com orelhas grandes e eriçadas à espreita, atrás do canto de uma tenda próxima, observando o ritual com enigmáticos olhos amarelos. Mas, ainda assim, Eragon hesitou, assombrado pela lembrança da primeira e da última bênção que conferira —

como, por causa de sua relativa falta de familiaridade com a língua antiga, ele distorcera a vida de uma criança inocente.

Saphira?, perguntou ele.

Seu rabo chicoteou o ar. *Não seja tão relutante. Você aprendeu com seu erro, e não voltará a cometê-lo. Por que, então, você deveria negar sua bênção àqueles que podem se beneficiar dela? Abençoe-os, eu digo, e faça-o corretamente dessa vez.*

— Quais são seus nomes? — perguntou ele.

— Por favor, Matador de Espectros — disse a mulher alta de cabelos pretos, com um pouco de sotaque que ele não conseguia distinguir —, nomes possuem poder, e nós preferimos que os nossos permaneçam desconhecidos.

— Ela mantinha o ângulo do olhar ligeiramente voltado para baixo, mas seu tom de voz era firme e inflexível. A garota soltou um pequeno arquejo, como se estivesse chocada com a afronta da outra mulher.

Eragon assentiu com a cabeça, nem chateado nem surpreso, embora a reticência da mulher houvesse instilado sua curiosidade ainda mais. Ele gostaria de ter sabido os nomes delas, mas não eram essenciais para o que ele estava para realizar. Puxando a luva da mão direita, colocou a palma no meio da testa morna da mulher. Ela recuou ao contato, mas não se afastou. Suas narinas ficaram escancaradas, os cantos da boca afinaram, uma dobra apareceu entre suas sobrancelhas, e ele sentiu-a tremer, como se seu toque fosse doloroso e ela estivesse lutando contra a ânsia de empurrar seu braço. A distância, Eragon podia distinguir vagamente Blödhgarm à espreita, pronto para atacar a mulher, se fosse hostil.

Desconcertado pela reação dela, Eragon abriu as barreiras de sua mente, imergiu no fluxo da magia e, com todo poder da língua antiga, disse:

— Atra guliä um ilian tauthr ono un atra ono waíse sköliro fra rauthr. Ao impregnar a frase com energia, como se estivesse proferindo as palavras de um encanto, assegurou que elas dariam forma ao curso dos eventos e, portanto, melhorariam o quinhão da vida da mulher. Foi cuidadoso em limitar a quantidade de energia que transferiu na bênção porque, a menos que ele colocasse freios, um encanto desse tipo sugaria seu corpo até absorver toda a sua vitalidade, deixando-o uma concha vazia. Apesar de sua precaução, a queda em sua força foi mais do que ele esperara; sua visão enfraqueceu e suas pernas ficaram trôpegas e ameaçaram desabar.

Um instante depois, recuperou-se.

Foi com uma sensação de alívio que retirou sua mão direita da testa da mulher, um sentimento que ela parecia compartilhar com ele, já que deu um passo para trás e esfregou os braços. Parecia uma pessoa tentando limpar seu organismo de alguma substância maligna.

Eragon mudou de posição e repetiu o procedimento com a adolescente. O rosto da garota se alargou quando ele lançou o encanto, como se pudesse senti-lo tornando-se parte de seu corpo. Ela fez uma cortesia:

— Obrigada, Matador de Espectros. Estamos em dívida com você. Espero que tenha sucesso

em derrotar Galbatorix e o Império.

Ela se virou para ir embora, mas parou quando Saphira bufou e deslizou sobre a cabeça de Eragon e Angela de modo a aparecer por cima das duas mulheres. Ela inclinou o pescoço e respirou, antes no rosto da mulher mais velha e depois no rosto da mais jovem e, projetando seus pensamentos com força suficiente para superar as mais densas defesas — já que ela e Eragon haviam reparado que a mulher de cabelos pretos possuía uma mente bem blindada —, disse: *Boa caçada, ó Selvagens. Que ventos favoráveis sempre as acompanhem, que o sol sempre guie seus caminhos e que a caçada seja fácil. E espero que você, Olhos de Lobo, quando encontrar aquele que prendeu suas garras na armadilha, não o mate muito rapidamente.*

Ambas as mulheres enrijeceram quando Saphira começou a falar. Em seguida, a mais velha bateu com os punhos no peito e disse:

— Isso eu não farei, ó Bela Caçadora. — Então, curvou-se para Angela e disse: — Treine com afinco, Vidente.

— Cantora de Espadas.

Com um farfalhar de saias, ela e a adolescente foram embora e logo se perderam de vista no emaranhado de tendas idênticas.

O quê? Nenhuma marca nas testas delas?, Eragon perguntou à Saphira. *Elva era única. Eu não marcarei mais ninguém da mesma maneira. O que aconteceu em Farthen Dûr... simplesmente aconteceu. O instinto me guiou. Além disso, não posso explicar.*

Quando os três estavam andando em direção ao pavilhão de Nasuada, Eragon olhou de relance para Angela e perguntou:

— Quem são elas?

Ela fez uma careta e respondeu:

— Peregrinas em suas buscas pessoais.

— Isso não é resposta — reclamou ele.

— Não tenho o hábito de presentear segredos como se fossem balas de nozes no solstício de inverno. Principalmente quando pertencem a outras pessoas.

Ele ficou em silêncio por alguns passos, e então disse:

— Se alguém se recusa a me fornecer algum pedaço de informação, só

me deixa mais determinado a descobrir a verdade. Odeio ser ignorante. Para mim, uma

questão não respondida é como um espinho na minha carne que me incomoda sempre que eu me mexo, até que eu o arranque.

— Você tem a minha solidariedade.

— Por quê?

— Porque se é assim, você deve acordar todos os dias em agonia mortal porque a vida é cheia de questões não respondidas.

A uns doze metros do pavilhão de Nasuada, um contingente de lanceiros marchando no acampamento bloqueava o caminho. Enquanto esperavam que os guerreiros passassem, Eragon tremeu e soprou nas mãos.

— Gostaria de ter tempo para uma refeição.

Rápida como sempre, Angela disse:

— É a magia, não é? Acabou com você. — Ele assentiu com a cabeça. A bruxa enfiou a mão em uma das bolsinhas que estavam em sua faixa, puxou um bolinho duro amarronzado polvilhado de linhaça brilhante e ofereceu a ele: — Isso aqui vai mantê-lo até o almoço.

— O que é isso?

Ela empurrou o alimento, insistindo.

— Coma. Você vai gostar. Pode confiar em mim. — Assim que ele pegou o bolinho oleoso dos dedos dela, ela agarrou o pulso dele com a outra mão e a segurou enquanto inspecionava os calos de dois centímetros nas juntas. — Muito sagaz da sua parte — disse ela. — São tão feios quanto as verrugas de um sapo, mas quem se importa se eles ajudam a manter sua pele intacta, não é? Eu gosto. Gosto muito. Você se inspirou no Ascûdgamln dos anões?

— Nada escapa a você, não é? — perguntou ele.

— Deixo escapar. Só me preocupo com coisas que existem. — Eragon piscou, arrebatado, como sempre ficava pelos truques verbais dela. Ela deu um capinha em um dos calos com a ponta de uma de suas unhas curtas. Eu faria em mim também, só que pegaria na lã quando eu estivesse fiando e tricotando.

— Você faz tricô com seu próprio fio? — perguntou ele, surpreso por ela se engajar em algo tão comum.

— Claro! E uma maneira maravilhosa de relaxar. Além disso, se eu não o fizesse, onde eu conseguiria um suéter com guardas de Dvalar enfrentando coelhos loucos, tecido em Tiduen Kvaedhí ao longo do peito ou uma fita pigmentada em amarelo, verde e rosa?

— Coelhos loucos. .

Ela mexeu nos cachos espessos.

— Você ficaria impressionado com a quantidade de mágicos que morreram depois de terem sido mordidos por coelhos loucos. É muito mais comum do que você pode imaginar.

Eragon mirou-a. *Você acha que ela está fazendo uma piada?,* perguntou a Saphira.

Pergunte a ela e descubra.

Ela só responderia com outra charada.

Sem mais lanceiros por perto, Eragon, Saphira e Angela prosseguiram o caminho até o pavilhão, acompanhados de Solembum, que se juntara a eles sem que Eragon houvesse percebido. Traçando seu caminho entre pilhas de dejetos deixados pelos cavalos do cortejo do rei Orrin, a herbolária disse:

— Então me diga: fora sua luta com os Ra'zac, alguma coisa terrivelmente interessante aconteceu durante sua viagem? Você sabe como eu amo ouvir coisas *interessantes*.

Eragon sorriu, pensando nos espíritos que haviam visitado Arya e ele. Entretanto, não queria falar sobre eles, então resolveu dizer:

— Já que você está perguntando, pouquíssimas coisas interessantes aconteceram. Por exemplo, eu conheci um eremita chamado Tenga, que mora nas ruínas de uma torre élfica. Ele possui uma extraordinária biblioteca com sete..

Angela parou tão abruptamente que Eragon continuou caminhando mais alguns passos até perceber e se voltar. A bruxa parecia estupefata, como se houvesse levado um golpe pesado na cabeça. Seguindo ao lado, Solembum encostou-se nas pernas dela e levantou o olhar. Angela umedeceu os lábios e perguntou:

— Você. . — Ela tossiu uma vez. — Você tem certeza de que o nome dele era Tenga?

— Você o conhece?

Solembum sibilou, e o pêlo de suas costas se eriçou. Eragon se afastou do menino-gato, ansioso para escapar do alcance de suas garras.

— Se o conheço? — Com um sorriso amargo, Angela plantou suas mãos sobre a cintura. — Se o conheço? Bem, muito mais que isso! Eu fui aprendiz dele por. . por muitos e desafortunados anos.

Eragon jamais teria esperado que Angela, revelasse, por livre e espontânea vontade, alguma coisa a respeito de seu passado. Ansioso para saber mais, perguntou:

— Quando você o conheceu? E onde?

— Muito tempo atrás e muito longe daqui. Contudo, nos separamos de modo desagradável, e eu não o vejo há muitos e muitos anos. — Ela franziu o cenho. — Na verdade, eu imaginava que eleja estivesse morto.

Saphira então comentou:

Já que foi aprendiz de Tenga, você sabe a que pergunta ele está tentando responder?

— Não faço a menor idéia. Tenga sempre tinha uma pergunta a que estava tentando responder. Se conseguisse a resposta, imediatamente escolhia outra, e por aí vai. Talvez tenha respondido a umas cem perguntas desde a última vez em que o vi, ou quem sabe ainda não esteja rangendo os dentes tentando resolver o mesmo mistério da época que eu o abandonei.

Que era?

— Se as fases da lua influenciam a quantidade e a qualidade das opalas que se formam nas raízes das montanhas Beor, como acreditam fortemente os anões.

— Mas como alguém poderia provar isso? — objetou Eragon.

Angela deu de ombros.

— Se existe alguém que poderia provar, esse alguém é Tenga. Ele pode ser desorganizado, mas seu brilhantismo supera isso.

Ele é um homem que chuta gatos, disse Solembum, como se a frase resumisse toda a personalidade de Tenga.

Então, Angela bateu palmas e disse:

— Chega! Coma seu bolinho, Eragon, e vamos até Nasuada.

REPARAÇÃO

ocês estão atrasados — disse Nasuada quando Eragon e Angela encontraram lugares nas cadeiras dispostas em semicírculo diante do trono de espaldar alto. Também sentada lá estavam Elva e sua

tutora. Greta, a anciã que tinha implorado a Eragon em Farthen V Dûr que abençoasse o bebê órfão. Como antes, Saphira se deitou do lado de fora do pavilhão e enfiou a cabeça por uma das aberturas para poder participar da reunião. Solembum se enrascou como uma bola ao lado da sua cabeça. Parecia estar num sono profundo, se não fosse por eventuais sacudidas do rabo.

Junto com Angela, Eragon pediu desculpas pelo atraso e então escutou enquanto Nasuada

explicava para Elva o valor que suas habilidades tinham para os Varden — *Como se ela já não soubesse*, comentou Eragon com Saphira —

e lhe rogava que liberasse Eragon da promessa que ele lhe fizera de tentar desfazer os efeitos da sua bênção. Ela declarou compreender que o que estava pedindo era difícil, mas o destino de toda aquela terra estava em jogo. E não valeria a pena sacrificar o próprio bem-estar para ajudar a salvar a Alagaësia das garras malignas de Galbatorix? Foi um discurso magnífico: eloqüente, apaixonado e cheio de argumentos que procuravam apelar para os mais nobres sentimentos da criança-bruxa.

Elva, que estava com o queixinho pontudo pousado nos punhos fechados, levantou a cabeça para falar.

— Não. — Um silêncio indignado tomou conta do pavilhão. Passando seu olhar implacável de uma pessoa para outra, ela se explicou: — Eragon, Angela, vocês dois conhecem a sensação de compartilhar os sentimentos e as emoções de outra pessoa quando ela morre. Vocês sabem como é horrível, como é excruciante, como se tem a impressão de que parte de nós desapareceu para sempre. E isso é só para a morte de uma única pessoa. Nenhum de vocês dois precisa suportar essa experiência a menos que queiram, ao passo que eu. . eu não tenho escolha a não ser compartilhar de todas elas. Eu sinto todas as mortes ao meu redor. Mesmo neste instante estou sentindo a vida se esvair de Sefton, um dos seus espadachins, Nasuada, que foi ferido na Campina Ardente; e eu sei quais palavras poderia dizer a ele que reduziriam seu pavor da extinção. Seu medo é tamanho que, ai, me faz tremer! — Com um grito incoerente, ela levantou os braços para encobrir o rosto, como se quisesse rechaçar um golpe. Depois, prosseguiu: — Ah, ele se foi. Mas existem outros. Sempre haverá outros. A fila dos mortos não tem fim. — O aspecto de zombaria amarga da sua voz ficou mais forte, um arremedo da fala normal de uma criança. — Será que a senhora realmente entende, Nasuada, lady Caçadora Noturna.. Aquela Que Gostaria de Ser a Rainha do Mundo? A senhora entende de verdade? Sei de toda a agonia ao meu redor, seja física, seja mental. Sinto-a como se fosse minha, e a magia de Eragon me induz a abrandar o desconforto dos que sofrem, sem considerar o custo para mim mesma. E, se resisto ao impulso, como estou fazendo neste exato instante, meu corpo se rebela contra mim: meu estômago se torna ácido, minha cabeça lateja como se um anão estivesse martelando nela, e eu tenho dificuldade para me mexer, ainda mais para pensar. E isso o que a senhora desejaria para mim, Nasuada?

"Noite e dia não tenho uni momento de descanso que me proteja das aflições do mundo. Desde que Eragon me *abençoou*, não sei de nada a não ser dor e medo, jamais felicidade ou prazer. As coisas que tornam a existência suportável, o lado luminoso da vida, elas me são negadas. Nunca as vejo. Jamais compartilho delas. Somente da escuridão. Somente da desgraça combinada de todos os homens, mulheres e crianças no raio de um quilômetro, que me atinge com a violência de uma tempestade à meia-noite. Essa *bênção* me privou da oportunidade de ser como outras crianças. Ela forçou meu corpo a amadurecer mais rápido que o normal, e minha mente ainda mais. Eragon pode ser capaz de remover essa minha capacidade medonha e a compulsão que a acompanha, mas não poderá me fazer voltar ao que eu era, nem ao que eu deveria ser, não sem destruir o ser que me tornei. Sou uma aberração, nem criança nem adulta,

condenada para sempre a me manter isolada. Não sou cega, sabiam? Vejo como vocês se encolhem quando me ouvem falar." Ela abanou a cabeça. "Não, isso é me pedir demais. Não continuarei assim pela senhora, Nasuada, pelos Varden, pela Alagaësia inteira, nem mesmo por minha mãe querida, se ela ainda estivesse viva. Não vale a pena, por nada. Eu também poderia ir morar sozinha, para me livrar das aflições dos outros, mas não quero viver dessa forma. Não, a única solução é

que Eragon tente corrigir seu erro." Seus lábios se curvaram num sorriso irônico. "E, se vocês discordarem de mim, se me considerarem egoísta e desprovida de inteligência, ora, então seria recomendável que vocês se lembrassem de que sou pouco mais do que um bebê envolto em cueiros e que ainda não festejei meu segundo aniversário. Somente tolos esperariam que uma criancinha se martirizasse pelo bem maior. No entanto, criancinha ou não, já tomei minha decisão, e nada que vocês digam me convencerá a mudar de idéia. Quanto a isso, minha vontade é de ferro."

Nasuada argumentou um pouco mais com ela, mas, como Elva tinha garantido, seu esforço foi em vão. Por fim, Nasuada pediu a Angela, Eragon e Saphira que interferissem. Angela se recusou alegando que não conseguiria falar melhor do que Nasuada e que acreditava ser a decisão de Elva de natureza pessoal. Portanto, deveria ser permitido que a menina agisse como desejasse, sem ser acossada como uma águia por um bando de galos. Eragon era de opinião semelhante, mas consentiu em dizer algumas palavras:

— Elva, não posso lhe dizer o que você deve fazer. Só você tem como determinar isso. Mas não rejeite o pedido de Nasuada de imediato. Ela está

tentando salvar a todos nós de Galbatorix e precisa do nosso apoio se quisermos ter alguma chance de sucesso. O futuro não aparece para mim, mas creio que seu dom poderia ser a arma perfeita contra Galbatorix. Você

poderia prever cada ataque dele. Poderia nos dizer exatamente como anular suas proteções. E acima de tudo, você poderia pressentir em que pontos Galbatorix é vulnerável, onde é mais fraco e o que poderíamos fazer para ferilo.

— Cavaleiro, você vai precisar de um discurso melhor do que esse para me fazer mudar de idéia.

— Não quero fazê-la mudar de idéia — respondeu Eragon. — Só

quero me certificar de que você tenha pesado bem as implicações da sua decisão e que não esteja sendo por demais apressada.

A menina se mexeu sem sair do lugar, mas não respondeu.

O que está no seu coração, ó Fronte Luminosa?, perguntou Saphira, então.

— O que eu disse veio do coração, Saphira — respondeu Elva, em voz baixa, sem nenhum

indício de maldade. — Quaisquer outras palavras seriam redundantes.

Se Nasuada se sentiu frustrada com a obstinação de Elva, ela não deixou transparecer, embora sua expressão estivesse séria, como condizia com a conversa.

— Não concordo com sua escolha, Elva, mas vamos nos sujeitar a ela, pois está evidente que não conseguimos abalar sua convicção. Suponho que eu não possa censurá-la, já que eu mesma não tenho nenhuma experiência do sofrimento ao qual você está exposta diariamente. E, se eu estivesse no seu lugar, é possível que não agisse de modo diferente. Eragon, por favor. . Por sugestão dela, Eragon se ajoelhou diante de Elva. Os brilhantes olhos violeta penetraram nele quando ele pôs as mãozinhas da menina entre as suas, bem maiores. Elas pareciam queimar nas dele, como se a criança estivesse com febre.

— Vai doer. Matador de Espectros? — perguntou Greta, com sua voz de anciã tremendo.

— Não deveria, mas não sei ao certo. A arte da remoção de encantamentos é muito mais imprecisa do que a de lançá-los. Os magos raramente tentam uma remoção, se é que algum dia chegam a fazê-lo, por causa dos desafios que a empreitada apresenta.

Com as rugas do rosto contorcidas de preocupação, Greta afagou a cabeça de Elva.

— Ai, meu amorzinho, tenha coragem. Muita coragem — disse ela, aparentemente sem perceber o olhar de irritação que Elva lhe dirigiu. Eragon não deu atenção à interrupção.

— Elva, escute bem. Há dois métodos diferentes para romper um encantamento. Um é o mágico que lançou originalmente o encantamento se abrir para a energia que alimenta nossa magia..

— Essa é a parte que sempre me causou dificuldade — disse Angela. É por isso que dependo mais de poções, plantas e objetos mágicos em si e por si do que em fórmulas encantatórias.

— Se não se importa. .

— Sinto muito. Prossiga — disse Angela, com um sorriso no rosto.

— Tudo bem — resmungou Eragon. — Um é o mágico original se abrir..

— Ou a maga original — acrescentou Angela.

— Quer fazer o favor de me deixar terminar?

— Desculpe.

Eragon percebeu que Nasuada conteve um sorriso.

— Ele se abre então para o fluxo de energia no interior do seu corpo e, falando na língua

antiga, desdiz não apenas as palavras do encantamento, mas também a intenção por trás delas. Isso pode ser dificílimo, como se pode imaginar. Se o mágico não tiver o propósito exato, acabará alterando o encantamento original em vez de anulá-lo. E com isso teria de desfazer *dois* encantamentos entrecruzados.

"O outro método consiste em lançar um encantamento que anule diretamente os efeitos do encantamento original. Ele não elimina o encantamento original; mas, se executado corretamente, anula seus efeitos. Com sua permissão, é esse o método que pretendo usar."

— Solução extremamente elegante — proclamou Angela —, mas quem

vai fornecer, diga-me, por favor, o fluxo contínuo de energia necessária para manter esse contra-encantamento? E, já que alguém precisa perguntar, o que pode dar errado com esse método em particular?

Eragon manteve o olhar fixo em Elva.

— A energia terá de vir de você — disse ele, apertando as mãos da menina nas suas. — Não será muita, mas ainda assim reduzirá sua disposição em certo grau. Se eu fizer isso, você nunca será capaz de correr tanto ou levantar tantos pedaços de lenha quanto alguém que não lenha um encantamento semelhante escoando sua energia.

— Por que você não pode fornecer a energia? — perguntou Elva, levantando uma sobrancelha. — Afinal de contas, você é que é responsável por minha aflição.

— Eu forneceria, mas quanto mais eu me afastasse, para mim mais difícil seria fazer a energia chegar a você. E se eu me afastasse demais, digamos um quilômetro e meio ou talvez um pouco mais, o esforço me mataria. Quanto ao que pode dar errado, o único risco é o de eu criar o contra-encantamento incorretamente, e ele não anular a minha bênção por inteiro. Se isso ocorrer, eu simplesmente lançarei outro contra-encantamento.

— E se também esse for insuficiente? Eragon fez uma pausa antes de responder.

— Nesse caso, sempre posso recorrer ao primeiro método que expliquei. Eu preferiria evitá-lo, porém. Apesar de ele ser o único método para extinguir um encantamento, caso a tentativa dê errado, o que é muito possível, você poderia acabar pior do que está agora.

— Entendo — disse Elva, fazendo que sim.

— Então, tenho sua permissão para prosseguir?

Quando ela mais uma vez abaixou o queixo, Eragon respirou fundo, para se preparar. Com os olhos semicerrados por conta da intensidade da sua concentração, começou a falar na língua antiga. Cada palavra saía da sua boca com o peso de uma martelada. Ele teve o cuidado de pronunciar cada sílaba, cada som estranho à sua própria língua, para evitar um acidente potencialmente trágico. O contra-encantamento estava gravado a fogo na sua memória. Eragon

tinha passado muitas horas durante a viagem de Helgrind inventando-o, torturando-se com ele, desafiando a si mesmo para engendrar alternativas melhores, tudo na expectativa do dia em que tentaria compensar o mal que tinha causado a Elva. Enquanto falava, Saphira canalizava sua força para dentro dele, e ele sentia que ela o apoiava e o observava de perto, pronta para interferir se percebesse na mente de Eragon que ele estava prestes a deturpar a fórmula encantatória. O contra-encantamento era muito longo e muito complicado, porque Eragon tinha procurado lidar com todas as interpretações razoáveis da sua bênção. Como resultado, passaram-se cinco minutos inteiros antes que ele pronunciasse a última frase, palavra e sílaba. No silêncio que se seguiu, o rosto de Elva se anuviou pela decepção.

— Eu ainda sinto as pessoas — disse ela.

— Quem? — perguntou Nasuada, inclinando-se para a frente.

— A senhora, ele, ela, todo o mundo que está sentindo alguma dor. Eles não sumiram! O impulso de ajudar sumiu, sim, mas a agonia ainda me percorre.

— Eragon? — perguntou Nasuada, inclinando-se novamente para a frente no trono.

— Devo ter me esquecido de alguma coisa — disse ele, franzindo o cenho. — Preciso de um pouco de tempo para pensar e compor outro encantamento que possa funcionar. Há outras possibilidades que examinei, mas. . — Eragon deixou a voz ir se apagando, perturbado com o fato de o contra-encantamento não ter o desempenho esperado. Além disso, desenvolver um encantamento específico para bloquear a dor que Elva estava sentindo seria muito mais difícil do que tentar desdizer a bênção como um todo. Uma palavra errada, uma frase mal construída, e ele poderia destruir sua capacidade para a empatia, impedi-la de um dia aprender a se comunicar com sua mente ou inibir sua própria sensação de dor, de modo que ela não percebesse de imediato quando estivesse ferida.

Eragon estava consultando Saphira quando Elva disse:

— Não!

Perplexo, ele olhou para ela. Um brilho de êxtase parecia emanar de Elva. Seus dentes redondos como pérolas reluziram quando ela sorriu, os olhos faiscando com uma alegria triunfal.

— Não tente outra vez.

— Mas, Elva, por que você. .

— Porque não quero mais nenhum encantamento se alimentando da minha energia. E porque eu acabei de me dar conta de que posso não tomar conhecimento deles! — Ela se agarrava aos braços da cadeira, tremendo de empolgação. — Sem o impulso de ajudar todos os que sofrem, consigo não dar atenção aos seus problemas, e não me sinto mal! Posso deixar de lado o homem com a perna amputada; posso deixar para lá a mulher que acabou de queimar a mão

com água fervente. Posso fingir que eles não existem, e não me sinto mal por isso! É verdade que não consigo bloquear a ligação completamente, pelo menos ainda não, mas, ai, que alívio! Silêncio! Um silêncio abençoado! Chega de cortes, arranhões, contusões ou ossos fraturados. Chega das preocupações insignificantes de jovens de cabeça vazia. Chega da angústia de mulheres abandonadas ou maridos traídos. Chega dos milhares de lesões insuportáveis de uma guerra inteira. Chega do pânico excruciante que precede a escuridão final. — Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela deu uma risada, um gorgolejo rouco que arrepiou o couro cabeludo de Eragon.

Que loucura é essa?, perguntou Saphira. *Mesmo que você consiga expulsar tudo da sua mente, por que querer permanecer presa a dor dos outros quando Eragon ainda pode ser capaz de livrá-la disso tudo?*

Os olhos de Elva luziram com um prazer repugnante.

— Eu nunca vou ser como as pessoas normais. Se preciso ser diferente, então deixem que eu mantenha o que me distingue. Enquanto eu puder controlar esse poder, como parece que posso, não faço objeção a carregar esse fardo, pois será por escolha minha, não imposto por sua magia, Eragon. Rá!

De agora em diante, não servirei a ninguém, nem a coisa alguma. Se eu ajudar alguém, será porque quero ajudar. Se servir aos Varden, será porque minha consciência me diz que devo, não porque a senhora me pediu, Nasuada, nem porque vou acabar vomitando se não o fizer. Agirei como bem entender, e coitado de quem se opuser a mim, pois conheço todos os seus medos e não hesitarei em manipular esses medos para realizar meus desejos.

— Elva! — exclamou Greta. — Não diga coisas tão terríveis! Você não pode estar falando sério!

A menina se virou para ela de modo tão abrupto que seu cabelo se abriu em leque atrás dela.

— Ah, sim, eu tinha me esquecido de você, minha ama-seca. Sempre fiel. Sempre preocupada. Sou-lhe grata por você ter me adotado depois que minha mãe morreu; e pelo cuidado que me deu em Farthen Dûr, mas seu auxílio já não é necessário. Vou morar sozinha, cuidar de mim mesma e não dever obrigação a ninguém. — Intimidada, a anciã cobriu a boca com a barra de uma manga e se encolheu.

O que Elva disse deixou Eragon estarrecido. Ele decidiu que não podia permitir que ela mantivesse seu dom se fosse usá-lo de modo abusivo. Com a ajuda de Saphira, que concordou com ele quanto a esse ponto, Eragon escolheu o mais promissor dos novos contra-encantamentos que havia considerado mais cedo e abriu a boca para pronunciar as frases.

Veloz como uma cobra, Elva lhe tapou a boca com uma das mãos, impedindo-o de falar. O pavilhão estremeceu quando Saphira rosnou, quase ensurdecendo Eragon, com sua audição ampliada. Enquanto todos tremiam de medo, com exceção de Elva, que continuava a fazer pressão com a mão no rosto de Eragon, Saphira disse: *Solte-o, criança!*

Atraídos pelo rosnado de Saphira, os seis guardas de Nasuada entraram correndo, brandindo suas armas, enquanto Blödhgarm e os outros elfos seguiam velozes para se postar de cada lado dos ombros de Saphira, afastando a parede da tenda para poderem ver o que estava acontecendo. Nasuada fez um gesto, e os Falcões da Noite baixaram as armas, mas os elfos permaneceram preparados para entrar em ação, com suas espadas reluzindo como gelo.

Nem a comoção que havia criado nem as espadas voltadas para ela pareciam perturbar Elva. Inclinou a cabeça e olhou para Eragon como se ele fosse um besouro diferente que ela tivesse encontrado se arrastando pela beira da cadeira. E, então, sorriu com uma expressão tão doce, inocente, que ele perguntou por que não tinha uma fé maior no caráter da menina.

— Eragon — disse ela, numa voz doce como o mel —, pare! Se você

lançar esse encantamento, vai me prejudicar como me prejudicou antes. Não é

isso o que você quer. Todas as noites, quando for se deitar para dormir, você

pensará em mim, e a lembrança do erro cometido o atormentará. O que você

estava prestes a fazer era errado, Eragon. Você é o juiz do mundo? Vai me condenar sem que eu tenha cometido crime algum apenas porque não aprova minha atitude? É por esse caminho que se chega ao prazer depravado de controlar os outros para sua própria satisfação. Galbatorix aprovaria. Nesse momento, ela o liberou, mas Eragon estava abalado demais para se mexer. Elva o atingira em seu cerne, e ele não tinha argumentos aos quais pudesse recorrer para se defender, pois os questionamentos e observações da menina eram exatamente os que ele fazia para si mesmo. A compreensão que Elva tinha dele fez com que um calafrio lhe percorresse a espinha.

— Sou também grata a você, Eragon, por vir aqui hoje corrigir seu erro. Nem todo o mundo está tão disposto a reconhecer e encarar suas falhas. No entanto, você não conquistou minhas boas graças hoje. Você tentou endireitar os pratos da balança da melhor forma possível, mas isso é somente o que qualquer pessoa decente deveria ter feito. Você não me compensou por tudo aquilo que passei, nem tem como fazê-lo. Portanto, quando nossos caminhos se cruzarem novamente, Eragon Matador de Espectros, não me considere nem amiga nem inimiga. Minha disposição para com você, Cavaleiro, é ambivalente. Estou tão preparada para odiá-lo quanto para amálo. Caberá apenas a você decidir o que virá a ser. . Saphira, você me deu a estrela sobre minha fronte e sempre foi generosa comigo. Sou e sempre serei sua fiel criada.

Levantando o queixo para atingir sua altura máxima de pouco mais de um metro de altura, Elva examinou o interior do pavilhão.

— Eragon, Saphira, Nasuada. . Angela. Bom-dia. — E com isso, ela seguiu majestosa na direção da entrada. Os Falcões da Noite abriram espaço quando ela passou entre eles e saiu da tenda.

Sentindo-se meio tonto, Eragon se levantou.

— Que tipo de monstro eu criei? — Os dois Urgals que eram Falcões da Noite tocaram as pontas dos seus chifres, que Eragon sabia ser seu modo de se precaver do mal. Dirigiu-se então para Nasuada: — Sinto muito. Parece que só piorei as coisas para você. . e para todos nós.

Calma como um lago nas montanhas, Nasuada arrumou as vestes antes de responder.

— Não faz diferença. O jogo se tornou um pouco mais complicado, só

isso. É o que se deve esperar à medida que nos aproximarmos de Urû'baen e Galbatorix.

Daí a um instante, Eragon ouviu o som de um objeto que vinha voando na sua direção. Ele se encolheu, mas, por mais veloz que fosse, foi lento demais para evitar um tapa doloroso que atirou sua cabeça para um lado e o fez cambalear contra uma cadeira. Ele rolou para o outro lado do assento e se pôs de pé de um salto, com o braço esquerdo levantado para se proteger de um golpe iminente, o braço direito puxado para trás, pronto para contraatacar com a faca de caça que tinha arrancado do cinto durante a manobra. Para seu espanto, ele viu que era Angela que o tinha agredido. Os elfos estavam reunidos alguns centímetros atrás da vidente, prontos para subjugá-la se ela voltasse a atacá-lo ou para levá-la dali sob escolta caso Eragon desse a ordem. Solembum estava aos seus pés, mostrando dentes e garras, com o pêlo todo eriçado.

Naquele instante, Eragon não deu a mínima para os elfos. Por que você

fez isso? — perguntou ele, encolhendo-se quando seu lábio inferior se esticou, rasgando a carne. O sangue morno, de gosto metálico, escorreu pela garganta abaixo.

Angela empinou o nariz.

— Agora vou ter de passar os próximos dez anos ensinando Elva a se comportar! Não era isso o que eu tinha em mente para a próxima década!

— Ensiná-la? — estranhou Eragon. — Ela não vai permitir. Ela vai conseguir deter você com a mesma facilidade com que me deteve.

— Hã. Não é provável. Ela não sabe o que me perturba, nem o que poderia chegar a me ferir. Eu me certifiquei disso no dia em que ela e eu nos conhecemos.

— E você compartilharia conosco esse encantamento? — perguntou Nasuada. — Depois destes últimos desdobramentos, parece prudente que nós tenhamos um meio para nos protegermos de Elva.

— Não, acho que não — respondeu Angela. E, então, também ela saiu decidida do pavilhão, e Solembum foi atrás, meneando a cauda com extrema elegância.

Os elfos embainharam as espadas e se retiraram para uma distância discreta da tenda.

Nasuada esfregou as têmporas com movimentos circulares.

— Magia disse ela, em tom de maldição.

— Magia — concordou Eragon.

Os dois se sobressaltaram quando Greta se lançou ao chão e começou a chorar e a se lamuriar enquanto tentava arrancar os cabelos ralos, dava tapas no próprio rosto e quase rasgava o corpete.

— Ai, minha pobre queridinha! Perdi meu cordeirinho! Perdi! O que vai acontecer com ela, sozinha neste mundo? Ai, que desgraça, rejeitada por minha florzinha querida. É um pagamento vergonhoso por todo o trabalho que tive, curvando as costas como uma escrava. Que mundo duro e cruel é

esse, que sempre rouba a felicidade da gente. — Ela gemeu. — Meu amorzinho. Minha flor. Meu docinho. Foi embora! Sem ninguém para olhar por ela. . Matador de Espectros! Você vai olhar por ela?

Eragon a segurou pelo braço e a ajudou a ficar em pé, consolando-a com promessas de que ele e Saphira manteriam Elva sob vigilância cerrada. *Principalmente*, como disse Saphira a Eragon, *porque ela poderia tentar enfiar uma faca entre nossas costelas.*

PRESENTES DE OURO

ragon estava em pé ao lado de Saphira, a cinqüenta metros do pavilhão carmesim de Nasuada. Feliz por estar livre de toda a agitação em torno de Elva, levantou o olhar em direção ao límpido céu azul e fez um movimento com os ombros, já cansado dos E eventos do dia. Saphira tinha a intenção de voar até o rio Jiet para se banhar em suas águas profundas e tranqüilas, mas as intenções de Eragon eram mais indefinidas. Ainda estava precisando passar óleo em sua armadura, preparar-se para o casamento de Roran e Katrina, visitar Jeod, arranjar uma espada decente e também.. Cocou o queixo.

Quanto tempo você estará fora?, perguntou ele.

Saphira abriu as asas em preparação para o vôo. *Algumas horas. Estou faminta. Assim que estiver limpa, vou pegar uns dois ou três desses veados gorduchos que vi mastigando grama na margem oeste do rio. Mas os Varden caçaram tantos deles que talvez eu tenha de voar mais alguns quilômetros em direção à Espinha para encontrar alguma caça digna de ser abatida.*

Não vá tão longe, aconselhou ele, *ou poderá encontrar forças do Império. Não vou, mas se*

eu cruzar com um grupo de soldados solitários. . Ela lambeu os beiços. *Bem que eu gostaria de um combate rápido. Além disso, o sabor dos humanos é tão bom quanto o dos veados.*

Saphira, você não faria isso!

Os olhos dela brilharam. *Talvez sim, talvez não. Vai depender de estarem usando armaduras ou não. Odeio morder metal, e arrancar minha comida de dentro de uma concha também é muito desagradável.*

Entendo. Ele olhou de relance para o elfo mais próximo, uma mulher alta de cabelo prateado. *Os elfos não vão permitir que você vá sozinha. Você permite que dois deles montem em você? Do contrário, vai ser impossível eles manterem seu ritmo. Hoje não. Hoje eu vou caçar sozinha!* Ela sacudiu as asas e decolou, pairando alto no céu. Ao tomar a direção oeste, para o rio Jiet, sua voz soou na mente dele, mais fraca por causa da distância. *Quando eu voltar, nós vamos voar juntos, não vamos, Eragon?*

Sim, quando você voltar, vamos voar juntos, só nós dois. O prazer que ela demonstrou ao ouvir aquilo fez com que ele sorrisse enquanto a observava voar como uma flecha rumo a oeste.

Eragon baixou os olhos quando Blödhgarm correu até ele, ágil como um gato selvagem. O elfo perguntou para onde Saphira estava indo e pareceu ter ficado insatisfeito com a resposta de Eragon, mas se tinha alguma objeção manteve consigo.

— Certo — disse Eragon para si quando Blödhgarm juntou-se novamente a seus companheiros. — Primeiro as coisas principais.

Perambulou pelo acampamento até encontrar um grande quadrado descampado onde uns trinta Varden estavam praticando o uso de uma variedade de armas. Para seu alívio, estavam muito ocupados treinando para reparar na sua presença. Agachou-se e colocou a palma da mão direita para cima sobre a terra pisada. Escolheu as palavras da língua antiga que precisaria e murmurou:

— Kuldr, reisa lam iet un malthinae unin böllr.

O solo ao lado de sua mão parecia quieto, embora ele pudesse sentir o encanto remexendo a terra por dezenas de metros em todas as direções. Em não mais do que cinco segundos, a superfície da terra começou a cozinhar como uma panela de água esquecida sobre o fogo, adquirindo um brilho amarelo. Eragon aprendera com Oromis que independentemente do local onde uma pessoa está, a terra certamente conterá minúsculas partículas de quase todos os elementos, e apesar de serem muito pequenos e espalhados demais para serem extraídos pelo método tradicional, o mago experiente poderia, com grande esforço, retirá-los.

Do centro do local amarelado, uma fonte de terra resplandecente começou a jorrar para a palma da mão de Eragon. Lá, cada grão de poeira brilhante se grudou em outro até que três esferas de ouro puro, cada uma do tamanho de uma avelã graúda, apareceram em sua mão.

— Letta — disse Eragon, e lançou a magia. Sentou-se sobre os calcanhares e abraçou-se contra o chão ao ser inundado por uma onda de cansaço. Sua cabeça pendeu para a frente, suas pálpebras fecharam-se quase por inteiro e sua visão tremeluziu e fraquejou. Respirou fundo e contemplou as esferas lisas como espelhos em sua mão enquanto esperava sua força retornar. *Tão bonitinhas,* pensou ele. *Se ao menos eu pudesse ter feito isso quando estávamos morando no vale Palancar. . Seria até mais fácil extrair o ouro. Um encanto não me sugava tanta energia desde que eu carreguei Sloan do topo de Helgrind até o chão.* Embolsou o ouro e seguiu em direção ao acampamento. Encontrou uma tenda-cozinha e comeu um farto almoço, do qual estava bastante necessitado depois de lançar tantos encantos árduos. Então, encaminhou-se para a área onde os aldeões de Carvahall estavam acampados. Assim que se aproximou, ouviu o som de metal batendo contra metal. Curioso, foi naquela direção.

Eragon passou em torno de urna fileira de carroças estacionadas ao longo da entrada da ruela e viu Horst, em pé em um intervalo de nove metros entre as tendas, segurando uma das extremidades de uma barra de aço de mais ou menos um metro e meio. A outra extremidade da barra era de um vermelho vivo e descansava sobre uma enorme bigorna de mais ou menos oitenta quilos, fincada no topo de um cepo largo e baixo. De cada lado da bigorna, os filhos massudos de Horst, Albriech e Baldor, se revezavam em acertar o aço com martelos que lançavam de cima de suas cabeças em robustos golpes circulares. Uma forja improvisada brilhava alguns metros atrás da bigorna.

As marteladas eram tão barulhentas que Eragon manteve distância até

que Albriech e Baldor tivessem terminado de malhar o aço e Horst tivesse colocado a barra de volta à forja. Acenando com seu braço livre, Horst disse:

— Oi, Eragon! — Então ergueu um dedo, antecipando a resposta do

Cavaleiro, e puxou um pino de lã felpuda da orelha esquerda: — Ah, agora eu consigo ouvir novamente. O que o traz aqui, Eragon? — Enquanto falava, seus filhos pegaram mais carvão em um balde, jogaram na forja e começaram a arrumar as pinças, martelos, moldes e outras ferramentas que estavam no chão. Os três homens estavam encharcados de suor.

— Queria saber o que estava causando tamanha agitação — disse Eragon. — Devia ter imaginado que só podia ser você. Ninguém, a não ser alguém de Carvahall, pode criar um tumulto tão grande.

Horst riu até sua alegria se esgotar, sua espessa barba em pontas apontando para o céu.

— Ah, isso desperta meu orgulho, se desperta! E não é que você é a verdade viva disso?

— Bem, somos — respondeu Eragon. — Você, eu, Roran, todos de Carvahall. A Alagaësia jamais será a mesma quando não existirmos mais. —

Fez um gesto na direção da forja e dos outros equipamentos. — Por que vocês estão aqui? Pensei que todos os ferreiros estivessem..

— Estão, Eragon. Estão. Mas eu convenci o capitão encarregado dessa parte do acampamento a me deixar trabalhar perto de nossa tenda. Horst passou a mão na ponta da barba. — E por causa de Elain, você sabe. Essa criança, as coisas não vão bem para ela, e não é nenhuma surpresa, considerando tudo o que nós passamos para chegar aqui. Ela sempre foi delicada, e agora eu me preocupo com... bem.. — Ele se balançou como um urso se livrando de moscas. — Talvez você pudesse dar uma olhada quando tiver uma chance, e ver se consegue aliviar o desconforto dela.

— Farei isso — prometeu Eragon.

Com um grunhido de satisfação, Horst retirou a barra da brasa para examinar melhor a cor do aço. Mergulhando-a de volta ao centro do fogo, moveu a barba na direção de Albriech. — Agora, coloca um pouco de ar. Já

está quase pronto. — Quando Albriech começou a inflar os foles de couro, Horst deu um sorrisinho na direção de Eragon. — Quando eu contei para os Varden que era ferreiro, eles ficaram tão contentes que alguém poderia até

imaginar que eu era outro Cavaleiro de Dragão. Eles não têm metalúrgicos suficientes, você sabe. E eles me deram todas as ferramentas que me faltavam, incluindo aquela bigorna. Quando saímos de Carvahall, eu chorei com a perspectiva de nunca mais praticar novamente meu ofício. Não sou especialista em espada, mas aqui, ah, aqui tem trabalho suficiente para manter Albriech, Baldor e a mim ocupados pelos próximos cinqüenta anos. O

pagamento não é tão bom, mas pelo menos não estamos esticados em algum ecúleo nos calabouços de Galbatorix.

— Ou os Ra'zac poderiam estar mastigando nossos ossos — observou Baldor.

— Isso também. — Horst fez um gesto para seus filhos pegarem, novamente o martelo e, então, segurando o pino de feltro ao lado da orelha esquerda, disse: — Deseja algo mais, Eragon? O aço está pronto, e eu não posso deixá-lo por mais tempo no fogo sem enfraquecê-lo.

— Você sabe onde está Gedric?

— Gedric? — O sulco entre as sobrancelhas de Horst se acentuou. Ele deveria estar praticando com a espada e a lança com os outros homens, a uns quatrocentos metros daqui, naquela direção. — Horst apontou com o polegar.

Eragon agradeceu e partiu na direção que Horst havia indicado. Recomeçara o barulho repetitivo de metal contra metal, límpido como o repique de um sino, agudo e penetrante como uma agulha de vidro golpeando o ar. Eragon cobriu os ouvidos e sorriu. Ficou reconfortado por Horst ter recuperado sua determinação e porque, embora houvesse perdido sua fortuna e seu lar, ainda era a mesma pessoa que Eragon conhecera em Carvahall. De alguma maneira, a confiança e a resistência do ferreiro renovaram sua crença de que, se ao menos pudessem

depor Galbatorix, tudo terminaria bem no final, e sua vida e dos aldeões de Carvahall voltariam a ter a aparência de normalidade.

Eragon logo chegou ao campo onde os homens de Carvahall estavam

praticando com suas novas armas. Gedric estava lá, como Horst havia sugerido, treinando com Fisk, Darmmen e Morn. Uma rápida palavra de Eragon bastou para que o veterano de armadura que estava liderando o treinamento permitisse um temporário desligamento de Gedric.

O curador correu ria direção de Eragon e postou-se à sua frente, olhando para o chão. Ele era baixo e escuro. Possuía a mandíbula de um mastim, pesadas sobrancelhas e braços espessos e deformados de tanto mexer nos malcheirosos tonéis onde curtia suas peles. Embora estivesse longe de ser bem-apessoado, Eragon sabia que ele era um homem gentil e honesto.

— O que posso fazer por você, Matador de Espectros? — murmurou

Gedric.

— Você já fez. E eu vim aqui para agradecer-lhe e recompensá-lo.

— A mim? Como eu o ajudei, Matador de Espectros? — Ele falava lenta e cautelosamente, como se temesse uma armadilha da parte de Eragon.

— Logo depois que eu fugi de Carvahall, você descobriu que alguém havia roubado três peles de boi do barracão de secagem perto dos tonéis. Estou certo?

O rosto de Gedric transparecia constrangimento, e ele mexia os pés sem parar.

— Ah, bem, eu não tranquei aquele barracão, você sabe. Alguém pode ter entrado e carregado aquelas peles. Além do mais, com tudo o que aconteceu desde então, eu não consigo ver tanta importância nisso. Destruí

grande parte de meu estoque antes de nos aquartelarmos na Espinha para impedir que o Império e aqueles Ra'zac nojentos colocassem suas garras em alguma coisa utilizável. Quem quer que tenha levado aqueles couros me livrou de ter de destruir três a mais. Então, o que passou, passou. Deixa estar.

— Talvez — disse Eragon —, mas eu ainda me sinto no dever de lhe contar que fui eu quem roubou suas peles.

Então, Gedric olhou para ele como se ele fosse uma pessoa comum. Olhou sem medo, adoração ou respeito indevido. Era como se o curtidor estivesse reavaliando sua opinião a respeito de Eragon.

— Eu as roubei, e não tenho orgulho disso, mas eu precisava das peles. Sem elas, duvido que

tivesse sobrevivido para alcançar os elfos em Du Weldenvarden. Eu sempre preferi pensar que havia tomado de empréstimo as peles, mas a verdade é que eu as roubei e não tinha nenhuma intenção de devolvê-las. Assim, peço-lhe desculpas. E já que continuo com as peles, ou com o que restou delas, parece que a única coisa certa a fazer é pagar por elas.

— De dentro do cinto, Eragon removeu uma das esferas de ouro, dura, redonda e morna devido ao calor de seu corpo, e entregou a Gedric. Gedric olhou para a reluzente esfera de metal, sua enorme mandíbula cerrada, as rugas em torno de sua boca de lábios finos, rígidas e inflexíveis. Ele não insultou Eragon sopesando a pedra em sua mão, nem mordendo-a, mas quando resolveu falar, disse:

— Não posso aceitar isso, Eragon. Eu era um bom curtidor, mas o couro que eu fazia não valia tanto. Sua generosidade é muita, mas eu ficaria aborrecido se ficasse com esse ouro. Eu não teria a sensação de ter ganhado isso.

Nem um pouco surpreso, Eragon disse:

— Você negaria a outro homem a oportunidade de regatear por um preço justo?

— Não.

— Bom. Então não vai poder me negar isso. A maioria das pessoas regateia para baixo. Nesse caso, eu escolhi regatear para cima, mas vou insistir com afinco, como se estivesse tentando poupar um punhado de moedas. Para mim, as peles valem cada grama desse ouro, e eu não lhe pagaria um cobre a menos, nem mesmo se você colocasse uma faca no meu pescoço.

Os dedos grossos de Gedric se fecharam em torno da esfera de ouro.

— Já que você insiste, não serei tão grosseiro a ponto de recusar. Ninguém poderá dizer que Gedric Ostvensson deixou a boa sorte escapar porque ele estava muito ocupado protestando a sua própria miséria. Meus agradecimentos. Matador de Espectros. — Ele colocou a esfera numa bolsinha em seu cinto e envolveu o ouro numa capa de lã para protegê-lo de arranhões. — Garrow fez um bom trabalho com você, Eragon. Ele fez um bom trabalho tanto com você quanto com Roran. Ele pode ter sido azedo como vinagre e duro e seco como uma rutabaga, mas os criou muito bem. Acho que ele ficaria orgulhoso de vocês.

Uma inesperada emoção apertou o peito de Eragon.

Ao se virar para retornar à companhia dos outros homens, Gedric parou e disse:

— Se me permite perguntar, Eragon, por que aquelas peles foram tão importantes para você? Em que você as usou?

Eragon deu uma risada.

— Em que eu as usei? Bem, com a ajuda de Brom, eu fiz uma sela para Saphira com elas. Ela

não a usa mais como antes, não depois que os elfos nos deram uma sela de dragão mais adequada, mas nos serviu muito bem em muitas enrascadas e combates. Inclusive na batalha de Farthen Dûr. Estupefato, Gedric ergueu as sobrancelhas, expondo uma pele pálida que normalmente ficava escondida em dobras profundas. Como uma pedra de granito se partindo em dois, um amplo sorriso se espalhou por sua mandíbula, transformando suas feições.

— Uma sela! — disse ele, ofegante — Imagine! Eu curti o couro para a sela de um Cavaleiro! E não tem nada a ver com o que eu estava fazendo naquela época, não mesmo! Não, não *um* Cavaleiro, *o* Cavaleiro. O que vai finalmente subjugar o tirana Se ao menos meu pai pudesse me ver agora! —

Batendo os calcanhares Gedric fez um pequeno improviso de dança. Com o sorriso imutável, fez uma mesura para Eragon e trotou de volta para seu lugar entre os aldeões, onde começou a contar sua história para todos que estavam por perto.

Ansioso para escapar antes que o povo se jogasse em cima dele, Eragon deslizou por entre as fileiras de tendas, satisfeito com o que conseguira realizar. *Pode demorar um pouco*, pensou ele, *mas eu sempre acerto minhas dívidas.* Logo chegou a outra tenda, perto da extremidade leste do acampamento. Bateu no pilar entre as duas abas frontais.

Com um som agudo, o frontão foi jogado para o lado e apareceu Helen, a esposa de Jeod, em pé na entrada. Ela olhou para Eragon com uma expressão fria.

— Você veio para falar com ele, suponho.

— Se ele estiver aqui. — O que Eragon sabia perfeitamente bem porque podia sentir a mente de Jeod com tanta clareza quanto a de Helen. Por um instante, ele pensou que a mulher pudesse negar a presença de seu marido, mas então ela deu de ombros e saiu da frente.

— Por que não entra, então?

Eragon encontrou Jeod sentado em um banquinho examinando uma coleção de pergaminhos, livros de papéis soltos que estavam empilhados sobre um catre desprovido de cobertores. Finos fios de cabelo pendiam na testa de Jeod, imitando a curva da cicatriz que ia do couro cabeludo até a têmpora esquerda.

— Eragon! gritou ele, assim que o viu, as rugas de concentração em seu rosto tornando-se menos visíveis. — Bem-vindo, bem-vindo! — Ele apertou a mão de Eragon e em seguida lhe ofereceu o banquinho. — Aqui está, eu vou sentar no canto do catre. Não, por favor, você é nosso convidado. Gostaria de algo para comer ou para beber? Nasuada nos dá uma porção extra, então não se contenha por medo de nos deixar famintos por sua causa. Não é nada comparado ao que nós lhe servimos em Teirm, mas ninguém deve ir para a guerra esperando comer bem. Nem mesmo um rei.

— Uma xícara de chá seria ótimo — disse Eragon.

— Chá com biscoitos, então. —Jeod olhou para Helen.

Helen arrancou a chaleira do chão, aconchegou-a sobre o colo, encaixou a abertura da bolsa de água no bico da panela e apertou. A chaleira reverberou com um leve rugido assim que a corrente líquida atingiu o fundo. Os dedos de Helen seguraram com firmeza a bolsa, restringindo o fluxo a um langoroso gotejar. Ela permaneceu assim, com a aparência distante de uma pessoa desempenhando uma tarefa desagradável à medida que as gotas de água batiam de maneira enlouquecida contra o fundo da chaleira.

Um sorriso de quem parece estar se desculpando iluminou o rosto de Jeod. Ele mirava um pedaço de papel ao lado do joelho enquanto esperava Helen terminar o processo. Eragon analisava um vinco no flanco da tenda. O bombástico gotejar continuou por mais uns três minutos.

Quando a chaleira finalmente ficou cheia, Helen removeu a bolsa inflada do bico, pendurou-a em um gancho fincado no pilar central da tenda e foi embora às pressas.

Eragon ergueu uma sobrancelha para Jeod.

Jeod abriu as mãos.

— Minha posição com os Varden não e tão proeminente quanto era o seu desejo, e ela me culpa por isso. Concordou em fugir de Teirm comigo na esperança de que, pelo menos é o que eu acho, Nasuada me colocasse entre seus conselheiros mais próximos, ou me desse terras e riqueza compatíveis com as de um lorde ou mesmo outra recompensa extravagante pela minha ajuda em roubar o ovo de Saphira há tantos anos. O que Helen não esperava era a vida simplória de um espadachim comum: dormir em uma tenda, fazer sua própria comida, lavar suas roupas e por aí vai. Não que riqueza e status sejam suas únicas preocupações, mas você precisa entender que ela nasceu em uma das famílias mais ricas do ramo de navegação em Teirm, e em nosso casamento eu não tive nenhum sucesso nas minhas empreitadas. Ela não está

acostumada a tais privações, e ainda precisa enxergá-las com bons olhos. —

Os ombros subiam e desciam alguns centímetros. — Minha esperança era que essa aventura, se é que isso merece um termo tão romântico, estreitasse as fissuras que se abriram entre nós nos últimos anos, mas, como sempre, nada nunca é tão simples quanto parece.

— Você *acha* que os Varden deveriam demonstrar mais consideração para com você? — perguntou Eragon.

— Para mim, não. Para Helen. . — Jeod hesitou. — Eu quero que ela seja feliz. Minha recompensa foi escapar de Gil'ead com vida quando Brom e eu fomos atacados por Morzan, seu dragão e seus homens; foi a satisfação de saber que eu havia ajudado a dar um golpe certeiro em Galbatorix; foi retornar à minha vida anterior e ainda assim continuar ajudando a causa dos Varden; e foi casar com Helen. Essas foram as minhas recompensas, e estou mais do

que contente com elas. Qualquer dúvida quanto a isso e eu teria sumido assim que vi Saphira voar por cima da fumaça da Campina Ardente. Contudo, não sei o que fazer a respeito de Helen. Mas, estou esquecendo, esses não são seus problemas. Eu não deveria jogá-los sobre você.

Eragon tocou um pergaminho com a ponta do indicador.

— Então me diga, por que tantos papéis? Você virou copista?

A questão divertiu Jeod.

— Pouquíssimo provável, embora o trabalho que eu faça seja freqüentemente tão entediante quanto. Como fui eu que descobri a passagem secreta para o castelo de Galbatorix em Urû'baen e consegui trazer comigo alguns dos livros raros da biblioteca de Teirm, Nasuada me designou para procurar fraquezas similares nas outras cidades do Império. Se eu pudesse achar alguma menção de um túnel que passasse por baixo das muralhas de Dras-Leona, por exemplo, talvez pudéssemos evitar algum banho de sangue.

— Onde você está procurando?

— Em todos os lugares possíveis. — Jeod jogou para trás os fios de cabelo que pendiam de sua testa. — Histórias, mitos, lendas, poemas, canções, tratados religiosos; os escritos dos Cavaleiros, dos magos, dos peregrinos, de loucos, de potentados obscuros, de diversos generais, de qualquer pessoa que possa ter algum conhecimento de uma porta oculta ou de um mecanismo secreto ou algo dessa natureza que pudéssemos usar a nosso favor. A quantidade de material que tenho para garimpar é imensa, já que todas as cidades existem há centenas de anos, e algumas precedem inclusive a chegada dos humanos na Alagaësia.

— Há alguma probabilidade de você encontrar alguma coisa?

— Não, nenhuma. Nunca é provável que você tenha sucesso em fuçar os segredos do passado. Mas eu ainda posso conseguir, se tiver tempo suficiente. Não tenho dúvida de que o que eu estou procurando existe em cada uma das cidades; elas são muito velhas para *não* possuírem caminhos ocultos em suas muralhas. Entretanto, é outra questão totalmente diferente se existem ou não *registros* desses caminhos e se nós possuímos esses registros. Pessoas que sabem da existência de alçapões escondidos e coisas parecidas normalmente querem reter a informação. — Jeod agarrou um punhado de papéis perto dele e aproximou-os de seu rosto, então bufou e jogou os papéis para longe. — Estou tentando resolver charadas inventadas por pessoas que não queriam que elas fossem resolvidas.

Ele e Eragon continuaram conversando sobre outros assuntos menos importantes até que Helen reapareceu carregando três canecas fumegantes de chá de trevo-dos-prados. Quando Eragon aceitou sua caneca, reparou que a irritação da mulher parecia arrefecida, e ele imaginou se ela estivera ouvindo o que Jeod dissera a seu respeito. Ela estendeu a caneca a Jeod e, de algum lugar atrás de Eragon, pegou um pratinho com biscoitos e um potinho de mel. Então, afastou-se alguns passos e ficou encostada ao pilar central, bebericando sua caneca.

Como ditava a boa educação, Jeod esperou até que Eragon pegasse um biscoito do pratinho e consumisse um pedaço para dizer:

— A que devo o prazer de sua companhia, Eragon? A menos que eu

esteja enganado, essa não é uma visita para passar o tempo.

Eragon bebericou o chá.

— Depois da batalha da Campina Ardente, eu prometi que lhe diria como Brom havia morrido. Foi por isso que eu vim.

Uma palidez acinzentada substituiu a cor nas bochechas de Jeod.

— Ah. .

— Eu não preciso dizer, se você não quiser — falou rapidamente Eragon.

Com esforço, Jeod balançou a cabeça.

— Não, eu quero. Você apenas me pegou de surpresa.

Como Jeod não pediu a Helen que se retirasse, Eragon ficou na dúvida se deveria prosseguir, mas então decidiu que não importava se Helen ou qualquer outra pessoa ouvisse a história. Com uma voz lenta e determinada, Eragon começou a narrar os acontecimentos desde que ele e Brom saíram da casa de Jeod. Ele descreveu o encontro deles com o grupo de Urgals, a busca pelos Ra'zac em Dras-Leona, como os Ra'zac os haviam emboscado do lado de fora da cidade e como os Ra'zac haviam esfaqueado Brom enquanto fugiam do ataque de Murtagh.

A garganta de Eragon se comprimiu quando falou das últimas horas de Brom; da fria caverna de arenito onde se deitara; da sensação de desamparo que o acometera enquanto testemunhava o fim de Brom; do cheiro de morte que penetrara o ar seco; das últimas palavras de Brom; do túmulo de arenito que Eragon fizera com magia e de como Saphira o havia transformado em diamante puro.

— Se ao menos eu soubesse o que sei hoje — disse Eragon —, eu poderia tê-lo salvado. Ao contrário. . — Incapaz de expulsar as palavras de sua garganta apertada, esfregou os olhos e bebeu o chá. Desejou uma bebida mais forte.

Um suspiro escapou de Jeod.

— E assim Brom se foi. Pena que estejamos muito piores sem ele. Contudo, se pudesse escolher sua morte, acho que ele escolheria morrer assim mesmo, a serviço dos Varden, defendendo o último Cavaleiro de Dragão livre.

— Você estava ciente de que ele próprio havia sido um Cavaleiro? Jeod assentiu com a cabeça.

— Os Varden me contaram antes de eu conhecê-lo.

— Ele parecia ser um homem que pouco revelava sobre si mesmo —

observou Helen.

Jeod e Eragon riram.

— Ele realmente era assim — disse Jeod. — Eu ainda não superei o choque de ver você, Eragon, e ele em pé na soleira de nossa porta. Brom sempre manteve sua própria opinião, mas nós ficamos amigos íntimos quando viajamos juntos, e eu não consigo entender por que me levou a acreditar que estava morto havia quanto tempo? Dezesseis, dezessete anos? Muito tempo. E

mais, como foi Brom que entregou o ovo de Saphira aos Varden depois de acabar com Morzan em Gil'ead, os Varden não podiam exatamente me contar que eles estavam com o ovo sem revelar que Brom ainda estava vivo. Então, eu passei a maior parte de duas décadas convencido de que a maior aventura de minha vida havia fracassado e que, como resultado, nós havíamos perdido nossa única esperança de ter um Cavaleiro de Dragão para nos ajudar a derrotar Galbatorix. Saber disso não foi uma carga leve, eu lhe garanto. . Com uma das mãos, Jeod esfregou a testa.

— Quando eu abri nossa porta e percebi para quem eu estava olhando, pensei que os fantasmas de meu passado haviam vindo me assustar. Brom disse que se manteve escondido para garantir que ainda estaria vivo para treinar o novo Cavaleiro quando ele ou ela surgisse, mas sua explicação jamais me satisfez inteiramente. Por que era necessário que ele se afastasse de quase todos que conhecia ou gostava? Do que tinha medo? O que estava protegendo?

Jeod dedilhou a asa de sua caneca.

— Não tenho como provar, mas me parece que Brom deve ter descoberto alguma coisa em Gil'ead quando estava lutando contra Morzan e seu dragão, alguma coisa tão decisiva que o fez abandonar tudo o que era a sua vida até aquele momento. E uma conjectura, devo admitir, mas não consigo entender as ações de Brom a não ser postulando que havia um segredo que nunca compartilhou comigo nem com qualquer outra alma viva. Novamente Jeod suspirou, e passou a mão por seu longo rosto.

— Depois de tantos anos separados, eu esperava que Brom e eu pudéssemos montar juntos novamente, mas parece que o destino tinha outras idéias. E perdê-lo uma segunda vez apenas duas semanas após descobrir que ainda estava vivo foi uma crueldade da vida. — Helen passou por Eragon e ficou ao lado de Jeod, tocando-o no ombro. Ele lhe ofereceu um sorriso amargo e passou um braço por sua cintura fina. — Estou contente por você e Saphira terem

dado a Brom um túmulo que até mesmo um rei anão invejaria. Ele merecia isso e muito mais por tudo o que fez pela Alagaësia. Embora eu tenha a horrível suspeita de que assim que descobrirem seu túmulo, as pessoas não hesitarão era quebrá-lo para ficar com o diamante.

— Se fizerem isso, lamentarão — murmurou Eragon. Ele estava decidido a voltar ao local na primeira oportunidade para colocar uma proteção em volta do túmulo de Brom para evitar a ação de ladrões de túmulos. —

Além disso, estarão muito ocupados caçando lírios de ouro para se preocuparem com Brom.

— O quê?

— Nada. Não é importante. — Os três bebericaram seus chás. Helen deu uma mordida em um biscoito. Então, Eragon perguntou: — Você se encontrou com Morzan, não?

— Não foram ocasiões das mais amigáveis, mas me encontrei com ele, sim.

— Como ele era?

— Como pessoa? Eu realmente não poderia dizer, embora esteja bastante familiarizado com relatos de suas atrocidades. Todas as vezes que Brom e eu cruzamos com ele, estava tentando nos matar. Ou melhor, nos capturar, torturar e *depois* nos matar. Em nenhuma das vezes foi possível estabelecer um relacionamento mais estreito. — Eragon estava concentrado demais para participar do humor do amigo. Jeod se mexeu no catre. — Como soldado, Morzan era aterrorizante. Nós passávamos uma boa parte de nosso tempo fugindo dele, se eu me lembro bem.. dele e de seu dragão. Poucas coisas são tão assustadoras quanto ter um dragão enraivecido caçando você.

— Como era a aparência dele?

— Você parece excessivamente interessado nele.

Eragon pestanejou.

— Estou curioso. Ele foi o último dos Renegados a morrer, e Brom foi quem o matou. E agora o filho de Morzan é meu inimigo mortal.

— Deixe-me ver — disse Jeod. — Ele era alto, tinha ombros largos, seus cabelos eram escuros como as penas dos corvos, e seus olhos eram de cores diferentes. Um era azul e o outro era preto. Não tinha barba, e lhe faltava a ponta de um dos dedos, não sei qual. Bem-apessoado ele era, de um modo cruel e arrogante, e quando falava, era muito carismático. Sua armadura estava sempre brilhando de tão polida, fosse a malha ou o peitoral, como se não tivesse receio de ser avistado por algum inimigo, que eu suponho que não tivesse. Quando ria, parecia que estava sentindo dores.

— E a companheira dele, a mulher chamada Selena? Você também a conheceu?

Jeod riu.

— Se eu a tivesse conhecido, não estaria aqui hoje. Morzan pode ter sido um espadachim temível, um mago formidável e um traidor assassino, mas era aquela mulher dele que inspirava o maior terror sobre as pessoas. Morzan somente a usava para missões que eram tão repugnantes, difíceis ou secretas que ninguém mais concordaria em executá-las. Era sua Mão Negra, e sua presença sempre indicava morte iminente, tortura, traição ou algum outro terror. — Eragon sentiu-se mal ouvindo sua mãe sendo descrita daquela maneira. — Era completamente implacável, incapaz de sentir pena ou compaixão. Diziam que quando ela pediu para ingressar na equipe de Morzan, ele a testou ensinando-lhe a palavra que significa *cura* na língua antiga, já que ela era não só uma feiticeira como também uma combatente comum, e depois a obrigando a enfrentar doze de seus melhores espadachins.

— E como ela os derrotou?

— Ela os curou de seus temores e de seus ódios e de todas as coisas que levam alguém a matar. E então, enquanto estavam sorrindo uns para os outros como se fossem ovelhas idiotas, ela foi até eles e cortou-lhes as gargantas.. Você está se sentindo mal, Eragon? Você está pálido como um cadáver.

— Estou bem. O que mais você lembra?

Jeod deu uma batidinha na caneca.

— Quase nada sobre Selena. Ela sempre foi um pouco enigmática. Inclusive, ninguém além de Morzan sabia seu nome até poucos meses antes da morte dele. Para o povo em geral, ela nunca foi nada além da Mão Negra; a Mão Negra que nós temos agora, a coleção de espiões, assassinos e mágicos que se encarregam das baixezas inescrupulosas de Galbatorix, é a tentativa que ele faz de recriar a utilidade que Selena tinha para Morzan. Mesmo entre os Varden, somente um punhado de pessoas conheciam seu nome, e a maioria delas está agora se desintegrando em suas covas. Se eu bem me lembro, foi Brom quem descobriu a verdadeira identidade dela. Antes que eu chegasse aos Varden com a informação concernente à passagem secreta para o castelo Ilirea, que os elfos construíram milhares de anos atrás e que Galbatorix expandiu para formar a cidadela negra que agora domina Urû'baen, antes que eu chegasse até eles, Brom já havia passado bastante tempo espionando a propriedade de Morzan na esperança de, quem sabe, desenterrar uma fraqueza sua até então insuspeitada.. Acredito que Brom tenha conseguido acesso ao salão de Morzan disfarçando-se como membro da criadagem. Foi então que descobriu o que sabia sobre Selena. Mesmo assim, nós nunca soubemos por que ela era tão ligada a Morzan. Talvez o amasse. De qualquer maneira, era totalmente leal a ele, a ponto de morrer por ele. Logo depois de Brom matar Morzan, os Varden receberam notícias de que uma enfermidade a atacara. E

como se o falcão amestrado gostasse tanto do mestre que não conseguisse viver sem ele.

Ela não era totalmente leal, pensou Eragon. *Ela desafiou Morzan por minha causa, mesmo*

perdendo sua vida por conta disso. Se ao menos tivesse conseguido resgatar Murtagh também. Quanto aos relatos de Jeod sobre suas maldades, Eragon escolheu acreditar que Morzan havia pervertido sua natureza essencialmente boa. Para manter sua própria sanidade, Eragon não podia aceitar que ambos os seus pais tivessem sido maléficos.

— Ela o amava — disse ele, mirando a borra densa no fundo da caneca. — No começo, ela o amava; talvez não muito no final. Murtagh é

filho dela.

Jeod ergueu a sobrancelha.

— É mesmo? Você sabe disso da parte do próprio Murtagh, suponho?

— Eragon assentiu. — Bem, isso explica inúmeras questões que eu sempre tive. Mãe de Murtagh. . Estou surpreso por Brom não ter descoberto esse segredo específico.

— Morzan fez tudo o que pôde para ocultar a existência de Murtagh, até mesmo dos outros membros dos Renegados.

— Sabendo a história daqueles patifes inescrupulosos e sedentos de poder, provavelmente ele salvou a vida de Murtagh. O que também é uma pena.

Então, o silêncio pairou sobre eles, como um animal tímido pronto para fugir ao menor movimento. Eragon continuava mirando sua caneca. Uma série de questões o atazanava, mas sabia que Jeod não poderia responder a elas e era igualmente improvável que alguém pudesse: por que Brom se escondera em Carvahall? Para manter vigilância sobre Eragon, o filho de seu mais odiado inimigo? Teria sido alguma piada cruel ele lhe ter dado Zar'roc , a espada de seu pai? E por que Brom não lhe havia contado a verdade sobre seus pais? Apertou a caneca com mais força e, sem querer, despedaçou o objeto de cerâmica.

Os três se assustaram com o inesperado barulho.

— Deixe-me ajudá-lo com isso — disse Helen, levantando-se rapidamente e passando um pano na túnica dele. Constrangido. Eragon desculpou-se várias vezes, mas eles lhe asseguraram que havia sido um pequeno acidente e que não havia com o quê se preocupar.

Enquanto Helen recolhia os cacos de cerâmica, Jeod começou a fuçar as camadas de livros, pergaminhos e papéis esparsos que cobriam a cama.

— Ah, já ia me esquecendo. Tenho algo para você, Eragon, que talvez seja de alguma utilidade. Se ao menos eu pudesse achar. . — Com uma exclamação de satisfação, esticou o corpo e balançou um livro, para logo em seguida entregá-lo a Eragon.

Era *Domia abr Wyrda*, o *Domínio do Destino*, uma história completa da Alagaësia escrita por Heslant, o Monge. Eragon vira o volume pela primeira vez na biblioteca de Jeod em Teirm.

Ele não esperava ter outra oportunidade para examiná-lo. Saboreando a sensação, passou as mãos por sobre o couro trabalhado da capa, que era brilhante devido à idade, e então abriu o livro e admirou a fileira organizada de runas nas páginas, em letras de forte tom vermelho. Maravilhado com tamanho acúmulo de conhecimento que tinha em suas mãos, Eragon quis saber:

— Você quer que fique com isso?

— Quero — assegurou Jeod. Ele saiu do caminho enquanto Helen recolhia um fragmento da caneca embaixo do catre. Acho que você pode desfrutar dele. Você está engajado em eventos históricos, Eragon, e as raízes das suas dificuldades residem em acontecimentos que ocorreram décadas, séculos e milênios atrás. Se eu fosse você, aproveitaria todas as oportunidades para estudar as lições que a história tem a nos ensinar porque elas podem ajudar você com os problemas de hoje. Na minha vida, ler os registros do passado tem freqüentemente me proporcionado a coragem e a lucidez para escolher o caminho correto.

Eragon estava ansioso para aceitar o presente, mas ainda hesitava.

— Brom dizia que *Domia abr Wyrda* era a coisa mais valiosa em sua casa. E também a mais rara. . Mas e o seu trabalho? Você não necessita dele para suas pesquisas?

— *Domia abr Wyrda* é valioso e é raro — começou Jeod — mas somente no Império, onde Galbatorix queima cada exemplar que encontra e enforca seus desafortunados donos. Aqui no acampamento, membros da corte do rei Orrin já me deram na surdina seis exemplares do livro, e isso dificilmente seria considerado por quem quer que fosse um grande centro de aprendizado. Entretanto, eu não me desfaço dele com facilidade, e só o faço porque lhe pode ser mais útil do que a mim. Livros deveriam estar onde vão ser mais apreciados e não permanecer onde jamais serão lidos, juntando poeira em uma prateleira esquecida, você não concorda?

— Concordo. — Eragon fechou *Domia abr Wyrda* e novamente percorreu as intricadas letras da capa com os dedos, fascinado com os desenhos tortuosos cinzelados no couro. — Obrigado. Eu o guardarei como um tesouro pelo tempo que permanecer em minhas mãos. — Jeod inclinou a cabeça e recostou-se contra a parede da tenda, parecendo satisfeito. Olhando para a borda do livro, Eragon examinou as letras. — Heslant era monge do quê?

— Uma pequena e secreta seita chamada Arcaena que se originou na área perto de Kuasta. Sua ordem, que perdura há pelo menos quinhentos anos, acredita que todo conhecimento é sagrado. — Um indício de sorriso deu um ar misterioso ao rosto de Jeod. — Eles se dedicaram a coletar cada pedaço de informação existente no mundo e a preservá-los de um momento em que acreditam que uma catástrofe destruirá todas as civilizações da Alagaësia.

— Parece uma estranha religião — disse Eragon.

— E não são todas as religiões estranhas para aqueles que estão fora delas? opôs-se Jeod.

Eragon disse:

— Eu também tenho um presente para você, ou melhor, para você, Helen. — Ela girou a cabeça, franzindo o cenho de um modo interrogativo.

— Sua família era de mercadores, não era? — Ela balançou o queixo em concordância. — Você tinha familiaridade com os negócios?

Uma luz brilhou nos olhos de Helen.

— Se eu não tivesse casado com ele — ela indicou o marido com um ombro —, eu teria assumido o controle dos negócios da família quando da morte de meu pai. Eu era filha única, e meu pai me ensinou tudo o que sabia. Isso era o que Eragon esperava ouvir. Para Jeod, ele disse:

— Você afirmou que estava contente com o que possui aqui com os Varden.

— E estou. Com quase tudo.

— Entendo. Entretanto, você se arriscou bastante para nos ajudar, a Brom e a mim. E se arriscou mais ainda para ajudar Roran e todos os outros de Carvahall.

— Os Piratas do Palancar.

Eragon deu uma gargalhada e continuou:

— Sem sua assistência, o Império certamente teria nos capturado. E

por causa de seu ato de rebeldia, vocês dois perderam tudo o que lhes era mais caro em Teirm.

— Nós teríamos perdido tudo de qualquer maneira. Eu estava na falência e os Gêmeos haviam me delatado para o Império. Era apenas uma questão de tempo até lorde Rishart me prender.

— Talvez, mas você ainda ajudou Roran. Quem pode culpá-los por protegerem seus próprios pescoços ao mesmo tempo? O fato é que abandonaram suas vidas em Teirm para roubar o *Asa de Dragão* juntamente com Roran e os aldeões. E pelo sacrifício de vocês, eu serei sempre grato. Então, isso é uma parte de meus agradecimentos. .

Deslizando um dedo por baixo do cinto, Eragon removeu a segunda das três esferas de ouro e presenteou Helen. Ela a encaixou na mão com a delicadeza de quem segura um filhote de pintarroxo. Enquanto ela olhava para a pedra com encanto e Jeod esticava o pescoço para ver por cima de sua mão, Eragon comentou:

— Não é uma fortuna, mas se forem inteligentes saberão como fazê-la se multiplicar. O que Nasuada fez com aguardente me ensinou que existem grandes oportunidades para se prosperar

em tempos de guerra.

— Ah, com certeza — deixou escapar Helen. — Guerras são o prazer dos mercadores.

— Para começar, Nasuada mencionou no jantar de ontem à noite que os anões estão com pouco estoque de hidromel e, como vocês facilmente suspeitariam, eles têm os meios para comprar quantos barris necessitarem, mesmo que o preço seja mil vezes o que era antes da guerra. Mas isso é apenas uma sugestão. Vocês podem achar outros mais desesperados ainda para negociar se procurarem com afinco.

Eragon cambaleou para trás quando Helen correu para abraçá-lo. Seus cabelos fizeram cócegas em seu queixo. Soltou-o, subitamente envergonhada, mas a excitação a atacou novamente e ela ergueu o glóbulo cor de mel na frente do nariz e disse:

— Obrigada, Eragon! Ah, muito obrigada! — Ela apontou para o ouro.

— Isso eu posso usar. Sei que posso. Com isso, vou construir um império maior ainda do que o do meu pai. — A esfera brilhante desapareceu em seu pulso cerrado. — Você acredita que minha ambição excede minhas habilidades? Será como eu disse. Não fracassarei!

Eragon reverenciou-a.

— Espero que você tenha sucesso e que seu sucesso beneficie a todos nós.

Eragon reparou que veias salientes apareceram no pescoço de Helen quando ela fez uma mesura para dizer:

— Você é muito generoso. Matador de Espectros. Novamente lhe agradeço.

— Sim, obrigado — disse Jeod, levantando-se do catre. — Eu não posso imaginar que mereçamos isso — Helen lançou-lhe um olhar furioso, que ele ignorou —, mas, no entanto, é muito bem-vindo.

Improvisando, Eragon acrescentou:

— E para você, Jeod, seu presente não vem de mim, mas de Saphira. Ela concordou em deixar que você voe com ela quando ambos tiverem algumas horas livres. — Para Eragon era difícil compartilhar Saphira, e ele sabia que ela ficaria chateada por não ter sido consultada antes de disponibilizar seus serviços, mas depois de dar o ouro a Helen, ele teria se sentido culpado de não dar a Jeod algo com o mesmo valor.

Um véu de lágrimas cobria os olhos de Jeod. Ele agarrou a mão de Eragon, apertou com firmeza e, sem soltar, disse:

— Não posso imaginar honra maior. Obrigado. Você não sabe o quanto está fazendo por nós.

Livrando-se do aperto de mão de Jeod, Eragon dirigiu-se para a abertura da tenda pedindo licença da forma mais educada que podia e se despedindo. Finalmente, após mais outra rodada de agradecimentos da parte deles e um humilde "Não foi nada", ele conseguiu escapar. Eragon sopesou *Domia abr Wyrda* e então olhou de relance para o sol. Não demoraria muito até que Saphira retornasse, mas ainda tinha tempo para resolver outra coisa. Primeiro, contudo, teria de dar uma passada em sua tenda; não queria correr o risco de estragar *Domia abr Wyrda* carregando-o consigo pelo acampamento.

Eu possuo um livro, pensou ele, deliciado.

Saiu trotando com o livro agarrado ao peito enquanto Blödhgarm e os outros elfos seguiam logo atrás.

PRECISO DE UMA ESPADA!

ssim que o *Domia abr Wyrda* estava escondido em segurança na sua barraca, Eragon foi ao arsenal dos Varden, um grande pavilhão aberto, repleto de estantes com lanças, espadas, piques, arcos e bestas. Montes de escudos e de armaduras de couro enchiam A caixotes abertos feitos de ripas. O material mais caro, cotas de malha, túnicas, coifas de armas e perneiras, estava disposto em armações de madeira. Centenas de elmos cênicos brilhavam como

prata polida. Havia fardos de flechas ao longo das paredes do pavilhão; e entre eles estavam sentados cerca de vinte artífices, ocupados na recuperação de flechas cujas penas tinham sido danificadas na batalha da Campina Ardente. Era constante o entra-e-sai de homens no pavilhão: alguns trazendo armas e armaduras para conserto; outros, recrutas novos chegando para serem aparelhados; e ainda outros, transportando equipamento pelo acampamento. Todos pareciam gritar a plenos pulmões. E no centro da comoção estava o homem que Eragon esperava ver: Fredric, o mestre armeiro dos Varden. Blödhgarm o acompanhou quando Eragon entrou no pavilhão, indo a

passos largos na direção de Fredric. Assim que avançaram, os homens ali dentro se calaram, com os olhos fixos nos dois. Depois, retomaram suas atividades, se bem que com passos mais rápidos e vozes mais contidas. Levantando um braço em sinal de boas-vindas, Fredric se apressou para ir ao seu encontro. Corno sempre, estava usando sua armadura de couro peludo de boi cujo cheiro era quase tão desagradável quanto teria sido o do animal — além de uma enorme espada para duas mãos, pendurada atravessada nas costas, com o punho se projetando acima do seu ombro direito.

— Matador de Espectros! — disse ele, com a voz retumbante. — Em

que posso servi-lo nesta bela tarde?

— Preciso de urna espada.

O sorriso de Fredric apareceu através da barba.

— Ah, eu estava me perguntando se você viria me fazer uma visita por esse motivo. Quando partiu para Helgrind sem uma lâmina na mão, pensei que talvez agora estivesse acima desse tipo de coisa. Talvez pudesse travar qualquer combate com magia.

— Não, ainda não.

— Bem, não posso dizer que lamento. Todo o mundo precisa de uma

boa espada, por mais experientes que possam ser na arte da conjuração. No final, tudo se resume a aço contra aço. Espere só para ver: é assim que essa luta contra o Império se

resolverá, com a ponta de uma espada penetrando no coração maldito de Galbatorix. E, eu apostaria meu salário de um ano na certeza de que Galbatorix tem sua própria espada e que também a *usa*, apesar de ser capaz de estripar qualquer um estalando um dedo. Não há nada que se compare à sensação do bom aço nas nossas mãos.

Enquanto falava, Fredric os conduziu até uma prateleira para espadas separada dos outras.

— Que tipo de espada você está procurando? — perguntou ele. —

Aquela Zar'roc que você tinha era uma espada para uma mão, se bem me lembro. Com uma lâmina da largura de dois polegares.. dois polegares dos meus, seja como for. . e de um formato adequado tanto para cortar como para estocar, não é mesmo? — Eragon fez que sim. O mestre armeiro deu um resmungo e começou a tirar espadas da prateleira, fazendo-as girar no ar, somente para devolvê-las ao lugar com aparente insatisfação. — As lâminas élficas costumam ser mais finas e mais leves que as nossas ou que as dos anões, graças aos encantamentos que eles impregnam no aço na forja. Se nós fizéssemos as nossas tão delicadas como as deles, as espadas não durariam mais que um minuto num combate, antes de se entortar, quebrar ou ficar tão dentadas que não se poderia cortar nem queijo macio com elas. — Seus olhos se desviaram velozes na direção de Blödhgarm. — Não é verdade, elfo?

— E exatamente como diz, humano — respondeu o elfo com uma voz

modulada com perfeição.

Fredric concordou em silêncio e examinou o gume de outra espada, para então bufar e a devolver para a prateleira.

— O que significa que qualquer espada que você escolha será

provavelmente mais pesada do que a arma à qual você está acostumado. Isso não deveria representar nenhuma dificuldade para você, Matador de Espectros, mas o peso a mais ainda pode perturbar o ritmo dos golpes.

— Agradeço seu aviso — disse Eragon.

— De nada — disse Fredric. — E para isso que estou aqui: para impedir que o maior número possível dos Varden acabe sendo morto e para ajudá-los a matar tantos soldados de Galbatorix quanto for possível. É um bom trabalho. — Deixando a prateleira, ele se dirigiu pesadamente a outra, escondida por trás de uma pilha de escudos retangulares. — Encontrar a espada certa para alguém é uma arte. Uma espada deveria dar a impressão de ser uma extensão do braço, como se ela tivesse saído da sua própria carne. Você não deveria planejar o movimento dela. Simplesmente deveria movimentá-la de modo tão instintivo quanto o de uma garça ao mover o bico, ou o de um dragão com suas garras. A espada perfeita é a intenção encarnada. O que você quer é o que ela faz.

— Você parece um poeta.

Fredric deu de ombros, com uma expressão de modéstia.

— Há vinte e seis anos que escolho as armas para homens que estão prestes a lutar. Depois de algum tempo, você fica impregnado disso até os ossos, levando sua mente a pensamentos sobre o destino e a fatalidade; e será

que aquele rapaz que eu despachei com uma lança de ponta farpada ainda estaria vivo se eu lhe tivesse dado, em vez disso, uma maça? — Fredric fez uma pausa, com a mão pairando acima da espada do meio da prateleira e olhou para Eragon. — Você prefere lutar com ou sem escudo?

— Com — respondeu Eragon. — Mas não consigo levar um escudo

comigo o tempo todo. E parece que nunca tenho um à mão quando sou atacado.

Fredric deu um tapinha no punho da espada e mordeu a beirada da barba.

— Hã. Quer dizer que você precisa de uma espada que possa ser usada sozinha, mas que não seja comprida demais para usar com qualquer tipo de escudo, desde um broquel até um pavês. Isso quer dizer uma espada de tamanho médio, fácil de brandir com um braço. Precisa ser uma lâmina que possa ser usada em todas as ocasiões, elegante o suficiente para uma coroação e resistente o bastante para rechaçar um Kull. — Ele fez uma careta. — Não é

natural isso que Nasuada fez: essa nossa aliança com esses monstros. Não pode durar. Gente como nós e eles nunca deveriam se misturar. . — Ele se sacudiu. — É uma pena que você só queira urna única espada. Ou estou enganado?

— Não. Saphira e eu viajamos demais para ficar carregando meia dúzia de espadas de um lado para outro.

— Imagino que você tenha razão. Além disso, não se espera que um guerreiro como você tenha mais do que uma arma. A maldição da espada renomada, é como eu chamo.

— Como assim?

— Todo grande guerreiro — disse Fredric — tem uma espada... geralmente é uma espada. . que tem um nome. Ou ele mesmo lhe dá o nome ou, uma vez que ele tenha provado sua bravura com algum feito extraordinário, os bardos dão à arma um nome por ele. Daquele momento em diante, ele *tem* de usar aquela espada. E o que se espera dele. Se ele se apresentar para o combate sem ela, seus companheiros guerreiros perguntarão onde ela está e imaginarão se ele está envergonhado do sucesso e se os está

insultando ao rejeitar o reconhecimento que lhe concederam. E até mesmo seus inimigos podem insistir em esperar para lutar somente depois que ele tenha buscado sua célebre espada. Você vai ver. Assim que lutar com Murtagh ou fizer qualquer outra coisa memorável com sua nova espada, os Varden insistirão em lhe dar um título. E daí em diante passarão a

procurá-la na sua cintura. — Ele continuou a falar enquanto seguia para uma terceira prateleira.

— Nunca pensei que teria a felicidade de ajudar um Cavaleiro a escolher sua arma. Que oportunidade! Minha sensação é que esse é o clímax do meu trabalho com os Varden.

Escolhendo uma espada da prateleira, Fredric a entregou a Eragon, que inclinou a ponta da espada para cima e para baixo, e então abanou a cabeça. O

formato do punho não era o certo para sua mão. O mestre armeiro não ficou decepcionado. Pelo contrário, a rejeição de Eragon pareceu dar-lhe novo vigor, como se apreciasse o desafio que o Cavaleiro encarnava. Apresentoulhe, então, mais uma espada, e mais uma vez Eragon abanou a cabeça. O

equilíbrio era muito para a frente para seu gosto.

— O que me preocupa — disse Fredric, voltando para a prateleira — é

que qualquer espada que eu lhe dê terá de agüentar impactos que destruiriam uma lâmina normal. Você precisa é de um trabalho feito por anões. Seus ferreiros são os melhores, fora os dos elfos, e às vezes chegam a superá-los.

— Fredric olhou bem para Eragon. — Espere aí, estive fazendo as perguntas erradas! Como o ensinaram a bloquear e a se defender? Foi gume contra gume? Parece que me lembro de você fazer alguma coisa nesse estilo quando duelou com Arya em Farthen Dûr.

— E daí? — perguntou Eragon, franzindo o cenho.

— E daí? — Fredric deu uma gargalhada. — Não quero ser desrespeitoso, Matador de Espectros, mas se você atinge o gume de uma espada com o gume de outra, causará graves danos às duas. Talvez isso não tenha sido um problema com uma lâmina encantada como Zar'roc , mas não se pode fazer isso com nenhuma das espadas que eu tenho aqui, isso se você

não quiser trocar de espada a cada batalha.

Uma imagem passou de relance pela cabeça de Eragon, das mossas nos gumes da espada de Murtagh. Ficou irritado consigo mesmo por ter se esquecido de algo tão óbvio. Tinha se acostumado a Zar'roc , cujo fio nunca se perdia, que nunca mostrava sinais de desgaste e, ao que ele soubesse, era imune à maioria dos encantamentos. Nem mesmo tinha certeza se era possível destruir a espada de um Cavaleiro.

— Não precisa se preocupar com isso. Protegerei a espada com magia. Vou precisar esperar o dia inteiro por uma arma?

— Mais uma pergunta, Matador de Espectros. Sua magia vai durar para sempre?

Eragon franziu ainda mais o cenho.

— Já que você pergunta, não. Somente uma elfa compreende como é

feita a espada de um Cavaleiro, e ela não compartilhou seus segredos comigo. O que eu posso *fazer* é transferir uma determinada quantidade de energia para uma espada. A energia vai protegê-la até que os golpes que *teriam* danificado a espada esgotem a reserva de energia; e, quando isso acontecer, a espada voltará a seu estado original e é bem provável que se estilhace nas minhas mãos na vez seguinte em que eu entrar em combate.

Fredric cocou a barba.

— Vou aceitar o que diz, Matador de Espectros. A questão é que, se golpear soldados por tempo suficiente, acabará esgotando os encantamentos, e quanto mais fortes forem seus golpes, mais rápido os encantamentos desaparecerão. Certo?

— Isso mesmo.

— Nesse caso, você deveria evitar lutar fio contra fio, pois isso vai esgotar seus encantamentos mais rápido do que qualquer outro golpe.

— Não tenho tempo para isso — retrucou Eragon, irritado, transbordando de impaciência. — Não tenho tempo para aprender um modo totalmente diferente de lutar. O Império pode atacar a qualquer instante. Preciso me concentrar em praticar o que já sei, não em tentar dominar todo um conjunto novo de técnicas.

Fredric bateu palmas.

— Então já sei qual é a arma certa para você! — Indo até um grande engradado cheio de armas, ele começou a remexer ali, falando consigo mesmo, o tempo todo. — Primeiro, *isso*, depois, *aquilo*, e então vamos ver a quantas andamos. — Do fundo do engradado, Fredric puxou uma grande maça negra com um flange na cabeça. Bateu na maça com uma junta de dedo.

— Com isso aqui, você poderá quebrar espadas. Poderá romper cotas de malha e amassar elmos, sem que ela sofra nenhum dano, não importa o que você atinja.

— É uma clava — protestou Eragon. — Uma clava de metal.

— E daí? Com a sua força, você poderá manejá-la como se fosse leve como um caniço. Com ela, você será um terror no campo de batalha, será, sim.

Eragon balançou a cabeça.

— Não. Esmagar as coisas não é meu jeito preferido de lutar. Além disso, eu nunca teria sido capaz de matar Durza transpassando seu coração se empunhasse uma maça em vez de uma

espada.

— Então, só tenho mais uma sugestão, a menos que insista em ter uma espada tradicional. — De outra parte do pavilhão, Fredric trouxe para Eragon uma arma que chamou de cimitarra. Era uma espada, mas não um tipo de espada ao qual Eragon estivesse acostumado, embora eleja a tivesse visto entre os Varden. A cimitarra tinha um botão polido no formato de um disco, brilhante como uma moeda de prata; um punho curto feito de madeira coberta com couro negro; um guarda-mão curvo, no qual estava entalhada uma linha de runas dos anões; e uma lâmina de um só gume do comprimento de um braço estendido, com um vinco fino de cada lado, perto da espiga. A cimitarra era reta até cerca de um palmo da ponta, onde o lado sem gume se alargava para cima num pequeno bico, descendo delicadamente em curva para a ponta afiada como uma agulha. Esse alargamento da lâmina reduzia a probabilidade de que a ponta se curvasse ou mesmo se partisse quando atravessasse armaduras e fazia com que a cimitarra se assemelhasse a uma presa. Diferentemente de uma espada de dois gumes, a cimitarra era feita para ser brandida com a lâmina e o guarda-mão perpendiculares ao chão. O

aspecto mais curioso da cimitarra era, porém, que o centímetro mais baixo da lâmina, o fio inclusive, era de um cinza-perolado, substancialmente mais escuro que o aço liso como espelho até em cima. O limite entre as duas áreas era ondulado como uma echarpe de seda dançando ao vento.

— Nunca vi isso antes — disse Eragon, apontando para a faixa cinza. O que é?

— Chama-se thriknzdal — disse Fredric. — Invenção dos anões. Eles temperam o fio e a espiga separadamente. O fio eles fazem duro, mais duro do que nós ousaríamos com o todo das nossas espadas. O meio da lâmina e a espiga eles recozem, de modo que o lado sem gume seja mais macio que o gume, macio o suficiente para se curvar e ter flexibilidade para sobreviver ao esforço do combate sem se quebrar como uma lima congelada.

— É assim que os anões tratam todas as suas lâminas?

Fredric abanou a cabeça.

— Apenas com as espadas de um gume só e com as melhores espadas

de dois gumes. — Ele hesitou, e seu olhar foi dominado pela incerteza. —

Você entende por que escolhi essa arma para você, Matador de Espectros?

Eragon entendia. Com a lâmina da cimitarra em ângulo reto com o chão, a menos que ele deliberadamente inclinasse o pulso, quaisquer golpes que recebesse nela atingiriam a face da lâmina, reservando o fio para seus próprios ataques. Lutar com a cimitarra exigiria apenas um pequeno ajuste no seu estilo.

Saindo a passos largos do pavilhão, Eragon ficou a postos com a cimitarra. Levantando-a acima da cabeça, ele a trouxe para baixo sobre a cabeça de um inimigo imaginário e então

girou e investiu, derrubou para um lado uma lança invisível, saltou seis metros para a esquerda e, num movimento brilhante, porém pouco prático, virou a lâmina por trás das costas, passando-a de uma mão para a outra. Com a respiração e os batimentos cardíacos calmos como sempre, ele voltou para onde Fredric e Blödhgarm estavam esperando. A velocidade e o equilíbrio da cimitarra tinham impressionado Eragon. Não estava à altura de Zar'roc , mas ainda era uma espada esplêndida.

— Você escolheu bem — disse Eragon.

No entanto, Fredric detectou alguma reserva na sua atitude.

— E ainda assim você não está plenamente satisfeito, Matador de Espectros.

Eragon girou a cimitarra e fez uma careta.

— Só queria que ela não fosse tão parecida com uma faca de esfolar de tamanho exagerado. Eu me sinto bastante ridículo com ela.

— Ah, não dê atenção se os inimigos rirem. Não conseguirão continuar quando você lhes cortar fora a cabeça.

Achando graça, Eragon fez que sim.

— Vou ficar com ela.

— Aguarde, então, um momento — disse Fredric, desaparecendo pelo pavilhão adentro para voltar com uma bainha de couro preto, decorada com arabescos prateados. Ele entregou a bainha a Eragon com uma pergunta. —

Você chegou a aprender a afiar uma espada, Matador de Espectros? Com Zar'roc , isso não seria necessário, seria?

— Não — admitiu Eragon —, mas sei lidar bem com uma pedra de amolar. Posso amolar uma faca até ela ficar tão afiada que cortaria um pedaço de linha descansado sobre seu gume. Além disso, sempre posso retificar o fio com magia, se for preciso.

Fredric gemeu e deu tapas nas coxas, soltando alguns pêlos das perneiras de couro de boi.

— Não, não! Um fio fino como o de uma navalha é exatamente o que *não* se quer numa espada. O chanfro precisa ser grosso, grosso e forte. Um guerreiro tem de saber manter seu equipamento do modo adequado, e isso inclui saber amolar sua espada!

Fredric insistiu, então, em dar uma pedra de amolar nova para Eragon e em lhe mostrar exatamente como dar à cimitarra um gume pronto para o combate, enquanto os dois ficavam sentados na terra ao lado do pavilhão. Quando viu com satisfação que Eragon conseguia amolar um gume totalmente novo na espada, ele ainda comentou:

— Você pode lutar com a armadura enferrujada. Pode lutar com um elmo amassado. Mas, se quiser ver o sol nascer outra vez, nunca lute com uma espada cega. Se tiver sobrevivido a uma batalha e estiver cansado como um homem que escalou uma das montanhas Beor, e sua espada não estiver afiada como está agora, não importa como esteja se sentindo, você se senta na primeira oportunidade que tiver e apanha sua pedra e sua tira de amolar. Da mesma forma que cuidaria do seu cavalo ou de Saphira, antes de cuidar das suas próprias necessidades, também deve cuidar da sua espada antes de si mesmo. Porque, sem ela, você não passa de presa indefesa para os inimigos. Estavam sentados ao sol do fim da tarde havia mais de uma hora quando o mestre armeiro, por fim, terminou suas instruções. Quando estava acabando, uma sombra fresca deslizou sobre eles, e Saphira pousou ali perto. *Você esperou*, disse Eragon. *Você esperou de propósito! Poderia ter vindo me salvar há séculos, mas em vez disso me deixou aqui plantado escutando Fredric dissertar sobre pedras lubrificadas com água, pedras lubrificadas com óleo e se o óleo de linhaça é*

melhor que a gordura derretida para proteger o metal da água. E é?

No fundo, não. Só que não tem cheiro tão forte. Mas isso não faz diferença. Por que você me deixou passar por essa desgraça?

Uma das grossas pálpebras de Saphira se fechou numa piscada preguiçosa.

Desgraça? Você e eu teremos desgraças muito piores pela frente se não estivermos devidamente preparados. Tive a impressão de que o homem de roupa fedorenta estava dizendo algo importante.

Bem, talvez fosse, admitiu Eragon.

Ela arqueou o pescoço e lambeu as garras da pata dianteira direita. Depois de agradecer a Fredric e se despedir dele, além de combinar um local de encontro com Blödhgarm, Eragon prendeu a cimitarra ao cinto de Beloth, o Sábio, e subiu para o dorso de Saphira. Deu um grito de incentivo, e Saphira rugiu, quando ergueu as asas e se lançou para o céu.

Tonto, Eragon se agarrou ao espinho à sua frente e ficou olhando as pessoas e as tendas lá embaixo diminuindo, transformando-se em miniaturas de si mesmas. Do alto, o acampamento era uma grade de picos triangulares cinzentos, cuja face leste estava escura na sombra, dando a toda a região uma aparência de tabuleiro de damas. As fortificações que cercavam o acampamento se eriçavam como um porco-espinho, com as pontas brancas dos mastros distantes brilhando ao sol poente. A cavalaria do rei Orrin era uma massa em movimento constante no quadrante noroeste do acampamento. Mais para o leste ficava o acampamento dos Urgals, baixo e escuro na planície ondulante.

Eles subiram ainda mais.

O ar puro e frio picava o rosto de Eragon e ardia em seus pulmões. Ele mantinha inspirações curtas. Ao lado, flutuava uma grossa coluna de nuvens, parecendo tão sólidas quanto creme batido. Saphira descreveu espirais em torno delas, com sua sombra pontiaguda atravessando

veloz a coluna. Uma lufada de umidade atingiu Eragon, cegando-o por alguns segundos e enchendo seu nariz e sua boca com gotículas geladas. Ele arquejou e enxugou o rosto.

Subiram acima das nuvens.

Uma águia vermelha grasnou para eles ao passar.

As batidas das asas de Saphira começaram a demonstrar esforço, e Eragon sentiu um início de vertigem. Parando a movimentação das asas, Saphira deslizou de uma massa de ar quente para a seguinte, mantendo a altitude.

Eragon olhou para baixo. Estavam a tal altitude que a distância medida tinha deixado de fazer diferença, e as coisas no chão já não pareciam reais. O

acampamento dos Varden era um tabuleiro de jogo irregular coberto com minúsculos retângulos pretos e cinza. O rio Jiet era uma corda de prata enfeitada com franjas verdes. Para o sul, as nuvens sulfurosas que subiam da Campina Ardente formavam uma cordilheira de luminosas montanhas laranja, abrigo de monstros espectrais que surgiam e desapareciam com um lampejo. Eragon desviou rápido o olhar.

Por cerca de meia hora, ele e Saphira foram à deriva com o vento, relaxando no conforto silencioso da companhia mútua. Um encantamento inaudível serviu para isolar Eragon do frio. Enfim, eles estavam a sós, juntos como tinham vivido no vale Palancar, antes que o Império se intrometesse em suas vidas.

Saphira foi a primeira a falar. *Somos os senhores dos céus.*

Aqui no teto do mundo. Eragon estendeu a mão para cima, como se, de onde estava, pudesse tocar as estrelas.

Com uma curva para a esquerda, Saphira apanhou uma rajada de ar mais quente que vinha de baixo e então voltou a planar. *Amanhã você vai casar Roran e Katrina.*

Como é estranho pensar nisso. Estranho que Roran vá se casar, e estranho que seja eu a realizar a cerimônia. . Roran casado. Pensar nisso faz com que eu me sinta mais velho. Mesmo nós, que não passávamos de meninos há pouco tempo, não podemos escapar ao avanço inexorável do tempo. E assim vão passando as gerações, e logo será nossa vez de mandar os filhos para a terra, para fazer o trabalho que precisar ser feito. Mas só se pudermos sobreviver aos próximos meses.

É verdade. Isso também.

Saphira oscilou quando uma turbulência os atingiu. Olhou então, para Eragon e perguntou: *Está pronto?*

Vamos!

Inclinando-se para a frente, ela juntou bem as asas aos lados do corpo e mergulhou para o chão, mais veloz que uma flecha. Eragon riu quando foi dominado pela sensação de leveza. Grudou mais as pernas em torno de Saphira para não ser arrastado para longe dela e então, num momento de total inconseqüência, soltou as mãos e deixou os braços subirem acima da cabeça. O disco da terra lá embaixo girava como uma roda enquanto Saphira descia pelo ar como uma perfuratriz. Desacelerando e parando de girar, ela rolou para a direita para cair de cabeça para baixo.

— Saphira! — gritou Eragon, batendo no seu ombro.

Com um filete de fumaça saindo das narinas, ela se endireitou e mais uma vez apontou para o chão que se aproximava veloz. A menos de trezentos metros do acampamento dos Varden, e somente a alguns segundos de uma colisão com as tendas e de uma provável escavação de uma enorme cratera sangrenta, Saphira deixou que as asas se abrissem para o vento. O solavanco decorrente lançou Eragon para a frente; e o espinho que ele estava segurando quase lhe perfurou o olho.

Com três batidas vigorosas das asas, Saphira conseguiu parar. Mantendo-as bem abertas, ela começou a descer delicadamente em círculos. *Isso, sim, foi divertido!,* exclamou Eragon.

Não existe esporte mais empolgante que voar, porque perder é morrer. Ah, mas eu tenho total confiança na sua competência. Você jamais permitiria que nos chocássemos com o chão. Era visível como o prazer de Saphira com o elogio se irradiava dela.

Desviando-se na direção da tenda de Eragon, ela sacudiu a cabeça, o que também o sacudiu. *A esta altura, eu já devia estar acostumada, mas cada vez que saio de um mergulho desses, sinto meu peito e minhas asas tão doloridas, que no dia seguinte mal consigo me mexer.*

Ele a afagou. *Bem, amanhã você não vai precisar voar. O casamento é nossa única obrigação, e você pode ir andando.* Ela grunhiu e pousou em meio a um turbilhão de poeira, derrubando uma tenda vazia com a cauda.

Depois de desmontar, Eragon deixou Saphira cuidando das escamas com seis elfos a postos, ali por perto, e, com os outros seis, seguiu correndo pelo acampamento até encontrar a tenda da curandeira Gertrude. Com ela, ele aprendeu os ritos do casamento que precisaria cumprir no dia seguinte; e também ensaiou para evitar qualquer embaraço quando chegasse a hora. Eragon voltou, então, para sua tenda, lavou o rosto e mudou de roupa antes de ir com Saphira jantar com o rei Orrin e sua corte, como combinado. Tarde da noite, quando o banquete finalmente terminou, os dois voltaram a pé para a tenda, olhando para as estrelas e conversando sobre o que havia acontecido e o que ainda estava por vir. E estavam felizes. Quando chegaram ao destino, Eragon parou e olhou para o alto, para Saphira, com o coração tão cheio de amor que ele achou que fosse parar de bater. *Boa-noite, Saphira.*

Boa-noite, pequenino.

HÓSPEDES INESPERADOS

a manhã seguinte, Eragon foi para trás de sua tenda, removeu seus casacos pesados e começou a planar nas posições do segundo nível do Rimgar, as séries de exercícios que os elfos haviam inventado. Logo seu distanciamento inicial desapareceu. Ele começou a se cansar com o esforço, e o suor inundou seus N membros, tornando difícil manter o controle sobre pés e mãos

quando ele ficava em uma posição de contorção que parecia ameaçar arrancar os músculos dos ossos.

Uma hora mais tarde, terminou o Rimgar. Secou as palmas das mãos no canto da tenda, pegou a cimitarra e treinou por mais trinta minutos. Ele teria preferido continuar se familiarizando com a espada pelo resto do dia — sabia que sua vida poderia depender da habilidade em manuseá-la —, mas o casamento de Roran estava se aproximando com rapidez e os aldeões usariam toda a ajuda que pudessem para concluir os preparativos em tempo. Refeito, Eragon tomou um banho gelado, vestiu-se e então foi com Saphira até onde Elain estava supervisionando a preparação do banquete de casamento de Roran e Katrina. Blödhgarm e seus companheiros seguiam uns doze quilômetros atrás, deslizando imperceptíveis por entre as tendas.

— Ah, bom, Eragon — disse Elain. — Eu esperava que você

aparecesse. — Ela se levantou com ambas as mãos pressionadas na região lombar para aliviar o peso da gravidez. Apontando com o queixo para uma fileira de espetos e caldeirões suspensos sobre um leito de carvão, para uma porção de homens abatendo um porco e para uma pilha de pequenos barris em uma fileira de tábuas dispostas sobre cepos de árvores que seis mulheres estavam usando como um balcão, ela disse: — Ainda falta fazer a massa de vinte pães. Você pode fazer o favor de cuidar disso? — Então ela franziu o cenho para os calos nas juntas dos dedos dele. — E tente não colocar essas coisas na massa, certo?

As seis mulheres em pé nos balcões, incluindo Felda e Birgit, ficaram em silêncio quando Eragon tomou seu posto ao lado delas. As poucas tentativas que fez para que a conversa fosse retomada fracassaram, mas depois de um tempo, quando ele já havia desistido de tranqüilizá-las e estava concentrado em fazer a massa, elas recomeçaram a falar por conta própria. Falaram de Roran e Katrina e sobre como tinham sorte aqueles dois, da vida dos aldeões no acampamento, da viagem deles até lá, e então, sem nenhum preâmbulo, Felda olhou para Eragon e comentou:

— Sua massa parece um pouco pegajosa. Não seria melhor adicionar um pouco de farinha?

Eragon verificou a consistência.

— Você tem razão. Obrigado.

Felda sorriu e, depois disso, as mulheres o incluíram na conversa. Enquanto Eragon trabalhava a massa morna, Saphira estava aninhada em uma faixa de grama nas proximidades.

As crianças de Carvahall brincavam em volta dela; gritos de riso pontuados pelo ritmo mais intenso das vozes adultas. Quando um par de cães sarnentos começou a latir para Saphira, ela ergueu a cabeça do chão e rugiu para eles. Os animais saíram em disparada, ganindo baixinho.

Todos na clareira eram pessoas que Eragon conhecera na infância. Horst e Fisk estavam do outro lado dos espetos construindo mesas para o banquete. Kiselt estava limpando o sangue do porco em seus braços. Albriech, Baldor, Mandei e vários outros jovens estavam carregando estacas adornadas com fitas para a colina onde Roran e Katrina desejavam se casar. O taverneiro Morn estava preparando as bebidas do casamento e sua esposa, Tara, estava segurando três garrafões e um barril para ele. Algumas dezenas de metros adiante, Roran estava gritando alguma coisa para um carregador que tentava passar suas mulas pela clareira. Lorin, Delwin e o garoto Nolfavrell estavam juntos nas proximidades, observando. Praguejando em altos brados, Roran agarrou os arreios da mula da frente e lutou para fazer com que os animais dessem meia-volta. A visão divertiu Eragon; ele jamais imaginara que Roran pudesse ficar tão agitado nem que fosse tão destemperado.

— O guerreiro poderoso está nervoso antes da disputa — observou Isold, uma das seis mulheres que estavam com Eragon. O grupo riu.

— Talvez — disse Birgit, colocando água na farinha — ele esteja preocupado com a possibilidade de sua espada não ficar rígida no combate. —

Uma torrente de alegria tomou conta das mulheres. As bochechas de Eragon ficaram vermelhas. Ele manteve o olhar fixo sobre a massa à sua frente e aumentou a velocidade das pancadas. Piadas obscenas eram comuns em casamentos, e ele já se divertira muito com elas antes, mas ouvi-las direcionadas a seu primo o desconcertou.

As pessoas que não teriam como comparecer ao casamento estavam tão presentes na cabeça de Eragon quanto as que teriam como ir. Ele pensou em Byrd, Quimby, Parr, Hida, no jovem Elmund, Kelby e nos outros que haviam morrido por causa do Império. Mas, acima de tudo, ele pensou em Garrow. Desejou que seu do ainda estivesse vivo para ver seu único filho aclamado como herói pelos aldeões e também pelos Varden; para vê-lo tomar a mão de Katrina e finalmente se tornar um homem completo.

Eragon fechou os olhos, virou o rosto em direção ao sol do meio-dia e sorriu para o céu, contente. A temperatura estava agradável. O aroma de fermento, farinha, carne grelhada, vinho fresco, sopas quentes, doces e balas dissolvidas tomou conta da clareira. Seus amigos e família estavam reunidos em torno dele para uma celebração e não para um velório. E, por enquanto, ele e Saphira estavam a salvo. *É assim que a vida deveria ser.* Uma cometa soou estranhamente alta.

Então soou novamente.

E mais uma vez.

Todos gelaram, sem ter certeza do significado das três notas.

Por um breve instante, todo o acampamento ficou em silêncio, exceto pelos animais. Então, os tambores de guerra dos Varden começaram a soar. O

caos irrompeu. Mães correram atrás de suas crianças e os cozinheiros abafaram o fogo enquanto o restante dos homens e das mulheres saiu em disparada atrás de suas armas.

Eragon correu na direção de Saphira no instante em que ela se levantava. Expandindo sua mente, ele encontrou Blödhgarm e, uma vez que o elfo diminuiu suas defesas de alguma maneira, pediu: *Encontre-se conosco na entrada norte.*

Nós ouvimos e obedecemos, Matador de Espectros.

Eragon montou em Saphira. No instante em que ele passou a perna por cima de seu pescoço, o dragão saltou quatro fileiras de tendas, aterrissou, e então saltou uma segunda vez, suas asas parcialmente estendidas, sem voar, apenas pulando sobre o acampamento como um gato de montanha cruzando a forte correnteza de um rio. O impacto de cada aterrissagem fazia vibrar os dentes e a coluna de Eragon e ameaçava arrancá-lo de seu assento. À medida que subiam e desciam, com os guerreiros assustados dando passagem, Eragon contatou Trianna e os outros membros de Du Vrangr Gata, identificando a localização de cada feiticeiro e os organizando para a batalha.

Alguém que não fazia parte de Du Vrangr Gata tocou seus pensamentos. Ele recuou, cerrando as paredes ao redor de sua consciência. Então, percebeu que era Angela, a herbolária, e permitiu o contato. Ela disse: *Estou com Nasuada e Elva. Nasuada quer que você e Saphira se encontrem com ela na entrada norte...*

Assim que conseguirmos. Sim, sim, estamos a caminho. E quanto a Elva? Ela está

sentindo alguma coisa?

Dor. Dor intensa. Sua dor. Dos Varden. Dos outros. Sinto muito, ela não está

muito coerente neste exato momento. E muita coisa para ela. Vou colocá-la para dormir até

que a violência termine. Angela cortou a conexão.

Como um carpinteiro dispondo e examinando suas ferramentas antes de começar um novo projeto, Eragon revisou as proteções que havia colocado em torno de si mesmo, de Saphira, Nasuada, Arya e Roran. Pareciam estar todas em seus devidos lugares.

Saphira deslizou e parou em frente à sua tenda, escavando o chão de terra com suas garras. Ele saltou de suas costas, rolou e atingiu o solo. Ficou de pé e entrou, desatando o cinto com a espada. Jogou o cinto com o alforje no chão e, remexendo embaixo do catre, retirou sua armadura. Os anéis frios e pesados da cota de malha deslizaram por cima de sua cabeça e se encaixaram sobre os ombros com som de moedas caindo. Amarrou seu capacete de batalha,

colocou o capuz por cima e então enfiou a cabeça. Pegou de volta o cinto e recolocou-o. Com as grevas e os braçais na mão esquerda, enganchou o dedo mindinho na correia do braço em seu escudo, agarrou a pesada sela de Saphira com a mão direita e saiu às pressas da tenda.

Soltando a armadura com um estrondo metálico, lançou a sela sobre os ombros de Saphira e montou. Devido à pressa e à excitação, e também à

apreensão, sentiu dificuldades para atar as correias.

Saphira mudou sua fisionomia. *Corra. Você está demorando demais. Está certo! Estou indo o mais rápido que posso! Esse seu tamanho todo não ajuda muito!*

Ela rosnou.

O acampamento fervilhava. Homens e anões alvoroçados seguindo a corrente dos rios na direção norte, correndo para responder aos clamores dos tambores de guerra.

Eragon pegou sua armadura abandonada no chão, montou sobre Saphira e se posicionou na sela. Com um rápido bater de asas, um empuxo de aceleração, uma rajada de ar e as amargas reclamações dos braçais arranhando o escudo, Saphira alçou vôo. Enquanto voavam velozmente para o limite norte do acampamento, Eragon atou as grevas nas canelas, segurando-se sobre Saphira apenas com a força das pernas. Os braçais, calçou entre sua barriga e a dianteira da sela. O escudo, pendurou sobre a protuberância da armadura atrás do pescoço. Quando as grevas ficaram presas, deslizou as pernas pela fileira de presilhas de couro de cada lado da sela e então apertou o nó corrediço em cada uma delas.

A mão de Eragon tocou o cinto de Beloth, o Sábio. Ele gemeu, lembrando-se de que esvaziara o cinto enquanto curava Saphira em Helgrind. *Argh! Eu deveria ter estocado um pouco de energia nele.*

Estaremos bem, disse Saphira.

Ele ainda estava encaixando os braçais quando Saphira arqueou suas asas, envolvendo o ar com suas membranas translúcidas, e retornou, permanecendo um instante imóvel até descender sobre o cume de um dos aterros que circundavam o acampamento. Nasuada já estava lá, montada em seu enorme cavalo de batalha, Tempestade na Guerra. Ao lado dela estavam Jörmundur, também a cavalo; Arya, a pé; e a guarda costumeira dos Falcões da Noite liderados por Khagra, um dos Urgals que Eragon conhecera na Campina Ardente. Blödhgarm e os outros elfos emergiram das tendas atrás deles e pararam perto de Eragon e Saphira. De outra parte do acampamento galopavam o rei Orrin e seu séquito, segurando nas rédeas de seus corcéis empinados até se aproximarem de Nasuada. Próximos deles vinham Narheim, chefe dos anões, e três de seus guerreiros montados em pôneis vestidos com armadura e cota de malha. Nar Garzhvog corria pelos campos a leste. O

barulho das pisadas do Kull precedia sua chegada em vários segundos. Nasuada gritou uma ordem, e os guardas na entrada norte puxaram para o lado o tosco portão de madeira para

permitir que Garzhvog entrasse no acampamento. Todavia, se tivesse sido sua intenção, o Kull provavelmente abriria o portão sozinho com sua força.

— Quem desafia? — rosnou Garzhvog, percorrendo o aterro com quatro passadas longas e inumanas. Os cavalos recuaram diante do gigantesco Urgal.

— Olhe — apontou Nasuada.

Eragon já estava estudando os inimigos. Pouco mais do que três quilômetros além, cinco barcos elegantes, pretos como piche, estavam aportados perto das margens do rio Jiet. Dos barcos desembarcou um enxame de homens vestidos com os vistosos uniformes do exército de Galbatorix. A multidão brilhava como água açoitada pelo vento sob um sol de verão à

medida que espadas, escudos, elmos e cotas de malha refletiam a luz. Arya sombreou o rosto com a mão e estreitou os olhos.

— Eu diria que são menos de trezentos soldados.

— Por que tão poucos? — imaginou Jörmundur.

O rei Orrin franziu as sobrancelhas.

— Galbatorix não pode ser louco o suficiente para acreditar que pode nos destruir com um efetivo tão desprezível! — Orrin retirou seu elmo, que tinha o formato de uma coroa, e bateu de leve na testa com o canto da túnica.

— Nós poderíamos obliterar todo esse grupo sem perder nem um homem sequer.

— Talvez sim — disse Nasuada. — Talvez não.

Triturando as palavras, Garzhvog acrescentou:

— O Dragão Rei é um traidor mentiroso, um animal asqueroso, mas sua mente não é fraca. Ele é sagaz como uma lontra esfomeada.

Os soldados reuniram-se em fileiras organizadas e começaram a marchar na direção dos Varden.

Um mensageiro correu até Nasuada. Ela inclinou-se em sua sela para ouvir, e então o dispensou.

— Nar Garzhvog, seu povo está a salvo nos limites de nosso acampamento. Eles estão reunidos perto do portão leste, prontos para suas ordens. Garzhvog rosnou, mas permaneceu onde estava.

Nasuada olhou para os soldados que se aproximavam e disse:

— Não consigo imaginar nenhum motivo para enfrentá-los. Nós podemos acertá-los com flechas assim que estiverem ao alcance. E quando atingirem nossa fortificação, vão se arrebentar nas trincheiras e nas estacas que colocamos. Nenhum deles escapará com vida — concluiu ela com evidente satisfação.

— Quando estiverem entregues — disse Orrin —, eu e meus cavaleiros apareceremos para atacá-los pela retaguarda. Ficarão tão surpresos que não terão nem chance de se defender.

— O curso da batalha pode.. — Nasuada estava respondendo quando a cometa metálica que havia anunciado a chegada dos soldados soou mais uma vez, tão alto que Eragon, Arya e os outros elfos cobriram seus ouvidos. Eragon estremeceu de dor devido à explosão sonora.

De onde vem isso?, perguntou ele a Saphira.

Uma pergunta mais importante — acho eu — é por que os soldados poderiam querer nos avisar de seu ataque, se são realmente eles os responsáveis pelo barulho?

Talvez seja uma maneira de desviar nossa atenção ou..

Eragon esqueceu o que estava começando a dizer quando viu um tumulto na margem oposta do rio Jiet, atrás de um véu de pesarosos salgueiros. Vermelho como um rubi mergulhado em sangue, vermelho como ferro na forja, vermelho como um carvão ardendo de ódio e raiva, Thorn surgiu acima das desfalecidas árvores. E sobre as costas do resplandecente dragão, estava Murtagh em sua armadura de aço reluzente, empunhando Zar'roc por sobre a cabeça.

Eles vieram atrás de nós, disse Saphira. O estômago de Eragon deu um nó, e ele sentiu o pavor de Saphira como uma corrente de bile percorrendo sua mente.

FOGO NO CÉU

nquanto observava Thorn e Murtagh se erguerem alto no céu ao

norte, Eragon ouviu Narheim murmurar "Barzûl" e então amaldiçoar Murtagh por ter matado Hrothgar, o rei dos anões. Arya girou para dar as costas à visão.

E — Nasuada, Vossa Majestade — disse ela, relanceando os olhos

na direção de Orrin —, é preciso deter os soldados antes que cheguem ao acampamento. Não se pode permitir que ataquem nossas defesas. Se chegarem a fazê-lo, passarão por cima dos baluartes como uma onda impelida por uma tempestade e provocarão uma devastação sem precedentes bem no meio de nós, entre as barracas, onde não podemos manobrar com eficácia.

— Devastação sem precedentes? — zombou Orrin. — Você tem tão

pouca confiança em nosso poderio, embaixadora? Os humanos e os anões podem não ser tão talentosos como os elfos, mas não teremos nenhuma dificuldade para nos livrarmos desses

pobres desgraçados, posso lhe garantir. As linhas do rosto de Arya se retesaram.

— Seu poderio é incomparável, Vossa Majestade. Disso não tenho dúvida. Mas escutem: tudo isso é uma armadilha preparada para Eragon e Saphira. *Eles* — ela indicou com um braço os vultos ascendentes de Thorn e Murtagh — vieram capturar Eragon e Saphira para levá-los para Urû'baen. Galbatorix não teria enviado tão poucos homens a menos que tivesse certeza de que eles conseguiriam manter os Varden ocupados pelo tempo necessário para Murtagh derrotar Eragon. Galbatorix *deve* ter lançado encantamentos sobre esses homens, para ajudá-los na missão. Não sei quais possam ser esses encantamentos, mas tenho certeza de uma coisa: os soldados são mais numerosos do que parecem, e nós devemos impedi-los de entrar no acampamento.

— Vocês não vão querer deixar Thorn sobrevoar o acampamento —

disse Eragon, saindo do seu choque inicial. — Ele poderia incendiar a metade com uma única passagem por nós.

Nasuada cerrou as mãos sobre o arção da sela, aparentemente esquecida de Murtagh, Thorn e dos soldados, que estavam a menos de um quilômetro e meio de distância.

— Mas por que não nos atacar enquanto estávamos desprevenidos? —

perguntou ela. — Por que nos alertar da sua presença?

Foi Narheim quem respondeu.

— Porque eles não querem que Eragon e Saphira fiquem enredados no combate no chão. Não, a menos que eu me engane, o plano deles é que Eragon e Saphira enfrentem Murtagh e Thorn no ar enquanto os soldados atacam nossa posição aqui.

— Será então prudente atender aos desejos deles, despachando Eragon e Saphira por nossa própria vontade para essa armadilha? — perguntou Nasuada com uma sobrancelha levantada.

— É prudente, sim — insistiu Arya —, pois temos uma vantagem da

qual eles não poderiam suspeitar. — Ela indicou Blödhgarm. — Desta vez, Eragon não enfrentará Murtagh sozinho. Ele tem a força combinada de treze elfos a lhe dar apoio. Murtagh não está esperando isso. Detenham os soldados antes que cheguem aqui, e vocês terão frustrado parte do projeto de Galbatorix. Enviem Saphira e Eragon lá para cima com os feiticeiros mais poderosos da minha raça sustentando seus esforços, e vocês arrasarão com o que sobrar do esquema de Galbatorix.

— Você me convenceu — disse Nasuada. — No entanto, os soldados

estão perto demais para que os interceptemos a uma distância razoável do acampamento com a nossa infantaria. Orrin. .

Antes que ela terminasse, o rei tinha dado meia-volta no cavalo e saído em disparada para o portão norte do acampamento. Alguém do seu séquito fez soar uma trombeta, sinal para que o restante da cavalaria de Orrin se reunisse para o ataque.

— O rei Orrin precisará de ajuda — disse Nasuada para Garzhvog. —

Mande seu pessoal se juntar a ele.

— Lady Caçadora Noturna. — Jogando para trás a enorme cabeça provida de chifres, Garzhvog emitiu um berro selvagem, ululante. A pele na parte traseira dos braços e do pescoço de Eragon se arrepiou quando ele ouviu o uivo selvagem do Urgal. Fechando os maxilares com ruído, Garzhvog encerrou seu berro e então grunhiu: — Eles virão. — Os Kull irromperam num trote de abalar a terra, correndo na direção do portão onde o rei Orrin e seus cavaleiros estavam reunidos.

Com esforço, quatro homens dos Varden puxaram o portão para abrilo. O rei Orrin ergueu a espada, deu um grito e saiu do acampamento a galope, liderando seus homens em direção aos soldados de túnica de pespontado dourado. Uma nuvem de poeira creme se formou num turbilhão a partir dos cascos dos cavalos ocultando a formação em cunha.

— Jörmundur — disse Nasuada.

— Sim, minha lady?

— Envie duzentos espadachins e cem lanceiros atrás deles. E cinqüenta arqueiros devem estar dispostos a setenta ou oitenta metros do combate. Quero esses soldados esmagados, destruídos, exterminados, Jörmundur. Os homens precisam entender que não haverá acordo nem rendição.

Jörmundur fez uma reverência.

— Diga-lhes também que, embora eu não possa me juntar a eles nesta batalha, por conta dos meus braços, em espírito estou marchando com eles.

— Minha lady.

Quando Jörmundur seguiu às pressas, Narheim levou seu pônei para mais perto de Nasuada.

— E meu próprio povo, Nasuada? Que papel desempenharemos?

Nasuada olhava com ar preocupado para a poeira espessa, sufocante, que atravessava a grande área da campina.

— Vocês podem ajudar a proteger nosso perímetro. Se os soldados de algum modo conseguirem se livrar do nosso ataque.. — Ela foi forçada a se calar quando quatrocentos Urgals, pois mais tinham chegado desde a batalha da Campina Ardente, saíram do centro do

acampamento, malhando o chão com seu peso, passaram pelo portão e seguiram para o campo mais além, o tempo todo rugindo gritos de guerra incompreensíveis. Quando desapareceram na poeira, Nasuada retomou o que estava dizendo: — Se os soldados conseguirem se livrar do nosso ataque, os machados de vocês serão extremamente bem-vindos na defesa do acampamento.

O vento lançou em direção a eles uma rajada, que trazia consigo os berros de homens e cavalos morrendo, o som arrepiante do metal deslizando sobre o metal, o retinir de espadas resvalando em elmos, o impacto surdo de lanças em escudos e, por baixo de tudo isso, um horrendo riso que saía de uma multidão de gargantas e prosseguia sem cessar ao longo de toda a violência. Era, pensou Eragon, o riso dos enlouquecidos.

Narheim bateu com o punho no quadril.

— Por Morgothal, não é da nossa natureza ficar de braços cruzados quando há uma luta à espera! Despache-nos, Nasuada, e permita que decepemos algumas cabeças para a senhora!

— Não! — exclamou Nasuada. — Não, não e não! Já lhe dei minhas

ordens e espero que você as cumpra. Esta é uma batalha de cavalos, homens e Urgals, talvez até mesmo de dragões. Não é um lugar adequado para anões. Vocês seriam pisoteados como crianças. — Diante da imprecação indignada de Narheim, ela ergueu a mão. — Sei muito bem que vocês são guerreiros temíveis. Ninguém sabe disso melhor do que eu, que lutei ao seu lado em Farthen Dûr. Contudo, para ir direto ao ponto, vocês são baixos para nossos padrões, e eu preteriria não arriscar seus guerreiros numa refrega como esta, na qual sua estatura poderia ser sua desgraça. Melhor esperar aqui, no terreno elevado, onde vocês estarão mais altos que qualquer um que tente escalar este talude, e deixar que os soldados venham até vocês. Quaisquer soldados que cheguem até nós haverão de ser guerreiros de habilidade tão tremenda que eu vou querer que você e seu povo os rechacem, pois é tão fácil arrancar uma montanha do chão quanto derrotar um anão.

Ainda insatisfeito, Narheim resmungou uma resposta qualquer, mas qualquer coisa que tivesse dito se perdeu quando os Varden que Nasuada tinha acionado saíram em fila pela brecha no aterro, onde antes estava o portão. O barulho dos passos fortes e do equipamento que chocalhava foi desaparecendo aos poucos à medida que os homens se afastavam do acampamento. Então, o vento se fixou numa brisa constante; e, da direção da luta, voltou a vir o riso medonho.

Daí a um momento, um grito mental de força incrível superou as defesas de Eragon e varou sua consciência, enchendo-o de agonia enquanto ele ouvia um homem dizer: *Ah, não! Socorro! Eles não morrem! Angvard que os leve!*

Eles não morrem! A ligação entre as mentes desapareceu nesse instante, e Eragon engoliu em seco ao perceber que o homem tinha sido morto.

— Quem era esse? — perguntou Nasuada, remexendo-se na sela, com

a expressão tensa.

— Você também ouviu?

— Parece que todos nós ouvimos — disse Arya.

— Acho que era Barden, um feiticeiro que segue com os cavaleiros do rei Orrin, mas. .

— *Eragon!*

Thorn estivera descrevendo círculos a uma altitude cada vez maior, enquanto o rei Orrin e seus homens lutavam com os soldados, mas agora o dragão pairava imóvel no ar, a meio caminho entre os soldados e o acampamento; e a voz de Murtagh, amplificada pela magia, ressoou por toda a terra.

— *Eragon!* Eu o estou vendo, escondido por trás da saia de Nasuada. Venha lutar comigo, Eragon! E o seu destino. Ou será que você é um covarde, *Matador de Espectros?*

Saphira respondeu por Eragon, levantando a cabeça e rugindo ainda mais alto que a fala trovejante de Murtagh, para então lançar um jato de fogo azul crepitante, de uns seis metros de comprimento. Os cavalos perto de Saphira, o de Nasuada inclusive, dispararam assustados, deixando o dragão e Eragon sozinhos no aterro com os elfos.

Aproximando-se de Saphira, Arya pôs a mão na perna esquerda de Eragon e, com seus olhos verdes e repuxados, olhou para ele ali no alto.

— Aceite isso de mim, Shur'tugal — disse ela. E ele sentiu um jorro de energia penetrar nele.

— Eka elrun ono — murmurou ele para ela.

— Tenha cuidado, Eragon — disse ela, também na língua antiga. — Eu não ia querer vê-lo derrotado por Murtagh. Eu.. — Parecia que ela ia dizer mais alguma coisa, mas hesitou; retirou então a mão de sua perna e recuou para onde estava Blödhgarm.

— Voe bem, Bjartskular! — entoaram os elfos quando Saphira se lançou do alto do aterro.

Enquanto Saphira voava na direção de Thorn, Eragon uniu sua mente primeiro com ela, depois com Arya e, através de Arya, com Blödhgarm e os outros onze elfos. Ao manter Arya como ponto central para os elfos, Eragon conseguiu se concentrar em seus pensamentos e nos de Saphira. Ele as conhecia tão bem que suas reações não o perturbariam no meio de uma luta. Eragon segurava o escudo com a mão esquerda e desembainhou a cimitarra, segurando-a para o alto para evitar ferir por acidente as asas de Saphira em movimento, nem cortar seus ombros ou seu pescoço, que também se movimentavam constantemente. *Que bom que ontem reservei tempo para reforçar a cimitarra com magia,* disse ele a Saphira e Arya.

Tomara que seus encantamentos resistam, respondeu Saphira. *Lembre-se,* disse Arya, *permaneça tão perto de nós quanto for possível. Quanto maior for a distância entre nós, mais difícil será a manutenção deste nosso vínculo com você.* Thorn não mergulhou para investir contra Saphira, nem a atacou de outro modo enquanto ela se aproximava; preferiu se afastar com as asas rígidas, permitindo que ela chegasse à sua altura sem ser molestada. Os dois dragões se equilibravam em massas de ar quente, encarando-se por sobre um vazio de uns cinqüenta metros, agitando a ponta das caudas farpadas e com os focinhos contraídos em rosnados ferozes.

Ele está maior, comentou Saphira. *Não faz duas semanas desde nossa última luta, e ele já cresceu mais um metro e vinte, se não mais que isso.* Ela estava certa. Thorn estava mais comprido da cabeça até a cauda e seu tórax estava mais cheio do que em seu primeiro confronto acima da Campina Ardente. Ele era pouco mais que um filhote, mas já estava quase do tamanho de Saphira.

Relutante, Eragon passou seu olhar do dragão para o Cavaleiro.

Murtagh estava com a cabeça exposta, e seu cabelo longo e negro ondulava às suas costas como uma crina lisa. Sua expressão era dura, mais dura do que Eragon jamais vira, e Eragon soube que dessa vez Murtagh não iria, não poderia, ter compaixão por ele. Com o volume da voz substancialmente reduzido, porém ainda mais alto que o normal, Murtagh avisou:

— Você e Saphira nos causaram muita dor, Eragon. Galbatorix ficou furioso conosco por deixá-lo livre. E depois que vocês dois mataram os Ra'zac, ele ficou tão possesso que matou cinco criados antes de voltar sua ira contra Thorn e mim. Nós passamos por sofrimentos terríveis por sua causa, Eragon. E não voltaremos a passar. — Ele afastou o braço para trás, como se Thorn estivesse prestes a investir e ele, Murtagh, estivesse se preparando para atacar Eragon e Saphira a fio de espada.

— Espere! — gritou Eragon. — Sei de um modo pelo qual vocês dois podem se livrar dos juramentos feitos a Galbatorix.

Uma expressão de anseio desesperado transformou as feições de Murtagh, e ele baixou Zar'roc alguns centímetros. Depois amarrou a cara e cuspiu para o chão, com um grito.

— Não acredito em você! Não é possível!

— E verdade! Deixe-me explicar.

Murtagh parecia lutar consigo mesmo; e, por um instante, Eragon imaginou que ele fosse se recusar a ouvir. Girando a cabeça para trás, Thorn olhou para Murtagh, e alguma coisa se passou entre os dois.

— Maldito seja, Eragon — disse Murtagh, atravessando Zar'roc à sua frente na sela. — Maldito seja por nos seduzir com isso. Já tínhamos nos resignado ao que nos coube, e você precisa vir nos atormentar com a sombra de uma esperança que já tínhamos abandonado. Se

essa se provar uma falsa esperança, *irmão*, juro que deceparei sua mão direita antes de entregá-lo a Galbatorix.. Você não vai precisar dela para o que vai fazer em Urû'baen. Uma resposta ocorreu a Eragon, mas ele a reprimiu. Baixando a cimitarra, começou a falar.

— Galbatorix não ia querer lhe contar; mas, quando estive entre os elfos. .

Eragon, não revele mais nada sobre nós!, exclamou Arya.

— ... aprendi que, se a personalidade de uma pessoa mudar, o nome verdadeiro daquela pessoa na língua antiga também muda. Quem você é não é

definitivo, imutável, Murtagh! Se você e Thorn conseguirem mudar alguma coisa em si mesmos, vocês se libertarão do juramento, e Galbatorix perderá o domínio que exerce sobre vocês.

Thorn veio pairando alguns metros mais para perto de Saphira.

— Por que você nunca mencionou isso? perguntou Murtagh.

Eu estava muito confuso naquele momento.

Não mais do que quinze metros separavam Thorn de Saphira àquela altura. O rosnado agressivo do dragão vermelho tinha se reduzido a uma ligeira crispação do lábio superior, e nos seus olhos de carmim faiscante surgiu uma enorme tristeza de perplexidade, como se ele esperasse que Saphira ou Eragon pudesse saber por que ele tinha sido trazido a este mundo apenas para que Galbatorix o escravizasse, o tratasse com violência e o obrigasse a destruir a vida de outros seres. A ponta do focinho de Thorn se encrespou quando farejou Saphira. Ela o farejou também, e sua língua se projetou da boca quando ela sentiu o sabor do cheiro dele. Uma enorme pena de Thorn cresceu no intimo de Eragon e Saphira juntos, e eles desejaram poder se comunicar com o dragão diretamente, mas não ousaram abrir a mente para ele. Tão próximos, Eragon percebeu os feixes de tendões que sulcavam o pescoço de Murtagh e a veia em forquilha que pulsava no meio da sua testa.

— Eu não sou do mal! — disse Murtagh. — Fiz o melhor que pude,

dadas as circunstâncias. Duvido que você tivesse sobrevivido tão bem quanto eu se nossa mãe tivesse achado melhor deixar *você* em Urû'baen e esconder a *mim* em Carvahall.

— Talvez não.

Murtagh deu um soco no próprio peitoral.

— A-rá! Então, como eu deveria pensar em seguir seu conselho? Se já

sou uma boa pessoa, se já me saí melhor do que se poderia esperar, como vou poder mudar? Deverei me tornar pior do que sou? Deverei me envolver nas trevas de Galbatorix para me

livrar delas? Dificilmente essa me pareceria uma solução razoável. Se eu tivesse êxito em alterar minha identidade tanto assim, você não gostaria da pessoa que eu me tornaria; e me amaldiçoaria tanto como amaldiçoa Galbatorix agora.

— Sim — respondeu Eragon, frustrado. — Mas você não tem de se tornar melhor ou pior do que é agora, apenas diferente. Existem muitos tipos de pessoas no mundo e muitas maneiras de agir com honradez. Olhe para uma pessoa que você admira, mas que escolheu caminhos diferentes dos seus pela vida afora, e inspire seus atos nos dessa pessoa. Pode levar um tempo; mas, se vocês conseguirem mudar a personalidade o suficiente, poderão abandonar Galbatorix, poderão abandonar o Império, e você e Thorn poderiam se juntar a nós com os Varden, onde teriam a liberdade de fazer o que quisessem.

E seus próprios juramentos de vingar a morte de Hrothgar?, perguntou Saphira a Eragon, que não lhe deu atenção.

Murtagh encarou Eragon com sarcasmo.

— Portanto, você está me pedindo para ser o que eu não sou. Se Thorn e eu quisermos nos salvar, precisamos destruir nossa identidade atual. Sua cura é pior que nossa aflição.

— Estou pedindo que você se permita um crescimento que o transforme em alguém diferente do que você é agora. Sei que é difícil, mas as pessoas aprendem. Desista da sua raiva, e você poderá dar as costas a Galbatorix de uma vez por todas.

— Desistir da minha raiva? — Murtagh deu uma risada. — Eu desisto da minha raiva no instante em que você se esquecer da sua, pelo papel do Império na morte do seu tio e na destruição da sua fazenda. A raiva nos define, Eragon; e sem ela, você e eu não seríamos mais do que um banquete para larvas. Ainda assim.. — Com os olhos semicerrados, Murtagh bateu no guarda-mão de Zar'roc, com os tendões no pescoço se relaxando, embora a veia que dividia sua testa permanecesse estufada como sempre. — Admito que a idéia é interessante. Talvez possamos trabalhar juntos nela quando estivermos em Urû'baen. Quer dizer, se o rei permitir que fiquemos a sós. E

claro que ele pode resolver nos manter permanentemente separados. É o que eu faria se estivesse no lugar dele.

Parece que você está pensando que nós iremos com vocês para a capital

— disse Eragon, apertando os dedos em torno do punho da cimitarra.

— Ah, mas vocês irão, meu irmão. — Um sorriso falso esticou a boca de Murtagh. — Mesmo que quiséssemos, Thorn e eu não poderíamos mudar quem somos de um instante para outro. Até a ocasião em que tenhamos essa oportunidade, nosso compromisso com Galbatorix permanece. E ele nos ordenou, em termos perfeitamente explícitos, que levássemos vocês dois à sua presença. Nenhum de nós dois está disposto a enfrentar o desagrado do rei outra vez. Nós os derrotamos antes. Não será nenhum feito extraordinário derrotá-los outra vez.

Uma labareda escapou entre os dentes de Saphira, e Eragon precisou sufocar uma reação semelhante em palavras. Se perdesse o controle agora, seria inevitável o derramamento de sangue.

— Por favor, Murtagh, Thorn, vocês pelo menos não querem tentar o que sugeri? Vocês não têm nenhum desejo de resistir a Galbatorix? Vocês nunca se libertarão dos grilhões a menos que se disponham a desafiá-lo.

— Você subestima Galbatorix, Eragon — rosnou Murtagh. — Ele vem

escravizando pelo nome há mais de um século, desde que conseguiu recrutar nosso pai. Você acha que ele não se dá conta de que o verdadeiro nome de uma pessoa pode variar ao longo da vida? Tenho certeza de que tomou precauções para essa eventualidade. Se meu verdadeiro nome ou o de Thorn mudasse neste exato instante, é enorme a probabilidade de que isso acionaria um encantamento que alertaria Galbatorix dessa mudança e nos forçaria a voltar para Urû'baen para ele poder novamente nos vincular a ele.

— Mas somente se ele conseguisse adivinhar seus novos nomes.

— Ele é exímio nisso. — Murtagh levantou Zar'roc da sela. —

Podemos no futuro fazer uso da sua sugestão, mas apenas após meticuloso estudo e a e preparação, para que Thorn e eu não recuperemos nossa liberdade só para Galbatorix voltar a roubá-la de nós imediatamente. — Ele ergueu Zar'roc, com a lâmina iridescente da espada tremeluzindo. —

Portanto, não temos escolha, a não ser levá-los conosco para Urû'baen. Vocês virão em paz?

— Eu preferiria arrancar fora meu próprio coração! — respondeu Eragon, sem se conter mais.

— Melhor arrancar fora os meus corações — respondeu Murtagh, fincando Zar'roc para o alto, com um terrível grito de guerra.

Rugindo em uníssono, Thorn bateu as asas duas vezes, veloz, para saltar sobre Saphira. Girou graus enquanto subia, para que sua cabeça ficasse sobre o pescoço de Saphira, onde ele poderia imobilizá-la com uma única mordida na base do crânio.

Saphira não esperou por ele. Inclinou-se para a frente, fazendo uma rotação com as asas a partir da articulação dos ombros, de modo que, pela duração de uma pulsação, ela estava apontando direto para baixo, com as asas ainda paralelas ao chão poeirento, sustentando todo o seu peso instável. Então recolheu a asa direita e girou a cabeça para a esquerda e a cauda para a direita, na direção de um ponteiro de relógio. A cauda musculosa atingiu Thorn no flanco esquerdo exatamente quando ele passava acima dela, fraturando sua asa em cinco lugares diferentes. As extremidades pontudas dos ossos ocos que permitiam o vôo de Thorn perfuraram seu couro e se projetaram por entre as escamas faiscantes. Gotas de sangue fumegante de dragão caíram como chuva sobre Eragon e Saphira. Uma gotícula se chocou com

a parte traseira da coifa de armas de Eragon e se infiltrou pela malha até a pele desprotegida. Ardeu como óleo fervente. Eragon levou a mão desordenadamente ao pescoço, procurando limpar o sangue.

Com o rugido se transformando num ganido de dor, Thorn passou caindo por Saphira, sem conseguir se manter no ar.

— Muito bem! — gritou Eragon para Saphira, enquanto ela se endireitava.

Eragon ficou olhando do alto quando Murtagh tirou do cinto um pequeno objeto redondo e o pressionou no ombro de Thorn. Eragon não sentiu nenhuma onda de magia partir de Murtagh, mas o objeto na sua mão se acendeu, e a asa quebrada de Thorn deu um solavanco com os ossos voltando para o lugar com estalidos, e os músculos e tendões se encresparam, os rasgos neles desapareceram. Por fim, os ferimentos no couro de Thorn se fecharam. *Como ele fez aquilo?,* exclamou Eragon.

Arya respondeu: *Ele deve ter impregnado antecipadamente o objeto com um encantamento de cura.*

Deveríamos ter pensado nisso também.

Curado, Thorn interrompeu a queda e começou a subir em direção a Saphira, a uma velocidade prodigiosa, rasgando o ar à sua frente, com um jato fervente de fogo vermelho obstinado. Saphira mergulhou contra ele, descrevendo círculos em torno da torre de chamas. Ela tentou uma mordida no pescoço de Thorn, fazendo com que ele se encolhesse, arranhou os ombros e o seu peito com as garras dianteiras e o fustigou com suas asas enormes. A ponta da sua asa direita atingiu Murtagh, derrubando-o de lado na sela. Ele se recuperou rapidamente e golpeou Saphira com a espada, abrindolhe um rasgo de noventa centímetros na membrana da asa. Chiando, Saphira afastou Thorn com coices e soltou um jato de fogo, que se dividiu e passou de cada lado de Thorn sem lhe causar dano. Através de Saphira, Eragon sentiu que seu ferimento latejava. Olhou espantado para o rasgo sangrento, com os pensamentos em disparada. Se estivessem lutando contra um mágico que não fosse Murtagh, Eragon não ousaria lançar um encantamento enquanto estivessem trocando hostilidades, pois o mágico teria grande probabilidade de acreditar que estava prestes a morrer e poderia reagir com um ataque de magia desesperado, descontrolado. Com Murtagh era diferente. Eragon sabia que Galbatorix tinha dado ordens a Murtagh para capturar, não matar, Saphira e ele. *Não importa o que eu faça,* pensou Eragon *, ele não tentará me matar.* Era, portanto, seguro tentar curar Saphira, concluiu Eragon. E, percebeu também com atraso, que poderia atacar Murtagh com quaisquer encantos que quisesse, e Murtagh não poderia retaliar com força letal. No entanto, ele não entendia por que Murtagh tinha usado um objeto encantado para curar os ferimentos de Thorn, em vez de lançar um encantamento por si mesmo.

Talvez ele queira guardar suas forças, disse Saphira. *Talvez pretenda evitar assustá-lo. Galbatorix não ficaria satisfeito se Murtagh, ao usar magia, causasse algum pânico em você que o levasse a se matar, matar Thorn ou Murtagh em conseqüência disso. Lembre-se,*

a maior ambição do rei é ter nós quatro sob seu comando. Ele não nos quer mortos, onde estaríamos fora do seu alcance.

Deve ser isso, concordou Eragon.

Enquanto ele se preparava para curar a asa de Saphira, Arya disse: *Espere. Não faça isso.*

O quê? Por quê? Você não está sentindo a dor de Saphira?

Deixe que meus irmãos e eu cuidemos dela. Murtagh ficará confuso; e, desse modo, o esforço não o enfraquecerá.

Vocês não estão longe demais para operar uma transformação dessas?

Não quando todos nós reunirmos nossos recursos. E, Eragon? Recomendamos que você se abstenha de atacar Murtagh com magia enquanto ele próprio não o atacar com a mente ou com magia. Ele ainda pode ser mais forte que você, mesmo com nós treze lhe emprestando nossa força. Não sabemos. E melhor você somente tentar se testar contra ele quando não houver alternativa.

E se eu não conseguir vencer?

A Alagaësia inteira cairá sob o domínio de Galbatorix.

Eragon sentiu que Arya se concentrava, e então o corte na asa de Saphira parou de sangrar e os bordos irregulares da delicada membrana cerúlea confluíram sem formar casca nem cicatriz. O alívio de Saphira foi intenso. Com um toque de fadiga, Arya disse *: Proteja-se melhor se for possível. Isso não foi fácil.*

Depois que Saphira o escoiceou, Thorn se debateu e perdeu altitude. Talvez supondo que Saphira pretendesse forçá-lo mais para baixo, onde seria mais difícil para ele escapar dos seus ataques, Thorn fugiu uns quatrocentos metros para o oeste. Quando, por fim, percebeu que Saphira não o estava perseguindo, descreveu círculos ascendentes até se encontrar uns bons trezentos metros acima de onde ela estava.

Recolhendo as asas, Thorn se arremessou em direção a Saphira, com chamas tremeluzindo pela boca aberta, as garras de marfim estendidas, no seu dorso, Murtagh brandia Zar'roc.

A cimitarra quase se soltou da mão de Eragon quando Saphira fechou uma asa e virou de cabeça para baixo numa arrancada vertiginosa, para depois esticar a asa de novo e desacelerar a descida. Se tentasse espiar para trás, Eragon veria o chão lá embaixo. Ou seria acima? Ele trincou os dentes e se concentrou em não largar a sela.

Thorn e Saphira se chocaram; e para Eragon foi como se Saphira tivesse colidido com a encosta de uma montanha. A força do impacto o empurrou para a frente, e ele bateu com o elmo no espinho do pescoço diante dele, amassando o aço espesso. Atordoado, ficou

pendurado na sela enquanto via os discos dos céus e da terra inverterem sua posição, girando sem um padrão discernível. Sentiu Saphira estremecer quando Thorn atingiu seu ventre exposto. Quem dera ele tivesse tido tempo de vesti-la com a armadura que os anões lhe tinham dado, pensou.

Uma cintilante perna cor de rubi apareceu em volta do ombro de Saphira, ferindo-a com garras sangrentas. Sem pensar, Eragon a golpeou com a espada, destruindo uma fileira de escamas e cortando um feixe de tendões. Três dedos daquela pata perderam o movimento. Eragon atacou novamente. Com um rosnado, Thorn rompeu o contato com Saphira. Ele arqueou

o pescoço, e Eragon ouviu uma inspiração à medida que o dragão corpulento enchia os pulmões. Eragon se abaixou, escondendo o rosto no cotovelo. Um fogo devorador envolveu Saphira. O calor daquele inferno não tinha como lhes fazer mal, pois as proteções mágicas de Eragon impediam que isso acontecesse, mas a torrente de labaredas ainda os cegava.

Saphira deu uma guinada para a esquerda, saindo do fogaréu revolto. A essa altura, Murtagh já havia reparado a lesão na perna de Thorn, que mais uma vez investiu contra Saphira, engalfinhando-se com ela enquanto os dois se precipitavam em solavancos estonteantes na direção das tendas cinzentas dos Varden. Saphira conseguiu fincar os dentes na crista chifrada de Thorn, apesar das pontas de ossos que perfuravam sua língua. Thorn berrou e se debateu como um peixe fisgado, tentando se afastar, mas ele não era páreo para os músculos de ferro dos maxilares de Saphira. Os dois dragões desceram à deriva, lado a lado, como um par de folhas entrelaçadas.

Eragon se debruçou e tentou uma cutilada transversal no ombro direito de Murtagh, sem a intenção de matá-lo, mas sim feri-lo com gravidade suficiente para encerrar a luta. Diferentemente da ocasião do seu confronto acima da Campina Ardente, Eragon estava descansado. Com o braço veloz como o de um elfo ele confiava que Murtagh estaria indefeso diante dele. Murtagh ergueu o escudo e bloqueou a cimitarra.

Sua reação foi tão inesperada que Eragon hesitou e então mal teve tempo para se recolher e se defender quando Murtagh retaliou, brandindo Zar'roc contra ele, com a lâmina zunindo pelo ar a uma velocidade espantosa. O golpe atingiu o ombro de Eragon. Reforçando o ataque, Murtagh procurou acertar o pulso e então, quando Eragon afastou Zar'roc de lado, Murtagh a fincou por baixo do escudo de Eragon, atravessando a beira da sua cota de malha e da túnica, a cintura dos calções e penetrando no seu quadril esquerdo. A ponta de Zar'roc se cravou no osso.

A dor atingiu Eragon como um balde de água gelada, mas também conferiu aos seus pensamentos uma clareza sobrenatural, fazendo com que um jorro de força extraordinária percorresse seus membros.

Quando Murtagh recolheu Zar'roc, Eragon deu um berro e investiu contra o irmão, que, com uma virada do pulso, prendeu a cimitarra por baixo de Zar'roc. Murtagh arreganhou os dentes

num sorriso sinistro. Sem parar, Eragon deu um puxão para soltar a cimitarra, fez que ia atingir o joelho direito de Murtagh, mas levou a arma no sentido contrário e cortou-lhe a bochecha.

— Você devia ter posto um elmo — disse Eragon.

Estavam tão perto do solo nessa hora — a apenas algumas dezenas de metros — que Saphira precisou soltar Thorn, e os dois dragões se separaram antes que Eragon e Murtagh pudessem trocar mais golpes.

Enquanto Saphira e Thorn subiam em espiral, apostando corrida em direção a uma nuvem de um branco-pérola que estava se formando acima das tendas dos Varden, Eragon levantou a cota de malha e a túnica para examinar o quadril. Um trecho de pele do tamanho de um punho estava sem cor, no lugar onde Zar'roc tinha esmagado a cota contra a carne. No meio desse trecho, havia uma fina linha vermelha, com uns cinco centímetros de comprimento, onde Zar'roc o tinha perfurado. O sangue escorria do ferimento, empapando a parte superior dos seus calções.

Ser ferido por Zar'roc — uma espada que nunca lhe tinha falhado em momentos de perigo e que ele ainda considerava legitimamente sua — o deixou perturbado. Era errado que sua própria arma fosse voltada contra ele. Era uma deformação do mundo, contra a qual todos os seus instintos se rebelavam.

Saphira balançou quando passou por uma turbulência, e Eragon se encolheu, com uma dor renovada subindo lancinante pela lateral de seu corpo. Concluiu que era uma felicidade eles não estarem lutando no chão. pois achava que seu quadril não conseguiria suportar seu peso.

Arya, disse ele, você quer me curar, ou eu deveria fazer isso sozinho e deixar Murtagh me impedir se puder?

Nós cuidaremos disso para você, disse Arya. *Talvez você consiga apanhar Murtagh de surpresa se ele acreditar que você ainda está ferido.*

Ah, espere.

Por quê?

Preciso lhe dar permissão. Se não, minhas proteções bloquearão o encantamento. De início, a frase não ocorreu a Eragon, mas acabou se lembrando da construção da salvaguarda e murmurou na língua antiga.

— Arya, filha de Islanzadí, tem minha permissão para lançar sobre mim um encantamento.

Vamos precisar conversar sobre suas proteções quando você não estiver tão ocupado. E se você estivesse inconsciente? Como poderíamos cuidar de você nesse caso?

Isso pareceu uma boa idéia depois da Campina Ardente. Murtagh nos imobilizou com magia. Não quero que ele nem mais ninguém tenha condição de lançar encantamentos sobre nós sem nosso consentimento.

Isso não deveria ser possível, mas existem soluções mais elegantes que a sua. Eragon se contorceu na sela à medida que a magia dos elfos surtia efeito e seu quadril começava a formigar e cocar, como se estivesse coberto de picadas de pulgas. Quando a coceira parou, ele deslizou a mão por baixo da túnica e ficou feliz de não sentir nada além de pele lisa.

Certo, disse ele, girando os ombros. *Vamos ensiná-los a temer nossos nomes.* Com a nuvem branca perolada cada vez maior à sua frente, Saphira desviou para a esquerda e, enquanto Thorn se esforçava para virar, mergulhou no coração da nuvem. Tudo ficou frio, úmido e branco. E, então, Saphira saiu veloz do outro lado, apenas alguns metros acima e por trás de Thorn. Com um rugido de triunfo, Saphira se deixou cair sobre Thorn e o agarrou pelos flancos, fincando-lhe as garras nas coxas e ao longo da espinha. Sua cabeça serpeou mais para a frente, e ela agarrou a asa esquerda do outro dragão com a boca, prendendo-a com o *estalido* de dentes afiados cortando carne.

Thorn se contorcia e berrava, um som horrível que Eragon não tinha suspeitado que dragões fossem capazes de produzir.

Eu o peguei, disse Saphira. *Posso arrancar sua asa fora, mas preferia não fazer isso. Não importa o que vá fazer, faça agora antes de cairmos demais.* Com o rosto pálido por baixo dos borrões de sangue, Murtagh apontou para Eragon com Zar'roc — a espada tremendo no ar — e um rato mental de poder imenso invadiu a consciência de Eragon. A presença estranha buscava seus pensamentos, procurando agarrá-los, dominá-los e sujeitá-los a Murtagh. Como tinha acontecido na Campina Ardente, Eragon percebeu que a mente de Murtagh dava a impressão de conter multidões, como se um confuso coro de vozes estivesse murmurando por baixo da barafunda dos próprios pensamentos de Murtagh.

Eragon se perguntou se Murtagh não teria um grupo de mágicos a auxiliá-lo, exatamente como os elfos faziam por ele.

Por mais difícil que fosse, Eragon esvaziou a mente de tudo exceto uma imagem de Zar'roc . Concentrou-se na espada com todo o seu poder, alisando o plano da sua consciência na calma da meditação para que Murtagh não encontrasse nenhuma saliência que pudesse lhe proporcionar um ponto de apoio em seu ser. E, quando Thorn se debateu abaixo deles, e a atenção de Murtagh hesitou por um instante, Eragon lançou um contra-ataque furioso, procurando agarrar a consciência de Murtagh.

Num silêncio sinistro, os dois lutaram, um contra o outro, enquanto caíam, engalfinhando-se para lá e para cá nos confins das mentes. Às vezes, parecia que Eragon sobrepujava; às vezes, Murtagh. Mas nenhum dos dois conseguia derrotar o outro. Eragon olhou de relance para o chão que se aproximava veloz e se deu conta de que sua disputa teria de ser decidida por outros meios.

Abaixando a cimitarra para que ficasse no mesmo nível de Murtagh, Eragon gritou "Letta!" — o mesmo encantamento que Murtagh tinha usado contra ele durante seu confronto anterior. Era uma magia simples, que não faria mais do que imobilizar os braços e o torso de Murtagh, mas ela permitiria que eles se testassem diretamente, um contra o outro, para determinar qual dos dois tinha mais energia à sua disposição.

Murtagh pronunciou um. contra-encantamento, as palavras perdidas em meio aos rosnados de Thorn e os uivos do vento.

O pulso de Eragon se acelerou à medida que a força ia se escoando dos seus membros. Quando suas reservas estavam quase esgotadas e ele estava fraco por conta do esforço, Saphira e os elfos derramaram sua energia para seu corpo, mantendo o encantamento por ele. Ali diante dele, Murtagh tinha originalmente parecido confiante, com um ar de superioridade, mas como Eragon continuava a contê-lo, sua expressão de raiva se aprofundou, e ele arreganhou os lábios, revelando os dentes. E o tempo todo, os dois assediavam um a mente do outro.

Eragon sentiu a energia que Arya estava canalizando para ele se reduzir uma vez, e então uma segunda vez. Supôs que dois dos criadores de encantamentos sob o comando de Blödhgarm tinham desmaiado. *Murtagh* não pode *agüentar muito mais*, pensou ele, e então precisou lutar para recuperar o controle da sua mente, pois essa falta momentânea de concentração tinha permitido a entrada de Murtagh.

A força proveniente de Arya e dos outros elfos caiu pela metade, e até

mesmo Saphira começou a tremer de exaustão. Exatamente quando Eragon se convenceu de que o irmão sairia vitorioso, Murtagh deu um grito angustiado, e Eragon teve a sensação de que um enorme peso era retirado de cima dele, com o desaparecimento da resistência do irmão. Murtagh parecia perplexo diante do sucesso de Eragon.

E agora?, perguntou Eragon a Arya e Saphira. *Vamos tomá-los como reféns?*

Temos como jazer isso?

Agora, disse Saphira, *eu preciso voar.* Ela soltou Thorn e se afastou dele com ímpeto, erguendo as asas e as batendo com enorme esforço enquanto se empenhava em manter-se no ar. Eragon olhou por cima do ombro dela e teve urna breve impressão de cavalos e capim raiado de sol se precipitando na direção deles. Depois, foi como se um gigante o tivesse atingido por baixo, e ele tivesse perdido a visão.

A imagem seguinte que Eragon viu foi uma faixa de escamas do pescoço de Saphira a três ou quatro centímetros diante do seu nariz. As escamas brilhavam como um gelo azul-cobalto. Eragon tinha uma vaga percepção de que alguém estava tentando entrar em contato com ele de uma enorme distância, com uma consciência que projetava uma forte noção de urgência. A medida que suas faculdades lhe voltavam, ele reconheceu que a outra pessoa era Arya. Ela dizia: *Encerre o encantamento, Eragon! Se você o mantiver, nós todos morreremos.*

Encerre-o. Murtagh está longe demais! Eragon, acorde, ou você fará a passagem para o nada.

Com um solavanco, Eragon se sentou empertigado na sela, mal percebendo que Saphira estava agachada em meio aos cavaleiros do rei Orrin. Arya não estava em nenhum lugar visível. Agora que estava novamente alerta, Eragon sentia o encantamento que havia lançado sobre Murtagh ainda esgotando sua energia, e em quantidades cada vez maiores. Se não fosse pela ajuda de Saphira, de Arya e dos outros elfos, ele já estaria morto. Eragon sustou a magia e então procurou Thorn e Murtagh.

Lá, disse Saphira, apontando com o focinho. Bem baixo no céu a noroeste, Eragon viu o vulto cintilante de Thorn, seguindo pelo ar o percurso do rio Jiet, fugindo na direção do exército de Galbatorix, a alguns quilômetros de distância.

Como?

Murtagh curou Thorn mais uma vez, e Thorn teve a sorte de pousar na encosta de um morro. Ele desceu correndo por ela e decolou antes que você recuperasse os sentidos. De lá do outro lado da paisagem ondulante, retumbou a voz amplificada de Murtagh.

— Não pensem que venceram, Eragon e Saphira. Juro que nos encontraremos outra vez; Thorn e eu os derrotaremos, pois estaremos ainda mais fortes do que agora!

Eragon segurou com tanta força o escudo e a cimitarra que chegou a sangrar por baixo das unhas. *Você acha que conseguiria ultrapassá-lo?*

Eu conseguiria, mas os elfos não teriam condições de ajudá-lo a uma distância daquelas, e eu duvido que pudéssemos sair vitoriosos sem o apoio deles. Talvez pudéssemos. Eragon parou e bateu na perna, frustrado. *Droga, sou um idiota! Eu me esqueci de Aren. Poderíamos ter usado a energia no anel de Brom para nos ajudar a derrotá-los.*

Você estava com outras coisas na cabeça. Qualquer um poderia ter cometido o mesmo erro.

Pode ser, mas eu ainda queria ter me lembrado de Aren antes. Ainda poderíamos usá-lo para capturar Thorn e Murtagh.

E depois iríamos fazer o quê?, perguntou Saphira. *Como poderíamos mantê-los prisioneiros? Drogaria-os como Durza fez com você em Gil'ead? Ou simplesmente vai querer matá-los?*

Não sei! Poderíamos ajudá-los a mudar seu verdadeiro nome, para romper os votos que fizeram a Galbatorix. Deixá-los perambular por ai sem restrições é, no entanto, perigoso demais.

Arya interveio: *Na teoria, você está certo, Eragon, mas está cansado, e Saphira também. Eu prefiro que Thorn e Murtagh escapem a perdermos vocês dois porque estavam cansados.*

Mas. .

Mas não temos as instalações para deter em segurança um dragão e Cavaleiro por um período prolongado, e acho que matar Thorn e Murtagh não seria tão fácil quanto você

imagina, Eragon. Seja grato por termos conseguido rechaçá-los, e fique tranqüilo sabendo que podemos fazer isso novamente quando eles ousarem nos enfrentar da próxima vez. Tendo dito isso, ela se afastou da mente de Eragon.

Eragon ficou observando até Thorn e Murtagh desaparecerem. Deu então um suspiro e afagou o pescoço de Saphira. *Eu poderia dormir quinze dias seguidos.*

E eu também.

Você deveria ter orgulho de si mesma. Voou melhor que Thorn praticamente em todas as manobras.

Sim, voei, não é mesmo?, reconheceu ela, envaidecida. *Mas dificilmente teria sido uma competição justa. Thorn não tem a experiência que eu tenho. Nem seu talento, eu diria.*

Torcendo o pescoço, ela lambeu a parte superior do seu braço direito, fazendo retinir a cota de malha, e então olhou do alto para ele com os olhos cintilantes.

Ele conseguiu dar uma sombra de sorriso. *Suponho que eu deveria ter esperado, mas ainda assim fiquei surpreso por Murtagh ser tão veloz quanto eu. Sem dúvida, mais magia por parte de Galbatorix.*

Por que suas proteções não conseguiram desviar os golpes de Zar'roc? Elas o salvaram de golpes piores quando lutamos contra os Ra'zac.

Não sei ao certo. Murtagh ou Galbatorix podem ter inventado um encantamento contra o qual não tenha me ocorrido criar uma proteção. Ou pode ser simplesmente que o motivo seja o de Zar'roc ser a arma de um Cavaleiro; e, como Glaedr disse. .

. . as espadas forjadas por Rhunön são insuperáveis em..

. . atravessar encantamentos de qualquer tipo, e. .

. . é raro que sejam. .

. . afetadas pela magia. Exatamente. Exausto, Eragon fixou o olhar nas faixas de sangue de dragão na face da cimitarra. *Quando seremos capazes de derrotar nossos inimigos sem ajuda? Eu não poderia ter matado Durza se Arya não tivesse quebrado a estrela de safra. E nós somente, conseguimos vencer Murtagh e. Thorn com a ajuda de Arya e mais doze elfos.*

Precisamos nos tornar mais poderosos.

É, mas como? Como Galbatorix acumulou tanta força? Será que ele descobriu um modo de se nutrir dos corpos dos escravos mesmo quando está a centenas de milhas de distância? Argh! Eu não sei.

Um filete de suor escorreu pela testa de Eragon e entrou pelo canto do olho direito. Ele enxugou o rosto com a palma da mão, piscou e percebeu mais uma vez os cavaleiros reunidos em torno dele e de Saphira. *O que eles estão fazendo aqui?* Olhando mais adiante, ele se deu conta de que Saphira tinha pousado perto de onde o rei Orrin tinha interceptado os soldados dos barcos. Não muito longe dali, à esquerda, havia um alvo-roço de centenas de homens, Urgals e cavalos, em pânico e confusão. De quando em quando, o fragor de espadas ou o grito de um homem ferido sobressaía em meio à algazarra, acompanhado de risadas alucinadas.

Acho que estão aqui para nos proteger, disse Saphira.

Nos proteger? De quê? Por que ainda não mataram os soldados? Onde.. Eragon desistiu da pergunta quando Arya, Blödhgarm e mais quatro elfos de aparência abatida chegaram correndo, vindo da direção do acampamento. Erguendo a mão num cumprimento, Eragon gritou:

— Arya! O que houve? Parece que ninguém está no comando.

Para alarme de Eragon, Arya estava respirando com tanta dificuldade que somente conseguiu falar depois de alguns instantes.

— Os soldados se revelaram mais perigosos do que previmos. Não sabemos como. A Du Vrangr Gata não ouviu nada que fizesse sentido dos feiticeiros de Orrin. — Recuperando o fôlego, Arya começou a examinar os cortes e contusões de Saphira.

Antes que Eragon pudesse fazer mais perguntas, gritos nervosos provenientes do redemoinho de guerreiros abafaram o resto do tumulto, e ele ouviu o rei Orrin bradar:

— Para trás, para trás, todos vocês! Arqueiros, segurem a corda!

Cuidado, ninguém se mexa! Nós o pegamos!

Saphira teve o mesmo pensamento que Eragon. Contraindo as pernas por baixo do corpo, ela saltou por cima dos cavaleiros — espantando os cavalos, que corcovearam e fugiram — e atravessou o campo de batalha coalhado de cadáveres, seguindo para o lugar de onde vinha a voz do rei Orrin, afastando homens e Urgals da mesma forma, como se fossem talos de capim. Os elfos se apressaram para não ficar para trás, com espadas e arcos a postos.

Saphira encontrou Orrin montado em seu cavalo de batalha na vanguarda dos guerreiros bem unidos, olhando fixamente para um homem sozinho a uns doze metros de distância. O rei estava afogueado e tinha o olhar alucinado, sua armadura, manchada com a imundície do combate. Havia sido ferido por baixo do braço esquerdo, e a haste de uma lança se projetava alguns centímetros para fora da sua coxa direita. Quando a chegada de Saphira atraiu sua

atenção, seu rosto revelou um súbito alívio.

— Bom, que bom que vocês estão aqui — resmungou ele, quando Saphira chegou se arrastando, diante do seu cavalo. — Tivemos necessidade de você, Saphira, e de você, Matador de Espectros. — Um dos arqueiros avançou alguns centímetros. Orrin apontou para ele com a espada, vociferando. — Para trás! Mando decapitar quem quer que não permaneça onde está, juro pela coroa de Angvard! — E então voltou a olhar furioso para o homem sozinho.

Eragon acompanhou seu olhar. O homem era um soldado de altura média, com uma marca de nascença vermelha no pescoço e o cabelo castanho achatado pelo elmo que estivera usando. Seu escudo estava destroçado. Sua espada estava marcada, entortada e quebrada, faltando-lhe os últimos quinze centímetros. A lama do rio estava emplastrada em suas perneiras de cota de malha. O sangue fluía de um corte ao longo das costelas. Uma flecha provida de penas brancas de cisne tinha perfurado seu pé esquerdo, prendendo-o ao chão, com três quartos da haste enterrados na terra batida. Da garganta do homem, saía uma risada horrível, gorgolejante. Ela subia e descia num ritmo de embriaguez, saltando de uma nota para outra como se o homem estivesse prestes a começar a dar berros de horror.

— O que você é? — gritou o rei Orrin. Quando o soldado não respondeu de imediato, o rei praguejou e insistiu: — Responda-me ou mandarei meus feiticeiros cuidarem de você. Você é homem, fera ou algum demônio que deu errado? Em que fossa imunda Galbatorix encontrou você e seus irmãos? Vocês são aparentados com os Ra'zac?

A última pergunta do rei agiu como uma agulha fincada em Eragon. Ele se empertigou todo, com todos os sentidos em alerta. A risada parou por um instante.

— Homem. Sou um homem.

— Você não é como nenhum homem que eu conheça.

— Eu quis garantir o futuro da minha família. Será que isso é assim tão estranho para você, surdano?

— Não me venha com enigmas, seu desgraçado traiçoeiro! Diga-me como se tornou o que é. E fale com franqueza para eu não me convencer de que devo derramar chumbo fervente por sua goela abaixo para ver se com *isso* você sente dor.

Os risinhos desequilibrados aumentaram antes que o soldado falasse.

— Você não pode me ferir, surdano. Ninguém pode. Foi o próprio rei que nos tornou imunes à dor. Como recompensa, nossas famílias viverão no conforto pelo resto da vida. Vocês podem se esconder de nós, mas nunca deixaremos de persegui-los, mesmo quando homens normais já teriam caído mortos de esgotamento. Vocês podem lutar conosco, mas nós continuaremos a matar desde que tenhamos um braço que se mexa. Vocês nem podem se render a nós, pois nós não fazemos prisioneiros. Vocês não podem fazer nada a não ser morrer e devolver a paz a

esta terra.

Com uma careta medonha, o soldado envolveu a flecha com a mão destroçada que segurava o escudo e, com o ruído de carne sendo rasgada, arrancou-a do pé. Nacos de carne da cor de carmim vieram agarrados à ponta quando a seta se soltou. O soldado a agitou na direção deles e então a atirou sobre um dos arqueiros, ferindo-o na mão. Com a risada mais alta do que nunca, o soldado tombou para a frente, arrastando o pé ferido. Ele ergueu a espada, como se pretendesse atacar.

— Podem atirar! — gritou Orrin.

Cordas de arcos zuniram como alaúdes mal afinados, e então uma dúzia de setas rodopiantes saltou na direção do soldado, atingindo-o no torso daí a um instante. Duas delas ricochetearam no gibão de couro acolchoado. As demais penetraram na sua caixa torácica. Com as risadas reduzidas a um risinho chiado à medida que o sangue se infiltrava nos seus pulmões, o soldado continuou a avançar, pintando de vermelho vivo o capim aos seus pés. Os arqueiros atiraram novamente, e flechas fincaram-se nos ombros e braços do homem, mas ele não parou. Outra rajada veio logo em seguida. O

soldado tropeçou e caiu quando uma flecha partiu a rótula do joelho esquerdo, outras se fincaram nas coxas e uma passou de um lado ao outro do pescoço, fazendo um furo na sua marca de nascença, e saiu zunindo pelo campo afora seguida de respingos de sangue. E ainda assim o soldado se recusava a morrer. Ele começou a rastejar, arrastando-se com a força dos braços, dando risinhos contidos como se o mundo inteiro fosse urna piada obscena que somente ele conseguia entender.

Um forte calafrio percorreu a espinha de Eragon enquanto ele observava.

O rei Orrin praguejou com violência, e Eragon detectou um toque de histeria em sua voz. Saltando do cavalo, Orrin jogou a espada e o escudo ao chão e apontou para o Urgal mais próximo.

— Dê-me seu machado. — Espantado, o Urgal de pele cinzenta hesitou e depois entregou a arma.

O rei Orrin foi mancando até onde estava o soldado, ergueu com ambas as mãos o pesado machado e, com um golpe único, decapitou o soldado.

Os risinhos pararam.

Os olhos do soldado se reviraram, e sua boca tentou formar palavras por mais alguns segundos, e então ele ficou imóvel.

Orrin agarrou a cabeça e a levantou para que todos a vissem.

— E possível matá-los, *sim* — declarou ele. — Espalhem a notícia de que a única forma

garantida de deter essas abominações é cortando fora a cabeça. Isso ou esmagando o crânio com uma maça ou flechando-os no olho de uma distância segura.. Dente Cinzento, onde você está? — Um cavaleiro corpulento, de meia-idade, fez avançar sua cavalgadura. Orrin lhe lançou a cabeça, que ele apanhou no ar. — Ponha isso aí num poste junto ao portão norte do acampamento. Ponha lá *todas* as cabeças. Que elas sirvam de recado para Galbatorix: nós não temos medo dos seus truques sujos e sairemos vitoriosos apesar deles. — — Voltando para seu cavalo, Orrin devolveu o machado ao Urgal e então apanhou suas próprias armas do chão.

A alguns metros de distância, Eragon avistou Nar Garzhvog em pé em meio a um grupo de Kull. Eragon disse algumas palavras para Saphira, e ela foi se aproximando dos Urgals. Depois de uma troca de cumprimentos, Eragon fez uma pergunta a Garzhvog.

— Todos os soldados eram assim? — Ele fez um gesto na direção do cadáver crivado de flechas.

— Todos homens que não sentiam dor. Você os acerta e acha que estão mortos. Dá as costas e eles lhe cortam o jarrete. — A expressão de Garzhvog era feroz. — Perdemos muitos guerreiros hoje. Já lutamos contra enxames de humanos, Espada de Fogo, mas nunca contra esses monstros que riem. Não é natural. Faz a gente pensar que eles estão possuídos por espíritos sem chifres, que talvez os próprios deuses tenham se voltado contra nós.

— Bobagem — zombou Eragon. — É apenas um encantamento de Galbatorix, e logo teremos uma fórmula para nos proteger dele. — Apesar de sua confiança exterior, o conceito de lutar com inimigos que não sentissem dor o perturbava tanto quanto perturbava os Urgals. Ademais, a partir do que Garzhvog dissera, Eragon supôs que manter o moral entre os Varden ia ser ainda mais difícil para Nasuada, uma vez que todos tomassem conhecimento dos soldados.

Enquanto os Varden e os Urgals trataram de recolher os companheiros caídos, tirando dos mortos o equipamento que fosse útil e decapitando os soldados para arrastar os corpos mutilados, formando pilhas pata incinerá-los, Eragon, Saphira e o rei Orrin voltaram para o acampamento, acompanhados por Arya e os outros elfos.

No caminho, Eragon se ofereceu para curar a perna de Orrin, mas o rei recusou sua ajuda.

— Tenho meus próprios médicos, Matador de Espectros.

Nasuada e Jörmundur os estavam esperando junto ao portão norte.

— O que deu errado? — perguntou Nasuada, abordando Orrin.

Eragon fechou os olhos enquanto Orrin explicava como de início o ataque aos soldados parecia ter dado certo. Os cavaleiros arrasavam suas fileiras, desferindo o que imaginavam ser golpes mortais a torto e a direito, tendo sofrido apenas urna baixa durante o ataque. Quando atacaram os soldados restantes, porém, muitos daqueles que tinham sido derrubados antes se ergueram para voltar à luta. Orrin estremeceu.

— Nesse momento, ficamos descontrolados. Qualquer homem teria ficado. Não sabíamos se os soldados eram invencíveis ou se sequer eram humanos. Quando se vê um inimigo investindo contra você com um osso saltado da batata da perna, um dardo fincado na barriga e com metade do rosto arrancada, e ele ainda ri de você, é raro o homem que consegue se manter firme. Meus guerreiros entraram em pânico. Saíram da formação. Foi uma confusão total. Urna carnificina. Quando os seus guerreiros, Nasuada, e os Urgals nos alcançaram, eles também foram tomados pela loucura. — Ele abanou a cabeça. Nunca vi nada parecido, nem mesmo na Campina Ardente. Ainda que com a pele escura, Nasuada empalideceu. Ela olhou para Eragon e depois para Arya.

— Como Galbatorix conseguiu fazer uma coisa dessas?

Foi Arya quem respondeu.

— Bloqueando em sua maior parte, mas não no total, a capacidade de sentir dor de uma pessoa. Deixando apenas sensações suficientes para eles saberem onde estão e o que estão fazendo, mas não tantas que a dor pudesse detê-los. O encantamento deveria exigir somente uma pequena quantidade de energia.

Nasuada umedeceu os lábios. Voltou então a falar com Orrin.

— Você sabe quantos nós perdemos?

Um espasmo fez Orrin tremer. Ele se curvou, apertou a mão sobre o ferimento da perna e trincou os dentes antes de responder com a voz embargada:

— Trezentos soldados contra. . Qual era o tamanho da força que você

enviou?

— Duzentos espadachins. Cem lanceiros. Cinqüenta arqueiros.

— Esses, mais os Urgals, mais minha cavalaria. . Digamos cerca de mil combatentes. Contra trezentos soldados de infantaria num campo aberto. Nós matamos todos eles, até o último homem. Mas o que isso nos custou. . — O

rei abanou a cabeça. — Somente vamos saber com certeza quando contarmos os mortos, mas me pareceu que perdemos três quartos dos espadachins, mais os lanceiros e alguns arqueiros. Da minha cavalaria, restam poucos, uns cinqüenta, setenta. Muitos eram meus amigos. Talvez uns cem, cento e cinqüenta Urgals mortos. No todo? De quinhentos a seiscentos para enterrar, e a maior parte dos sobreviventes feridos. Eu não sei. . Não sei. Eu não. . —

Com o queixo mole, Orrin foi se inclinando para o lado e teria caído de cima do cavalo se Arya não tivesse avançado com um salto para segurá-lo. Nasuada estalou os dedos, convocando dois Varden do meio das tendas e lhes ordenou que levassem Orrin para seu pavilhão e fossem buscar os curandeiros do rei.

— Sofremos uma terrível derrota, por mais que tenhamos exterminado os soldados — murmurou Nasuada. Ela crispou os lábios, com a tristeza e o desespero mesclados em sua expressão. Seus olhos refulgiam com as lágrimas acumuladas. Enrijecendo a espinha, encarou Eragon e Saphira com um olhar de aço. — E como foi a luta para vocês dois? — Ela escutou sem se mexer enquanto Eragon descrevia seu confronto com Murtagh e Thorn. Depois, ela fez que sim. — Que vocês conseguissem escapar das garras deles era tudo o que ousávamos esperar. No entanto, vocês fizeram mais que isso. Vocês comprovaram que Galbatorix não tornou Murtagh tão poderoso que nós não possamos ter nenhuma esperança de derrotá-lo. Com mais alguns feiticeiros para ajudá-lo, Eragon, Murtagh teria ficado inteiramente à sua mercê para você fazer o que quisesse. Por esse motivo, ele não ousará enfrentar o exército da rainha Islanzadí sozinho, creio eu. Se pudermos reunir em torno de você, Eragon, um número suficiente de feiticeiros, creio que por fim poderemos matar Murtagh e Thorn da próxima vez que eles vierem tentar raptar vocês dois.

— Você não quer capturá-los? — perguntou Eragon.

— Eu quero uma enorme quantidade de coisas, mas duvido que consiga muitas delas. Murtagh e Thorn podem não estar tentando matar vocês, mas, se a oportunidade se apresentar, nós devemos matá-los sem hesitação. Ou você tem outra idéia?

— ... Não.

Voltando a atenção para Arya, Nasuada perguntou:

— Algum dos seus criadores de encantamentos morreu durante a luta?

— Alguns desmaiaram, mas todos já se recuperaram, obrigada.

Nasuada respirou fundo e olhou para o norte, com os olhos focalizados no infinito.

— Eragon, por favor, informe a Trianna que quero que a Du Vrangr Gata descubra um modo de reproduzir o encantamento de Galbatorix. Por mais desprezível que seja, precisamos imitar Galbatorix nisso. Não podemos nos dar ao luxo de não fazê-lo. Não será prático se todos nós nos tornarmos incapazes de sentir dor. Nós nos machucaríamos com excessiva facilidade. Mas deveríamos ter algumas centenas de espadachins, voluntários, que sejam imunes ao sofrimento físico.

— Minha lady.

— Tantos mortos — disse Nasuada, retorcendo as rédeas. — Ficamos tempo demais parados num lugar só. Está na hora de voltar a forçar o Império a assumir uma atitude defensiva. — Ela esporeou Tempestade na Guerra para que ele se afastasse da carnificina que se estendia diante do acampamento, e o garanhão meneou a cabeça e mordeu o freio. — Eragon, seu primo me implorou permissão para participar do combate de hoje. Eu neguei por conta do casamento iminente, o que não foi do agrado dele, embora eu imagine que a noiva tenha uma opinião diferente. Você faria o favor de me avisar se eles ainda pretendem que a cerimônia se realize

hoje?

Depois de tanto sangue derramado, acho que comparecer a um casamento animaria os Varden.

— Assim que eu descobrir, avisarei.

— Obrigada. Agora pode ir, Eragon.

A primeira coisa que Eragon e Saphira fizeram ao deixar Nasuada foi visitar os elfos que tinham desmaiado durante a batalha com Murtagh e Thorn para agradecer a eles e a seus companheiros o auxílio prestado. Depois, Eragon, Arya e Blödhgarm cuidaram dos ferimentos que Thorn tinha causado em Saphira, reparando seus cortes e arranhões, bem como algumas contusões. Quando terminaram, Eragon localizou Trianna mentalmente e transmitiu as instruções de Nasuada.

Somente então ele e Saphira foram procurar Roran. Blödhgarm e seus elfos os acompanharam. Arya foi cuidar de assuntos seus.

Roran e Katrina estavam entre tidos discutindo em voz baixa, quando Eragon os avistou parados junto do canto da tenda de Horst. Eles emudeceram quando Eragon e Saphira se aproximaram. Katrina cruzou os braços e ficou olhando para longe de Roran, ao passo que este segurava a cabeça do seu martelo enfiado no cinto e raspava o salto da bota numa pedra. Parando diante deles, Eragon esperou alguns instantes, calculando que fossem lhe explicar o motivo da briga.

— Algum de vocês dois se feriu? — perguntou Katrina, em vez de dar qualquer explicação.

— Sim, mas já estamos curados.

— Isso é tão. . estranho. Em Carvahall, ouvíamos histórias de magia, mas eu, no fundo, nunca acreditei nelas. Pareciam tão impossíveis. Mas aqui há mágicos por toda parte... Vocês causaram ferimentos graves em Murtagh e Thorn? Foi por isso que eles fugiram?

— Nós os derrotamos, mas não lhes causamos nenhuma lesão permanente. — Eragon parou um instante e, quando viu que nem Roran nem Katrina falavam, perguntou se eles ainda pretendiam se casar naquele dia.

— Nasuada sugeriu que vocês seguissem em frente, mas talvez fosse melhor esperar. Os mortos ainda não foram enterrados, e ainda há muito que precisa ser feito. Amanhã seria mais conveniente.. e mais correto.

— Não — disse Roran, raspando com força a ponta da bota na pedra.

— O Império pode atacar de novo a qualquer instante. Amanhã pode ser tarde demais. Se.. se de algum modo eu morrer antes de nos casarmos, o que seria de Katrina e do nosso. . — Ele hesitou e seu rosto enrubesceu. Com a expressão se abrandando, Katrina se voltou para Roran

e segurou sua mão.

— Além do mais, a comida está pronta, os enfeites foram pendurados, e nossos amigos estão reunidos para o casamento. Seria uma pena se todos esses preparativos tiverem sido por nada. — Estendendo a mão, ela afagou a barba de Roran. Ele sorriu para a noiva e pôs um braço em torno dela. *Não entendo a metade do que acontece entre esses dois,* queixou-se Eragon a Saphira.

— Quando vai ser a cerimônia, então?

— Daqui a uma hora — disse Roran.

MARIDO E MULHER

uatro horas mais tarde, Eragon estava em pé no cume de uma

pequena colina pontilhada de flores silvestres.

Q Em volta, ficava um prado verdejante fronteiriço ao rio

Jiet, que corria dezenas de metros à direita de Eragon. O céu estava claro e limpo; a luz do sol banhava a paisagem com um

suave esplendor. O ar estava frio e calmo, e com um aroma de

frescor, como se houvesse acabado de chover.

Reunidos na frente da colina estavam os aldeões de Carvahall, nenhum deles fora ferido durante o combate, e pareciam ser metade dos soldados dos Varden. Muitos guerreiros tinham longas lanças adornadas com flâmulas de várias cores. Vários cavalos, incluindo Fogo na Neve, estavam amarrados no fim do prado. Apesar de todo o esforço de Nasuada, organizar aquela assembléia havia levado mais tempo do que qualquer um imaginara. O vento despenteava o cabelo de Eragon, que ainda estava úmido do banho, quando Saphira pairou sobre a congregação e pousou perto dele, balançando as asas. Ele sorriu e tocou-a no ombro.

Pequenino.

Em circunstâncias normais, Eragon teria ficado nervoso em falar na frente de tantas pessoas e participar de urna cerimônia tão solene e importante, mas, após o recente combate, tudo havia adquirido um ar de irrealidade, como se nada daquilo passasse de um sonho particularmente realista.

Aos pés da colina estavam Nasuada, Arya, Narheim, Jörmundur, Angela, Elva e outras pessoas de importância. O rei Orrin estava ausente porque seus ferimentos eram mais sérios do que a avaliação inicial fazia crer e seus curandeiros ainda estavam trabalhando nele em seu

pavilhão. O

primeiro-ministro do rei, Irwin, participava em seu lugar.

Os únicos Urgals presentes eram os dois da guarda pessoal de Nasuada. Eragon presenciou o momento em que Nasuada convidara Nar Garzhvog para o evento, e ficara aliviado quando ele teve o bom senso de declinar. Os aldeões jamais tolerariam muitos Urgals no casamento. A própria Nasuada teve dificuldades em convencê-los a permitir que seus guardas permanecessem.

Com um farfalhar de roupas, os aldeões e os Varden se dividiram, formando uma passagem longa da colina até a borda da multidão. Então, em coro, os aldeões começaram a cantar antigas canções de casamento do vale Palancar. Os versos bem urdidos falavam do ciclo das estações, da terra cálida que dava vida a uma nova colheita a cada ano, das crias da primavera, dos tordos fazendo seus ninhos, das desovas dos peixes e de como os jovens estavam destinados a substituir os velhos. Uma das feiticeiras de Blödhgarm, uma elfa de cabelos prateados, retirou uma pequena harpa dourada de um estojo de veludo e acompanhou os aldeões com notas de sua autoria, ornamentando os temas simples de suas melodias, emprestando à música familiar uma atmosfera melancólica.

Com passos lentos e seguros, Roran e Katrina emergiram dos dois lados da multidão no fim do caminho, se viraram para a colina e, sem se tocarem, começaram a avançar na direção de Eragon. Roran estava vestido com uma túnica nova, emprestada de um dos Varden. Seu cabelo estava penteado, sua barba aparada e suas botas limpas. Seu rosto irradiava uma alegria inexprimível. Em todos os sentidos, parecia belo e distinto a Eragon. Entretanto, era Katrina quem atraía sua atenção. Seu vestido era azul-claro —

como convinha a uma noiva em seu primeiro casamento — de corte simples, mas com um laço de vinte metros carregado por duas garotas. Em contraste com o tecido claro, suas madeixas soltas brilhavam como cobre polido. Nas mãos, carregava um buquê de flores silvestres. Estava orgulhosa, serena e bela. Eragon ouviu algumas mulheres arfando com a passagem de Katrina. Ele decidiu agradecer a Nasuada por pedir que a Du Vrangr Gata fizesse o vestido de Katrina, porque ele achava que ela era a responsável pelo presente. Três passos atrás de Roran, Horst caminhava. E a uma distância similar atrás de Katrina, Birgit caminhava, tomando o cuidado de evitar pisar na cauda.

Quando Roran e Katrina estavam na metade do caminho para a colina, um par de pombas brancas voou dos salgueiros na margem do rio Jiet. As pombas carregavam uma argola com narcisos amarelos atados a suas patas. Katrina diminuiu o passo e parou quando elas se aproximaram. Os pássaros a circundaram três vezes, de norte a leste, e então mergulharam e puseram a argola no alto da cabeça da noiva antes de retornar ao rio.

— Você arranjou isso? — murmurou Eragon para Arya.

Ela sorriu.

No topo da colina, Roran e Katrina ficaram imóveis diante de Eragon enquanto esperavam que os aldeões terminassem de cantar. Assim que o último refrão desapareceu no olvido, Eragon ergueu as mãos e disse:

— Bem-vindos todos. Hoje, nos reunimos para celebrar a união das famílias de Roran, filho de Garrow, e Katrina, filha de Ismira. Eles são ambos de boa reputação e, no meu entender, ninguém jamais lançou alguma acusação sobre eles. Se este não é o caso, contudo, ou se alguma outra razão existir para que não possam se tornar marido e mulher, então que suas objeções sejam explicitadas diante destas testemunhas para que possamos julgar o mérito de seus argumentos. — Eragon fez uma pausa para um intervalo apropriado, e então continuou: — Quem aqui fala por Roran, filho de Garrow?

Horst deu um passo à frente.

— Roran não possui nem pai nem tio, então eu, Horst, filho de Ostrec, falo por ele como meu sangue.

E quem aqui fala por Katrina, filha de Ismira?

Birgit deu um passo à frente.

— Katrina não possui nem mãe nem tia, então eu, Birgit, filha de Mardra, falo por ela como meu sangue. — Apesar de sua vendeta contra Roran, por tradição era direito e responsabilidade de Birgit representar Katrina, já que ela fora amiga íntima da mãe da noiva.

— É justo e apropriado. O que, então, traz Roran, filho de Garrow, a esse casamento para que ambos possam prosperar?

— Ele traz seu nome — disse Horst. — Ele traz seu martelo. Ele traz a força de suas mãos. E ele traz a promessa de uma fazenda em Carvahall, onde ambos poderão viver em paz.

A multidão ficou embasbacada assim que percebeu o que Roran estava fazendo: ele estava declarando da maneira mais pública e compromissada possível que o Império não o impediria de voltar para casa com Katrina e de proporcionar-lhe a vida que ela teria, não fosse a interferência assassina de Galbatorix. Roran estava empenhando sua honra, de homem e marido, na queda do Império.

Você aceita esta oferta, Birgit, filha de Mardra? — perguntou Eragon. Birgit assentiu com a cabeça.

— Aceito.

— E o que traz Katrina, filha de Ismira, a esse casamento para que ambos possam prosperar?

— Ela traz seu amor e devoção, com os quais ela deverá servir a Roran, filho de Garrow. Ela traz suas habilidades em cuidar de um lar. E ela traz um dote. — Eragon observou, surpreso,

Birgit fazer um gesto para que dois homens que estavam em pé ao lado de Nasuada se aproximassem carregando um baú de metal. Birgit abriu o fecho do baú e depois ergueu o tampo e mostrou a Eragon o conteúdo. Ele ficou estupefato ao ver a montanha de jóias dentro do baú. — Ela traz com ela um colar de ouro cravejado de diamantes. Ela traz um broche feito com coral vermelho dos Mares do Sul e uma rede de pérolas para segurar o cabelo. Ela traz cinco anéis de ouro e âmbar. O primeiro anel. . — Ao descrever cada item, Birgit o erguia do baú

para que todos pudessem ver que ela estava falando a verdade.

Atônito, Eragon olhou de relance para Nasuada e notou o sorriso de satisfação no rosto dela.

Depois que Birgit terminou sua longa descrição e fechou o baú, Eragon perguntou:

— Você aceita essa oferta, Horst, filho de Ostrec?

— Aceito.

— Dessa forma, suas famílias se tornam uma única família, de acordo com a lei da região. — Então, pela primeira vez, Eragon se dirigiu diretamente a Roran e Katrina: — Aqueles que falam por vocês concordaram com os termos de seu casamento. Roran, você está satisfeito com a maneira pela qual Horst, filho de Ostrec, conduziu as negociações em seu favor?

— Estou.

— E, Katrina, você está satisfeita com a maneira pela qual Birgit, filha de Mardra, conduziu as negociações em seu favor?

— Estou.

— Roran Martelo Forte, filho de Garrow, você jura, pelo seu nome e pelo nome de sua linhagem, que protegerá e provera Katrina, filha de Ismira, enquanto ambos estiverem vivos?

— Eu, Roran Martelo Forte, filho de Garrow, juro, pelo meu nome e pelo nome de minha linhagem, que protegerei e proverei Katrina, filha de Ismira, enquanto estivermos vivos.

— Você jura que garantirá sua honra, que permanecerá constante e fiel a ela nos anos vindouros e que a tratará com o devido respeito, dignidade e carinho?

— Eu juro que garantirei sua honra, que permanecerei constante e fiel a ela nos anos vindouros e que a tratarei com o devido respeito, dignidade e carinho.

— E você jura que dará a ela as chaves de suas posses, conforme existam, e de seu cofre onde você guarda seu dinheiro a partir do pôr-do-sol de amanhã de modo que ela possa cuidar de seus negócios corno é função de uma esposa?

Roran jurou que sim.

— Katrina, filha de Ismira, você jura, pelo seu nome e pelo nome de sua linhagem, que servirá e provera Roran, filho de Garrow, enquanto ambos estiverem vivos?

— Eu, Katrina, filha de Ismira, juro, pelo meu nome e pelo nome de minha linhagem, que servirei e proverei Roran, filho de Garrow, enquanto ambos estivermos vivos.

— Você jura que garantirá sua honra, que permanecerá constante e fiel a ele nos anos vindouros, que terá filhos dele, se assim for, e que será uma mãe cuidadosa?

— Eu juro que garantirei sua honra, que permanecerei constante e fiel a ele nos anos vindouros, que terei filhos dele, se assim for, e que serei uma mãe cuidadosa.

— E você jura que assumirá a responsabilidade pela riqueza e pelas posses dele, e que as administrará responsavelmente de modo que ele possa se concentrar nas tarefas que são dele e de mais ninguém?

Katrina jurou que sim.

Sorrindo, Eragon retirou uma fita vermelha de sua manga e disse:

— Cruzem seus punhos. — Roran e Katrina estenderam seus braços esquerdo e direito, respectivamente, e seguiram as instruções. Dispondo o meio da fita ao longo dos pulsos dos dois, Eragon envolveu a faixa de seda três vezes sobre os braços e então amarrou as pontas com um laço. — De acordo com meus direitos de Cavaleiro de Dragão, eu agora os declaro marido e mulher!

A multidão irrompeu em aplausos. Inclinando-se um para o outro, Roran e Katrina se beijaram, e a multidão redobrou os aplausos.

Saphira mergulhou sua cabeça na direção do casal radiante e, assim que eles se separaram, tocou cada um deles na testa com a ponta do focinho. *Que vocês tenham uma vida longa e que o amor de vocês se aprofunde a cada ano que passar,* disse ela.

Roran e Katrina se voltaram para a multidão e ergueram juntos seus braços na direção do céu.

— Que o banquete se inicie! — declarou Roran.

Eragon seguiu o casal na descida da colina e caminhavam em meio ao tumulto de gritos até duas cadeiras colocadas na frente de uma fileira de mesas. Lá, Roran e Katrina se sentaram como o rei e a rainha de seu casamento.

Então, os convidados fizeram uma fila para dar as congratulações e os presentes. Eragon foi o primeiro. Com um sorriso tão grande quanto o dos noivos, ele apertou a mão livre de Roran e inclinou a cabeça na direção de Katrina.

— Obrigada, Eragon — disse ela.

— Sim, obrigado — acrescentou Roran.

— A honra foi toda minha. — Ele olhou para ambos e então soltou uma gargalhada.

— O que foi? — perguntou Roran.

— Vocês! Vocês dois estão felizes como dois tolos.

Com os olhos cintilando, Katrina riu e abraçou Roran.

— Estamos sim!

Mais sério, Eragon disse:

— Vocês devem saber o quanto são afortunados por estar aqui hoje, juntos. Roran, se você não tivesse conseguido arregimentar todos e seguir para a Campina Ardente, e se os Ra'zac tivessem levado você, Katrina, para Urû'baen, nenhum dos dois teria. .

— Sim, mas eu consegui, e eles não — interrompeu Roran. — Não vamos escurecer esse dia com pensamentos desagradáveis sobre o que poderia ter acontecido.

— Não foi por isso que eu toquei no assunto. — Eragon olhou de relance para a fila de pessoas esperando atrás dele e certificou-se de que elas não estavam suficientemente próximas para ouvir. — Nós três somos inimigos do Império. E como ficou provado hoje, estamos a salvo, mesmo aqui entre os Varden. Se Galbatorix puder, vai atacar qualquer um de nós, incluindo você, Katrina, para ferir os outros. Então, eu fiz isso para vocês. —

De um saquinho no cinto, Eragon puxou dois anéis de ouro simples, tão polidos que brilhavam. Na noite anterior, ele os havia moldado a partir da última esfera de ouro que extraíra da terra. Ele deu o maior para Roran e o menor para Katrina.

Roran revirou o anel, examinando-o, e então o segurou contra o céu, estreitando os olhos para os hieróglifos na língua antiga gravados na parte interna das peças.

— E muito bonito, mas como isso pode nos proteger?

— Eu os encantei para que realizassem três coisas — disse Eragon. —

Se alguma vez vocês precisarem de minha ajuda ou de Saphira, torçam o anel em volta do dedo uma vez e digam "Ajude-me, Matador de Espectros; ajudeme, Escamas Brilhantes", e nós ouviremos vocês e viremos o mais rápido que pudermos. Da mesma forma, se algum de vocês estiver próximo da morte, o anel vai nos alertar e você, Roran, ou você, Katrina, dependendo de quem estiver em perigo. E contanto que os anéis estejam tocando a pele de vocês, vocês sempre saberão como encontrar um ao outro, não importa o quanto estejam

distantes. — Ele hesitou, e então acrescentou: — Espero que vocês concordem em usá-los.

— E claro que usaremos — disse Katrina.

O peito de Roran inflou, e sua voz ficou rouca.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado. Eu gostaria de já ter esses anéis quando ela e eu fomos separados em Carvahall.

Como cada um deles só tinha uma das mãos livre, Katrina deslizou o anel de Roran, colocando-o no terceiro dedo da mão direita, e ele deslizou o anel de Katrina para ela, colocando-o no terceiro dedo da mão esquerda.

— Também tenho outro presente para vocês — continuou Eragon. Ele se virou, assoviando e gesticulando. Arrumando passagem em meio à

multidão, um cavalariço correu na direção deles, conduzindo Fogo na Neve pelas rédeas. O cavalariço deu as rédeas do garanhão para Eragon, fez uma mesura e se retirou. Eragon explicou: — Roran, você vai precisar de um bom corcel. Inicialmente, ele pertencia a Brom, depois a mim, e agora eu o estou dando a você.

Roran passou os olhos por Fogo na Neve.

— E um animal magnífico.

— O melhor. Você o aceita?

— Com prazer.

Eragon chamou de volta o cavalariço e devolveu Fogo na Neve, avisando que Roran era o novo dono. Assim que o homem e o cavalo saíram, Eragon olhou para as pessoas na fila que estavam carregando presentes para Roran e Katrina. Rindo, comentou:

— Vocês dois podem ter sido pobres hoje de manhã, mas serão ricos de noite. Se Saphira e eu tivermos oportunidade de nos fixar em algum lugar, nós viremos morar com vocês nos salões gigantescos que vocês vão construir para todos os seus filhos.

— Seja lá o que viermos a construir, dificilmente será grande o suficiente para Saphira — disse Roran.

— Mas vocês sempre serão bem-vindos em nossa casa — completou

Katrina. — Os dois.

Depois de congratular o casal mais uma vez, Eragon escondeu-se no fim da mesa e se divertiu jogando pedaços de frango assado para Saphira e observando o dragão pegá-los no ar.

Permaneceu lá até Nasuada falar com Roran e Katrina, quando ela lhes entregou alguma coisa pequena que ele não pôde enxergar. Então, ele interceptou Nasuada quando ela estava saindo da festa.

— O que há, Eragon? — perguntou ela. — Não posso permanecer.

— Foi a senhora que deu o vestido e o dote de Katrina?

— Sim. Você desaprova?

— Estou grato por ter sido tão gentil com minha família, mas imagino que...

— Pois não?

— Os Varden não estão desesperados por ouro?

— Estamos — disse Nasuada —, mas não tão desesperados quanto antes. Desde o meu esquema com as rendas, e desde que triunfei no Desafio das Facas Longas e as tribos nômades juraram absoluta fidelidade a mim e me garantiram acesso a suas riquezas, nós estamos menos propensos a morrer de fome e mais propensos a morrer porque não dispomos de uma espada ou de uma lança. — Seus lábios contorceram-se em um sorriso. — O que eu dei a Katrina é insignificante comparado às vastas somas que este exército requer para funcionar. E não acredito que eu tenha desperdiçado meu ouro. Ao contrário, acredito ter feito uma aquisição valiosa. Adquiri prestígio e autoconfiança para Katrina e, por extensão, adquiri a boa vontade de Roran. Pode ser que eu esteja sendo exageradamente otimista, mas suspeito que a lealdade dele nos provará ser muito mais valiosa do que cem escudos ou cem lanças.

— A senhora está sempre procurando melhorar as perspectivas dos Varden, não está? — perguntou Eragon.

— Sempre. Como você também deveria estar. — Nasuada começou a

se afastar dele, mas voltou e disse: — Alguma hora antes do pôr-do-sol, venha ao meu pavilhão e nós visitaremos os feridos na batalha de hoje. Há muitos que não podemos curar, você sabe. Vai lhes fazer bem saber que nós nos preocupamos com seu bem-estar e que somos gratos pelo sacrifício. Eragon assentiu com a cabeça.

— Estarei lá.

— Bom.

As horas passavam, Eragon ria e comia e bebia e trocava histórias com antigos amigos. Hidromel fluía como água, o banquete de casamento ficava cada vez mais barulhento. Abrindo espaço entre as mesas, os homens testavam suas bravuras uns contra os outros com apresentações de luta livre, arco e flecha e ataques com porretes. Dois elfos, um homem e uma mulher, demonstravam suas habilidades com a espada — maravilhando a assistência com a

velocidade e a desenvoltura da dança de espadas. Até mesmo Arya aceitou cantar uma canção, o que arrepiou Eragon.

Em meio a tudo isso, Roran e Katrina falavam pouco, preferindo ficar sentados olhando um para o outro, esquecidos da festa que os cercava. Quando a ponta do sol alaranjado tocou o horizonte distante, contudo, Eragon desculpou-se relutante. Com Saphira ao seu lado, deixou o folguedo para trás e se encaminhou para o pavilhão de Nasuada, respirando fundo o ar frio da noite para limpar a cabeça. Ela estava esperando por ele na frente de sua tenda vermelha, com os Falcões da Noite por perto. Sem dizer uma palavra, ela. Eragon e Saphira atravessaram o acampa-mento em direção às tendas dos curandeiros, onde estavam os feridos.

Por mais de uma hora, Nasuada e Eragon visitaram os homens que haviam perdido braços, pernas ou os olhos; que haviam contraído uma infecção incurável no curso da guerra contra o Império. Alguns dos guerreiros haviam se ferido naquela manhã. Outros, como descobriu Eragon, feriram-se na Campina Ardente e ainda não haviam se recuperado, apesar de todas as ervas e encantamentos que lhes haviam sido lançados. Antes de se encaminharem para as fileiras de homens embaixo de cobertores, Nasuada avisou para Eragon não se cansar ainda mais tentando curar todos que encontrava, mas ele não conseguia se conter e acabava murmurando um encanto aqui e ali para aliviar uma dor, para drenar um abscesso, para consertar um osso quebrado ou para apagar uma cicatriz desagradável. Um dos homens que Eragon encontrou havia perdido a perna esquerda abaixo do joelho, assim como dois dedos da mão direita. Sua barba era curta e grisalha, e seus olhos estavam cobertos com uma tira de pano preto. Quando Eragon o saldou e perguntou como ele estava, o homem se aproximou e agarrou o cotovelo de Eragon com os três dedos da mão direita. Com uma voz rouca, o homem disse:

— Ah, Matador de Espectros. Eu sabia que você viria. Eu estou esperando você desde a luz.

— O que quer dizer?

— A luz que iluminou a carne do mundo. Num único instante, eu vi todas as coisas vivas ao meu redor, da maior à menor. Eu vi meus ossos brilhando em meus braços. Eu vi as minhocas na terra e os corvos no céu e os micuins nas asas dos corvos. Os deuses tocaram em mim, Matador de Espectros. Eles me deram a visão por alguma razão. Eu vi você no campo de batalha, você e o dragão, e você parecia um sol flamejante entre uma floresta de velas fracas. E eu vi seu irmão, seu irmão e o dragão dele, e eles também pareciam um sol.

A nuca de Eragon se arrepiou ao ouvir aquilo.

— Não tenho irmão — disse ele,

O espadachim mutilado cacarejou.

— Você não pode me enganar, Matador de Espectros. Eu sei muito bem. O mundo queima ao meu redor, e do fogo, eu ouço o sussurro de mentes, e aprendo coisas dos sussurros. Você se esconde de mim agora, mas eu ainda posso vê-lo, um homem como uma chama amarelada com

doze estrelas flutuando em volta de sua cintura e outra estrela, mais brilhante do que as outras, sobre sua mão direita.

Eragon pressionou a palma da mão no cinto de Beloth, o Sábio, verificando se os doze diamantes costurados por dentro ainda estavam escondidos. Estavam.

— Ouça-me, Matador de Espectros — sussurrou o homem, puxando

Eragon para perto de seu rosto enrugado. — Eu vi seu irmão, e ele queimava. Mas ele não queimava como você. Oh, não. A luz da alma dele brilhava *através* dele, como se viesse de algum outro lugar. Ele, ele era um vácuo, uma forma de homem. E através daquela forma vinha o brilho que queimava. Você

compreende? *Outros* o iluminavam.

— Onde estavam esses outros? Você também os via?

O guerreiro hesitou.

— Eu podia senti-los por perto, enraivecidos com o mundo, como se odiassem tudo nele, mas seus corpos estavam ocultos. Eles estavam lá e não estavam. Não consigo dar uma explicação melhor do que essa. . Eu não desejaria chegar mais perto daquelas criaturas, Matador de Espectros. Elas não são humanas, disso eu tenho certeza, e o ódio delas era como se fosse a maior tempestade que você já viu entalada numa pequena garrafa de vidro.

— E quando a garrafa se quebrar.. — murmurou Eragon.

— Exatamente, Matador de Espectros. Às vezes eu imagino se Galbatorix não conseguiu capturar os próprios deuses e os transformou em escravos, mas aí eu rio e digo para mim mesmo que não passo de um idiota.

— Mas os deuses de quem? Dos anões? Os deuses das tribos nômades?

— Isso tem importância, Matador de Espectros? Um deus é um deus, independentemente de onde vem.

Eragon grunhiu.

— Talvez você tenha razão.

Ao deixar o homem, uma das curandeiras puxou Eragon e disse:

— Perdoe-o, meu Senhor. O choque dos seus ferimentos deixou-o bem louco. Ele está sempre falando sem parar em sóis e estrelas e luzes brilhantes que afirma ver. Às vezes, parece que sabe de coisas que não deveria saber, mas não se deixe enganar, ele pega tudo isso dos outros pacientes. Eles fofocam o tempo todo, o senhor sabe. E tudo o que podem fazer, pobrezinhos.

— Eu não sou seu Senhor — disse Eragon —, e ele não está louco. Não sei ao certo o que ele é, mas possui uma habilidade incomum. Se ele melhorar ou piorar informe, por favor, a alguém da Du Vrangr Gata. A curandeira fez uma mesura.

— Como queira, Matador de Espectros. Sinto muito por meu erro, Matador de Espectros.

— Como ele se feriu?

— Um soldado cortou seus dedos quando ele tentava bloquear uma espada com a mão. Mais tarde, um dos projéteis das catapultas do Império aterrissou em sua perna, esmagando-a definitivamente. Tivemos de amputá-la. Os homens que estavam aqui, ao seu lado, disseram que quando o projétil o atingiu, ele imediatamente começou a gritar a respeito da luz, e quando eles o ergueram, repararam que os olhos dele haviam ficado totalmente brancos. Até

as pupilas haviam desaparecido.

— Ah. Você foi muito prestativa. Obrigado.

Já estava escuro quando Eragon e Nasuada finalmente deixaram a tenda dos curandeiros. Nasuada suspirou:

— Agora eu tomaria uma caneca de hidromel. — Eragon assentiu com a cabeça, mirando o espaço entre seus pés. Eles começaram a caminhar em direção ao pavilhão dela e, depois de um tempo, ela perguntou: — O que está

pensando, Eragon?

— Que nós vivemos em um mundo estranho, e terei sorte se algum dia eu compreender mais do que uma pequena parte dele. — Então, ele narrou sua conversa com o homem, o que ela achou tão interessante quanto ele próprio havia achado.

— Você deveria contar a Arya a respeito disso — disse Nasuada. —

Talvez ela saiba quem poderiam ser esses "outros".

Separaram-se à entrada do pavilhão. Nasuada entrou para terminar a leitura de um relatório, enquanto Eragon e Saphira continuaram até a tenda dele. Lá, Saphira enroscou-se no chão e já se preparava para dormir quando Eragon sentou-se perto dela e mirou as estrelas, um desfile de homens feridos marchando diante de seus olhos.

O que muitos deles haviam contado continuava reverberando em sua mente: *Nós combatemos por você, Matador de Espectros*.

SUSSURROS NA NOITE

oran abriu os olhos e os fixou na curvatura da lona lá no alto.

Uma leve claridade cinzenta enchia a tenda, roubando a cor dos objetos, tornando tudo uma sombra desbotada do que era à luz do

R dia. Ele estremeceu. Os cobertores tinham escorregado até sua

cintura, expondo seu torso ao ar frio da noite. Quando os puxou

de novo para cima, percebeu que Katrina não estava ao seu lado.

Ele a viu sentada junto da entrada da tenda, olhando para o alto, para o céu. Estava com uma capa enrolada por cima da camisola. O cabelo caía pelas costas até a cintura, um emaranhado escuro.

Roran sentiu um aperto na garganta enquanto a contemplava. Arrastando consigo os cobertores, foi se sentar ao seu lado. Pôs um braço em torno dos seus ombros, e ela encostou-se a ele, com a cabeça e a pescoço quentes no tórax de Roran. Ele a beijou na testa. Por um bom tempo, ficou olhando para as estrelas com ela e ouvindo o som regular da sua respiração, o único som além da sua no mundo adormecido.

— As constelações têm desenhos diferentes aqui — sussurrou ela. —

Você percebeu?

— Percebi. — Ele mudou o braço de posição, encaixando-o na curva da cintura e sentindo o leve volume da barriga em crescimento. — O que acordou você?

— Eu estava pensando. — Ela tremeu de frio.

— Ah.

A luz das estrelas cintilou nos seus olhos quando ela se contorceu nos braços de Roran e olhou para ele.

— Eu estava pensando em você e em nós. . e em nosso futuro juntos.

— São pensamentos sérios para tão tarde da noite.

— Agora que estamos casados, como você pretende cuidar de mim e

do nosso filho?

— E isso o que a preocupa? — Ele sorriu. — Você não vai passar fome. Temos ouro suficiente. Além do mais, os Varden sempre tratarão de dar abrigo e alimento aos primos de Eragon. Mesmo que me acontecesse alguma coisa, eles continuariam a dar o sustento a você e ao bebê.

— Certo, mas o que você pretende *fazer*?

Intrigado, ele procurou no rosto dela qual seria a fonte da sua inquietação.

— Vou ajudar Eragon a terminar esta guerra para nós podermos voltar para o vale Palancar e lá nos instalar, sem temer que soldados venham nos arrastar para Urû'baen. O que mais eu haveria de fazer?

— Quer dizer que você vai mesmo lutar com os Varden?

— Você sabe que vou.

— Como teria lutado hoje se Nasuada tivesse permitido.

— Isso mesmo.

— E o nosso bebê? Um exército em marcha não é lugar adequado para criar um filho.

— Não podemos fugir e nos esconder do Império, Katrina. A menos

que os Varden saiam vitoriosos, Galbatorix irá nos encontrar e nos matar, ou irá encontrar e matar nossos filhos, ou os filhos dos nossos filhos. E eu acho que os Varden somente conseguirão sair vitoriosos se todos derem o melhor de si para ajudá-los. — Katrina levou um dedo à boca de Roran.

— Você é meu único amor. Nenhum outro homem vai conseguir conquistar meu coração. Farei o que puder para aliviar sua carga. Prepararei suas refeições, consertarei suas roupas e limparei sua armadura. . Mas, assim que eu der à luz, deixarei este exército.

— Deixará! — Ele se enrijeceu. — Isso é loucura! Para onde você iria?

— Dauth, talvez. Lembre-se de que lady Alarice nos ofereceu refúgio, e alguns dos nossos ainda estão por lá. Eu não estaria sozinha.

— Se você acha que vou deixar que você e nosso filho recém-nascido saiam por aí para atravessar a Alagaësia sozinhos, então. .

— Não precisa gritar.

— Não estou. .

— Está, sim. — Segurando a mão dele entre as suas e a apertando junto ao coração, ela prosseguiu. — Aqui não é seguro. Se fôssemos só nós dois, eu poderia aceitar o perigo, mas nosso filho pode morrer. Eu te amo, Roran. Eu te amo tanto, mas nosso filho tem de vir antes de qualquer coisa, até de nós mesmos. Do contrário, não merecemos ser chamados de pais. —

Lágrimas brilhavam nos olhos de Katrina, e Roran sentiu também seus olhos molhados. —

Afinal de contas, foi você que me convenceu a sair de Carvahall e me esconder na Espinha quando os soldados atacaram. Isso aqui não é

diferente.

As estrelas oscilaram diante de Roran à medida que sua visão se toldou.

— Eu preferia perder um braço a me separar de novo de você.

Nesse instante, Katrina começou a chorar, com seus soluços mudos sacudindo o corpo de Roran.

— Eu também não quero deixar você.

Ele a abraçou mais forte e a embalou de um lado para outro. Quando o choro cedeu, sussurrou no seu ouvido:

— Eu preferia perder um braço a me separar de você, mas seria melhor morrer do que permitir que alguém ferisse você ou nosso filho. Se pretende ir embora, deveria ir agora, enquanto a viagem ainda é fácil para você.

— Não — disse ela, abanando a cabeça. — Quero que Gertrude seja

minha parteira. Só confio nela. Além do mais, se eu tiver qualquer dificuldade, seria melhor estar aqui, onde há mágicos treinados para a cura.

— Nada vai dar errado — disse ele. — Assim que nosso filho nascer, você irá, não para Dauth, mas para Aberon, onde é menos provável que ocorra um ataque. E, se Aberon se tornar perigosa demais, você irá para as montanhas Beor, para morar com os anões. E, se Galbatorix atacar os anões, você irá ficar com os elfos em Du Weldenvarden.

— E se Galbatorix atacar Du Weldenvarden, eu voarei para a lua e criarei nosso filho entre os espíritos que povoam o firmamento.

— E eles lhe farão reverência e a tornarão sua rainha, como você

merece.

Ela se aninhou ainda mais.

Juntos, os dois ficaram sentados e observaram quando as estrelas, uma a uma, desapareceram dos céus, apagadas pelo clarão que se espalhava no leste. Quando restava somente a estrela da manhã, Roran falou.

— Você sabe o que isso significa, não sabe?

— O quê?

— Eu simplesmente vou precisar matar até o último soldado de Galbatorix, conquistar todas as cidades do Império, derrotar Murtagh e Thorn, além de decapitar Galbatorix e seu dragão traidor antes da hora do parto. Assim, não haverá necessidade de você ir embora.

Ela permaneceu um instante em silêncio.

— Se você puder, ficarei muito feliz — disse, então.

Eles estavam prestes a voltar para a cama quando, do céu bruxuleante, veio velejando um navio em miniatura, tecido de tiras de capim seco. O navio pairou diante da sua tenda, balançando em ondas invisíveis de ar, e quase pareceu estar olhando para eles com sua proa em forma de cabeça de dragão. Roran ficou petrificado, e Katrina também.

Como se fosse um ser vivo, o navio atravessou veloz a trilha diante da tenda e então subiu em espiral, perseguindo uma mariposa que vagava por ali. Quando a mariposa escapou, o navio voltou deslizando na direção da tenda, parando a poucos centímetros do rosto de Katrina.

Antes que Roran decidisse se devia tentar agarrar o navio em pleno ar, ele deu meia-volta e saiu voando na direção da estrela da manhã, para tornar a desaparecer no infinito oceano do céu, deixando os dois olhando, procurando enxergá-lo, maravilhados.

ORDENS

ais tarde naquela noite, visões de morte e violência aglomeraramse nos sonhos de Eragon, ameaçando soterrá-lo em pânico. Agitava-se inquieto, querendo se livrar do tormento, mas

incapaz de fazê-lo. Logo, imagens desconexas de espadas

M golpeando e homens gritando, e do rosto enraivecido de

Murtagh surgiam em flashes diante de seus olhos.

Então, Eragon sentiu Saphira entrando em sua mente. Ela invadiu seus sonhos como uma ventania, aniquilando seu pesadelo povoado de miragens. No silêncio que seguiu, ela sussurrou: *Tudo está bem, pequenino. Durma tranqüilo; você está a salvo e eu estou com você. . Durma tranqüilo.*

Uma sensação de profunda paz tomou conta de Eragon. Rolou para o lado e vasculhou lembranças mais felizes, confortado com a percepção da presença de Saphira.

Quando Eragon abriu os olhos, uma hora antes no nascer do sol, encontrouse deitado embaixo de uma das asas de Saphira. Ela estava com o rabo enrolado sobre ele, e o flanco, encostado em sua cabeça, tinha uma temperatura agradável. Ele sorriu e engatinhou para fora da asa quando ela ergueu a cabeça e bocejou.

Bom-dia, disse ele.

Ela bocejou novamente e espreguiçou-se como um gato.

Eragon tomou banho, fez a barba com magia, limpou o sangue seco da bainha da cimitarra e então vestiu uma das túnicas de elfo.

Assim que ficou satisfeito com. sua aparência, e após Saphira haver terminado seu banho de língua, caminharam até o pavilhão de Nasuada. Todos os seis Falcões da Noite daquele turno estavam em pé do lado de fora, suas faces vincadas com a tradicional expressão aterradora. Eragon esperou enquanto um anão atarracado o anunciava. Então, entraram na tenda, e Saphira rastejou até o painel aberto onde ela podia inserir sua cabeça e participar da discussão.

Eragon fez uma mesura para Nasuada, que estava sentada em sua cadeira de espaldar alto entalhada com cardos em florescência.

— Minha lady, a senhora me pediu que viesse aqui para conversarmos a respeito de meu futuro; a senhora disse que tinha uma missão de grande importância para mim.

— Pedi e tenho — disse Nasuada. — Por favor, sente-se. — Ela indicou uma cadeira dobrável próxima a Eragon. Ele mudou a posição da espada na cintura para não incomodá-lo e se sentou. — Como você sabe, Galbatorix enviou batalhões para as cidades de Aroughs, Feinster e Bela-tona para tentar impedir que nós as sitiássemos ou, na impossibilidade disso, para tornar mais lento nosso progresso, forçando-nos assim a dividir nossas próprias tropas de modo que ficássemos mais vulneráveis às depredações dos soldados que estão acampados a norte de nós. Após a batalha de ontem, nossos batedores nos informaram que os últimos homens de Galbatorix se retiraram para locais desconhecidos. Eu iria atacar esses soldados dias atrás, mas fui obrigada a me conter já que você estava ausente. Sem você, Murtagh e Thorn poderiam ter chacinado nossos guerreiros impunemente, e nós não tínhamos nenhuma maneira de descobrir se os dois estavam entre os soldados. Agora que você está novamente entre nós, nossa posição de algum modo melhorou, embora não tanto quanto eu desejava, já que nós devemos enfrentar também o último artifício de Galbatorix: homens sem dor. Nosso único estímulo é que vocês dois, juntamente com os feiticeiros de Islanzadí, provaram que podem lutar contra Murtagh e Thorn. Nosso plano para a vitória depende dessa esperança.

Aquele dragãozinho vermelho não é páreo para mim, disse Saphira. Se ele não tivesse a proteção de Murtagh, eu o prenderia no chão e o sacudiria pelo pescoço até que se submetesse a mim e me reconhecesse como a líder da caçada.

— Estou certa de que você faria isso — disse Nasuada, sorrindo.

— Qual é o plano que a senhora decidiu? — Eragon quis saber.

— Eu decidi diversas estratégias, e nós devemos seguir todas simultaneamente se é que desejamos que cada uma seja bem-sucedida. Primeiro, nós não podemos adentrar mais o Império, deixando para trás cidades que Galbatorix ainda controla. Fazer isso significaria nos

expor a ataques não só da vanguarda como também da retaguarda e convidar Galbatorix a invadir e tomar Surda enquanto estivéssemos ausentes. Assim, eu já mandei os Varden marcharem para o norte, para o local mais próximo onde nós pudermos cruzar em segurança o rio Jiet. Uma vez que estejamos do outro lado do rio, eu mandarei guerreiros para o sul para capturar Aroughs enquanto o rei Orrin e eu seguiremos com o restante de nossas tropas para Feinster que, com sua ajuda e a de Saphira, deverá cair diante de nós sem muitos problemas.

"Enquanto estivermos engajados nessa tediosa questão da marcha no interior, você estará com outras responsabilidades, Eragon." Ela se inclinou para a frente em seu assento. "Nós precisamos de toda a ajuda dos anões. Os elfos estão combatendo por nós no norte da Alagaësia, os surdanos se juntaram a nós de corpo e alma e até mesmo os Urgals são nossos aliados. Mas precisamos dos anões. Nós não podemos ter sucesso sem eles. Principalmente agora que temos de enfrentar soldados que não sentem dor."

— Os anões já escolheram outro rei ou rainha?

Nasuada fez uma careta.

— Narheim me assegura que o processo caminha a passos rápidos, mas a exemplo dos elfos, os anões têm uma visão mais longa da vida do que nós. *Rápido* para eles pode significar meses de deliberações.

— Eles não percebem a urgência da situação?

— Alguns sim, mas muitos se opõem a nos ajudar nessa guerra, e tentam atrasar o processo o máximo que podem e também demoram a instalar um deles no trono de mármore em Tronjheim. Os anões vivem escondidos há tanto tempo que se tornaram perigosamente suspeitos para com estrangeiros. Se alguém hostil a nossos objetivos subir ao trono, perderemos os anões. Não podemos deixar que isso aconteça. Nem podemos esperar que os anões resolvam suas diferenças no ritmo deles. Mas — ela ergueu um dedo —, de tão longe, eu não tenho como interferir efetivamente na política deles. Mesmo que eu estivesse em Tronjheim, não poderia ter certeza de um resultado favorável; os anões não vêem com bons olhos alguém de fora de seus clãs se imiscuindo em seu governo. De modo que eu quero que você, Eragon, viaje para Tronjheim em meu lugar e faça o que puder para garantir que os anões escolham um novo monarca de forma rápida; e que eles escolham um monarca que seja simpático a nossa causa.

— Eu! Mas. .

— O rei Hrothgar adotou você no Dûrgrimst Ingeitum. De acordo com as leis e costumes deles, você é um anão, Eragon. Você tem direito legal de participar das reuniões oficiais do Ingeitum. E como Orik está para se tornar o chefe deles e como é seu irmão postiço e amigo dos Varden, tenho certeza de que ele aceitará que você o acompanhe nos conselhos secretos dos treze clãs que elegem os líderes anões.

A proposta parecia ridícula a Eragon.

— E quanto a Murtagh e Thorn? Quando eles voltarem, e certamente voltarão, o que acontecerá, tendo em vista que Saphira e eu somos os únicos que podemos enfrentá-los, mesmo assim com alguma ajuda? Se nós não estivermos aqui, ninguém terá como impedi-los de matar a senhora ou Arya ou Orrin ou o resto dos Varden.

O espaço entre as sobrancelhas de Nasuada se estreitou.

— Você impôs urna implacável derrota a Murtagh ontem. Muito provavelmente, ele e Thorn estão voando de volta para Urû'baen neste exato momento, para serem interrogados a respeito da batalha e para serem castigados pelo fracasso por Galbatorix. Ele não os mandará novamente ao ataque até que tenha confiança de que derrotarão vocês. Murtagh evidentemente não tem certeza sobre os verdadeiros limites de sua força agora, de modo que esse infeliz evento talvez esteja ainda muito distante. Nesse ínterim, acredito que você terá tempo suficiente para ir e vir de Farthen Dûr.

— A senhora poderia estar enganada — argumentou Eragon. — Além

disso, como impediria que Galbatorix soubesse de nossa ausência e atacasse enquanto nós estivéssemos fora? Duvido que tenha encontrado todos os espiões que ele plantou entre nós.

Nasuada batia os dedos nos braços da cadeira.

— Eu disse que queria que você fosse para Farthen Dûr, Eragon. Eu não disse que queria que Saphira também fosse. — Virando a cabeça, Saphira liberou uma pequena quantidade de fumaça que vagou na direção do teto da tenda.

— Eu não vou. .

— Deixe-me terminar, Eragon. Por favor.

Ele trincou os dentes e olhou de modo penetrante para ela, sua mão esquerda apertada no cabo da cimitarra.

— Você não tem obrigação para comigo, Saphira, mas minha esperança é que você concorde em ficar aqui enquanto Eragon vai até os anões de modo que possamos enganar o Império e os Varden sobre o verdadeiro paradeiro de Eragon. Se pudermos esconder sua partida das massas — ela fez um gesto para Eragon —, ninguém terá nenhum motivo para suspeitar que você ainda não esteja aqui. Só teremos que arranjar uma desculpa apropriada que justifique seu desejo súbito de permanecer em sua tenda durante o dia. Talvez você e Saphira estejam voando muito sobre o território inimigo à noite e isso o obrigue a descansar enquanto o sol está alto. O que acha?

"Para que o estratagema funcione, contudo, Blödhgarm e seus companheiros terão que ficar aqui também, não só para evitar suspeitas, como também por motivos de defesa. Se Murtagh e Thorn reaparecerem enquanto você está ausente, Arya pode tomar o seu posto com Saphira.

Com Arya, os feiticeiros de Blödhgarm e os mágicos da Du Vrangr Gata, nós podemos ter boas chances de contrariar os planos de Murtagh."

Com uma voz dura, Eragon disse:

— Se Saphira não me levar para Farthen Dûr, então como chegarei lá

em tempo hábil?

— Correndo. Você mesmo me disse que correu grande parte da distância de Helgrind até aqui. Espero que, sem ter de se esconder de soldados ou de camponeses, você possa transpor muitos quilômetros mais a cada dia até Farthen Dûr do que conseguiu no Império. — Novamente Nasuada batucou na madeira polida de sua cadeira. — F. claro que seria tolice viajar sozinho. Até mesmo um mago poderoso pode morrer de um simples acidente na imensidão da natureza se não tem ninguém para ajudá-lo. Acompanhá-lo nas montanhas Beor seria um desperdício dos talentos de Arya, e as pessoas notariam se algum dos elfos de Blödhgarm desaparecesse sem explicação. Portanto, cu decidi que um Kull deverá ir com você, já que eles são as únicas outras criaturas capazes de acompanhar seu ritmo.

— Um Kull! — exclamou Eragon, incapaz de conter-se por mais tempo. — A senhora me mandaria para os anões com um Kull? Não posso imaginar uma raça que os anões detestem mais do que os Urgals. Eles fazem arcos dos próprios chifres! Se eu chegasse em Farthen Dûr com um Urgal, os anões não prestariam a menor atenção ao que eu dissesse.

— Estou bem ciente disso — disse Nasuada. — E é por isso que você

não vai direto para Farthen Dûr. Em vez disso, fará uma parada inicial na Fortaleza Bregan, no monte Thardûr, que é o lar ancestral do Ingeitum. Lá

você encontrará Orik e deixará o Kull para, em seguida, continuar seu caminho para Farthen Dûr na companhia do anão.

Mirando algo além de Nasuada, Eragon disse:

— E se eu não concordar com o caminho que a senhora escolheu? E se eu acreditar em outros meios mais seguros para realizar o seu desejo?

— Que outros meios seriam? Eu lhe suplico que me diga — pediu Nasuada, seus dedos parando no ar.

— Eu teria de pensar, mas tenho certeza que eles existem.

— Eu *pensei* nisso, Eragon, e muito. Ter você como meu emissário é a nossa única esperança de influenciar a sucessão dos anões. Eu fui criada entre os anões, lembre-se disso, e tenho uma compreensão melhor deles do que a maioria dos humanos.

— Eu ainda acredito que isso é um erro — resmungou Eragon. —

Mande Jörmundur em meu lugar, ou um de seus comandantes. Eu não irei, não enquanto. .

— Você *não vai?*. — disse Nasuada, erguendo a voz. — Um vassalo que desobedece a sua senhora não vale mais do que um guerreiro que ignora seu capitão no campo de batalha e pode ser punido da mesma maneira. Assim, como sua suserana, Eragon, eu ordeno que corra até Farthen Dûr, queira você

ou não, e supervisione a escolha do próximo líder dos anões.

Furioso, Eragon respirou fundo, apertando com força a cimitarra. Com um tom de voz mais suave, porém ainda contido, Nasuada disse:

— E então, Eragon? Você fará como eu estou pedindo, ou se desligará

de mim e conduzirá os Varden por conta própria? Essas são suas únicas opções.

— Não, eu posso argumentar — respondeu, chocado. — Eu posso convencê-la de outra possibilidade.

— Não pode, porque você não pode me proporcionar uma alternativa que tenha tantas possibilidades de sucesso quanto essa.

Ele encontrou seu olhar.

— Eu poderia recusar sua ordem e deixar que a senhora me puna da maneira que melhor lhe convier.

A sugestão dele a chocou.

— Vê-lo chicoteado em um pelourinho causaria um mal irreparável aos Varden — disse, então. — E destruiria minha autoridade, porque as pessoas saberiam como você poderia me desafiar sempre que quisesse. E a única conseqüência seria um punhado de marcas que você sararia em dois minutos, já que nós não podemos executá-lo como faríamos com qualquer outro guerreiro que desobedecesse a. um superior. Eu preferiria abdicar de meu posto e lhe entregar o comando dos Varden a permitir que tal fato ocorresse. Se você acredita que está mais capacitado para esta tarefa, então tome meu lugar, sente em minha cadeira e declare a si mesmo comandante de meu exército! Mas enquanto eu falar pelos Varden, tenho o direito de tomar essas decisões. Se elas são equivocadas, então isso também é minha responsabilidade.

— A senhora vai se recusar a ouvir qualquer conselho? — perguntou Eragon, preocupado. — A senhora vai ditar o rumo dos Varden independentemente dos conselhos daqueles que a cercam?

A unha do dedo médio de Nasuada batia contra a madeira polida da cadeira.

— Eu ouço conselhos, sim. Eu ouço uma contínua torrente de conselhos absolutamente todos os dias de minha existência, mas, às vezes, minhas conclusões não combinam com as de meus subordinados. Agora você

deve decidir se honrará seu juramento de fidelidade e acatará minha decisão, mesmo estando em desacordo com ela, ou se vai se transformar na contraparte de Galbatorix.

— Eu só quero o melhor para os Varden — disse ele.

— Como eu.

— A senhora não me dá nenhuma opção além dessa que me desagrada.

— Às vezes, é mais difícil obedecer do que liderar.

— Posso ter um momento de reflexão?

— Como queira.

Saphira?, perguntou ele.

Partículas de luz púrpura dançaram no interior do pavilhão quando ela girou o pescoço e fixou os olhos sobre os de Eragon.

Pequenino?

Devo ir?

Acho que deve.

Ele pressionou os lábios com força.

E quanto a você?

Você sabe que eu odeio me separar de você, mas os argumentos de Nasuada são bem fundamentados. Se eu puder ajudar a manter Murtagh e Thorn longe permanecendo com os Varden, então, quem sabe eu não deva ficar.

As emoções dele e as dela inundaram ambas as mentes, as ondas golpeando um único mar de raiva, expectativa, relutância e carinho. Da parte dele fluíam a raiva e a relutância; da parte dela, outros sentimentos mais gentis

— mas tão ricos em intensidade quantos os dele — que moderavam a paixão colérica dele e lhe proporcionavam perspectivas que não obteria de outra maneira. Todavia, mantinha-se grudado com teimosa relutância ao esquema de Nasuada. *Se você voasse comigo para Farthen Dûr, eu não ficaria tanto tempo fora, o que significaria que Galbatorix teria menos uma oportunidade de organizar outro ataque. Mas os espiões diriam a ele que os Varden*

estariam vulneráveis assim que saíssemos.

Eu não quero me separar de você novamente tão pouco tempo depois de Helgrind. Nossos desejos pessoais não podem ter precedência sobre as necessidades dos Varden, mas eu também não quero me separar de você. Mesmo assim, lembre-se do que Oromis dizia: que a excelência de um dragão e seu Cavaleiro é medida não apenas pelo bom entrosamento deles no trabalho, como também pelo bom funcionamento dos dois quando estão separados. Nós somos ambos maduros o suficiente para operar independentes um do outro, Eragon, por mais que a perspectiva nos seja desagradável. Você provou sua eficácia durante a volta de Helgrind.

Você ficaria chateada em lutar com Arya em suas costas, como Nasuada propôs?

Ela seria a minha menor preocupação. Nós lutamos juntas antes, e foi ela que me conduziu através da Alagaësia por quase vinte anos quando eu estava em meu ovo. Você

sabe disso, pequenino. Por que colocar essa questão? Está com ciúmes?

E se eu estiver?

Um brilho de bom humor surgiu nos olhos de Saphira. Ela bateu com a língua nele. *Sendo assim, é muito simpático da sua parte. . Você prefere que eu vá ou que eu fique?*

A escolha é sua, não minha.

Mas afeta a nós dois.

Eragon cavou o chão com a ponta da bota e disse:

Se devemos mesmo participar desse esquema insano, precisamos fazer tudo o que pudermos para que dê certo. Fique, e veja se consegue impedir Nasuada de enlouquecer com este plano triplamente horroroso que ela inventou.

Fique animado, pequenino. Corra rápido, e nós logo estaremos juntos novamente. Eragon ergueu o olhar para Nasuada.

— Muito bem — disse ele. — Eu vou.

A postura de Nasuada relaxou de alguma forma.

— Obrigada. E você, Saphira? Vai ou fica?

Projetando seus pensamentos de modo a incluir não só Nasuada como também Eragon, Saphira disse:

Ficarei, Caçadora Noturna.

Nasuada inclinou sua cabeça.

— Obrigada, Saphira, sou muito grata por seu apoio.

— A senhora falou com Blödhgarm a respeito disso? — perguntou Eragon. — Ele concordou?

— Não, eu imaginei que você o informaria dos detalhes.

Eragon duvidava de que os elfos ficassem satisfeitos com a perspectiva de ele viajar para Farthen Dûr acompanhado apenas de um Urgal.

— Se eu pudesse fazer uma sugestão.

— Você sabe que suas sugestões são bem-vindas.

Aquilo o interrompeu por um instante.

— Uma sugestão e um pedido, então. — Nasuada ergueu um dedo, indicando que ele prosseguisse. — Quando os anões tiverem escolhido seu novo rei ou rainha, Saphira deverá se juntar a mim em Farthen Dûr, não somente para honrar o novo líder dos anões como também para cumprir a promessa que ela fez ao rei Hrothgar após a batalha por Tronjheim. A expressão de Nasuada ficou mais acentuada, parecendo a de um gato selvagem à espreita de sua caça.

— Que promessa foi essa? — perguntou ela. — Você não me falou disso antes.

— Que Saphira consertaria a grande estrela de safira, Isidar Mithrim, como compensação por Arya tê-la quebrado.

— Você é capaz de tal feito? — disse Nasuada, fitando Saphira com os olhos arregalados de surpresa.

Sou, mas não sei se serei capaz de reunir a magia que necessitarei quando estiver diante de Isidar Mithrim. Minha habilidade para lançar encantos não está sujeita ao meu desejo. Às vezes, é como se eu tivesse adquirido um novo sentido, e eu consigo sentir a pulsação de energia dentro de mim. E ao direcioná-la com minha vontade, eu posso remodelar o mundo de acordo com meu desejo. Contudo, na maior parte das vezes, meus encantos são tão irreais quanto um peixe voando. Se eu conseguir consertar Isidar Mithrim, entretanto, será uma excepcional oportunidade para ganharmos a boa vontade de todos os anões, não apenas de um seleto grupo que possui o escopo do conhecimento para apreciar a importância de sua cooperação conosco.

— Seria mais importante do que você imagina — disse Nasuada. — A grande estrela de safira ocupa uma posição muito especial nos corações dos anões. Todos são apaixonados pelas gemas, mas amam e adoram Isidar Mithrim acima de todas, por causa de sua beleza e principalmente por causa de sua imensidão. Restaurar sua antiga glória significará restaurar o

orgulho da raça anã.

Eragon insistiu:

— Mesmo que Saphira fracassasse em consertar Isidar Mithrim, ela deveria estar presente na coroação do novo líder dos anões. A senhora poderia esconder sua ausência por alguns dias espalhando entre os Varden que eu e ela tivemos de fazer uma rápida viagem até Aberon, ou qualquer outro lugar. Quando os espiões de Galbatorix perceberem que os enganou, já será

tarde demais para o Império organizar um ataque antes de nossa chegada. Nasuada assentiu.

— Boa idéia. Contate-me assim que os anões estabelecerem uma data para a coroação.

— Assim o farei.

— Você fez sua sugestão, agora faça o pedido. O que deseja?

— já que insiste que eu devo fazer essa viagem, gostaria, com sua permissão, de voar com Saphira de Tronjheim até Ellesméra depois da coroação.

— Com qual propósito?

— De fazer uma consulta com os mestres com quem treinamos durante nossa última visita a Du Weldenvarden. Nós prometemos a eles que assim que os eventos permitissem, voltaríamos a Ellesméra para completar nosso treinamento.

A linha entre as sobrancelhas de Nasuada se aprofundou.

— Não há tempo para passar semanas ou meses em Ellesméra dando

continuidade à formação de vocês.

— Não, mas talvez tenhamos tempo para uma breve visita. Nasuada inclinou a cabeça na cadeira entalhada e mirou Eragon por baixo de pálpebras pesadas.

— E quem são exatamente esses mestres? Eu reparei que você sempre evita dar respostas diretas a respeito deles. Quem foi que treinou vocês dois em Ellesméra, Eragon?

Passando o dedo em seu anel, Aren, Eragon respondeu:

— Nós fizemos um juramento a Islanzadí que não revelaríamos as identidades deles sem sua permissão, de Arya ou de quem quer que suceda Islanzadí no trono.

— Por todos os demônios do céu e do inferno, quantos juramentos você e Saphira fizeram? — perguntou Nasuada. Vocês parecem se comprometer com todos que encontram pelo caminho.

Sentindo-se um pouco estúpido, Eragon deu de ombros e começou a

abrir a boca para filar quando Saphira disse a Nasuada:

Nós não os procuramos, mas como podemos evitar nos comprometer se é impossível derrotar Galbatorix e o Império sem o apoio de todas as raças da Alagaësia? O juramento é o preço que pagamos pela ajuda dos que estão no poder.

— Hum — murmurou Nasuada. — Então, devo perguntar a Arya sobre a verdade dessa questão?

— Sim, mas duvido que ela lhe diga; os elfos consideram a identidade de nossos mestres um dos segredos mais preciosos. Não arriscarão revelar os nomes a menos que seja absolutamente necessário, para impedir que a informação chegue a Galbatorix. — Eragon olhou para a pedra azul em seu anel, imaginando quantas informações seu juramento e sua honra lhe permitiriam divulgar. — Mas saiba disso: nós não estamos tão sós quanto imaginávamos inicialmente.

A expressão de Nasuada se acentuou.

— Entendo. É bom saber disso, Eragon. . Eu apenas gostaria que os elfos fossem mais próximos de mim. — Após morder os lábios por alguns instantes, ela continuou: — Por que vocês precisam viajar até Ellesméra?

Vocês não têm meios de se comunicar diretamente com seus mestres?

Eragon esticou as mãos em um gesto de desamparo.

— Se ao menos pudéssemos. Infelizmente, ainda está para ser inventado o encanto que conseguirá ultrapassar as proteções que circundam Du Weldenvarden.

— Os elfos não deixaram uma abertura que eles próprios podem explorar?

— Se tivessem deixado, Arya teria contatado a rainha Islanzadí assim que readquiriu a consciência em Farthen Dûr, em vez de ter de ir para Du Weldenvarden.

— Suponho que você esteja certo. Mas, então, como foi que você

conseguiu consultar Islanzadí a respeito do destino de Sloan? Você deu a entender que quando falou com ela, o exército dos elfos ainda estava sitiado em Du Weldenvarden.

— Estava — disse ele —, mas apenas na margem, além das medidas de proteção.

O silêncio entre eles era palpável enquanto Nasuada refletia sobre o pedido. Do lado de fora da tenda, Eragon ouviu os Falcões da Noite discutindo se uma verga era melhor do que uma alabarda para lutar contra uma grande quantidade de homens a pé. E, além das vozes, o ruído de um carro de boi, o tilintar de armaduras em homens trotando na direção oposta e centenas de outros sons indistinguíveis que vagavam pelo acampamento. Quando resolveu falar,

Nasuada disse:

— O que exatamente você espera ganhar com essa visita?

— Não sei! — rosnou Eragon. Ele golpeou o cabo da cimitarra com o punho. — E esse é o cerne do problema: nós não sabemos o suficiente. Talvez não consigamos nada, mas, por outro lado, talvez pudéssemos aprender alguma coisa que pudesse nos ajudar a derrotar Murtagh e Galbatorix de uma vez por todas. Nós vencemos por muito pouco ontem, Nasuada. Por muito pouco! E eu temo que, quando enfrentarmos novamente Thorn e Murtagh, Murtagh estará mais forte do que antes. E eu fico com os ossos gelados quando imagino que as habilidades de Galbatorix são muito maiores do que as de Murtagh, a despeito da vasta quantidade de poder que eleja aplicou em meu *irmão*. O elfo que me treinou. . — Eragon hesitou, sopesando o conhecimento que estava a ponto de divulgar, e então seguiu em frente: — deu a entender que sabe como a força de Galbatorix tem aumentado a cada ano, mas recusou-se a revelar mais naquela época porque nós não estávamos suficientemente avançados em nosso treinamento. Agora, depois de nossos encontros com Thorn e Murtagh, eu penso que ele compartilhará seu conhecimento conosco. Além do mais, existem ainda ramos inteiros de magia que temos de explorar, e qualquer um deles pode fornecer os meios para derrotarmos Galbatorix. Se a idéia é apostarmos alguma coisa nessa viagem, Nasuada, então que apostemos não em manter nossa posição atual; apostemos em melhorar nossa posição e assim vencer esse jogo. Nasuada ficou imóvel por mais de um minuto.

— Não posso tomar essa decisão antes de os anões escolherem seu líder. A sua ida à Du Weldenvarden dependerá das movimentações do Império naquele momento e dos relatórios de nossos espiões a respeito das atividades de Murtagh e Thorn.

No decorrer das duas horas seguintes, Nasuada instruiu Eragon sobre os treze clãs dos anões. Ela ensinou sua história e sua política; os produtos sobre os quais cada clã baseava a maioria de seu comércio; os nomes, famílias e personalidades dos chefes de clã; a lista de túneis importantes escavados e controlados por cada clã; e o que ela sentia ser a melhor maneira de convencer os anões a eleger um rei ou rainha que fosse simpático às metas dos Varden.

— Em condições ideais, Orik seria o escolhido para subir ao trono —

disse ela. — O rei Hrothgar era bastante querido pela maioria de seus súditos, e o Dûrgrimst Ingeitum continua sendo um dos clãs mais ricos e influentes. Tudo isso beneficia Orik. Ele é devotado à nossa causa. Serviu como um dos Varden, você e eu o consideramos amigo e ele é seu irmão postiço. Acredito que possua as qualidades para se tornar um excelente rei para os anões. — Sua expressão adquiriu um tom de bom humor. — Pequeno problema, esse. Entretanto, é jovem pelos padrões dos anões, e sua associação conosco pode vir a ser uma barreira intransponível para os outros chefes de clã. Outro obstáculo é que os vários grandes clãs, o Dûrgrimst Feldûnost e o Dûrgrimst Knurlcarathn, para mencionar apenas dois, estão ansiosos para ver a coroa nas mãos de outro clã, depois de mais de cem anos de reinado do Ingeitum. De qualquer modo, apóie Orik se isso o ajudar a chegar ao trono, mas se ficar óbvio que a tentativa dele está condenada ao fracasso e que seu apoio pode garantir o sucesso de

outro chefe de clã favorável aos Varden, então transfira seu apoio mesmo que isso signifique uma ofensa a Orik. Você não pode permitir que a amizade interfira na política. Não agora.

Quando Nasuada terminou sua palestra sobre os clãs dos anões, ela, Eragon e Saphira passaram vários minutos tentando arranjar uma maneira de Eragon deixar o acampamento discretamente. Depois de terem finalmente arrematado os detalhes do plano, o Cavaleiro e Saphira voltaram à sua tenda e disseram a Blödhgarm o que haviam decidido.

Para surpresa de Eragon, o elfo peludo não fez nenhuma objeção. Curioso, Eragon perguntou:

— Você aprova?

— Dizer se aprovo ou *não* não é da minha alçada — respondeu Blödhgarm, ronronando baixinho. — Mas já que o estratagema de Nasuada não parece colocar nenhum dos dois em insensato perigo, e por meio dele vocês poderão ter a oportunidade de aumentar seus conhecimentos em Ellesméra, nem eu nem meus irmãos nos oporemos. — Ele inclinou a cabeça.

— Se me dão licença, Bjartskular, Argetlam. — Contornando Saphira, o elfo saiu da tenda, permitindo que um raio de luz furasse a escuridão de dentro ao empurrar para o lado a aba da entrada.

Por minutos, Eragon e Saphira ficaram sentados em silêncio. Então, Eragon colocou sua mão no topo da cabeça dela.

Diga o que quiser, eu vou sentir sua falta.

E eu a sua, pequenino. Se alguma coisa acontecesse a você, eu.. E com você também.

Ele suspirou.

Estivemos juntos apenas alguns dias e já devemos nos separar novamente. Eu acho difícil perdoar Nasuada por isso.

Não a condene por cumprir suas obrigações.

Não, mas deixa um sabor amargo em minha boca.

Mexa-se então, para que eu logo possa me juntar a você em Farthen Dûr. Eu não me importaria de ficar tão longe se ao menos ainda pudesse tocar sua mente. Essa é a pior parte: a horrível sensação de vazio. Nós não devemos falar um com o outro pelo espelho na tenda de Nasuada porque as pessoas ficariam pensando por que você estaria visitando-a sem mim.

Saphira pestanejou e colocou a língua para fora. Ele sentiu urna estranha mudança nas emoções dela.

O que há?, perguntou ele.

Eu.. Ela pestanejou novamente. *Eu concordo. Gostaria de poder permanecer em contato mental com você quando estivéssemos muito distantes um do outro. Isso reduziria nossa preocupação e nossos problemas e permitiria que confundíssemos o Império mais facilmente.* Ela se agitou de satisfação quando ele se sentou perto dela e começou a cocar as pequenas escamas atrás da mandíbula.

PEGADAS DE SOMBRA

om uma série de saltos ligeiros, Saphira atravessou o

acampamento levando Eragon até a tenda de Roran e Katrina. Do lado de fora, Katrina estava lavando uma camisola num balde

de água ensaboada, esfregando o tecido branco numa tábua C provida de sulcos. Levantou a mão para proteger os olhos

quando uma nuvem de poeira do pouso de Saphira veio na sua

direção.

Roran saiu da tenda, afivelando o cinto. Tossiu e semicerrou os olhos na poeira.

— O que o traz aqui? — perguntou, quando Eragon desmontou.

Falando rápido, Eragon os informou da sua partida iminente e transmitiu a importância do segredo entre outros aldeões.

— Por mais que eles se sintam rejeitados por eu me recusar a recebêlos, vocês não poderão lhes revelar a verdade, nem mesmo a Horst ou Elain. Deixem que pensem em mim como um grosseirão rude e ingrato, mas não pronunciem nem uma palavra sequer a respeito do plano de Nasuada. Isso eu lhes peço em nome de todos que já se dispuseram a combater o Império. Vocês concordam?

— Nós nunca o trairíamos, Eragon — disse Katrina. — Disso, você

não precisa ter dúvida.

E então Roran disse que também estava de partida.

— Para onde? — perguntou Eragon.

— Acabei de receber minha missão há poucos minutos. Vamos fazer

ataques-surpresa aos comboios de suprimentos do império, em algum ponto ao norte, por trás das linhas do inimigo.

Eragon olhou para eles três, cada um por sua vez. Primeiro, Roran, sério e determinado, já tenso com a expectativa do combate; depois, Katrina, preocupada e procurando disfarçar; e, por fim, Saphira, de cujas narinas bruxuleavam pequenas línguas de fogo, que crepitavam com sua respiração.

— Portanto, nós todos vamos seguir cada um seu caminho. — O que

ele não disse, mas que pairava sobre eles como uma mortalha, era que talvez nunca mais se vissem com vida.

Segurando Eragon pelo antebraço, Roran o puxou para perto e o abraçou por um instante. Soltou-o, então, e olhou no fundo dos seus olhos.

— Muita cautela, irmão. Galbatorix não é o único que gostaria de lhe enfiar uma faca entre as costelas quando você não estiver olhando.

— Aja da mesma forma, Roran. E, se você se descobrir enfrentando um feiticeiro, fuja na outra direção. As proteções que instalei em torno de você não vão durar para sempre.

Katrina abraçou Eragon, sussurrando.

— Não demore demais.

— Não vou demorar.

Juntos, Roran e Katrina se aproximaram de Saphira e tocaram com a testa seu focinho longo e ossudo. O peito do dragão vibrou quando produziu uma nota pura e grave do fundo da garganta. *Lembre-se, Roran,* disse ela *, não cometa o erro de deixar seus inimigos vivos. E Katrina? Não fique remoendo aquilo que você não tem como mudar. Isso só vai agravar sua aflição.* Com um farfalhar de pele e escamas, Saphira desdobrou as asas e envolveu Roran, Katrina e Eragon num abraço carinhoso, isolando-os do mundo.

Quando Saphira ergueu as asas, Roran e Katrina se afastaram enquanto Eragon subiu para seu dorso. Ele acenou para os recém-casados, com um aperto na garganta, e continuou acenando mesmo quando Saphira alçou vôo. Piscando para desanuviar os olhos, Eragon encostou-se ao espinho logo atrás dele e olhou para o céu inclinado.

Agora para as tendas da cozinha?, perguntou Saphira.

Isso mesmo.

Saphira subiu algumas dezenas de metros antes de se dirigir para o quadrante sudoeste do acampamento, onde colunas de fumaça subiam de fileiras de fornos e de fogueiras grandes e

largas armadas em buracos no chão. Uma fina corrente de ar passou pelos dois quando ela desceu planando em direção a um trecho de chão livre entre duas tendas sem paredes, cada uma com quinze metros de comprimento. A refeição da manhã tinha terminado. Por isso, as tendas estavam vazias quando Saphira pousou com um forte baque.

Eragon seguiu apressado até as fogueiras para lá das mesas de tábuas, com Saphira ao lado. As muitas centenas de homens ocupados cuidando das fogueiras, cortando carne, abrindo ovos, amassando pão, mexendo em caldeirões cheios de líquidos misteriosos, limpando com esfregões pilhas enormes de panelas e utensílios sujos e engajados de várias maneiras na tarefa imensa e interminável de preparar comida para os Varden não pararam o que estavam fazendo para olhar boquiabertos para Eragon e Saphira. Que importância podiam ter dragão e Cavaleiro em comparação com as exigências implacáveis da criatura voraz de inúmeras bocas cuja fome eles se esforçavam para saciar?

Um homem atarracado, com a barba grisalha bem aparada, que era tão baixo que quase poderia passar por anão, veio correndo até Eragon e Saphira e fez uma reverência rápida.

— Sou Quoth Merrinsson. Em que posso ajudá-los? Se quiser, Matador de Espectros, temos pão que acabou de sair do forno. — Ele indicou uma dupla fileira de pães caseiros, dispostos numa travessa numa mesa próxima.

— Eu poderia ficar com meio pão, se não fizer falta — disse Eragon. Mas o motivo para nossa visita não é a minha fome. Saphira gostaria de comer alguma coisa, e não temos tempo para ela caçar como é seu costume. Quoth olhou para além de Eragon e avaliou o volume de Saphira, o que o fez empalidecer.

— Normalmente, que quantidade ela. . Ah, quer dizer, que quantidade *você* come normalmente, Saphira? Posso servir seis peças de rosbife imediatamente, e mais seis estarão prontas em cerca de quinze minutos. Isso será suficiente ou. .? — A proeminência no seu pescoço deu um salto quando engoliu em seco.

Saphira emitiu um rosnado baixo, murmurante, que fez com que Quoth desse um gritinho e pulasse para trás.

— Ela preferiria um animal vivo, se for conveniente — disse Eragon.

— Conveniente? — disse Quoth, com a voz aguda. — Ah, sim, é

conveniente. — Ele balançou a cabeça, retorcendo o avental com as mãos engorduradas. — De fato, muito conveniente, Matador de Espectros, Saphira. Com isso, a mesa do rei Orrin não se ressentirá hoje à tarde. Não, mesmo. *E um barril de hidromel,* disse Saphira a Eragon.

Círculos brancos surgiram em torno das íris de Quoth quando Eragon repetiu o pedido de Saphira.

— Lamento, mas os anões compraram a maior parte das nossas reservas de hi-hi-hidromel.

Restam-nos apenas alguns barris, e esses estão reservados para o rei. . — Quoth se encolheu quando uma labareda de um metro e vinte centímetros saltou das narinas de Saphira e chamuscou o capim diante dele. Filetes espiralados de fumaça subiram dos talos enegrecidos. —

V-v-vou mandar que lhe tragam um barril imediatamente. Se quiserem m-m-me acompanhar, eu os levarei aos nossos animais, onde você poderá escolher o que quiser.

Contornando as fogueiras, as mesas e os grupos de homens atarefados, o cozinheiro os levou até um aglomerado de grandes cercados de madeira, que continham porcos, gado, gansos, cabritos, carneiros, coelhos e uma quantidade de cervos que os caçadores dos Varden tinham capturado em expedições pela floresta ao redor. Junto dos cercados havia também viveiros cheios de galinhas, patos, pombos, codornas, tetrazes e outras aves. Seus grasnidos, gorjeios, arrulhos e cacarejos produziam uma cacofonia tão forte que fez Eragon ranger os dentes de irritação. Para evitar ser dominado pelos pensamentos e sensações de tantas criaturas, ele teve o cuidado de manter sua mente fechada para todos com exceção de Saphira.

Os três pararam a uns trinta metros dos cercados para que a presença de Saphira não causasse pânico entre os animais presos.

— Há ali algum que a agrade? — perguntou Quoth, olhando para o alto para ela e esfregando as mãos, com uma agilidade nervosa.

Enquanto observava os cercados, Saphira fungou e disse a Eragon: *Que presas dignas de pena. . Sabe que no fundo não estou com fome. Fui caçar anteontem, e ainda não digeri os ossos do cervo que comi.*

Você ainda está em crescimento rápido. Alimentar-se vai lhe fazer bem. Não se eu não conseguir agüentar comer.

Escolha alguma coisa pequena, então. Talvez um porco.

Um porco dificilmente teria alguma utilidade para você. Não. . *Vou querer aquela ali.* De Saphira, Eragon recebeu a imagem de uma vaca de estatura média com umas manchas brancas salpicadas no flanco esquerdo.

Depois que Eragon indicou a vaca, Quoth deu um grito para uma fileira de homens que estavam à toa perto dos cercados. Dois deles separaram a vaca do resto do rebanho, passaram uma corda pelo seu pescoço e puxaram o animal relutante em direção a Saphira. A uns dez metros do dragão, a vaca empacou e mugiu apavorada tentando se livrar da corda para fugir. Antes que o animal escapasse, Saphira atacou, transpondo aos saltos a distância que as separava. Os dois homens que vinham puxando a corda se jogaram de bruços no chão enquanto Saphira chegava veloz, com a boca aberta.

Ela atingiu a vaca de lado quando esta se virava para correr, derrubou-a no chão e a imobilizou com as patas abertas. A vaca soltou um único berro aterrorizado antes que os

maxilares de Saphira se fechassem sobre seu pescoço. Com uma violenta sacudida da cabeça, Saphira partiu sua espinha. Parou então, abaixou-se sobre a presa morta e olhou com expectativa para Eragon.

De olhos fechados, Eragon estendeu sua mente na direção da vaca. A consciência do animal já tinha desaparecido na escuridão, mas seu corpo ainda estava vivo, sua carne palpitando com energia motriz, que era ainda mais intensa em razão do medo que a tinha percorrido momentos antes. Uma repugnância pelo que estava prestes a fazer tomou conta de Eragon, mas ele não lhe deu atenção e, pondo a mão sobre o cinto de Beloth, o Sábio, transferiu a energia que pôde do corpo da vaca para os doze diamantes ocultos em torno da sua cintura. O processo durou apenas alguns segundos. Ele fez que sim para Saphira. *Terminei*.

Eragon agradeceu aos homens o auxílio prestado; e então os dois se foram deixando-o sozinho com Saphira.

Enquanto Saphira se empanturrava, Eragon ficou sentado encostado no barril de hidromel, observando os cozinheiros no desempenho de suas tarefas. Cada vez que eles ou um dos auxiliares decapitava uma galinha, degolava um porco, uma cabra ou qualquer outro animal, Eragon transferia a energia do animal moribundo para o cinto de Beloth, o Sábio. Um trabalho sinistro, já que a maioria dos animais ainda estava consciente quando ele lhes tocava a mente, e o vendaval uivante de medo, confusão e dor que sentiam o agredia até fazer bater forte seu coração, o suor porejar na sua testa e ele não ter vontade de mais nada a não ser curar as criaturas em sofrimento. No entanto, Eragon sabia que seu destino era morrer para que os Varden não morressem de fome. Durante os últimos combates, sua reserva de energia havia sido esgotada, e ele queria reabastecê-la antes de partir numa viagem longa e potencialmente arriscada. Se Nasuada permitisse sua permanência entre os Varden por mais uma semana, ele poderia ter realimentado os diamantes com energia do seu próprio corpo e ainda teria tempo para se recuperar antes de correr até Farthen Dûr, mas isso era impossível nas poucas horas que tinha. E, mesmo que não fizesse nada além de se deitar no catre e derramar nas pedras preciosas o fogo dos seus membros, não teria conseguido acumular tanta força como estava reunindo a partir de uma multidão de animais.

Como os diamantes no cinto de Beloth, o Sábio, pareciam poder absorver uma quantidade quase ilimitada de energia, Eragon parou quando não conseguiu suportar a morte de mais um animal que fosse. Trêmulo e molhado de suor dos pés à cabeça, inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos, e olhou para o chão entre os pés, lutando para não passar mal. Lembranças que não eram suas invadiram seus pensamentos. Recordações de Saphira em vôo acima do lago Leona, com ele no dorso, de quando mergulharam na água fria e cristalina, de uma nuvem de bolhas brancas passando borbulhantes por eles, do prazer compartilhado de voar, nadar e brincar juntos.

Sua respiração se acalmou, e ele olhou para Saphira ali, onde ela estava em meio aos restos da presa, mastigando o crânio da vaca. Ele sorriu e lhe transmitiu sua gratidão pela ajuda.

Podemos ir agora, disse ele.

Engolindo, ela respondeu: *Pegue minha força também. Você pode precisar. Não.*

Esta é uma discussão que você não vai ganhar. Eu insisto.

E eu resisto. Não vou deixá-la aqui enfraquecida e incapacitada para o combate. E

se Murtagh e Thorn atacarem mais tarde, ainda hoje? Nós dois precisamos estar prontos para lutar a qualquer instante. Você estará exposta a um perigo maior do que eu porque Galbatorix e o Império inteiro ainda acreditarão que estou com você. É, mas você estará sozinho com um Kull no meio da floresta.

Estou tão acostumado à floresta quanto você. Estar longe da civilização não me assusta. Quanto a eu estar com um Kull, bem, não sei se eu conseguiria derrotar um num corpo-a-corpo, mas minhas proteções me resguardarão de qualquer traição. . Tenho energia suficiente, Saphira. Você não precisa me dar mais.

Ela o observou, avaliando suas palavras, depois ergueu uma pata e começou a lambê-la para limpar o sangue. *Muito bem, vou me guardar.. para mim mesma?* Os cantos da sua boca pareceram subir numa expressão de divertimento. Baixando a pata, ela disse: *Você faria a gentileza de rolar esse barril aqui para mim?* Com um resmungo, ele se levantou e fez o que ela pedia. Ela estendeu uma garra e fez dois furos no alto do barril, de onde emanou o doce aroma do hidromel de maçãs. Arqueando o pescoço para que sua cabeça ficasse diretamente acima do barril, ela o agarrou entre os maxilares vigorosos, levantou-o em direção ao céu e despejou goela abaixo o conteúdo gorgolejante. O barril vazio se espatifou no chão quando ela o deixou cair, e um dos arcos de ferro rolou alguns metros. Com o lábio superior se encrespando, Saphira abanou a cabeça. Depois, sua respiração parou, e ela deu um espirro tão forte que seu nariz bateu no chão e uma bola de fogo irrompeu tanto da boca como das narinas.

Eragon deu um grito de surpresa e pulou de lado, batendo na bainha fumegante da túnica. O lado direito do rosto dava a impressão de estar esfolado pelo calor do fogo. *Saphira, tenha mais cuidado!,* advertiu ele. *Desculpe.* Ela abaixou a cabeça e esfregou o focinho empoeirado na borda da perna dianteira, cocando as narinas. *O hidromel me faz cócegas. Ora, a esta altura você já devia saber se comportar melhor,* resmungou ele, enquanto subia no seu dorso.

Depois de esfregar o focinho na perna mais uma vez, Saphira alçou vôo de um salto e, planando acima do acampamento dos Varden, levou Eragon de volta à sua tenda. Ele desmontou e ficou ali, parado, olhando para Saphira. Por um tempo, não disseram nada, permitindo que suas emoções compartilhadas falassem por eles.

Saphira piscou, e Eragon achou que seus olhos brilhavam mais do que o normal. *Esta é uma prova para nós, disse ela. Se passarmos, sairemos mais fortes, como dragão e Cavaleiro.*

Precisamos saber funcionar isoladamente, se necessário. Do contrário, estaremos sempre em desvantagem.

É verdade. Ela sulcou a terra, com as garras contraídas. *Só que saber isso não colabora em*

nada para amenizar minha dor. Um tremor percorreu seu corpo sinuoso. Ela ajeitou as asas. *Que ventos favoráveis o acompanhem e que o sol sempre guie seus caminhos. Viaje bem e viaje rápido, pequenino. Até a volta,* disse ele.

Eragon sentiu que, se ficasse mais um instante com ela, nunca partiria. Por isso, girou nos calcanhares e, sem olhar para trás, mergulhou na escuridão da sua tenda. A ligação entre eles, que tinha se tornado parte tão integrante dele como a estrutura da sua própria carne, ele rompeu totalmente. Fosse como fosse, em breve, estariam distantes demais para um sentir a mente do outro, e ele não tinha desejo algum de prolongar a agonia da despedida. Ficou parado por um instante, segurando o punho da cimitarra e oscilando como se estivesse tonto. A dor surda da solidão já o invadia, e ele se sentia pequeno e isolado sem a presença tranqüilizadora da consciência de Saphira. *Eu fiz isso antes e posso fazer de novo,* pensou, forçando-se a endireitar os ombros e levantar o queixo.

Tirou debaixo do catre a mochila que tinha preparado durante a viagem de volta de Helgrind. Nela, pôs o tubo de madeira entalhada, enrolado em pano, que continha o pergaminho do poema que havia escrito para o Agaetí

Blödhren, copiado para ele por Oromis com sua caligrafia mais caprichada; o frasco de faelnirv encantado e a pequena caixa de pedra-sabão de nalgask que também eram presentes de Oromis; o grosso livro, *Domia abr Wyrda*, presente de Jeod; sua pedra de amolar e a correia de afiar lâminas; e, depois de alguma hesitação, as numerosas peças da sua armadura pois, segundo seu raciocínio: *Se surgir a ocasião em que eu precise dela, ficarei mais feliz de tê-la comigo do que me sentirei desgraçado por carregá-la toda essa distância até Farthen Dûr.* Era essa sua esperança. O livro e o pergaminho ele levou porque, depois de tanto viajar, tinha concluído que a melhor maneira de preservar os objetos que importavam era levá-los junto aonde quer que fosse.

As únicas peças de vestuário que decidiu levar a mais foram um par de luvas, que enfiou no elmo, e sua pesada capa de lã, para a eventualidade de estar frio quando parassem durante a noite. Tudo o mais ele deixou enrolado e guardado nos alforjes de Saphira. *Se sou mesmo membro do Dûrgrimst Ingeitum, pensou ele, eles vão me vestir condignamente quando eu chegar à Fortaleza Bregan.* Fechando a mochila, pôs transversalmente no alto o arco sem corda e a aljava, prendendo-os à estrutura. Estava prestes a fazer o mesmo com a cimitarra quando se deu conta de que, caso se inclinasse para um lado, a espada poderia sair da bainha. Por isso, amarrou-a com a face encostada na parte traseira da mochila, dispondo-a num ângulo no qual o punho ficasse entre seu pescoço e seu ombro direito, onde poderia sacá-la se necessário. Eragon pôs a mochila nas costas e então penetrou na barreira na sua mente, sentindo a energia aumentar no seu corpo e nos doze diamantes engastados no cinto de Beloth, o Sábio. Recorrendo a esse fluxo de força, murmurou o encantamento que usara apenas uma vez antes: aquele que dobrava os raios de luz em torno dele, tornando-o invisível. Uma leve fadiga enfraqueceu seus membros quando lançou o encantamento.

Olhou para baixo e teve a experiência desconcertante de ver através de onde sabia que estavam seu torso e suas pernas e enxergar a marca das suas botas na terra ali embaixo. *Agora,*

vamos á parte difícil, pensou. Nos fundos da tenda, cortou o tecido esticado com sua faca de caça e passou pela abertura. Lustroso como um gato bem alimentado, Blödhgarm estava esperando por ele do lado de fora. Inclinou a cabeça mais ou menos na direção de Eragon e sussurrou: "Matador de Espectros" para então dedicar sua atenção ao conserto do corte, o que fez com meia dúzia de palavras curtas proferidas na língua antiga.

Eragon seguiu entre duas fileiras de tendas, usando seu conhecimento de movimentação na floresta para causar o mínimo ruído possível. Sempre que alguém se aproximava, Eragon saía veloz do caminho e ficava imóvel, esperando que não percebessem as pegadas de sombra na terra ou no capim. Amaldiçoou o fato de a terra estar tão seca. Suas botas levantavam pequenas nuvens de poeira por mais que procurasse pisar delicadamente. Para sua surpresa, a invisibilidade prejudicava sua noção de equilíbrio. Sem poder ver onde estavam suas mãos ou seus pés, ele calculava mal as distâncias e dava encontrões nas coisas, quase como se tivesse bebido muita cerveja. Apesar de seu avanço incerto, chegou à fronteira do acampamento num tempo razoavelmente bom e sem despertar suspeitas. Parou por trás de um barril de água de chuva, escondendo as pegadas ria sua sombra escura, e examinou os taludes de terra batida e os fossos cercados com estacas pontudas que protegiam o flanco oriental dos Varden. Se estivesse tentando entrar no acampamento, teria sido extremamente difícil evitar um dos muitos sentinelas que patrulhavam as defesas, mesmo estando invisível. Contudo, como as trincheiras e os taludes haviam sido projetados para repelir quem os atacasse e não para prender os defensores, atravessá-los no sentido contrário era uma tarefa muito mais fácil.

Eragon esperou até que os dois sentinelas mais próximos estivessem de costas para ele, e então avançou correndo, procurando ganhar velocidade com o uso dos braços. Em questão de segundos, transpôs os cerca de trinta metros que separavam o barril de água da chuva até a encosta do aterro e subiu a rampa tão rápido que se sentiu como uma pedra atirada, para ricochetear na água. No alto do aterro, fincou as pernas no chão e, sacudindo os braços, saltou por cima das linhas das defesas dos Varden. Pelo tempo de três pulsações, ele voou e então pousou com um impacto de abalar os ossos. Assim que recuperou o equilíbrio, Eragon se jogou ao comprido no chão e prendeu a respiração. Um dos sentinelas parou sua ronda, mas deu a impressão de não ter percebido nada fora do normal e, daí a um instante, retomou seu percurso.

— Du deloi lunaea — sussurrou Eragon, soltando a respiração e sentindo o encantamento apagar as marcas que suas botas tinham deixado no aterro.

Ainda invisível, levantou e se afastou correndo do acampamento, com o cuidado de pisar somente em trechos cobertos de capim para não levantar mais poeira. Quanto mais se afastava das sentinelas, mais rápido corria, até

desenvolver uma velocidade maior do que a de um cavalo a galope. Quase uma hora depois, desceu em ziguezague a encosta íngreme de um barranco que o vento e a chuva tinham escavado na superfície das pradarias. Lá no fundo escorria um filete de água, margeado por juncos e tábuas. Ele prosseguiu acompanhando o curso da água, mantendo-se longe da terra macia e úmida das margens, na tentativa de evitar deixar rastros da sua passagem, até o

córrego se alargar formando um remanso; e lá, junto da beira, viu o grande vulto de um Kull de peito nu, sentado numa rocha.

Quando Eragon abriu caminho através de uma moita de tábuas, o farfalhar das folhas alertou o Kull para sua presença. A criatura virou a impressionante cabeça chifruda na direção de Eragon, farejando. Era Nar Garzhvog, líder dos Urgals que tinham se aliado aos Varden.

— Você! — exclamou Eragon, tornando-se visível novamente.

— Saudações, Espada de Fogo — disse a voz retumbante de Garzhvog. Levantando o peso dos braços grossos e do torso gigantesco, o Urgal atingiu sua altura total de mais de dois metros e meio, com os músculos cobertos de pele cinzenta formando ondulações à luz do sol de meio-dia.

— Saudações, Nar Garzhvog — disse Eragon, antes de perguntar, confuso: — E seus guerreiros? Quem vai liderá-los se você for comigo?

— Meu irmão de sangue, Skgahgrezh, será o líder. Ele não é Kull, mas tem chifres compridos e um pescoço vigoroso. E um excelente comandante.

— Entendo. . Mas por que *você* quis vir comigo?

O Urgal empinou o queixo, expondo a garganta.

— Você é o Espada de Fogo. Para que nós, os Urgralgra.. os Urgals, como vocês nos chamam.. possamos nos vingar de Galbatorix e para que nossa espécie não morra nesta terra, você não pode morrer. Por isso, vou correr com você. Sou o melhor dos nossos guerreiros. Já derrotei quarenta e dois dos nossos.

Eragon concordou, nem um pouco insatisfeito com esse

desdobramento. De todos os Urgals, Garzhvog era em quem ele mais confiava, pois tinha sondado a consciência do Kull antes da batalha da Campina Ardente e tinha descoberto que, pelos padrões da sua gente, Garzhvog era honesto e confiável. *Desde que ele não decida que sua honra exige um desafio para um duelo, não devemos ter nenhum motivo para conflito.*

— Muito bem, Nar Garzhvog — disse ele, apertando a correia da mochila em torno da cintura. — Vamos correr juntos, você e eu, como jamais aconteceu em toda a história de que se tem conhecimento.

Garzhvog reprimiu um riso no fundo do peito.

— Vamos correr, Espada de Fogo.

Juntos, voltaram-se para o leste e juntos partiram para as montanhas Beor, Eragon correndo leve e veloz, e Garzhvog galopando ao lado, dando um passo para cada dois de Eragon, com a

terra estremecendo sob seu peso. Lá no alto, gordas nuvens de tempestade iam se acumulando no horizonte, prenunciando uma tempestade torrencial, e falcões giravam, emitindo gritos solitários enquanto caçavam suas presas.

POR MONTES E VALES

ragon e Nar Garzhvog correram pelo resto do dia, da noite e do

dia seguinte, parando apenas para beber e para se aliviarem.

Ao fim do segundo dia, Garzhvog disse:

E — Espada de Fogo, preciso comer. E preciso dormir.

Eragon recostou-se sobre um toco próximo, ofegante, e assentiu. Ele não quis falar antes, mas estava tão faminto e exausto quanto o Kull. Logo após deixarem os Varden, descobrira que apesar de ser mais veloz do que Garzhvog em distâncias que não ultrapassavam os oito quilômetros, além deste limite, a resistência de Garzhvog era igual ou superior a sua.

— Eu vou ajudá-lo na caça — disse ele.

— Isso não é necessário. Faça uma grande fogueira para nós que eu vou trazer a comida.

— Certo.

Assim que Garzhvog caminhou em direção a uma moita de faias a norte de onde eles estavam, Eragon desamarrou a faixa em volta de sua cintura e, com um suspiro de alívio, colocou sua mochila perto do toco.

— Maldita armadura — murmurou ele.

Mesmo quando estava no Império, jamais correra tantos quilômetros carregando tanto peso. Não havia previsto como seria árduo. Seus pés doíam, suas pernas doíam, suas costas doíam, e quando tentou se agachar, seus joelhos se recusaram a funcionar adequadamente.

Tentando ignorar seu desconforto, começou a juntar grama e galhos mortos para o fogo, que empilhava sobre um pedaço de chão rochoso e seco. Ele e Garzhvog estavam em algum lugar a sudeste do lago Tüdosten. A paisagem era úmida e esplendorosa, com campos de grama que chegavam a quase dois metros de altura, através dos quais corriam manadas de veados, gazelas e bois selvagens de couro preto e chifres retorcidos. A abundância da área era em função — como sabia Eragon — das montanhas Beor, que causavam a formação de enormes nuvens que vagavam por muitos quilômetros por sobre as planícies além, trazendo chuva a lugares que seriam secos como o deserto Hadarac não fosse por isso.

Embora os dois já tivessem percorrido uma enorme distância, Eragon estava desapontado com o progresso que haviam feito. Entre o rio Jiet e o lago Tüdosten, haviam perdido muitas horas se escondendo e pegando atalhos para se ocultar. Agora que o lago ficara para trás, ele esperava que seu ritmo aumentasse . *Nasuada não previu esse atraso, previu? Oh, não. Ela pensou que eu pudesse correr no mesmo ritmo de lá até Farthen Dûr. Rá!* Chutando um

galho que estava em seu caminho, continuou a juntar madeira, resmungando o tempo todo.

Quando Garzhvog retornou uma hora mais tarde, Eragon havia feito uma fogueira de quase um metro de extensão por meio metro de largura e estava sentado em frente a ela, mirando as chamas e lutando contra a ânsia de sumir dentro do sonhar acordado que o fazia descansar. Seu pescoço estalou quando ergueu o olhar.

Garzhvog andou até ele segurando a carcaça de uma corça roliça embaixo do braço esquerdo. Como se ela pesasse não mais do que um saco de trapos, ergueu a corça e encaixou a cabeça numa forquilha uns vinte metros distante da fogueira. Então, pegou uma faca e começou a limpar a carcaça. Eragon se levantou, sentindo como se suas juntas tivessem virado pedra, e cambaleou até Garzhvog.

— Como você a matou? — perguntou ele.

— Com minha atiradeira — ribombou Garzhvog.

— Você pretende grelhá-la em um espeto? Ou será que os Urgals comem carne crua?

Garzhvog virou a cabeça e mirou Eragon através da espiral de seu chifre esquerdo, um olho profundamente amarelado brilhando com alguma enigmática emoção.

— Nós não somos animais selvagens, Espada de Fogo.

— Eu não disse que vocês eram.

Com um rosnado, o Urgal voltou ao seu trabalho.

— Vai demorar muito para grelhá-la em um espeto disse Eragon.

— Eu pensei em fazer um cozido, e depois nós podemos fritar o resto sobre unia pedra.

— Cozido? Como? Não temos panela.

Garzhvog se abaixou e limpou a mão direita no chão, então removeu um material enrolado em forma de quadrado do saco em seu cinto e jogou para Eragon.

Eragon tentou pegar, mas estava tão cansado que não conseguiu, e o objeto se chocou contra o chão. Parecia um pedaço extraordinariamente grande de pergaminho. Quando o pegou, o quadrado se abriu, e ele viu que o objeto tinha o formato de uma bolsa, talvez com uns cinqüenta centímetros de largura por um metro de profundidade. A borda era reforçada com uma espessa tira de couro sobre a qual se encontravam anéis de metal costurados. Ele revirou o contêiner, impressionado pela maciez e pelo fato de que ele não continha nenhuma emenda.

— O que é isso? — perguntou.

— O estômago do urso que eu matei no ano em que ganhei meus primeiros chifres. Pendure em alguma estrutura ou coloque em um buraco, então encha com água e jogue pedras ferventes dentro. As pedras aquecem a água e o cozido fica gostoso.

— As pedras não queimam o estômago?

— Não queimaram até agora.

— Está enfeitiçado?

— Sem magia. Estômago forte. — Garzhvog respirava com força enquanto agarrava os quadris da corça e, com um único movimento, partia sua pélvis em dois. O esterno, ele separou usando a faca.

— Deve ter sido um urso grande — disse Eragon.

Garzhvog deixou escapar um ruído do fundo de sua garganta.

— Era maior do que eu, Matador de Espectros.

— Você também o matou com sua atiradeira?

— Eu asfixiei o urso com minhas mãos até ele morrer. Nenhuma arma é permitida quando você atinge a idade de provar sua coragem. — Garzhvog parou, sua faca enterrada até o cabo na carcaça. — A maioria não tenta matar um urso das cavernas. A maioria caça lobos ou cabritos monteses. Foi por isso que eu me tornei chefe de guerra e outros não.

Eragon o deixou preparando a carne e foi até a fogueira. Perto dela, cavou um buraco que alinhou com o estômago de urso, empurrando estacas entre os anéis de metal para segurar o estômago no lugar. Juntou dezenas de pedras do tamanho de uma maçã nas redondezas e as jogou no centro da fogueira. Enquanto esperava as pedras aquecerem, usou magia para encher dois terços do estômago de urso com água, e então moldou um par de tenazes a partir de galhos de um salgueiro jovem e pedaços de couro cru. Quando as pedras estavam em brasa, gritou:

— Estão prontas!

— Pode encher — replicou Garzhvog.

Usando as tenazes, Eragon extraiu a pedra mais próxima do fogo e a colocou dentro do contêiner. A superfície dá água explodiu em fumaça com o contato da pedra. Ele depositou mais duas no estômago de urso, e a água começou a borbulhar.

Garzhvog aproximou-se e colocou dois punhados de carne na água, e então temperou o cozido com grandes pitadas de sal, que pegou no saco em seu cinto, e com diversos raminhos de alecrim, tomilho e outras hortaliças silvestres que encontrara ao acaso enquanto caçava. Em

seguida, colocou um pedaço achatado de cascalho ao lado do fogo. Quando a pedra ficou quente, ele fritou fatias de carne sobre ela.

Enquanto a comida cozinhava, Eragon e Garzhvog fizeram colheres a partir do toco onde Eragon deixara sua mochila.

Embora a fome fizesse crer que a demora era gigantesca, não se passaram mais do que alguns minutos até que o cozido estivesse pronto e os dois começassem a comer como dois lobos esfomeados. Eragon devorou duas vezes mais quantidade do que jamais imaginou ter devorado antes em sua vida, e o que não consumiu Garzhvog consumiu por ele, comendo o equivalente a seis homens grandes.

Depois disso, Eragon se deitou, aconchegando-se sobre os cotovelos, e mirou o brilho dos vaga-lumes que haviam aparecido ao longo da fileira de faias, realizando acrobacias abstratas no ar ao perseguirem uns aos outros. Em algum lugar, uma coruja piou, suave e profundamente. As primeiras estrelas pontilharam o céu purpúreo.

Eragon mirava sem enxergar e pensava em Saphira e depois em Arya e depois em Arya e Saphira, e então fechou os olhos, uma desagradável palpitação formando-se atrás das têmporas. Ouviu um som de estalo e, abrindo os olhos mais uma vez, viu que do outro lado do estômago vazio de urso, Garzhvog estava limpando seus dentes com a extremidade pontuda de um osso de coxa quebrado. Eragon desviou o olhar para os pés nus do Urgal

— Garzhvog havia removido suas sandálias antes de começarem a refeição —

e para sua surpresa reparou que ele possuía sete dedos em cada pé.

— Os anões têm o mesmo número de dedos que vocês — comentou

ele.

Garzhvog espetou um pedaço de carne na fogueira.

— Eu não sabia disso. Eu nunca tive vontade de olhar para os pés de um anão.

— Você não acha estranho Urgals e anões terem catorze dedos ao passo que humanos e elfos têm dez?

Os lábios espessos de Garzhvog abriram-se no que parecia ser um rosnado.

— Nós não compartilhamos o sangue daqueles ratos de montanha sem chifres, Espada de Fogo. Eles têm catorze dedos e nós temos catorze dedos. Foi idéia dos deuses nos fazer dessa forma quando criaram o mundo. Não há

outra explicação.

Eragon grunhiu em resposta e voltou a olhar para os vaga-lumes.

— Conte-me uma história apreciada por sua raça, Nar Garzhvog —

disse, finalmente.

O Kull ponderou por um instante, e então removeu o osso da boca para dizer:

— Muito tempo atrás, viveu uma jovem Urgralga, e seu nome era Maghara. Tinha chifres que brilhavam como pedra polida, cabelos que chegavam à cintura e um riso que podia seduzir até os pássaros nas árvores. Mas ela não era bonita. Ela era feia. Em sua aldeia também vivia um macho que era muito forte. Ele havia matado diversos machos em combates e havia derrotado outros vinte e três. Mas embora seus feitos o houvessem deixado bastante famoso, ele ainda não havia escolhido uma companheira. Maghara desejava ser sua companheira, mas ele não olhava para ela porque ela era feia, e por causa da feiúra dela ele não via os vistosos chifres e o cabelo longo dela, e não ouvia o riso agradável que ela dava. Extremamente magoada por ele não olhar para ela, Maghara subiu até o cume da mais alta montanha da Espinha e clamou pela ajuda de Rahna. Rahna é a mãe de todos nós, e foi ela que inventou a tecelagem e a criação de animais, e foi ela que ergueu as montanhas Beor quando estava fugindo do grande dragão. Rahna, a dos Chifres de Ouro, respondeu a Maghara, e ela lhe perguntou por que a chamara. "Torne-me bela, Honrada Mãe, para que eu possa atrair o macho que desejo", disse Maghara. E

Rahna respondeu: "Você não precisa ser bela, Maghara. Você possui chifres vistosos e um cabelo longo e um riso agradável. Com tudo isso, você pode conseguir um macho que não seja tão tolo a ponto de só enxergar o rosto de uma fêmea." E Maghara jogou-se no chão e disse: "Não serei feliz até

conseguir aquele macho, Honrada Mãe. Por favor, torne-me bela." Rahna sorriu e então disse: "Se eu fizer isso, filha, como você vai me pagar esse favor?" E Maghara disse: "Eu vou lhe dar tudo o que quiser."

"Rahna ficou bastante satisfeita com a oferta e então fez com que Maghara ficasse bela; Maghara retornou à aldeia e todos ficaram maravilhados com sua beleza. Com seu novo rosto, Maghara se tornou a companheira do macho que havia escolhido, e eles tiveram muitos filhos, e viveram felizes por sete anos. Então, Rahna apareceu para Maghara e disse: 'Você teve sete anos com o macho que escolheu. Você aproveitou?' E Maghara disse: 'Aproveitei.'

E Rahna disse: 'Então estou aqui pelo meu pagamento.' E ela deu uma olhada ao redor da casa de pedra e pegou o filho mais velho de Maghara e disse: 'Vou ficar com ele.' Maghara implorou para que Ela, dos Chifres de Ouro, não levasse seu filho mais velho, mas Rahna não aceitava. Finalmente, Maghara pegou o porrete de seu companheiro e golpeou Rahna, mas o porrete despedaçou em suas mãos. Como punição, Rahna retirou a beleza de Maghara e então foi embora com o filho de Maghara para sua morada, onde habitam os quatro ventos, e ela deu o nome de Hegraz ao garoto e o criou para se tornar um dos mais poderosos guerreiros que

jamais pisou nessas paragens. E então devemos aprender a partir de Maghara que jamais podemos lutar contra nosso destino porque perderemos o que é mais caro a nós."

Eragon observou o brilho da lua crescente surgindo acima do horizonte a leste.

— Conte-me alguma coisa sobre suas aldeias.

— O quê?

— Qualquer coisa. Eu experimentei centenas de lembranças quando estava em sua mente, e na de Khagra e na de Otvek, mas só consigo me lembrar de algumas e mesmo assim de modo imperfeito. Estou tentando entender o que vi.

— Há muitas coisas que eu poderia lhe contar — trovejou Garzhvog. Com os olhos pesados pensativos, ele colocou seu palito de dente improvisado em uma das garras. — Nós pegamos toras de madeira, e as entalhamos com rostos de animais das montanhas e depois as fincamos nas entradas de nossas casas para afugentar os espíritos da natureza. Às vezes, as estacas parecem estar quase vivas. Quando você entra em uma de nossas aldeias, sente o olhar de todos os animais entalhados o observando. . — O

osso descansou um pouco nos dedos do Urgal, e então recomeçou seu movimento para a frente e para trás. — No umbral de cada cabana, penduramos o namna. É um pedaço de tecido do tamanho de minha mão estendida. Os namna são intensamente coloridos e os estilos representam as histórias das famílias que moram em cada cabana. Só é permitido às tecelãs mais velhas e mais habilidosas acrescentar algo a um namna, ou tecer novamente um deles se ficar estragado. . — O osso desapareceu no interior do punho de Garzhvog. — Durante os meses de inverno, as que possuem um companheiro trabalham com eles tecendo os tapetes de lareira. Leva pelo menos cinco anos para terminar um tapete como esse, então quando acaba o trabalho, você sabe se escolheu um bom companheiro.

— Eu jamais estive em uma de suas aldeias — comentou Eragon. —

Elas devem ser bem escondidas.

— Bem escondidas e bem defendidas. Poucos que vêem nossos lares

vivem para contar.

Focalizando o Kull e permitindo que uma pontinha de aspereza ressaltasse em sua voz, Eragon perguntou:

— Como foi que você aprendeu essa língua, Garzhvog? Viveu algum humano com vocês? Vocês mantinham alguns de nós como escravos?

Garzhvog retornou o olhar de Eragon sem recuar.

— Nós não temos escravos, Espada de Fogo. Eu arranquei o conhecimento das mentes dos homens que combati e compartilhei com o restante da tribo.

— Você matou muitos humanos, não matou?

— Você matou muitos Urgralgra, Espada de Fogo. E por isso que nós precisamos ser aliados. Do contrário minha tribo não sobreviverá. Eragon cruzou os braços.

— Quando Brom e eu estávamos rastreando os Ra'zac, nós passamos

por Yazuac, uma aldeia perto do rio Ninor. Nós encontramos todas as pessoas empilhadas no centro da aldeia, mortas, e um bebê preso na ponta de uma lança no topo da pilha. Foi a pior coisa que vi na minha vida. E foram Urgals que mataram aquelas pessoas.

— Antes de adquirir meus chifres — disse Garzhvog —, meu pai me

levou para visitar uma de nossas aldeias ao longo da margem oeste da Espinha. Nós encontramos nosso povo torturado, queimado e chacinado. Os homens de Narda haviam tomado conhecimento de nossa presença e surpreenderam a aldeia com muitos soldados. Ninguém de nossa tribo sobreviveu. . E verdade que nós adoramos a guerra muito mais do que outras raças, Espada de Fogo, e que isso já nos arruinou muitas vezes antes. Nossas mulheres jamais aceitariam um macho como companheiro a não ser que ele lute e mate três adversários. E existe uma alegria na batalha que não se assemelha a nenhuma outra. Mas, embora nosso povo adore a luta, isso não significa que não estejamos cientes de nossos erros. Se nossa raça não puder mudar, Galbatorix nos matará se derrotar os Varden, e você e Nasuada nos matarão se derrotarem aquele traidor com língua de cobra. Não estou certo, Espada de Fogo?

Eragon torceu o queixo em concordância.

— Está.

— Não adianta nada, então, remoer erros do passado. Se nós não pudermos perdoar o que nossas raças fizeram no passado, jamais haverá paz entre humanos e os Urgralgra.

— Como nós devemos tratar vocês, então, se nós vencermos Galbatorix e Nasuada der a vocês a terra que pediram e, daqui a vinte anos, suas crianças começarem a matar e saquear para conquistar companheiras? Se você conhece sua própria história, Garzhvog, então sabe que sempre foi assim quando os Urgals assinaram tratados de paz.

Com um suspiro profundo, Garzhvog retrucou:

— Então nós vamos esperar que ainda existam Urgralgra do outro lado do oceano e que eles sejam mais inteligentes do que nós, porque nós não mais existiremos aqui.

Nenhum dos dois falou mais naquela noite. Garzhvog enroscou-se de lado e dormiu com sua gigantesca cabeça sobre o chão enquanto Eragon enrolou-se em sua capa, sentou encostado no

cepo e mirou as estrelas moverem-se lentamente, imergindo e emergindo de seu sonhar acordado. Ao final do dia seguinte, eles já podiam avistar as montanhas Beor. Inicialmente, não passavam de formas fantasmagóricas no horizonte, facetas oblíquas tingidas de branco e púrpura, mas quando a noite se aproximou a paisagem distante adquiriu substância, e Eragon foi capaz de distinguir a negrura das árvores ao sopé das montanhas e, acima disso, a grande extensão de neve brilhante e gelo e, ainda mais acima, os próprios picos de pedra acinzentados e desertos, porque eram tão altos que nenhuma planta crescia sobre eles e neve alguma caía ali. Como da primeira vez em que as vira, o tamanho assoberbante das montanhas Beor impressionou Eragon. Seus instintos tentavam convencê-lo de que nada tão imenso podia existir, mas, mesmo assim ele sabia que seus olhos não podiam estar enganando-o. As montanhas tinham em média dezesseis mil metros e alguns picos atingiam alturas superiores a essa.

Eragon e Garzhvog não pararam naquela noite. Continuaram correndo durante as horas de escuridão e durante o dia seguinte. Quando a manhã

chegou, o céu ficou brilhante, mas, devido às montanhas Beor, foi preciso esperar até quase o meio-dia para que o sol finalmente surgisse por entre os dois picos e raios de luz tão amplos quantos as próprias montanhas se espalhassem sobre a região, que até aquele momento estava imersa no estranho crepúsculo de sombras. Então, Eragon parou na margem de um córrego e contemplou a vista em silencioso encanto por vários minutos. À medida que ladeavam a vasta cadeia de montanhas, a jornada dos dois começava a parecer a Eragon desconfortavelmente familiar à sua viagem de Gil'ead até Farthen Dûr com Murtagh, Saphira e Arya. Pensou inclusive haver reconhecido o local onde haviam acampado depois de cruzar o deserto Hadarac.

Os longos dias e as noites ainda mais longas passavam ao mesmo tempo com uma lentidão lancinante e uma velocidade surpreendente, já que cada hora era idêntica à última, o que fazia Eragon ter a contraditória sensação de que não apenas o ordálio dos dois jamais terminaria como também que grandes partes deste desafio jamais haviam ocorrido.

Quando ele e Garzhvog chegaram à entrada da grande fenda que separava a cadeia de montanhas por muitos quilômetros de norte a sul, viraram à direita e passaram entre os frios e indiferentes picos. Chegando ao rio Dente-de-Urso — que fluía pelo estreito vale que levava a Farthen Dûr —, vadearam as águas frígidas e continuaram na direção do sul.

Naquela noite, antes de seguirem para leste, para as montanhas propriamente ditas, acamparam perto de uma pequena fonte e descansaram as pernas. Garzhvog matou outro veado com a atiradeira — dessa vez um gamo

—, e ambos comeram.

Com a fome saciada, Eragon estava debruçado remendando um buraco em sua bota quando ouviu um uivo assustador que acelerou sua pulsação. Deu uma olhada ao redor da paisagem escurecida e, para aumentar ainda mais sua preocupação, viu a silhueta de um enorme animal

galopando sobre o leito de pedras da fonte.

— Garzhvog — disse Eragon com voz baixa, e se aproximou da mochila para pegar sua cimitarra.

Pegando no chão uma pedra do tamanho de um punho, o Kull a colocou no compartimento de couro de sua atiradeira e então, erguendo-se o máximo que pôde, abriu sua bocarra e bramiu para a noite até que a região vibrasse com os ecos de seu desafio.

O animal parou, então continuou com um ritmo mais lento, farejando o chão aqui e ali. Quando transpôs o círculo da fogueira, a respiração de Eragon ficou presa na garganta. Parado diante deles estava um lobo cinzento tão grande quanto um cavalo, com presas iguais a sabres e flamejantes olhos amarelos que seguiam todos os movimentos deles. As patas do lobo eram do tamanho de escudos.

Um Shrrg!, pensou Eragon.

Quando o lobo gigante circundou o acampamento, movendo-se quase

silenciosamente apesar de seu enorme tamanho, Eragon pensou nos elfos, em como eles lidariam com um animal selvagem, e na língua antiga pronunciou:

"Irmão Lobo, não queremos lhe fazer nenhum mal. Nessa noite descansamos e não caçamos. Você está convidado a compartilhar de nossa comida e do conforto de nosso covil até amanhã de manhã." O Shrrg parou, e suas orelhas se moveram para a frente ao ouvir a língua antiga.

— Espada de Fogo, o que está fazendo? — rosnou Garzhvog.

— Não ataque a não ser que ele ataque.

O animal de ombros, largos entrou lentamente no acampamento deles, a ponta de seu enorme focinho úmido avaliando tudo. O lobo aproximou sua cabeça rude do fogo, aparentemente curioso a respeito das chamas distorcidas, e então foi em direção aos pedaços de carne e de vísceras espalhados no local onde Garzhvog havia retalhado o gamo. Agachando-se, o lobo abocanhou os pedaços de carne e então se levantou e, sem olhar para trás, sumiu nas profundezas da noite.

Eragon relaxou e embainhou a cimitarra. Garzhvog, entretanto, permaneceu parado onde estava, seus lábios formando uma careta, olhando e ouvindo em busca de qualquer coisa anormal na escuridão circundante. Ao primeiro brilho da manhã, Eragon e Garzhvog saíram do acampamento e correram em direção ao leste, entrando no vale que os levaria até o monte Thardûr.

Ao passarem embaixo dos galhos da densa floresta que guardava o interior da cadeia de montanhas, o ar ficou notavelmente mais fresco e o suave leito de folhas no chão abafava suas pegadas. As árvores altas, escuras e sombrias que assomavam diante deles pareciam observá-

los enquanto percorriam o caminho por entre os espessos troncos e em torno de raízes retorcidas que brotavam do chão de terra úmida, com alturas que chegavam a mais de um metro. Grandes esquilos pretos corriam pelos galhos em balbúrdia. Uma grossa camada de musgo decalcava os cadáveres das árvores que haviam caído. Samambaias, framboesas e outras plantas de folhas verdes floresciam ao lado de cogumelos de todo formato, tamanho e cor.

O mundo ficava mais estreito quanto mais Eragon e Garzhvog penetravam no longo vale. As montanhas gigantescas quase os esmagavam de ambos os lados, opressivas devido ao tamanho, e o céu era uma distante e inalcançável faixa de azul-marinho, o céu mais alto que Eragon jamais vira. Umas poucas e magras nuvens massageavam os ombros das montanhas. Em torno de uma hora após o meio-dia, Eragon e Garzhvog diminuíram o ritmo quando uma série de terríveis rugidos ecoou entre as árvores. Eragon desembainhou a espada e Garzhvog pegou uma pedra no chão e a colocou na atiradeira.

— E um urso das cavernas — disse Garzhvog. Um guincho agudo e

furioso, similar ao barulho de metal contra metal, acompanhou sua colocação.

— E Nagra. Devemos ter cuidado, Espada de Fogo.

Eles seguiram em passos lentos e logo avistaram os animais dezenas de metros acima de uma encosta na montanha. Uma manada de javalis avermelhados, com presas espessas e afiadas, rodopiava em meio a um alarido de guinchos na frente de uma enorme massa de pêlos marrons brilhantes, com garras em gancho e dentes à mostra, que se movia a uma velocidade aterradora. A princípio, a distância enganou Eragon, mas logo comparou os animais às árvores a seu lado e percebeu que cada javali faria de um Shrrg um anão e que o urso era quase tão grande quanto uma casa no vale Palancar. Os javalis haviam sangrado os flancos do urso das cavernas, mas aquilo parecia estar apenas enraivecendo o animal. Voltando-se sobre as patas traseiras, o urso rugiu e atingiu um dos javalis com a garra gigantesca, jogando-o para o lado e rasgando seu pêlo. Três vezes o javali tentou se erguer e três vezes o urso das cavernas o golpeou, até que finalmente o javali desistiu e ficou no chão. Quando o urso se inclinou para comer, o restante da barulhenta manada fugiu para baixo das árvores e se dirigiu para o alto das montanhas e para longe do urso.

Impressionado com a força do animal, Eragon seguiu Garzhvog quando o Urgal lentamente saiu do campo de visão do urso. Erguendo seu focinho carmim da barriga de sua presa, o urso observou-os com olhos pequenos e redondos, e então aparentemente decidiu que não eram nenhuma ameaça e recomeçou a comer.

— Acho que nem mesmo Saphira conseguiria superar tal monstro —

murmurou Eragon.

Garzhvog deu um pequeno grunhido.

— Ela solta fogo. Um urso, não.

Nenhum dos dois tirou os olhos do urso até o animal ser escondido pelas árvores, mas, mesmo assim, mantiveram as armas a postos, sem saber que outros perigos poderiam encontrar.

O dia se transformara em tarde quando perceberam outro som: riso. Eragon e Garzhvog pararam, e então Garzhvog ergueu um dedo e, com espantosa discrição, penetrou em um matagal, seguindo o som do riso. Pisando com cuidado, Eragon foi junto com o Kull, contendo a respiração por temer que o ruído traísse sua presença.

Olhando através de um emaranhado de folhas de corniso, Eragon descobriu uma trilha bem construída aos pés do vale. E perto da trilha, três crianças anãs brincavam jogando gravetos uns nos outros e dando gargalhadas. Nenhum adulto estava visível. Eragon retirou-se para uma distância segura, suspirou e estudou o céu, onde avistou diversas nuvenzinhas de fumaça talvez uns dois quilômetros vale acima.

Um galho quebrou quando Garzhvog se agachou perto dele, de modo

que ficassem nivelados.

— Espada de Fogo, aqui nos separamos — informou Garzhvog.

— Você não vai até a Fortaleza Bregan comigo?

— Não. Minha tarefa era mantê-lo a salvo. Se eu for, os anões não confiarão em você como deveriam. O monte Thardûr está bem próximo e eu tenho certeza de que ninguém ousará agredi-lo no caminho até lá. Eragon cocou a nuca e olhou para trás e depois para a frente entre Garzhvog e a fumaça a leste dos dois.

— Você vai voltar correndo direto para os Varden?

— Vou, mas talvez não com a mesma rapidez com que viemos para cá

— Garzhvog respondeu com um riso discreto.

Sem ter certeza sobre o que dizer, Eragon chutou a extremidade podre de um pedaço de madeira e expôs uma colônia de larvas brancas que rastejavam para seus túneis.

— Veja se não vai deixar um Shrrg ou um urso comê-lo, ouviu? Senão eu vou ter de rastrear o bicho e matá-lo, e eu não tenho tempo para isso. Garzhvog pressionou os dois pulsos contra a cabeça ossuda.

— Que seus inimigos se acovardem diante de você, Espada de Fogo. Levantando-se e se virando, Garzhvog se afastou de Eragon. A floresta logo escondeu a corpulenta silhueta do Kull.

Eragon encheu os pulmões com o ar fresco da montanha e seguiu caminho através do matagal. Quando surgiu do meio dos densos galhos de cornisos, as minúsculas crianças anãs ficaram petrificadas, a expressão de seus rostinhos redondos demonstrando cautela.

— Sou Eragon, Matador de Espectros, filho de ninguém — Eragon anunciou, com as mãos visíveis. — Procuro Orik, filho de Thrifk, na Fortaleza Bregan. Vocês podem me levar até ele? — Como as crianças não responderam, percebeu que elas não compreendiam nada da sua língua. —

Sou um Cavaleiro de Dragão — informou, falando lentamente e enfatizando as palavras. — Eka eddyr aí Shur'tugal.. Shur'tugal. . Argetlam. Ao ouvir aquilo, os olhos das crianças brilharam e suas bocas ficaram redondas de assombro.

— Argetlam! — exclamaram elas. — Argetlam!

E correram e se jogaram sobre ele, envolvendo seus braços curtos em suas pernas e puxando sua roupa, gritando de alegria o tempo todo. Eragon olhou para elas, sentindo um risinho tolo percorrer seu rosto. As crianças agarraram suas mãos, e ele permitiu que elas o puxassem pela trilha. Apesar de ele não entender nada, as crianças continuavam a falar sem parar na língua anã, contando para ele tudo o que não sabia. Todavia, ele estava gostando de ouvi-las.

Quando uma das crianças — uma garota, pensou ele — esticou seus braços em sua direção, ele a ergueu e a colocou sobre os ombros, e estremeceu quando ela agarrou um punhado de seus cabelos. Ela riu, um riso alto e doce, o que o fez sorrir também. Assim equipado e acompanhado, Eragon seguiu caminho até o monte Thardûr e de lá até a Fortaleza Bregan e seu irmão postiço, Orik.

POR MEU AMOR

oran olhava fixamente para a pedra chata e redonda que segurava nas palmas das mãos. Suas sobrancelhas estavam unidas numa careta de frustração.

R — Stenr reisa! — resmungou, entre dentes.

A pedra se recusou a se mexer.

— O que você está aprontando, Martelo Forte? — perguntou Cara, deixando-se cair na tora em que Roran estava sentado.

Enfiando a pedra no cinto, aceitou o pão com queijo que Carn lhe trouxera.

— Nada — respondeu ele. — Só sonhando acordado.

— É o que a maioria faz antes de uma missão — disse Carn, concordando.

Enquanto comia, Roran permitiu que seu olhar vagasse pelos homens entre os quais se encontrava. Contando com ele mesmo, seu grupo era composto de trinta homens. Todos guerreiros calejados. Todos portavam um arco, e a maioria trazia também uma espada, embora alguns tivessem escolhido lutar com uma lança, com uma maça ou com um martelo. Dos trinta, Roran supunha que sete ou oito deviam estar com uma idade próxima da sua, enquanto os demais eram alguns anos mais velhos. O mais velho de todos era seu comandante, Martland Barba Ruiva, o deposto conde de Thun, que já havia visto uma quantidade suficiente de invernos na vida para que sua famosa barba tivesse se tornado salpicada de pêlos prateados.

Quando Roran se juntou à tropa de Martland pela primeira vez, apresentou-se a ele na sua tenda. O conde era um homem baixo, de membros fortes de toda uma vida passada sobre um cavalo e brandindo uma espada. A barba que lhe valia a alcunha era densa, bem tratada e chegava ao meio do seu esterno.

— Lady Nasuada me contou muita coisa sobre você, meu rapaz —

disse o conde, depois de avaliar Roran da cabeça aos pés. — E muito mais eu ouvi das histórias que meus homens contam, rumores, mexericos, boatos e semelhantes. Você sabe como é. Sem dúvida, você realizou feitos notáveis. Desafiar os Ra'zac em seu próprio covil, por exemplo, não deve ter sido brincadeira. E claro que você estava com seu primo para ajudar, não é?. . Você

pode estar acostumado a fazer valer sua vontade com o pessoal do seu vilarejo, mas agora você faz parte dos Varden, rapaz. Mais especificamente, você é um dos meus guerreiros. Nós não somos sua família. Não somos seus vizinhos. Nem mesmo somos necessariamente seus amigos. Nosso dever é

cumprir as ordens de Nasuada, e cumpri-las é o que faremos, pouco importando o que qualquer um de nós achar dessas ordens. Enquanto você

servir sob meu comando, fará o que eu mandar, quando eu mandar e como eu mandar, ou eu juro pelos ossos da minha mãe abençoada, que ela descanse em paz, que esfolarei suas costas com o açoite, sem me importar com quem seja seu parente. Você está me entendendo?

— Sim, senhor!

— Muito bem. Se você se comportar e demonstrar que tem bom senso e se conseguir se manter vivo, é possível que um homem de determinação tenha uma ascensão rápida entre os Varden. Se isso vai ou não vai acontecer depende, porém, inteiramente de eu considerá-lo apto para comandar seus próprios homens. Mas não queira acreditar, nem por um instante, nem pela droga de um único instante, que você possa me adular para eu ter uma boa opinião a seu respeito. Não me importa se você gosta de mim ou se me detesta. Meu único interesse é saber se você tem como fazer o que precisa ser feito.

— Entendo perfeitamente, senhor!

— E, sim, pode ser que sim, Martelo Forte. Logo saberemos. Está

dispensado e apresente-se a Ulhart, meu braço direito.

Roran engoliu o último pedaço do pão e o ajudou a descer com um gole de vinho do odre que levava consigo. Gostaria de ter feito uma refeição quente naquela noite, mas estavam embrenhados no território do Império, e soldados poderiam ter avistado uma fogueira. Com um suspiro, esticou as pernas. Os joelhos estavam doloridos de cavalgar Fogo na Neve do anoitecer até a aurora nos três últimos dias.

No fundo da sua mente, Roran sentiu uma pressão leve, porém constante, uma inquietação mental que, noite e dia, apontava na mesma direção: a de Katrina. A fonte da sensação era o anel que Eragon lhe dera; e Roran se sentia tranqüilizado por saber que, graças àquela jóia, ele e Katrina poderiam encontrar um ao outro em qualquer ponto da Alagaësia, mesmo que os dois tivessem ficado cegos e surdos.

Ao seu lado, ouviu Carn murmurar frases na língua antiga, e sorriu. Carn era seu feiticeiro, enviado para garantir que um mágico inimigo não matasse a todos eles com apenas um gesto. De alguns dos outros homens, Roran tinha ouvido dizer que Carn não era um mágico assim tão poderoso —

ele lutava para lançar cada encantamento —, mas que compensava sua fraqueza com a invenção de encantamentos de uma criatividade extraordinária e com sua enorme capacidade de penetrar na mente dos adversários. Carn era magro de rosto e de corpo, com olhos caídos e um ar nervoso, impulsivo. Roran tinha gostado dele de imediato.

À frente de Roran, dois homens, Halmar e Ferth, estavam sentados diante da sua tenda, e Halmar contava uma história a Ferth.

— ... por isso, quando os soldados vieram apanhá-lo, ele chamou todos os seus homens para o interior da propriedade e ateou fogo às poças de óleo que seus servos tinham derramado antes, encurralando os soldados e dando a todos os que chegaram depois a impressão de que tinham morrido queimados. Dá para acreditar? Quinhentos soldados ele matou de uma tacada, sem chegar a sacar uma espada!

— E como ele escapou? — perguntou Ferth.

— O avô de Barba Ruiva era um safado muito esperto, isso ele era. Havia mandado cavar um túnel que ia desde o solar da família até o rio mais próximo. Por esse túnel, Barba Ruiva conseguiu tirar dali toda a família e todos os servos com vida. Então, ele os levou para Surda, onde o rei Larkin lhes deu abrigo. Passou-se uma boa quantidade de anos antes que Galbatorix descobrisse que ainda estavam vivos. Temos sorte de estar sob o comando de Barba Ruiva, sem dúvida. Ele só perdeu duas batalhas, e essas, por causa de magia.

Halmar se calou quando Ulhart chegou ao meio das fileiras de dezesseis tendas. O veterano sério parou, com as pernas afastadas, imóvel como um carvalho de raízes profundas, e

observou as tendas para verificar que todos estavam presentes.

— O sol se pôs. Vão dormir — disse ele. — Partiremos duas horas antes da primeira luz do dia. O comboio deve estar uns onze quilômetros a noroeste de nós. Cubram a distância a uma boa velocidade. Atacamos exatamente quando eles começarem a se movimentar. Matem todos, queimem tudo e depois voltamos. Vocês sabem como funciona. Martelo Forte, você

vem comigo. Um passo em falso, e eu o estripo com um anzol rombudo. —

Os homens reprimiram risinhos. — Agora, vão dormir.

O vento açoitava o rosto de Roran. O retumbar do sangue pulsante enchia seus ouvidos, abafando todos os outros sons. Fogo na Neve se sacudia entre suas pernas, a galope. A visão de Roran tinha se estreitado. Ele nada via além dos dois soldados montados em éguas castanhas junto do antepenúltimo carroção do comboio de suprimentos.

Levantando o martelo bem alto, Roran uivou com toda a força.

Os dois soldados se sobressaltaram e se atrapalharam com suas armas e escudos. Um deles deixou cair a lança e se curvou para apanhá-la. Puxando as rédeas de Fogo na Neve para reduzir sua velocidade, Roran ficou em pé nos estribos e, parando diante do primeiro soldado, atingiu-o no ombro, partindo sua cota de malha. O homem deu um berro, com o braço ficando inerte. Roran acabou com ele com um golpe de viés.

O outro soldado tinha recuperado a lança e investiu contra Roran, mirando seu pescoço. Roran se abaixou por trás do escudo redondo, com a lança o fustigando cada vez que se enterrava na madeira. Com as pernas, apertou os flancos de Fogo na Neve, e o garanhão empinou, relineliando e patejando o ar com os cascos ferrados. Um casco pegou o soldado no peito, rasgando-lhe a túnica vermelha. Quando Fogo na Neve voltou a pisar com as quatro patas no chão, Roran girou o martelo de lado e esmagou o pescoço do soldado.

Deixando-o se debater no chão, Roran esporeou Fogo na Neve na direção do próximo carroção do comboio, onde Ulhart estava lutando com três soldados sozinho. Quatro bois puxavam cada carroção; e, quando Fogo na Neve passou pelo que Roran tinha acabado de capturar, o boi de guia sacudiu a cabeça, e a ponta do chifre esquerdo o atingiu na parte inferior da perna direita. Roran sufocou um grito. Tinha a sensação de que um ferro em brasa havia sido encostado em sua canela. Olhou de relance e viu uma tira da sua bota pendurada, solta, junto com uma camada de pele e músculo. Com mais um grito de guerra, Roran cavalgou até o mais próximo dos três soldados com quem Ulhart estava lutando e o derrubou com um único golpe do martelo. O seguinte conseguiu se desviar do ataque subseqüente de Roran, fez o cavalo girar e fugiu a galope.

— Não o deixe escapar! — gritou Ulhart, mas Roran já tinha começado a perseguição.

O soldado em fuga fincou as esporas no ventre do cavalo até o animal sangrar; mas, apesar de sua crueldade desesperada, a montaria não teria como correr mais do que Fogo na Neve.

Roran se abaixou bem sobre o pescoço de seu cavalo, à medida que o garanhão se superava, voando sobre o chão a uma velocidade incrível. Percebendo que não podia ter esperança de fugir, o soldado ficou, deu meia-volta e atacou Roran com um sabre. Roran ergueu o martelo e mal teve tempo de desviar a lâmina afiadíssima. Ele retaliou imediatamente com um ataque giratório por cima da cabeça, mas o soldado se desviou e, então, tentou acertar os braços e pernas de Roran mais duas vezes com o sabre. Roran praguejou para si mesmo. Estava óbvio que o soldado tinha mais experiência com a esgrima do que ele. Se não conseguisse vencer o confronto nos segundos seguintes, estaria morto.

O soldado deve ter percebido essa sua vantagem, pois acirrou o ataque, forçando Fogo na Neve a se empinar, recuando. Em três ocasiões, Roran teve certeza de que o soldado estava prestes a feri-lo, mas o sabre do homem se retorcia no último instante e não atingia Roran, desviado por alguma força invisível. Ele, então, se sentiu grato pelas proteções de Eragon. Não tendo outro recurso, Roran lançou mão do inesperado: esticou a cabeça e o pescoço e gritou "Bah!", como faria se estivesse querendo dar um susto em alguém num corredor escuro. O soldado se retraiu. E, no instante em que fez isso, Roran se inclinou para ele e desceu o martelo com força total sobre o joelho esquerdo do homem, cujo rosto ficou branco de dor. Antes que ele se recuperasse, Roran o atingiu perto dos rins. E então, quando o soldado deu um berro e arqueou a espinha, Roran deu um fim ao seu sofrimento com um golpe rápido na cabeça.

Roran ficou parado recuperando o fôlego por um momento, até dar um toque nas rédeas de Fogo na Neve e o esporeou para que voltasse a meio galope até o comboio. Disparando os olhos de um lugar para outro, atraídos por qualquer movimento mínimo, Roran avaliou a batalha. Em sua maioria, os soldados estavam mortos, da mesma forma que os homens que vinham conduzindo os carroções. Junto ao primeiro carroção, Carn estava em pé

encarando um homem alto de vestes longas, os dois rígidos a não ser por eventuais contrações, únicos sinais do duelo invisível. E enquanto Roran olhava, o adversário de Carn se inclinou para a frente e caiu deitado imóvel no chão.

Lá pelo meio do comboio, porém, cinco soldados cheios de iniciativa tinham soltado os bois de três carroções e os arrumado num triângulo, de dentro do qual estavam conseguindo rechaçar Martland Barba

Ruiva e mais dez Varden. Quatro soldados mantinham lanças em riste entre os carroções, enquanto o quinto disparava flechas contra os Varden, forçando-os a recuar em busca de abrigo. O arqueiro já ferira diversos Varden, alguns deles haviam caído do cavalo, enquanto outros haviam se mantido na sela tempo suficiente para procurar proteção.

Roran amarrou a cara. Eles não podiam se dar ao luxo de ficar ali expostos, numa das principais estradas do Império enquanto iam matando ura a um os soldados entrincheirados. O tempo corria contra eles.

Todos os soldados estavam voltados para o oeste, direção da qual os Varden tinham atacado.

Com exceção de Roran, nenhum dos Varden tinha passado para o outro lado do comboio. Portanto, os soldados não se davam conta de que ele vinha investindo contra eles a partir do leste. Ocorreu a Roran um plano. Em qualquer outra circunstância, teria se desfeito da idéia por ser ridícula e impraticável, mas do jeito que as coisas andavam, aceitou o plano como a única solução que poderia resolver o impasse sem demora. Ele nem se deu ao trabalho de avaliar o perigo que corria. Havia abandonado todo o medo da morte e de ferimentos no instante em que o ataque começou.

Roran instigou Fogo na Neve a um pleno galope. Pôs a mão esquerda no arção da sela, quase tirou as botas dos estribos e contraiu os músculos em preparação. Quando o garanhão estava a uns quinze metros do triângulo de carroções, ele fez força para baixo com a mão e, erguendo-se, pôs os pés na sela, ficando agachado em Fogo na Neve. Foi necessário usar toda a sua perícia e concentração para manter seu equilíbrio. Como Roran tinha calculado, o cavalo reduziu a velocidade e começou a guinar para o lado quando o grupo de carroções veio crescendo em sua direção.

Roran soltou as rédeas exatamente quando Fogo na Neve virou, e saltou de seu dorso, pulando alto por cima do carroção que formava a face leste do triângulo. Seu estômago sofreu um tranco. Viu de relance o rosto do arqueiro voltado para o alto, os olhos redondos com a borda branca. Caiu então em cima do homem, e os dois tombaram no chão com estrondo. Roran caiu por cima, o corpo do soldado protegeu-o do impacto. Forçando-se a ficar de joelhos, ergueu o escudo e fincou sua borda na falha entre o elmo e a túnica do soldado, quebrando-lhe o pescoço. E então Roran se forçou a ficar em pé.

Os outros quatro soldados tiveram uma reação lenta. O que estava à

esquerda de Roran cometeu o erro de tentar sacar a lança dentro do triângulo; mas, com a pressa, fincou-a entre a traseira de um carroção e a roda dianteira de outro, e a haste se estilhaçou nas suas mãos. Roran investiu contra ele. O

soldado tentou recuar, mas os carroções bloquearam sua fuga. Brandindo o martelo num golpe de baixo para cima, Roran atingiu o soldado abaixo do queixo.

O segundo foi mais esperto. Largou a lança e tentou sacar a espada do cinto, mas só conseguiu tirar metade da lâmina antes de Roran lhe esmagar o peito.

A essa altura, o terceiro e o quarto soldados estavam prontos para Roran. Convergiram contra ele, com as lâminas em riste, os dentes à mostra. Roran tentou se desviar, mas sua perna rasgada não o sustentou; e ele tropeçou e caiu sobre um joelho. O soldado mais próximo tentou um golpe de cima para baixo. Com o escudo, Roran se defendeu, depois mergulhou para a frente e esmagou o pé do soldado com a parte plana do seu martelo. Praguejando, o soldado tombou no chão. Roran de imediato lhe esmagou o rosto, e se virou rápido de costas, sabendo que o último soldado estava logo atrás dele.

Roran ficou paralisado, de pernas e braços abertos.

O soldado estava em pé, acima dele, segurando a espada, com a ponta da lâmina reluzente a cerca de um centímetro de seu pescoço.

Então é assim que tudo vai terminar, pensou Roran.

E então, um braço grosso apareceu em volta do pescoço do soldado, arrastando-o para trás, e o soldado deu um grito sufocado quando a lâmina de uma espada brotou do meio do seu peito, junto com respingos de sangue. O

homem caiu numa pilha inerte, e em seu lugar estava Martland Barba Ruiva. O conde respirava com dificuldade, e sua barba e tórax estavam salpicados de sangue.

Martland fincou a espada na terra, apoiando-se no botão, e examinou a carnificina dentro do triângulo de carroções.

— Você vai servir, acho — disse ele, fazendo que sim.

Roran estava sentado na beira de um carroção, mordendo a língua enquanto Carn cortava fora o resto da sua bota. Procurando não dar atenção às fisgadas de agonia que vinham da sua perna, olhou para os abutres que giravam lá no alto e se concentrou em lembranças da sua casa no vale Palancar. Deu um grunhido quando Carn mexeu fundo demais no corte.

— Desculpe — disse o feiticeiro. — Preciso examinar o ferimento. Roran não parou de olhar para os abutres e não respondeu. Da! a uni minuto, Carn pronunciou algumas palavras na língua antiga; e, alguns segundos depois, a dor na perna de Roran foi se abrandando até se tornar uma dor menor. Olhando para baixo, viu que sua perna estava inteira novamente.

O esforço de curar Roran e os outros dois antes dele deixou Carn lívido e trêmulo. O mágico se encostou pesadamente no carroção, cruzando os braços diante do corpo, com uma expressão de enjôo.

— Tudo bem com você? — perguntou Roran.

Carn ergueu os ombros num ínfimo gesto de descaso.

— Só vou precisar de um instante para me recuperar.. O boi arranhou o osso externo da sua perna. Consertei o arranhão, mas não tive forças para curar totalmente o resto da lesão. Suturei seu músculo e sua pele, para que não haja sangramento nem dor demasiada, mas apenas uma dor leve. A carne nesse local não vai agüentar muito mais que seu próprio peso, quer dizer, pelo menos enquanto não se curar sozinha.

— E quanto tempo vai levar?

— Uma semana, talvez duas.

Roran calçou o que restava da sua bota.

— Eragon lançou sobre mim proteções que me resguardariam de ferimentos. Salvaram minha vida algumas vezes hoje. Mas por que não me protegeram do chifre do boi?

— Não sei, Roran — disse Carn, com um suspiro. — Ninguém pode

estar preparado para todas as eventualidades. Esse é um dos motivos pelos quais a magia é tão perigosa. Se você não der atenção a uma única faceta de um encantamento, ele pode não fazer nada além de enfraquecê-lo; ou pior, pode fazer alguma coisa terrível que nunca havia sido sua intenção. Acontece até com os melhores mágicos. Deve haver urna falha nas proteções do seu primo. . uma palavra mal colocada ou um enunciado mal desenvolvido. . que permitiu que o boi o ferisse.

Deixando-se escorregar do carroção, Roran foi mancando em direção à

frente do comboio, para uma avaliação do combate. Cinco dos Varden tinham sido feridos durante o ataque, ele inclusive, e mais dois tinham morrido: um homem que Roran mal conhecera; e outro, Ferth, com quem conversara em várias ocasiões. Dos soldados e homens que conduziam o comboio, não restou nenhum com vida.

Roran parou junto aos dois primeiros soldados que havia matado e olhou para os cadáveres. Sua saliva se tornou amarga, e suas entranhas se agitaram de repugnância. *Agora já matei.. não sei mais quantos*. Ele percebeu que, durante a loucura da batalha da Campina Ardente, perdera a conta dos homens que havia abatido. O fato de ter despachado para a morte tantos homens que não conseguia se lembrar da quantidade total o deixou perturbado. *Será que vou precisar matar campos inteiros de homens para recuperar o que o Império roubou de mim?* Ocorreu-lhe um pensamento ainda mais desconcertante: *E se eu o fizer, como poderia voltar para o vale Palancar e lá viver em paz quando minha alma está enegrecida pelo sangue de centenas?*

Fechando os olhos, Roran relaxou conscientemente todos os músculos do corpo, num esforço para se acalmar. *Eu mato por meu amor. Mato por meu amor a Katrina, por meu amor a Eragon e a todos os moradores de Carvahall, também por meu amor aos Varden e por meu amor a esta nossa terra. Por meu amor, atravessarei a pé*

um oceano de sangue, mesmo que isso me destrua.

Nunca vi nada parecido, Martelo Forte — disse Ulhart. Roran abriu os olhos para encontrar, parado à sua frente, o guerreiro grisalho, que segurava Fogo na Neve pelas rédeas. — Não existe outra pessoa maluca o suficiente para tentar um movimento daqueles, de saltar por cima dos carroções, pelo menos ninguém que tenha sobrevivido para contar a história. Bom trabalho esse. Mas tome cuidado. Você não pode sair por aí saltando de cavalos para enfrentar cinco homens sozinho e esperar ver a chegada do próximo verão, certo? Um pouco de cautela, espero que você me entenda.

— Não vou me esquecer — disse Roran enquanto apanhava as rédeas

de Fogo na Neve oferecidas por Ulhart.

Nos minutos que transcorreram desde que Roran tinha acabado com o último dos soldados, os guerreiros ilesos foram a cada um dos carroções. rasgando os fardos de carga e informando o conteúdo a Martland, que registrou o que encontraram para que Nasuada estudasse a informação e talvez extraísse dela alguma indicação de quais seriam os planos de Galbatorix. Roran ficou olhando enquanto os homens examinavam os poucos carroções que faltavam, que continham sacas de trigo e pilhas de uniformes. Terminada essa tarefa, os homens degolaram os bois que restavam, empapando de sangue a estrada. Matar os animais perturbou Roran, mas entendeu a importância de negá-los ao Império e teria manejado a faca por si mesmo se lhe tivessem pedido. Poderiam ter levado os bois até o acampamento dos Varden, mas os animais eram vagarosos e incômodos demais. No entanto, os cavalos dos soldados conseguiriam acompanhar seu ritmo quando fugissem do território inimigo e, por isso, capturaram tantos quantos conseguiram alcançar e os amarraram atrás de suas próprias montar ias.

E então, um homem tirou dos alforjes um archote impregnado de resina e, depois de alguns segundos de esforço com sua pederneira e o aço, conseguiu acendê-lo. Ao longo do comboio, tocou com o archote cada carroção até pegarem fogo e, no final, jogou o archote na traseira do último.

— Montem! — gritou Martland.

A perna de Roran latejou quando conseguiu subir em Fogo na Neve. Esporeou o garanhão para se posicionar ao lado de Carn à medida que os sobreviventes se reuniam em suas montarias em fila dupla atrás de Martland. Os cavalos bufavam e escavavam o chão, impacientes para se distanciar do fogo.

Martland partiu a trote rápido, e o restante do grupo acompanhou, deixando para trás a fileira de carroções em chamas, como um monte de gotas de luz dispostas ao longo da estrada deserta.

UMA FLORESTA DE PEDRA

multidão soltou urros de alegria.

Eragon estava sentado nas tribunas de madeira que os anões haviam construído ao longo da base das trincheiras na parte de A fora da Fortaleza Bregan. A fortaleza situava-se sobre uma

saliência arredondada da montanha Thardûr, mais de cento e cinqüenta metros acima do solo do vale tomado de névoa, e de lá

era possível ter uma boa visão por quilômetros e quilômetros em qualquer direção, ou até que as rígidas montanhas obscurecessem a visão. Como Tronjheim e as outras cidades dos anões que Eragon conhecia, a Fortaleza Bregan era inteiramente feita de ardósia, neste caso, um

granito avermelhado que dava um tom aconchegante aos recintos e aos corredores internos. A fortaleza propriamente dita era uma edificação sólida e pesada de cinco andares, culminando em uma torre aberta com um sino encimada por uma cúpula de vidro em forma de lágrima do tamanho de dois anões e que era sustentada por quatro vigas de granito que se uniam para formar um cume. A cúpula em forma de lágrima, como Orik dissera a Eragon, era uma versão maior das lanternas sem chama dos anões e, durante importantes ocasiões de emergência, podia ser usada para iluminar todo o vale com uma luz dourada. Os anões a chamavam Az Sindriznarrvel, ou A Gema de Sindri. Grudadas ao longo dos flancos da fortaleza encontravam-se inúmeras construções, aposentos para os criados e guerreiros do Dûrgrimst Ingeitum e também outras estruturas tais como mesas, ferrarias e uma igreja devotada a Morgothal, o deus do fogo dos anões e protetor dos ferreiros. Embaixo das muralhas altas e lisas da Fortaleza Bregan, ficavam dezenas de fazendas espalhadas pelas clareiras da floresta de onde podiam ser vistos anéis de fumaça subindo pelas chaminés das casas de pedra.

Tudo isso e muito mais, Orik mostrara e explicara a Eragon depois que as três crianças anãs o haviam conduzido até a corte da Fortaleza Bregan, gritando "Argetlam!" a todos que passavam. Orik saudara Eragon como um irmão e então o levara aos banhos e, quando estava limpo, cuidou para que fosse vestido com uma veste púrpura e que lhe colocassem um diadema na testa.

Mais tarde, Orik surpreendeu Eragon apresentando-o a Hvedra, uma anã de olhos vividos, rosto em forma de maçã e cabelos longos que orgulhosamente anunciou que havia se casado com Orik dois dias atrás. Enquanto Eragon expressava seu espanto e os congratulava, Orik, inquieto, repetia:

— Foi muito duro para mim você não ter podido estar presente à

cerimônia, Eragon. Mandei um de nossos feiticeiros fizer contato com Nasuada e perguntei se comunicaria meu convite a você e a Saphira, mas ela se recusou; temia que isso pudesse distraí-lo de suas tarefas. Não posso culpála, mas gostaria que essa guerra tivesse permitido a sua presença em nosso casamento e a nossa no de seu primo, já que somos todos parentes agora, se não pelo sangue, pelo menos pela lei.

Com seu sotaque acentuado, Hvedra disse:

— Por favor, me considere sua parenta agora, Matador de Espectros. No que depender de mim, sempre será tratado como um membro da família na Fortaleza Bregan e poderá pedir abrigo aqui sempre que precisar, inclusive se estiver fugindo de Galbatorix.

Eragon fez uma mesura, emocionado com a oferta.

— A senhora é muito gentil. — Então perguntou: — Se me permite uma curiosidade, por que vocês decidiram se casar agora?

— Havíamos planejado nos unir nessa primavera, mas. .

— Mas — continuou Orik em seu modo áspero — os Urgals atacaram

Farthen Dûr, e então Hrothgar me mandou seguir com você até Ellesméra. Quando voltei para cá e as famílias do clã me aceitaram como seu novo grimstborith, imaginamos que era o momento perfeito para consumar nossos votos e nos tornarmos marido e mulher. Talvez nenhum de nós consiga sobreviver até o fim do ano, então por que adiar?

— E quer dizer que você se tornou *mesmo* chefe do clã — disse Eragon.

— Sim. Escolher o próximo líder do Dûrgrimst Ingeitum foi uma questão difícil, ficamos nisso por mais de uma semana, mas, no final, a maioria das famílias concordou que eu deveria seguir os passos de Hrothgar e herdar sua posição, já que eu era seu único herdeiro nomeado.

Agora Eragon estava sentado próximo a Orik e Hvedra, devorando o pão e o carneiro que os anões haviam trazido para ele e observando a disputa que acontecia em frente às tribunas. Era costumeiro, como dissera Orik, que uma família anã provida de recursos proporcionasse jogos para o entretenimento dos convidados de casamento. A família de Hrothgar era tão rica que aqueles já duravam mais de três dias e estavam previstos para continuar por mais quatro. Os jogos consistiam em muitos eventos: luta livre, arco-e-flecha, esgrima, demonstrações de força e o evento que estava ocorrendo naquele momento, o Ghastgar.

Das duas extremidades opostas de um campo gramado, dois anões cavalgavam um na direção do outro sobre Feldûnost brancos. Os bodes monteses chifrados cruzavam a relva aos saltos, cada pulo com mais de vinte metros. O anão à direita tinha um pequeno escudo preso em seu braço esquerdo, mas não carregava nenhuma arma. O anão à esquerda não possuía escudo, mas com sua mão direita segurava um dardo pronto para o ataque. Eragon segurou a respiração quando a distância entre os Feldûnost diminuiu. Quando estavam a menos de nove metros um do outro, o anão com a lança levantou o braço e arremessou o projétil em seu oponente. O

outro anão não se protegeu com o escudo. Em vez disso, avançou e, com uma impressionante habilidade, agarrou a lança pela haste e a brandiu por cima da cabeça. A multidão reunida na arena explodiu de alegria, no que foi imitada por Eragon, que bateu palmas vigorosamente.

— Aquilo foi muito bem-feito! — exclamou Orik. Ele riu e enxugou sua caneca de hidromel, sua polida cota de malha resplandecendo na luz do crepúsculo. Estava usando um capacete adornado com ouro, prata e rubis, além de cinco grandes anéis nos dedos. Na cintura, estava pendurado seu sempre presente machado. Hvedra estava ainda mais ricamente vestida, com tiras de tecido bordadas em seu suntuoso vestido, colares de pérolas e ouro no pescoço e, em seu cabelo, uma crista de marfim decorada com uma esmeralda maior do que o polegar de Eragon.

Uma fileira de anões se levantou, soprando um conjunto de trompas, as notas metálicas ecoando montanha acima. Então, um anão redondo como um barril deu um passo à frente e anunciou, na língua anã, o vencedor da última disputa, assim como os nomes da próxima dupla

a competir no Ghastgar. Quando o mestre-de-cerimônias terminou de falar, Eragon se inclinou e perguntou:

— Você nos acompanhará até Farthen Dûr, Hvedra? Ela balançou a cabeça e sorriu amplamente.

— Não posso. Devo ficar aqui e me debruçar sobre os assuntos do Ingeitum enquanto Orik está ausente, de modo que não encontre nossos guerreiros morrendo de fome e nosso ouro acabado quando voltar.

Rindo, Orik segurou sua caneca na direção de um dos criados a vários metros de distância. Assim que o anão correu e encheu a caneca com hidromel, Orik voltou-se para Eragon com um óbvio orgulho.

— Hvedra não está se gabando. Não é apenas minha mulher, ela é a. . Argh! Vocês não têm uma palavra para isso. Ela é a grimstcarvlorss do Dûrgrimst Ingeitum. Grimstcarvlorss significa. . "a mantenedora da casa", "a administradora da casa". É seu dever garantir que as famílias de nosso clã

paguem os dízimos, previamente acertados, à Fortaleza Bregan; que nossos rebanhos sejam levados às pastagens corretas nas horas certas; que nossos estoques de cereais e comida não diminuam muito; que as mulheres do Ingeitum façam tecidos suficientes; que nossos guerreiros estejam bem equipados; que nossos ferreiros sempre tenham minério de ferro para fundir; e, em suma, que nosso clã seja bem administrado e que prospere e se desenvolva. Existe um ditado famoso entre nosso povo: uma boa grimstcarvlorss pode construir um clã. .

— E uma má grimstcarvlorss destruirá um clã — completou Hvedra.

Orik sorriu e pegou em uma das mãos da esposa.

— E Hvedra é a melhor das grimstcarvlorssn. Não é um título herdado. Você precisa provar que é digno do posto se pretende mantê-lo. E raro que a mulher de um grimstborith também seja grimstcarvlorss. Eu tenho muita sorte. — Ambos se aproximaram um do outro e tocaram os respectivos narizes. Eragon desviou o olhar, sentindo-se solitário e excluído. Orik recostou-se, tomou um gole do hidromel e então continuou: — Tivemos muitas grimstcarvlorssn em nossa história. Sempre se diz que a única coisa que nós, líderes de clã, fazemos de bom é declarar guerra um ao outro, e que as grimstcarvlorssn preferem que passemos nosso tempo discutindo entre nós mesmos de modo que não tenhamos tempo para interferir nos trabalhos do clã.

— Até parece, Skilfz Delva — ralhou Hvedra. — Você sabe que isso não é verdade. Ou pelo menos não é verdade conosco.

— Humm. — Orik tocou a testa na testa de Hvedra. E novamente tocaram os narizes.

Eragon voltou sua atenção para a multidão abaixo ao ouvir uma erupção frenética de assobios

e zombadas. Viu que um dos anões competindo no Ghastgar havia perdido a paciência e, no último instante, puxara seu Feldûnost para o lado e ainda assim continuava tentando fugir de seu oponente. O anão com o dardo o perseguiu duas vezes na arena. Quando estavam bem próximos um do outro, ergueu-se sobre os estribos e arremessou a lança, acertando o anão covarde na parte de trás de seu ombro esquerdo. Com um uivo, o outro anão caiu de sua montaria e ficou deitado de lado, apertando a lâmina e a haste enfiada na carne. Um curandeiro disparou em sua direção. Depois de um instante, todos viraram as costas para o espetáculo. Orik fez uma careta de desgosto.

— Bah! Vai demorar muitos anos até que sua família consiga apagar a mancha da desonra de seu filho. Sinto muito que você tenha sido obrigado a testemunhar esse ato desprezível, Eragon.

— Nunca é agradável ver alguém realizar um ato vergonhoso.

Os três ficaram sentados em silêncio durante as duas disputas seguintes. Então, Orik assustou Eragon ao agarrar seu ombro e perguntar:

— Gostaria de ver uma floresta de pedra, Eragon?

— Tais coisas não existem, a menos que sejam esculpidas. Orik balançou a cabeça, os olhos cintilando.

— Não é esculpida e existe. Então repito a pergunta, você gostaria de ver uma floresta de pedra?

— Se você não está fazendo uma piada. . sim, gostaria.

— Ah, estou contente por ter aceitado. Não estou fazendo piada, e prometo que amanhã eu e você caminharemos por entre árvores de granito. É

uma das maravilhas das montanhas Beor. Todos os hóspedes do Dûrgrimst deveriam ter a oportunidade de visitá-la.

Na manhã seguinte, Eragon levantou-se de sua cama minúscula em seu quarto de pedra com teto baixo e mobília diminuta, lavou o rosto em uma bacia de água fria e, por puro vício, dirigiu sua mente para Saphira. Sentiu apenas os pensamentos dos anões e dos animais em torno da fortaleza. Eragon tropeçou e se inclinou para a frente, agarrando a borda da bacia, tomado por uma sensação de isolamento. Permaneceu nessa posição, incapaz de se mover ou pensar, até que sua visão ficou carmesim e pontinhos brilhantes começaram a flutuar diante de seus olhos. Com um arquejo, expirou e encheu novamente os pulmões.

Senti sua falta durante a viagem de volta de Helgrind, pensou ele, mas pelo menos eu sabia que estava voltando para ela da maneira mais rápida que podia, Agora, estou viajando cada vez para mais longe dela e não sei quando voltaremos a nos encontrar. Ele sacudiu o corpo, vestiu-se e se dirigiu aos corredores frescos da Fortaleza Bregan saudando os anões

com quem cruzava, os quais o saudavam com energéticas reiterações de "Argetlam!".

Encontrou Orik e doze outros anões no pátio da fortaleza. Estavam selando uma fileira de robustos pôneis, cujas respirações formavam pequenas nuvens brancas no ar frio. Eragon sentiu-se um gigante quando os homenzinhos atarracados se moveram em torno dele.

— Nós temos um jumento no estábulo, se você quiser montar — Orik gritou.

— Não, vou continuar a pé, se vocês não se importarem.

— Como queira. — Orik deu de ombros.

Quando estavam prontos para partir, Hvedra desceu os largos degraus de pedra que ia da entrada ao salão principal da Fortaleza Bregan, o vestido arrastando-se atrás dela, e deu para Orik uma trompa de marfim adornada com filigranas douradas em volta da boca e da campana.

— Isso pertencia a meu pai quando ele cavalgava com o grimstborith Aldhrim ela informou. — Eu lhe dou para que possa se lembrar de mim nos dias vindouros. — Ela disse mais alguma coisa na língua anã, tão suavemente que Eragon não pôde ouvir, e então ela e Orik tocaram as testas. Esticando-se em sua sela, Orik colocou a trompa nos lábios e soprou. Uma nota profunda e vibrante soou, aumentando de volume até que o ar no pátio pareceu vibrar como uma corda açoitada pelo vento. Um par de corvos pretos surgiu na torre acima, grasnando. O som da trompa fez o sangue de Eragon formigar. Ele inquietou-se, ansioso para partir.

Erguendo a trompa por sobre a cabeça e olhando uma última vez para Hvedra, Orik esporeou seu pônei e partiu, trotando para fora dos portões principais da Fortaleza Bregan e tomando a direção leste, para o topo do vale. Eragon e os outros doze anões seguiram logo atrás.

Por três horas, seguiram uma trilha em boas condições que flanqueava a montanha Thardûr, subindo cada vez mais alto em relação a onde estavam. Os doze anões conduziam os pôneis da maneira mais rápida que podiam sem forçar os animais, mas sua velocidade era, ainda assim, uma fração da velocidade de Eragon quando ficava livre para correr sem ser admoestado. Embora estivesse frustrado, ele evitou reclamar porque percebeu que era inevitável que tivesse de viajar mais lentamente com qualquer criatura que não fosse elfo ou Kull.

Tremeu e cobriu-se mais ainda com a capa. O sol ainda estava para nascer sobre as montanhas Beor e uma triagem úmida impregnava o vale, por mais que o meio-dia estivesse se aproximando.

Então, encontraram uma faixa de granito com mais de trezentos metros de extensão limitada à direita por um penhasco enviesado formado por pilares naturalmente octogonais. Cortinas de névoa obscureciam o campo de pedra ao longe.

Orik ergueu uma das mãos e avisou:

— Atenção, Az Knurldrâthn.

Eragon franziu o cenho. Por mais que olhasse, não conseguia discernir nada de interessante naquele local árido.

— Não vejo nenhuma floresta de pedra.

— Ande comigo, por favor, Eragon Orik pediu, saltando do pônei e entregando as rédeas ao guerreiro atrás dele.

Juntos, caminharam em direção à névoa, Eragon diminuindo os passos para acompanhar Orik. O nevoeiro beijou seu rosto, frio e úmido. A névoa ficou tão espessa que obscureceu o resto do vale, envolvendo-os em uma acinzentada paisagem indefinida onde até mesmo a sensação de alto e baixo parecia arbitrária. Sem se intimidar, Orik prosseguiu com passadas confiantes. Eragon, todavia, sentia-se desorientado e levemente desequilibrado, e caminhava com uma das mãos estendida à sua frente caso tropeçasse em alguma coisa escondida em meio ao nevoeiro.

Orik parou na beira de uma estreita fissura que ficava de frente para o granito no qual estavam.

— O que você enxerga agora?

Estreitando os olhos, Eragon vasculhou o local em todas as direções, mas a névoa parecia tão monótona quanto antes. Abriu sua boca para expressar o que estava sentindo, mas reparou uma leve irregularidade na textura da neblina à sua direita, uma suave combinação de luz e escuridão que mantinha sua forma mesmo enquanto a névoa se afastava. Percebeu outras áreas igualmente estáticas: estranhos e abstratos fragmentos de contraste que não formavam nenhum objeto reconhecível.

— Eu não. . — ele começou a dizer quando um sopro despenteou seus cabelos. Abaixo do delicado estímulo da brisa recém-nascida, a névoa afinou e as desmembradas combinações de sombra transformaram-se em troncos de árvores grandes e cinzentos com galhos nus e quebrados. Dezenas de árvores cercavam a ele e Orik, pálidos esqueletos de uma antiga floresta. Eragon pressionou a palma da mão contra um tronco. A casca era tão dura e fria quanto um penedo. Manchas de liquens esbranquiçados estavam grudadas na superfície da árvore. Eragon arrepiou-se na nuca. Embora não se considerasse exageradamente supersticioso, a neblina fantasmagórica, a assustadora meialuz e a própria aparência das árvores — sinistras, agourentas e misteriosas —

acenderam uma fagulha de medo dentro dele.

Umedeceu os lábios e perguntou:

— Como isso veio a acontecer? Orik deu de ombros.

— Alguns afirmam que Gûntera deve tê-las colocado aqui quando criou a Alagaësia a partir do nada. Outros afirmam que Helzvog as fez, já que pedra é seu elemento preferido, e como

seria possível que o deus da pedra não tivesse árvores de pedra em seu jardim? Outros ainda afirmam que não, que uma vez essas árvores foram iguais a todas as outras e uma grande catástrofe milhões de anos atrás deve tê-las enterrado no chão e que, com o passar do tempo, a madeira virou terra e a terra virou pedra.

— Isso é possível?

— Apenas os deuses sabem. Quem além deles pode esperar entender

os porquês do mundo? — Orik mudou de posição. — Nossos ancestrais descobriram a primeira dessas árvores enquanto extraíam granito aqui, mais de mil anos atrás. O grimstborith do Dûrgrimst Ingeitum de então, Hvalmar Lackhand, parou a extração e mandou os mineiros escavarem as árvores das cercanias. Quando já haviam escavado quase cinqüenta árvores, Hvalmar percebeu que talvez existissem centenas ou mesmo milhares de árvores de pedra enterradas no flanco do monte Thardûr e então mandou que seus homens abandonassem o projeto. Esse lugar, todavia, capturou a imaginação de nossa raça e, desde então, knurlan de todos os clãs vêem até aqui e trabalham para soltar mais árvores da prisão de granito. Existem, inclusive, knurlan que dedicaram suas vidas à tarefa. Também virou uma tradição enviar filhos problemáticos para escavar uma ou outra árvore sob a supervisão de um mestre mineiro.

— Isso parece tedioso.

— Faz com que tenham tempo para se arrepender de seus erros. —

Com uma das mãos, Orik cofiou a barba trançada. — Eu mesmo passei alguns meses aqui quando era um selvagem rapazote de trinta e quatro anos.

— E você se arrependeu de seus modos?

— Ah, não. Era muito.. *tedioso*. Depois de todas aquelas semanas, eu só

havia livrado um único galho de árvore do granito, então fugi e me juntei a um grupo de Vrenshrrgn. .

— Anões do clã Vrenshrrgn?

— Exato, knurlagn do clã Vrenshrrgn, Lobos de Guerra, Lobos Guerreiros, seja lá como você diz na sua língua. Eu me juntei a eles, fiquei bêbado com cerveja e, quando estavam caçando Nagran, decidi que também eu deveria matar um javali e levá-lo para Hrothgar para apascentar a raiva que ele tinha de mim. Não foi a coisa mais sábia que fiz na vida. Até mesmo nossos guerreiros mais habilidosos temem caçar Nagran, e eu ainda era mais criança do que adulto. Assim que minha mente clareou, eu xinguei a mim mesmo de idiota, mas eu fizera um juramento, então não tive escolha a não ser prosseguir.

Quando Orik fez uma pausa, Eragon perguntou:

— O que aconteceu?

Oh, eu matei um Nagra com a ajuda dos Vrenshrrgn, mas o javali me acertou um dos ombros e me jogou contra os galhos de uma árvore nas proximidades. Os Vrenshrrgn tiveram que carregar não só a mim como também o Nagra de volta para a Fortaleza Bregan. O javali agradou a Hrothgar e eu. . eu, apesar das tentativas de nossos melhores curandeiros, tive de passar o mês seguinte deitado em uma cama, o que Hrothgar disse já ser castigo suficiente por ter desobedecido às suas ordens. Eragon observou o anão por um tempo.

— Você sente saudades dele.

Orik ficou parado um momento com o queixo enfiado em seu peito encorpado. Erguendo o machado, golpeou o granito com a extremidade da haste, produzindo um estalo agudo que ecoou entre as árvores.

— Já faz quase dois séculos que a última Dûrgrimstvren, a última guerra de clãs, afligiu nossa nação, Eragon. Mas, pelas barbas negras de Morgothal, nós estamos a ponto de começar outra agora.

— Agora? No pior momento possível? — exclamou Eragon, chocado.

— A questão é assim tão ruim?

Orik franziu as sobrancelhas.

— E pior. As tensões entre os clãs estão mais acentuadas do que jamais estiveram em tempos recentes. A morte de Hrothgar e a invasão do Império por Nasuada serviram para inflamar as paixões, agravar antigas rivalidades e dar força àqueles que acreditam ser loucura nós nos aliarmos com os Varden.

— Como podem acreditar nisso com Galbatorix tendo atacado Tronjheim com os Urgals?

— Porque explicou Orik — estão convencidos de que é impossível derrotar Galbatorix, e seu argumento tem muita acolhida em nosso povo. Eragon, você pode me dizer, com toda honestidade que, caso Galbatorix enfrentasse, neste exato momento, você e Saphira, vocês dois poderiam superá-lo?

Eragon sentiu um nó na garganta.

— Não.

— Foi o que eu imaginei. Aqueles que se opõem aos Varden estão cegos às ameaças de Galbatorix. Dizem que se nós tivéssemos negado abrigo aos Varden, se nós não tivéssemos aceito você e Saphira na bela Tronjheim, então Galbatorix não teria nenhum motivo para nos atacar. Dizem que se nós apenas permanecermos em nossos domínios, se ficarmos escondidos em nossas cavernas e túneis, não teremos nada a temer da parte de Galbatorix. Não percebem

que a fome de poder de Galbatorix é insaciável e que ele não descansará até que toda a Alagaësia esteja a seus pés. — Orik balançou a cabeça, e os músculos de seu antebraço se retesaram e incharam quando apertou a lâmina do machado entre os dedos grossos. — Eu não permitirei que nossa raça se acovarde em túneis como coelhos assustados até que o lobo do lado de fora cave seu caminho e nos coma. Devemos continuar lutando na esperança de que, de algum modo, vamos encontrar um meio de matar Galbatorix. E eu não permitirei que nossa nação se desintegre em uma guerra de clãs. Nas atuais circunstâncias, outra Dûrgrimstvren destruiria nossa civilização e possivelmente também arruinaria os Varden. — Trincando os dentes, Orik se voltou para Eragon. — Pelo bem de meu povo, pretendo eu mesmo subir ao trono. Dûrgrimstn Gedthrall, Ledwonnû e Nagra já me afiançaram apoio. Entretanto, há muitos que se interpõem entre a coroa e mim; não será fácil angariar votos suficientes para me tornar rei. Preciso saber se você me apoiará nisso, Eragon.

Cruzando os braços, Eragon andou de uma árvore a outra e depois retornou.

— Se eu o fizer, é possível que meu apoio jogue os outros clãs contra você. Você não apenas estará pedindo a seu povo que se alie aos Varden como também estará pedindo que aceitem um Cavaleiro de Dragão como um. dos seus, o que jamais fizeram antes. E eu duvido que queiram fazer agora.

— É verdade, pode ser que alguns se virem contra mim — disse Orik

—, mas também pode me garantir votos de outros. Deixe-me ser o árbitro disso. Tudo o que desejo saber é se você me apoiará. Eragon. . Por que está

hesitante?

Eragon mirou a raiz retorcida que brotava do granito a seus pés, evitando os olhos de Orik.

— Você está preocupado com o bem de seu povo, e com razão. Mas

minhas preocupações são mais amplas; compreendem o bem dos Varden, dos elfos e de todos os outros povos que se opõem a Galbatorix. Se.. se não for provável que você assuma o trono, e exista outro chefe de clã com maiores possibilidades e que não seja antipático aos Varden..

— Ninguém seria um grimstnzborith mais simpático do que eu!

— Não estou questionando sua amizade — protestou Eragon. — Mas

se o que eu disse acontecesse e meu apoio pudesse garantir que tal chefe de clã subisse ao trono, pelo bem de seu povo e pelo bem do restante da Alagaësia, não seria justo que eu apoiasse o anão que tem as melhores chances de sucesso?

Com uma voz mortalmente tranqüila, Orik disse:

— Você fez um juramento ao sangue no Knurlnien, Eragon. Em todas as leis de nosso reino,

você é um membro do Dûrgrimst Ingeitum, independentemente da desaprovação de outros anões. O que Hrothgar fez ao adotá-lo não tem precedentes em toda a nossa história e não pode ser desfeito a menos que, como grimstborith, eu o expulse de nosso clã. Eragon, se você

se voltar contra mim, vai me desonrar perante toda a nossa raça, e ninguém mais vai confiar em minha liderança. Além do mais, você provará a seus inimigos que não podemos confiar em um Cavaleiro de Dragão. Membros de clãs não traem uns aos outros para outros clãs, Eragon. Isso não acontece, a não ser que deseje acordar no meio da noite com uma adaga enterrada em seu coração.

— Você está me ameaçando? — perguntou Eragon, igualmente tranqüilo.

Orik praguejou e bateu novamente seu machado no granito.

— Não! Eu jamais levantaria a mão contra você, Eragon! Você é meu irmão postiço, você é o único Cavaleiro livre da influência de Galbatorix e raios me partam se eu não passei a gostar de você durante nossas viagens. Mas mesmo que eu jamais faça algum mal a você, isso não significa que o resto do Ingeitum agiria de modo tão condescendente. Digo isso não como uma ameaça, mas como uma possibilidade real. Você tem de entender isso, Eragon. Se o clã ficar sabendo que você deu seu apoio a outro clã, talvez eu não consiga contê-los. Mesmo que você seja nosso convidado e as regras da hospitalidade o protejam, se você falar contra o Ingeitum, o clã o verá com o um traidor, e não é nosso costume permitir que traidores permaneçam em nosso meio. Você me compreende, Eragon?

— O que você espera de mim? — gritou Eragon. Ele balançou os braços freneticamente na frente de Orik. — Eu também fiz um juramento a Nasuada, e essas foram as ordens que ela me deu.

— E você também fez uma promessa ao Dûrgrimst Ingeitum! —

rosnou Orik.

Eragon parou e mirou o anão.

— Você me obrigaria a arruinar toda a Alagaësia só para poder manter sua posição no clã?

— Não me insulte!

— Então não me peça o impossível! Eu vou apoiá-lo se for provável que você suba ao trono, e se não for, então não apoiarei. Você se preocupa com o Dûrgrimst Ingeitum e com toda a sua raça, enquanto é meu dever me preocupar com eles e também com toda a Alagaësia. — Eragon desabou sobre o tronco frio da árvore. — E eu não posso ofender você ou o seu, quero dizer, nosso clã ou todo o reino dos anões.

— Há uma alternativa, Eragon — Orik disse num tom mais ameno. —

Seria mais difícil para você, mas resolveria seu dilema.

— Ah, é? Que solução espetacular seria essa?

Deslizando seu machado para o cinto, Orik caminhou em direção a Eragon, agarrou-o pelo antebraço e ergueu para ele os olhos emoldurados por espessas sobrancelhas.

— Confie em mim, Matador de Espectros. Eu farei o que deve ser feito. Seja tão leal comigo como você seria se fosse de fato um nativo do Dûrgrimst Ingeitum. Os que estão sob minha tutela jamais cogitariam falar contra seu próprio grimstborith em favor de outro clã. Se um grimstborith atira mal a pedra, é responsabilidade dele apenas, mas isso não significa que eu seja indiferente às suas preocupações. — Ele baixou o olhar por um instante e então continuou: — Se eu não puder ser rei, tenha confiança que eu não serei tão cego com a perspectiva do poder a ponto de não reconhecer o fracasso de minha aposta. Se isto tiver de acontecer, não que eu queira, então eu darei de livre e espontânea vontade meu apoio a um dos outros candidatos, porque desagrada a mim tanto quanto a você ver a eleição de um grimstnzborith hostil aos Varden. E se eu tiver de ajudar a promover outro ao trono, o status e o prestígio que eu colocarei à disposição daquele clã deverá, naturalmente, incluir o seu próprio status e prestígio, já que você é um Ingeitum. Você

confia em mim, Eragon? Você me aceitará como seu grimstborith, a exemplo de todos os meus outros súditos?

Eragon resmungou, recostou a cabeça na árvore áspera e olhou para os retorcidos galhos brancos envoltos na névoa. *Confiança*. Entre todas as coisas que Orik podia pedir a ele, aquela era a mais difícil de prometer. Eragon gostava de Orik, mas subordinar-se à autoridade do anão com tantas coisas em risco seria abdicar ainda mais de sua liberdade, uma perspectiva que lhe causava ojeriza. E junto com a sua liberdade, ele estaria abdicando de parte de sua responsabilidade com o destino da Alagaësia. Eragon estava se sentindo como se estivesse pendurado na beira de um precipício, e Orik estivesse tentando convencê-lo de que havia uma saliência logo abaixo, mas ele não estava conseguindo se agarrar à pedra por medo de cair e arruinar tudo.

— Eu não seria um servo sem cérebro para você dar ordens. No que diz respeito ao Dûrgrimst Ingeitum, eu acataria suas orientações, mas em todos os outros assuntos você teria de me consultar.

Orik assentiu com a cabeça, o rosto sério.

— Eu não estou preocupado com as missões para as quais Nasuada pode enviá-lo, nem com quem você deve matar em sua luta com o Império. Não, o que me proporciona noites inquietas quando eu deveria estar dormindo profundamente como Arghen em sua caverna é imaginar você

tentando influenciar a votação dos clãs. Suas intenções são nobres, eu sei, mas nobres ou não, você não está familiarizado com nossa política, independentemente do quanto Nasuada pode

ter lhe ensinado. Essa é minha área, Eragon. Deixe-me conduzi-la da maneira que eu achar apropriada. Foi para isso que Hrothgar me preparou durante toda a minha vida.

Eragon suspirou e, com uma sensação de queda, disse:

— Muito bem. Vou seguir sua orientação no que diz respeito à

sucessão, grimstborith Orik.

Um largo sorriso se espalhou pelo rosto de Orik. Ele apertou com mais força ainda o antebraço de Eragon e depois o soltou.

— Ah, obrigado, Eragon. Você não sabe o que isso significa para mim. Você fez bem, você fez muito bem e eu não esquecerei isso, nem que eu viva duzentos anos e minha barba fique tão longa a ponto de se arrastar no chão. Sem poder se conter, Eragon riu.

— Bem, eu espero que ela não cresça tanto. Você tropeçaria nela o tempo todo!

— Talvez — disse Orik, rindo. — Além do mais, eu imagino que Hvedra a cortaria assim que atingisse meus joelhos. Ela tem opiniões bem definitivas a respeito do comprimento das barbas.

Orik seguiu na frente quando os dois partiram da floresta de árvores de pedra, caminhando em meio à névoa pálida que se espiralava por entre os troncos calcificados. Juntaram-se novamente aos doze guerreiros de Orik e então começaram a descer o monte Thardûr. Aos pés do vale, continuaram em linha reta até o outro lado. Lá, os anões levaram Eragon a um túnel escondido com tanto esmero na face da pedra que ele jamais teria encontrado a entrada por conta própria.

Eragon lamentou trocar a pálida luz do sol e o ar fresco da montanha pela escuridão do túnel. A passagem tinha dois metros e meio de largura por um metro e oitenta centímetros de altura — baixo demais para Eragon — e como todos os túneis dos anões que visitara, aquele era reto como uma flecha até onde ele conseguia enxergar. Olhou por cima dos ombros no exato instante em que o anão Farr fechava a placa de granito que servia de porta para o túnel, mergulhando o grupo na escuridão noturna. Um momento depois, catorze esferas brilhantes de diferentes cores apareceram quando os anões removeram suas lanternas sem chama das mochilas. Orik entregou uma a Eragon.

Então, caminharam embaixo das raízes da montanha. Os cascos dos pôneis preencheram o túnel com ruídos metálicos que pareciam berrar com eles como se fossem aparições enraivecidas. Eragon fez uma careta, ciente de que teriam de ouvir o barulho até chegarem a Farthen Dûr, porque era lá que terminava o túnel, a muitos quilômetros dali. Abaixou os ombros, apertou com força as correias de sua mochila e desejou estar com Saphira, voando bem acima do solo.

OS MORTOS QUE RIEM

gachado, Roran espiava através da treliça de galhos de salgueiro. A duzentos metros dali, cinqüenta e três soldados e carroceiros estavam sentados em torno de três fogueiras separadas, jantando enquanto o crepúsculo caía rapidamente sobre a terra. Os homens

A haviam parado para passar a noite às margens largas e relvadas de um rio sem nome. Os carroções cheios de suprimentos para as tropas de Galbatorix estavam parados numa espécie de semicírculo em torno das fogueiras. Dezenas de bois acorrentados pastavam atrás do acampamento, mugindo de vez em quando uns para os outros. Cerca de vinte metros rio abaixo, entretanto, um barranco de terra macia se projetava bem alto do chão, o que impedia qualquer ataque ou escapada por aquele lado.

O que eles estavam pensando?, perguntou-se Roran. Mandava a prudência que, em território inimigo, se acampasse em local defensável, o que geralmente significava encontrar alguma formação natural que protegesse a retaguarda. Mesmo assim, era preciso ter o cuidado de escolher um lugar de descanso do qual fosse possível fugir em caso de emboscada. A situação que se via ali era que seria de uma facilidade extrema que Roran e os outros guerreiros sob o comando de Martland saíssem do mato baixo onde estavam escondidos e encurralassem os homens do Império na ponta do "V" formado pelo barranco e o rio, onde poderiam acabar com os soldados e os carroceiros a seu bel-prazer. O que deixava Roran intrigado era o fato de soldados treinados cometerem um erro tão óbvio. Talvez sejam de uma cidade, pensou. *Ou talvez sejam apenas inexperientes.* Ele franziu o cenho. *Então por que alguém lhes confiaria uma missão tão crucial?*

— Você detectou alguma armadilha? — perguntou ele. Roran não precisava virar a cabeça para saber que Carn estava logo ali atrás dele, assim como Halmar e mais dois homens. Fora os quatro espadachins que se juntaram à companhia de Martland para substituir os que tinham morrido ou sofrido ferimentos incuráveis durante seu último confronto, Roran já havia lutado ao lado de todos os homens do grupo. Apesar de não gostar de todos, sem exceções, Roran confiava a vida a eles, como sabia que confiavam nele. Depois da primeira batalha, Roran havia se surpreendido pelo tanto que se sentia próximo dos companheiros, bem como pelo afeto que lhe demonstravam.

— Nada que eu possa dizer — murmurou Carn. — Mas a verdade é

que...

— Eles podem ter inventado novos encantamentos que você não consiga detectar, é mesmo. Mas existe algum mágico entre eles?

— Não sei dizer ao certo, mas, não, acho que não.

Roran afastou um emaranhado de folhas de salgueiro para ver melhor a disposição dos

carroções.

— Não estou gostando disso — resmungou. — Havia um mágico acompanhando o outro comboio. Por que não neste?

— Existem menos mágicos do que você poderia imaginar.

— Humm — Roran cocou a barba, ainda perturbado com a aparente

falta de senso comum dos soldados. *Eles poderiam estar tentando atrair um ataque?*

Não parecem preparados para isso, mas dificilmente as aparências são tudo. Que tipo de cilada eles aprontaram para nós? Não há mais ninguém num raio de trinta léguas; Murtagh e Thorn foram vistos peta última vez voando para o norte a partir de Feinster. —

Mande o sinal — disse ele. — Mas diga a Martland que me perturba o fato de terem acampado aqui. Ou são idiotas ou têm algum tipo de defesa invisível para nós: magia ou algum outro estratagema do rei.

Fez-se silêncio, e então:

— Já mandei. Martland diz que tem a mesma preocupação que você; mas, a menos que queiramos voltar para Nasuada com o rabo entre as pernas, vamos correr o risco.

Roran concordou, resmungando, e deu as costas aos soldados. Fez um gesto com o queixo, e os outros homens voltaram arrastando-se com ele para onde haviam deixado os cavalos. Pondo-se de pé, Roran montou em Fogo na Neve.

— Upa, calma, garoto — sussurrou ele, afagando Fogo na Neve enquanto o cavalo balançava a cabeça. Na penumbra, a pelagem e a crina do animal reluziam como prata. Não pela primeira vez, Roran desejou que seu cavalo fosse de uma cor menos visível, talvez um belo baio ou castanho. Tirando o escudo de onde estava pendurado junto â sela, Roran encaixou o braço esquerdo nas alças e então puxou o martelo do cinto. Engoliu em seco, com um aperto familiar entre os ombros, e segurou melhor sua arma.

Quando os cinco estavam prontos, Carn ergueu um dedo, e suas pálpebras se semicerraram enquanto seus lábios se mexiam, como se estivesse falando sozinho. Ouviu-se um grilo ali perto.

As pálpebras de Carn se abriram de repente.

— Lembrem-se de manter o olhar voltado para o chão até sua visão se ajustar; e mesmo nessa hora não olhem para o céu. — Começou então uma cantilena na língua antiga, palavras ininteligíveis que vibravam com poder. Roran se cobriu com o escudo e fixou os olhos contraídos em sua sela, quando unia pura luz branca, brilhante como o sol do meio-dia, iluminou a paisagem. O brilho violento se originava de algum ponto acima do acampamento.

Roran resistiu à tentação de ver exatamente onde.

Com um grito, bateu com os calcanhares nas costelas de Fogo na Neve e se curvou sobre o pescoço do cavalo, que saltou em disparada. He cada lado, Carn e os outros guerreiros fizeram o mesmo, brandindo suas armas. Galhos arranhavam a cabeça e os ombros de Roran, e então Fogo na Neve se livrou das árvores e seguiu para o acampamento a pleno galope.

Outros dois grupos de cavaleiros também investiram a toda a velocidade na direção do acampamento, um chefiado por Martland, o outro, por Ulhart.

Os soldados e os carroceiros gritaram alarmados e cobriram os olhos. Cambaleando como cegos, procuravam aflitos pelas armas enquanto tentavam se posicionar para rechaçar o ataque.

Roran não fez nenhuma tentativa de reduzir a velocidade de Fogo na Neve. Esporeando o garanhão mais urna vez, levantou-se nos estribos e se segurou com toda a força quando o cavalo saltou por cima da pequena brecha entre dois carroções. Seus dentes bateram uns nos outros quando animal e cavaleiro pousaram do outro lado. Fogo na Neve escavou terra para cima de uma das fogueiras, fazendo subir uma explosão de faíscas.

Os outros membros do grupo de Roran também saltaram pelos carroções. Sabendo que cuidariam dos soldados atrás dele, Roran se concentrou nos que estavam à sua frente. Direcionando Fogo na Neve para um homem, aplicou-lhe um golpe com a ponta do martelo e lhe quebrou o nariz, espalhando sangue vermelho por todo o seu rosto. Roran despachou o homem com um segundo golpe na cabeça e então se defendeu da espada de outro soldado.

Mais adiante, no arco formado pelos carroções, Martland, Ulhart e seus homens também saltaram para invadir o acampamento, pousando com um estrondo de cascos e uni fragor de armas e armaduras. Um cavalo berrou e caiu quando um soldado o feriu com uma lança.

Roran bloqueou pela segunda vez a espada do soldado e então atingiu a mão com que brandia a espada, quebrando ossos e forçando o homem a largar a arma. Sem parar, Roran golpeou-o no centro da túnica vermelha, fraturando seu esterno e o derrubando, ofegante e mortalmente ferido. Roran se virou na sela, esquadrinhando o acampamento em busca do seu próximo adversário. Seus músculos vibravam com uma empolgação nervosa. Cada detalhe ao seu redor estava nítido e claro como se fora gravado em vidro. Sentia-se invencível, invulnerável. O próprio tempo parecia se esticar e se tornar lento, tanto que uma mariposa confusa que passou adejando por ele parecia estar voando através de mel em vez de ar.

E então, um par de mãos agarrou as costas da sua cota de malha, arrancou-o de cima de Fogo na Neve e o atirou com violência no chão duro, tirando-lhe o fôlego. A visão de Roran falhou, e tudo se apagou por um instante. Quando se recuperou, viu que o primeiro soldado que tinha atacado estava sentado no seu tórax, tentando sufocá-lo. O vulto escondia a fonte de luz que Carn tinha criado no céu. Um halo branco cercava sua cabeça e seus ombros, mantendo suas feições numa sombra tão densa que Roran não conseguia distinguir nada do seu rosto a não ser

o lampejo dos dentes à

mostra.

Enquanto Roran arquejava, lutando para respirar, o soldado apertava mais os dedos em torno do seu pescoço. Tateou em busca do martelo, que tinha deixado cair, mas ele não estava ao seu alcance. Retesando o pescoço para evitar que o homem o esmagasse e lhe tirasse a vida, Roran tirou a adaga do cinto e a fincou através da cota de malha do soldado, através do gibão de couro e por entre suas costelas esquerdas.

O soldado não chegou a se encolher, nem relaxou o aperto no pescoço. Um fluxo contínuo de riso gorgolejante emanava dele. A risada oscilante, de gelar o sangue, medonha ao extremo, revoltou de pavor o estômago de Roran. Lembrava-se deste som em outra ocasião. Ele o tinha ouvido enquanto via os Varden lutar contra os homens que não sentiam dor no campo relvado ao lado do rio Jiet. Num átimo, compreendeu por que os soldados tinham escolhido um local tão pouco apropriado para acampar *: Eles não se importam se forem alvos de emboscada ou não, porque não temos como feri-los.* Roran passou a ver tudo vermelho, e estrelas amarelas dançavam diante dos seus olhos. Balançando à beira da inconsciência, arrancou a adaga da carne e tentou golpear mais para cima, penetrando na axila do soldado e girando a lâmina no ferimento. Jorros de sangue quente espirraram na sua mão, mas o soldado nem pareceu perceber. O mundo explodiu em manchas de cores pulsantes quando o homem bateu com a cabeça de Roran no chão. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Roran levantou o quadril tentando derrubar o agressor de cima dele, mas sem sucesso. Cego e desesperado, tentou atingir o ponto onde supunha que estivesse o rosto do homem e sentiu que a adaga pegava em carne macia. Puxou-a de leve para trás e então a fincou na mesma direção, sentindo o impacto quando a ponta da lâmina bateu no osso. A pressão em torno do seu pescoço desapareceu.

Roran ficou deitado onde estava, com o peito arfando. Depois, rolou de lado e vomitou, com uma ardência na garganta. Ainda arquejando e tossindo, cambaleou até ficar em pé e viu o soldado jogado imóvel ali ao lado, com a adaga fincada na narina esquerda.

— Ataquem na cabeça! — gritou Roran, apesar da dor na garganta. —

Na cabeça!

Ele deixou a adaga enterrada na narina do soldado e apanhou o martelo do chão pisoteado onde tinha caído, parando o tempo suficiente para também apanhar uma lança largada, que segurou com a mão do escudo. Pulando por cima do soldado caído, ele correu na direção de Halmar, que estava também a pé, lutando contra três homens ao mesmo tempo. Antes que os soldados se dessem conta dele, Roran atingiu os dois mais próximos na cabeça com tanta força que partiu seus cimos. O terceiro deixou a cargo de Halmar. Roran saltou, então, em direção ao soldado cujo esterno havia fraturado e que pensara estar morto. Encontrou o homem sentado, encostado à roda de um carroção, cuspindo sangue coagulado e se esforçando para pôr a corda num arco.

Roran o feriu, penetrando seu olho com a lança. Pedaços de carne cinzenta ficaram grudados à lâmina da lança quando ele a puxou do ferimento. Ocorreu, então, uma idéia a Roran. Atirou a lança num homem de túnica vermelha do outro lado da fogueira mais próxima, atravessando-o pelo torso, enfiou o cabo do martelo no cinto e pôs a corda no arco do soldado. Encostando-se a um carroção, Roran começou a lançar flechas nos soldados que corriam pelo acampamento, tentando matá-los com uma flechada de sorte que atingisse o rosto, o pescoço ou o coração; ou imobilizá-los para que seus companheiros pudessem acabar com eles com mais facilidade. Se não fosse por mais nada, calculava que um soldado ferido poderia sangrar até morrer antes que a luta terminasse.

A confiança inicial do ataque tinha desaparecido em total confusão. Os Varden estavam dispersos e transtornados, alguns em suas montarias, alguns a pé, e a maioria ensangüentada. Pelo menos cinco, ao que Roran pudesse dizer, haviam morrido quando homens que acreditavam ter matado voltaram para atacá-los. Quantos soldados restavam, era impossível calcular na multidão de corpos que se debatiam, mas Roran podia ver que o contingente inimigo ainda era mais numeroso do que os meros vinte e cinco Varden sobreviventes. *Eles poderiam nos estraçalhar com as mãos desarmadas enquanto nós tentamos destruí-los,* concluiu ele. Em meio à algazarra, procurou por Fogo na Neve e viu que o cavalo branco tinha descido mais adiante pela margem do rio, onde agora estava parado junto a um salgueiro, com as narinas dilatadas e as orelhas grudadas no crânio.

Com o arco, Roran matou mais quatro soldados e feriu mais de vinte. Quando só lhe restavam duas flechas, avistou Carn em pé, do outro lado do acampamento, lutando com um soldado próximo ao canto de uma tenda em chamas. Retesando o arco até as penas na flecha fazerem cócegas em sua orelha, Roran acertou no peito do soldado. Ele tropeçou e Carn o decapitou. Roran largou de lado o arco e, de martelo na mão, correu em direção a Carn, gritando:

— Você não consegue matá-los com magia?

Por um momento, Carn só conseguiu arfar, mas depois abanou a cabeça.

— Todos os encantamentos que lancei foram bloqueados. — A luz da tenda em chamas dourava o lado do seu rosto.

Roran praguejou.

— Juntos, então! — bradou ele, erguendo o escudo.

Ombro a ombro, os dois investiram contra o grupo mais próximo de soldados: oito homens que cercavam três dos Varden. Os minutos seguintes foram uma convulsão de armas faiscantes, carne dilacerada e dores súbitas para Roran. Os soldados se cansavam mais devagar que os homens normais e jamais se esquivavam de um ataque. Nem esmoreciam mesmo quando atingidos pelas lesões mais horrendas. O empenho da luta era tamanho que a náusea de Roran voltou; e depois que caiu o oitavo soldado, ele se debruçou e vomitou novamente. Então cuspiu para limpar a boca.

Um dos Varden que procuravam salvar morreu na refrega, derrubado por uma faca nos rins, mas os dois que ainda estavam em pé uniram forças com Roran e Carn. E, com o reforço, eles atacaram o lote seguinte de soldados.

— Empurrem todos para o rio! — gritou Roran. A água e a lama limitariam os movimentos dos soldados e talvez permitissem que os Varden virassem o jogo.

Não longe dali, Martland havia conseguido reunir os doze Varden que ainda estavam a cavalo, e já estavam fazendo o que Roran sugeria: arrebanhando os soldados para trás, para a água brilhante.

Os soldados e os poucos carroceiros que ainda estavam vivos resistiam. Enfiavam os escudos nos homens a pé. Tentavam fincar lanças nos cavalos. Mas, apesar da oposição violenta, os Varden os forçavam a recuar passo a passo, até que os homens de túnica vermelha estavam na correnteza forte até

a altura dos joelhos, meio ofuscados pela luz espectral que brilhava sobre eles.

— Mantenham a posição! — gritou Martland, desmontando e se plantando com as pernas separadas na beira da margem do rio. — Não deixem que voltem para a terra!

Roran se deixou cair meio acocorado, enfiou os calcanhares na terra macia até se sentir numa postura confortável e esperou pelo ataque do grandalhão, em pé na água fria, poucos metros à sua frente. Com um rugido, o soldado saiu da água rasa, lançando respingos e brandindo a espada em direção a Roran, a qual ele aparou com o escudo. Ele retaliou com um golpe do martelo, mas o soldado se defendeu com o escudo e tentou atingir suas pernas. Por alguns segundos, lutaram sem que nenhum dos dois ferisse o outro. E, então, Roran esmagou o antebraço esquerdo do homem, derrubando-o alguns passos para trás. O soldado apenas sorriu e deu uma risada sem alegria, horripilante.

Roran se perguntou se ele ou algum dos companheiros sobreviveriam àquela noite. *Eles são mais difíceis de matar do que cobras. Nós podemos cortá-los em tiras, e ainda continuam a atacar, a menos que atinjamos algum ponto vital.* Seu pensamento seguinte desapareceu quando o soldado voltou a investir contra ele, com a espada rombuda tremeluzindo como uma labareda à luz desbotada. A partir desse momento, a batalha assumiu um quê de pesadelo para Roran. A luz estranha e maligna conferia à água e aos soldados um aspecto espectral, retirando-lhes toda a cor e projetando sombras longas, finas e afiadas sobre a água em movimento, enquanto mais além e em toda a volta prevalecia a escuridão da noite. Repetidamente, ele repelia os soldados que saíam cambaleando da água para matá-lo, martelando-os até praticamente deixarem de ser reconhecíveis como humanos. E ainda assim não morriam. A cada golpe, medalhões de sangue negro manchavam a superfície do rio, como borrões de tinta derramada, e eram levados pela correnteza. A monotonia mortal de cada confronto entorpecia e horrorizava Roran. Por mais que se esforçasse, sempre havia outro soldado mutilado que aparecia para tentar cortá-lo e furá-lo. E sempre o risinho alucinado dos homens que sabiam que estavam mortos e, no entanto, continuavam a manter uma aparência de

vida mesmo enquanto os Varden destruíam seu corpo.

E, então, o silêncio.

Roran permaneceu agachado por trás do escudo com o martelo erguido, arfando, empapado de suor e sangue. Passou-se um minuto até se dar conta de que não havia ninguém em pé ali na água, diante dele. Olhou para a direita e a esquerda três vezes, sem. conseguir captar que os soldados estavam por fim, abençoada e irrevogavelmente mortos. Um cadáver passou boiando por ele na água cintilante.

Um berro incoerente lhe escapou quando uma mão segurou seu braço direito. Girou com violência, rosnando e se afastando, só para ver Carn ao seu lado. O feiticeiro lívido e ensangüentado estava falando.

— Nós vencemos, Roran! Hein? Eles se foram! Nós acabamos com eles!

Roran relaxou os braços e inclinou a cabeça para trás, cansado demais até mesmo para se sentar. Sentia-se.. sentia-se como se seus sentidos estivessem extraordinariamente aguçados; e ao mesmo tempo suas emoções estavam amortecidas, silenciadas, abafadas em algum lugar de seu íntimo. Estava feliz com isso. Se não fosse assim, achava que enlouqueceria.

— Reúnam-se para inspecionar os carroções! — gritou Martland. —

Quanto mais cedo vocês se mexerem, mais rápido sairemos deste lugar amaldiçoado! Carn, cuide de Welmar. Não estou gostando da cara desse corte. Com uma enorme determinação, Roran se virou e atravessou pesadamente a margem até o carroção mais próximo. Piscando para se livrar do suor na testa, viu que, do contingente original, somente nove ainda conseguiam ficar em pé. Afastou da mente essa observação. *Agora não é hora de chorar os mortos.*

Enquanto Martland Barba Ruiva atravessava o acampamento juncado de cadáveres, um soldado que Roran tinha suposto estar morto virou de repente e, do chão, decepou a mão direita do conde. Com um movimento tão elegante que pareceu ter sido ensaiado, Martland chutou a espada das mãos do soldado, ajoelhou-se sobre seu pescoço e, usando a mão esquerda, tirou uma adaga do cinto e a fincou numa das orelhas do homem, matando-o. Com o rosto vermelho e contraído, Martland enfiou o toco do pulso por baixo da axila esquerda e mandou embora todos os que correram para o seu lado.

— Deixem-me em paz! Praticamente não é nada. Já para os carroções!

Se vocês não se apressarem, seus imprestáveis, nós vamos demorar tanto tempo aqui que minha barba ficará branca como a neve. Andem! — Quando Carn recusou-se a se mexer, porém, Martland amarrou a cara. — Fora daqui

— berrou ele — ou eu mando açoitá-lo por insubordinação. Mando mesmo!

O feiticeiro exibiu a mão perdida de Martland.

— Eu talvez consiga prendê-la de volta no lugar, mas vou precisar de alguns minutos.

— Ora, droga! Dê-me isso aí! — exclamou Martland, arrancando a mão de Carn, e a enfiando na sua túnica. — Pare de se preocupar comigo e trate de salvar Welmar e Lindei se puder. Você pode tentar prendê-la de volta depois que tivermos nos afastado algumas léguas desses monstros.

— Talvez seja tarde demais até lá — observou Carn.

— Isso foi uma ordem, feiticeiro, não um pedido! — vociferou Martland. Enquanto Carn recuava, o conde usou os dentes para tapar com a manga da túnica o toco do braço, que ele mais uma vez enfiou debaixo da axila esquerda. Seu rosto estava coberto de gotas de suor. - Pois bem! Que itens malditos estão escondidos nesses carroções dos infernos?

— Corda! — gritou alguém.

— Uísque! — gritou outro.

— Ulhart, registre as quantidades para mim — ordenou ele, com um grunhido.

Roran ajudou os outros enquanto remexiam em cada uni dos carroções, gritando o conteúdo para Ulhart. Depois, mataram as juntas de bois e atearam fogo aos carroções, como antes. Em seguida, reuniram seus cavalos e montaram, amarrando os feridos às selas.

Quando estavam prontos para partir, Carn fez um gesto na direção do clarão no céu e murmurou uma palavra longa e complicada. A noite envolveu o mundo. Olhando para o alto, Roran avistou uma sombra da imagem do rosto de Carn superposta sobre as estrelas fracas e, então, quando se acostumou à escuridão, viu as formas leves e cinzentas de milhares de mariposas desnorteadas que se espalhavam pelo céu como sombras de almas humanas.

Com o coração pesado, Roran tocou os flancos de Fogo na Neve com os calcanhares e se afastou dos restos do comboio.

SANGUE NAS ROCHAS

rustrado, Eragon saiu às pressas da câmara circular enterrada bem fundo nos subterrâneos de Tronjheim. A porta de carvalho bateu com força atrás dele, produzindo um barulho seco.

F Ficou de pé, com os braços na cintura, no meio do corredor arqueado do lado de fora da câmara e olhou fixamente para a porta, decorada com mosaicos de ágata e jade. Desde que ele e Orik haviam chegado a Tronjheim, três dias antes, os treze chefes de clã dos anões não faziam nada além de discutir a respeito de questões que Eragon considerava inconseqüentes,

tais como quais clãs tinham o direito de levar seus rebanhos em determinadas pastagens disputadas. Enquanto os ouvia debater pontos obscuros de seu código de leis, Eragon freqüentemente sentia vontade de gritar que estavam agindo como cegos idiotas que submeteriam toda a Alagaësia ao domínio de Galbatorix, a menos que colocassem de lado suas preocupações menores e escolhessem um novo governante sem mais delongas.

Ainda imerso em pensamentos, caminhou lentamente pelo corredor, quase sem notar os quatro guardas que o seguiam — como faziam aonde quer que ele fosse — nem os anões com quem cruzava e que o saudavam com variações de "Argetlam". *A pior era Íorûnn*, decidiu Eragon. A anã era grimstborith do Dûrmgrimst Vrenshrrgn, um clã poderoso e belicista, e deixara bem claro, desde o início das deliberações, que pretendia subir ela própria ao trono. Somente outro clã, o Urzhad, havia abertamente se comprometido com sua causa, mas, como ela havia demonstrado em múltiplas ocasiões durante as reuniões entre os chefes de clã, era sagaz, astuciosa e capaz de distorcer quase todas as situações em proveito próprio. *Ela poderia ser uma excelente rainha,* admitiu Eragon, *mas é tão inescrupulosa que é*

impossível saber se apoiaria os Varden uma vez que fosse entronizada. Permitiu-se uma careta. Conversar com Íorûnn era sempre esquisito para ele. Os anões a consideravam uma grande beldade e, mesmo para os padrões humanos, tinha uma presença arrebatadora. Além disso, parecia haver cultivado uma fascinação por Eragon que ele se sentia incapaz de alcançar. Em todas as conversas que mantinham, ela insistia em fazer alusões à história e à mitologia dos anões que Eragon não compreendia, mas que parecia divertir Orik e os outros até não poder mais.

Além de Íorûnn, dois outros chefes de clã haviam aparecido como concorrentes ao trono: Gannel, chefe do Dûrgrimst Quan, e Nado, chefe do Dûrgrimst Knurlcarathn. Na posição de guardiões da religião dos anões, o Quan exercia uma enorme influência em sua raça, mas até aquele momento Gannel só havia obtido o apoio de dois outros clãs, Dûrgrimst Ragni Hefthyn e Dûrgrimst Ebardac — um clã prioritariamente devotado à pesquisa acadêmica. Nado, diferentemente, havia galvanizado uma coalizão maior, consistindo nos clãs Feldûnost, Fanghur e Az Sweldn rak Anhûin.

Enquanto Íorûnn parecia querer o trono apenas pelo poder que teria em seguida, e Gannel não parecia inerentemente hostil aos Varden — embora tampouco fosse simpático a eles —, Nado era aberta e veementemente contrário a qualquer envolvimento com Eragon, Nasuada, o Império, Galbatorix, a rainha Islanzadí ou, até onde Eragon podia entender, a qualquer ser vivo fora das montanhas Beor. O Knurlcarathn era o clã dos pedreiros e, no que concernia à quantidade de homens e bens materiais, não tinha concorrentes, já que todos os outros clãs dependiam de seus conhecimentos técnicos para escavar os túneis e construir as suas residências, e até mesmo o Ingeitum precisava deles para retirar o minério de ferro para seus ferreiros. E

se Nado vacilasse em sua pretensão à coroa, Eragon sabia que vários dos outros chefes de clã menores que compartilhavam suas visões surgiriam para tomar o seu lugar. O clã Az Sweldn rak Anhûin, por exemplo — que Galbatorix e os Renegados haviam quase obliterado quando

ascenderam ao poder —, havia se declarado inimigo de sangue de Eragon por ocasião de sua visita à cidade de Tarnag e, em cada ação que realizava no conselho de clãs, havia demonstrado seu ódio implacável a ele, a Saphira e a todas as coisas ligadas a dragões e seus Cavaleiros. Foram contrários à presença de Eragon nas reuniões dos chefes de clã — mesmo sendo perfeitamente legítimo pelas leis dos anões — e forçaram uma votação sobre a questão, adiando assim os procedimentos por mais seis desnecessárias horas.

Qualquer dia desses, pensou Eragon, *vou ter de achar uma maneira de fazer as pazes com eles. Ou faço isso ou terei de terminar o que Galbatorix começou. Eu me recuso a viver toda a minha vida com medo do Az Sweldn rak Anhûin.* Novamente, como fizera tantas vezes nos últimos dias, esperou um momento pela resposta de Saphira e, como ela não vinha, uma familiar pontada de infelicidade atingiulhe o coração. O grau de segurança das alianças entre quaisquer clãs, entretanto, era uma questão até certo ponto incerta. Nem Orik nem Íorûnn nem Gannel nem Nado tinham suficiente apoio para ganhar um voto popular. Assim, estavam todos ativamente engajados na tentativa de reter a lealdade dos clãs que já

haviam prometido ajudá-los enquanto, ao mesmo tempo, tentavam minar os que estavam apoiando seus oponentes. Apesar da importância do processo, Eragon achou tudo aquilo excessivamente tedioso e frustrante.

Baseado na explicação de Orik, Eragon entendeu que, antes dos chefes de clã terem a chance de eleger um líder, têm de decidir por voto se estão *preparados* para escolher um novo rei ou rainha e que a eleição preliminar precisa garantir pelo menos nove votos a seu favor para passar. Até aquele momento, nenhum dos chefes de clã, incluindo Orik, sentia suficiente segurança em suas posições para levantar a questão e proceder com a eleição final. Aquela era, como dissera Orik, a parte mais delicada do processo e, em algumas instâncias, havia se arrastado por um longo e frustrante tempo. Enquanto ponderava a situação, Eragon vagava pelo aglomerado de câmaras abaixo de Tronjheim até se encontrar em uma sala árida e empoeirada com cinco arcos pretos alinhados de um lado e uma escultura em baixo-relevo de um urso com dentes à mostra, com seis metros de altura, do outro. O urso tinha dentes de ouro e rubis redondos e facetados no lugar dos olhos.

— Onde estamos, Kvîstor? — quis saber Eragon, olhando para seus guardas. Sua voz produzia ecos vazios na sala. Podia sentir as mentes de muitos dos anões nos andares de cima, mas não fazia a menor idéia de como poderia alcançá-los.

O guarda principal, um jovem anão com não mais do que sessenta anos, deu um passo à frente.

— Essas salas foram esvaziadas milhares de anos atrás por grimstnzborith Korgan quando Tronjheim estava sendo construída. Nós não as usamos muito desde então, exceto quando toda a nossa raça se reúne em Farthen Dûr.

Eragon assentiu.

— Você pode me levar de volta à superfície?

— Claro, Argetlam.

Alguns minutos de uma rápida caminhada os levaram até uma escadaria larga de degraus finos, adequados aos anões, que subia do chão até uma passagem em algum lugar do quadrante sudoeste da base de Tronjheim. De lá, Kvîstor guiou Eragon até o ramo sul dos corredores de seis quilômetros de comprimento que dividiam a cidade ao longo dos pontos cardinais do perímetro.

Era a mesma escadaria pela qual Eragon e Saphira haviam entrado em Tronjheim vários meses atrás, e Eragon a percorreu em direção ao centro da cidade-montanha com uma estranha sensação de nostalgia. Sentia-se como se tivesse envelhecido vários anos nesse ínterim.

A avenida de quatro andares estava repleta de anões de todos os clãs. Notavam Eragon, estava certo disso, mas nem todos se dignavam a reconhecê-lo, o que ele agradecia, já que lhe poupava esforços de retribuir ainda mais saudações.

Eragon enrijeceu quando viu urna fileira de Az Sweldn rak Anhûin cruzar o corredor. Como se fossem um único ser, os anões viraram suas cabeças e o encararam, suas expressões obscurecidas atrás dos véus purpúreos que os membros daquele clã sempre usavam em público. O último anão da fileira cuspiu no chão na direção de Eragon antes de sumir por uma arcada junto de seus pares.

Se Saphira estivesse aqui, eles não ousariam ser tão grosseiros, pensou Eragon. Meia hora depois, chegou ao final do majestoso corredor e, embora tivesse estado lá muitas vezes antes, uma sensação de arrebatamento e admiração tornou conta dele à medida que pisava entre os pilares de ônix pretos encimados por zircões amarelos de três vezes o tamanho de um homem e entrava na câmara circular no coração de Tronjheim.

A câmara tinha trezentos metros de lado a lado, com um piso de cornalina polido onde estava desenhado um martelo cercado por doze pentagramas, que era o timbre do Dûrgrimst Ingeitum e do primeiro rei dos anões, Korgan, que descobrira Farthen Dûr enquanto extraía ouro. Opostos a Eragon, e em cada um dos lados, ficavam as entradas para os três outros corredores através da cidade-montanha. A câmara não possuía teto, mas ascendia quase dois quilômetros até o topo de Tronjheim. Lá, abria-se para a fortaleza de dragões — onde Eragon e Saphira residiram antes de Arya quebrar a grande estrela de safira — e para o céu e o infinito: um belíssimo disco azul que parecia inimaginavelmente distante, circundado como estava pela boca aberta de Farthen Dûr, a montanha oca de dezesseis quilômetros que protegia Tronjheim do resto do mundo.

Apenas uma mínima quantidade de luz era filtrada até a base de Tronjheim. A Cidade do Eterno Crepúsculo, como os elfos a chamavam. Como tão pouca luz solar entrava na cidade-montanha — exceto por uma encantadora meia hora antes e depois do meio-dia durante o pico do verão —, os anões iluminavam o interior com incontáveis lanternas sem chama. Milhares delas estavam gloriosamente à disposição na câmara. Uma lanterna brilhante ficava pendurada do lado de fora de um ou outro pilar das arcadas curvadas que alinhavam cada nível do lugar.

E ainda mais lanternas estavam penduradas dentro das arcadas, marcando as entradas para salas estranhas e desconhecidas, assim como para a trilha de Vol Turin, a Escadaria Sem Fim, que se espiralava em torno da câmara do topo à base. O efeito era ao mesmo tempo melancólico e espetacular. As lanternas eram de muitas cores diferentes e faziam com que o interior da câmara parecesse pontilhado de jóias resplandecentes.

Sua glória, todavia, empalidecia ao lado do esplendor de uma verdadeira jóia, a maior jóia de todas: Isidar Mithrim. No chão da câmara, os anões haviam construído um tablado de madeira de dezoito metros de diâmetro e, entre o cercado de vigas de carvalho encaixadas, estavam reunindo todos os preciosos pedaços da estrela de safira despedaçada com o maior cuidado e delicadeza. Os cacos que ainda colocariam no lugar estavam guardados em caixas abertas e acolchoadas com ninhos de lã crua, cada uma rotulada com uma seqüência de rimas dispostas como em uma teia. As caixas estavam espalhadas em um grande espaço do lado oeste da vasta sala. Talvez trezentos anões estivessem debruçados sobre elas, concentrados em seu trabalho, enquanto lutavam para combinar os cacos e formar um todo coeso. Outro grupo estava alvoroçado no tablado, cuidando da gema fragmentada e construindo estruturas adicionais.

Eragon observou-os em seu trabalho por vários minutos, então, foi até

o pedaço do chão que Durza quebrara quando ele e seus guerreiros Urgal haviam entrado em Tronjheim pelos túneis subterrâneos. Com a ponta da bota, Eragon deu um chute na pedra polida à sua frente. Nenhum sinal do estrago permanecera. Os anões haviam feito um maravilhoso trabalho apagando as marcas deixadas pela batalha de Farthen Dûr, embora Eragon esperasse que fossem comemorar a batalha com algum tipo de memorial, já

que sentia ser importante que as gerações futuras não esquecessem o custo em sangue que os anões e os Varden pagaram no curso da guerra com Galbatorix. Enquanto caminhava na direção do tablado, Eragon fez um sinal com a cabeça para Skeg, que estava em pé sobre uma plataforma que dava para a estrela de safira. Já se encontrara antes com o anão magro e de dedos rápidos. Skeg era do Dûrgrimst Gedthrall e havia sido a ele que o rei Hrothgar confiara a restauração do mais valioso tesouro dos anões.

Skeg fez um gesto para Eragon. Uma visão cintilante das hastes enviesadas em forma de agulhas afiadas, das finíssimas bordas brilhantes e das superfícies onduladas confrontou Eragon quando ele pisou nas mal cortadas pranchas de madeira. O topo da grande estrela de safira lembrava-lhe o gelo sobre o rio Anora, no vale Palancar, no final do inverno, que derrete e gela novamente múltiplas vezes e é traiçoeiro para quem caminha sobre ele por causa das saliências e dos sulcos que a inconstância da temperatura proporciona. Só que em vez do azul, do branco e da claridade, os restos da estrela de safira eram de uma tonalidade levemente rosa com traços de um pálido laranja.

— Como está indo? — perguntou Eragon.

Skeg deu de ombros e balançou as mãos no ar como um par de borboletas.

— Está indo como é possível ir, Argetlam. Não se pode apressar a perfeição.

— Eu tenho a sensação de que você está progredindo rapidamente, com um dedo ossudo, Skeg deu uma pancadinha no lado de seu amplo e achatado nariz.

— O topo de Isidar Mithrim, que agora é a base, Arya quebrou em pedaços grandes, que são fáceis de encaixar. A base de Isidar Mithrim, todavia, que agora é o topo. . — Skeg balançou a cabeça, seu rosto enrugado demonstrando desconsolo. — A intensidade do golpe, todos os pedaços se chocando com a face da gema, deslocando-se para longe de Arya e do dragão Saphira, caindo na sua direção e na do espectro de coração negro. . espatifou as pétalas da rosa em fragmentos ainda menores. E a rosa, Argetlam, a rosa é a chave para a gema. E a parte mais complexa, mais bonita de Isidar Mithrim. E

é a parte que está mais despedaçada. Se não conseguirmos colocar novamente cada pequeno pedaço em seu devido lugar, será melhor dar a gema a nossos joalheiros para que façam anéis para nossas mães. — As palavras escapavam de Skeg como água transbordando de um vaso. Gritou em sua língua para um anão que estava carregando uma caixa na câmara, e então cofiou a barba branca e perguntou: — Argetlam, você já ouviu a história de como Isidar Mithrim foi esculpida, na Era de Herran?

Eragon hesitou, relembrando suas lições de história em Ellesméra.

— Eu sei que foi Dûrok quem a esculpiu.

— Foi — disse Skeg. — Foi Dûrok Ornthrond, Olho de Águia, como

você diz em sua língua. Não foi ele que descobriu Isidar Mithrim, mas foi quem a extraiu sozinho da pedra, a esculpiu e a poliu. Cinqüenta e sete anos passou trabalhando na Rosa Estrela. A gema o cativou mais do que qualquer outra coisa. Todas as noites, debruçava-se sobre Isidar Mithrim até o nascer do sol, porque estava determinado a fazer com que a Rosa Estrela fosse não apenas uma obra de arte, mas também uma coisa que tocasse os corações de todos que a olhassem, o que garantiria a ele um lugar de honra junto aos deuses. Sua devoção era tanta que no trigésimo segundo ano de sua labuta, quando sua mulher lhe disse que, se ele não dividisse o ônus do projeto com seus aprendizes, ela o abandonaria, Dûrok. não disse uma palavra e deu as costas para ela, continuando a cinzelar os contornos da pétala que começara no início daquele ano.

"Dûrok trabalhou em Isidar Mithrim até ficar satisfeito com cada linha e cada curva. Então, soltou o pano de polir, deu um passo para trás, afastando-se da Rosa Estrela e disse: 'Gûntera, proteja-me; está pronto', e caiu morto no chão." Skeg deu um tapa no peito, produzindo um som abafado.

"Seu coração parou de funcionar, o que mais teria ele a fazer na vida? E isso o que estamos tentando reconstruir, Argetlam: cinqüenta e sete anos de uma incessante concentração da parte de um dos maiores artistas que nossa raça já

produziu. Se não conseguirmos refazer Isidar Mithrim *exatamente* da maneira como era, vamos diminuir o êxito de Dûrok para todos que ainda estão para ver a Rosa Estrela." Skeg deu um soco na própria coxa para enfatizar suas palavras.

Eragon inclinou-se no parapeito à sua frente e observou quando cinco anões no lado oposto da gema abaixaram um sexto, que estava preso numa corda, até que ficasse pendurado alguns centímetros acima da safira fraturada. O anão suspenso enfiou a mão dentro da túnica e removeu uma lasca de Isidar Mithrim de uma bolsa de couro. Em seguida, segurando a lasca com pinças minúsculas, encaixou-a em um pequeno espaço na parte de baixo da gema.

— Se a coroação fosse daqui a três dias — disse Eragon —, Isidar Mithrim já estaria pronta?

— O que será, será — disse Orik. Ele sorriu, mas seus olhos estavam tristes e vazios. — Ninguém pode escapar dos desígnios do destino.

— Você não teria como tomar o poder à força? Eu sei que você não tem tantos soldados assim em Tronjheim, mas, com meu apoio, quem ficaria contra você?

Orik parou a faca entre o prato e a boca, balançou a cabeça e continuou a comer. Entre uma garfada e outra, disse:

— Uma tática como essa seria desastrosa.

— Por quê?

— Eu preciso explicar? Toda a nossa raça se voltaria contra nós, e em vez de assumir o controle da nação eu herdaria um título vazio. Se isso acontecesse, eu não apostaria uma espada quebrada que nós viveríamos até o fim do ano.

— Ah.

Orik não disse nada mais até acabar a comida em seu prato. Então entornou a cerveja, arrotou e retomou a conversa.

— Nós estamos nos equilibrando sobre uma trilha ventosa de montanha com um precipício de quase dois quilômetros de cada lado. Muitos de minha raça odeiam e temem os Cavaleiros de Dragão por causa dos crimes que Galbatorix, os Renegados e agora Murtagh cometeram contra nós. E

muitos deles temem o mundo além das montanhas, túneis e cavernas onde nos escondemos. — Ele girou a caneca na mesa. — Nado e Az Sweldn rak Anhûin estão apenas piorando a situação. Jogam com o medo das pessoas e envenenam suas mentes contra você, os Varden e o rei Orrin. . Az Sweldn rak Anhûin é o epítome do que nós devemos superar se eu quiser me tornar rei. De algum modo temos de encontrar uma maneira de aliviar as preocupações deles e daqueles que pensam como eles, porque, mesmo eu sendo rei, terei de manter uma boa relação com eles se quiser manter o apoio dos clãs. Um rei ou rainha dos anões está sempre à mercê

dos clãs, não importa o quanto ele ou ela seja um líder forte, assim como os grimstborithn estão à mercê das famílias de seus clãs. — Jogando a cabeça para trás, Orik bebeu o que restava da cerveja e então baixou a caneca com força sobre a mesa.

— Existe alguma coisa que eu possa fazer, alguma tradição ou cerimônia de vocês que eu possa celebrar, que pudesse apascentar Vermûnd e seus seguidores? — perguntou Eragon, referindo-se ao grimstborith de Az Sweldn rak Anhûin que estava no poder. — Deve haver *alguma* coisa que eu possa fazer para aliviar suas suspeitas e colocar um ponto final nesse conflito. Orik riu e se levantou.

— Você poderia morrer.

Na manhã seguinte, bem cedo, Eragon estava sentado, encostado na parede curvada da sala redonda que ficava bem abaixo do centro de Tronjheim, junto com um seleto grupo de guerreiros, conselheiros, serviçais e membros das famílias dos chefes de clã que tinham o privilégio de participar da reunião de clãs. Os próprios chefes estavam sentados em pesadas cadeiras entalhadas dispostas em volta da mesa circular que, como a maioria dos objetos de valor nos níveis inferiores da cidade-montanha, tinha o timbre de Korgan e do Ingeitum.

Naquele momento, Gáldhiem, grimstborith do Dûrgrimst Feldûnost, estava falando. Era pequeno, mesmo para um anão — pouco mais de meio metro de altura —, e usava vestes em tons dourado, castanho-avermelhado e azul-escuro. Diferentemente dos anões do Ingeitum, não aparava ou trançava a barba, que lhe caía pelo peito como se fosse uma sarça emaranhada. Em pé

sobre a cadeira, dava socos na mesa polida e rosnava:

— Eta! Narho ûdim etal os isû vond! Narho ûdim etal os formvm mendûnost brakn, az Varden, hrestvog dûr grimstnzhadn! Az Jurgenvren qathrid né dômar oen etal..

— Não — sussurrou o anão chamado Hûndfast, tradutor de Eragon,

em seu ouvido —, eu não vou deixar que isso aconteça. Eu não vou deixar que esses tolos sem barba, os Varden, destruam nosso país. A Guerra dos Dragões nos deixou fracos e não. .

Eragon soltou um bocejo, entediado. Seu olhar vagou pela mesa de granito, de Gáldhiem a Nado, um anão de rosto redondo com cabelos cor de linho que assentia com a cabeça em sinal de aprovação ao discurso explosivo de Gáldhiem. Olhou para Havard, que usava uma adaga para limpar as unhas dos dois dedos remanescentes de sua mão direita; para Vermûnd, com a testa pesada, mas inescrutável por trás do véu púrpura; para Gannel e Ûndin, que estavam sentados um encostado ao outro, sussurrando, enquanto Hadfala, uma anã anciã que era a chefe do clã Ebardac e o terceiro membro da aliança de Gannel, franzia o cenho para o molho de pergaminhos cobertos de runas que levava consigo a todas as reuniões. Então, Eragon olhou para o chefe do Dûrgrimst Ledwonnû, Manndrâth, que estava sentado de forma que visse seu perfil, expondo muito bem seu longo e caído nariz; para Thordris, a grimstborith do Dûrgrimst Nagra, de quem enxergava pouco mais do que os cabelos ruivos e ondulados que lhe caíam

pelos ombros e se espiralavam no chão numa trança duas vezes maior do que o seu tamanho; para a nuca de Orik enquanto ele pendia para um dos lados da cadeira; para Freowin, grimstborith do Dûrgrimst Gedthrall, um anão imensamente corpulento que mantinha os olhos fixos sobre um bloco de madeira que se ocupava em entalhar com o formato de algo parecido com um corvo corcunda; para Hreidamar, grimstborith do Dûrgrimst Urzhad, que, em contraste com Freowin, tinha o corpo compacto e em forma, com ante-braços bem definidos e que usava uma cota de malha e um capacete em todas as reuniões; e finalmente olhou para Íorûnn, com sua pele castanha onde se via apenas uma pequena cicatriz em forma crescente sobre sua bochecha esquerda, com seus cabelos sedosos e brilhantes presos abaixo de um elmo prateado feito no formato da cabeça de um lobo rosnando, com seu vestido escarlate e com seu colar de esmeraldas cintilantes dispostas em quadrados de ouro entalhados com fileiras de runas arcanas.

Íorûnn reparou que Eragon estava olhando para ela. Um sorriso preguiçoso apareceu em seus lábios. Com uma voluptuosa naturalidade, piscou para ele, obscurecendo um de seus olhos amendoados por um par de batimentos cardíacos.

As bochechas de Eragon formigaram de tão vermelhas, e as pontas das orelhas ficaram em brasa. Desviou o olhar para Gáldhiem, que ainda estava ocupado pontificando, seu peito subindo e descendo como o de um pombo caminhando.

Seguindo o conselho de Orik, Eragon permaneceu impassível ao longo da reunião, escondendo suas reações daqueles que estavam observando. Quando a reunião foi interrompida para o almoço, correu na direção de Orik e, inclinando-se de modo que ninguém mais pudesse ouvir, disse:

— Não procure por mim em sua mesa. Já fiquei sentado demais ouvindo discursos. Vou explorar os túneis um pouco.

Orik assentiu com a cabeça, parecendo distraído, e murmurou em resposta:

— Faça como quiser, mas não se esqueça de estar aqui quando retomarmos a reunião. Não é adequado você vadiar, por mais que todo esse falatório seja tedioso.

— Como queira.

Eragon saiu da sala de conferências com uma leva de anões ansiosos para almoçar e reencontrou seus quatro guardas do lado de fora da sala, onde estiveram jogando dados com guerreiros ociosos de outros clãs. Com os quatro a tiracolo, Eragon pôs-se a caminhar sem uma direção determinada, deixando seus pés carregarem-no para onde quisessem enquanto imaginava algum método de unir as facções dos anões em conflito de modo a combater Galbatorix. Exasperado, concluiu que os únicos métodos que conseguia vislumbrar eram tão inexeqüíveis que era absurdo imaginar qualquer sucesso. Eragon prestava pouca atenção aos anões que encontrava nos túneis —

exceto as saudações murmuradas que a polidez ocasionalmente demandava —

e tampouco se concentrava em saber por onde estava andando, confiando que Kvîstor poderia guiá-lo de volta à sala de conferências. Embora não estivesse analisando os detalhes visuais das redondezas. Eragon mantinha um registro de mentes de todas as criaturas vivas que conseguia sentir em um raio de dezenas de metros, até a menor aranha agachada atrás de sua teia no canto da sala, já que não desejava ser surpreendido por ninguém que pudesse ter um motivo para procurá-lo.

Quando finalmente parou, ficou surpreso de encontrar-se na mesma sala empoeirada que descobrira durante suas perambulações no dia anterior. A sua esquerda, estavam as mesmas cinco arcadas pretas que levavam a cavernas desconhecidas, ao passo que à sua direita estava a mesma escultura em baixorelevo da cabeça e dos ombros de um urso com os dentes à mostra. Espantado com a coincidência, Eragon dirigiu-se à escultura de bronze e olhou para os dentes brilhantes do urso, imaginando o que o fizera desistir. Depois de um momento, foi até o meio das cinco arcadas e olhou através delas. O estreito corredor que estava além era desprovido de lanternas e logo escureceu numa tênue sombra. Projetando sua consciência, F.ragon testou o comprimento do túnel e das várias câmaras abandonadas para as quais se abria. Uma meia dúzia de aranhas e uma esparsa coleção de traças, centopéias e grilos cegos eram os únicos habitantes.

— Oi! — chamou Eragon, e ouviu o corredor retornar sua voz em um volume cada vez mais baixo. — Kvîstor — disse Eragon, olhando para ele —, ninguém vive mesmo nessas partes antigas?

O anão de rosto jovem respondeu:

— Alguns vivem. Alguns estranhos knurlan, aqueles para quem a solidão é mais prazerosa do que o toque da mão de sua mulher ou do que o som das vozes de seus amigos. Foi um desses knurlag que nos avisou da chegada do exército Urgal, se é que você se lembra, Argetlam. E também, embora nós não falemos freqüentemente a respeito disso, existem aqueles que desrespeitaram as leis de nossa terra e que foram exilados pelos chefes de clã, sob pena de morte se reincidissem, por alguns anos ou, se a ofensa tivesse sido grave, pelo restante de suas vidas. Todos esses são como mortos-vivos para nós; nós os afugentamos se os avistamos fora de nossas terras e os enforcamos se os encontramos no interior de nossas fronteiras.

Quando Kvîstor terminou de falar, Eragon indicou que estava pronto para partir. Kvîstor tomou a dianteira e, seguido por Eragon, atravessaram o umbral por onde haviam entrado, os três outros anões logo atrás. Caminharam não mais do que seis metros até que Eragon ouviu um leve ruído de alguma coisa se arrastando atrás deles, tão leve que Kvîstor nem pareceu reparar.

Eragon olhou para trás. Em meio à luz âmbar das lanternas sem chama penduradas de cada lado do corredor, viu sete anões inteiramente vestidos de preto, seus rostos escondidos atrás de tecidos escuros e seus pés envoltos em trapos, correndo na direção deles numa velocidade

que Eragon imaginava ser exclusividade dos elfos, Espectros e outras criaturas cujo sangue pulsava com magia. Em suas mãos direitas, os anões seguravam longas e afiadas adagas com pálidas lâminas que tremeluziam em cores vivas, enquanto nas esquerdas, cada um carregava um escudo de metal com uma lança afiada e protuberante. Suas mentes, como as dos Ra'zac, estavam ocultas para Eragon.

Saphira!, foi a primeira coisa que veio à cabeça de Eragon. Então, lembrou que estava sozinho.

Girando o corpo para encarar os anões vestidos de preto, Eragon alcançou o cabo da cimitarra enquanto abria a boca para gritar por ajuda. Tarde demais.

Assim que a primeira palavra escapou de sua garganta, três dos estranhos anões agarraram o último dos guardas de Eragon e levantaram suas adagas cintilantes para golpeá-lo. Mais rápido do que a fala ou a consciência, Eragon mergulhou todo o seu ser em um fluxo de magia e, sem confiar na língua antiga para estruturar seu encanto, remendou o tecido do mundo para que ficasse com um padrão mais agradável a ele. Os três guardas que estavam entre ele e os atacantes voaram em sua direção, como se arremessados por cordas invisíveis, e aterrissaram a seu lado, a salvo, porém desorientados. Eragon estremeceu em função do súbito decréscimo de sua força.

Dois dos anões vestidos de preto correram até ele, golpeando sua barriga com suas adagas sedentas de sangue. De espada na mão, Eragon desviou de ambos os golpes, impressionado com a velocidade e a ferocidade dos anões. Um dos guardas deu um salto para a frente, gritando e brandindo seu machado na direção dos potenciais assassinos. Antes que Eragon pudesse agarrar a cota de malha do anão e arrancá-lo dali, uma lâmina branca, retorcida como uma chama espectral penetrou o pescoço do anão. No instante em que o anão caiu, Eragon olhou de relance para seu rosto agonizante e ficou chocado por identificar Kvîstor com sua garganta liquefeita em um vermelho brilhante se desintegrando em volta da adaga.

Não posso nem deixar que me arranhem, pensou Eragon.

Enraivecido pela morte de Kvîstor, Eragon golpeou seu assassino com tanta velocidade que o anão vestido de preto não teve nenhuma chance de escapar, desabou morto aos pés de Eragon.

Com toda a sua força, gritou:

— Fiquem atrás de mim!

Estreitas fissuras separavam os pisos e as paredes, e pedacinhos de pedra caíam do teto à medida que sua voz reverberava pelo corredor. Os anões agressores vacilaram devido à irrefreável potência de sua voz, mas logo retomaram a ofensiva.

Eragon recuou vários metros para ganhar terreno e se livrar dos cadáveres, e ficou agachado, brandindo a cimitarra para todos os lados, como se fosse uma cobra se preparando para o ataque. Seu coração estava batendo em um ritmo duas vezes mais rápido do que o habitual e,

embora o combate mal houvesse começado, já estava ofegante.

O corredor tinha dois metros de largura, o que significava espaço suficiente para três de seus inimigos o atacarem juntos. Espalharam-se, dois tentando pegá-lo pelos flancos, enquanto o terceiro atacou-o de frente, açoitando os braços e as pernas de Eragon numa velocidade frenética. Temendo duelar com os anões como o faria se estivessem portando espadas normais, Eragon impulsionou as pernas contra o chão e saltou. Deu um giro no ar e atingiu o teto com os pés. Deu outro giro e aterrissou agachado, cerca de um metro atrás dos três anões. Quando rodopiaram em sua direção, Eragon deu um passo à frente e decapitou os três com um só

golpe.

As adagas dos anões tilintaram no chão um instante antes de suas cabeças.

Saltando sobre os corpos mutilados, Eragon girou no ar e pousou no local onde partira.

Não houve tempo para respirar.

Sentiu um zunido e viu a ponta de uma adaga passar por seu pescoço. Outra lâmina acertou a bainha de sua perneira, abrindo-a em duas. Ele recuou e brandiu a cimitarra, tentando ganhar espaço para lutar.

Minhas proteções deveriam ter jogado suas espadas para longe!, pensou ele,

perplexo.

Um grito involuntário lhe escapou pela garganta quando pisou em uma poça de sangue, perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Com um baque nauseante, sua cabeça colidiu com o chão de pedra. Luzes azuis piscaram diante de seus olhos. Ele arquejou.

Seus três guardas remanescentes correram até ele e brandiram os machados em uníssono, liberando a tensão e livrando-o do ataque das adagas brilhantes.

Foi o tempo necessário para Eragon se recuperar. Levantou-se rapidamente e, ralhando consigo mesmo por não haver tentado isso antes, gritou um encanto amarrado com nove das doze palavras mortais que Oromis lhe ensinara. Entretanto, logo depois de liberar sua magia, abandonou o encanto, pois os anões vestidos de preto estavam protegidos de inúmeras formas. Se dispusesse de alguns minutos, talvez pudesse escapar ou derrotar as proteções, mas minutos poderiam significar dias em uma batalha como aquela, onde cada segundo tinha a duração de urna hora. Tendo fracassado com a magia, Eragon forçou seus pensamentos para criar uma lança de ferro e arremessou-a onde imaginava que estaria a consciência de um dos anões de preto. A lança foi desviada por algum tipo de armadura mental que Eragon jamais encontrara antes: lisa e inconsútil, aparentemente intacta no que concerne a criaturas naturais e mortais engajadas em uma luta até a morte. *Alguém mais os está protegendo, percebeu Eragon. Há mais seres por trás desse ataque do que apenas esses sete.*

Sustentando-se sobre um pé, Eragon avançou e, com sua cimitarra, penetrou o joelho de seu agressor, fazendo jorrar sangue. O anão perdeu o equilíbrio e os guardas de Eragon foram até ele e agarraram seus braços, de modo que não pudesse brandir sua lâmina afiada, e golpearam-no com seus machados curvos.

O mais próximo dos dois últimos agressores ergueu seu escudo em antecipação ao golpe que Eragon estava prestes a desferir sobre ele. Reunindo todo o seu poder, Eragon atacou o escudo com a intenção de destruí-lo e de cortar aquele braço em dois, como fizera com Zar'roc . Todavia, no calor da batalha, esqueceu de levar em conta a inexplicável rapidez do anão. Quando a cimitarra estava pronta atingir seu alvo, o anão movimentou o escudo de modo a desviar o golpe.

Duas chispas irromperam da superfície do escudo quando a cimitarra ricocheteou na parte de cima, e então a ponta do aço penetrou no centro. A intensidade do golpe fez a cimitarra ir mais longe do que Eragon desejava, e ela continuou voando no ar até atingir uma parede, sacudindo o braço do Cavaleiro. Com um som cristalino, a lâmina da cimitarra se despedaçou em dezenas de pedaços, deixando-o com uma ponta de metal, partido e inútil. Desalentado, Eragon dispensou a espada quebrada e agarrou a borda do escudo do anão, lutando e se esforçando para manter o escudo entre ele e a adaga de cores translúcidas. O anão era incrivelmente resistente; seus esforços se comparavam aos de Eragon, e conseguiu até mesmo empurrá-lo alguns centímetros para trás. Soltando o anteparo de defesa com a mão direita, mas ainda segurando-o com a esquerda, Eragon afastou o braço e golpeou o escudo com toda a força que conseguiu, socando o aço diluído com tanta facilidade que parecia ser feito de madeira podre. Devido aos calos em suas juntas, não sentiu nenhuma dor com o impacto.

A força do golpe arremessou o anão contra a parede oposta. Com a cabeça pendendo sobre um pescoço sem osso, o anão desabou no chão como uma marionete cujas cordas foram arrebentadas.

Eragon puxou sua mão de volta pelo buraco deformado do escudo, se arranhando no metal cortado, e pegou sua faca de caça.

Então, o último dos anões vestidos de preto pulou em cima dele. Eragon desviou duas, três vezes, e atravessou a manga inflada do anão, rasgando do cotovelo ao pulso o braço com o qual ele segurava a adaga. O

anão gemeu de dor, olhos azuis furiosos acima da máscara de pano. Ele iniciou uma série de golpes, a adaga sibilando no ar com tanta rapidez que o olhar não era capaz de seguir, o que forçava Eragon a se distanciar para evitar o fio mortal. O anão intensificou o ataque. Por vários metros, Eragon conseguiu se evadir, até que seu calcanhar atingiu um corpo e, na tentativa de evitá-lo, tropeçou e caiu contra uma parede, machucando o ombro. Com um riso malévolo, o anão golpeou o tórax exposto de Eragon. Levantando um dos braços numa tentativa inútil se proteger, o Cavaleiro rolou mais ainda no corredor, ciente de que dessa vez sua sorte havia acabado e que não teria como escapar.

Assim que completou uma cambalhota e seu rosto ficou

momentaneamente virado para o anão, Eragon olhou de relance a adaga esbranquiçada descaindo sobre seu corpo como um raio vindo do céu. Então, para seu espanto, a ponta da adaga ficou presa em uma das lanternas em chama penduradas na parede. Eragon rodopiou para longe antes que pudesse ver mais alguma coisa, mas, um instante depois a mão incandescente de alguém pareceu acertá-lo por trás, arremessando-o uns seis metros pela parede, até que conseguiu se segurar na abertura de uma arcada, acumulando instantaneamente uma nova coleção de arranhões e contusões. Um estrondo o deixou surdo. Sentindo-se como se alguém estivesse enfiando tenazes em seus ouvidos, Eragon cobriu os ouvidos com as palmas das mãos e se encolheu, uivando.

Quando o ruído e a dor diminuíram, abaixou suas mãos e se esforçou para se levantar, rangendo os dentes à medida que as contusões anunciavam uma miríade de sensações desagradáveis. Debilitado e confuso, ele mirou o local da explosão.

A rajada deixara os três metros de extensão do corredor com uma cor preta de fuligem. Suaves flocos de cinza caiam do ar, que estava tão quente quanto o ar de uma forja acesa. O anão que quase acertara Eragon estava deitado no chão, sacudindo-se, seu corpo coberto de queimaduras. Após mais algumas convulsões, ficou inerte. Os três guardas remanescentes de Eragon estavam deitados onde terminavam a fuligem, para onde haviam sido arremessados pela explosão. No momento em que observava, eles se levantaram, com sangue pingando de suas orelhas e das bocas abertas, suas barbas chamuscadas e desalinhadas. Os anéis da cota de malha estavam bem vermelhos devido ao fogo, mas o couro por baixo da armadura os havia protegido da pior parte do calor.

Eragon deu um único passo à frente, e então parou e rosnou ao sentir uma corrente de agonia percorrer-lhe os ombros. Ele tentou girar o braço para examinar a extensão do ferimento, mas ao esticar a pele, a dor ficou forte demais e foi obrigado a parar. Quase perdendo a consciência, recostou-se na parede em busca de apoio. Olhou novamente para o anão queimado. *Eu devo ter sofrido ferimentos similares em minhas costas.*

Forçando-se a se concentrar, recitou dois encantamentos criados para curar queimaduras que Brom lhe havia ensinado durante suas viagens. Assim que começaram a fazer efeito, teve a sensação de água fria e terapêutica fluindo por suas costas. Suspirou de alívio e se esticou.

— Vocês estão feridos? — perguntou quando os guardas se aproximaram cambaleando.

O anão líder franziu as sobrancelhas, deu um tapinha na orelha direita e balançou a cabeça.

Eragon murmurou uma praga e só então reparou que não conseguia ouvir sua própria voz. Novamente vasculhando as reservas de energia em seu corpo, lançou um encanto para reparar seus ouvidos e dos guardas. Assim que concluiu o encantamento, uma coceira irritante acometeu o interior de seus ouvidos, e então desapareceu junto com a magia.

— Vocês estão feridos?

O anão à direita, um sujeito corpulento com a barba em forma de garfo, tossiu e cuspiu uma gota de sangue coagulado, então grunhiu:

— Nada que o tempo não ajeite. E você, Matador de Espectros?

— Vou viver.

Testando o chão a cada passo, Eragon entrou na área preta de fuligem e se ajoelhou ao lado de Kvîstor, na esperança de ainda poder salvar o anão das garras da morte. Assim que examinou novamente seu ferimento, viu que isso não aconteceria.

Eragon inclinou a cabeça, a lembrança de banhos de sangue antigos e recentes amargurava sua alma. Levantou-se.

— Por que as lanternas explodiram?

— Elas são preenchidas de luz e calor, Argetlam — respondeu um dos guardas. -— Se elas se quebram, tudo isso escapa de imediato e então é

melhor estar bem longe.

Fazendo um gesto na direção dos corpos destruídos de seus agressores, Eragon perguntou:

— Vocês sabem a que clã eles pertencem?

O anão com a barba em forma de garfo passou a mão pela roupa de vários dos anões vestidos de preto e disse:

— Barzûl! Eles não carregam marcas para não serem reconhecidos, Argetlam, mas carregam isto. — Ele ergueu um bracelete feito de crina de cavalo trançada e preso com cabochões de ametista polida.

— O que isso significa?

— Essa ametista — disse o anão, e deu uma pancadinha em um dos

cabochões com a unha cheia de fuligem —, essa variedade particular de ametista, só é encontrada em quatro locais nas montanhas Beor, e três deles pertencem a Az Sweldn rak Anhûin.

Eragon franziu o cenho.

— Grimstborith Vermûnd ordenou esse ataque?

— Não posso dizer com certeza, Argetlam. Algum outro clã poderia ter deixado o bracelete para que nós o encontrássemos. Poderiam ter feito isso para que pensássemos que a culpa

fosse de Az Sweldn rak Anhûin. Para que não tivéssemos ciência de quem são nossos verdadeiros inimigos. Mas. . se fosse para eu apostar, Argetlam, eu apostaria uma carrada de ouro que o responsável é Az Sweldn rak Anhûin.

— Maldito seja! — murmurou Eragon. — Seja lá quem for, maldito seja! — Ele cerrou os punhos para que parassem de tremer. Tocou com o lado da bota em uma das adagas prismáticas que os assassinos estavam manuseando. — Os encantamentos que estavam nessas armas e nesses. . nesses homens — ele indicou com o queixo —, homens, anões, seja lá o que for, devem ter requerido uma incrível quantidade de energia, e eu não consigo nem mesmo imaginar o quão complexas as palavras mágicas devem ter sido. Lançá-las teria sido difícil e perigoso. . — Eragon olhou para cada um dos guardas e disse: — Como vocês são minhas testemunhas, eu juro que não deixarei esse ataque nem a morte de Kvîstor ficarem impunes. Seja lá qual tenha sido o clã, ou os clãs, que enviou esses assassinos sujos, assim que eu descobrir seus nomes, vão desejar jamais terem pensado em me atacar e, me atacando, atacar o Dûrgrimst Ingeitum. isso eu juro a vocês, como Cavaleiro de Dragão e como membro do Dûrgrimst Ingeitum, e se alguém perguntar a respeito do ocorrido, repitam minha promessa exatamente como eu a fiz. Os anões fizeram uma mesura para ele, e aquele com a barba em forma de garfo, respondeu:

— Como você ordena, assim obedeceremos, Argetlam. Você honra a memória de Hrothgar com suas palavras.

Então, outro anão completou:

— Seja lá qual tenha sido o clã ou os clãs, eles violaram a lei de hospitalidade; atacaram um convidado. Não chegam nem aos pés de um rato; eles são *menknurlan*. — Ele cuspiu no chão, e os outros anões acompanharam seu gesto.

Eragon caminhou até onde estava o que sobrara de sua cimitarra. Ajoelhou-se na fuligem e, com a ponta do dedo, tocou um dos pedaços de metal, sentindo o fio arrebentado. *Eu devo ter atingido o escudo e a parede com tanta força que acabei sobrepujando os encantamentos que usei para reforçar o aço,* pensou ele. *Preciso de uma espada.*

Preciso de uma espada de Cavaleiro.

QUESTÃO DE PERSPECTIVA

vento-de-calor-da-manhã-sobre-a-planície, que era diferente do vento-de-calor-da-manhã-sobre-a-serra, mudou.

Saphira ajustou o ângulo das asas para compensar as mudanças O na velocidade e na pressão do ar que sustentava seu peso a

milhares de metros acima da terra ensolarada lá embaixo. Por um

instante, fechou as pálpebras, deliciando-se no leito macio do vento bem como no calor dos

raios do sol da manhã que batiam ao longo de seu corpo vigoroso. Imaginava como a luz devia fazer cintilar suas escamas e como as pessoas que a viam descrever círculos no céu deviam ficar maravilhadas com a visão. Cantarolava de prazer, satisfeita com o conhecimento de que era a criatura mais bela da Alagaësia, pois quem poderia ter esperança de se comparar ao esplendor das suas escamas; da cauda longa e afilada; das asas tão bonitas e bem formadas; das garras curvas; das longas presas brancas, com as quais ela podia partir o pescoço de um boi bravo na primeira mordida? Não Glaedr-das-escamas-douradas, que tinha perdido uma perna durante a queda dos Cavaleiros. Nem Thorn nem Shruikan, já que os dois eram escravos de Galbatorix, e sua servidão forçada havia lhes deformado a mente. Um dragão sem a liberdade para fazer o que bem entendesse não era de modo algum um dragão. Além do mais, eram machos; e, embora machos possam parecer majestosos, não poderiam encarnar a beleza que ela encarnava. Não, ela era a criatura mais impressionante da Alagaësia, e era assim que devia ser.

Saphira serpeou de prazer, desde a base da cabeça até a ponta da cauda. Hoje era um dia perfeito. O calor cio sol lhe dava a sensação de estar aconchegada num ninho de brasas. Sua barriga estava cheia; o céu, límpido; e não havia nada que ela precisasse fazer, além de ficar alerta para inimigos desejosos por lutar, o que ela fazia de qualquer forma, por uma questão de hábito.

Sua felicidade tinha apenas uma falha, mas era uma falha profunda; e, quanto mais Saphira pensava nela, mais descontente ficava, até perceber que já

não estava satisfeita. Queria que Eragon estivesse ali para compartilhar aquele dia com ela. Saphira rosnou e soltou um jato rápido de chama azul por entre os maxilares, queimando o ar à sua frente. Depois contraiu a garganta, interrompendo o fluxo de fogo líquido. Sua língua pinicava por conta das chamas que tinham passado por ali. Quando Eragon, o Eragon-seu-parceirodo-coração-e-da-mente, ia entrar em contato com Nasuada de lá de Tronjheim e pedir que ela, Saphira, fosse se juntar a ele? Saphira tinha lhe recomendado que obedecesse a Nasuada e viajasse para as montanhas-maisaltas-do-que-ela-conseguia-voar, mas agora já tinha se passado muito tempo, e ela se sentia fria e vazia por dentro.

Há uma sombra no mundo, pensou. *E isso o que me deixa perturbada. Eragon está com algum problema. Está em perigo ou esteve recentemente. E eu não posso ajudá-lo.* Ela não era um dragão selvagem. Desde que tinha rompido o ovo, compartilhava toda a sua vida com Eragon e, sem ele, era só metade de si mesma. Se ele morresse porque ela não estava lá para protegê-lo, ela não teria razão para viver, a não ser a da vingança. Sabia que destroçaria seus assassinos. Depois voaria até a cidade negra do traidor-destruidor-de-ovos, que a havia mantido prisioneira por tantas décadas, e faria tudo para acabar com ele, pouco se importando com o fato de que isso significaria para ela a morte certa.

Saphira rosnou mais uma vez e tentou abocanhar um pequeno pardal, tolo o suficiente para voar ao alcance dos seus dentes. Não acertou, e o pardal passou zunindo, prosseguindo seu caminho sem ter sido atingido, o que só

exacerbou o mau humor de Saphira. Por um instante, ela cogitou persegui-lo, mas decidiu que não valia a pena se incomodar com um feixe tão insignificante de ossos e penas. Nem mesmo para um bom lanche ele serviria. Inclinando-se com o vento e balançando a cauda na direção oposta para facilitar a curva, ela girou, examinando o chão lá embaixo e todas as criaturas pequenas alvoroçadas que procuravam se esconder dos seus olhos de caçadora. Mesmo daquela altura de milhares de metros, ela conseguia contar o número de penas no dorso de um falcão em rasante sobre os trigais plantados a oeste do rio Jiet. Conseguia ver o borrão de pêlo marrom de um coelho que fugia para a segurança da sua toca. Conseguia avistar o pequeno rebanho de cervos escondido por baixo da copa das groselheiras que se amontoavam ao longo de um afluente do rio. E ouvia os guinchos agudos de animais assustados que avisavam os irmãos de sua presença. Os gritos trêmulos a agradavam. Era mais do que certo que seu alimento sentisse medo dela. Se algum dia ela sentisse medo deles, saberia que tinha chegado sua hora de morrer.

Uma légua mais adiante, rio acima, os Varden estavam apinhados junto do rio Jiet como um rebanho de cervos vermelhos encostado na borda de um penhasco. Os Varden haviam chegado à travessia no dia anterior; e, desde então, talvez um terço dos homens-que-eram-amigos e dos Urgals-que-eramamigos e dos cavalos-que-ela-não-podia-comer tivesse vadeado o rio. O

exército se movimentava com tamanha lentidão que ela às vezes se perguntava como os humanos encontravam tempo para qualquer outra coisa além de viajar, considerando-se como sua vida era curta. *Seria muito mais conveniente se eles pudessem voar,* pensou, sem conseguir entender por que preferiam não fazêlo. Voar era tão fácil que ela nunca deixava de ficar intrigada com o motivo para qualquer criatura querer permanecer ligada à terra. Até mesmo Eragon mantinha seu apego ao chão-duro-e-mole, quando ela sabia que ele poderia se juntar a ela nos céus a qualquer momento, com a simples emissão de algumas palavras na língua antiga. Mas a verdade é que ela nem sempre compreendia os atos dos que se equilibravam em duas pernas, não importava se suas orelhas fossem redondas ou pontudas, se tivessem chifres ou fossem tão baixos que ela poderia esmagá-los com os pés.

Um leve movimento para o lado vindo do nordeste atraiu sua atenção, e ela se virou, curiosa. Viu uma fila de quarenta e cinco cavalos cansados, seguindo pesadamente na direção dos Varden. A maioria estava sem cavaleiro. E, no entanto, foi necessário que se passasse mais meia hora e ela conseguisse discernir o rosto dos homens nas selas para lhe ocorrer que o grupo podia ser o de Roran voltando da sua incursão. Saphira se perguntou o que poderia ter acontecido para reduzir de tal maneira o contingente e sentiu uma fisgada momentânea de inquietação. Não estava ligada a Roran, mas Eragon gostava dele, o que era razão suficiente para se preocupar com seu bem-estar. Forçando sua consciência a descer até os Varden desorganizados, procurou até encontrar a música da mente de Arya; e, uma vez que a elfa a reconheceu e lhe permitiu acesso aos seus pensamentos, Saphira disse: *Roran estará aqui antes do final da tarde. Mas sua companhia sofreu graves baixas. Algum mal terrível se abateu sobre eles nessa incursão.*

Obrigada, Saphira, disse Arya. *Vou informar Nasuada*. Enquanto se retirava da mente de Arya, Saphira sentiu o toque investigador de Blödhgarm-do-pêlo-de-lobo-azul-escuro. *Não*

sou um filhotinho, disse ela, irritada. *Você não precisa verificar como estou de saúde de poucos em poucos minutos.*

Peço-lhe minhas mais sinceras desculpas, Bjartskular, mas você já saiu faz um tempo e, se houver alguém observando, podem começar a se perguntar por que você e. . Eu sei, eu sei, rosnou ela. Recolhendo um pouco as asas, ela se inclinou para baixo, com a sensação de peso a abandonando, e girou em espirais lentas em seu mergulho até o rio transbordante. *Lago estarei aí.*

Uns trezentos metros acima da água, Saphira estendeu as asas e sentiu o esforço nas membranas de vôo quando o vento fez contra elas uma pressão imensa. Desacelerou até quase ficar imóvel, esvaziou o vento das asas e voltou a acelerar, deslizando até uma distância de uns trinta metros da água-marromnão-boa-para-beber. Com uma eventual batida das asas para manter a altitude, voou até o Jiet, alerta para as súbitas mudanças na pressão que assolavam o ar-fresco-acima-de-água-corrente e que poderiam empurrá-la para uma direção inesperada ou, pior, para cima de árvores-de-pontas-agudas ou do chão-durode-quebrar-ossos. Ela passou deslizando acima dos Varden próximos do rio, alto o suficiente para que sua chegada não assustasse indevidamente os cavalos bobos. Depois, deixando-se descer com as asas paradas, ela pousou numa clareira entre as tendas — e seguiu pelo acampamento até a tenda vazia de Eragon, onde Blödhgarm e os outros onze elfos que ele comandava estavam espetando por ela. Saudou-os com uma piscada de olhos e uma agitada de língua, para então se enrascar diante da tenda, resignada a cochilar e esperar anoitecer como faria se Eragon estivesse de fato naquele lugar, e ele e ela estivessem voando em missões noturnas. Ficar ali deitada, um dia atrás do outro, era monótono e entediante, mas necessário para manter a ilusão de que Eragon ainda estava com os Varden, tanto que Saphira não se queixava, mesmo que, depois de doze horas ou mais passadas sujando suas escamas no chão-duro-e-áspero, ela sentisse vontade de lutar com mil soldados; arrasar uma floresta com dentes, garras e fogo; ou então dar um salto e sair voando até não poder mais ou até chegar ao fim da terra, da água e do ar. Rosnando consigo, remexeu o chão com as garras, para amaciá-lo, e então deitou a cabeça atravessada sobre as patas dianteiras, fechando as pálpebras internas para poder descansar e continuar a observar os que passassem por ali. Um dragão-voador passou planando por cima da sua cabeça, e não pela primeira vez ela se perguntou o que poderia ter inspirado algum pateta descerebrado a dar a um bichinho daqueles o nome da sua espécie. *Dragão? Uma criatura tão insignificante!,* resmungou ela, e foi caindo num sono superficial.

O grande-fogo-redondo-no-céu estava perto do horizonte quando Saphira ouviu os gritos e brados de boas-vindas, indicação de que Roran e os guerreiros, seus companheiros, haviam chegado ao acampamento. Ela se ergueu. Como tinha feito antes, Blödhgarm meio cantou, meio sussurrou, um encanto que gerou uma imagem insubstancial de Eragon, que o elfo fez com que saísse da tenda e subisse no dorso de Saphira, onde ficou sentado, olhando ao redor, numa perfeita imitação de vida. Em termos visuais, a aparição era impecável, mas não dispunha de vontade. E, se algum agente de Galbatorix tentasse espionar os pensamentos de Eragon, ele logo descobriria o engodo. Portanto, o sucesso do artifício dependia de Saphira transportar a aparição pelo acampamento e tirá-la da vista das pessoas o mais rápido possível, torcendo para que a reputação de Eragon fosse tão amedrontadora que desencorajasse quaisquer

observadores clandestinos de tentar colher informações sobre os Varden a partir da consciência do Cavaleiro, pelo temor da sua vingança.

Saphira se pôs em marcha e atravessou pulando o acampamento, com os doze elfos correndo em torno dela em formação. Homens saltavam para abrir caminho, aos gritos de "Salve, Matador de Espectros!" e "Salve, Saphira!", o que lhe dava um calorzinho gostoso na barriga. Quando chegou à tenda-crisálida-de-borboleta-vermelha-de-asasdobradas de Nasuada, ela se agachou e enfiou a cabeça pelo buraco escuro ao longo de uma parede, onde os guardas de Nasuada haviam afastado um painel de tecido para permitir seu acesso. Blödhgarm retomou sua cantilena em voz baixa, e a aparição de Eragon desmontou de Saphira, entrou na tenda rubra e. assim que estava fora do alcance visual dos circunstantes boquiabertos ali fora, se dissolveu como se não fosse nada.

— Você acha que nosso estratagema foi descoberto? — perguntou Nasuada, da sua cadeira de espaldar alto.

Blödhgarm fez uma reverência elegante.

— Novamente, lady Nasuada, não sei dizer. Teremos de esperar para ver se o Império se movimenta para tirar proveito da ausência de Eragon. Só

então saberemos a resposta.

— Obrigada, Blödhgarm. Está dispensado.

Com mais uma reverência, o elfo se retirou da tenda e assumiu uma posição alguns metros atrás de Saphira, protegendo seu flanco.

Saphira se acomodou de barriga no chão e começou a lamber as escamas da terceira garra do pé esquerdo, em torno das quais haviam se acumulado linhas inconvenientes do barro seco esbranquiçado no qual ela estava parada quando comeu sua última presa.

Nem um minuto depois, Martland Barba Ruiva, Roran e um homemde-orelhas-redondas, que ela não reconhecia, entraram na tenda vermelha e fizeram reverência diante de Nasuada. Saphira interrompeu sua limpeza para provar o ar com a língua e conseguiu discernir o odor picante de sangue seco, o almíscar agridoce do suor, o cheiro interligado de couro e de cavalos e, leve, porém inconfundível, a emanação penetrante do medo-dos-homens. Ela examinou o trio novamente e viu que o homem-de-barba-longa-e-vermelha tinha perdido a mão direita. Voltou então a escavar o barro preso em torno das suas escamas.

Ela continuou a lamber o pé, restaurando cada escama a seu brilho original, enquanto Martland, em primeiro lugar, seguido pelo homem-deorelhas-redondas-que-era-Ulhart e depois Roran transmitiam um relato de sangue, fogo e homens que riam e se recusavam a morrer na hora designada, mas insistiam em continuar lutando muito depois que Angvard tinha chamado seu nome. Como era seu hábito, Saphira se manteve em silêncio enquanto outros — especificamente Nasuada e seu conselheiro, Jörmundur, o homemalto-da-cara-macilenta —

interrogaram os guerreiros acerca dos detalhes da missão malfadada. Saphira sabia que às vezes Eragon ficava intrigado, querendo saber por que ela não participava mais das conversas. Seus motivos para o silêncio eram simples: fora Arya ou Glaedr, ela se sentia mais à vontade comunicando-se somente com Eragon; e, na sua opinião, a maioria das conversas não passava de hesitação. Não importava se tivessem a orelha redonda ou pontuda, se tivessem chifres ou fossem baixinhos, os bípedes pareciam ser dependentes da hesitação. Brom não hesitava, esse era um aspecto que Saphira apreciara nele. Para ela, as escolhas eram simples: ou havia uma ação que podia adotar para melhorar a situação, e nesse caso ela a adotava; ou não havia, e qualquer outra palavra a respeito não passava de ruído sem sentido. Fosse como fosse, ela não se preocupava com o futuro, a não ser no que dissesse respeito a Eragon. Com ele, ela sempre se preocupava. Quando as perguntas terminaram, Nasuada lamentou a mão perdida de Martland. Dispensou então Barba Ruiva e Ulhart, mas não Roran.

— Você demonstrou mais uma vez sua bravura, Martelo Forte. Estou bastante satisfeita com seu talento.

— Obrigado, minha lady.

— Nossos melhores curandeiros vão cuidar de Martland, mas ele ainda precisará de tempo para se recuperar do ferimento. Mesmo quando estiver recuperado, ele não poderá chefiar incursões como essas com apenas uma mão. De agora em diante, ele terá de servir os Varden na retaguarda do exército, não na vanguarda. Creio que talvez eu o promova e faça dele um dos meus conselheiros de guerra. Jörmundur, o que acha da idéia?

— Creio ser uma idéia excelente, minha lady.

Nasuada acenou com a cabeça, aparentando estar contente.

— Isso significa, porém, que preciso encontrar outro comandante para você, Roran.

— Minha lady, e meu próprio comando? — perguntou Roran. — Já

não provei meu valor com essas duas incursões, e ainda com meus feitos passados?

— Se continuar a se distinguir como tem feito, Martelo Forte, conquistará sua posição de comando em breve. E preciso, porém, que você

tenha paciência e aguarde mais um pouco. Duas missões, apenas, por mais impressionantes que tenham sido, podem não revelar toda a extensão do caráter de um homem. Sou uma pessoa cautelosa quando se trata de confiar minha gente a outros, Martelo Forte. Com isso, você precisará se conformar. Roran segurou a cabeça do martelo que se projetava do seu cinto, com as veias e tendões salientes na mão, mas seu tom permaneceu cortês.

— Claro, lady Nasuada.

— Muito bem. Um pajem irá lhe informar seu novo posto mais tarde ainda hoje. Ah, e trate de

fazer uma boa refeição depois que você e Katrina terminarem de comemorar seu retorno. Esta é uma ordem. Martelo Forte. Você está me dando a impressão de que vai cair desmaiado.

— Minha lady.

Quando Roran se preparava para ir embora, Nasuada ergueu uma mão.

— Roran. — Ele parou. — Agora que lutou com esses homens que não sentem dor, você acredita que ter uma proteção semelhante das agonias da carne tornaria mais fácil derrotá-los?

Roran hesitou e depois abanou a cabeça.

— Seu ponto forte é sua maior fraqueza. Eles não usam o escudo como o usariam se temessem a cutilada de uma espada ou a espetada de uma flecha. Desse modo, são descuidados com a vida. É verdade que conseguem lutar muito além do momento em que um homem normal teria tombado morto, e essa não é uma vantagem insignificante no combate, mas também morrem em números maiores porque não protegem o corpo como deveriam. Na sua confiança entorpecida, caem em armadilhas e se arriscam em situações que nós faríamos enorme esforço para evitar. Enquanto o ânimo dos Varden permanecer alto, creio que, com a tática certa, podemos vencer esses monstros que riem. Se fôssemos como eles, no entanto, iríamos nos estraçalhar uns aos outros, sem que nenhum dos dois lados se importasse, já

que não teríamos nenhuma preocupação com nossa própria proteção. E o que penso.

— Obrigada, Roran.

Quando Roran saiu, Saphira quis saber: *Ainda nenhuma notícia de Gingou?*

Nasuada balançou a cabeça.

— Não, ainda não soubemos nada dele, e seu silêncio começa a me preocupar. Se não tiver nos contatado até depois de amanhã, farei com que Arya envie uma mensagem para um dos feiticeiros de Orik, pedindo alguma informação dele. Se Eragon não conseguir apressar o fim do conselho de clãs, receio que já não poderemos contar com os anões como abados durante as batalhas que estão por vir. O único aspecto positivo de um desdobramento tão desastroso seria que Eragon poderia voltar para nós sem mais demora. Quando Saphira estava pronta para deixar a tenda-da-crisálidavermelha, Blödhgarm mais uma vez invocou a aparição de Eragon e a colocou no dorso de Saphira. Depois, o dragão retirou a cabeça do recinto da tenda e, como tinha feito antes, atravessou o campo pulando, com os elfos ágeis acompanhando seu passo pelo caminho inteiro.

Assim que chegou à tenda de Eragon e que o Eragon-espectro-colorido entrou e sumiu, Saphira se ajeitou no chão, resignada a esperar o resto do dia numa monotonia sem trégua. Antes de retomar seu cochilo relutante, porém, ela projetou a mente na direção da tenda de Roran e Katrina, fazendo pressão até Roran baixar as barreiras em torno da sua consciência.

Saphira?, perguntou ele.

Você conhece mais alguém como eu?

É claro que não. Você só me surpreendeu. Eu.. bem, estou meio ocupado agora. Ela estudou a cor das emoções dele, bem como as de Katrina, e achou graça das conclusões. *Eu só queria lhe dar as boas-vindas. Estou feliz por você ter voltado ileso.*

Os pensamentos de Roran lampejaram rápidos-quentes-confusos-frios, e ele precisou se esforçar para formar uma resposta coerente. Por fim, disse: *É*

muita gentileza sua, Saphira.

Se você puder, venha me visitar amanhã, quando poderemos falar sem pressa. Fico inquieta aqui sentada, um dia atrás do outro. Talvez você pudesse me contar como Eragon era antes de eu nascer para ele.

Seria.. seria uma honra.

Satisfeita por ter cumprido as exigências da cortesia dos bípedes-deorelhas-redondas ao dar as boas-vindas a Roran, e animada por saber que o dia seguinte não seria tão entediante — pois era impensável que alguém ousasse deixar de atender a um pedido de audiência seu —, Saphira ajeitou-se o melhor que pôde na terra nua, desejando, como era seu costume, estar no ninho macio que era seu na casa-da-árvore-que-balança-com-os-ventos de Eragon em Ellesméra. Um sopro de fumaça lhe escapou quando ela suspirou, adormeceu e sonhou que voava mais alto do que nunca.

Ela batia as asas sem parar até se encontrar acima dos picos inatingíveis das montanhas Beor. Lá, ela girou por um tempo, contemplando a Alagaësia inteira estendida diante dos seus olhos. Depois, um desejo incontrolável a invadiu, o de subir ainda mais alto para ver se conseguiria. Com isso, começou a bater as asas de novo e, no que lhe pareceu um piscar de olhos, passou além da lua fulgurante, até que somente ela e as estrelas de prata pairavam no céu negro. Passeou pelo firmamento por um período indeterminado, minha do mundo brilhante, semelhante a pedras preciosas lá embaixo; mas nessa hora a inquietação penetrou na sua alma, e ela gritou com seus pensamentos:

Eragon, onde é que você está?

"VENHA ME DAR

UM BEIJO CARINHOSO"

oran acordou, desprendeu-se dos braços macios de Katrina e se sentou sem camisa na borda do catre que compartilhavam.

Bocejou, esfregou os olhos e então olhou para a tênue faixa de luz da fogueira, que brilhava

entre as duas abas da entrada, sentindo-se R chateado e idiota e com uma acumulada exaustão. Ura calafrio

percorreu-lhe o corpo, mas ele permaneceu onde estava, imóvel.

— Roran? — chamou Katrina, com uma voz sonolenta. Ela se apoiou

sobre um dos braços e o alcançou com o outro. Ele não reagiu ao toque da mão dela, que deslizava por suas costas e massageava seu pescoço.

— Durma. Você precisa de descanso. Logo, logo você vai partir de novo.

Ele balançou a cabeça sem olhar para ela.

— O que há? — perguntou ela. Sentando-se, cobriu os ombros de Roran com um cobertor e depois se inclinou na sua direção, o rosto cálido contra o braço do esposo. — Você está preocupado com seu novo capitão ou com o local para onde Nasuada o enviará da próxima vez?

— Não.

Ela ficou em silêncio por um tempo.

— Sempre que sai, eu sinto como se menos de você retornasse para mim. Você se tornou tão soturno e quieto. . Se quiser contar para mim o que o está afligindo, você sabe que pode, não importa o quanto seja terrível. Sou filha de um açougueiro e já vi muitos homens caírem em batalha.

— Querer! — exclamou Roran, engasgando com a palavra. — Eu nunca mais quero pensar nisso. — Ele cerrou os punhos, sua respiração ofegante. — Um verdadeiro guerreiro não sentiria o que eu sinto.

— Um verdadeiro guerreiro — começou ela — não luta porque deseja, mas porque precisa. Um homem que anseia por guerras, um homem que sente *prazer* em matar, é um bruto e um monstro. Não importa quanta glória adquira no campo de batalha, isso não pode apagar o fato de que ele não é melhor do que um lobo raivoso que se volta contra seus amigos e sua família tão rápido quanto seus inimigos. — Ela retirou alguns fios de cabelo dele da testa e acariciou o topo de sua cabeça, leve e lentamente. — Uma vez você me contou que a "Canção de Gerand" era a história que você mais gostava do repertório de Brom, que era por causa dela que você lutava com um martelo em vez de usar uma lâmina. Você se lembra como Gerand não gostava de matar e como relutava em pegar novamente em armas?

— Lembro.

— E ainda assim ele era considerado o maior guerreiro de sua época.

— Ela pegou o rosto dele e o virou para si, de modo que ele foi obrigado a mirar seus solenes olhos. — E você é o maior guerreiro que eu conheço, Roran, daqui ou de qualquer outro lugar.

Com a boca seca, ele disse:

— E Eragon e..

— Eles não têm a metade do valor que você tem, Eragon, Murtagh, Galbatorix, os elfos. . todos marcham para a batalha com encantamentos na ponta da língua e com poderes que excedem em muito os seus. Mas você.. —

ela o beijou no nariz — você não é mais do que um homem. Você encara seus inimigos sobre os próprios pés. Você não é um mago, e ainda assim acabou com os Gêmeos. Você é apenas tão rápido e tão forte quanto qualquer ser humano, e ainda assim não se esquivou de atacar os Ra'zac no covil deles e me libertar daquele calabouço.

Ele engoliu em seco.

— Eu tinha as proteções de Eragon.

— Mas não tem mais. Além disso, você também não tinha nenhuma proteção em Carvahall, e por acaso fugiu dos Ra'zac naquele momento?

— Como ele não respondia, ela continuou: — Você não é mais do que um homem, mas fez coisas que nem mesmo Eragon ou Murtagh poderiam ter feito. Para mim, isso faz de você o maior guerreiro da Alagaësia.. Não consigo imaginar mais ninguém em Carvahall que teria ido até onde você foi para me resgatar.

— Seu pai teria ido — disse ele. Ele sentiu o tremor dela.

— Sim, ele teria ido — sussurrou ela —, mas jamais teria conseguido convencer outros a segui-lo, como você conseguiu. — Ela intensificou o abraço. — O que quer que você tenha visto ou feito, você sempre terá a mim.

— Isso é tudo de que eu preciso — disse ele, e a pegou em seus braços, retendo-a por um tempo. Então, suspirou. — Ainda assim eu gostaria que essa guerra estivesse no fim. Eu gostaria de voltar a cuidar de um campo e de cultivar minha horta e fizer a colheita. Ter uma fazenda é muito cansativo, mas pelo menos é um trabalho honesto. Essa matança não é honesta. E

roubo. . E roubo de vidas humanas, e nenhuma pessoa correta deveria ter essa aspiração.

— Como eu disse.

— Como você disse. — Apesar de toda a dificuldade, ele conseguiu sorrir. — Aqui estou eu amolando você com meus problemas sabendo que você já tem problemas suficientes. — E

colocou uma das mãos sobre a barriga redonda de Katrina.

— Seus problemas serão sempre meus problemas enquanto estivermos casados — murmurou ela, e esfregou o braço de Roran com o nariz.

— Alguns problemas ninguém mais deveria ser obrigado a suportar, principalmente aqueles que nós amamos.

Ela se afastou alguns centímetros, e ele viu seus olhos ficarem tristes e lânguidos, como ficavam sempre que ela caía em melancolia a respeito da época em que ficara aprisionada em Helgrind.

— E verdade — sussurrou Katrina —, alguns problemas ninguém mais deveria ser obrigado a suportar.

— Ah, não fique tão triste. — Ele a puxou para perto e a abraçou com carinho, embalando-a levemente, e desejou com toda a sua força que Eragon jamais tivesse achado o ovo de Saphira na Espinha. Depois de um tempo, quando Katrina já estava relaxada em seus braços, e nem ele mesmo estava mais tão tenso, Roran acariciou a curva do pescoço dela. — Vamos, venha me dar um beijo carinhoso, e depois vamos voltar para a cama, pois estou cansado e quero dormir.

Ela riu para ele e o beijou, com o maior carinho do mundo, e então os dois se deitaram, como estavam antes. E do lado de fora da tenda, tudo estava quieto e tranqüilo, exceto o rio Jiet, que fluía pelo acampamento, sem jamais parar, sem jamais cessar, até mergulhar nos sonhos de Roran, onde ele se imaginava na proa de um navio, Katrina ao seu lado, e mirando o apetite de um gigantesco redemoinho, o Olho do Javali.

E ele pensou: *Como podemos ter a esperança de escapar?*

GLÛMRA

entenas de metros abaixo de Tronjheim, a pedra se abria numa caverna de alguns quilômetros de comprimento, com um lago negro de águas paradas e profundidade desconhecida, ao longo de

C um lado, e uma praia de mármore, do outro. Estalactites marrons e cor de marfim gotejavam do teto, estalagmites subiam agressivas do chão, e em alguns lugares as duas se juntavam formando colunas volumosas de circunferência maior do que a das maiores árvores em Du Weldenvarden. Espalhados entre as colunas havia montes de estéreo juncados de cogumelos, bem como vinte e três cabanas baixas de pedra. Uma lanterna sem chamas refulgia como ferro em brasa junto de cada porta. Fora do alcance das lanternas, as sombras predominavam.

Dentro de uma cabana, Eragon estava sentado em uma cadeira pequena demais, a uma mesa de granito não mais alta que seus joelhos. O cheiro de queijo macio de cabra, cogumelos fatiados, levedura, ensopado, ovos de pomba e poeira de carvão impregnava o ar. Diante dele,

Glûmra, uma anã da Família de Mord, ela que era a mãe de Kvîstor, o membro da guarda de Eragon que fora morto, se lamuriava, puxava o cabelo e batia no peito com os punhos cerrados. Trilhas reluzentes marcavam o caminho das lágrimas no rosto gorducho.

Os dois estavam sozinhos na cabana. Os quatro guardas de Eragon —

número completado por Thrand, um guerreiro do séquito de Orik — estavam esperando do lado de fora, junto com Hûndfast, o tradutor que Eragon havia dispensado da cabana assim que soube que Glûmra falava sua língua. Depois do atentado contra sua vida, o Cavaleiro entrara em contato mental com Orik, que nesse momento insistira para que Eragon corresse à

maior velocidade possível para os aposentos do Ingeitum, onde estaria a salvo de quaisquer outros assassinos. Ele obedecera e lá permanecera enquanto Orik forçava o conselho de clãs a entrar em recesso até a manhã do dia seguinte, com a desculpa de uma emergência interna no clã que exigia sua atenção imediata. Com seus guerreiros mais robustos e seu feiticeiro mais experiente, Orik seguiu então para o local da emboscada, que examinaram e registraram por meios tanto mágicos como leigos. Uma vez satisfeito de que tinham descoberto tudo o que era possível, Orik voltou às pressas para seus aposentos, onde conversou com Eragon.

— Temos muito a fazer em pouco tempo. Antes que o conselho de clãs reinicie os trabalhos na terceira hora da manhã de amanhã, precisamos tentar estabelecer, sem a menor sombra de dúvida, quem ordenou o ataque. Se conseguirmos, teremos uma vantagem a usar contra eles. Se não conseguirmos, estaremos nos debatendo no escuro, sem saber quem são nossos inimigos. Podemos manter o ataque em segredo até o conselho de clãs, mas só até esse momento. Knurlan terão ouvido ecos da luta por toda parte nos túneis abaixo de Tronjheim; e, mesmo agora, sei que devem estar procurando a causa da perturbação, por recearem que possa ter ocorrido um desmoronamento ou catástrofe semelhante que abalasse as fundações da cidade mais acima. — Orik bateu os pés e amaldiçoou os antepassados de quem quer que enviara os assassinos. Então, pôs os punhos nos quadris e prosseguiu: — Uma guerra entre clãs já nos ameaçava, mas agora ela está aqui, à nossa porta. Precisamos agir rápido se quisermos evitar esse destino medonho. Há knurlan a encontrar, perguntas a formular, ameaças a fazer, suborno a oferecer e pergaminhos a roubar. . tudo isso antes que amanheça.

— E eu? — perguntou Eragon.

— Você deve permanecer aqui até descobrirmos se Az Sweldn rak Anhûin ou algum outro clã tem uma força ainda maior reunida em outro lugar para matá-lo. Além disso, quanto mais tempo pudermos esconder dos agressores se você está vivo, morto ou ferido, mais tempo teremos para mantê-los inseguros quanto à solidez do chão onde pisam.

De início, Eragon concordou com a proposta de Orik, mas, enquanto observava o anão se alvoroçar dando ordens, começou a se sentir cada vez mais inquieto e indefeso. Por fim, pegou Orik pelo braço.

— Se eu tiver de ficar aqui sentado olhando para a parede enquanto você procura os bandidos

que me atacaram, vou ranger os dentes até não restar nenhum. Deve haver alguma coisa que eu possa fazer para ajudar. . E

Kvîstor? Alguém de sua família mora em Tronjheim? Alguém já lhes comunicou sua morte? Porque, se isso ainda não ocorreu, eu gostaria de ser o mensageiro da notícia, pois foi a mim que ele estava defendendo quando morreu.

Orik perguntou aos guardas; e com eles descobriu que Kvîstor de fato tinha família em Tronjheim ou, de modo mais preciso, nos subterrâneos de Tronjheim. Quando ouviu a informação, Orik franziu o cenho e resmungou uma palavra estranha na língua dos anões.

— São moradores das profundezas — disse ele —, knurlan que abandonaram a superfície da terra em troca do mundo subterrâneo, a não ser por uma ou outra incursão mais acima. É maior o número deles que mora aqui, abaixo de Tronjheim e Farthen Dûr, do que de qualquer outro local, porque podem sair em Farthen Dûr e não se sentir como se estivessem realmente do lado de fora, sensação que a maioria deles não consegue tolerar por estarem tão acostumados a espaços confinados. Eu não sabia que Kvîstor pertencia a eles.

— Você se importaria se eu fosse visitar a família? — perguntou Eragon. — Entre esses aposentos há escadas que levam para baixo, certo?

Nós poderíamos sair sem que ninguém desse conta.

Orik pensou uni pouco e então concordou.

— Você tem razão. O caminho é bastante seguro, e ninguém pensaria em procurar por você entre os moradores das profundezas. Viriam aqui primeiro, e aqui iriam encontrá-lo se você não for. . Vá então e não volte enquanto eu não mandar um mensageiro chamá-lo, mesmo que a Família de Mord lhe feche a porta e você precise se sentar numa estalagmite para esperar o amanhecer. Mas, Eragon, trate de ser cauteloso. Os moradores das profundezas são muito reservados em sua maioria. E são extremamente suscetíveis em questões de honra, além de terem costumes estranhos só deles. Pise com cuidado, como se estivesse andando num piso podre.

E assim, com Thrand se somando aos seus guardas, e Hûndfast como companhia e com uma espada curta dos anões presa num cinto —, Eragon foi até a escada de descida mais próxima e, seguindo por ela, desceu mais fundo nas entranhas da terra do que jamais fizera. E com o tempo encontrou Glûmra e a informou do falecimento de Kvîstor. E agora ele estava ali, sentado, ouvindo enquanto ela chorava a morte do filho, alternando entre uivos sem palavras e fragmentos na língua dos anões entoados num obsessivo tom dissonante.

Constrangido pela violência da tristeza de Glûmra, Eragon desviou o olhar do seu rosto. Olhou para o fogão de pedra-sabão verde que estava encostado numa parede e para os entalhes desgastados de desenho geométrico que adornavam suas bordas. Examinou o tapete verde e marrom estendido diante da lareira, a batedeira de manteiga num canto e os mantimentos suspensos das vigas do teto. Contemplou também o tear de madeira pesada que

ficava abaixo de uma janela redonda com vidraças lilás.

Depois, no auge das lamúrias, Glûmra atraiu o olhar de Eragon quando se levantou da mesa, foi até o balcão e pôs a mão esquerda na tábua de cortar carne. Antes que Eragon pudesse impedi-la, ela apanhou uma faca de trinchar e decepou a primeira articulação do dedo mínimo. Deu um gemido e se dobrou ao meio.

Eragon deu um meio salto, com uma exclamação involuntária. Perguntava-se que loucura tinha dominado a anã e se ele deveria tentar refreála para que ela não se ferisse outra vez. Abriu a boca para perguntar se ela queria que ele curasse o ferimento, mas pensou bem, lembrando-se das advertências de Orik a respeito dos estranhos costumes dos moradores das profundezas e de seu forte senso de honra. *Ela poderia considerar o oferecimento um insulto.* Fechando a boca, sentou-se de volta na pequena cadeira. Daí a um minuto, Glûmra saiu da posição encurvada e se esticou, respirou fundo e então, em silêncio e com calma, lavou com conhaque a ponta ferida do dedo, besuntou-a com um ungüento amarelo e envolveu o ferimento com um curativo. Com o rosto de lua ainda pálido com o choque, ela se deixou sentar na cadeira diante de Eragon.

— Sou-lhe grata, Matador de Espectros, por me trazer em pessoa notícias do destino do meu filho. Fico feliz por saber que ele morreu de modo admirável, como um guerreiro deveria morrer.

— Ele foi de uma bravura imensa — disse Eragon. — Podia ver que

nossos inimigos eram velozes como elfos e, ainda assim, saltou à frente para me proteger. Seu sacrifício me concedeu tempo para fugir das espadas e também revelou o perigo dos sortilégios que foram lançados nas armas do inimigo. Se não fosse por seus atos, duvido que eu estivesse aqui agora. Glûmra assentiu em silêncio, com os olhos baixos, e alisou a frente do vestido.

— Você sabe quem foi o responsável pelo ataque ao nosso clã, Matador de Espectros?

— Temos somente suspeitas. Neste exato momento, grimstborith Orik está tentando determinar a verdade.

— Será que foi Az Sweldn rak Anhûin? — perguntou Glûmra, surpreendendo Eragon com a sagacidade do palpite. Ele fez o maior esforço para disfarçar sua reação. Como permaneceu calado, ela prosseguiu: — Todos nós sabemos da hostilidade profunda deles contra você, Argetlam. Todo knurla nestas montanhas sabe. Alguns de nós encararam com aprovação a oposição deles a você; mas, se pensaram em chegar a matá-lo, avaliaram a situação de um ponto de vista totalmente equivocado e com isso se condenaram.

— Se condenaram? Como? — Eragon ergueu uma sobrancelha,

interessado.

— Foi você, Matador de Espectros, que matou Durza e assim nos permitiu salvar Tronjheim e as habitações subterrâneas das garras de Galbatorix. Nossa raça jamais se esquecerá disso enquanto Tronjheim continuar de pé. Além disso, chegou um rumor pelos túneis de que seu dragão vai consertar Isidar Mithrim?

Eragon confirmou.

— É uma bela atitude, Matador de Espectros. Você fez muito pela nossa raça; e não importa qual tenha sido o clã que o atacou, nós nos voltaremos contra eles e nos vingaremos.

— Jurei diante de testemunhas — disse Eragon — e juro também diante de você que hei de punir quem quer que tenha mandado aqueles assassinos traiçoeiros e que farei com que desejem nunca ter pensado num ato tão imundo. Contudo. .

— Obrigada, Matador de Espectros. Eragon hesitou e então inclinou a cabeça.

— Contudo, não devemos fazer nada que possa detonar uma guerra entre os clãs. Não agora. Se formos usar a força, grimstborith Orik deveria decidir quando e onde sacaremos a espada, você não concorda?

— Vou pensar no que você disse, Matador de Espectros — respondeu Glûmra. — Orik é.. — O que quer que ela fosse dizer em seguida ficou preso na boca. Suas pálpebras pesadas caíram, e ela se inclinou para a frente por um instante, apertando a mão mutilada no abdome. Passada a crise, ela se endireitou, levou o dorso da mão à bochecha oposta e balançou de um lado para outro, gemendo. — Ai, meu filho. . meu lindo filho.

Em pé, ela cambaleou em torno da mesa, dirigindo-se para uma pequena coleção de espadas e machados exposta na parede atrás de Eragon, junto de um nicho coberto por uma cortina de seda vermelha. Receando que ela pretendesse causar mais ferimentos em si mesma, Eragon ficou em pé, de um salto, derrubando com a pressa a cadeira de carvalho. Ele estendeu o braço para segurá-la e então viu que ela estava se encaminhando para o nicho cortinado, não para as armas, e recolheu seu braço antes que a ofendesse de algum modo.

As argolas de latão costuradas no alto do cortinado de seda soaram ruidosas quando Glûmra afastou o tecido de lado e expôs uma prateleira funda e sombreada, entalhada com runas e formas em detalhes tão fantásticos que Eragon poderia ficar horas olhando para elas e ainda assim não poderia captá-las por inteiro. Na prateleira de baixo, estavam estátuas dos seis deuses principais dos anões bem como de outras nove entidades, com as quais Eragon não estava familiarizado, todas esculpidas com posturas e feições exageradas para melhor transmitir a personalidade do ser retratado. Glûmra retirou de dentro do corpete um amuleto de ouro e prata, que beijou e depois encostou na reentrância do pescoço enquanto se ajoelhava diante do nicho. Com a voz subindo e descendo nas estranhas melodias da música dos anões, ela começou a entoar um canto fúnebre na sua língua materna. A melodia encheu os olhos de Eragon de lágrimas. Por alguns minutos, Glûmra cantou e depois se calou, continuando a contemplar as imagens; e, enquanto olhava, as linhas do seu rosto devastado pela dor se

abrandaram. E sua fisionomia assumiu um ar de aceitação tranqüila — na qual antes Eragon vira apenas raiva, consternação e desesperança —, de serenidade e de uma transcendência sublime. Um leve clarão parecia emanar das suas feições. Tão completa foi a transformação de Glûmra que Eragon quase não a reconheceu.

— Nesta noite, Kvîstor há de cear no palácio de Morgothal. Isso eu sei.

— Ela beijou mais uma vez o amuleto. — Quem dera eu pudesse compartilhar do pão com ele, junto com meu marido, Bauden, mas não chegou minha hora de dormir nas catacumbas de Tronjheim, e Morgothal nega acesso ao palácio àqueles que apressam sua chegada. Mas com o tempo nossa família voltará a se reunir, com todos os nossos antepassados desde que Gûntera criou o mundo a partir das trevas. Isso eu sei.

— Como você sabe isso? — perguntou Eragon, com a voz rouca, ajoelhando-se ao seu lado.

— Sei porque é assim que é. — Com movimentos vagarosos e respeitosos, Glûmra tocou os pés esculpidos de cada um dos deuses com a ponta dos dedos. — Como poderia ser diferente? Como o mundo não poderia ter criado a si mesmo tal qual uma espada ou um elmo também não poderia, e como os únicos seres necessários para dar forma à terra e aos céus são os que possuem o poder divino, é aos deuses que precisamos recorrer em busca de respostas. Confio neles para que garantam a correção do mundo e por minha confiança me livro do peso da minha carne.

Ela falava com tanta convicção que Eragon sentiu um desejo repentino de compartilhar da sua crença. Ansiava por deixar de lado suas dúvidas e temores e saber que, por mais terrível que o mundo pudesse parecer às vezes, a vida não era mera confusão. Desejou ter certeza de que não iria terminar sua vida se uma espada o decapitasse e que um dia voltaria a se encontrar com Brom, Garrow e todas as outras pessoas de quem gostava e que havia perdido. Um anseio desesperado por esperança e por consolo o dominou, o confundiu, o deixou trôpego na superfície da terra.

E ainda assim..

Parte dele se retraía e não permitia que ele se dedicasse aos deuses dos anões e vinculasse sua identidade e sua sensação de bem-estar a alguma coisa que ele não entendia. Também tinha dificuldade para acreditar que, se de fato existiam deuses, os dos anões fossem os únicos. Eragon tinha certeza de que, se perguntasse a Nar Garzhvog ou a um membro das tribos nômades, ou mesmo aos tenebrosos sacerdotes de Helgrind, se seus deuses eram verdadeiros, todos sustentariam a supremacia das suas divindades exatamente com o mesmo vigor com que Glûmra sustentava as dela. *Como se espera que eu saiba que religião é a verdadeira religião?,* perguntou-se ele . *Só porque alguém segue uma determinada crença isso não significa que esse seja o caminho certo. . Talvez nenhuma religião contenha toda a verdade do mundo. Talvez cada religião contenha fragmentos da verdade, e caiba a nós a responsabilidade de identificar esses fragmentos e os reunir com coerência. Ou talvez os elfos tenham razão e não existam deuses. Mas como vou saber?*

Com um longo suspiro, Glûmra murmurou uma frase na língua dos anões. Levantou-se então e fechou a cortina de seda diante do nicho. Eragon também se pôs de pé, encolhendo-se quando estendeu os músculos doloridos do combate, e a acompanhou até a mesa, onde voltou à sua cadeira. De um armário de pedra embutido na parede, a anã tirou dois canecos de estanho. Apanhou o odre cheio de vinho de onde estava pendurado do teto e serviu a bebida para Eragon e para si mesma. Ergueu o caneco, proferiu um brinde na língua dos anões, que Eragon se esforçou por imitar, e os dois beberam.

— É bom — disse Glûmra — saber que Kvîstor ainda vive, saber que neste momento ele está trajando vestes dignas de um rei enquanto participa do banquete da noite no palácio de Morgothal. Que ele conquiste muita honra a serviço dos deuses! — E tomou mais um gole.

Assim que esvaziou seu caneco, Eragon fez menção de se despedir de Glûmra, mas ela o interrompeu com um gesto.

— Você tem onde ficar, Matador de Espectros, a salvo dos que o querem morto? — Em resposta, Eragon lhe disse que tinha ordens de permanecer escondido nos subterrâneos de Tronjheim até Orik mandar um mensageiro buscá-lo. Glûmra assentiu com um movimento curto e decidido do queixo e prosseguiu: — Então você e seus companheiros devem esperar aqui pela chegada do mensageiro, Matador de Espectros. Eu faço questão. —

Eragon começou a protestar, mas ela abanou a cabeça. — Eu não poderia permitir que os homens que lutaram ao lado do meu filho ficassem largados na umidade e na escuridão das cavernas enquanto eu ainda tiver vida em mim. Chame seus companheiros, e tratemos de comer e nos divertir nesta noite sombria.

Eragon percebeu que não poderia sair sem contrariar Glûmra. Por isso, chamou os guardas e o tradutor. Juntos, ajudaram Glûmra a preparar um jantar de pão, carne e torta. E, quando tudo estava pronto, comeram, beberam e conversaram pela noite adentro. Glûmra estava especialmente animada. Foi quem mais bebeu, quem riu mais alto, e era sempre a primeira a fazer um comentário espirituoso. De início, Eragon ficou chocado com seu comportamento, mas logo percebeu que seus sorrisos nunca chegavam aos olhos e que, quando ela pensava que ninguém a estava olhando, a alegria se esvaía do seu rosto, e sua expressão se tornava de uma serenidade melancólica. Diverti-los, concluiu ele, era seu modo de honrar a memória do filho e de rechaçar a dor pela morte de Kvîstor.

Nunca encontrei ninguém como você, pensou ele enquanto a observava. Muito depois da meia-noite, alguém bateu à porta da cabana. Hûndfast fez entrar um anão trajado em armadura completa e com aparência de estar nervoso e constrangido. Ele não parava de olhar para as portas, janelas e cantos sombreados. Com uma série de frases na língua antiga, ele convenceu Eragon de que era o mensageiro de Orik e então falou:

— Sou Farn, filho de Flosi.. Argetlam, Orik ordena que você volte com a rapidez possível. Ele tem notícias importantíssimas referentes aos acontecimentos de hoje.

Na soleira da porta, Glûmra agarrou o antebraço de Eragon com dedos de aço e falou, quando ele contemplou seus olhos de chumbo:

— Não se esqueça do seu juramento, Matador de Espectros, e não deixe os assassinos do meu filho escaparem sem punição!

— Garanto que não deixarei — prometeu ele.

CONSELHO DE CLÃS

s anões que montavam guarda fora da câmara de Orik abriram as

portas duplas para Eragon entrar.

A passagem à frente era longa e decorada, mobiliada com três O assentos circulares estofados em vermelho e alinhados no meio da sala. Cortinas bordadas adornavam as paredes ladeadas pelas onipresentes lanternas sem chama dos anões, e o teto havia sido entalhado com a representação de uma famosa batalha da história daquele povo. Orik estava em conferência com um grupo de seus guerreiros e diversos anões do Dûrgrimst Ingeitum. Quando Eragon se aproximou, Orik virou-se para ele, seu olhar era sinistro.

Bom, você não se atrasou! Hûndfast, pode se retirar para seus aposentos agora. Precisamos conversar em particular.

O tradutor de Eragon fez uma mesura e desapareceu pela arcada à

esquerda, seus passos ecoando no piso de ágata polido. Assim que o anão se afastou o suficiente, Eragon perguntou:

— Você não confia nele?

Orik deu de ombros.

— Não sei em quem confiar no momento; quanto menos pessoas souberem o que nós descobrimos, melhor. Nós não podemos correr o risco de deixar a notícia escapar para outro clã até amanhã. Se escapar, certamente significará uma guerra de clãs.

Os anões atrás dele murmuraram entre si, parecendo constrangidos.

— Mas quais são as suas notícias? — quis saber Eragon, preocupado. Os guerreiros que estavam juntos, atrás de Orik, se moveram para o lado quando este lhes fez um gesto, revelando assim três anões amarrados e ensangüentados empilhados num canto. O anão que estava embaixo rosnava e chutava o ar, mas era incapaz de se livrar de seus companheiros prisioneiros.

— Quem são eles? — perguntou Eragon.

— Mandei nossos ferreiros examinarem as adagas que seus agressores estavam usando — Orik começou a responder. — Eles identificaram o estilo de Kiefna Nariz-longo, um espadeiro de nosso clã, famoso entre nosso povo.

— Então ele pode nos dizer quem comprou as adagas e, por conseguinte, quem são nossos inimigos?

Uma brusca gargalhada sacudiu o peito de Orik.

— Pouco provável, mas nós conseguimos rastrear as adagas de Kiefna até um armeiro em Dalgon, a muitos quilômetros daqui, que as vendeu a uma knurlaf com...

— Uma knurlaf? — interrompeu Eragon. Orik fez uma carranca.

— Uma mulher. Uma mulher com sete dedos em cada mão comprou

as adagas dois meses atrás.

— E você a encontrou? Não pode haver muitas mulheres com essa quantidade de dedos.

— Na verdade, essa característica é muito comum em nosso povo disse Orik. — Seja como for, mesmo com dificuldade, nós conseguimos localizar a mulher em Dalgon. Meus guerreiros estiveram lá e a questionaram minuciosamente. Ela é do Dûrgrimst Nagra, mas, até onde podemos determinar, estava agindo por conta própria e não sob influência dos líderes do clã. Por ela, soubemos que um anão a havia contratado para comprar as adagas e depois as entregar a um mercador de vinhos que sairia de Dalgon com as armas. O empregador da mulher não lhe disse para onde iriam as adagas, mas, perguntando aos mercadores da cidade, descobrimos que ele viajou diretamente de Dalgon para uma das cidades sob o comando do Dûrgrimst Az Sweldn rak Anhûin.

— Então *foram* eles! — exclamou Eragon.

— Ou isso, ou alguém queria que pensássemos assim. Nós

precisávamos de mais evidências antes de determinar a culpa do Az Sweldn rak Anhûin. — Um brilho surgiu nos olhos de Orik, e ele ergueu um dedo. —

Então, por meio de um encanto muito, muito sagaz, nós refizemos o caminho dos assassinos através dos túneis e cavernas até uma área deserta no décimo segundo nível de Tronjheim, perto do corredor auxiliar adjunto do raio sudoeste no quadrante oeste, ao longo do. . ah, bem, pouco importa. Mas algum dia eu vou ter de ensinar a você como as salas estão dispostas em Tronjheim, de modo que possa algum dia encontrar por si próprio um lugar em nossa cidade, caso venha a precisar. De qualquer modo, a trilha nos levou a um armazena abandonado onde esses três estavam. — Ele gesticulou na direção dos anões amarrados. — Não estavam nos esperando, então pudemos capturá-los, embora tenham tentado se matar. Não foi fácil, mas invadimos a mente de dois deles e deixamos o terceiro para os outros grimsthorithn

interrogarem a seu bel-prazer; extraímos deles tudo o que sabiam a respeito do assunto. — Orik apontou novamente para os prisioneiros. — Foram eles que equiparam os assassinos para o ataque, forneceram as adagas e as roupas negras e os alimentaram e os abrigaram na noite passada.

— Quem são os assassinos? — perguntou Eragon.

— Arh! — exclamou Orik e cuspiu no chão. — Eles são Vargrimstn,

guerreiros que desgraçaram suas vidas e agora estão sem clã. Ninguém lida com esse rebotalho a menos que a pessoa esteja envolvida ela própria em vilanias e não quer que os outros saibam. Foi assim com esses três. Eles receberam as ordens diretamente de grimstborith Vermûnd do Az Sweldn rak Anhûin.

— Não há dúvida?

Orik balançou a cabeça.

— Não há dúvida; foi o Az Sweldn rak Anhûin que tentou matar você, Eragon. Provavelmente, jamais saberemos se algum outro clã se juntou a eles na tentativa, mas se expusermos a traição do Az Sweldn rak Anhûin, conseguiremos forçar todos os outros envolvidos no complô a desacreditar seus antigos aliados, a abandonar ou, pelo menos, adiar outros ataques ao Dûrgrimst Ingeitum e, se bem urdido por nós, a me dar seus votos para que eu me torne rei.

Surgiu como um flash na mente de Eragon a imagem da lâmina prismática emergindo da nuca de Kvîstor e a expressão agonizante do anão ao cair no chão, sem vida.

— Como vamos punir Az Sweldn rak Anhûin por esse crime? Teremos

de matar Vermûnd?

— Ah, deixe isso comigo — disse Orik, e deu um tapinha no canto do nariz. — Eu tenho um plano. Mas devemos agir com cuidado, porque essa é

uma situação extremamente delicada. Uma traição dessas não acontecia há

muitos e muitos anos. Como um estrangeiro, você não pode saber o quão repugnante consideramos o fato de um de nós agredir um convidado. Você

ser o último e único Cavaleiro a se opor a Galbatorix apenas piora a ofensa. Mais derramamento de sangue pode ainda ser necessário, no momento, porém, só proporcionaria outra guerra de clãs.

— Uma guerra de clãs talvez seja a única maneira de lidar com Az Sweldn rak Anhûin — apontou Eragon.

— Acho que não, mas se eu estiver errado e a guerra for inevitável, precisamos garantir que seja uma guerra de todos os outros clãs contra o Az Sweldn rak Anhûin. Isso não seria tão ruim. Juntos, poderíamos esmagá-los em uma semana. Uma guerra com os clãs separados em duas ou três facções, entretanto, destruiria nosso território. Dessa forma, é crucial que antes de desembainharmos nossas espadas, tentemos convencer os outros do que Az Sweldn rak Anhûin fez. Com essa finalidade, você permitiria que magos de diferentes clãs examinassem suas lembranças do ataque de modo que pudessem ver que tudo aconteceu exatamente como estamos dizendo que aconteceu? Para que fique provado que não inventamos isso para nosso benefício?

Eragon hesitou, relutante de abrir sua mente para estranhos, então balançou a cabeça na direção dos três anões empilhados um em cima do outro.

— E quanto a eles? Suas lembranças não são suficientes para convencer os clãs da culpa do Az Sweldn rak Anhûin?

Orik fez uma careta.

— Eles devem ser, mas para que a coisa fique completa, os chefes de clã insistirão em comparar as lembranças deles com as suas e, caso você se recuse, Az Sweldn rak Anhûin dirá que estamos escondendo alguma coisa do conselho de clãs e que nossas acusações não passam de uma ficção caluniosa.

— Muito bem — concluiu Eragon. Se é preciso, farei. Mas se algum dos magos for aonde não deve ir, mesmo que por acidente, não vou ter escolha a não ser queimar em suas mentes o que tiverem visto. Há certas coisas que não posso permitir que sejam de conhecimento público.
Orik assentiu.

— Certo, posso imaginar pelo menos uma parte obscura e secreta que nos causaria alguma consternação se fosse anunciada por aí, hein? Estou certo de que os chefes de clã aceitarão suas condições, pois todos têm segredos que não querem ver divulgados, assim como estou certo de que vão pedir para os magos fazerem seu trabalho independentemente do perigo. Esse ataque tem o potencial de incitar tanta agitação entre nossa raça que os grimstborithn se sentirão compelidos a determinar a verdade sobre ele, mesmo que o custo seja as vidas de seus mais habilidosos feiticeiros.

Esticando-se o máximo que podia em sua limitada altura, Orik ordenou que os prisioneiros fossem removidos da passagem decorada e dispensou todos os vassalos, menos Eragon, e um contingente de vinte e seis de seus melhores guerreiros. Com um floreio gracioso, Orik agarrou o cotovelo esquerdo de Eragon e o conduziu até as salas internas de sua câmara.

— Você deve dormir essa noite aqui, comigo, onde Az Sweldn rak Anhûin não ousará atacar.

— Se você pretende dormir — disse Eragon —, eu devo alertá-lo, não consigo descansar, não nessa noite. Meu sangue ainda está fervendo devido ao tumulto da batalha, e meus pensamentos estão igualmente inquietos.

— Descanse ou não. A escolha é sua — retrucou Orik. — Você não

perturbará meu sono, pois eu colocarei um gorro de lã grossa sobre os olhos. Mas insisto que você deveria tentar se acalmar, quem sabe com algumas técnicas que os elfos ensinaram, e recuperar suas forças. O novo dia já está

quase nascendo e poucas horas restam até que o conselho de clãs se reúna. Deveríamos estar no melhor de nossas formas para o que vier a acontecer. O

que fizermos e dissermos hoje deverá determinar o destino de meu povo, meu território e do resto da Alagaësia... Ah, não fique com essa cara tão agourenta!

Pense nisso: não importa se vencermos ou perdermos, e eu certamente espero que vençamos, nossos nomes serão lembrados até o fira dos tempos pela forma como nos comportarmos nesse conselho de clãs. Isso pelo menos é um êxito para encher sua barriga de orgulho! Os deuses são inconstantes, e a única imortalidade que podemos esperar é aquela que conseguimos através de nossos feitos. Fama ou infâmia, qualquer uma delas é preferível ao esquecimento depois de sairmos desse domínio.

Mais tarde naquela noite, nas últimas horas da madrugada, os pensamentos de Eragon começaram a vagar assim que ele desabou no aconchego do abraço acolchoado de urna poltrona anã, e a moldura de sua consciência se dissolveu na fantasia desordenada de seu sonhar acordado. Ainda que estivesse consciente do mosaico de pedras coloridas na parede oposta, de também via

— como se houvesse uma tela brilhante costurada sobre o mosaico — cenas de sua vida no vale Palancar antes que o destino implacável e sangrento houvesse interferido em sua existência. As cenas, no entanto, divergiam dos fatos estabelecidos, e o faziam mergulhar em situações imaginárias construídas gradualmente a partir de fragmentos do que havia efetivamente acontecido. Nos últimos momentos antes de despertar de seu estupor, sua visão tremeluziu e as imagens adquiriram um sentido de delírio.

Ele estava em pé na oficina de Horst, aberta com as portas escancaradas e as dobradiças soltas, como se fossem os dentes à mostra de um idiota insolente. Do lado de fora havia uma noite sem estrelas, e a escuridão total parecia querer tomar conta da tênue luz vermelha das brasas, como se estivesse ansiosa para devorar tudo que se encontrava nos limites daquela esfera avermelhada e brilhante. Perto da forja, Horst assomava como um gigante, as sombras ziguezagueantes sobre seu rosto e barba proporcionando uma visão aterradora. Seu braço musculoso subia e descia, e um clangor parecido com o de um sino fazia o ar tremer quando o martelo que segurava golpeava a extremidade de uma barra de aço com um brilho amarelado. Uma explosão de fagulhas extinguia-se no chão. Por mais quatro vezes o ferreiro golpeou o metal. Então, ergueu a barra da bigorna e mergulhou-a em um barril de óleo. Chamas similares a fantasmas, azuis e diáfanas, tremeluziam ao longo da superfície do óleo e desapareciam com pequenos gritos de fúria. Removendo a

barra do barril, Horst virou-se para Eragon e franziu o cenho.

— Por que você veio aqui, Eragon?

— Preciso de uma espada de Cavaleiro de Dragão.

— Vá embora. Não tenho tempo para forjar uma espada de Cavaleiro para você. Não consegue ver que eu estou trabalhando em um gancho de panelas para Elain? Ela precisa disso para a batalha. Você está sozinho?

— Não sei.

— Onde está seu pai? Onde está sua mãe?

— Não sei.

Então, uma nova voz surgiu. Uma voz bem limpa, forte e poderosa, dizendo:

— Bom ferreiro, ele não está só. Ele veio comigo.

— E quem é você? — quis saber Horst.

— Sou o pai dele.

Pelas portas escancaradas, uma enorme figura envolta em uma luz tênue emergiu da densa escuridão e postou-se na soleira da oficina. Uma capa vermelha caía por cima de ombros mais largos do que os de um Kull. Na mão esquerda do homem brilhava Zar'roc, afiada como a dor. Através das gretas de seu resplandecente elmo, seus olhos azuis grudaram-se em Eragon, fixando-se como uma flecha em um coelho. Ergueu sua mão livre e estendeu na direção de Eragon.

— Meu filho, venha comigo. Juntos nós podemos destruir os Varden, matar Galbatorix e conquistar toda a Alagaësia. Dê-me seu coração e seremos invencíveis. Dê-me seu coração, meu filho.

Com um gemido, Eragon saltou da poltrona e ficou mirando o chão, os punhos cerrados, o peito arfando. Os guardas de Orik olhavam-no de modo inquisitivo, mas ele os ignorou, irritado demais para explicar seu ataque. Ainda estava cedo, então, depois de um momento, Eragon voltou à

poltrona. Mas a partir daquele instante permaneceu alerta e não se permitiu mais mergulhar no território dos sonhos por temer as manifestações que o atormentariam dessa vez.

Eragon estava encostado na parede, a mão no cabo da espada anã, enquanto observava os vários chefes de clã entrarem na sala de conferências enterrada embaixo de Tronjheim. Mantinha um olho especialmente atento em Vermûnd, o grimstborith do Az Sweldn rak

Anhûin, mas se o anão com véu purpúreo ficou surpreso em ver Eragon vivo e saudável, não demonstrou. Sentiu a bota de Orik tocar a sua. Sem desviar os olhos de Vermûnd, Eragon inclinou-se na direção de Orik e o ouviu sussurrar:

— Lembre-se, para a esquerda e três entradas abaixo — disse ele, referindo-se ao local onde Orik havia disposto cem de seus guerreiros sem o conhecimento dos outros chefes de clã.

Igualmente sussurrando, Eragon perguntou:

— Se sangue for derramado, eu devo aproveitar a oportunidade para matar aquele Vermûnd peçonhento?

— Por favor, não, a menos que ele esteja tentando fazer o mesmo com você ou comigo. — Uma gargalhada baixinha emanou de Orik. — Isso dificilmente aumentaria sua *estima* entre os outros grimstborithn. . Ah, devo ir agora. Reze a Sindri por sorte, hein? Estamos a ponto de nos aventurar em um campo de lava que nenhum de nós jamais ousou atravessar.

E Eragon rezou.

Quando todos os chefes de clã estavam sentados em volta da mesa no centro da sala, os que estavam assistindo do perímetro, incluindo Eragon, sentaram-se no círculo de cadeiras encostadas na parede curva. Mas ele não relaxou na sua cadeira, como fizeram muitos anões. Sentou-se na borda, preparado para lutar ao mais leve sinal de perigo.

Assim que Gannel, o guerreiro-sacerdote de olhos negros do Dûrgrimst Quan, se levantou e começou a falar na língua dos anões, Hûndfast aproximou-se do lado direito de Eragon e murmurou uma tradução simultânea. O anão disse:

— Saudações mais uma vez, meus companheiros chefes de clã. Mas se o encontro é oportuno ou não, ainda não decidi, pois certos boatos perturbadores, boatos de boatos, verdade seja dita, alcançaram meus ouvidos. Não tenho informação além desses vagos e preocupantes murmúrios, nem prova sobre a qual fundamentar uma acusação de atos errôneos. Entretanto, como hoje é meu dia de presidir nossa congregação, proponho que atrasemos, por enquanto, nossos debates mais sérios. E se vocês concordarem, permitam-se colocar umas poucas questões ao conselho.

Os chefes de clã murmuraram entre si. Então, Íorûnn, com seu rosto vivido e cheio de covinhas, se pronunciou:

— Não tenho objeção, grimstborith Gannel. O senhor atiçou minha curiosidade com essas insinuações. Vamos ouvir quais são as suas questões.

— Sim, vamos ouvi-las — manifestou-se Nado.

— Vamos ouvi-las — concordou Manndrâth e todos os outros chefes

de clã, incluindo Vermûnd.

Tendo recebido a permissão que buscava, Gannel pousou seus dedos sobre a mesa e ficou em silêncio por um instante, atraindo a atenção de todos no recinto. Então, começou sua explanação.

— Ontem, enquanto estávamos almoçando no local que escolhemos para nosso repasto, knurlan nos túneis abaixo do quadrante sul de Tronjheim ouviram um barulho. Relatos da intensidade do barulho diferem, mas o fato de que tantas pessoas numa área tão extensa puderam ouvi-lo é prova suficiente de que o distúrbio não foi pequeno. Como vocês, eu recebi os alertas usuais de uma possível escavação. Todavia, talvez não saibam que somente duas horas após. .

Hûndfast hesitou, e rapidamente sussurrou:

— E uma palavra difícil de traduzir em sua língua. Corredores de túneis, acho eu. — E então recomeçou a traduzir como antes. — ... Corredores de túneis descobriram evidências de um poderoso combate em meio a um dos antigos túneis que nosso famoso ancestral, Korgan Barba Longa, escavou. O chão estava pintado de sangue, as paredes estavam escuras de fuligem devido a uma lanterna que a lâmina descuidada de um guerreiro havia quebrado, as pedras em volta estavam rachadas e, espalhados por todos os lados, estavam sete corpos calcinados e mutilados, e havia sinais de que outros haviam sido removidos. Tampouco eram eles resquícios de alguma obscura desavença da batalha de Farthen Dûr. Não! Pois o sangue ainda não havia secado, a fuligem estava macia, as rachaduras eram obviamente recentes e, tal qual me foi relatado, resíduos de poderosos encantamentos ainda podiam ser detectados na área. Neste exato momento, vários dos nossos mais aclamados feiticeiros estão tentando reconstruir uma cópia exata do que ocorreu, mas têm poucas esperanças de sucesso, já que aqueles que estão envolvidos estavam revestidos dos mais remotos encantamentos. Então, minha primeira questão ao conselho é: alguém aqui possui mais informações dessa ação misteriosa?

Assim que Gannel concluiu seu discurso, Eragon ficou com as pernas tensas, preparado para se levantar se os anões com véus purpúreos do Az Sweldn rak Anhûin sacassem suas espadas.

Orik limpou a garganta e disse:

— Eu acredito poder satisfazer um pouco da sua curiosidade a respeito desse ponto, Gannel. Entretanto, como minha resposta deve necessariamente ser longa, sugiro que você faça suas outras perguntas antes de eu começar. Uma carranca escureceu a testa de Gannel. Batendo com as juntas dos dedos sobre a mesa, ele concordou:

— Muito bem.. No que está indubitavelmente relacionado à luta armada nos túneis de Korgan, eu recebi relatos de inúmeros knurlan circulando em Tronjheim e, com intenções furtivas, juntando-se aqui e ali e formando grupos maiores de homens armados. Meus agentes foram incapazes de me dizer com certeza o clã dos guerreiros, mas que qualquer um nesse conselho tente clandestinamente organizar tropas enquanto nós estamos engajados em decidir quem deve

suceder o rei Hrothgar sugere motivos dos mais torpes. Então, minha segunda questão ao conselho é essa: quem é o responsável por essa manobra mal pensada? E se ninguém estiver disposto a admitir sua má conduta eu sugiro com todas as minhas forças que ordenemos que todos os guerreiros, independentemente do clã, sejam expulsos de Tronjheim pelo período de duração desse conselho e que nós apontemos imediatamente um jurisconsulto para investigar essa ocorrência e determinar quem deveremos censurar.

A revelação, a questão e a subseqüente proposta de Gannel proporcionaram uma agitação de conversas animadas entre os chefes de clã. Anões lançavam acusações, negações e contra-acusações uns aos outros com crescente causticidade até que, finalmente, quando um enfurecido Thordris começou a berrar para um Gáldhiem com o rosto vermelho, Orik limpou a garganta novamente, fazendo com. que todos parassem e olhassem para ele. Num tom suave, Orik retornou a palavra:

— Acredito que também isso eu possa explicar, Gannel, pelo menos em parte. Não posso falar pelas atividades dos outros clãs, mas várias centenas de guerreiros que têm andado pelos aposentos dos criados em Tronjheim pertencem ao Dûrgrimst Ingeitum. Admito isso de livre e espontânea vontade. Todos ficaram em silêncio até Íorûnn perguntar:

— E qual é a sua explicação para esse comportamento beligerante, Orik, filho de Thrifk?

— Como eu disse antes, bela Íorûnn, minha resposta deve necessariamente ser longa, então se você, Gannel, tiver alguma outra questão a fazer, eu sugiro que siga adiante com ela.

A carranca de Gannel se acentuou até suas sobrancelhas protuberantes quase se tocarem. Ele recomeçou:

— Vou reter minhas outras questões por enquanto, pois todas são relacionadas àquelas que já enderecei ao conselho, e parece que precisamos esperar a sua boa vontade para saber algo mais sobre esses assuntos. Entretanto, já que você está envolvido dos pés à cabeça com essas atividades duvidosas, acaba de me ocorrer uma nova questão que eu gostaria de fazer especificamente a você, grimstborith Orik. Por qual motivo você abandonou a reunião de ontem? E deixe-me avisá-lo, eu não tolerarei nenhuma evasão. Você já anunciou que tem conhecimento acerca desses assuntos. Bem, é

chegada a hora de nos proporcionar um relato completo de si mesmo, grimstborith Orik.

Orik se levantou no exato instante em que Gannel se sentou.

— Será um prazer.

Baixando seu queixo barbado até que tocasse o peito, Orik fez uma breve pausa e então começou a falar com uma voz marcante, mas não começou corno Eragon esperava e tampouco como a congregação esperava, supôs o Cavaleiro. Em vez de descrever a tentativa de assassinato sofrida por Eragon e, assim, explicar por que ele havia encerrado a reunião anterior prematuramente, Orik começou relatando como, na aurora da história, a raça dos

anões havia migrado dos então verdes campos do deserto Hadarac para as montanhas Beor, onde escavaram seus incontáveis quilômetros de túneis, construíram suas magníficas cidades acima e abaixo do solo e travaram vigorosa guerra entre seus vários clãs e também contra os dragões que, por mil anos. foram vistos pelos anões com uma mistura de ódio, medo e relutante adoração.

Então, Orik falou da chegada dos elfos na Alagaësia e de corno estes haviam combatido os dragões até que quase destruíram uns aos outros, e de como, conseqüentemente, as duas raças haviam concordado em criar os Cavaleiros de Dragão para manter a paz daquele momento em diante.

— E qual foi nossa resposta quando soubemos das suas intenções? —

demandou Orik, sua voz ecoando alto na câmara. — Pedimos para ser incluídos em seu pacto? Aspiramos compartilhar o poder que teriam os Cavaleiros de Dragão? Não! Mantivemo-nos fixos em nossas antigas tradições, em nossos ódios, e rejeitamos a própria idéia de nos aliarmos aos dragões ou permitir que qualquer pessoa de fora de nosso domínio nos governasse. Para preservar nossa autoridade, sacrificamos nosso futuro, pois estou convencido de que se alguns Cavaleiros de Dragão tivessem sido knurlan, Galbatorix talvez jamais tivesse ascendido ao poder.

Mesmo que eu esteja errado, e eu não quero com isso diminuir Eragon, que provou ser um excelente Cavaleiro, o dragão Saphira poderia ter nascido para alguém de nossa raça e não para um humano. E então, que glórias teriam sido nossas?

"Ao contrário, nossa importância na Alagaësia tem diminuído desde que a rainha Tarmunora e o homônimo de Eragon fizeram as pazes com os dragões. A princípio, nosso status diminuído não era uma bebida tão amarga de engolir e, freqüentemente, era mais fácil negá-lo do que aceitá-lo. Mas vieram os Urgals e depois os humanos, e os elfos aperfeiçoaram seus encantamentos de modo que os humanos também pudessem ser Cavaleiros. E

então, por acaso, procuramos nos incluir nesse acordo como deveríamos. . como era nosso direito?" Orik balançou a cabeça. "Nosso orgulho não permitiria. Por que deveríamos nós, a raça mais antiga da região, implorar aos elfos pelo favor de sua magia? Não precisávamos ligar nosso destino ao dos dragões para salvar nossa raça da destruição, como haviam feito os elfos e os humanos. Ignoramos, é claro, as batalhas que travamos entre nós mesmos. Aqueles, pensávamos nós, eram assuntos privados e que não concerniam a mais ninguém."

A audiência dos chefes de clã se agitou. Muitos deles demonstravam insatisfação com as críticas de Orik, ao passo que o restante parecia mais receptivo aos seus comentários e estavam com o semblante pensativo. Orik continuou:

— Enquanto os Cavaleiros de Dragão protegiam a Alagaësia, gozamos o maior período de prosperidade registrado nos anais de nosso domínio. Prosperamos como nunca antes, e ainda assim não fazíamos parte da causa: os Cavaleiros de Dragão. Quando os Cavaleiros caíram,

nossas fortunas claudicaram, mas novamente não fazíamos parte da causa: os Cavaleiros. Nenhuma das duas situações é, eu reputo, digna de uma raça da estatura da nossa. Nós não somos uma nação de vassalos subjugados aos caprichos de líderes estrangeiros. Nem deveriam aqueles que não são descendentes de Odgar e Hlordis ditar nosso destino.

Essa linha de argumentação era mais do gosto dos chefes de clã; eles assentiram com a cabeça e sorriram, e Havard inclusive bateu palmas algumas vezes ao ouvir a última frase.

— Consideremos agora nossa era atual — propôs Orik. — Galbatorix está no poder, e todas as raças lutam para permanecer livres de sua tutela, bicou tão poderoso que o único motivo de ainda não termos nos tornado seus escravos é que, até agora, ele não escolheu voar com seu dragão negro até aqui para nos atacar diretamente. Se o fizesse, cairíamos diante dele como árvores jovens numa avalanche. Felizmente, ele parece contente de esperar que tracemos uma trilha de destruição até os portões de sua cidadela em Urû'baen. Agora, lembro a vocês que, antes de Eragon e Saphira aparecerem encharcados e esgotados à nossa porta com uma centena de vociferantes Kull em seus calcanhares, nossa única esperança de derrotar Galbatorix era que, algum dia, em algum lugar, Saphira nasceria para seu Cavaleiro escolhido e que essa pessoa desconhecida seria capaz, quem sabe, por um acaso, se fôssemos mais afortunados do que todos os apostadores existentes, de derrotar Galbatorix. Esperança? Rá! Nem esperança tínhamos: tínhamos esperança de ter esperança. Quando Eragon se apresentou pela primeira vez, muitos de nós ficamos consternados por sua aparição, inclusive eu. "Ele não passa de um garoto", dissemos. "Teria sido melhor se fosse um elfo", dissemos. Mas, não, ele demonstrou incorporar todas as nossas esperanças! Destruiu Durza e assim permitiu que salvássemos nossa amada cidade, Tronjheim. Seu dragão, Saphira, prometeu restaurar e trazer de volta a antiga glória de nossa Estrela Rosa. Durante a batalha da Campina Ardente, derrotou Murtagh e Thorn e assim permitiu que ganhássemos o dia. E olhem! Agora mantém a aparência de um elfo e, através de sua estranha magia, adquiriu a velocidade e a força daquela raça.

Orik ergueu o dedo em riste para dar ênfase ao discurso.

— Além do mais, o rei Hrothgar, em sua sabedoria, fez o que nenhum outro rei ou grimstborith jamais havia feito: ele recebeu Eragon no Dûrgrimst Ingeitum e o tornou membro de sua própria família. Eragon não tinha nenhuma obrigação de aceitar essa oferta. Na verdade, estava ciente de que muitas das famílias do Ingeitum eram contrárias a isso e que, no geral, muitos knurlan não olhariam a coisa com bons olhos. Mesmo assim, apesar desse desestímulo, e apesar do fato de que já havia jurado fidelidade a Nasuada, Eragon aceitou a dádiva de Hrothgar, sabendo muito bem que isso apenas tornaria sua vida mais difícil. Como ele próprio me disse, Eragon fez o juramento solene ao Coração de Pedra por causa da responsabilidade que sente por todas as raças da Alagaësia e, principalmente, para conosco, já que nós, pelas ações de Hrothgar, demonstramos muita consideração com ele e Saphira. Por causa da genialidade de Hrothgar, o último Cavaleiro livre da Alagaësia e nossa única esperança de vitória contra Galbatorix escolheu livremente tornar-se um knurla de corpo e alma. Desde então, Eragon tem seguido nossas leis e tradições com todos os seus conhecimentos e tem procurado aprender ainda mais acerca de nossa cultura, de modo que possa honrar o

verdadeiro significado de seu juramento. Quando Hrothgar caiu, golpeado pelo traidor Murtagh, Eragon jurou para mim, por todas as pedras da Alagaësia e também como membro do Dûrgrimst Ingeitum, que lutaria com todas as suas forças para vingar a morte de Hrothgar. Ele me deu o respeito e a obediência que me são devidas como grimstborith e eu tenho orgulho de considerá-lo meu irmão adotivo.

Eragon baixou os olhos, seu rosto e as pontas das orelhas queimando. Ele gostaria que Orik não fosse tão livre em seus elogios. Isso apenas tornaria mais difícil a manutenção de sua posição no futuro.

Esticando os braços, num gesto que incluía os outros chefes de clã, Orik exclamou:

— Tudo o que sempre esperamos de um Cavaleiro de Dragão recebemos em Eragon! Ele existe! Ele é poderoso! E abraçou nosso povo como nenhum outro Cavaleiro jamais abraçou! — Então, Orik baixou os braços e, com eles, o volume de sua voz, até que Eragon precisou se esforçar para ouvir suas palavras. — Todavia, como respondemos à sua amizade? Na maioria das vezes, com gracejos, indiferença e um arrogante ressentimento. Somos uma raça ingrata, eu digo a vocês, e nossas mágoas são longas demais, dificultam nosso próprio bem.. Existem, inclusive, aqueles tão cheios de ódio putrefato que passaram a usar a violência para saciar a sede de sua raiva. Talvez ainda acreditem que estejam fazendo o melhor para nossa raça, mas, se é assim, então suas mentes são tão apodrecidas quanto um pedaço de queijo envelhecido. Se não, por que teriam tentado matar Eragon?

A audiência dos chefes de clã ficou absolutamente imóvel, seus olhos fixados no rosto de Orik. Tão intensa era sua concentração que o corpulento grimstborith Freowin havia deixado de lado seu corvo entalhado e estava com as mãos juntas sobre a ampla barriga, parecendo a todos uma das estátuas dos anões.

À medida que miravam Orik com olhos fixos, o grimstborith relatava ao conselho como os sete anões vestidos de preto haviam atacado Eragon e seus guardas enquanto estavam passeando pelos túneis no subsolo de Tronjheim. Então, Orik contou a eles a respeito do bracelete de crina de cavalo trançada e preso com cabochões de ametista que os guardas de Eragon haviam encontrado em um dos cadáveres.

— Não pense em culpar meu clã por esse ataque baseado numa evidência tão ridícula! — exclamou Vermûnd, elevando a voz. — Pode-se comprar esse tipo de quinquilharia em quase todos os mercados populares de nosso domínio!

— É bem verdade — concordou Orik, e inclinou a cabeça na direção de Vermûnd. Com uma voz imparcial e num ritmo acelerado, pôs-se a contar à audiência, como contara a Eragon na noite anterior, como seus súditos em Dalgon haviam confirmado que as estranhas adagas tremeluzentes que os assassinos usaram haviam sido forjadas pelo ferreiro Kiefna, e também como haviam descoberto que o anão que comprara as armas havia encontrado uma maneira de transportá-las de Dalgon para uma das cidades mantidas por Az Sweldn rak Anhûin.

Rosnando um juramento baixo, Vermûnd levantou-se novamente.

— Aquelas adagas podem jamais ter chegado à nossa cidade e, mesmo que o tivessem, você não pode tirar nenhuma conclusão desse fato! Knurlan de muitos clãs moram em nossa cidade, assim como moram na Fortaleza Bregan. Isso não significa *nada*. Tenha cuidado com o que dirá em seguida, grimstborith Orik, pois você não tem provas sobre as quais sustentar acusações contra o meu clã.

— Eu tinha a mesma opinião que você, grimstborith Vermûnd —

replicou Orik. — Assim, na noite passada, meus feiticeiros e eu refizemos a rota dos assassinos de volta ao local de origem, e no décimo segundo nível de Tronjheim nós capturamos três knurlan que estavam se escondendo em um armazém empoeirado. Invadimos as mentes de dois deles e, a partir daí, soubemos que haviam equipado os assassinos para o ataque. E — a voz de Orik ficou mais áspera e terrível — então soubemos a identidade do seu chefe. Eu o chamo, grimstborith Vermûnd! Eu o chamo de assassino e traidor de juramento. Eu o chamo de inimigo do Dûrgrimst Ingeitum, e eu o chamo de traidor de seu povo, já que você e seu clã tentaram matar Eragon!

O conselho de clãs irrompeu em caos quando cada chefe de clã, exceto Orik e Vermûnd, começou a gritar e balançar as mãos, ou tentou dominar a conversa. Eragon ficou de pé e desembainhou alguns centímetros a espada, de modo que pudesse responder o mais rápido possível caso Vermûnd ou algum de seus anões escolhesse aquele momento para atacar. Todavia, o grimstborith não se moveu, nem Orik; miravam um ao outro como lobos rivais e não prestavam atenção à agitação a sua volta.

Finalmente, Gannel conseguiu restaurar a ordem.

— Grimstborith Vermûnd, você pode refutar essas acusações? Com uma voz neutra e sem demonstrar emoção, Vermûnd respondeu:

— Eu nego as acusações com cada osso de meu corpo, e desafio qualquer um a prová-las para a satisfação do jurisconsulto.

Gannel voltou-se para Orik.

— Então, apresente suas evidências, grimstborith Orik, para que possamos julgar se são válidas ou não. Há cinco jurisconsultos aqui hoje, se não estou enganado. — Ele apontou para a parede, onde cinco anões de barba branca se levantaram e fizeram uma mesura. — Eles cuidarão para que não ultrapassemos os limites da lei em nossa investigação. Estamos de acordo?

— Estou de acordo — manifestou-se Ûndin.

— Estou de acordo — imitou Hadfala, e todo o resto dos chefes de clã

após ela, exceto Vermûnd.

Primeiro, Orik colocou o bracelete de ametista sobre a mesa. Cada chefe de clã mandou um de seus magos examinar a peça, e todos concordaram que, como evidência, aquilo não era conclusivo.

Então, Orik mandou um ajudante trazer um espelho sobre um tripé de bronze. Um dos magos de seu séquito lançou um encanto e, por sobre a superfície lustrosa do espelho apareceu a imagem de uma pequena sala cheia de livros. Um instante passou, e logo um anão correu para dentro da sala e saudou o conselho de clãs do interior do espelho. Com uma voz arquejante, se apresentou como Rimmar e, após fazer juramentos na língua antiga para assegurar sua honestidade, contou para o conselho de clãs como ele e seus assistentes haviam feito suas descobertas concernentes às adagas usadas pelos agressores de Eragon.

Quando os chefes de clã terminaram de interrogar Rimmar, Orik mandou seus guerreiros trazerem os três anões que o Ingeitum havia capturado. Gannel mandou que fizessem o juramento de confiabilidade na língua antiga, mas eles o amaldiçoaram, cuspiram no chão e se recusaram. Então, magos de todos os diferentes clãs uniram seus pensamentos, invadiram as mentes dos prisioneiros e arrancaram deles a informação que o conselho de clãs desejava. Sem exceção, os magos confirmaram o que Orik já havia dito. Finalmente, Orik chamou Eragon para depor, que se sentiu nervoso enquanto caminhava em direção à mesa e os treze aterradores chefes de clã o encararam. Olhou para o outro lado da sala, fixou-se sobre uma espiral de cores em um pilar de mármore e tentou ignorar o desconforto. Repetiu os juramentos de confiabilidade que os magos anões lhe propuseram e então, falando não mais do que o necessário, Eragon contou aos chefes de clã como ele e seus guardas haviam sido atacados. Em seguida, respondeu às inevitáveis perguntas dos anões e depois permitiu que dois dos magos — os quais Gannel escolheu ao acaso dentre os reunidos — examinassem suas lembranças do evento. Assim que baixou as barreiras de sua mente, Eragon notou que os dois magos ficaram, aparentemente, apreensivos, o que o deixou de certa forma contente. *Bom,* pensou. *Se eles estiverem com medo de mim, será*

menos provável que se aventurem onde não são bem-vindos.

Para alívio de Eragon, a inspeção transcorreu sem incidente algum, e os magos corroboraram seu relato aos chefes de clã.

Gannel se levantou de sua cadeira e se dirigiu aos jurisconsultos.

— Estão satisfeitos com a qualidade das evidências que grimstborith Orik e Eragon Matador de Espectros nos mostraram?

Os cinco anões de barba branca fizeram uma mesura, e o anão do meio respondeu por todos:

— Estamos, grimstborith Gannel.

Gannel grunhiu, parecendo não estar surpreso.

— Grimstborith Vermûnd, você é o responsável pela morte de Kvîstor, filho de Bauden, e tentou matar um convidado. E ao fazer isso você

envergonhou toda a nossa raça. O que tem a dizer?

O chefe do clã Az Sweldn rak Anhûin pressionou suas mãos abertas sobre a mesa, as veias ingurgitadas por baixo da pele bronzeada.

— Se esse Cavaleiro de Dragão é um knurla de corpo e alma, então não é nenhum convidado e nós podemos tratá-lo como trataríamos qualquer inimigo nosso de um clã diferente.

— Mas isso é grotesco! — exclamou Orik, quase explodindo de indignação. Você não pode dizer que ele..

— Por favor, acalme sua língua, Orik — advertiu Gannel. — Gritar não resolverá essa questão. Orik, Nado, Íorûnn, venham comigo, por favor. Eragon começou a ficar preocupado quando os quatro anões foram conversar com os jurisconsultos por alguns minutos. Certamente não vão deixar de punir Vermûnd só por causa de alguns truques verbais!, pensou. De volta à mesa, Íorûnn comunicou:

— Os jurisconsultos são unânimes. Mesmo que Eragon Matador de Espectros tenha feito um juramento de pertencimento ao Dûrgrimst Ingeitum, ele também possui uma posição de importância além de nossas fronteiras: notadamente, a de Cavaleiro de Dragão, mas também a de um enviado oficial dos Varden, mandado por Nasuada para testemunhar a coroação de nosso próximo líder, e também a de amigo de alta influência da rainha Islanzadí e de sua raça como um todo. Por essas razões, a Eragon é

devida a mesma hospitalidade que estenderíamos a qualquer embaixador visitante, príncipe, monarca ou outra pessoa de significância. — A anã olhou de relance para Eragon, seus olhos escuros e brilhantes pousados sobre ele. —

Em suma, ele é nosso hóspede de honra, e devemos tratá-lo como tal.. o que qualquer knurla que não é um louco das cavernas deveria saber.

— Sim, ele é nosso convidado — concordou Nado. Seus lábios estavam comprimidos e esbranquiçados, e suas bochechas enrugadas, como se houvesse acabado de morder uma maçã ainda não madura.

O que tem a dizer agora, Vermûnd? — demandou Gannel.

Levantando-se, o anão com véu purpúreo olhou ao redor da mesa, mirando cada um dos chefes de clã.

— Eu digo isso, e ouçam-me bem, grimstborithn: se algum clã virar seu machado contra Az Sweldn rak Anhûin por causa dessas falsas acusações, nós consideraremos isso um ato de guerra e responderemos apropriadamente. Se me aprisionarem, isso também será considerado

por nós como um ato de guerra e também responderemos apropriadamente. — Eragon viu o véu de Vermûnd se mexer e imaginou que o anão pudesse ter rido por baixo dele. —

Se nos atacarem da maneira que for, seja com aço ou com palavras, não importa o quanto seja suave a investida, consideraremos isso um ato de guerra e responderemos apropriadamente. A menos que estejam ansiosos para transformar nosso domínio em milhares de cacos sangrentos, preencham suas mentes com pensamentos de quem deveria ser o próximo líder a subir em nosso trono de granito.

Os chefes de clã ficaram em silêncio por um bom tempo.

Eragon precisou morder a língua para não saltar sobre a mesa e insultar Vermûnd até que os anões concordassem em enforcá-lo por seus crimes. Lembrou-se de que havia prometido a Orik que seguiria sua orientação ao lidar com o conselho de clãs. *Orik é meu chefe de clã, e eu devo deixar que responda a isso da maneira que achar melhor.*

Freowin descruzou as mãos e bateu na mesa com a palma musculosa. Com sua voz rouca de barítono, que atravessava a sala, embora não parecesse mais alta do que um sussurro, o corpulento anão se pronunciou:

— Você envergonhou nossa raça, Vermûnd. Nós não podemos manter

nossa honra como knurlan se ignorarmos sua falta.

A anciã Hadfala embaralhou seu calhamaço de páginas cobertas de runas e também se manifestou:

— O que você pretendia, além de nossa ruína, tentando matar Eragon?

Mesmo que os Varden pudessem destronar Galbatorix sem ele, o que seria da dor que o dragão Saphira despejaria sobre nossas cabeças se tivéssemos matado seu Cavaleiro? Ela encheria Farthen Dûr com um oceano de nosso próprio sangue.

Nenhuma palavra escapou da boca de Vermûnd.

Lima gargalhada quebrou o silêncio. O som era tão inesperado que, a princípio, Eragon não percebeu que estava vindo de Orik. Com sua alegria diminuindo, ele opinou:

— Se nos colocarmos contra você ou contra Az Sweldn rak Anhûin, você considerará um ato de guerra, Vermûnd? Muito bem, então não nos colocaremos contra você. De forma alguma.

A testa de Vermûnd se projetou.

— Como isso pode ser fonte de diversão para você? Orik riu novamente.

— Porque pensei em algo que você não tem, Vermûnd. Você deseja que o deixemos e a seu

clã em paz? Então, proponho ao conselho de clãs que façamos como Vermûnd deseja. Se Vermûnd tivesse agido por conta própria e não como grimstborith, seria banido por suas ofensas sob pena de morte. Portanto, tratemos o clã como trataríamos a pessoa; proponho banirmos Az Sweldn rak Anhûin de nossos corações e mentes até que escolham substituir Vermûnd por um grimstborith de temperamento mais moderado e até que reconheçam sua vilania e se arrependam dela perante o conselho de clãs, mesmo que esperemos mil anos por isso.

A pele enrugada em volta dos olhos de Vermûnd ficou pálida.

— Você não ousaria. Orik sorriu.

— Ah, mas não levantaríamos um só dedo contra você ou contra alguém de seu clã. Simplesmente o ignoraremos e nos recusaremos a comerciar com o Az Sweldn rak Anhûin. Você vai declarar guerra contra nós por não termos feito nada, Vermûnd? Por que se o conselho concordar comigo, isso é exatamente o que faremos: *nada*. Você nos forçará de espada em punho a comprar seu mel, seus tecidos e suas jóias de ametista? Você não tem tantos soldados para nos obrigar a fazer isso. — Voltando-se para o restante da mesa, Orik perguntou: — O que vocês dizem?

O conselho de clãs não demorou muito a decidir. Um a um, os chefes de clã se levantaram e votaram pelo banimento do Az Sweldn rak Anhûin. Até

mesmo Nado, Gáldhiem e Havard — antigos aliados de Vermûnd —

apoiaram a proposta de Orik. A cada voto favorável, cada pedaço de pele visível do rosto de Vermûnd ficava mais branco, até que ficou parecido com um fantasma vestido nas roupas de sua vida anterior.

Quando a votação se encerrou, Gannel apontou na direção da porta.

— Saia, vargrimstn Vermûnd. Saia de Tronjheim hoje mesmo, e que ninguém do Az Sweldn rak Anhûin perturbe o conselho de clãs até que tenham cumprido as condições por nós estabelecidas. Até que esse momento aconteça, nenhum membro do Az Sweldn rak Anhûin será bem-vindo aqui. Mas saiba de uma coisa: apesar de seu clã poder ser absolvido da desonra, você, Vermûnd, permanecerá sempre vargrimstn, até a sua morte. Essa é a vontade do conselho de clãs. — Com a declaração concluída, Gannel se sentou.

Vermûnd permaneceu onde estava, seus ombros tremendo com uma emoção que Eragon não conseguia identificar.

— Foi você que envergonhou e traiu nossa raça — grunhiu ele. — Os Cavaleiros de Dragão mataram todo o nosso clã, exceto Anhûin e seus guardas. Você espera que nos esqueçamos disso? Espera que perdoemos isso?

Arh! Eu cuspo nos túmulos de seus ancestrais. Nós, pelo menos, não perdemos nossas barbas.

Não vamos participar das extravagâncias dessa marionete dos elfos enquanto os membros de nossas famílias mortas ainda clamam por vingança.

Eragon foi acometido por uma sensação de ultraje ao perceber que nenhum dos outros chefes de clã ofereceu uma resposta, e ele próprio estava para responder aos insultos de Vermûnd com duras palavras quando Orik olhou para ele de relance e balançou a cabeça levemente. Por mais difícil que fosse, Eragon manteve seu ódio sob controle, embora estivesse imaginando por que Orik permitiria que palavras tão pesadas passassem sem contestação. *É quase como se. . Oh.*

Afastando-se da mesa, Vermûnd levantou-se, seus punhos cerrados e os ombros elevados. Retomou o discurso, censurando e depreciando os chefes de clã com crescente intensidade até que começou a gritar a plenos pulmões.

Entretanto, por mais vis que fossem as imprecações de Vermûnd, os chefes de clã não respondiam. Miravam ao longe, como se estivessem ponderando complexos dilemas, e seus olhos deslizavam por Vermûnd sem fazer uma pausa. Quando, em sua fúria, o anão agarrou a parte da frente da cota de malha de Hreidamar, seus guardas saltaram sobre ele e o afastaram. Mas, apesar da atitude, Eragon notou que seus semblantes permaneceram brandos e imutáveis, como se estivessem somente ajudando Hreidamar a endireitar sua cota de malha. Assim que soltaram Vermûnd, os guardas não voltaram a olhar para ele.

Um calafrio percorreu a coluna de Eragon. Os anões estavam agindo como se Vermûnd houvesse deixado de existir. *Então isso é o que significa ser banido entre os anões.* Eragon pensou que seria melhor morrer do que sofrer tamanha sina e, por uni instante, sentiu uma pontinha de pena de Vermûnd, que desapareceu logo em seguida, quando se lembrou da expressão de Kvîstor ao morrer.

Vermûnd proferiu uma última vociferação e saiu da sala, seguido pelos membros de seu clã que o acompanhavam na reunião.

A atmosfera entre os chefes que permaneceram melhorou assim que as portas bateram atrás de Vermûnd. Mais uma vez os anões olhavam para todos os lados sem restrição, e retomaram a conversa em voz alta, discutindo o que mais havia para ser feito com relação ao Az Sweldn rak Anhûin.

Então, Orik bateu com o cabo de sua adaga na mesa, e todos se voltaram para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Agora que resolvemos o assunto de Vermûnd, existe outra questão que eu gostaria de dirigir ao conselho. Nosso propósito aqui é eleger o sucessor de Hrothgar. Todos tivemos muitas coisas a dizer a respeito desse tópico, mas agora acredito que o momento seja oportuno para que coloquemos as palavras atrás de nós e permitamos que nossas ações falem por nós. Assim, eu convoco o conselho a decidir se estamos prontos, e nós estamos mais do que prontos em minha opinião, para proceder à votação final daqui a três dias, como prevê nossa

lei. Meu voto é sim.

Freowin olhou para Hadfala, que olhou para Gannel, que olhou para Manndrâth, que deu um tapinha em seu nariz torto e olhou para Nado, mergulhado em sua cadeira e mordendo o interior de sua bochecha.

— Sim — votou Íorûnn.

— Sim — concordou Ûndin.

— Sim — prosseguiu Nado, e assim fizeram os outros oito chefes de clã.

Horas mais tarde, quando o conselho de clãs fez uma pausa para o almoço, Orik e Eragon retornaram aos aposentos do grimstborith para comer. Nenhum dos dois falou até entrarem na sala, que era à prova de escutas. Lá, Eragon permitiu-se um sorriso.

— Você planejou o tempo todo banir o Az Sweldn rak Anhûin, não foi?

Uma expressão de satisfação no rosto, Orik sorriu e bateu com a mão na barriga.

— Planejei sim. Era a única atitude que não levaria inevitavelmente a uma guerra de clãs. Ainda podemos ter uma guerra, mas não será por nosso desígnio. Duvido que tal calamidade venha a acontecer, todavia.

Por mais que o odeiem, a maioria dos membros do Az Sweldn rak Anhûin ficará enfraquecida pelo que Vermûnd fez em seu nome. Acho que não continuará sendo grimstborith por muito tempo.

— E agora você garantiu que a votação para o novo rei. .

— Ou rainha.

— ... ou rainha aconteça. — Eragon hesitou, relutante em manchar a alegria do triunfo de Orik, mas quis saber: — Você tem realmente o apoio que necessita para subir ao trono?

Orik deu de ombros.

— Antes dessa manhã, ninguém tinha o apoio que necessitava. Agora a correlação de forças mudou, e por enquanto a simpatia está conosco. Talvez devêssemos atacar enquanto o ferro ainda está quente; talvez jamais tenhamos uma oportunidade melhor do que essa. De qualquer modo, não podemos permitir que o conselho se arraste por mais tempo. Se você não voltar logo para os Varden, tudo estará perdido.

— O que devemos fazer enquanto esperamos pela votação?

— Primeiro, devemos celebrar nosso sucesso com um banquete —

declarou Orik. Depois, quando estivermos saciados, devemos continuar como antes: tentando angariar votos adicionais enquanto defendemos aqueles que já

ganhamos. — Os dentes de Orik brilhavam sob sua barba quando sorriu mais uma vez. — Mas, antes de tomarmos um gole que seja de hidromel, há algo que você precisa fazer e que acabou esquecendo.

— O quê? — perguntou Eragon, confuso com a óbvia satisfação de Orik.

— Ora, você deve convocar Saphira a Tronjheim, é claro! Tornandome rei ou não, deveremos coroar um novo monarca em três dias. Se Saphira vai participar mesmo da cerimônia, então vai precisar voar com rapidez para conseguir chegar aqui a tempo.

Com uma alegria súbita que o deixou sem palavras, Eragon apressou-se em encontrar um espelho.

INSUBORDINAÇÃO

solo negro e fértil estava frio ao toque da mão de Roran.

Ele apanhou um torrão solto e o esfarelou entre os dedos, aprovando o que percebeu ser umidade e musgo, caules e folhas

O em decomposição, além de outras matérias orgânicas que estavam ali e forneceriam excelente nutrição para a lavoura. Levou-o aos lábios e à língua. A terra tinha um gosto de vida, repleta de centenas de sabores, desde montanhas pulverizadas a besouros, madeira podre e pontas tenras das raízes de capim.

Esta é uma terra boa para a agricultura, pensou Roran. Lançou sua mente de volta ao vale Palancar, e mais uma vez viu o sol de outono batendo sobre o campo de cevada ao lado da casa da sua família — fileiras perfeitas de hastes douradas dançando com a brisa, com o rio Anora a oeste e as montanhas de topo nevado se elevando de cada lado do vale. *É lá que eu devia estar, lavrando a terra e criando uma família com Katrina, não regando o solo com a seiva do corpo dos homens.*

— Você aí! — gritou o capitão Edric, apontando para Roran do alto do seu cavalo. — Pare de fazer corpo mole, Martelo Forte, para eu não mudar a opinião que tenho sobre você e deixá-lo de guarda junto com os arqueiros!

Espanando as mãos na calça de malha, Roran se levantou da posição em que estava ajoelhado.

— Sim, senhor. Como quiser, senhor! — atendeu ele, reprimindo o desagrado que sentia por Edric. Desde que havia entrado para a companhia de Edric, Roran tentou aprender tudo o que pôde acerca da história do homem. A partir do que ouvira falar, concluiu que Edric era um comandante competente: Nasuada jamais o teria incumbido de uma missão tão importante se não fosse esse o caso. Mas era agressivo, e disciplinava seus guerreiros até

mesmo pelo menor desvio em relação à ordem, como Roran havia aprendido e repugnado, em três ocasiões isoladas durante seu primeiro dia na companhia de Edric. Aquele era um estilo de comando, acreditava ele, que minava o moral de um homem, além de desestimular a criatividade e a inovação entre os subalternos

Talvez Nasuada tenha me passado para ele exatamente por esses motivos, pensou Roran. Ou talvez este seja mais um teste. Pode ser que ela queira saber se consigo engolir meu orgulho por tempo suficiente para trabalhar com um homem como Edric. Voltando a montar em Fogo na Neve, Roran seguiu para a vanguarda da coluna de duzentos e cinqüenta homens. Sua missão era simples. Desde que Nasuada e o rei Orrin retiraram o grosso das suas tropas de Surda, parecia que Galbatorix havia decidido tirar vantagem da sua ausência e devastar toda a região indefesa, saqueando cidadezinhas e povoados e incendiando lavouras necessárias para sustentar a invasão do Império. A maneira mais fácil de exterminar os soldados teria sido Saphira voar até lá e destroçar todos eles; mas, a menos que estivesse voando na direção de Eragon, todos concordaram que seria perigoso demais para os Varden ficar sem ela por tanto tempo. Por isso, Nasuada mandara a companhia de Edric repelir os soldados, cujos números seus espiões haviam estimado em torno de trezentos. No entanto, dois dias atrás, Roran e os demais guerreiros tinham ficado consternados quando depararam com rastros indicativos de que o tamanho da força de Galbatorix estaria mais perto dos setecentos.

Roran reteve Fogo na Neve ao lado de Carn e de sua égua sarapintada e cocou o queixo enquanto estudava a configuração do terreno. Diante deles havia uma vasta extensão de campina ondulante, salpicada com um ou outro capão de salgueiros e choupos. Falcões caçavam lá em cima, enquanto aqui embaixo a campina estava cheia dos guinchos de camundongos, coelhos, roedores entocados e outros animais silvestres. A única prova de que homens haviam um dia visitado o lugar era a faixa de vegetação pisoteada que seguia para o horizonte a leste, indicando o percurso dos soldados.

Carn mirou o sol a pino, a pele enrugada em torno das pálpebras caídas quando ele as contraiu.

— Devemos alcançá-los antes que nossas sombras estejam mais compridas do que nossa altura.

— E então vamos descobrir se nossa tropa é suficiente para expulsá-los

— resmungou Roran — ou se simplesmente vão nos massacrar. Pelo menos, desta vez, eu gostaria que estivéssemos em maior número que nossos inimigos.

Um sorriso cruel surgiu no rosto de Carn.

— E sempre assim com os Varden — disse ele.

— Em forma! — gritou Edric, e esporeou o cavalo pela trilha pisoteada no capim. Roran calou-se e tocou os flancos de Fogo na Neve com os calcanhares enquanto a companhia seguia seu comandante.

Seis horas mais tarde, Roran estava sentado em Fogo na Neve, escondido por trás de um aglomerado de faias, que cresciam ao longo de um riacho pequeno e plano, repleto de juncos e fiapos de algas flutuantes. Através da rede de galhos diante dos seus olhos, contemplava um povoado cinzento de não mais de vinte casas decrépitas. Com uma fúria crescente, havia observado que os aldeões, quando avistaram os soldados que vinham avançando do oeste, reuniram algumas trouxas de pertences e fugiram para o sul, em direção ao centro de Surda. Se coubesse a ele decidir, teria revelado sua presença aos aldeões e lhes garantido que não estavam prestes a perder a casa — não se ele e seus companheiros conseguissem impedir, pois se lembrava muito bem da dor do desespero e da sensação de desalento que a fuga de Carvahall lhe havia causado. E ele lhes teria poupado essa aflição se fosse possível. Além disso, pediria aos homens do povoado que lutassem ao seu lado. Mais dez ou vinte pares de braços poderiam representar a diferença entre a vitória e a derrota; e Roran conhecia melhor do que a maioria o ardor com que as pessoas lutariam para defender seu lar. Edric porém, rejeitou a idéia e insistiu que os Varden permanecessem escondidos nos montes a sudeste do povoado.

— É uma sorte para nós que estejam a pé — murmurou Carn, indicando a coluna vermelha de soldados marchando em direção ao povoado.

— Não teríamos conseguido chegar aqui antes deles, se não fosse assim. Roran olhou de relance para os homens reunidos atrás dele. Edric havia lhe outorgado o comando provisório de oitenta e um guerreiros. Eram principalmente espadachins e lanceiros, com uma meia dúzia de arqueiros. Um dos parentes de Edric, Sand, comandava outros oitenta e um homens da companhia, enquanto Edric chefiava os demais. Os três grupos estavam apinhados uns contra os outros entre as faias, o que Roran considerava um erro. O tempo necessário para se reorganizarem assim que saíssem do bosque seria um tempo a mais de que os soldados disporiam para reunir suas defesas.

— Não vejo nenhum deles sem mãos ou pernas, ou com outros ferimentos importantes — observou Roran, inclinando-se para Carn. — Mas isso não prova nada de bom ou de ruim. Você consegue dizer se algum deles pertence aos homens que não sentem dor?

— Quem dera eu conseguisse — lamentou Carn, com um suspiro. —

talvez seu primo fosse capaz disso, porque Murtagh e Galbatorix são os únicos feiticeiros que Eragon precisa temer. Mas, como sou um mágico fraco, não ouso testar os soldados. Se houver mágicos disfarçados na tropa, eles tomariam conhecimento da minha espionagem; e seria muito provável que eu não conseguisse violar suas mentes antes que alertassem os companheiros para nossa presença aqui.

— Parece que temos essa conversa todas as vezes em que estamos na iminência do combate — comentou Roran, examinando os armamentos dos soldados e tentando decidir a melhor forma de distribuir seus homens.

— É isso mesmo — disse Carn, com uma risada. — Só espero que continuemos a ter essa conversa, porque se não a tivermos. .

— Um de nós terá morrido, ou nós dois. .

— Ou Nasuada nos terá designado para comandantes diferentes. .

— E nesse caso é o mesmo que termos morrido, porque mais ninguém vai proteger tão bem nossas costas — concluiu Roran. Um sorriso passou de leve pelos seus lábios. Era uma velha brincadeira entre eles. Roran sacou então o martelo do cinto e se encolheu quando sentiu a fisgada na perna direita no lugar em que o boi lhe havia rasgado a carne com o chifre. Com a expressão preocupada, estendeu a mão e massageou o local do ferimento.

Carn viu e quis saber o que era.

— Tudo bem com você?

— Não vou morrer disso — respondeu Roran, e então repensou suas

palavras. — Bem, pode até ser que eu morra, mas será como uma maldição eu ficar aqui esperando, enquanto você parte para despedaçar aqueles idiotas arrogantes.

Quando os soldados chegaram ao povoado, passaram marchando direto de um lado ao outro, parando apenas para destruir a porta de cada casa e verificar os cômodos para ver se alguém estava escondido ali dentro. Um cachorro saiu correndo detrás de um barril de água de chuva, com o pêlo eriçado ao longo da espinha, e começou a latir para os soldados. Um deles deu um passo à frente e atirou a lança no cachorro, matando-o.

Quando os primeiros soldados chegaram à outra extremidade do povoado, Roran apertou a mão em torno do cabo do martelo preparando-se para a investida, mas, nesse momento, ouviu uma série de gritos agudos e foi dominado por uma sensação de pavor. Um grupo de soldados saiu da penúltima casa, arrastando três pessoas que se debatiam: um homem magricela de cabeça branca, uma mulher jovem de blusa rasgada e um garoto que não podia ter mais de onze anos.

O suor brotou da testa de Roran. Num tom baixo, vagaroso e monótono, ele amaldiçoou os três prisioneiros por não terem fugido com os vizinhos, amaldiçoou os soldados pelo que haviam feito e ainda poderiam fazer, amaldiçoou Galbatorix e o capricho do destino que tinha resultado na situação que se apresentava. Tinha consciência de que seus homens, atrás dele, se remexiam e resmungavam com raiva, loucos para punir os soldados pela brutalidade.

Depois de revirar todas as casas, a massa de soldados refez seus passos até o centro do povoado e ali formou um semicírculo em torno dos prisioneiros.

Isso!, disse Roran para si quando os soldados voltaram as costas para os Varden. O plano de Edric era esperar que fizessem exatamente isso. Na expectativa da ordem de avançar, Roran

ergueu-se alguns centímetros na sela, com o corpo inteiro tenso. Tentou engolir, mas sua garganta estava seca demais.

O oficial encarregado dos soldados, o único entre eles a cavalo, desmontou e trocou algumas palavras inaudíveis com o aldeão de cabelos brancos. Sem aviso, o oficial sacou o sabre e decapitou o homem, dando um salto para trás para evitar os respingos de sangue que resultaram do golpe. A jovem gritou ainda mais do que antes.

— Atacar! — ordenou Edric.

Roran levou meio segundo para compreender que a palavra proferida por Edric com tanta calma era o comando que estava aguardando.

— Atacar! — gritou Sand, do outro lado de Edric, saindo a galope do bosque de faias, com seus homens.

— Atacar! — gritou Roran, fincando os calcanhares em Fogo na Neve. Escondeu-se por trás do escudo, enquanto o cavalo o carregava pelo emaranhado de galhos, e depois abaixou a proteção, quando estavam a céu aberto, voando morro abaixo, com o tropel ensurdecedor à sua volta. Desesperado para salvar a mulher e o menino, Roran instigou Fogo na Neve ao limite da sua velocidade. Ao olhar para trás, ficou animado por ver que seu contingente tinha se separado dos outros Varden sem maiores problemas. A não ser por alguns retardatários, a maioria estava num grupo coeso nem dez metros atrás dele.

Roran avistou Carn cavalgando na vanguarda dos homens de Edric, com a capa cinzenta panejando ao vento. Mais uma vez, desejou que o capitão tivesse permitido que os dois permanecessem no mesmo grupo.

Conforme suas ordens, Roran não entrou no povoado direto, mas desviou, sim, para a esquerda e circundou as construções para conseguir atacar os soldados, pelos flancos da tropa, vindo de outra direção. Sand agiu do mesmo modo para a direita, ao passo que Edric e seus guerreiros entraram direto no povoado.

Uma fileira de casas ocultou o confronto inicial dos olhos de Roran, mas ele ouviu um coro de gritos nervosos, seguido de uma série de estranhos zunidos metálicos e então os berros de homens e cavalos.

A preocupação provocou nós nas entranhas de Roran. *Que barulho era aquele? Poderiam ser arcos de metal?* Existe esse tipo de coisa? Independentemente da causa, sabia que não deveria ter havido tantos cavalos dando gritos de agonia. Os membros de Roran se enregelaram quando percebeu com total certeza que o ataque de alguma forma tinha dado errado e que talvez a batalha já estivesse perdida.

Quando passaram pela última casa, puxou forte as rédeas de Fogo na Neve, guiando-o para o centro do povoado. Atrás dele, seus homens fizeram o mesmo. Uns duzentos metros à sua frente, Roran avistou unia linha tripla de soldados posicionados entre duas casas, de um modo

que impedia a passagem dos Varden. Os soldados não demonstravam medo dos cavalos que corriam em sua direção.

Roran hesitou. Suas ordens eram claras: ele e seus comandados deveriam atacar o flanco ocidental e abrir caminho através das tropas de Galbatorix até que voltassem a se juntar a Sand e Edric. No entanto, Edric não tinha dito a Roran o que deveria fazer se cavalgar direto contra os soldados já não parecesse ser uma boa idéia quando ele e seus homens estivessem posicionados. K Roran sabia que, caso se desviasse das ordens, mesmo para impedir que seus homens fossem massacrados, seria considerado culpado de insubordinação, e Edric poderia puni-lo por essa transgressão. Então, os soldados afastaram de lado as capas volumosas e ergueram à

altura dos ombros bestas prontas para disparar.

Nesse instante, Roran decidiu que faria o que fosse necessário para garantir que os Varden vencessem a batalha. Não deixaria que os soldados destruíssem sua tropa com uma única saraivada de flechas só por querer evitar as conseqüências desagradáveis de desafiar seu comandante.

Procurem abrigo! gritou Roran, puxando a cabeça de Fogo na Neve para a direita e forçando o animal a dar uma guinada para trás de uma casa. Um segundo depois, cerca de doze quadrelos cravaram-se na lateral da construção. Virando-se, Roran constatou que, com exceção de apenas um, todos os seus guerreiros haviam conseguido se esconder por trás de casas próximas antes que os soldados atirassem. O homem que não tinha sido ágil o suficiente jazia sangrando na terra batida, com dois quadrelos fincados em seu peito. Os projéteis perfuraram sua cota de malha como se fosse um tecido qualquer. Assustado com o cheiro de sangue, seu cavalo escoiceou e fugiu do povoado, deixando uma nuvem de poeira que se levantou à sua passagem. Roran estendeu a mão e se agarrou a uma viga no lado da casa, mantendo Fogo na Neve parado enquanto tentava em desespero calcular uma forma de prosseguir. Os soldados tinham conseguido encurralar a ele e seus homens. Não poderiam sair de onde estavam sem que fossem alvo de tantos quadrelos que ficariam com a aparência de porcos-espinhos.

Um grupo de guerreiros seus aproximou-se de Roran, vindo de uma construção que a própria casa em que se escondiam ocultava da mira dos soldados.

— O que devemos fazer, Martelo Forte? — perguntaram-lhe. Não pareciam estar perturbados pelo fato de ele ter desobedecido às ordens. Pelo contrário, encaravam-no com ar de confiança renovada.

Pensando com a rapidez possível, Roran olhou ao redor. Por acaso, seus olhos deram com o arco e a aljava presos atrás da sela de um dos homens. Roran sorriu. Somente alguns guerreiros lutavam como arqueiros, mas todos carregavam arco e flechas para caçar e ajudar a alimentar a companhia quando estavam isolados na mata, sem apoio dos outros Varden. Roran indicou a casa na qual estava encostado.

— Peguem os arcos e subam no telhado, tantos de vocês quanto couber; mas, se valorizam as próprias vidas, mantenham-se escondidos até eu dar ordem contrária. Quando eu ordenar, comecem a atirar e continuem até

que suas flechas tenham acabado ou até que tenham matado o último soldado. Entenderam?

— Sim, senhor!

— Andem, então! Os outros, tratem de encontrar casas de onde possam atingir os soldados. Harald, transmita as ordens para todos os demais. Procure também dez dos melhores lanceiros e dez dos melhores espadachins e os traga para cá o mais rápido que puder.

— Sim, senhor!

Com presteza, os guerreiros se apressaram a obedecer. Os que estavam mais perto de Roran tiraram os arcos e aljavas das selas e então, em pé sobre o dorso dos cavalos, içaram-se para o telhado de colmo da casa. Quatro minutos depois, a maioria dos comandados de Roran estava posicionada no telhado de sete casas diferentes — com cerca de oito homens por telhado — e Harald havia voltado trazendo os espadachins e lanceiros solicitados.

— Muito bem, agora prestem atenção. — Roran orientou seus guerreiros reunidos. — Quando eu der a ordem, os homens ali em cima começarão a atirar. Assim que a primeira saraivada de flechas atingir os soldados, vamos sair para tentar salvar o capitão Edric. Se não conseguirmos, teremos de nos contentar em fazer os túnicas-vermelhas provar o gosto do velho e frio aço. Nossos arqueiros devem gerar confusão suficiente para que cheguemos aos soldados antes que consigam usar as bestas. Entenderam?

— Sim, senhor!

— Então, fogo!

Com berros a plenos pulmões, os homens posicionados nas casas se ergueram acima da cumeeira dos telhados e, como se fossem apenas um, dispararam flechas contra os soldados lá adiante. A saraivada seguiu zunindo como picanços sedentos de sangue em mergulho para pegar sua presa. Daí a um instante, quando soldados começaram a uivar com a agonia dos ferimentos, Roran ordenou "Avançar!" e fincou os calcanhares em Fogo na Neve.

Juntos, ele e seus homens rodearam a casa, fazendo uma curva tão fechada com as montarias que quase tombaram. Confiante na velocidade e na habilidade dos arqueiros para sua proteção, Roran se desviou dos soldados, que se debatiam, desbaratados, e chegou ao local da desastrosa investida de Edric. Ali, o chão estava escorregadio de tanto sangue, e os corpos de muitos homens aptos e bons cavalos entulhavam o espaço entre as casas. O restante do contingente de Edric estava engajado em combate mano a mano com os soldados. Para surpresa de Roran, Edric ainda estava vivo, cercado e lutando em companhia de cinco dos seus homens.

— Venham comigo! — bradou Roran para os companheiros quando entraram velozes no combate.

Atacando com os cascos, Fogo na Neve derrubou dois soldados no chão, quebrando-lhes o braço que brandia a espada e afundando a caixa torácica, Satisfeito com seu garanhão, Roran golpeava com o martelo para todos os lados, rosnando na alegria feroz da batalha, enquanto derrubava um soldado atrás do outro, sem que nenhum deles conseguisse resistir à violência da investida.

— A mim! — gritou ele, quando se aproximou de Edric e dos outros sobreviventes. — A mim! — Diante dele, flechas continuavam a se despejar sobre a massa dos soldados, forçando-os a se cobrirem com os escudos, enquanto, ao mesmo tempo, tentavam rechaçar as lanças e espadas dos Varden. Assim que ele e seus guerreiros tinham cercado os Varden que estavam a pé, Roran gritou: — Para trás! Para trás! Para as casas!

Passo a passo, todos recuaram até ficar fora do alcance das espadas dos soldados; e então deram meia-volta e correram para a casa mais próxima. Os soldados ainda atingiram e mataram três Varden no caminho, mas os demais chegaram à construção ilesos.

Edric se encostou na lateral da casa, tentando recuperar o fôlego. Quando finalmente estava em condições de falar, fez um gesto na direção dos homens de Roran.

— Sua intervenção é oportuníssima e bem-vinda, Martelo Forte, mas por que o vejo aqui e não cavalgando entre seus soldados, como eu esperava?

Roran então explicou o que tinha feito e indicou os arqueiros nos telhados.

Uma expressão de enorme desagrado surgiu na fronte de Edric enquanto ouvia o relato. Contudo, não puniu Roran pela desobediência, dando-lhe apenas uma ordem.

— Mande esses homens descerem imediatamente. Já conseguiram abalar a disciplina dos soldados. Agora precisamos confiar no trabalho honesto das espadas para nos livrarmos deles.

— Os que restam de nós são insuficientes para um ataque direto aos soldados! — protestou Roran. — Sua vantagem em relação a nós é de mais de três para um.

— Então, trataremos de compensar com bravura o que nos faltar em número! — berrou Edric. — Já me falaram da sua coragem, Martelo Forte, mas é evidente que houve um engano nos rumores, porque você é tímido como um coelho assustado. Agora faça o que eu disse e não volte a me questionar! — O capitão indicou um dos guerreiros de Roran. — Você aí, me empreste seu cavalo. — Depois que o homem desmontou, Edric se alçou para o alto da sela. — Metade dos que estão a cavalo, sigam-me! Vou dar reforço a Sand. Todos os demais, fiquem com Roran. — Batendo com os pés nos flancos do cavalo, Edric foi embora a galope, acompanhado dos homens que decidiram ir com ele, correndo de uma casa para outra enquanto procuravam um caminho para passar para o outro lado dos sol dados aglomerados no

centro do povoado.

Roran tremeu de raiva ao vê-los partir. Até aquele momento, nunca havia permitido que alguém questionasse sua coragem sem responder à crítica com palavras ou golpes. Enquanto a batalha continuasse, porém, não seria correto que enfrentasse Edric. *Muito bem*, pensou Roran, *vou mostrar para Edric a coragem que acha que me falta. Mas é só isso que terá de mim. Não vou despachar meus arqueiros para o confronto direto com os soldados quando estão em maior segurança e são mais eficazes onde estão.*

Roran se voltou e inspecionou os homens que Edric deixara com ele. Entre os que havia conseguido salvar, Roran ficou feliz em ver Carn, arranhado e sangrando, mas praticamente ileso. Os dois se cumprimentaram e então Roran dirigiu a palavra ao grupo.

— Vocês ouviram o que Edric disse. Eu discordo. Se fizermos o que ele quer, todos nós acabaremos empilhados num monte fúnebre antes do pôrdo-sol. Ainda podemos vencer esta batalha, mas não marchando direto para a morte! O que nos falta em número podemos compensar em astúcia. Vocês sabem como cheguei para me juntar aos Varden. Sabem que lutei contra o Império e o derrotei antes, e num povoado exatamente igual a este! Isso eu posso fazer, juro para vocês. Mas não posso fazer sozinho. Vocês querem vir comigo? Pensem bem. Vou assumir a responsabilidade por desprezar as ordens de Edric, mas ele e Nasuada podem ainda punir todos os que estiverem envolvidos.

— E nesse caso seriam uns tolos — resmungou Carn. — Será que prefeririam que morrêssemos aqui? Não. Creio que não. Pode contar comigo, Roran.

Quando Carn fez essa declaração, Roran percebeu que os outros homens endireitavam os ombros, retesavam os maxilares e como seus olhos ardiam com uma determinação renovada. Com isso, soube que haviam decidido arriscar a sorte com ele, mesmo que tivesse sido simplesmente por não quererem se separar do único mágico da companhia. Eram muitos os guerreiros dos Varden que deviam a vida a um membro da Du Vrangr Gata, e os guerreiros que Roran tinha conhecido prefeririam cravar uma espada num pé a combater sem um feiticeiro por perto.

— É — disse Harald. — Pode contar também conosco, Martelo Forte.

— Então, venham comigo! — chamou Roran. Alcançando Carn, içouo para o dorso de Fogo na Neve, na sua garupa, e se apressou a dar a volta pelo povoado para chegar aonde os arqueiros continuavam a disparar flechas sobre os soldados. Enquanto Roran e seus comandados corriam de uma casa para outra, quadrelos passavam zunindo por eles, parecendo gigantescos insetos raivosos, e um chegou a se enterrar até a metade no escudo de Harald. Assim que se encontraram protegidos e em segurança, Roran fez com que os homens que ainda estavam montados cedessem arcos e flechas para os que estavam a pé, os quais mandou para o alto das casas para se juntarem aos outros arqueiros. Enquanto os homens se apressavam a obedecer, Roran acenou para Carn, que havia saltado de Fogo na Neve no instante em que pararam.

— Carn, preciso de um encantamento seu. Você tem como proteger daquelas flechas a mim e mais dez?

— Por quanto tempo? — perguntou Carn, hesitante.

— Um minuto? Uma hora? Quem vai saber?

— Gerar um escudo em torno de tanta gente por mais do que um punhado de flechas logo excederia os limites da minha capacidade.. Mas, se você não se importar de eu parar as flechas na trajetória, eu poderia desviá-las de vocês, o que..

— Isso já serve.

— Exatamente quem você quer que eu proteja?

Roran indicou os homens que tinha escolhido para vir junto com ele, e Carn perguntou o nome de cada um. Em pé, com os ombros encurvados para dentro, o feiticeiro começou a murmurar na língua antiga, com o rosto pálido e tenso. Três vezes tentou lançar o encantamento; e três vezes não conseguiu.

— Desculpem — disse ele, soltando uma respiração trêmula. — Parece que não consigo me concentrar.

— Droga! Não peça desculpas — rosnou Roran. — Só faça o que tem

de fazer! — Descendo de Fogo na Neve de um salto, segurou Carn pelos dois lados da cabeça, mantendo-o firmo no lugar. — Olhe para mim! Olhe para o centro dos meus olhos. Isso! Não pare de olhar para mim. . Ótimo. Agora ponha a proteção em torno de nós.

As feições de Carn se desanuviaram e seus ombros relaxaram. Então, com confiança na voz, recitou o encantamento. Enquanto pronunciava a última palavra, pareceu desfalecer nas mãos de Roran, mas logo se recuperou.

— Pronto — avisou.

Roran afagou seu ombro e subiu novamente na sela do seu garanhão.

— Protejam meus flancos e minhas costas, mas, em qualquer outro momento, mantenham-se atrás de mim o tempo suficiente para eu brandir meu martelo.

— Sim, senhor!

— Lembrem-se, as flechas não têm como feri-los agora. Carn, fique aqui. Não se mexa muito. Poupe suas forças. Se tiver a impressão de que n;io conseguirá mais manter o encantamento, dê um sinal para nós antes de encerrá-lo. Certo?

— Certo. — Carn sentou no degrau da soleira da casa e assentiu. Segurando de novo o escudo e o martelo, Roran respirou fundo, procurando se acalmar.

— Preparem-se! — bradou ele, e estalou a língua para Fogo na Neve. Com os dez cavaleiros atrás, Roran saiu pelo meio da rua de terra que seguia entre as casas para encarar a tropa de Galbatorix mais uma vez. Cerca de quinhentos soldados permaneciam no centro do povoado, em sua maioria agachados ou ajoelhados por trás dos escudos enquanto se esforçavam para recarregar as bestas. De vez em quando, um soldado se punha de pé e lançava uma flecha em direção a um dos arqueiros nos telhados, antes de recuar por trás do escudo quando uma revoada de flechas cortava o ar exatamente no lugar onde estivera instantes antes. Por toda parte na clareira coberta de corpos, o chão se mostrava crivado de flechas, como folhas de junco brotando do solo ensangüentado. A poucas centenas de metros dali, do outro lado dos soldados, Roran podia ver um emaranhado de corpos que se debatiam, e supôs que era lá que Sand, Edric e o que restava das suas forças estavam combatendo os soldados. Se a mulher e o menino ainda estavam na clareira, ele não os percebeu.

Um quadrelo veio zunindo na direção de Roran. Quando estava a menos de um metro do seu tórax, o projétil mudou de direção abruptamente e se lançou para longe, num desvio imenso, não atingindo nem a ele nem a seus homens. Roran se encolheu, mas a flecha já havia passado. Sua garganta se contraiu, e seu coração ficou acelerado.

Relanceando ao redor, Roran avistou um carroção quebrado, encostado em uma casa mais à sua direita, e apontou para ele.

— Puxem aquele carroção para cá e o deitem de cabeça para baixo. Bloqueiem a rua o máximo que puderem. — Para os arqueiros, gritou: — Não deixem que os soldados cheguem sorrateiros e nos ataquem pelos francos!

Quando investirem contra nós, raleiem ao máximo as fileiras. E assim que tiverem esgotado as flechas, venham se juntar a nós.

— Sim, senhor!

— Tenham cuidado para não nos atingir por acaso, ou juro que volto para assombrar suas casas por todo o sempre!

— Sim, senhor!

Mais quadrelos voaram em direção a Roran e aos outros cavaleiros na rua, mas novamente as flechas resvalaram na proteção de Carn, desviando-se para uma parede ou para o chão, ou ainda desaparecendo no céu.

Roran observou seus homens arrastarem o carroção para a rua. Quando tinham quase terminado, ele levantou o queixo, encheu os pulmões e então, projetando a voz na direção dos soldados, vociferou:

— Ei, vocês, seus cães imundos, encolhidos de medo! Venham ver como somente onze de nós conseguimos impedir sua passagem. Se passarem por nós, conquistarão a liberdade. Venham se arriscar se tiverem coragem! O

quê? Estão hesitando? Onde está sua macheza, seus vermes deformados, seus porcos assassinos, doentes? Seus pais eram uns palermas babões, deviam ter sido afogados na hora em que nasceram! E, e suas mães eram umas rameiras bexiguentas, companheiras de Urgals! — Roran sorriu, satisfeito, quando alguns soldados uivaram com indignação e começaram a retribuir seus insultos. Um deles, porém, pareceu perder a disposição para continuar a lutar, porque ficou de pé de um salto e saiu correndo para o norte, cobrindo-se com o escudo e ziguezagueando veloz na tentativa desesperada de fugir dos arqueiros. Apesar dos seus esforços, os Varden conseguiram matá-lo a flechadas antes que tivesse percorrido cem metros. — Rá! — exclamou Roran. — Covardes é o que vocês são, do primeiro ao último, seus ratos repugnantes! Se servir para vocês endireitarem a espinha, saibam o seguinte: Roran Martelo Forte é meu nome, e Eragon Matador de Espectros é meu primo! Podem me matar, e aquele seu rei nojento há de recompensá-los com um título de conde ou mais. Mas terão de me matar com uma lâmina; suas bestas não servem para nada contra mim. Venham logo, suas lesmas, seus sanguessugas, seus carrapatos de sangue de barata! Venham e me derrotem se puderem!

Com uma rajada de gritos de guerra, um grupo de trinta soldados largou as bestas, sacou as espadas chamejantes e, segurando no alto os escudos, correu em direção a Roran e seus homens.

— Senhor — Roran ouviu Harald dizer por cima do seu ombro direito

—, eles estão em número muito maior que nós.

— E — disse Roran, mantendo os olhos fixos nos soldados que se aproximavam. Quatro deles tropeçaram e ficaram imóveis no chão, perfurados por uma quantidade de flechas.

— Se todos nos atacarem ao mesmo tempo, não teremos nenhuma chance.

— E verdade, mas não vão atacar. Olhem, estão confusos e desorganizados. O comandante deve ter morrido. Desde que mantenhamos a ordem, eles não conseguirão nos superar.

— Mas, Martelo Forte, sozinhos, não temos como matar tantos homens.

Roran olhou de relance para Harald ali atrás.

— E claro que temos! Nós lutamos para proteger nossas famílias e para recuperar nossas casas e nossas terras. Eles lutam porque Galbatorix os força a isso. Não têm o entusiasmo necessário para essa batalha. Portanto, pensem nas suas famílias, pensem nas suas casas, e lembrem-se de que é isso o que estão defendendo. Um homem que luta por alguma coisa maior do que ele pode matar cem inimigos com facilidade! — Enquanto falava, Roran viu mentalmente uma imagem de Katrina, no vestido azul do casamento, sentiu o cheiro da sua pele e ouviu os tons contidos da sua voz nas conversas que tiveram tarde da noite.

Katrina.

E então os soldados já estavam ali, e por um tempo Roran não ouviu nada a não ser o baque das espadas rechaçadas por seu escudo, o ruído metálico do martelo que batia nos elmos dos soldados e seus gritos enquanto caíam debaixo dos seus golpes. Os soldados se jogaram contra ele com uma força desesperada, mas não estavam à sua altura ou à. de seus homens. Quando derrubou o último dos soldados atacantes, Roran caiu na risada, satisfeitíssimo. Que alegria esmagar quem pretendia prejudicar sua mulher e seu filho por nascer!

Ficou feliz de ver que nenhum dos seus guerreiros fora ferido com gravidade. Também percebeu que, durante a refrega, alguns dos arqueiros haviam descido dos telhados para lutar a cavalo ao seu lado.

— Bem-vindos ao combate! — disse ele, sorrindo para os recémchegados.

— Boas-vindas de fato acolhedoras! — retrucou um deles.

Roran indicou o lado direito da rua com seu martelo coalhado de sangue.

— Você, você e você, empilhem os corpos logo ali. Façam com eles e com o carroção um funil, para que somente dois ou três soldados consigam chegar a nós de cada vez.

— Sim, senhor! — responderam os guerreiros, apeando com agilidade. Um quadrelo veio zunindo na direção de Roran. Ele não fez caso da flecha e concentrou a atenção no corpo principal de soldados, de onde um grupo de talvez cem indivíduos estava se reunindo para uma segunda investida.

— Depressa! — gritou Roran para os homens que estavam mudando

os corpos de lugar. — Eles estão quase chegando. Harald, vá ajudar. Roran molhou os lábios, nervoso, assistindo ao trabalho braçal dos seus homens enquanto os soldados avançavam. Para seu alívio, os quatro Varden arrastaram o último corpo para o lugar e voltaram correndo para suas montarias momentos antes que outro grupo de soldados chegasse.

As casas de cada lado da rua, assim como o carroção virado e a medonha barricada de restos humanos, retardavam e comprimiam o fluxo de soldados, tanto que chegavam a quase parar quando alcançavam Roran. Estavam tão apinhados que não conseguiam escapar das flechas atiradas sobre eles.

As duas primeiras fileiras de soldados portavam lanças, com as quais ameaçavam Roran e os outros Varden. Roran se defendeu de três investidas separadas, praguejando o tempo todo enquanto se dava conta de que, com seu martelo, não conseguia dar nenhum golpe além das lanças. Então, um soldado feriu Fogo na Neve na espádua, e Roran se debruçou para a frente para evitar ser jogado quando o garanhão guinchou e se empinou.

Quando Fogo na Neve pisou de novo nas quatro patas, Roran saiu deslizando da sela,

mantendo o garanhão entre si mesmo e a cerca de soldados lanceiros. Fogo na Neve refugou quando outra lança penetrou seu couro. Antes que os soldados pudessem feri-lo de novo, Roran puxou-o pelas rédeas e o forçou a andar de ré até que houvesse espaço suficiente entre os outros cavalos para que desse a volta.

— Já! — gritou ele, dando um tapa no traseiro de Fogo na Neve, para que saísse a galope do povoado. — Abram caminho! — berrou Roran, acenando para os Varden. Eles abriram uma passagem entre suas montarias, e ele saltou de novo para a frente de combate, enfiando o martelo no cinto. Um soldado tentou cravar uma lança no peito de Roran, que bloqueou o golpe com o pulso, ferindo-se na haste de madeira dura e depois arrancando a lança das mãos do soldado. O homem caiu de cara no chão. Girando a arma, Roran atingiu o agressor e então avançou para ferir mais dois soldados. Sua postura era aberta, com os pés plantados com firmeza no solo fértil onde um dia teria tentado plantar uma lavoura, e ele agitava a lança contra seus inimigos aos gritos.

— Venham, seus malditos desnaturados! Venham me matar se puderem! Sou Roran Martelo Forte, e não existe homem vivo que eu tema!

Os soldados avançavam arrastando os pés, três homens pisando sobre os corpos dos antigos companheiros para trocar golpes com Roran. Saindo para um lado como num passo de dança, Roran fincou sua lança no queixo do soldado mais à direita, destroçando seus dentes. Um filete de sangue acompanhou a lâmina da lança quando Roran a retirou e abaixando-se sobre um joelho, perfurou o soldado do meio através de uma axila.

Um impacto abalou o ombro de Roran. Seu escudo pareceu dobrar de peso. Levantando-se, viu uma lança cravada nas tábuas de carvalho do seu escudo; e o soldado que restava do trio vinha investindo contra ele com a espada em riste. Roran ergueu a lança acima da cabeça, como se estivesse prestes a atirá-la e, quando o soldado hesitou, deu-lhe um chute no meio das pernas. Despachou, então, o homem com apenas um golpe. Durante a trégua momentânea que se seguiu no combate, Roran soltou o braço do escudo inutilizado e o jogou, junto com a lança que o perfurava, diante dos pés dos inimigos, esperando emaranhar suas pernas.

Mais soldados avançaram arrastando os pés, intimidando-se perante o sorriso cruel e a lança penetrante de Roran. Um monte fúnebre foi crescendo diante dele. Quando atingiu a altura da sua cintura, Roran saltou para o topo da banqueta encharcada de sangue e lá permaneceu porque, apesar do apoio escorregadio, a altura lhe era vantajosa. Como os soldados eram forçados a escalar uma rampa de cadáveres para chegar a ele, Roran conseguia matar muitos quando tropeçavam num braço, numa perna, quando pisavam no pescoço mole de um dos predecessores ou quando escorregavam num escudo inclinado.

Do alto, Roran pôde ver que os soldados que restavam haviam decidido se juntar ao ataque, fora cerca de vinte do outro lado do povoado que ainda estavam lutando contra os guerreiros de Sand e de Edric. Ele se deu conta de que não teria mais descanso até que a batalha terminasse.

Roran recebeu grande quantidade de ferimentos ao longo daquele dia. Muitos eram de pouca importância — um corte na parte interna do antebraço, um dedo quebrado, um arranhão nas costelas onde uma adaga tinha rompido sua cota de malha —, mas outros, não. De onde estava caído sobre a pilha de corpos, um soldado cortou Roran no músculo da panturrilha direita, prejudicando seus movimentos. Pouco depois, um homem troncudo, que cheirava a cebola e queijo, caiu se apoiando em Roran e, com seu último alento, enfiou a flecha de sua besta em seu ombro esquerdo, o que daí em diante o impediu de levantar o braço acima da cabeça. Roran deixou a flecha fincada na carne, pois sabia que poderia sangrar até a morte se a arrancasse. A dor passou a ser sua sensação mais nítida. Cada movimento lhe causava uma agonia renovada; mas ficar imóvel equivaleria a morrer, e assim continuou a distribuir golpes mortais, sem fazer caso dos ferimentos e do cansaço. Às vezes, Roran tinha consciência dos Varden logo atrás ou ao seu lado, como, por exemplo, quando projetavam uma lança que passava por ele, ou quando a lâmina de uma espada surgia veloz ao lado do seu ombro para abater um soldado que estava prestes a lhe esmagar o crânio. Contudo, na maior parte do tempo, Roran enfrentava os soldados sozinho, por causa da pilha de corpos e do espaço apertado entre o carroção virado e as laterais das casas. Lá no alto, os arqueiros que ainda dispunham de munição mantinham sua barragem letal, com suas flechas com penas de ganso cinza penetrando em ossos e tendões indiscriminadamente.

Mais tarde na batalha, Roran atirou uma lança num soldado; e, quando a ponta atingiu a armadura do homem, a haste rachou e se partiu ao comprido. O fato de ainda estar vivo pareceu apanhar o soldado de surpresa, pois ele hesitou antes da brandir a espada para revidar. Esse atraso imprudente permitiu que Roran mergulhasse por baixo do aço que zunia e apanhasse do chão outra lança, com a qual matou o soldado. Para sua aflição e revolta, a segunda lança durou menos de um minuto até que também se estilhaçou nas suas mãos. Jogando as lascas sobre os soldados, Roran pegou um escudo de um morto e sacou o martelo do cinto. Seu martelo, pelo menos, nunca o deixara na mão.

A exaustão provou ser o maior adversário de Roran à medida que os últimos soldados iam se aproximando, cada homem esperando sua vez de duelar com ele. Os braços de Roran pareciam pesados e sem vida, sua visão tremia, e ele parecia estar sem ar. Mesmo assim, de algum modo, sempre conseguia reunir a energia necessária para derrotar o próximo oponente. Como seus reflexos estavam mais lentos, os soldados conseguiram lhe impor muitos cortes e contusões que mais cedo teria evitado com facilidade. Quando surgiram lacunas entre os soldados, e Roran pôde ver depois deles o espaço aberto, ele soube que sua terrível provação estava quase chegando ao fim. Não ofereceu misericórdia aos doze últimos, nem eles lhe fizeram esse pedido, muito embora não pudessem ter esperança de conseguir passar por Roran assim como pelos Varden logo adiante. Também não tentaram fugir. Pelo contrário, vieram correndo contra ele, rosnando, praguejando, com o único desejo de matar o homem que havia derrubado tantos dos seus companheiros, antes que igualmente passassem para o nada. De certo modo, Roran admirou sua bravura.

Flechas crivaram o peito de quatro dos homens, derrubando-os. Uma lança atirada de algum ponto por trás de Roran atingiu um quinto homem na clavícula, e ele também tombou num leito de cadáveres. Mais duas lanças fizeram suas vítimas, e então os homens chegaram a Roran. O

soldado da vanguarda tentou atingi-lo com uma archa. Apesar de sentir a ponta da flecha da besta arranhando seu osso, Roran levantou o braço esquerdo e bloqueou o machado com o escudo. Uivando de dor e raiva, somadas a um desejo avassalador de que a batalha terminasse, Roran girou de repente seu martelo e matou o soldado com um golpe na cabeça. Sem parar, pulou para a frente com a perna boa e atingiu o soldado seguinte duas vezes no peito, fraturando suas costelas antes que ele pudesse se defender. O terceiro homem se defendeu de dois ataques, mas depois Roran o enganou com uma finta e também o matou. Os dois últimos soldados convergiram contra Roran, cada um de um lado, procurando acertar seus tornozelos enquanto subiam ao topo do monte de corpos. Sem forças, Roran lutou contra eles por um tempo prolongado e cansativo, tanto ferindo como sendo ferido, até que por fim matou um homem afundando-lhe o elmo, e o outro, quebrando seu pescoço com um golpe preciso.

Roran se apoiou no martelo e examinou o campo de batalha. Pela primeira vez, avaliava a que altura o monte de corpos tinha crescido. Ele e os companheiros estavam no mínimo a seis metros do chão, o que era quase no mesmo nível do alto do telhado das casas de cada lado. Roran constatou que a maioria dos soldados morrera de flechadas, mas, mesmo assim, sabia que havia abatido um grande número sozinho.

— Quan. . quantos? — perguntou a Harald.

O guerreiro banhado em sangue abanou a cabeça.

— Perdi a conta depois de trinta e dois. Pode ser que outro de nós possa dizer. O que você fez, Martelo Forte.. Nunca vi um feito desses, não por parte de alguém de capacidade humana. O dragão Saphira escolheu bem. Os homens da sua família são lutadores incomparáveis. Não existe mortal que tenha sua bravura, Martelo Forte. Não importa quantos você tenha matado aqui hoje, eu. .

— Foram cento e noventa e três! gritou Carn, subindo na direção deles.

— Você tem certeza? — perguntou Roran, sem acreditar. Carn fez que sim, quando chegou onde eles estavam.

— Tenho! Fiquei olhando e contei com atenção. Foram cento e noventa e três. Cento e noventa e quatro se contarmos o homem que você

feriu na barriga antes que os arqueiros terminassem com ele.

A soma deixou Roran impressionado. Não suspeitara que o total fosse tão alto. Uma risada rouca lhe escapou.

— Pena que não haja mais nenhum deles. Mais sete e eu teria conseguido duzentos redondo.

Os outros homens riram também.

Com o rosto magro enrugado de preocupação, Carn estendeu a mão para a flecha fincada no ombro esquerdo de Roran.

— Ei, deixe-me cuidar dos seus ferimentos.

— Não! — disse Roran, afastando-o. — Pode haver outros com ferimentos mais graves que os meus. Cuide deles primeiro!

— Roran, alguns desses cortes poderão acabar sendo fatais a menos que eu estanque a hemorragia. Não vai demorar um...

— Estou bem — rosnou ele. — Me deixe em paz.

— Roran, apenas olhe para si mesmo! Roran olhou e desviou o olhar.

— Mas que seja rápido. — Roran fitou o céu desinteressante, com a cabeça vazia de pensamentos enquanto Carn arrancava a flecha do seu ombro e murmurava vários encantamentos. Em cada ponto em que a magia fazia efeito, Roran sentia sua pele comichar e formigar, sensações seguidas de uma abençoada anestesia. Quando Carn terminou, Roran ainda sentia dor, mas não tão forte, e sua cabeça estava mais desanuviada do que antes.

A cura deixou Carn pálido e trêmulo. Ele se apoiou nos próprios joelhos até os tremores passarem.

— Vou. . — Ele parou para recuperar fôlego. — Vou agora ajudar os outros feridos. — Endireitou-se e começou a descer do monte de corpos, guinando de um lado para outro como se estivesse bêbado.

Preocupado, Roran observou-o enquanto o feiticeiro caminhava. Depois, ocorreu-lhe saber qual teria sido o destino do restante da expedição. Olhou para o outro lado do povoado sem ver nada a não ser corpos espalhados, alguns trajados no vermelho do Império, outros, na lã marrom preferida pelos Varden.

— E Edric e Sand? — perguntou ele a Harald.

— Desculpe, Martelo Forte, mas não vi nada além do alcance da minha espada.

— E Edric e Sand? — gritou ele para os poucos homens que ainda estavam em pé no telhado das casas.

— Não sabemos, Martelo Forte! — responderam.

Apoiando-se no martelo, Roran desceu aos poucos a ladeira de corpos tombados e, com Harald e mais três ao lado, atravessou a clareira no centro do povoado, executando cada soldado que encontravam ainda com vida. Quando chegaram ao ponto em que o número de Varden caídos ultrapassava o de soldados mortos, Harald bateu com a espada no escudo e deu

um grito.

— Será que resta alguém vivo?

Daí a um instante, uma voz voltou para eles do meio das casas.

— Identifique-se!

— Harald, Roran Martelo Forte e outros dos Varden. Se você serve ao Império, entregue-se, pois seus companheiros morreram e você não tem como nos derrotar.

De algum ponto no meio das casas, veio o estrondo de metal caindo, e então, isoladamente e aos pares, guerreiros dos Varden surgiram saindo do esconderijo e vieram mancando em direção à clareira, muitos deles amparando companheiros feridos. Pareciam atordoados, e alguns estavam tão manchados de sangue que Roran de início os confundiu com soldados capturados. Contou vinte e quatro homens. Entre o grupo final de retardatários estava Edric, amparando um homem que havia perdido o braço direito durante o combate.

Roran fez um gesto, e dois dos seus homens se apressaram a aliviar Edric desse encargo. O capitão se empertigou ao se livrar do peso. Com passos lentos, caminhou até Roran e o encarou direto nos olhos, com uma expressão impossível de interpretar. Nem ele nem Roran se mexeram, e Roran se deu conta de que a clareira estava num silêncio extraordinário. Edric foi o primeiro a falar.

— Quantos dos seus homens sobreviveram?

— A maioria. Não todos, mas a maioria.

Edric assentiu.

— E Carn?

— Está vivo. . E Sand?

— Um soldado o atingiu durante a investida. Morreu há apenas alguns minutos. — Edric olhou para além de Roran, na direção do monte de corpos.

— Você desafiou minhas ordens, Martelo Forte.

— Desafiei.

Edric lhe estendeu a mão aberta.

— Capitão, não! — exclamou Harald, dando um passo adiante. — Se

não fosse por Roran, nenhum de nós estaria aqui. E o senhor precisava ver o que ele fez. Só ele matou quase duzentos.

A súplica de Harald não causou nenhuma impressão em Edric, que continuou com a mão estendida. Roran também permaneceu impassível.

— Roran — Harald voltou-se para ele —, você sabe que os homens são seus. Basta dar a ordem e nós. .

— Não seja tolo — disse Roran, calando-o com um olhar furioso.

— Pelo menos, você não está totalmente desprovido de juízo —

observou Edric, com os lábios crispados. — Harald, feche a matraca a menos que queira conduzir os cavalos de carga todo o caminho de volta. Erguendo o martelo, Roran o entregou a Edric. Depois desafivelou o cinto, do qual pendiam sua espada e sua adaga, que também entregou a Edric.

— Não tenho outras armas — informou ele.

Edric anuiu, com ar severo, e jogou o cinto sobre um ombro.

— Roran Martelo Forte, neste momento eu o dispenso do comando. Dá-me sua palavra de honra de que não tentará fugir?

— Dou-lhe minha palavra de honra.

— Então, trate de ser útil no que for possível, mas em tudo o mais deverá se comportar como um prisioneiro. — Edric olhou ao redor e apontou para outro guerreiro. — Fuller, você assumirá a posição de Roran até

voltarmos ao grupo principal dos Varden, quando Nasuada decidirá o que será

feito a respeito desse assunto.

— Sim, senhor — disse Fuller.

Por algumas horas, Roran curvou-se junto com os outros guerreiros enquanto recolhiam seus mortos e os enterravam na periferia do povoado. Durante esse processo, Roran soube que somente nove dos seus oitenta e um guerreiros morreram na batalha, ao passo que, entre eles, Edric e Sand haviam perdido quase cento e cinqüenta homens; e Edric teria perdido mais, se não fosse pelo fato de que um punhado dos seus guerreiros havia permanecido com Roran depois do resgate.

Quando terminaram de enterrar suas baixas, os Varden recuperaram suas flechas. Construíram, então, uma pira no centro do povoado, retiraram o equipamento dos soldados e os arrastaram para cima da pilha de madeira, à

qual atearam fogo. Os corpos em incineração encheram o céu com uma coluna de fumaça negra

e gordurosa que subiu pelo que deu a impressão de ser quilômetros. Através dela, o sol parecia um disco plano e vermelho. A mulher e o menino que os soldados haviam capturado não foram encontrados em parte alguma. Como seus corpos não estavam entre os mortos, Roran supôs que os dois tivessem fugido do povoado quando o combate começou, o que, pensou ele, foi provavelmente a melhor coisa que poderiam ter feito. Desejou que tivessem sorte, aonde quer que tenham ido. Para agradável surpresa de Roran, Fogo na Neve voltou trotando para o povoado minutos antes que os Varden partissem. De início, o garanhão estava arredio e nervoso, não permitindo a aproximação de ninguém. Falando em voz baixa, porém, Roran conseguiu acalmá-lo o suficiente para limpar os ferimentos na espádua do animal e aplicar-lhe curativos. Como não seria prudente montar em Fogo na Neve enquanto ele não estivesse totalmente curado, Roran o amarrou à frente dos cavalos de carga, o que imediatamente desagradou ao garanhão, fazendo com que achatasse as orelhas para trás, agitasse a cauda e encrespasse os beiços para mostrar os dentes.

— Comporte-se! — repreendeu Roran, afagando-lhe o pescoço. Fogo

na Neve revirou um olho para ele e relinchou baixo, relaxando um pouco as orelhas.

Então Roran montou num capão que tinha pertencido a um dos Varden mortos e foi para seu lugar no final da fila de homens organizada entre as casas. Não fez caso dos muitos olhares dirigidos para ele, mas se sentiu encorajado quando diversos guerreiros murmuraram "Muito bem!". Enquanto esperava que Edric comandasse o avanço, Roran pensou em Nasuada, Katrina e Eragon, e uma nuvem de pavor toldou seus pensamentos ao se perguntar como reagiriam ao ter notícia do seu motim. Daí a um segundo, afastou suas preocupações. *Fiz o que era certo e necessário*, disse a si mesmo. *Não me arrependerei, não importam as conseqüências.*

— Avante! — gritou Edric, da vanguarda da procissão. Roran esporeou sua montaria num passo rápido, e como se fossem um, ele e os outros homens cavalgaram para o oeste, afastando-se do povoado, deixando que a pilha de soldados queimasse até se extinguir.

MENSAGEM NUM ESPELHO

sol da manhã banhava Saphira, proporcionando-lhe um agradável

calor.

Ela estava refestelada sobre uma prancha de pedra lisa alguns O metros acima da tenda vazia de Eragon. As atividades da noite, voar no perímetro para avaliar as posições do Império — como fazia sempre desde que Nasuada enviara Eragon para a grandemontanha-oca-rarthen-dûr —, a deixaram sonolenta. Os vôos eram necessários para esconder a ausência de Eragon, mas a rotina era dura, pois mesmo que a escuridão não a aterrorizasse, ela não era noturna por natureza e não gostava de ter de fazer algo com essa regularidade. Além disso, como os Varden eram demorados em sua locomoção, ela passava a maior parte do tempo sobrevoando a mesma paisagem todas as noites. A única diversão recente foi quando avistou Thorn-escamas-vermelhas-e-cérebro-minúsculo voando baixo a nordeste no horizonte, na manhã do dia anterior. Ele não se virou para enfrentá-la, preferindo seguir seu caminho em direção ao Império. Quando Saphira relatou o que vira, Nasuada, Arya e os elfos que a vigiavam reagiram como um bando de tolos assustados, gritando e berrando uns com os outros enquanto corriam de um lado para o outro. Inclusive, haviam insistido que Blödhgarm-do-pêlo-de-lobo-azul-escuro voasse com ela disfarçado de Eragon, o que, é claro, ela recusara. Permitir que o elfo colocasse um espectro-d'água-fantasma de Eragon em suas costas todas as vezes que ela decolava ou aterrissava entre os Varden era uma possibilidade, mas deixar que qualquer pessoa além do Cavaleiro a montasse, não. Só se a batalha fosse iminente, talvez nem assim.

Saphira bocejou e esticou sua perna dianteira, abrindo as garras de sua pata. Relaxando novamente, enrolou o rabo em torno do corpo e ajustou a posição de sua cabeça sobre as patas. Visões de cerros e outras presas pululavam em sua mente.

Não muito tempo depois, ela ouviu um barulho de pés. como se alguém estivesse correndo pelo acampamento em direção à tenda crisálida-deborboleta-vermelha-de-asas-dobradas de Nasuada. Saphira prestou pouca atenção ao som; mensageiros estavam sempre correndo para cima e para baixo.

Quando estava quase pegando no sono, Saphira ouviu outro corredor passando rápido. Então, depois de um breve intervalo, mais dois. Sem abrir os olhos, estendeu a ponta da língua e provou o ar. Não detectou nenhum odor diferente. Decidindo que o distúrbio não merecia ser investigado, ela vagou por sonhos onde mergulhava atrás de peixes em um frio lago verde. Gritos nervosos acordaram Saphira.

Ela não se agitou enquanto ouvia um grande número de bípedes-deorelhas-redondas discutindo uns com os outros. Estavam muito distantes para que distinguisse as palavras, mas, pelo tom das vozes, ela podia dizer que estavam suficientemente enraivecidos para matar. Disputas às vezes eclodiam entre os Varden, como acontece em qualquer grande rebanho, mas nunca antes ela ouvira tantos bípedes discutindo por tanto tempo e com tanta paixão.

A nuca de Saphira começou a latejar de modo desagradável quando os bípedes intensificaram a gritaria. Apertou as garras contra a pedra e, com estalos agudos, finas lâminas da rocha de quartzo se soltaram em volta das extremidades de suas garras.

Vou contar até trinta e três, pensou ela, *e se até lá ainda não tiverem parado, vai ser melhor que, seja lá o que os irritara, justifique perturbar o descanso de uma filha-do- vento!*

Quando Saphira atingiu o número vinte e sete na contagem, os bípedes ficaram em silêncio. *Finalmente!* Mudando para uma posição mais confortável, preparou-se para retomar o seu sono altamente-necessário.

Metais tilintaram, couros-plantas-panos se agitaram, capas-de-peles-egarras bateram com força no chão e o aroma inconfundível de Nasuadaguerreira-de-pele-escura foi sentido por Saphira. *O que será agora?,* imaginou ela, e por um breve instante considerou a possibilidade de rosnar para todos até que fugissem aterrorizados e a deixassem em paz.

Saphira abriu um único olho e avistou Nasuada e seus seis guardas disparando em direção aonde ela estava deitada. Abaixo da placa de pedra, Nasuada ordenou que seus guardas permanecessem atrás com Blödhgarm e os outros elfos — que disputavam espaço em uma pequena faixa de grama — e então ela própria escalou a pedra.

— Saudações, Saphira — cumprimentou-a Nasuada. Ela estava usando um vestido vermelho, e a cor parecia estranhamente forte em contraste com as folhas verdes da macieira atrás dela. Tênues raios de luz emanados das escamas de Saphira faziam pequenos pontos de sombra sobre seu rosto. Saphira piscou uma vez, sem a menor disposição para responder com palavras.

Após olhar ao redor, Nasuada deu um passo à frente, se aproximou da cabeça de Saphira e sussurrou:

— Saphira, preciso falar com você a sós. Você consegue alcançar minha mente, mas eu não consigo alcançar a sua. Você consegue permanecer dentro de mim de modo que eu possa pensar no que eu tenho de falar e você possa me ouvir?

Projetando-se em direção à consciência-tensa-dura-e-cansada da líder dos Varden, Saphira permitiu que sua irritação por ter tido o sono interrompido inundasse Nasuada, e então respondeu: *Eu consigo se eu assim escolher, mas jamais faria isso sem a sua permissão.*

É claro, concordou Nasuada. *Eu compreendo.* A princípio, Saphira não recebeu nada além de imagens desconjuntadas e emoções: um cadafalso com a forca vazia, sangue no chão, rostos irados, terror, fadiga e uma tendência subjacente de hedionda determinação. *Perdoe-me,* disse Nasuada. *Tive uma manhã horrorosa. Se meus pensamentos estiverem vagos demais, por favor, me tolere.* Saphira piscou mais uma vez. *O que está agitando tanto os Varden? Um grupo de homens me arrancou do sono com discussões mal-humoradas, e, antes disso, ouvi uma quantidade incomum de mensageiros correndo pelo acampamento.* Pressionando os lábios, Nasuada afastou-se de Saphira e cruzou os braços, acomodando nas mãos seus

antebraços ainda sensíveis. A coloração de sua mente ficou preta como uma nuvem da meia-noite, cheia de internações de morte e violência. Depois de uma pausa excessivamente longa, ela organizou os pensamentos: *Um dos Varden, um homem chamado Othmund, invadiu o acampamento dos Urgals na noite passada e matou três deles enquanto dormiam perto da fogueira. Os Urgals não conseguiram capturar Othmund na hora, mas, hoje de manhã, ele afirmou ter cometido o crime e estava se gabando do feito para a tropa. Por que ele fez isso?,* perguntou Saphira. *Os Urgals mataram sua família?*

Nasuada balançou a cabeça. *Por pouco eu não prefiro que eles o tivessem feito, porque, se fosse assim, os Urgals não estariam tão irritados; vingança, pelo menos, eles entendem. Não, essa é aparte mais estranha da história; Othmund odeia os Urgals simplesmente por serem Urgals jamais lhe fizeram algum mal, nem a algum parente seu, e ainda assim ele detesta os Urgals com todas as fibras de seu corpo. Pelo menos foi o que entendi depois de ler falado com ele.*

Como você vai lidar com isso?

Nasuada olhou novamente para Saphira, uma tristeza profunda nos olhos. *Ele será enforcado por seus crimes. Quando aceitei que os Urgals se aliassem aos Varden, decretei que qualquer um que atacasse um Urgal seria punido como se tivesse atacado um companheiro humano. Não posso abandonar minha palavra agora. Você se arrepende de sua promessa?*

Não. Os homens precisavam saber que eu não perdoaria tais atos. Se não fosse assim, talvez tivessem se voltado contra os Urgals no dia em que Nar Garzhvog e eu fizemos o pacto. Agora, todavia, eu devo mostrar a eles que estava falando sério. Se eu não fizer isso, haverá outros assassinatos e então os Urgals vão resolver o assunto do seu jeito e, mais uma vez, nossas duas raças ficarão cortando as gargantas uma da outra. E justo que Othmund morra por ter matado Urgals e por ter desafiado minha ordem, mas, ah, Saphira, os Varden não vão gostar disso. Sacrifiquei minha própria carne para ganhar sua lealdade, mas agora vão me odiar por enforcar Othmund. . Vão me odiar por igualar as vidas de Urgals e humanos. Baixando os braços, Nasuada puxou os punhos de sua veste com força. *E não posso dizer que estou gostando disso mais do que eles estão. Apesar de todas as minhas tentativas de tratar os Urgals justa e abertamente e como iguais, como meu pai teria feito, não posso evitar a lembrança de como eles o mataram. Não posso evitar a lembrança da visão de todos aqueles Urgals chacinando os Varden durante a batalha de Farthen Dûr. Não posso evitar a lembrança das muitas histórias que ouvi quando era criança, histórias de Urgals surgindo das montanhas e assassinando pessoas inocentes em suas camas. Sempre os Urgals eram os monstros a serem temidos, e aqui juntei meu destino ao deles. Não posso evitar a lembrança de tudo isso, Saphira. E fico imaginando se tomei a decisão correta.*

Você não pode evitar ser humana, disse Saphira, tentando confortar Nasuada. *Mas ainda assim você não tem de ficar presa á crença dos que estão ao seu redor. Você pode ultrapassar os limites de sua raça se tem vontade. Se existe uma coisa que os eventos do passado nos ensinam é que os reis, as rainhas e outros líderes que aproximaram as raças*

são os que tiveram o maior êxito na Alagaësia. E do conflito e do ódio que devemos nos afastar, não das relações íntimas com aqueles que uma vez foram nossos inimigos. Lembre-se de sua desconfiança para com os Urgals, pois eles a merecem, mas também lembre que houve uma época em que os anões e os dragões não se amavam muito mais do que humanos e Urgals. E uma vez os dragões combateram os elfos e teríamos levado sua raça à

extinção, se pudéssemos. Houve uma época em que esses eventos eram verdadeiros, mas essa época acabou porque pessoas como você tiveram a coragem de deixar de lado os ódios do passado para forjarem laços de amizade onde antes não existia nenhum. Nasuada pressionou a testa contra o lado da mandíbula de Saphira e disse: *Você é uma sábia, Saphira.*

Animada, Saphira ergueu a cabeça de Nasuada e tocou sua testa com a ponta do focinho. *Falo a verdade como a vejo, nada mais. Se isso é sabedoria, então seja bem-vinda a ela. Entretanto, acredito que você já possua toda a sabedoria de que necessita. Executar Othmund pode não agradar aos Varden, mas será necessário mais do que isso para quebrar a devoção que eles têm por você. Além do mais, estou certa de que você*

encontrará uma maneira de conciliá-los.

Sim, disse Nasuada, esfregando os cantos dos olhos com os dedos. *Eu terei de encontrar, eu acho.* Então, sorriu e seu rosto se transformou . *Mas Othmund não foi o motivo de eu ter vindo até aqui. Eragon acaba de me contatar e pediu para você se encontrar com ele em Farthen Dûr. Os anões. .*

Arqueando o pescoço, Saphira rosnou na direção do céu, soltando fogo de sua barriga em rolos de chamas tremeluzentes que explodiam de sua boca. Nasuada se afastou ao passo que todas as outras pessoas por perto ficaram petrificadas mirando o dragão. Levantando-se, Saphira sacudiu-se da cabeça ao rabo, esqueceu seu cansaço e abriu as asas em preparação para voar. Os guardas de Nasuada começaram a correr em sua direção, mas ela acenou para que eles parassem. Um bolo de fumaça passou perto dela, e ela pressionou a manga da veste contra o nariz, tossindo. *Seu entusiasmo é digno de louvor, Saphira, mas. .*

Eragon está ferido ou machucado?, perguntou. Ela ficou alguns instantes em pânico pela hesitação de Nasuada.

Ele está mais saudável do que nunca, respondeu Nasuada. *Entretanto, houve um. . incidente. . ontem.*

Que tipo de incidente?

Ele e seus guardas foram atacados.

Saphira ficou imóvel enquanto Nasuada contava tudo que Eragon havia dito durante a conversa que tiveram. Em seguida, mostrou os dentes. *O*

Dûrgrimst Az Sweldn rak Anhûin deveria estar grato por eu não estar ao lado de Eragon;

eu não os teria deixado escapar tão facilmente dessa tentativa de assassiná-lo. Com um pequeno sorriso, Nasuada observou: *Por esse motivo, provavelmente foi melhor você ter ficado aqui.*

Talvez, Saphira admitiu, e então lançou uma nuvenzinha de fumaça quente e chicoteou o chão com o rabo. *Mas isso não me surpreende. Isso sempre acontece; sempre que Eragon e eu nos separamos, alguém o ataca. Já aconteceu tantas vezes que minhas escamas cocam só de ele ficar longe da minha vista por mais de algumas horas. Ele é mais do que capaz de se defender sozinho.*

Verdade, mas nossos inimigos tampouco são desprovidos de recursos. Impaciente, Saphira mudou de posição, erguendo ainda mais as asas. *Nasuada, estou ansiosa para partir. Há mais alguma coisa que eu deveria saber?*

Não. Voe tranqüila e em paz, Saphira, mas não se demore em Farthen Dûr. Assim que sair do acampamento, nós só teremos alguns dias antes de o Império perceber que não enviei você e Eragon para uma breve viagem de reconhecimento. Galbatorix pode ou não decidir atacar enquanto você está longe, mas cada hora que ficar ausente aumentará a possibilidade. Igualmente, eu acharia muito melhor contar com vocês dois quando atacarmos Feinster. Nós poderíamos tomar a cidade sem vocês, mas perderíamos muito mais vidas. Em suma, o destino de todos os Varden depende de sua velocidade. Nós seremos tão rápidos quanto o vento-da-tempestade, Saphira assegurou. Então, Nasuada se despediu e se retirou da pedra sobre a qual Blödhgarm e os outros elfos saltaram para o lado de Saphira e amarraram sobre ela a desconfortável-sela-de-couro-remendada-de-Eragon e encheram o alforje com comida e equipamentos que normalmente carregaria se estivesse se preparando para viajar com Eragon. Ela não necessitaria dos suprimentos

— nem tinha como pegá-los sozinha —, mas para manter as aparências, devia carregá-los. Assim que ficou pronta, Blödhgarm contorceu sua mão na frente do peito no típico gesto elfo de respeito e disse na língua antiga: — Adeus, Saphira Escamas Brilhantes. Que você e Eragon retornem a nós sem ferimentos.

Adeus, Blödhgarm.

Saphira esperou enquanto o elfo-do-pêlo-de-lobo-azul-escuro criava um espectro-d'água-fantasma de Eragon e a aparição saía caminhando de dentro da tenda do Cavaleiro e montava sobre o dragão. Ela não sentiu nada quando a aparição incorpórea pulou de sua perna dianteira esquerda para seu ombro. Quando Blödhgarm acenou com a cabeça, indicando que o nãoEragon estava no lugar, ela ergueu as asas até o topo da cabeça, então saltou para a frente, além da extremidade da prancha de pedra.

À medida que Saphira descaía sobre as tendas cinzentas abaixo, da dirigia suas asas para baixo, impulsionando a si própria para longe do chãoduro-de-quebrar-ossos. Tomou a direção de Farthen Dûr e começou a escalar as camadas de ar-leve-e-gelado acima, onde esperava encontrar um vento estável que a ajudasse na jornada.

Circundou a margem arborizada do rio onde os Varden haviam escolhido parar naquela noite e manobrou com orgulhosa alegria. Não precisaria esperar enquanto Eragon saía para se aventurar sem ela! Não passaria a noite inteira voando sobre as mesmas faixas de terra seguidas e seguidas vezes! E não permitiria que aqueles que desejavam ferir seu parceiro-do-coração-e-da-mente escapassem de sua ira! Escancarando a mandíbula, Saphira rosnou sua alegria e confiança para o mundo, desafiando todos os deuses que pudessem existir a enfrentá-la, ela que era a filha de Iormûngr e Vervada, dois dos maiores dragões de sua época.

Quando estava a quase dois quilômetros acima dos Varden e um forte vento sudoeste começou a pressioná-la, Saphira alinhou-se com a torrente de ar e deixou que a impulsionasse para a frente, planando sobre a terra crestada de sol.

Projetando seus pensamentos, ela avisou: *Estou a caminho, pequenino!*

QUATRO BATIDAS NO TAMBOR

ragon inclinou-se para a frente, com todos os músculos do seu corpo tensos, quando a anã de cabelos brancos, Hadfala, chefe do Dûrgrimst Ebardac, se ergueu da mesa em torno da qual estavam

reunidos os chefes de clã e pronunciou uma frase curta na sua E língua materna.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei — traduziu Hûndfast, sussurrando no ouvido esquerdo de Eragon. O Cavaleiro soltou a respiração presa. *Um*. Para se tornar o governante dos anões, um chefe de clã precisava obter a maioria dos votos dos outros chefes. Se nenhum deles conseguisse esse feito, então, segundo a lei, o chefe de clã com o menor número de votos seria eliminado da disputa, e o encontro poderia ser suspenso por até três dias para uma nova votação. O processo continuaria conforme fosse necessário, até que um chefe de clã atingisse a maioria exigida, e nesse ponto todos os chefes ali reunidos jurariam lealdade a ele ou ela como seu novo monarca. Considerando-se que o tempo era curto para os Varden, Eragon desejava ardentemente que a eleição não precisasse de mais um turno; e, caso o fizesse, que os anões não insistissem num recesso de mais do que algumas horas. Se isso acontecesse, ele achava que, de tanta frustração, poderia quebrar a mesa de pedra no centro da sala.

Era um bom prenuncio que Hadfala, a primeira chefe de clã a votar, tivesse dado seu voto a Orik. Hadfala, como Eragon sabia, vinha apoiando Gannel do Dûrgrimst Quan, antes do atentado à vida do Cavaleiro. Se a lealdade de Hadfala havia mudado, era possível que o outro membro do grupo de Gannel — precisamente grimstborith Ûndin — também desse seu voto a Orik.

Em seguida, Gáldhiem do Dûrgrimst Feldûnost se ergueu da mesa, embora fosse tão baixo que era mais alto sentado do que em pé.

— Em nome do meu clã — declarou ele —, voto em grimstborith Nado para ser nosso novo rei.

Voltando a cabeça para um lado, Orik olhou para Eragon e falou em tom baixo.

— Bem, isso já era esperado.

Eragon concordou em silêncio e olhou de relance para Nado. O anão de rosto redondo estava cofiando a ponta da barba amarela, parecendo satisfeito consigo.

Então, Manndrâth do Dûrgrimst Ledwonnû votou.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei.

Orik balançou a cabeça para ele, num gesto de agradecimento, e Manndrâth retribuiu, com a

ponta do nariz comprido subindo e descendo. Quando o grimstborith do Ledwonnû se sentou, Eragon e todos os demais olharam para Gannel, e tamanho silêncio dominou a sala que o Cavaleiro nem mesmo conseguia ouvir a respiração dos anões. Como chefe do clã religioso, o Quan, e sumo sacerdote de Gûntera, rei dos deuses dos anões, Gannel detinha enorme influência entre os da sua raça. Para o lado que escolhesse ir, era provável que a coroa tosse.

— Em nome do meu clã — disse Gannel —, voto em grimstborith Nado para ser nosso novo rei.

Uma onda de exclamações em voz baixa irrompeu entre os anões que assistiam do perímetro da sala circular, e a expressão satisfeita de Nado se ampliou. Apertando as mãos entrelaçadas, Eragon praguejou em silêncio.

— Não abandone a esperança ainda, garoto — murmurou Orik. —

Ainda podemos sair vitoriosos. Já aconteceu de o grimstborith do Quan ter perdido a votação.

— Mas com que freqüência isso acontece? — perguntou Eragon, baixinho.

— Com bastante freqüência.

— Quando foi a *última* vez?

Orik se mexeu na cadeira e olhou ao longe.

— Há oitocentos e vinte e quatro anos, quando a rainha.. — Ele se calou quando Ûndin do Dûrgrimst Ragni Hefthyn proclamou seu voto.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Nado para ser nosso

novo rei.

Orik cruzou os braços. Eragon conseguia ver seu rosto somente de lado, mas era evidente que Orik estava de cara amarrada.

Mordendo a bochecha por dentro, Eragon olhou fixamente para os desenhos do piso, contando os votos que haviam sido dados, bem como aqueles que restavam, tentando calcular se Orik ainda poderia vencer a eleição. Mesmo na melhor das circunstâncias, seria uma vitória apertada. Eragon se retesou ainda mais, fincando as unhas no dorso das mãos.

Thordris do Dûrgrimst Nagra se levantou e jogou a trança comprida e grossa sobre um braço.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei.

— Estamos em três a três — disse Eragon, baixinho. Orik assentiu. Agora era a vez de Nado falar. Alisando a barba com a palma da mão, o chefe do Dûrgrimst Knurlcarathn sorriu para a

assembléia, com um brilho de predador nos olhos.

— Em nome do meu clã, voto em mim mesmo para ser nosso novo

rei. Se vocês me quiserem, prometo livrar nosso país dos forasteiros que o poluíram e prometo dedicar nosso ouro e nossos guerreiros à proteção do nosso próprio povo, não do pescoço de elfos, humanos e Urgals. Isso eu juro pela honra da minha família.

— Quatro a três — observou Eragon.

— Sim — concordou Orik. — Acho que seria demais pedir que Nado

votasse em alguém que não fosse ele mesmo.

Pondo de lado sua faca e a madeira, Freowin do Dûrgrimst Gedthrall levantou com esforço o corpo volumoso meio para fora da cadeira e, mantendo o olhar voltado para baixo, falou, sussurrando na sua voz de barítono.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Nado para ser nosso

novo rei. — Ele então voltou a se sentar no lugar e retomou sua escultura de um corvo, ignorando a onda de espanto que varreu a sala.

A expressão de Nado passou de satisfeita a presunçosa.

— Barzûl — rosnou Orik, com a expressão de desagrado se aprofundando. Sua cadeira rangeu à medida que pressionou os braços do móvel, com os tendões das mãos rígidos de tanto esforço. — Quanta falsidade a desse traidor! Ele me prometeu seu voto!

— Por que ele o trairia? — quis saber Eragon, sentindo um desânimo.

— Ele visita o templo de Sindri duas vezes por dia. Eu devia ter imaginado que ele não iria se opor aos desejos de Gannel. Droga! Gannel esteve o tempo todo me dando corda. Eu. . — Nesse instante, a atenção do conselho de clãs se voltou para Orik. Ocultando sua raiva, ele se pôs em pé e olhou para cada um dos chefes de clã ao redor da mesa. — Em nome do meu clã, eu voto em mim para ser nosso novo rei. Se vocês me quiserem, prometo trazer para nosso povo ouro, glória e a liberdade de viver acima do solo, sem medo de que Galbatorix venha destruir nossos lares. Isso eu juro pela honra da minha família.

— Cinco a quatro — informou Eragon a Orik quando ele novamente

se sentou. — E a vantagem não é nossa.

— Eu sei contar, Eragon — resmungou Orik.

Eragon pousou os cotovelos nos joelhos, com os olhos chispando de um anão para outro. O

desejo de agir o corroía. De que modo, não sabia, mas com tanto em jogo, achava que devia descobrir uma forma de garantir que Orik se tornasse rei e, assim, que os anões continuassem a ajudar os Varden em sua luta contra o Império. Por mais que tentasse, porém, Eragon não conseguia pensar em nada a fazer além de sentar e esperar.

O anão seguinte a se erguer foi Havard do Dûrgrimst Fanghur. Com o queixo grudado no esterno, Havard fez um bico com os lábios e bateu na mesa com os dois dedos que ainda possuía na mão direita, aparentando estar pensativo. Eragon se arrastou alguns centímetros para a frente, com o coração batendo forte. *Será que ele vai cumprir o acordo com Orik?* , se perguntou. Havard deu mais um toque na mesa e então bateu na pedra com a mão espalmada.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei.

Foi imensa a satisfação de Eragon quando viu os olhos de Nado se arregalarem. E, então, o anão rangeu os dentes, com um músculo tremendo em sua bochecha.

— Rá! — murmurou Orik. — Puseram-lhe uma pedra no sapato.

Os dois únicos chefes de clã que ainda não tinham votado eram Hreidamar e Íorûnn. Hreidamar, o grimstborith do Urzhad, anão compacto e musculoso, parecia constrangido pela situação; ao passo que Íorûnn — ela que era chefe do Dûrgrimst Vrenshrrgn, os Lobos da Guerra — percorria com a ponta fina de uma unha comprida a cicatriz em forma de meia-lua na sua bochecha esquerda, sorrindo como uma gata cheia de si.

Eragon prendeu a respiração enquanto esperava pelo que os dois iam dizer. *Se Íorûnn votar em si mesma, pensou ele, e se Hreidamar ainda for leal a ela, a eleição precisará passar por um segundo turno. Não há, porém, motivo para ela fazer isso, a não ser que queira retardar os acontecimentos. E, ao que eu saiba, ela não tiraria nenhuma vantagem de um atraso. A esta altura, não pode ter esperança de se tornar rainha. Seu nome seria eliminado da disputa antes do segundo turno, e eu duvido que seja tão tola a ponto de desperdiçar o poder que tem agora simplesmente para poder se gabar para seus netos de que um dia foi candidata ao trono. Mas, se Hreidamar não confirmar seu apoio a ela, a eleição estará empatada, e nós passaremos a um segundo turno de qualquer modo. . Argh! Quem dera eu pudesse enxergar o futuro! E se Orik perder? Será que nesse caso eu deveria assumir o controle do conselho de clãs? Eu poderia trancar a câmara para que ninguém entrasse ou saísse, e depois. . Mas, não, isso seria. .* Íorûnn interrompeu os pensamentos de Eragon quando fez um gesto

de concordância para Hreidamar e depois dirigiu seu olhar de pálpebras pesadas para o Cavaleiro, fazendo com que ele se sentisse como um boi premiado sendo examinando. Com os elos da sua cota de malha retinindo, Hreidamar se pôs de pé.

— Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei.

A garganta de Eragon se contraiu.

Com os lábios vermelhos se curvando de divertimento, Íorûnn se levantou da cadeira, com um movimento sinuoso, e falou com a voz baixa e rouca.

— Parece que coube a mim decidir o resultado do encontro de hoje. Escutei com a maior atenção seus argumentos, Nado, e os seus, Orik. Embora vocês dois tenham defendido pontos com os quais concordo a respeito de um grande leque de assuntos, a questão mais importante que devemos decidir é se vamos nos engajar na campanha dos Varden contra o Império. Se a guerra deles fosse apenas uma guerra entre clãs rivais, para num não faria diferença que lado vencesse; e eu decerto nem pensaria em sacrificar nossos guerreiros para beneficiar forasteiros. Contudo, não é esse o caso. Longe disso. Se Galbatorix sair vitorioso dessa guerra, nem mesmo as montanhas licor conseguirão nos proteger da sua ira. Se quisermos que nosso reino sobreviva, precisamos que Galbatorix seja derrubado. Ademais, parece-me que se esconder em túneis e cavernas enquanto outros decidem o destino da Alagaësia não é condizente com uma raça antiga e poderosa como a nossa. Quando forem escritas as crônicas desta era, será que dirão que lutamos lado a lado com os humanos e os elfos, como os heróis de antigamente, ou que ficamos acovardados nos nossos salões, como camponeses assustados, enquanto crescia a guerra do lado de fora das nossas portas? Eu, pelo menos sei minha resposta. — Íorûnn jogou para trás a cabeleira e prosseguiu: — Em nome do meu clã, voto em grimstborith Orik para ser nosso novo rei. O mais velho dos cinco jurisconsultos que estavam em pé encostados na parede circular avançou e bateu com a ponta do cajado polido no piso de pedra, antes de fazer a proclamação.

— Salve o rei Orik, quadragésimo terceiro rei de Tronjheim, Farthen Dûr e de todo knurla acima e abaixo das montanhas Beor!

— Salve o rei Orik! — bradou a audiência, levantando-se com um forte farfalhar de roupas e armaduras. Estonteado, Eragon agiu da mesma forma, consciente de que agora estava na presença da realeza. Olhou de relance para Nado, mas o rosto do anão era uma máscara de olhos mortiços.

O jurisconsulto de barba branca bateu mais uma vez com o cajado no chão.

— Que os escribas registrem de imediato a decisão do conselho de clãs, e que a notícia seja transmitida a todas as pessoas do reino. Arautos!

Informem aos magos, com seus espelhos de cristalomancia, que ocorreu hoje aqui. Procurem então os guardiões da montanha e lhes digam o seguinte:

"Quatro batidas no tambor. Quatro batidas, e girem as baquetas como nunca as giraram na vida, pois temos um novo rei, Quatro batidas com tanta força que a própria Farthen Dûr vibrará com a boa-nova." Diga-lhes isso, eu lhes ordeno. Já!

Depois que os arautos partiram, Orik se ergueu da cadeira e ficou ali em pé, olhando para os anões ao seu redor. Aos olhos de Eragon, sua expressão parecia um pouco atordoada, como se no fundo ele não acreditasse em conquistar a coroa.

— Por essa enorme responsabilidade, eu lhes sou grato. — Ele parou e depois prosseguiu: — Meu único pensamento agora está voltado para o desenvolvimento da nossa nação, e hei de perseguir esse objetivo sem hesitação até o dia em que eu voltar à pedra.

Nesse momento, os chefes de clã se adiantaram, um a um, e se ajoelharam diante de Orik, jurando-lhe fidelidade como súditos leais. Quando chegou sua vez de prestar juramento, Nado demonstrou seus sentimentos, mas apenas recitou as frases do juramento sem nenhuma inflexão, com as palavras lhe caindo da boca como barras de chumbo. Uma sensação palpável de alívio percorreu o conselho assim que ele terminou. Quando se encerraram os juramentos, Orik decretou que sua coroação se realizaria na manhã do dia seguinte; e então ele e seu séquito se recolheram a uma câmera adjacente. Ali, Eragon olhou para Orik, e Orik para Eragon, sem que nenhum dos dois emitisse um som, até que um sorriso largo surgiu no rosto de Orik, e ele caiu na risada, com a face se avermelhando. Rindo com ele, Eragon o segurou pelo antebraço e o abraçou. Os guardas e conselheiros de Orik se reuniram em volta, dando tapinhas nos seus ombros e felicitações.

— Pensava que Íorûnn não ficaria do nosso lado — comentou Eragon, soltando Orik do abraço.

— Sim. Estou feliz com seu apoio, mas isso complica as coisas, complica, sim — observou Orik, com uma careta. Suponho que eu vá precisar recompensá-la pela ajuda com um lugar no meu conselho, no mínimo.

— Pode ser que acabe sendo bom! — apontou Eragon, esforçando-se

para se fazer ouvir no meio de toda a comoção. — Se os Vrenshrrgn estiverem à altura do nome, teremos grande necessidade deles antes de chegarmos aos portões de Urû'baen.

Orik começou a responder, mas nesse instante uma nota grave e prolongada de um volume prodigioso reverberou por todo o piso, pelo teto e pelo ar da sala, fazendo com que os ossos de Eragon vibrassem com sua força.

— Ouçam! — exclamou Orik, levantando a mão. O grupo se calou.

Num total de quatro vezes, a nota grave soou, abalando a sala a cada repetição, como se um gigante estivesse batendo nas encostas de Tronjheim. Depois, Orik voltou a falar.

— Nunca pensei que ouviria os Tambores de Derva anunciarem minha ascensão ao trono.

— De que tamanho são os tambores? — perguntou Eragon,

assombrado.

— Têm um diâmetro de uns quinze metros, se posso confiar na memória.

Ocorreu a Eragon que, embora os anões pertencessem à raça mais baixa, foram eles que

construíram as maiores estruturas na Alagaësia, o que lhe pareceu estranho. *Talvez*, pensou, *ao fazer objetos tão enormes, não se sintam assim tão pequenos.* Quase mencionou sua teoria para Orik, mas no último instante concluiu que poderia ofender o amigo e preferiu se calar. Aproximando-se de Orik, seus auxiliares começaram a conversar com ele na língua dos anões, muitas vezes uns falando ao mesmo tempo que outros, numa algazarra. E Eragon, que estava prestes a fazer mais uma pergunta, se descobriu relegado a um canto. Tentou ser paciente e esperar uma trégua na conversa; mas, depois de alguns minutos, ficou claro que os anões não pretendiam parar de importunar Orik com perguntas e conselhos, pois era essa, supôs Eragon, a natureza do falatório.

— Orik Könungr — disse Eragon, portanto, imbuindo de energia a palavra *rei* na língua antiga, para que ela atraísse a atenção de todos os presentes. A sala emudeceu, e Orik olhou para Eragon, com uma sobrancelha levantada. — Vossa Majestade pode me dar permissão para eu me retirar?

Tenho uma certa. . *questão* com a qual gostaria de lidar, se não for tarde demais.

A compreensão iluminou os olhos castanhos de Orik.

— Sem a menor dúvida, trate de se apressar! Mas você não precisa me chamar de *majestade*, Eragon, nem de *senhor*, nem de qualquer outro título. Afinal de contas, somos amigos e irmãos adotivos.

— Somos, Vossa Majestade — respondeu Eragon —, mas por

enquanto creio ser correto eu obedecer às mesmas fórmulas de cortesia que todos os outros. Vossa Majestade é o rei da sua raça agora e meu próprio rei também, já que pertenço ao Dûrgrimst Ingeitum, e isso não é algo que eu possa ignorar.

Orik o examinou por um instante, como se fosse de uma grande distância, e depois concordou com um gesto.

— Faça como quiser, Matador de Espectros.

Eragon fez uma reverência e saiu da sala. Acompanhado por seus quatro guardas, seguiu aos saltos pelos túneis e subiu a escadaria que levava ao térreo de Tronjheim. Assim que chegaram à bifurcação sul dos quatro corredores principais que dividiam a cidade-montanha, Eragon se voltou para Thrand, o capitão dos seus guardas.

— Pretendo correr o resto do caminho. Como vocês não vão conseguir acompanhar meu ritmo, sugiro que parem quando chegarem ao portão sul de Tronjheim e lá aguardem minha volta.

— Argetlam, por favor — retrucou Thrand. — Você não deve ir sozinho. Não posso convencê-lo a reduzir sua velocidade para que possamos acompanhá-lo? Podemos não ser velozes como os elfos, mas conseguimos correr do raiar do dia ao entardecer, e ainda usando armadura completa.

— Dou valor à sua preocupação, mas não me atrasaria nem mais um

minuto, mesmo que soubesse da existência de assassinos escondidos atrás de cada coluna. Até a volta!

E com isso, ele disparou pelo corredor largo, desviando-se dos anões que impediam sua passagem.

REENCONTRO

ragon estava a quase um quilômetro de onde partira para o portão sul de Tronjheim. Cobriu a distância em apenas alguns minutos, suas pisadas fazendo barulho contra o piso de pedra. À medida que corria, olhava de relance as ricas tapeçarias penduradas acima das E arcadas voltadas para os corredores de cada lado e as grotescas estátuas de animais e monstros à espreita entre os pilares de jaspe vermelho-sangue ao longo da avenida abobadada. A passagem de quatro pavimentos era tão larga que Eragon não tinha a menor dificuldade para desviar dos anões que enchiam o local, mas, num determinado ponto, uma fileira de Knurlcarathn apareceu à sua frente e ele não teve alternativa a não ser pular os anões, que se abaixaram rapidamente, proferindo exclamações de espanto. Eragon saboreou os olhares de perplexidade enquanto voava por cima deles.

Com um salto rápido, correu por baixo do maciço portão de madeira que protegia a entrada sul da cidade-montanha, ouvindo os guardas gritando

"Ei, Argetlam!" ao vê-lo passar. Como o portão estava fechado na base de Tronjheim, passou correndo entre um par de gigantescos grilos de ouro que miravam o horizonte com olhos cegos e finalmente alcançou o espaço aberto, vinte metros além.

O ar estava frio e úmido e cheirava a chuva recente. Embora fosse manhã, o crepúsculo acinzentado envolvia a faixa achatada de terra que cercava Tronjheim, sobre a qual nenhuma relva crescia, apenas musgo e liquens e as ocasionais ocorrências de pungentes cogumelos venenosos. Acima, Farthen Dûr assomava dezesseis quilômetros na direção de uma abertura estreita através da qual uma luz tênue e indireta penetrava a imensa cratera. Eragon teve dificuldade para mensurar a montanha quando olhou para cima.

Enquanto corria, ouvia o monótono acorde de sua respiração e de seus passos leves e rápidos. Estava sozinho, exceto por um estranho morcego que rodopiava acima dele, emitindo guinchos estridentes. A atmosfera tranqüila que permeava a montanha oca o confortava, o libertava de suas preocupações usuais.

Seguiu a trilha de paralelepípedos que ia do portão sul de Tronjheim até

as duas portas pretas de nove metros de altura na base sul de Farthen Dûr. Assim que parou, um par de anões emergiu de guaritas escondidas e correu para abrir as portas, revelando o

túnel aparentemente interminável à frente. Eragon continuou. Pilares de mármore cravejados de rubis e ametistas estavam alinhados nos primeiros quinze metros do túnel. Depois disso, o lugar ficou nu e desolado, a monotonia das paredes lisas quebrada apenas por uma única lanterna a cada vinte metros e por um portão ou porta que apareciam em intervalos desiguais. *Imagino aonde eles levam*, pensou. Então, fantasiou os quilômetros de pedra pressionando sua cabeça e, por um momento, o túnel pareceu insuportavelmente opressivo. Rapidamente se livrou da imagem.

Na metade do túnel, Eragon sentiu-a.

— *Saphira!* — gritou, com a mente e com a voz, seu nome ecoando nas paredes de pedra com a força de doze berros.

Eragon! Um instante depois, o tênue trovão de um rugido distante rolou em sua direção da outra extremidade do túnel.

Redobrando a velocidade, Eragon abriu sua mente para Saphira, removendo cada barreira em torno de quem era, de modo que pudessem se reunir sem reservas. Como urna inundação de água quente, as consciências dos dois dispararam em direção a um e outro, num ato simultâneo. Eragon arquejou, tropeçou e quase caiu. Envolveram-se ambos nas camadas de seus pensamentos, abraçando um ao outro com unia intimidade que nenhum abraço físico poderia conseguir, permitindo que suas identidades se fundissem mais urna vez. Seu maior conforto era bastante simples: não estavam sozinhos; os dois sabiam que estavam na companhia de alguém que os ama, os compreende absolutamente e que não os abandonaria mesmo nas circunstâncias mais desesperadas. *Esse* é o relacionamento mais precioso que se pode ter, e tanto Cavaleiro quanto dragão valorizavam isso.

Não demorou muito até que Eragon avistasse Saphira correndo na sua direção o mais rápido que podia sem bater com a cabeça no teto ou arranhar as asas nas paredes. Suas garras raspavam nas pedras do piso enquanto ela deslizava e parava na frente de Eragon, firme, resplandecente, gloriosa. Gritando de alegria, Eragon saltou e, ignorando as escamas afiadas, envolveu os braços em seu pescoço e a abraçou com o máximo de força que conseguia, seus pés pendurados vários centímetros no ar.

Pequenino, chamou Saphira, com o tom suave. Ela o trouxe para o chão, resfolegou e disse: *Pequenino, a menos que queira me sufocar, seria melhor você afrouxar esse abraço.*

Desculpe. Esboçando um sorriso, ele deu um passo para trás e então riu e pressionou a testa contra o focinho do dragão e começou a cocar atrás dos cantos da mandíbula.

O zunido baixinho de Saphira preencheu o túnel.

Você está cansada, disse ele.

Nunca voei tão rápido para tão longe. Parei apenas uma vez depois de deixar os Varden, e jamais teria parado, mas fiquei com muita sede para continuar. Você quer dizer que não

dorme nem come há três dias?

Ela piscou para ele, escondendo seus brilhantes olhos de safira por um instante.

Você deve estar faminta!, Eragon exclamou, preocupado. Ele procurou finais de ferimento nela. Para seu alívio, não encontrou nenhum. *Estou cansada,* admitiu ela, *mas não faminta. Ainda não. Depois que eu descansar, aí sim vou precisar comer. Nesse exato instante, não acho que conseguiria engolir mais do que um coelho.. A terra está instável embaixo de mim; Sinto como se ainda estivesse voando.*

Se não tivessem ficado separados por tanto tempo, Eragon talvez a tivesse criticado por ser tão imprudente, mas, naquele momento, estava emocionado e grato por ela ter sido tão veloz. *Obrigado,* disse ele. *Eu odiaria esperar outro dia para nos reencontrarmos.*

E eu também. Ela fechou os olhos e pressionou sua cabeça contra as mãos dele enquanto ele continuava a coçar atrás da sua mandíbula . *Além disso, eu nunca poderia me atrasar para a coroação, poderia? Quem foi que o conselho.* . Antes que pudesse terminar a pergunta, Eragon enviou para ela uma imagem de Orik.

Ah, ela suspirou, sua satisfação fluindo através dele. *Ele será um ótimo rei. Assim espero.*

A estrela de safira está pronta para eu fazer o conserto?

Se os anões ainda não tiverem terminado de juntar os cacos, estou certo de que amanhã terão concluído o trabalho.

Isso é bom. Abrindo um pouco a pálpebra, ela fixou o olhar nele. *Nasuada me contou o que o Az Sweldn rak Anhûin tentou fazer. Você sempre se mete em encrencas quando não estou ao seu lado.*

Ele abriu um enorme sorriso. E quando você está?

Eu como o problema antes que ele o coma.

Isso é o que você diz. E quando os Urgals nos emboscaram em Gil'ead e nos levaram prisioneiros?

Uma nuvem de fumaça escapou das presas de Saphira. *Isso não conta. Eu era menor naquela época, e ainda não tinha tanta experiência. Isso não aconteceria hoje. E*

você não é mais tão desamparado como era antes.

Nunca fui desamparado, ele protestou. *Só tenho inimigos poderosos.* Por algum motivo, Saphira considerou a última colocação de Eragon enormemente engraçada; começou a rir do fundo do peito, e logo ele estava rindo também. Nenhum dos dois conseguiu parar até que Eragon ficou deitado de costas, sem ar, e Saphira se esforçou para conter os jatos de chama

que não paravam de sair de suas narinas. Então, ela produziu um som que Eragon jamais ouvira antes, um grunhido estranho e prolongado, e ele reparou numa sensação das mais esquisitas na conexão dos dois.

Saphira produziu novamente o som, e balançou a cabeça, como se estivesse tentando se livrar de um enxame de moscas. *Nossa*, disse ela . *Parece que eu estou com soluço.*

Eragon escancarou a boca. Manteve essa postura por um instante, e então se inclinou e gargalhou com tanta força que lágrimas escorreram de seu rosto. Sempre que estava a ponto de parar, Saphira soluçava, lançando a cabeça para a frente como se fosse uma cegonha, e ele voltava a ter as convulsões de riso. Finalmente, ele tapou os ouvidos com as mãos, mirou o teto e recitou os verdadeiros nomes de cada metal e pedra que conseguia se lembrar.

Quando terminou, respirou bem fundo e se levantou.

Está melhor?, Saphira perguntou. Seus ombros sacudiram assim que ela teve outro acesso de soluço.

Eragon mordeu a língua. *Estou melhor.. Vamos indo, vamos para Tronjheim. Você precisa beber um pouco d'água. Isso talvez ajude. E depois precisa dormir. Você não pode curar soluços com algum encanto?*

Talvez. Provavelmente. Mas nem Brom nem Oromis me ensinaram como. Saphira rosnou sua compreensão, seguida por um soluço um instante depois. Mordendo sua língua com mais força ainda, Eragon mirou as pontas das botas. *Vamos?*

Saphira estendeu sua perna dianteira direita como um convite. Eragon montou ansiosamente em suas costas e se acomodou na sela na base do pescoço do dragão.

Juntos, continuaram pelo túnel na direção de Tronjheim, ambos felizes, e ambos compartilhando a felicidade um do outro.

ASCENSÃO

s Tambores de Derva soaram, convocando os anões de Tronjheim

para a coroação do seu novo rei.

O — Normalmente — dissera Orik a Eragon na noite anterior —,

quando o conselho de clãs elege um rei ou rainha, o knurla começa seu governo imediatamente, mas nós só realizamos a coroação no

mínimo uns três meses depois, para que todos os que desejarem comparecer à

cerimônia tenham tempo de pôr em ordem seus negócios para viajar para Farthen Dûr, mesmo

que venham das regiões mais remotas do nosso reino. Não é freqüente coroarmos um monarca. Por isso, quando o fazemos, é

nosso costume dar extrema importância ao evento, com semanas de banquetes e música, com jogos de inteligência e de força, bem como com concursos de habilidade na forja, na escultura e em outras manifestações artísticas. . Entretanto, estes nossos tempos praticamente não são normais. Eragon estava junto de Saphira bem do lado de fora da câmara central de Tronjheim, ouvindo as batidas profundas dos tambores gigantes. De cada lado do salão de mais de um quilômetro e meio de comprimento, centenas de anões apinhavam as arcadas de cada nível, espiando Eragon e Saphira com os olhos escuros reluzentes.

A língua farpada do dragão passava áspera nas suas escamas enquanto lambia os beiços, o que vinha fazendo desde que terminara de devorar cinco carneiros adultos mais cedo naquela manhã. Então, levantou a perna esquerda e esfregou o focinho nela. O cheiro de lã queimada a impregnava. *Não dá para você parar um pouco?,* pediu Eragon. *Estão olhando para nós.* Um rosnado baixo veio de Saphira. *Não consigo parar. Estou com lã grudada entre, os dentes. Agora me lembro por que detesto comer carneiro. Umas criaturas horríveis, fofas, que me dão bolas de pêlo e indigestão.*

Quando terminarmos aqui, ajudo a limpar seus dentes. Mas até lá trate de ficar quieta.

Humpf!

Será que Blödhgarm pôs um pouco de erva-de-jogo nos alforjes? Ela acalmaria seu estômago.

Não sei.

Humm. Eragon pensou um pouco. *Se não pôs, vou perguntar a Orik se eles têm algum estoque em Tronjheim. Deveríamos. .*

Ele parou de falar quando a última nota dos tambores sumiu no silêncio. A multidão se mexeu, e Eragon ouviu o farfalhar delicado das roupas e a eventual frase murmurada na língua dos anões.

Uma fanfarra de dezenas de trombetas ressoou, enchendo a cidademontanha com seu chamado empolgante, e em algum lugar um coro de anões começou a cantar. A música fez o couro cabeludo de Eragon formigar e pinicar, e seu sangue correr mais veloz, como se estivesse prestes a iniciar uma caçada. Saphira agitava a cauda de um lado para outro, e ele soube que ela estava com a mesma sensação.

Vamos lá, pensou ele.

Como se fossem um, ele e Saphira entraram na câmara central da cidade-montanha e ocuparam seu lugar entre os chefes de clã, líderes de guilda e outros notáveis que formavam um círculo em torno do salão vasto e altíssimo. No centro da câmara, estava a estrela de safira

reconstruída, protegida por andaimes de madeira. Uma hora antes da coroação, Skeg mandara uma mensagem para Eragon e Saphira, dizendo-lhes que ele e sua equipe de artesãos haviam acabado de encaixar os últimos fragmentos da pedra preciosa e que Isidar Mithrim estava pronta para Saphira restaurá-la ao que era antes.

O trono negro de granito dos anões fora trazido do seu local costumeiro nos subterrâneos de Tronjheim e colocado num palanque elevado ao lado da estrela de safira, de frente para a ramificação Leste dos quatro corredores principais que dividiam Tronjheim; Leste porque essa era a direção do sol nascente, que simbolizava o alvorecer de uma nova era. Milhares de guerreiros anões trajados em cotas de malha polidas estavam em posição de sentido em dois grandes contingentes diante do trono, assim corno em fileiras duplas ao longo dos dois lados do corredor leste por toda a distância que os separava do portão daquela ala de Tronjheim, a mais de um quilômetro e meio dali. Muitos guerreiros carregavam lanças providas de flâmulas com desenhos curiosos. Hvedra, a esposa de Orik, estava bem na frente da congregação. Depois que o conselho de clãs baniu grimstborith Vermûnd, Orik mandara chamá-la na expectativa de se tornar rei. Hvedra só havia chegado à cidade naquela manhã.

Por uma meia hora, as trombetas soaram e o coro invisível cantou, enquanto Orik, passo a passo, caminhava confiante do portão leste para o centro de Tronjheim. Sua barba estava escovada e cacheada; e ele usava borzeguins do mais fino couro lustroso com esporas de prata nos calcanhares, calças de lã cinza, uma camisa de seda roxa que tremeluzia à luz das lanternas e, por cima da camisa, uma cota de malha, na qual cada anel era feito de puro ouro branco. Um longo manto debruado de arminho, bordado com a insígnia do Dûrgrimst Ingeitum, caía ondulante dos ombros de Orik até o chão atrás dele. Volund, o martelo de guerra forjado por Korgan, primeiro rei dos anões, estava preso à cintura de Orik, por um cinto largo cravejado de rubis. Por causa dos trajes luxuosos e da armadura magnífica, Orik parecia reluzir. Observá-lo ofuscava os olhos de Eragon.

Doze crianças anãs acompanhavam Orik, seis meninos e seis meninas, ou foi isso o que Eragon supôs com base nos seus cortes de cabelos. As crianças trajavam túnicas vermelhas, marrons e douradas. Cada uma levava nas mãos em concha um globo polido com uns quinze centímetros de diâmetro, cada globo era de um tipo diferente de pedra.

Quando Orik chegou ao centro da cidade-montanha, a câmera se escureceu, e surgiu um desenho de sombras mosqueadas sobre tudo o que se encontrava ali dentro. Confuso, Eragon olhou de relance para o alto e ficou abismado ao ver pétalas de rosas cor-de-rosa descendo lentamente do topo de Tronjheim. Como flocos de neve espessos e macios, as pétalas aveludadas iam parar na cabeça e nos ombros dos ali presentes, e também no piso, impregnando o ar com sua doce fragrância.

As trombetas e o coro se calaram quando Orik se ajoelhou sobre um joelho apenas diante do trono negro e abaixou a cabeça. Atrás dele, as doze crianças pararam e permaneceram imóveis.

Eragon pôs a mão no flanco morno de Saphira, compartilhando com

ela seu interesse e sua emoção. Ele não fazia idéia do que aconteceria em seguida, pois Orik tinha se recusado a descrever a cerimônia além daquele ponto.

Então, Gannel, chefe de clã do Dûrgrimst Quan, deu um passo adiante, rompendo o círculo de pessoas ao redor da câmara, e andou até o lado direito do trono, onde parou. O anão de ombros fortes usava suntuosos trajes vermelhos, cujas bordas refulgiam com runas bordadas em fio metálico. Numa das mãos, Gannel trazia um cajado alto, com um cristal transparente e pontudo, engastado no topo.

Erguendo com as duas mãos o cajado acima da cabeça, Gannel o fez atingir o piso de pedra com um grande estrondo.

— Hwatum il skilfz gerdûmn! — exclamou ele, continuando a falar na língua dos anões por alguns minutos, e Eragon escutou sem compreender porque seu tradutor não estava ali. Então, a entonação da voz de Gannel mudou, e Eragon reconheceu que suas palavras pertenciam à língua antiga e percebeu que Gannel estava criando um encantamento, se bem que fosse um encantamento diferente de qualquer outro com o qual estivesse familiarizado. Em vez de direcionar a fórmula mágica para um objeto ou algum elemento do mundo ao seu redor, o sacerdote recitava, na língua do mistério e do poder:

— Gûntera, criador dos céus, da terra e do mar sem fim, ouça agora o brado de seu servo fiel! Nós lhe somos gratos por sua magnanimidade. Nossa raça prospera. Neste ano e em todos os outros, nós lhe oferecemos os melhores carneiros dos nossos rebanhos, além de jarros de hidromel condimentado e de uma parcela da nossa colheita de frutos, legumes e cereais. Seus templos são os mais ricos da terra, e não existe quem possa competir com a glória que lhe pertence. O Gûntera poderoso, rei dos deuses, escute agora minha súplica e me conceda este pedido: chegou a hora de indicar um governante mortal para nossas questões terrenas. Peço-lhe que se digne a conceder sua bênção a Orik, filho de Thrifk, e coroá-lo na tradição de seus predecessores.

A princípio, Eragon achou que o pedido de Gannel ficaria sem resposta, pois não sentiu nenhuma magia irromper do anão quando terminou de falar. Entretanto, Saphira lhe deu uma cutucada nesse momento: *Olhe.* Ele acompanhou seu olhar e, uns dez metros acima dali, viu uma perturbação entre as pétalas que caíam: uma lacuna, um vazio pelo qual as pétalas não caíam, como se um objeto invisível ocupasse o espaço. A perturbação se espalhou, estendendo-se até o piso; e o vazio delineado pelas pétalas assumiu a forma de uma criatura com braços e pernas, como um anão, um homem, um elfo ou um Urgal, mas de proporções diferentes das de qualquer raça d, qual Eragon tivesse conhecimento. A cabeça era quase da largura dos ombros; os braços enormes chegavam abaixo dos joelhos; e, embora o torso fosse volumoso, as pernas eram curtas e tortas.

Raios finos como a luz emitida na água irradiavam daquela forma; e assim surgiu a imagem nebulosa de uma figura masculina delineada pelas pétales, gigantesca e desgrenhada. O deus, se é que era deus, não usava nada além de uma tanga amarrada. Seu rosto era escuro e pesado, parecendo conter quantidades iguais de crueldade e bondade, como se pudesse passar de um

extremo a outro sem aviso.

Enquanto observava esses detalhes, Eragon também se deu conta da presença de uma consciência estranha e de longo alcance ali no recinto, uma consciência de pensamentos incompreensíveis e de profundidades insondáveis, uma consciência que faiscava, rugia e se enfunava em direções inesperadas, como uma tempestade de verão. Rapidamente, ele isolou sua mente do toque da outra. Sua pele se arrepiou, e um forte calafrio o percorreu. Não sabia o que tinha sentido, mas o medo o dominou, e se virou para Saphira em busca de apoio. Ela olhava fixamente para a figura, com os olhos azuis de gato cintilando com uma intensidade extraordinária.

Num movimento único, os anões caíram de joelhos.

E então o deus falou, e sua voz parecia o rangido de rochas, o zunido do vento soprando por picos áridos de montanhas e a batida de ondas em penhascos. Falou na língua dos anões, e, apesar de não entender o que era dito, Eragon se encolheu diante do poder daquele discurso divino. Três vezes o deus interrogou Orik, e três vezes Orik respondeu, com a própria voz fraca se comparada a que o interrogava. Parecendo satisfeita com as respostas do novo rei, a aparição estendeu os braços reluzentes e pôs os indicadores de cada lado da cabeça nua de Orik.

O ar entre os dedos do deus se ondulou, e o elmo de ouro incrustado com pedras preciosas que Hrothgar usara se materializou sobre a fronte de Orik. O deus deu um tapa na barriga, soltou um risinho retumbante e desapareceu no nada. As pétalas de rosas voltaram a cair sem interrupção.

— Ûn qroth Gûntera! — proclamou Gannel. Forte e estridente, veio o clangor das trombetas.

Erguendo-se, Orik subiu no palanque, voltou-se para encarar a multidão e então se deixou afundar no trono negro e duro.

— Nal, grimstnzborith Orik! — gritaram os anões, golpeando os escudos com machados e lanças, e batendo com os pés no chão. — Nal, grimstnzborith Orik! Nal, grimstnzborith Orik!

— Salve, rei Orik! — bradou Eragon. Arqueando o pescoço, Saphira rugiu sua homenagem, expelindo acima da cabeça dos anões uma labareda, que incinerou uma faixa de pétalas de rosas. Os olhos de Eragon lacrimejaram quando a corrente de calor passou por ele.

Depois, Gannel se ajoelhou diante de Orik e disse mais algumas palavras na língua dos anões. Quando terminou, Orik o tocou no cocuruto, e Gannel voltou ao seu lugar na borda da câmara. Nado se aproximou do trono e disse praticamente as mesmas coisas, e depois dele o mesmo fizeram Manndrâth, Hadfala e todos os outros chefes de clã, com a única exceção do grimstborith Vermûnd, que havia sido banido da coroação.

Devem estar prestando seu voto de lealdade a Orik, disse Eragon a Saphira.

Eles já não haviam lhe dado sua palavra?

Sim, mas não em público. Eragon observou Thordris caminhar até o trono. *Saphira, o que você acha que nós acabamos de ver? Será que poderia de fato ser Gûntera ou foi uma ilusão? Sua mente me parece bastante real, e eu não sei como alguém conseguiria simular isso, mas. .*

Pode ter sido uma ilusão, ponderou ela. *Os deuses dos anões nunca os ajudaram no campo de batalha, nem em qualquer outra empreitada de que eu tenha conhecimento. Também não acredito que um deus verdadeiro viria correndo atender o chamado de Gannel, como um cão bem treinado. Eu não viria, e um deus não deveria ser mais imponente que um dragão?. . Mas a verdade é que existem muitas coisas inexplicáveis na Alagaësia. É*

possível que tenhamos visto um espectro de alguma era há muito esquecida, um pálido resquício do que um dia foi e que continua a assombrar a terra, ansioso por voltar ao poder. Quem poderá ter certeza?

Assim que o último chefe de clã se apresentou a Orik, os líderes de guilda fizeram o mesmo, e depois ele fez um gesto para Eragon. Com um passo lento e medido, o Cavaleiro avançou entre as fileiras de guerreiros anões até chegar à base do trono, onde se ajoelhou e, como membro do Dûrgrimst Ingeitum, reconheceu Orik como seu rei e jurou servi-lo e protegê-lo. Depois, na qualidade de emissário de Nasuada, Eragon deu a Orik os parabéns em seu nome e dos Varden, prometendo-lhe sua amizade.

Outros foram falar com Orik quando Eragon se afastou, havia uma fila aparentemente interminável de anões ansiosos para demonstrar sua lealdade ao novo rei.

A procissão continuou por horas, e então teve início a entrega de presentes. Cada um dos anões trouxe para Orik uma oferenda do seu clã ou da sua guilda: uma taça de ouro cheia de rubis e diamantes, um corselete de malha encantada que nenhuma lâmina jamais perfuraria, uma tapeçaria de seis metros de comprimento, tecida com a lã macia que os anões recolhiam ao pentear a barba dos bodes Feldûnost, uma placa de ágata na qual estavam inscritos os nomes de todos os antepassados de Orik, uma adaga curva esmerilhada a partir do dente de um dragão e muitos outros tesouros. Em troca, Orik presenteou os anões com anéis como símbolo da sua gratidão. Eragon e Saphira foram os últimos a se colocar diante do novo rei. Ajoelhando-se mais uma vez na base do palanque, Eragon tirou da túnica o bracelete de ouro que havia pedido aos anões na noite anterior.

— Eis meu presente, Orik. — Ele estendeu-lhe o bracelete. — Não fui eu quem o fez, mas lancei sobre ele encantamentos para sua proteção. Enquanto você o usar, não precisará temer veneno algum. Se um assassino tentar atingi-lo, perfurá-lo ou jogar qualquer objeto sobre você, a arma não acertará o alvo. Esse bracelete poderá mesmo servir de escudo contra grande parte da magia hostil. E tem também outras propriedades, que lhe poderão ser úteis caso sua vida esteja em perigo.

— Agradeço muitíssimo seu presente, Eragon Matador de Espectros.

— Orik aceitou o bracelete, inclinando a cabeça. A vista de todos, pôs o bracelete no braço esquerdo.

Saphira falou em seguida, projetando seus pensamentos para toda a assistência: Este é meu presente, Orik. Ela passou pelo trono, com as garras estalando no piso, se empinou e pôs as patas dianteiras na beira dos andaimes em torno da estrela de safira. As vigas reforçadas de madeira rangeram sob seu peso, mas resistiram. Minutos se passaram sem que nada acontecesse, mas Saphira permaneceu onde estava, contemplando a enorme pedra preciosa. Os anões a observavam, sem piscar, quase sem respirar.

Você tem certeza de que pode jazer isso?, perguntou Eragon, relutando em prejudicar a concentração de Saphira.

Não sei. As poucas vezes em que usei magia antes, não parei para refletir se estava lançando um encantamento ou não. Simplesmente determinei que o mundo mudasse, e mudou. Não foi um processo deliberado. . Acho que vou precisar esperar que o momento me pareça exato para consertar Isidar Mithrim.

Deixe-me ajudar. Posso lançar um encantamento através de você.

Não, pequenino. Esta tarefa é minha, não sua.

Uma única voz, baixa e límpida, veio percorrendo a câmara, cantando uma melodia lenta, suplicante. Um a um, os outros membros do coro oculto de anões se juntaram ao canto, enchendo Tronjheim com a beleza tristonha da sua música. Eragon ia lhes pedir que fizessem silêncio, mas Saphira interrompeu-o: *Está tudo bem. Deixe-os em paz.*

Apesar de não compreender o que o coro cantava, Eragon podia dizer, pelo tom da música, que era um lamento por coisas que haviam existido e não existiam mais, como a estrela de safira. À medida que a canção crescia para chegar ao fim, descobriu-se pensando na sua vida perdida no vale Palancar, e as lágrimas lhe encheram os olhos.

Para sua surpresa, percebeu em Saphira uma tendência semelhante de tristeza pensativa. Nem a tristeza nem o remorso eram uma parte normal da sua personalidade. Eragon considerou isso estranho e teria lhe perguntado se não fosse o fato de também sentir a agitação de alguma coisa no fundo dela, como o despertar de alguma parte antiga do seu ser.

A canção terminou numa nota longa e trêmula; e, enquanto desaparecia no silêncio, uma onda de energia irrompeu por Saphira — tanta energia que Eragon perdeu o fôlego —, e ela se curvou e tocou a estrela de safira com a ponta do focinho. As rachaduras que se ramificavam na gigantesca pedra preciosa se acenderam com o brilho de relâmpagos. Então, os andaimes se partiram e caíram ao chão, revelando Isidar Mithrim novamente inteira e sólida.

Mas não era exatamente a mesma. A cor da pedra era de um matiz de vermelho mais forte,

mais profundo, do que antes, e as pétalas internas da rosa estavam raiadas de um dourado escuro.

Os anões olharam assombrados para Isidar Mithrim. Depois, levantaram-se de um salto, dando vivas e aplaudindo Saphira com tanto entusiasmo que parecia o ronco ensurdecedor de urna queda d'água. Ela abaixou a cabeça para a multidão e voltou para onde Eragon estava, esmagando pétalas de rosas sob seus pés. *Obrigada,* disse-lhe ela. *Por quê?*

Por me ajudar. Foram suas emoções que me mostraram o caminho. Sem elas, eu poderia ter ficado semanas aqui até me sentir inspirada a consertar Isidar Mithrim. Orik levantou os braços e acalmou o povo.

— Em nome de toda a minha raça eu lhe agradeço seu presente, Saphira. Hoje você restaurou o orgulho do nosso reino, e nós não nos esqueceremos do seu feito. Que não se possa dizer que os knurlan são uns ingratos. De agora em diante, até o final dos tempos, seu nome será recitado nos festivais de inverno, junto com as listas dos Mestres Criadores. E, quando Isidar Mithrim for recolocada no alto de Tronjheim, seu nome será gravado no aro em torno da Estrela Rosa, ao lado do nome de Dûrok Ornthrond, que originalmente deu forma à pedra preciosa.

"Mais uma vez vocês demonstraram sua amizade pelo meu povo", disse Orik a Eragon e Saphira. "Fico feliz de vocês, pelos seus atos, terem justificado a decisão de meu pai de criação de adotá-los no Dûrgrimst Ingeitum."

Depois de concluída a infinidade de rituais que se seguiu à coroação, e após Eragon ajudar a tirar a lã dos dentes de Saphira — urna tarefa escorregadia, pegajosa e fedorenta que o deixou necessitado de um banho —, os dois compareceram ao banquete realizado em honra a Orik. A festança foi barulhenta, agitada e se estendeu noite adentro. Malabaristas e acrobatas divertiram os convidados, assim como uma trupe de atores que apresentou uma peça intitulada *Az Sartosvrenht rak Balmung*, *Grimsin: borith rak Kvisagûr,* que Hûndfast explicou a Eragon que significava *A saga do rei Bahnung de Kvisagûr.* Quando a comemoração abrandara um pouco e a maioria dos anões já

havia bebido mais do que devia, Eragon se inclinou na direção de Orik, que estava à cabeceira da mesa de pedra.

— Vossa Majestade.

Orik abanou a mão.

— Não vou querer que você me chame de Vossa Majestade o tempo

todo, Eragon. Não vai dar certo. A menos que a ocasião exija, use meu nome como sempre usou. Isso é uma ordem. — Ele estendeu a mão para pegar a taça, mas não acertou e quase a derrubou. Deu, então, uma risada.

— Orik — disse Eragon, sorrindo —, preciso lhe perguntar. Foi Gûntera de verdade quem o coroou?

Orik afundou o queixo no peito e passou o dedo pelo pé da taça, com a expressão mais séria.

— Foi o mais próximo de Gûntera que nós um dia teremos probabilidade de ver neste mundo. Isso responde à sua pergunta, Eragon?

— Eu. . creio que sim. Ele sempre responde quando é invocado?

Alguma vez se recusou a coroar um dos seus governantes?

A distância entre as sobrancelhas de Orik se apertou.

— Você já ouviu falar nos Reis e nas Rainhas Hereges?

Eragon negou.

— São knurlan que não conseguiram obter a bênção de Gûntera para serem governantes e que, mesmo assim, insistiram em assumir o trono. — A boca de Orik se contorceu. — Sem exceção, seus reinados foram curtos e infelizes.

Eragon teve a impressão de que uma faixa lhe comprimia o peito.

— Quer dizer que, muito embora o conselho de clãs o tivesse elegido seu líder, se Gûntera tivesse se recusado a coroá-lo, você agora não seria o rei.

— Isso mesmo ou seria rei de uma nação em guerra consigo mesma. —

Orik deu de ombros. — Eu não estava muito preocupado com essa possibilidade. Com os Varden no meio de uma invasão ao Império, somente um louco se arriscaria a destroçar nosso país com o único intuito de me negar o trono. E, embora Gûntera seja muitas coisas, louco ele não é.

— Mas você não tinha certeza — disse Eragon.

Orik abanou a cabeça.

— Não enquanto ele não pôs o elmo na minha cabeça.

PALAVRAS DE SABEDORIA

into muito — disse Eragon, ao trombar com a bacia.

Nasuada franziu o cenho, seu rosto encolhendo e alongando à

medida que uma seqüência de ondulações percorria a superfície da S água na bacia. — Por qual motivo? — perguntou ela. — Eu imagino que as congratulações sejam adequadas. Realizou com êxito tudo o que mandei você fazer e ainda mais.

— Não, eu. . — Eragon parou ao perceber que ela não estava vendo as ondulações na água. O encanto fora preparado de modo que o espelho de Nasuada pudesse proporcionar-lhe uma visão desobstruída dele e de Saphira e não dos objetos que estivessem mirando. — Eu bati com a mão na bacia, é só

isso.

— Oh. Nesse caso, deixe-me parabenizá-lo formalmente, Eragon. Ao garantir que Orik se tornasse rei. .

— Mesmo que tenha sido pelo ataque que sofri? Nasuada sorriu.

— Sim, mesmo que tenha sido pelo ataque que sofreu, ainda assim você preservou nossa aliança com os anões, e isso deverá significar a diferença entre vitória e derrota. A questão agora é: quanto tempo levará até o resto do exército dos anões conseguir se juntar a nós?

Orik já ordenou que os guerreiros se preparassem para a partida —

disse Eragon. — Provavelmente os clãs levarão alguns dias para juntar suas forças, mas, uma vez reunidos, marcharão imediatamente.

— Isso também é bom. Podemos usar seu apoio assim que for possível. O que me lembra o seguinte: para quando está prevista sua volta?

Daqui a três, quatro dias?

Saphira balançou as asas, sua respiração quente na nuca de Eragon. Ele olhou-a de relance, e então, escolhendo suas palavras com cuidado, disse:

— Isso dependerá de uma questão. A senhora se lembra do que discutimos antes de eu partir?

Nasuada mordeu os lábios.

— Claro que me lembro, Eragon. Eu. . — Ela desviou o olhar para o lado da imagem e ouviu quando um homem dirigiu-lhe a palavra, sua voz um murmúrio ininteligível para Eragon e Saphira. Retornando sua atenção para os dois, Nasuada disse: — O pelotão do capitão Edric acaba de voltar. Parece que sofreram muitas baixas, mas nossos sentinelas dizem que Roran sobreviveu.

— Ele está ferido? — quis saber Eragon.

— Você saberá assim que eu descobrir. Mas eu não me preocuparia muito. Roran tem a sorte

de um.. — Mais uma vez, a voz de uma pessoa oculta distraiu Nasuada, e ela desapareceu de vista.

Eragon se inquietou enquanto esperava.

— Minhas desculpas — disse Nasuada, seu semblante reaparecendo na bacia. — Estamos nos aproximando de Feinster, e estamos tendo de combater grupos de soldados desordeiros que lady Lorana envia da cidade para nos atacar.. Eragon, Saphira, precisamos de vocês para essa batalha. Se o povo de Feinster só enxergar homens, anões e Urgals reunidos do lado de fora de seus muros, poderão acreditar que têm uma chance de manter a cidade, e lutarão com muito mais afinco por causa disso. Eles não podem manter Feinster, é claro, mas ainda necessitam perceber isso. Entretanto, se virem um dragão e um Cavaleiro liderando os ataques, perderão a vontade de lutar.

— Mas. .

Nasuada ergueu a mão, cortando a fala de Eragon.

— Existem também outras razões para vocês retornarem. Em decorrência de meus ferimentos no Desafio das Facas Longas, não posso cavalgar na batalha com os Varden, como costumava fazer. Preciso que você

tome o meu lugar, Eragon, para garantir que meus comandos sejam obedecidos a contento e também para amparar os espíritos de nossos guerreiros. E mais, boatos de sua ausência já estão circulando pelo acampamento, apesar de todos os nossos esforços para evitá-los. Se Murtagh e Thorn nos atacarem diretamente em conseqüência disso, ou se Galbatorix os enviar para reforçar Feinster. . bem, mesmo com os elfos ao nosso lado, duvido que possamos resistir a eles. Sinto muito, Eragon, mas não posso permitir que volte para Ellesméra agora. É muito perigoso.

Eragon pressionou suas mãos contra a borda da fria mesa de pedra sobre a qual estava a bacia.

— Por favor, Nasuada. Se não agora, então quando?

— Breve. Você precisa ter paciência.

— Breve. — Ele respirou fundo, apertando a mesa com mais força ainda. — Mas quando exatamente?

Nasuada franziu o cenho.

— Você não pode esperar que eu saiba quando. Primeiro devemos tomar Feinster, depois assegurar o campo, e então. .

— E então a senhora pretende marchar em direção a Belatona ou DrasLeona, e então a

Urû'baen — interrompeu Eragon. Nasuada tentou responder, mas ele não lhe deu uma oportunidade. — E quanto mais próximo chegar de Galbatorix, mais provável será que Murtagh e Thorn a ataquem, ou quem sabe o próprio rei, e a senhora ficará mais relutante ainda de nos deixar ir. . Nasuada, Saphira e eu não possuímos a habilidade, o conhecimento nem a força para matar Galbatorix. A senhora sabe disso! Galbatorix poderia encerrar essa guerra a qualquer momento se estivesse disposto a sair de seu castelo e enfrentar os Varden diretamente. Nós ternos de conversar novamente com nossos mestres. Eles podem nos dizer de onde vem o poder de Galbatorix, e talvez sejam capazes de nos mostrar um ou dois truques que nos permitam derrotá-lo.

Nasuada olhou para baixo, estudando as mãos.

— Thorn e Murtagh poderiam nos destruir enquanto vocês estivessem longe.

— E se nós não formos, Galbatorix nos destruirá quando chegarmos a Urû'baen... A senhora não poderia esperar alguns dias antes de atacar Feinster?

— Nós poderíamos, mas quanto mais dias ficarmos acampados fora da cidade, mais vidas perderemos. — Nasuada esfregou as têmporas com as mãos. — Você está pedindo muito em troca de uma recompensa incerta, Eragon.

— A recompensa pode ser incerta — disse ele —, mas nossa destruição é inevitável a menos que tentemos isso.

— Será? Não estou tão certa disso. Ainda assim.. — Por um tempo desconfortavelmente longo, Nasuada ficou em silêncio, olhando para a borda da imagem. Então, balançou uma vez a cabeça, como se confirmando algo para si mesma: — Posso adiar nossa chegada a Feinster por dois ou três dias. Há diversas cidades na área que podemos tomar antes. Assim que chegarmos lá, poderei passar outros dois ou três dias mandando os Varden construírem os equipamentos para o sítio e prepararem fortificações. Ninguém achará

estranho. Depois disso, porém, terei de seguir para Feinster, porque simplesmente precisaremos de suprimentos. Um exército parado em território inimigo é um exército que passa fome. Posso lhe dar no máximo seis dias, mas talvez somente quatro.

À medida que ela falava, Eragon fazia vários cálculos rápidos.

— Quatro dias não serão suficiente — retrucou ele — e seis talvez também não sejam. Saphira levou três dias para voar até Farthen Dûr, e isso sem parar para dormir e sem carregar meu peso. Se os mapas que tenho são confiáveis, é pelo menos tão distante daqui a Ellesméra, talvez mais distante ainda, e mais ou menos a mesma distância de Ellesméra até Feinster. E

comigo nas costas, Saphira não será capaz de cobrir a distância com tanta rapidez.

Não, não serei capaz, Saphira disse a ele.

Eragon prosseguiu:

— Mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, levaríamos uma semana para alcançá-la em Feinster, e isso se não permanecêssemos nem um segundo em Ellesméra.

Uma expressão de profunda exaustão atravessou o rosto de Nasuada.

— Vocês têm de voar mesmo até Ellesméra? Não seria suficiente uma cristalomancia com seus mentores uma vez que tenham ultrapassado as proteções ao longo da borda de Du Weldenvarden? O tempo que ganhariam poderia ser crucial.

— Não sei. Podemos tentar.

Nasuada fechou os olhos por um momento. Com uma voz rouca, ponderou:

— Talvez eu possa adiar nossa chegada a Feinster por quatro dias. . Vá

para Ellesméra ou não vá; deixo a decisão para você. Se for, então fique o tempo que for necessário. Você está certo; a menos que encontre um meio de derrotar Galbatorix, não temos nenhuma esperança de vitória. Mesmo assim, não se esqueça do tremendo risco que assumiremos, das vidas dos Varden que sacrificarei para ganhar esse tempo para você e de quantos Varden morrerão se sitiarmos Feinster sem você.

Soturno, Eragon assentiu com a cabeça.

— Não me esquecerei.

Espero que não. Agora vá! Não perca mais tempo! Voe! Voe! Voe mais rápido do que um falcão mergulhando, Saphira, e não deixe nada atrapalhar você. — Nasuada tocou as pontas dos dedos nos lábios e então pressionou a superfície invisível do espelho, onde ele sabia que ela estava vendo a imagem móvel dele e de Saphira. — Sorte em sua jornada, Eragon. Saphira. Se nos encontrarmos novamente, temo que será no campo de batalha.

Então, ela saiu de vista às pressas, e Eragon liberou seu encanto e a água na bacia clareou.

PUNIÇÃO

oran estava sentado totalmente empertigado e olhava para além de Nasuada, com os olhos fixos numa ruga na lateral do pavilhão da

cor de e ar mim.

R Sentia que ela o examinava, mas se recusava a encará-la. Durante o silêncio prolongado e monótono que os envolveu, considerou uma

quantidade de possibilidades medonhas, e suas têmporas latejavam com uma intensidade

febril. Sentia vontade de poder sair do pavilhão sufocante para respirar o ar fresco lá fora.

— O que hei de fazer com você, Roran? — disse Nasuada por fim.

— O que a senhora quiser, minha lady respondeu Roran,

empertigando-se ainda mais.

— Resposta admirável, Martelo Forte, mas que de modo algum soluciona meu impasse. — Nasuada bebericou um pouco de vinho de uma taça. — Por duas vezes, você desafiou uma ordem direta do capitão Edric; e, no entanto, se não tivesse desobedecido, nem ele, nem você, nem os demais do seu grupo poderiam ter sobrevivido para contar a história. Contudo, seu sucesso não anula a sua desobediência. Por seu próprio relato, você cometeu a insubordinação conscientemente, e *preciso* puni-lo se quiser manter a disciplina entre os Varden.

— Sim, minha lady.

A expressão de Nasuada se toldou.

— Que inferno, Martelo Forte. Se você fosse qualquer outra pessoa e não o primo de Eragon; e se seu estratagema tivesse sido um pouquinho menos eficaz, eu teria mandado enforcá-lo por má conduta.

Roran engoliu em seco enquanto imaginava um laço apertando seu pescoço.

Com o dedo médio da mão direita, Nasuada batia no braço da sua cadeira de espaldar alto com velocidade crescente até que parou para fazer uma pergunta.

— Você quer continuar a lutar ao lado dos Varden, Roran?

— Sim, minha lady — respondeu ele, sem hesitar.

— O que está disposto a suportar para permanecer no meu exército?

Roran não se permitiu refletir muito sobre as conseqüências.

— O que for preciso, minha lady.

A tensão no rosto de Nasuada se abrandou, e ela concordou em silêncio, parecendo satisfeita.

— Esperava que você dissesse isso. A tradição e os precedentes estabelecidos me permitem apenas três opções. A primeira, posso enforcá-lo, mas não o farei. . por uma infinidade de motivos. A segunda, posso sentenciálo a trinta chibatadas e depois dispensá-lo das nossas fileiras. Ou, a terceira, posso lhe dar cinqüenta chibatadas e mantê-lo sob meu comando.

Cinqüenta chibatadas não são muito mais do que trinta, pensou Roran, tentando reunir coragem. Ele umedeceu os lábios.

— Eu seria açoitado onde todos pudessem ver?

As sobrancelhas de Nasuada se ergueram um centímetro se tanto.

— Seu orgulho não tem nenhum papel nisso, Martelo Forte. A punição deve ser severa para que outros não se sintam tentados a seguir seu exemplo. E é preciso que seja em público para que os Varden como um todo tirem proveito da lição. Se tiver a metade da inteligência que parece ter, você saberia, ao desafiar as ordens de Edric, que sua decisão teria conseqüências e que essas conseqüências teriam grande probabilidade de ser desagradáveis. A escolha que deve fazer agora é simples: vai querer permanecer com os Varden ou vai abandonar seus amigos e sua família para seguir seu próprio caminho?

Roran ergueu o queixo, com raiva por Nasuada questionar sua palavra.

— Não irei embora, lady Nasuada. Por maior que seja o número de chibatadas que a senhora designar, elas não poderão doer mais do que a perda da minha casa e do meu pai.

— Não — disse Nasuada, baixinho. — Não poderiam mesmo. . Um dos mágicos da Du Vrangr Gata irá supervisionar seu açoitamento e cuidará

de você ao final, para se certificar de que o açoite não lhe cause lesões permanentes. No entanto, ele não vai curar totalmente os ferimentos, nem você poderá procurar um mágico por conta própria que cure suas costas.

— Entendi.

— Seu açoitamento vai se realizar assim que Jörmundur conseguir reunir a tropa. Até esse momento, você deverá permanecer sob custódia numa tenda junto ao pelourinho.

Roran ficou aliviado por não ter de esperar muito. Não queria ser forçado a penar dias a fio com a preocupação do que o aguardava.

— Minha lady. — Ele fez uma reverência, e ela o dispensou com o movimento de um dedo.

Girando nos calcanhares, Roran saiu marchando do pavilhão. Dois guardas assumiram posição de cada lado quando surgiu. Sem olhá-lo nem falar com ele, atravessaram o acampamento conduzindo-o até que chegaram a uma pequena tenda vazia, perto do pelourinho enegrecido, que ficava numa pequena elevação pouco adiante dos limites do acampamento.

Era uma coluna de uns dois metros de altura com uma grossa viga transversal perto do topo, à qual eram amarrados os pulsos dos prisioneiros. Filas de arranhões das unhas dos homens açoitados cobriam essa viga. Roran se forçou a olhar para outro lado e então se abaixou para entrar na tenda. O único móvel ali dentro era um banco de madeira muito gasto. Sentou e se concentrou na respiração, determinado a manter a calma. Com a passagem dos minutos, começou a ouvir o som das botas contra o chão e o retinir das cotas de malha à medida que os Varden se reuniam em torno do pelourinho. Roran imaginou os milhares de homens e mulheres

com os olhos fixos nele, até mesmo os moradores de Carvahall. Seu pulso se acelerou, e o suor brotou na sua fronte.

Após cerca de meia hora, a feiticeira Trianna entrou na tenda e fez com que se despisse até estar apenas com as calças, o que deixou Roran embaraçado, se bem que a mulher parecesse não perceber. Trianna o examinou por inteiro e chegou a lançar um encantamento adicional de cura no seu ombro esquerdo, onde o soldado lhe cravara a flecha de uma besta. Depois, ela o declarou apto a continuar e lhe deu uma camisa de aniagem para usar no lugar da antiga.

Roran tinha acabado de vestir a camisa pela cabeça quando Katrina entrou na tenda abrindo caminho à força. Quando a viu, Roran se sentiu dominado pela alegria e pelo pavor, em doses iguais.

Katrina relanceou o olhar entre ele e Trianna, e então fez uma mesura para a feiticeira.

— Posso falar com meu marido a sós, por favor?

— Sem dúvida. Vou esperar do lado de fora.

Assim que Trianna saiu, Katrina correu para Roran e se jogou em seus braços. Ele a abraçou com a mesma ferocidade com que ela o abraçava, pois não a via desde que voltara para os Varden.

— Ah, como senti sua falta — sussurrou Katrina no seu ouvido.

— E eu a sua — murmurou ele.

Afastaram-se apenas o suficiente para poderem se olhar nos olhos. E

então Katrina franziu o cenho.

— Está errado! Procurei Nasuada e lhe implorei que o perdoasse, ou pelo menos reduzisse a quantidade de chibatadas, mas ela se recusou a atender ao meu pedido.

— Eu preferia que você não tivesse feito isso — disse ele, passando as mãos para cima e para baixo nas costas de Katrina.

— Por quê?

— Porque eu disse a ela que queria ficar com os Varden e não quero voltar atrás na palavra dada.

— Mas está errado! — repetiu Katrina, agarrando-o pelos ombros. —

Carn me contou o que você fez, Roran, você matou duzentos soldados sozinho; e, se não fosse pelo seu heroísmo, nenhum dos homens com vocês teria sobrevivido. Nasuada deveria estar

lhe dando presentes e louvores, não mandar que seja punido como um criminoso qualquer!

— Não importa se isso é certo ou errado — disse ele. — E necessário. Se estivesse no lugar de Nasuada, eu mesmo teria dado essa ordem. Katrina estremeceu.

— Mas cinqüenta chibatadas. . Por que tantas? Homens já morreram por serem açoitados tantas vezes.

— Só se tinham o coração fraco. Não se preocupe. Vai ser preciso mais do que isso para me matar.

Um sorriso fraco passou rápido pelos lábios de Katrina. Então, um soluço lhe escapou, e ela grudou o rosto no peito do marido. Ele a aconchegou nos braços, afagando seus cabelos e tentando tranqüilizá-la da melhor forma possível, mesmo que não se sentisse nem um pouco melhor do que ela. Depois de alguns minutos, Roran ouviu uma corneta soar do lado de fora da tenda e soube que seu tempo juntos estava se encerrando.

— Quero que você faça uma coisa por mim — disse ele, soltando-se do abraço de Katrina.

— O quê? — perguntou ela, enxugando as lágrimas.

— Volte para nossa tenda e só saia depois que o açoitamento terminar. Katrina pareceu chocada com o pedido.

— Não! Não vou sair do seu lado. . não agora.

— Por favor, Katrina, você não deveria ver isso.

— E você não deveria ter de se submeter a isso — retrucou ela.

— Deixe para lá. Sei que você quer ficar ao meu lado, mas vou poder suportar isso melhor se souber que você não está aqui, assistindo. . Eu provoquei esse castigo, Katrina, e não quero que também você sofra por causa dele.

— Saber o que está acontecendo com você vai me doer de qualquer modo, não importa onde eu esteja — disse ela, com a expressão tensa. —

Mesmo assim, vou fazer o que me pede, mas só porque vai ajudá-lo a atravessar essa tortura. . Você sabe que eu preferiria que o meu corpo recebesse o açoite em vez do seu, se isso fosse possível.

— E você sabe e ele beijou-a nas bochechas — que eu não permitiria que você assumisse meu lugar.

Com os olhos cheios de lágrimas novamente, Katrina puxou Roran mais para perto e o abraçou com tanta força que ele teve dificuldade para respirar.

Os dois ainda estavam abraçados quando a aba da tenda se abriu e jörmundur entrou, com dois Falcões da Noite. Katrina se afastou de Roran, fez uma mesura para Jörmundur e então, sem uma palavra, saiu discretamente da tenda.

— Chegou a hora — disse Jörmundur, estendendo a mão para Roran.

Concordando em silêncio, Roran se levantou e permitiu que Jörmundur e os guardas o escoltassem até o pelourinho do lado de fora. Fileiras e mais fileiras de Varden se acotovelavam na área em torno do pelourinho, cada homem, mulher, anão e Urgal em pé, com a coluna ereta e os ombros aprumados. Depois de um primeiro olhar para o exército reunido, Roran voltou os olhos para o horizonte distante e fez o que pôde para ignorar os circunstantes. Os dois guardas levantaram os braços de Roran acima da cabeça e prenderam seus pulsos à viga do pelourinho. Enquanto faziam isso, Jörmundur deu a volta para passar diante do tronco e estendeu um tarugo forrado de couro.

— Tome, morda isso — disse ele, em voz baixa. — Vai evitar que você

se machuque. — Grato, Roran abriu a boca e deixou que Jörmundur encaixasse o tarugo entre seus dentes. O couro curtido tinha um gosto amargo, como o de frutos de carvalho.

Ouviu-se então uma cometa e um rufar de tambor. Jörmundur leu em voz alta as acusações contra Roran, e os guardas cortaram a camisa de aniagem que ele usava.

Roran estremeceu quando o ar frio envolveu seu torso nu.

Um instante antes de ser atingido, Roran ouviu o açoite zunindo pelo ar.

A sensação era a de que uma vara de metal incandescente havia sido aplicada de um lado a outro das suas costas. Ele arqueou as costas e mordeu o tarugo. Um gemido involuntário escapou-lhe, se bem que o tarugo abafasse o som tanto que achou que ninguém mais ouviu.

— Um — disse o homem que brandia o açoite.

O choque do segundo golpe fez com que ele gemesse de novo, daí em diante, porém, permaneceu em silêncio, determinado a não aparentar fraqueza diante de todos os Varden.

O açoitamento era mais doloroso que os inúmeros ferimentos que Roran havia sofrido nos últimos meses. Mas, depois de cerca de doze golpes, ele desistiu de lutar contra a dor e, se entregando a ela, entrou num transe enevoado. Seu campo de visão se estreitou até que a única coisa que via era a madeira gasta à sua frente. Por vezes, sua visão falhava e tudo desaparecia quando ele caía em breves ataques de inconsciência.

Depois do que pareceu um tempo interminável, Roran ouviu a voz distante e apagada entoar "Trinta", e o desespero o dominou enquanto se perguntava: *Como suportarei mais vinte chibatadas?* Pensou então em Katrina e no filho por vir, e esse pensamento lhe deu torças.

Roran acordou para se descobrir deitado de bruços no catre da tenda que ele e Katrina dividiam. Ela estava ajoelhada ao seu lado, afagando seus cabelos e murmurando no seu ouvido, enquanto alguém besuntava as listras nas suas costas com uma substância fria e grudenta. Ele se encolheu e se enrijeceu quando a pessoa anônima tocou num ponto especialmente sensível.

— Não é *assim* que eu trataria um paciente meu. — Ele ouviu Trianna dizer, num tom arrogante.

— Se você tratar todos os seus pacientes como estava tratando Roran

— respondeu outra mulher —, ficarei surpresa de qualquer um ter sobrevivido aos seus cuidados. — Depois de um instante, Roran reconheceu a segunda voz: era Angela, a herbolária estranha, de olhos brilhantes.

— Como?! — exclamou Trianna. — Não vou ficar aqui parada para ser insultada por uma *vidente* insignificante que luta até mesmo para lançar o mais simples dos encantamentos.

— Sente-se, então, se quiser. Mas esteja você sentada ou em pé, continuarei a insultá-la até admitir que o músculo das costas se prende *aqui* e não *lá*. — Roran sentiu um dedo tocá-lo em dois lugares diferentes, a pouco mais de um centímetro um do outro.

— Ora! — E Trianna saiu da tenda.

Katrina sorriu para o marido; e pela primeira vez ele percebeu as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Roran, você está me entendendo? — perguntou ela. — Está

acordado?

— Acho. . acho que sim — respondeu ele, com a voz rouca. Seu maxilar doía de ter mordido o tarugo com tanta força por tanto tempo. Ele tossiu e então fez uma careta quando cada uma das cinqüenta listras nas suas costas latejou.

— Pronto — disse Angela. — Terminei.

— É espantoso. Eu não esperava que você e Trianna ajudassem tanto disse Katrina.

— Por ordem de Nasuada.

— Nasuada?. . Por que ela ia. .

— Você vai ter de perguntar a ela. Diga a ele que não se deite de costas se puder evitar. E ele deveria ter cuidado ao se virar de um lado para outro, para não abrir as cascas das feridas.

— Obrigado — murmurou Roran.

Atrás dele, Angela deu uma risada.

— Nem pense nisso, Roran. Ou melhor, pense um pouco nisso, sim,

mas não lhe dê importância excessiva. Além do mais, acho engraçado eu ter cuidado de ferimentos tanto nas suas costas como nas de Eragon. Muito bem, já vou indo. Cuidado com furões!

Quando a herbolária foi embora, Roran fechou os olhos de novo. Os dedos suaves de Katrina afagaram sua testa.

— Você teve muita coragem — disse ela.

— Tive?

— Teve. Jörmundur e todos os outros me disseram que você em nenhum momento gritou, nem pediu que a punição parasse.

— Que bom. — Ele queria saber até que ponto seus ferimentos eram graves, mas relutava em forçar Katrina a descrever as lesões nas suas costas. Ela, porém, pareceu perceber esse seu desejo.

— Angela acredita que, com um pouco de sorte, você não ficará com cicatrizes muito feias. Seja como for, assim que estiver completamente curado, Eragon ou outro mágico poderá removê-las das suas costas, e você ficará

como se não tivesse sido açoitado.

— Hum.

Quer beber alguma coisa? — ofereceu ela. — Estou com um bule de

chá de milefólio quase pronto.

— Quero, sim, por favor.

Quando Katrina se levantou, Roran ouviu outra pessoa entrar na tenda. Abriu um olho e ficou surpreso ao ver Nasuada em pé ao lado do poste da entrada.

— Minha lady — disse Katrina, com a voz afiada como uma navalha. Apesar das fisgadas de dor nas costas, Roran conseguiu se erguer parcialmente e, com a ajuda de Katrina, girou para ficar sentado. Apoiando-se na esposa, ele começou a se levantar, mas Nasuada fez um gesto.

— Por favor, não se levante. Não quero lhe causar mais nenhuma aflição além da que já causei.

— Por que a senhora veio aqui, lady Nasuada? — quis saber Katrina.

— Roran precisa repousar para se recuperar, não passar o tempo conversando quando não é necessário.

Roran pôs a mão no ombro esquerdo de Katrina.

— Posso falar se for preciso — disse ele.

Adentrando a tenda, Nasuada levantou a barra do seu vestido verde e se sentou no pequeno baú de pertences que Katrina havia trazido de Carvahall.

— Tenho outra missão para você, Roran — ela começou a dizer, depois de arrumar as pregas da saia. — Um pequeno ataque surpresa semelhante àqueles dos quais você participou.

— E quando vou partir? — perguntou ele, confuso por Nasuada ter se dado ao trabalho de vir informá-lo em pessoa de uma missão tão simples.

— Amanhã.

Katrina arregalou os olhos.

— A senhora enlouqueceu?

— Katrina. . — murmurou Roran, procurando acalmá-la, mas ela se livrou da sua mão.

— A última missão em que a senhora o enviou quase o matou; e agora ele acaba de ser açoitado a um ponto em que por um triz não perdeu a vida! A senhora não pode lhe ordenar que volte ao combate tão cedo. Ele não duraria mais que um minuto contra os soldados de Galbatorix.

— Posso e devo! — respondeu Nasuada, com tanta autoridade na voz, que Katrina se calou e esperou ouvir a explicação da líder, apesar de Roran poder ver que sua raiva não havia diminuído. Olhando para ele, intensamente, Nasuada prosseguiu: — Roran, como você pode estar a par ou não, nossa aliança com os Urgals está à beira de um colapso. Um dos nossos assassinou três Urgals enquanto você estava a serviço do capitão Edric, que, talvez seja do seu agrado saber, não é mais capitão. Seja como for, mandei enforcar o pobre desgraçado que matou os Urgals; mas desde então nossas relações com os guerreiros de Garzhvog se tornaram cada vez mais precárias.

— E o que isso tem a ver com Roran? — quis saber Katrina.

Nasuada crispou os lábios antes de responder.

— Preciso convencer os Varden a aceitar a presença dos Urgals sem mais derramamento de sangue. E a melhor forma de fazer isso é *mostrando* aos Varden que nossas duas raças podem

trabalhar juntas na busca pacífica de um objetivo comum. Para esse fim, o grupo com o qual você viajará conterá

humanos e Urgals, em números iguais.

— Mas isso ainda não. . — Katrina começou a dizer.

— E estou pondo todos eles sob seu comando, Martelo Forte.

— Meu comando? — perguntou Roran, pasmo. — Por quê?

— Porque você — explicou ela, com um sorriso sem alegria — fará o que tiver de fazer para proteger seus amigos e família. Nisso, você é como eu, apesar de minha família ser maior que a sua, pois considero todos os Varden meus parentes. Além disso, por ser primo de Eragon, não posso permitir que volte a cometer insubordinação, pois se isso acontecer não terei escolha a não ser executá-lo ou expulsá-lo dos Varden. E não desejo nenhum desses acontecimentos.

"Portanto, estou lhe dando seu próprio batalhão para que não tenha superior ao qual possa desobedecer, com exceção de mim. Se desconsiderar minhas ordens, é melhor que seja para matar Galbatorix. Nenhum outro motivo o salvará de destino pior do que as chibatadas que recebeu hoje. E

estou lhe dando *esse* comando, porque você já provou ser capaz de convencer outros a segui-lo, mesmo diante das circunstâncias mais difíceis. Mais do que ninguém você tem condições de manter o controle sobre um grupo de Urgals e humanos. Eu mandaria Eragon se pudesse; mas, como ele não está aqui, a responsabilidade será sua. Quando os Varden souberem que o próprio primo de Eragon, Roran Martelo Forte, aquele que matou quase duzentos soldados sozinho, seguiu numa missão com Urgals e que a missão foi um sucesso, poderemos ainda manter os Urgals como nossos aliados durante toda esta guerra. Foi por *isso* que mandei Angela e Trianna curarem suas lesões mais do que seria costumeiro. Não para poupá-lo da punição, mas porque preciso de você em condições para comandar. Agora, o que me diz. Martelo Forte?

Posso contar com você?"

Roran olhou para Katrina. Sabia que ela desejava desesperadamente que dissesse a Nasuada que se sentia incapaz de comandar um ataque surpresa. Baixando os olhos para não precisar ver a aflição da esposa, Roran pensou no imenso exército que os Varden enfrentavam e então respondeu, num murmúrio rouco:

— Pode contar comigo, lady Nasuada.

ENTRE AS NUVENS

e Tronjheim, Saphira voou os oito quilômetros até o portão interno de Farthen Dûr. Em seguida, ela e Eragon entraram no túnel que

conduzia ao leste por vários quilômetros subterrâneos. Eragon D poderia ter corrido a extensão do túnel cm mais ou menos dez

minutos, mas como a altura do teto impedia Saphira de voar ou de saltar, ela não teria sido capaz de acompanhá-lo, de modo que ele foi obrigado a limitar sua velocidade a uma caminhada mais intensa. Urna hora mais tarde, emergiram no vale Odred, que ia de norte a sul. Aninhado entre os pés da montanha no topo do estreito vale repleto de samambaias ficava Fernoth-mérna, um lago de razoáveis proporções que parecia uma gota de tinta preta entre as gigantescas montanhas da cadeia Beor. Da extremidade norte do lago fluía o Ragni Darmn, que serpenteava vale acima até se juntar com o Az Ragni nos flancos de Moldûn a Orgulhosa, a montanha mais ao norte das Beor.

Deixaram Tronjheim bem antes da alvorada, e embora o túnel houvesse diminuído a velocidade da dupla, ainda era cedo. A tosca faixa de céu acima estava bloqueada por leves raios amarelados por onde a luz do sol penetrava entre os picos das imensas montanhas. No vale abaixo, cristas de pesadas nuvens grudavam-se aos flancos das formações rochosas como enormes cobras cinzentas. Pequenas nuvens de névoa branca vagavam da superfície cristalina do lago.

Eragon e Saphira pararam na beira de Fernoth-mérna para beber água e reabastecer os sacos de pele para o trecho seguinte da viagem. A água vinha da neve congelada do alto das montanhas. Era tão gelada que fazia os dentes de Eragon doerem. Ele fechou os olhos e bateu com os pés no chão, gemendo quando urna pontada de dor ocasionada pelo gelo atravessou sua cabeça. À medida que o latejar foi diminuindo, ele olhou para o lago. Entre as cortinas de névoa em movimento, avistou as ruínas de um amplo castelo construído sobre uma pedra cortada na montanha. Espessas ramificações de hera estrangulavam as paredes decrépitas, mas, fora isso, a estrutura parecia sem vida. Eragon estremeceu. O edifício abandonado tinha uma aparência agourenta, calamitosa, como se fosse a carcaça decadente de alguma fera maligna.

Pronto?, Saphira perguntou.

Pronto, ele respondeu e montou na sela.

De Fernoth-mérna, Saphira voou para o norte, seguindo o vale Odred para fora das montanhas Beor. O vale não dava diretamente em Ellesméra, que ficava mais ao norte, mas não tinham outra escolha a não ser permanecer ali, já que as passagens entre as montanhas tinham mais de oito quilômetros de altura.

Saphira voava na altitude máxima suportada por Eragon porque era mais fácil para ela ultrapassar longas distâncias na atmosfera rarefeita das grandes altitudes do que em meio ao ar denso próximo do solo. Eragon protegia-se contra as temperaturas geladas vestindo diversas

camadas de roupa e escudando-se do vento com um encanto que dividia a corrente de ar gelado de modo que fluísse ao seu lado, sem lhe causar nenhum desconforto. Montar Saphira era tudo menos relaxante, mas quando ela mantinha um ritmo lento e estável, Eragon não precisava se concentrar em manter seu equilíbrio como era obrigado a fazer quando ela dava uma guinada, mergulhava ou empreendia alguma manobra mais elaborada. A maior parte do tempo ele dividia conversando com Saphira, pensando nos eventos das últimas semanas e estudando a eternamente mutante paisagem abaixo. *Você usou magia sem a língua antiga quando os anões o atacaram,* disse Saphira. *É muito perigoso fazer isso.*

Eu sei, mas eu não tinha tempo para pensar nas palavras. Além do mais, você

nunca usa a língua antiga para lançar encantos.

Isso é diferente. Eu sou um dragão. Nós não precisamos da língua antiga para demonstrar nossas intenções; sabemos o que queremos, e não mudamos de opinião tão facilmente quanto elfos ou humanos.

O sol alaranjado estava um palmo acima do horizonte quando Saphira atravessou a boca do vale por sobre as planícies relvadas e vazias que acompanhavam as montanhas Beor. Esticando-se na sela, Eragon olhou naquela direção e balançou a cabeça, maravilhado pela grande quantidade de quilômetros que haviam viajado. *Se ao menos tivéssemos podido voar para Ellesméra naquela primeira vez,* ele disse, *teríamos tido muito mais tempo para passar com Oromis e Glaedr.* Saphira indicou sua concordância com um leve balançar da cabeça. Ela voou até o sol se pôr, as estrelas cobrirem o céu e as montanhas virarem uma mancha escura atrás deles. Teria continuado até de manhã, mas Eragon insistiu para que parassem e descansassem. *Você ainda está cansada da viagem a Farthen Dûr. Nós podemos viajar à noite amanhã e também no dia seguinte, mas agora devemos dormir.*

Embora Saphira não gostasse da proposta, concordou e aterrissou perto de alguns salgueiros ao longo de um córrego. Assim que desmontou, Eragon descobriu que suas pernas estavam tão rígidas que teve dificuldades para permanecer de pé. Retirou a sela de Saphira e então esticou seu saco de dormir próximo a ela e se enroscou com as costas grudadas no corpo quente do dragão. Ele não necessitava de uma tenda, pois ela o abrigava com uma das asas, como um falcão protegendo sua cria. Os dois logo mergulharam em seus respectivos sonhos, que se misturavam de uma maneira estranha e maravilhosa, já que suas mentes permaneciam ligadas mesmo durante o sono. Assim que o primeiro sinal de luz surgiu a leste, Eragon e Saphira seguiram seu caminho, planando bem acima das planícies verdejantes.

Um forte vento de proa começou a soprar no meio da manhã, o que

diminuiu a velocidade de Saphira pela metade. Por mais que se esforçasse, ela não conseguia se alçar acima do vento. Durante todo o dia, lutou contra a forte corrente de ar. Era um trabalho árduo e, embora Eragon lhe desse o máximo de força que ousava dar, à tarde sua exaustão já era profunda. Ela rodopiou para baixo e aterrissou sobre uma pequena elevação na planície relvada e ficou sentada com as asas dobradas no chão, arquejando e tremendo. *Nós*

deveríamos ficar aqui nessa noite, Eragon disse.

Não.

Saphira, você não está em condições de continuar a viagem. Vamos acampar aqui até você. melhorar. Quem sabe o vento não diminui durante a noite. Ele ouviu a aspereza úmida da língua quando ela lambeu os beiços, e depois o sobe e desce dos pulmões quando ela recomeçou a arquejar. *Não. Nessas planícies o vento pode soprar por semanas ou até meses afio. Não podemos esperar a calmaria.*

Mas. .

Eu não vou desistir apenas porque estou sentindo dor, Eragon. Muitas coisas estão em jogo. .

Então deixe-me lhe dar energia de Aren. Tem mais do que suficiente no anel para sustentar você daqui a Du Weldenvarden.

Não, ela repetiu. *Poupe Aren para quando nós não tivermos mais nenhum recurso. Eu posso descansar e me recuperar na floresta. Aren, todavia, talvez nos seja útil a qualquer momento; você não deveria desperdiçá-lo simplesmente para melhorar meu desconforto.*

Mas eu odeio ver você sofrendo tanto.

Um leve rosnado escapou dela. *Meus ancestrais, os dragões selvagens, não recuariam por causa de uma brisa infantil como essa, nem eu recuarei.* E com isso ela saltou de volta para o ar, carregando Eragon consigo enquanto se preparava para encarar novamente o vento.

À medida que o dia se encaminhava para o fim e o vento ainda soprava em torno deles, afrontando Saphira como se o destino estivesse determinado a impedir que eles chegassem a Du Weldenvarden, Eragon pensou na anã

Glûmra e na fé que ela nutria pelos deuses anões. E pela primeira vez em sua vida, sentiu desejo de rezar. Retirando-se de seu contato mental com Saphira

— que estava tão cansada e preocupada que nem reparou —, Eragon sussurrou: "Gûntera, rei dos deuses, se existirdes, e se puderdes me ouvir, e se tiverdes o poder então, por favor, acalmai o vento. Sei que não sou anão, mas o rei Hrothgar me adotou cm seu clã, e imagino que isso me dá o direito de vos dirigir uma oração. Gûntera, por favor, nós temos de chegar a Du Weldenvarden o mais rápido possível, não apenas pelo bem dos Varden mas também pelo bem de seu povo, os knurlan. Por favor, eu vos rogo, acalmai o vento. Saphira não agüentará muito mais." Então, sentindo-se levemente tolo, Eragon estendeu-se na direção da consciência de Saphira, encolhendo-se em solidariedade ao sentir seus músculos queimando.

Mais tarde naquela noite, quando tudo estava frio e negro, o vento ficou moderado e, em seguida, se transformou em uma confortável lutada. Quando a manhã chegou, Eragon olhou

para baixo e avistou a dura e seca paisagem do deserto Hadarac. *Maldição,* lamentou ele, porque não haviam ido tão longe quanto esperara. *Não chegaremos a Ellesméra hoje, não é?*

Não, a não ser que o vento decida soprar na direção oposta e nos carregue até lá em suas costas. Saphira laborou em silêncio por mais alguns minutos e depois acrescentou: *Entretanto, tirando qualquer outra surpresa desagradável, nós deveremos chegar a Du Weldenvarden ao anoitecer.*

Eragon gemeu.

Eles aterrissaram apenas duas vezes naquele dia. Unia vez, enquanto estavam no solo, Saphira devorou uma parelha de patos que capturara e matara com uma rajada de fogo. Além disso, ela não comeu nada. Para poupar tempo, Eragon comia suas refeições na sela mesmo.

Como Saphira havia previsto, Du Weldenvarden ficou à vista assim que o sol começou a se pôr. A floresta apareceu diante deles como uma interminável extensão de verde. Árvores milenares — carvalhos, faias e bordos —

dominavam as partes externas, mais para dentro, no entanto, Eragon sabia, davam lugar aos proibitivos pinheiros que formavam o grosso da floresta. A madrugada já se instalara no campo quando chegaram à fronteira de Du Weldenvarden, e Saphira deslizou para uma suave aterrissagem abaixo dos galhos espalhados de um gigantesco carvalho. Dobrou as asas e se sentou por um instante, cansada demais para prosseguir. Sua língua carmesim pendia da boca. Enquanto ela descansava, Eragon ouvia o farfalhar das folhas, o piar das corujas e o chilrear dos insetos noturnos.

Quando já estava suficientemente recuperada, Saphira seguiu em frente, passou entre dois gigantescos carvalhos cobertos de musgo e assim cruzou Du Weldenvarden andando. Os elfos haviam tornado possível para qualquer um ou qualquer coisa entrar andando na floresta por meio de magia, e como os dragões não contavam apenas com seus corpos para voar, Saphira não poderia entrar enquanto estivesse no ar, ou suas asas falhariam e ela cairia do céu. *Aqui já deve ser suficiente,* supôs Saphira, parando em uma pequena campina a vários metros do perímetro da floresta.

Eragon desafivelou as correias das suas pernas e deslizou pelo flanco do dragão. Deu uma busca pela campina até encontrar uma faixa de terra nua. Com suas mãos, cavou um buraco raso de mais ou menos cinqüenta centímetros de diâmetro. Convocou um pouco de água para encher o buraco e então proferiu o encanto da cristalomancia.

A água tremeluziu e adquiriu um suave brilho amarelado quando Eragon identificou o interior da cabana de Oromis. O elfo de cabelos cor de prata estava sentado à mesa na cozinha, lendo um pergaminho esfacelado. Oromis levantou o olhar para Eragon e balançou a cabeça em um reconhecimento desprovido de surpresa.

— Mestre — chamou Eragon, e contorceu a mão na frente do peito.

— Saudações, Eragon. Tenho estado à sua espera. Onde você está?

— Saphira e eu acabamos de alcançar Du Weldenvarden.. Mestre, eu sei que prometemos retornar a Ellesméra, mas os Varden estão a apenas alguns dias da cidade de Feinster, e são vulneráveis sem a nossa presença. Não temos tempo para voar até aí. O senhor poderia responder a nossas perguntas aqui, através da cristalomancia?

Oromis recostou-se em sua cadeira, seu rosto anguloso grave e pensativo.

— Não instruirei vocês a distância, Eragon. Posso adivinhar algumas das coisas que desejam perguntar a mim, e esses são assuntos que devemos discutir frente a frente.

— Por favor, mestre. Se Murtagh e Thorn. .

— Não, Eragon. Entendo o motivo de sua urgência, mas seus estudos são tão importantes quanto proteger os Varden, talvez até mais importantes. Nós devemos proceder adequadamente, ou nada será feito.

Eragon suspirou e se inclinou à frente.

— Sim, mestre.

Oromis assentiu com a cabeça.

— Glaedr e eu estamos esperando por vocês. Voem em segurança e com rapidez. Temos muito o que conversar.

— Sim, mestre.

Sentindo-se entorpecido e exausto, Eragon encerrou o encanto. A água foi tragada pelo solo. Ele segurou a cabeça nas mãos, mirando a faixa de terra molhada entre seus pés. A respiração pesada de Saphira estava audível ao seu lado. *Acho que temos de seguir viagem,* ele concluiu. *Sinto muito.* A respiração fez uma pausa por um momento enquanto o dragão lambia os beiços. *Está tudo bem. Não vou ter um colapso.*

Ele levantou o olhar para ela. *Tem certeza?*

Tenho.

Apesar de relutante, Eragon levantou-se e montou em suas costas. Já

que estamos indo para Ellesméra, ele disse, apertando as correias cm volta das pernas, *nós deveríamos visitar a árvore Menoa novamente. Quem sabe não descobrimos finalmente o que Solembum quis dizer. Uma nova espada seria certamente bem-vinda.* Quando Eragon encontrara Solembum pela primeira vez em Teirm, o

menino-gato dissera a ele: *Quando chegar a hora e você precisar de uma arma, olhe embaixo das raízes da árvore Menoa. Depois, quando tudo parecer perdido e o seu poder não for suficiente, vá até a pedra de Kuthian e diga o seu nome para abrir o cofre das Almas.* Eragon ainda não sabia onde ficava a pedra de Kuthian, mas durante sua primeira estada em Ellesméra, ele e Saphira tiveram inúmeras chances de examinar a árvore Menoa. Não haviam descoberto nenhuma pista que indicasse o paradeiro exato da suposta arma. Musgo, terra, cascas de árvores e ocasionais formigas eram as únicas coisas que haviam encontrado entre as raízes da árvore Menoa, e nada disso indicava onde deveriam escavar. *Solembum pode não ter tido a intenção de dizer espada,* Saphira apontou. *Meninos-gatos adoram charadas quase tanto quanto os dragões. Se ela existe, essa arma deve ser um pedaço de pergaminho com um encanto escrito, ou um livro, ou uma pintura, ou um pedaço afiado de pedra, ou qualquer outra coisa perigosa. Seja lá o que for, espero que encontremos. Quem sabe quando teremos outra chance de voltar a Ellesméra?*

Saphira jogou para o lado uma árvore caída que aparecera diante de si, se agachou e abriu as asas aveludadas; os maciços músculos dos ombros intumescendo com o movimento. Eragon deu um berro e agarrou a parte da frente de sua sela quando ela se movimentou para a frente e para cima com inesperada força, erguendo-se acima do topo das árvores com um único e vertiginoso impulso.

Rodando por cima do mar de galhos de diversos tamanhos e formatos, Saphira orientou-se para a direção noroeste e seguiu para a capital dos elfos, as batidas de suas asas lentas e pesadas.

MARRADAS

ataque ao comboio de suprimentos transcorreu quase exatamente

como Roran tinha planejado: três dias depois de deixarem o contingente principal dos Varden, ele e os outros cavaleiros O desceram pela beira de uma ravina e atingiram de lado a fileira de carroções. Enquanto isso, os Urgals saltaram de onde estavam escondidos, atrás de rochas espalhadas no leito da ravina, para atacar o comboio pela *Frente,* forçando-o a parar. Os soldados e carroceiros lutaram com bravura, mas a emboscada os tinha apanhado enquanto estavam sonolentos e desorganizados; e a força de Roran logo os dominou. Nenhum dos humanos ou dos Urgals morreu no ataque, e somente três sofreram ferimentos: dois humanos e um Urgal.

Roran matou alguns soldados por si mesmo, mas, na maior parte do tempo, manteve-se recuado, concentrando-se em dirigir o ataque, como agora era sua responsabilidade. Ainda estava se sentindo pouco ágil e dolorido pelo açoitamento que tinha suportado, e não queria se esforçar mais do que o necessário, para não romper a teia de cascas de ferida que cobria suas costas. Até aquele ponto, Roran não tivera dificuldade para manter a disciplina entre os vinte humanos e vinte Urgals. Apesar de ser óbvio que nenhum dos dois grupos se gostava nem confiava um no outro — atitude compartilhada por Roran, pois encarava os Urgals com a

mesma suspeita e repulsa que teria qualquer homem que tivesse crescido nas proximidades da Espinha —, haviam conseguido trabalhar juntos durante os três últimos dias praticamente sem que unia voz se levantasse. Roran sabia que o fato de os dois grupos terem conseguido cooperar tão bem tinha muito pouco a ver com sua capacidade de comandante. Nasuada e Nar Garzhvog tiveram extremo cuidado ao escolher os guerreiros que deveriam seguir com ele, selecionando apenas aqueles com reputação de agilidade com a espada, bom discernimento e, acima de tudo, de índole calma e constante.

Contudo, depois de encerrado o ataque ao comboio de suprimentos, quando seus homens estavam ocupados arrastando os corpos dos soldados e dos carroceiros para formar uma pilha, e Roran cavalgava para cima e para baixo pela linha de carroções, supervisionando o trabalho, ele ouviu um grito de agonia de algum ponto perto da outra extremidade do comboio. Pensando que talvez outro contingente de soldados tivesse por acaso chegado ali, Roran gritou para Carn e alguns outros virem se juntar a ele, e tocou os flancos de Fogo na Neve com as esporas para galopar até a retaguarda dos carroções. Quatro Urgals haviam amarrado um soldado inimigo ao tronco encarquilhado de um salgueiro e estavam se divertindo, com espetadas e cutucões das suas espadas. Praguejando, Roran desmontou de Fogo na Neve e, com um único golpe do martelo, encerrou a agonia do homem.

Um turbilhão de poeira envolveu o grupo quando Carn e mais quatro guerreiros chegaram a galope ao salgueiro. Puxaram as rédeas das montarias e entraram em forma de cada lado de Roran, mantendo as armas preparadas. O Urgal maior, um guerreiro chamado Yarbog, deu um passo à frente.

— Martelo Forte, por que você interrompeu nossa diversão? Ele ainda teria dançado para nós por muitos minutos.

— Enquanto estiverem sob meu comando — disse Roran, com a voz

contida —, vocês não torturarão cativos sem motivo. Entenderam? Muitos desses soldados foram forçados a servir Galbatorix a contragosto. Muitos deles são nossos amigos, parentes ou vizinhos. E, embora devamos lutar contra eles, não quero que sejam tratados com crueldade. Se não fosse pelos caprichos do destino, qualquer um de nós, humanos, poderia estar aí no lugar desses homens. Nossos inimigos não são eles. Galbatorix, sim, da mesma forma que é o inimigo de vocês.

A fronte pesada do Urgal se enfarruscou, quase escondendo seus olhos amarelos, fundos.

— Mas você ainda os mata, não mata? Por que não podemos nos divertir enquanto pulam e dançam primeiro?

Roran se perguntou se o crânio do Urgal seria espesso demais para quebrar com o martelo.

— Porque isso é errado, no fim de tudo! — Ele lutou para reprimir a raiva. E então apontou para o soldado morto. — E se *ele* fosse alguém da sua própria raça que tivesse sido dominado

pelo espectro Durza? Você também o teria atormentado?

— Claro que sim — respondeu Yarbog. — Iam querer que nós lhes fizéssemos cócegas com nossas espadas, para terem a oportunidade de provar sua bravura antes de morrer. Não é assim com os humanos sem chifres? Ou vocês não conseguem agüentar dor?

Roran não sabia ao certo qual era a gravidade entre os Urgals do insulto de chamar alguém de *sem chifres;* mas, mesmo assim, não tinha a menor dúvida de que questionar a coragem de alguém era uma ofensa tão forte entre os Urgals quanto entre os humanos, se não era maior.

— Qualquer um de nós poderia suportar mais dor sem gritar do que você, Yarbog — respondeu ele, segurando melhor o martelo e o escudo. —

Agora, a menos que você queira experimentar uma agonia tamanha que nem possa imaginar, entregue-me sua espada; então, desamarre o pobre desgraçado e o carregue até onde estão os outros corpos. Depois, vá cuidar dos cavalos de carga. Ficarão sob sua responsabilidade até chegarmos de volta aos Varden. Sem esperar que o Urgal obedecesse, Roran se virou e segurou as rédeas de Fogo na Neve, preparando-se para montar de novo no garanhão.

— Não — rosnou Yarbog.

Com um pé no estribo, Roran ficou paralisado e praguejou consigo mesmo, em silêncio. Tivera a esperança de que uma situação exatamente como essa não surgisse durante a incursão.

— Não? — perguntou ele, dando meia-volta. — Você está se recusando a obedecer às minhas ordens?

— Não — respondeu Yarbog, arreganhando os lábios para mostrar as presas curtas. — Eu o estou desafiando pela liderança desta tribo, Martelo Forte. — E o Urgal jogou para trás a cabeça enorme, dando um berro tão forte que os outros humanos e Urgals pararam o que estavam fazendo e correram em direção ao salgueiro, até que todos os quarenta estavam reunidos em torno de Yarbog e Roran.

— Quer que cuidemos da criatura para você? — perguntou Carn, com a voz vibrante.

Desejando que não houvesse tantos espectadores, Roran abanou a cabeça.

— Não, vou lidar com ele sozinho. — Apesar das suas palavras, estava feliz por ter seus homens ao lado, diante da fileira de Urgals volumosos, de pele cinzenta. Os humanos eram menores que os Urgals, mas todos com exceção de Roran estavam a cavalo, o que lhes daria uma ligeira vantagem se houvesse uma luta entre os dois grupos. Se isso viesse a ocorrer, a magia de Carn seria de pouca utilidade, pois os Urgals tinham seu próprio feiticeiro, um xamã cujo nome era Dazhgra; e, pelo que Roran vira, Dazhgra era dos dois o mágico mais poderoso, embora não fosse tão conhecedor dos matizes da sua arte secreta.

— Não é costume dos Varden conferir a liderança baseados em lutas por combate. Se você quiser lutar, lutarei, mas com isso você não ganhará

nada. Se eu perder, Carn assumirá o comando, e você responderá a ele em vez de a mim.

— Ora! — retrucou Yarbog. — Não o estou desafiando pelo direito de liderar sua própria raça. Eu o desafio pelo direito de liderar a nós, os guerreiros da tribo de Bolvek! Você não se provou para nós, Martelo Forte. Portanto, não pode reivindicar a posição de chefe. Se você perder, eu me tornarei o chefe aqui, e nós não ergueremos o queixo para você, Carn, nem para nenhuma outra criatura fraca demais para conquistar nosso respeito!

Roran avaliou a situação antes de aceitar o inevitável. Mesmo que lhe custasse a vida, ele precisava manter sua autoridade sobre os Urgals, para que os Varden não os perdessem como aliados.

— Na minha raça — disse Roran, depois de respirar fundo —, o costume é que a pessoa desafiada escolha a hora e o lugar para a luta, além das armas que os dois adversários irão usar.

— A hora é agora, Martelo Forte — afirmou Yarbog, com um risinho no fundo da garganta. — O lugar é aqui. E na minha raça nós lutamos de tanga e sem armas.

— Não se pode dizer que isso seja justo, tendo em vista que eu não tenho chifres — salientou Roran. — Você permite que eu use meu martelo para compensar essa falta?

Yarbog pensou um pouco antes de responder.

— Você pode ficar com o elmo e o escudo, mas sem martelo. Não se permitem armas na luta para decidir quem será o chefe.

— Entendo. . Bem, se não posso usar meu martelo, desisto do elmo e do escudo também. Quais são as regras do combate, e como decidiremos quem é o vencedor?

— Existe apenas uma regra, Martelo Forte: quem foge, abandona a disputa e é banido da tribo. Vence quem forçar o adversário a se submeter; mas, como eu nunca me submeterei, lutaremos até a morte.

Roran assentiu. *Pode ser que seja essa a intenção dele; mas, se eu tiver alguma condição, não o matarei.*

— Podemos começar — bradou, batendo com o martelo no escudo. Seguindo suas instruções, os homens e Urgals abriram um espaço no meio da ravina e ali demarcaram um quadrado de doze passos de lado. Roran e Yarbog então se despiram. Dois Urgals besuntaram o corpo de Yarbog com gordura de urso enquanto Carn e Loften, outro humano, faziam o mesmo com Roran.

— Passem o máximo que puderem nas minhas costas — sussurrou Roran. Ele queria que as feridas estivessem tão úmidas quanto fosse possível para reduzir a um mínimo as possíveis rachaduras.

— Por que você recusou o escudo e o elmo? — quis saber Carn, inclinando-se bem perto dele.

— Só iriam me atrapalhar. Preciso ser veloz como uma lebre assustada se quiser evitar ser esmagado por ele. — Enquanto Carn e Loften aplicavam a gordura nos seus braços e pernas, Roran examinava o adversário, procurando qualquer vulnerabilidade que o ajudasse a derrotar o Urgal.

Yarbog tinha bem mais de um metro e oitenta de altura. Tinha as costas largas, o tórax vigoroso, os braços e pernas de músculos bem definidos. O

pescoço era grosso como o de um touro, para suportar o peso da cabeça e dos chifres recurvos. Três cicatrizes inclinadas marcavam o lado esquerdo da sua cintura, onde algum animal havia lhe fincado as garras. Cerdas negras cresciam espalhadas por todo o seu couro.

Pelo menos não é um Kull, pensou Roran. Tinha confiança na própria força; mas, mesmo assim, não acreditava que conseguisse dominar Yarbog pela mera força. Era raro o homem que poderia ter esperança de se equiparar ao poderio físico de um Urgal macho saudável. Além disso, Roran sabia que as grandes unhas pretas de Yarbog, suas presas, seus chifres e sua pele coriácea davam ao Urgal vantagens consideráveis no combate desarmado que estavam prestes a travar. *Se eu tiver como vencer, vencerei,* decidiu Roran, pensando em todos os golpes baixos que poderia usar, porque lutar com Yarbog não seria como lutar com Eragon, Baldor ou qualquer outro homem de Carvahall. Pelo contrário, Roran tinha certeza de que seria como a briga feroz e incontrolável entre duas feras.

Repetidamente, seus olhos voltaram aos chifres imensos de Yarbog pois sabia que eram a característica mais perigosa de seu adversário. Com eles, o Urgal podia dar marradas e perfurar Roran livremente, e também protegeriam os lados da cabeça de Yarbog de quaisquer golpes que Roran pudesse dar com as mãos desarmadas, embora limitassem a visão periférica do Urgal. Ocorreu então a Roran que, exatamente como os chifres eram o maior dom natural de Yarbog, igualmente poderiam ser sua ruína.

Roran girou os ombros e ficou saltando na ponta dos pés, ansioso para que a luta terminasse.

Quando tanto Yarbog como Roran estavam cobertos de gordura de urso, seus ajudantes se retiraram, e eles entraram nos limites da área no chão marcada com espeques. Roran mantinha os joelhos parcialmente flexionados, pronto para saltar em qualquer direção à menor menção de movimento por parte de Yarbog. O solo rochoso estava frio, duro e áspero debaixo das solas dos seus pés descalços.

Um leve sopro de vento agitou os galhos do salgueiro ali perto. Um dos bois atrelados aos carroções escarvou um tufo de capim, com os arreios rangendo.

Yarbog deu ura berro assustador e investiu contra Roran, cobrindo a distância entre eles em três passos retumbantes. Roran esperou até que Yarbog estivesse praticamente em cima dele para pular para a direita. No entanto, subestimou a velocidade de Yarbog. Com a cabeça baixa, o Urgal lhe deu uma chifrada no ombro esquerdo, atirando-o indefeso para o outro lado do quadrado.

Pedras pontudas feriram o lado do corpo de Roran quando ele bateu no chão. Latejos de dor percorreram suas costas, marcando o trajeto dos lanhos parcialmente curados. Ele deu um grunhido e rolou para ficar em pé, sentindo que algumas cascas se partiam e expunham a carne viva ao ar penetrante. Pequenos seixos e terra se grudaram à película de gordura no seu corpo. Andou na direção de Yarbog, sem levantar os pés do chão nem desviar os olhos do Urgal que rosnava.

Mais uma vez, Yarbog investiu contra ele; e mais uma vez Roran tentou pular para escapar. Dessa vez, a manobra deu certo, e o Urgal não o pegou por uma questão de centímetros. Dando meia-volta, Yarbog investiu contra Roran pela terceira vez; e novamente Roran conseguiu escapar.

Yarbog então mudou de tática. Avançando de lado, como um caranguejo, lançou as mãos enormes, em forma de gancho, para agarrar Roran e o puxar para seu abraço fatal. Roran se encolheu e recuou. Não importava o que acontecesse, precisava evitar cair nas garras de Yarbog. Com sua força colossal, o Urgal poderia acabar com ele de imediato.

Os homens e Urgals reunidos em torno do quadrado estavam calados, com a expressão impassível, enquanto observavam Roran e Yarbog se enfrentando de um lado para o outro na terra batida.

Por alguns minutos, Roran e Yarbog trocaram golpes rápidos, de raspão. Sempre que possível, Roran evitava se aproximar demais do Urgal, tentando cansá-lo de longe. Mas, à medida que a luta se prolongava e Yarbog não parecia mais cansado do que no início, Roran concluiu que o passar do tempo não lhe era favorável. Se quisesse ganhar, precisaria terminar a luta sem demora.

Na tentativa de fazer com que Yarbog atacasse novamente — pois sua estratégia dependia disso — Roran se retirou para o canto do quadrado de onde seu opositor estava mais distante e começou a provocá-lo.

— Rá! Você é gordo e vagaroso como uma vaca leiteira! Será que não consegue me apanhar, Yarbog, ou suas pernas são feitas de banha? Você

deveria era cortar fora esses seus chifres, de vergonha por deixar um humano o fazer de palhaço. O que vão pensar suas futuras parceiras quando souberem disso? Você vai lhes contar. .

Yarbog abafou as palavras de Roran com um rugido. O Urgal saltou na sua direção, virando-

se ligeiramente para jogar todo o seu peso sobre Roran. Saindo da frente, com um pulo, Roran estendeu as mãos para tentar pegar a ponta do chifre direito de Yarbog, mas errou o alvo e caiu aos tropeções no centro do quadrado, ralando os dois joelhos. Praguejou quando se pôs em pé

de novo.

Freando sua investida desabalada exatamente antes que a inércia o levasse para fora dos limites do quadrado, Yarbog se voltou, procurando por Roran com seus pequenos olhos amarelos.

— Arrá! — gritou Roran, mostrando a língua e fazendo todos os gestos grosseiros que conseguiu imaginar. — Você não conseguiria acertar uma árvore nem que ela estivesse bem no seu nariz!

— Morra, inseto humano! — rugiu Yarbog, investindo contra Roran, com os braços estendidos.

Duas unhas de Yarbog escavaram sulcos sangrentos de um lado ao outro das suas costelas quando Roran deu uma guinada para a esquerda, mas ele ainda conseguiu segurar um dos chifres do Urgal e se pendurar nele. Roran agarrou também o outro chifre antes que Yarbog conseguisse atirá-lo longe. Usando os chifres como alças, Roran forçou a cabeça de Yarbog para um lado e, com o esforço de todos os músculos, jogou o Urgal ao chão. Esse movimento fez com que as costas de Roran irrompessem num protesto furioso.

Assim que o tórax de Yarbog tocou na terra, Roran pôs um joelho no alto do seu ombro direito, imobilizando-o. Yarbog bufou e corcoveou, tentando se livrar do aperto de Roran, mas o homem se recusou a soltá-lo. Ele empurrou os pés contra uma rocha e torceu a cabeça do Urgal até onde conseguiu, puxando com tanta força que teria quebrado o pescoço de qualquer humano. A gordura nas palmas das mãos tornava mais difícil que se segurasse com firmeza aos chifres do adversário.

Yarbog relaxou por um instante e depois se ergueu, sustentado apenas pelo braço esquerdo, levantando Roran junto e esgaravatando o chão com as pernas no esforço de conseguir uma posição a partir da qual pudesse ficar em pé. Roran amarrou a cara e se debruçou sobre o pescoço e ombros de Yarbog. Depois de alguns segundos, o braço esquerdo de Yarbog cedeu, e ele voltou a cair de barriga no chão.

Tanto Roran como Yarbog arfavam como se tivessem apostado uma corrida. Onde os dois se tocavam, as cerdas no couro do Urgal picavam Roran como pedaços de arame duro. A poeira recobria seus corpos. Filetes de sangue escorriam dos arranhões nas costelas de Roran e das suas costas doloridas.

Yarbog voltou a escoicear e a se debater assim que recuperou o fôlego, saltando na terra como um peixe fisgado pelo anzol. Roran precisou recorrer a todas as suas forças, mas conseguiu mantê-lo preso, procurando não se importar com as pedras que cortavam seus pés e pernas.

Sem conseguir se livrar, Yarbog relaxou os membros e começou a flexionar o pescoço sem parar, no esforço de levar os braços de Roran à exaustão.

Ficaram ali, lutando, sem que nenhum dos dois conseguisse mover o outro mais do que alguns centímetros.

Uma mosca zumbiu acima deles e pousou no tornozelo de Roran.

Bois mugiram.

Depois de quase dez minutos, o suor encharcava o rosto de Roran. Ele parecia não conseguir ar suficiente para encher os pulmões. A dor nos seus braços era lancinante. As riscas nas suas costas davam a sensação de que estavam prestes a se rasgar. Suas costelas latejavam onde Yarbog tinha lhe fincado as garras.

Roran sabia que não agüentaria muito mais. *Maldição!,* pensou. *Será que ele não vai desistir nunca?*

Nesse exato momento, a cabeça de Yarbog estremeceu quando um músculo no seu pescoço se travou. Yarbog deu um grunhido, o primeiro som que emitia em mais de um minuto.

— Pode me matar, Martelo Forte — murmurou ele para ninguém ouvir. — Não consigo sobrepujá-lo.

— Não — rosnou Roran, num tom igualmente baixo, ajeitando as mãos nos chifres de Yarbog. — Se você quer morrer, procure outra pessoa que o mate. Lutei pelas suas regras. Agora, você vai aceitar a derrota de acordo com as minhas. Diga a todos que você se submete a mim. Diga que foi um erro você me desafiar. Faça isso, e eu o solto. Se não fizer, eu o manterei aqui até que mude de idéia, por mais tempo que demore.

A cabeça de Yarbog se agitou debaixo das mãos de Roran, quando o Urgal tentou mais uma vez se libertar. Ele bufou, soprando uma pequena nuvem de poeira no ar.

Eu não agüentaria tanta vergonha, Martelo Forte. Pode me matar —

resmungou Yarbog.

— Não pertenço à sua raça e não vou obedecer aos seus costumes —

retrucou Roran. — Se está tão preocupado com sua honra, diga a quem quiser saber que você foi derrotado pelo primo de Eragon, Matador de Espectros. Sem dúvida, não pode haver vergonha nisso. — Quando alguns minutos se passaram e Yarbog ainda não tinha respondido, Roran lhe deu mais um puxão nos chifres e rosnou: — E então?

Levantando a voz para que todos os homens e Urgals ouvissem, Yarbog disse:

— Gar! Que Svarvok me amaldiçoe! Eu me entrego! Não deveria ter proposto esse desafio a você, Martelo Forte. Você é digno de ser chefe; e eu, não.

Em uníssono, os homens deram vivas e gritaram, batendo nos escudos com o botão do punho das espadas. Os Urgals se mexeram sem sair do lugar e nada disseram.

Satisfeito, Roran soltou os chifres de Yarbog e se afastou do Urgal cinzento rolando pelo chão. Sentindo-se quase como se tivesse sofrido outro açoitamento, levantou-se devagar e saiu mancando do quadrado para o lugar onde Carn o aguardava.

Roran se encolheu quando Carn jogou um cobertor sobre seus ombros e o tecido roçou na pele machucada. Com um sorriso, o feiticeiro lhe passou um odre de vinho.

— Depois que ele o derrubou, tive certeza de que o mataria. A esta altura, eu já devia ter aprendido a nunca descartar sua força, não é, Roran?

Ora! Essa foi simplesmente a melhor luta que vi em toda a minha vida. Você

deve ser o único homem na história a ter lutado corpo a corpo com um Urgal.

— Pode ser que não — disse Roran, entre goles do vinho. — Mas eu talvez seja o único que sobreviveu. — Ele deu um sorriso, e Carn riu. Roran olhou para o lado dos Urgals, que estavam reunidos em torno de Yarbog, conversando com ele em grunhidos baixos, enquanto dois limpavam a banha e a sujeira dos membros de Yarbog. Embora parecessem estar sob controle, os Urgals não davam a impressão de estar com raiva nem com ressentimento, até onde Roran fosse capaz de avaliar; e teve confiança de que não enfrentaria mais problemas com eles.

Apesar da dor dos ferimentos, Roran estava feliz com o resultado do confronto. *Não será a última lula entre nossas duas raças,* pensou ele, *mas, desde que voltemos em segurança para os Varden, os Urgals não romperão a aliança conosco, pelo menos não por minha causa.*

Depois de tomar um último gole, Roran arrolhou o odre e o devolveu a Carn.

— Muito bem — gritou. — Agora vamos parar com essa choradeira e

tratar de acabar a lista do que está nos carroções! Loften, reúna os cavalos dos soldados, se não tiverem fugido para muito longe daqui! Dazhgra, cuide dos bois. Rápido! Thorn e Murtagh podem passar voando por aqui agora mesmo. Vamos! Depressa!

"E, Carn, onde é que foi parar a minha roupa?"

GENEALOGIA

o quarto dia após deixar Farthen Dûr, Eragon e Saphira chegaram

a Ellesméra.

A luz do sol brilhava no céu quando a primeira das construções da N cidade — uma estreita torre retorcida com janelas brilhantes

situada entre três altos pinheiros e que crescia em meio ao emaranhado de galhos — pôde ser vista. Além da torre revestida de casca de árvore, Eragon avistou a aparentemente casual coleção de clareiras que marcava a localização da cidade espalhada.

À medida que Saphira voava por sobre a incerta superfície da floresta, Eragon lutava com sua mente em busca da consciência de Gilderien o Sábio, que, na posição de portador da Chama Branca de Vándil, protegera Ellesméra dos inimigos dos elfos por mais de dois mil e quinhentos anos. Projetando seus pensamentos em direção à cidade, Eragon disse na língua antiga: *Gilderien-elda, podemos passar?*

Uma voz profunda e calma soou na mente de Eragon. *Vocês podem passar, Eragon Matador de Espectros e Saphira Escamas Brilhantes. Contanto que mantenham a paz, vocês são bem-vindos a ficar em Ellesméra.*

Obrigado, Gilderien-elda, disse Saphira.

Suas garras arranhavam as coroas das árvores de folhas escuras e pontudas, que chegavam a noventa metros de altura à medida que ela planava sobre a cidade de pinheiros e seguia na direção do declive de terra do outro lado de Ellesméra. Em meio ao entrelaçamento de galhos abaixo, Eragon identificava de relance as formas graciosas das construções de madeira viva, leitos coloridos de flores, córregos sinuosos, o brilho avermelhado de uma lanterna sem chama e, uma ou duas vezes, o tênue lampejo do rosto de um elfo olhando para cima.

Inclinando as asas, Saphira sobrevoou esse declive até alcançar os rochedos de Tel'naeír, que mergulhavam trezentos metros até as florestas na base do penhasco branco e se estendia por quase cinco quilômetros em cada direção. Então, virou à direita e voou para o norte ao longo da crista de pedra, adejando duas vezes para manter a velocidade e a altitude.

Uma clareira coberta de relva apareceu na borda do penhasco. Contrastando com a paisagem das árvores circunvizinhas ficava uma modesta casa de um andar que brotava de quatro diferentes pinheiros. Um gorgolejante e borbulhante córrego percorria a floresta musgosa e passava abaixo das raízes de uma das árvores antes de desaparecer em Du Weldenvarden novamente. E, enroscado perto da casa, estava o dragão dourado Glaedr, gigantesco, cintilante. Seus dentes de marfim tão espessos quanto o tórax de Eragon, suas garras como foices, suas asas dobradas macias como camurça, seu rabo musculoso quase tão longo quanto

todo o comprimento de Saphira e as estrias de seu olho visível resplandecentes como os raios dentro de uma estrela de safira. O coto de sua perna dianteira estava oculta do outro lado de seu corpo. Uma pequena mesa redonda e duas cadeiras haviam sido colocadas na frente de Glaedr. Oromis estava sentado na cadeira mais próxima do dragão, os cabelos cor de prata do elfo brilhando como metal à luz do sol. Eragon inclinou-se na sela quando Saphira começou a se preparar para descer, diminuindo a velocidade. Ela aterrissou com um solavanco por sobre um relvado e correu por vários metros, revolvendo as asas até conseguir parar definitivamente.

Os dedos de Eragon estavam ineptos devido à exaustão. Ele afrouxou os nós que amarravam as correias em volta de suas pernas e então tentou descer pela perna dianteira de Saphira. Assim que se abaixou, seus joelhos dobraram e ele caiu. Levantou as mãos para proteger o rosto e aterrissou no chão de quatro, arranhando a tíbia numa pedra oculta na grama. Gemeu de dor e, sentindo-se rígido como um velho, começou a se levantar.

Uma mão apareceu em seu campo de visão.

Eragon olhou para cima e viu Oromis em pé diante ele, um leve sorriso sobre o rosto atemporal. Na língua antiga, Oromis os cumprimentou:

— Bem-vindo a Ellesméra, Eragon-finiarel. E você também, Saphira Escamas Brilhantes, bem-vinda. Bem-vindos ambos.

Eragon tomou sua mão, e Oromis o puxou sem nenhum esforço aparente. A princípio, Eragon não foi capaz de encontrar sua língua, pois quase não falara em voz alta desde que haviam deixado Farthen Dûr e porque a fadiga embaçara sua mente. Tocou os dois primeiros dedos da mão direita nos lábios e, também na língua antiga, disse:

— Que a boa sorte reine sobre você, Oromis-elda. — E contorceu a mão sobre o esterno fazendo o gesto de cortesia e respeito comum aos elfos.

— Que as estrelas zelem por você, Eragon — respondeu Oromis. Então, Eragon repetiu a cerimônia com Glaedr. Como sempre, o toque da consciência sangüínea do dragão maravilhou e humilhou o Cavaleiro. Saphira não saudou nem Oromis nem Glaedr; permaneceu onde estava, seu pescoço inclinado para baixo até o nariz tocar o solo. Seus ombros e ancas estavam tremendo, como se estivesse com frio. Uma espuma seca e amarelada estava incrustada nos cantos de sua boca aberta. Sua língua farpada pendia mole do meio das presas.

A título de explicação, Eragon começou a dizer:

— Nós tivemos de encarar um vento de proa no dia seguinte à nossa partida de Farthen Dûr, e. . — Ele ficou em silêncio quando Glaedr ergueu sua gigantesca cabeça e a balançou cruzando a clareira até ficar de frente para Saphira, que não fez nenhuma tentativa de reconhecer sua presença. Então, Glaedr respirou na frente dela, dedos de chama queimando por entre as cavidades das narinas. Uma sensação de alívio tomou conta de Eragon quando ele percebeu a energia sendo absorvida por Saphira, acalmando seus tremores e fortalecendo seus membros.

As chamas nas narinas de Glaedr desapareceram com uma nuvenzinha de fumaça. *Eu fui à caça hoje de manhã,* ele disse, sua voz mental ressonando através do organismo de Eragon. *Você encontrará o que sobrou de minha caça perto das árvores com o galho branco no final do campo. Coma o que quiser.* Gratidão emanou de Saphira. Arrastando seu rabo enfraquecido pela grama, ela rastejou até a árvore que Glaedr havia indicado e então se sentou e começou a despedaçar a carcaça de um cervo.

— Venha — disse Oromis, e fez um gesto na direção da mesa e das cadeiras. Sobre a mesa estava uma bandeja com uma tigela de frutas e nozes, metade de um queijo, um pedaço de pão, uma garrafa de vinho e dois copos de cristal. Assim que Eragon se sentou, o mestre indicou a garrafa: Gostaria de uma bebida para lavar a poeira de sua garganta?

— Sim, por favor — respondeu Eragon.

Com um movimento elegante, Oromis destampou a garrafa e encheu os dois copos. Deu um para Eragon e depois se recostou em sua cadeira, arrumando sua túnica branca com os longos e lisos dedos.

Eragon bebericou o vinho. Era suave e tinha gosto de cerejas e ameixas.

— Mestre, eu. .

Um dedo levantado de Oromis o interrompeu.

— A menos que seja insuportavelmente urgente, eu esperaria Saphira se juntar a nós para discutirmos o assunto que os trouxe até aqui. Está de acordo?

Após um instante de hesitação, Eragon assentiu e se concentrou em comer, saboreando as frutas frescas. Oromis parecia contente de estar sentado ao seu lado em silêncio, bebendo seu vinho e olhando ao longe os rochedos de Tel'naeír. Atrás dele, Glaedr observava os acontecimentos como se fosse unia estátua de ouro viva.

Quase uma hora se passou até que Saphira tivesse terminado sua refeição, rastejado para o córrego e bebido água por mais uns dez minutos. Gotas ainda estavam em suas mandíbulas quando ela deu as costas para o córrego e, com um suspiro, se espreguiçou ao lado de Eragon com as pálpebras pesadas. Bocejou, seus dentes brilhando, então trocou saudações com Oromis e Glaedr. *Falem o quanto quiserem,* disse ela. *Todavia, não esperem que eu diga muita coisa. Eu cairei no sono a qualquer momento.*

Se você dormir, nós esperaremos que você acorde, para continuar, disse Glaedr. *Isso é muito. . gentil,* respondeu Saphira, e suas pálpebras ficaram mais baixas ainda.

— Mais vinho? — perguntou Oromis, e ergueu o decantador alguns centímetros sobre a mesa. Quando Eragon balançou a cabeça, Oromis baixou o decantador e então juntou as pontas dos dedos, suas unhas arredondadas tão polidas quanto opalinas. — Não precisa me dizer o que

aconteceu com você nessas últimas semanas, Eragon. Desde que Islanzadí saiu da floresta, Arya a tem deixado informada a respeito das notícias da região, e a cada três dias, a rainha envia um corredor de nosso exército de volta a Du Weldenvarden. Assim, estou sabendo de seu duelo com Murtagh e Thorn na Campina Ardente. Estou sabendo de sua viagem à Helgrind e de como puniu o açougueiro da aldeia. E estou sabendo que participou do conselho de clãs dos anões cm Farthen Dûr e do resultado da eleição. Seja lá o que queira dizer, pode fazê-lo sem ter medo de precisar me informar a respeito de seus feitos recentes. Eragon rolou uma ameixa gorda na palma da mão.

— Você sabe de Eiva e do que aconteceu quando eu tentei libertá-la de minha maldição?

— Sim, até isso. Você pode não ter removido a totalidade do encantamento, mas pagou sua dívida com a criança, e é isso o que um Cavaleiro de Dragão deve fazer: cumprir suas obrigações, não importa o quão pequenas ou difíceis possam ser.

— Ela ainda sente a dor dos que estão ao seu redor.

— Mas agora é por opção dela — disse Oromis. — Sua magia não mais a força a proceder assim.. Você não veio até aqui atrás de minha opinião a respeito de Eiva. O que está pesando em seu coração, Eragon? Pergunte o que quiser, e prometo que responderei a todas as suas perguntas utilizando o máximo de meus conhecimentos.

— E se — retrucou Eragon — eu não souber as perguntas certas a fazer? Um brilho apareceu nos olhos cinzentos de Oromis.

— Ah, você está começando a pensar como um elfo. Você deve confiar em nós como os mentores que ensinarão a você e a Saphira as coisas sobre as quais são ignorantes. E deve igualmente confiar em nós para decidir quando será apropriado lidar com esses assuntos, pois existem muitos elementos de seu treinamento que não deveriam ser mencionados antes do momento certo. Eragon colocou o mirtilo precisamente no centro da bandeja e com uma voz tranqüila, porém firme, disse:

Parece que há muitas coisas sobre as quais não falou.

Por um momento, os únicos sons audíveis eram o farfalhar dos galhos, o borbulhar do córrego e a tagarelice distante dos esquilos.

Se tem algo a reclamar conosco, Eragon, então dê voz às questões e não fique mastigando sua raiva como se ela fosse um osso velho, propôs Glaedr. Saphira mudou de posição, e Eragon imaginou ter ouvido um rosnado de sua parte. Olhou na sua direção e, então, lutando para controlar as emoções em seu ser, perguntou:

— Na última vez em que estive aqui, vocês sabiam quem era meu pai?

Oromis assentiu.

— Sabíamos.

— E vocês sabiam que Murtagh era meu irmão?

Oromis assentiu novamente.

— Sabíamos, mas. .

— Então por que não me disseram? — exclamou Eragon, e ficou de

pé, derrubando a cadeira. Deu um soco nos quadris, distanciou-se um pouco a passos largos e mirou as sombras no emaranhado de árvores da floresta. Girando de volta, sua raiva ficou maior ainda ao ver que Oromis parecia tão calmo quanto antes. — Vocês nunca me contariam? Mantiveram em segredo a verdade sobre minha família porque tinham medo que isso pudesse me distrair do treinamento? Ou foi porque tinham medo de que eu ficasse igual ao meu pai? — Um pensamento pior ainda ocorreu a Eragon. — Ou será que nem mesmo consideravam isso suficientemente importante para me contar? E

quanto a Brom? Ele sabia? Ele escolheu se esconder cm Carvahall por minha causa, porque eu era o filho do seu inimigo? Vocês não podem esperar que eu acredite que tenha sido coincidência eu e ele vivermos a apenas alguns quilômetros um do outro e que Arya simplesmente tenha enviado o ovo de Saphira para mim na Espinha por puro *acaso.*

— O que Arya fez foi um acidente — asseverou Oromis. — Ela não

sabia nada sobre você naquela época.

Eragon segurou com firmeza o cabo de sua espada anã, cada músculo em seu corpo rígido como ferro.

— Quando Brom viu Saphira pela primeira vez, me lembro de que ele disse alguma coisa para si mesmo a respeito de não ter certeza se "isso" era uma farsa ou uma tragédia. Naquele momento, pensei que ele estivesse se referindo ao fato de um fazendeiro comum como eu ter se tornado o primeiro novo Cavaleiro em mais de cem anos. Mas não foi isso o que quis dizer, foi?

Ele estava imaginando se era uma farsa ou uma tragédia o filho mais jovem de Morzan tomar o manto dos Cavaleiros!

"Foi para isso que você e Brom me treinaram, para não ser nada além de uma arma contra Galbatorix, para que eu pudesse expiar a vilania perpetrada por meu pai? Isso é tudo o que represento para vocês, um equilíbrio na correlação de forças?" Antes que Oromis pudesse responder, Eragon praguejou e continuou: "Toda a minha vida tem sido uma mentira!

Desde o momento em que nasci, ninguém além de Saphira desejou minha existência; nem minha mãe, nem Garrow, nem tia Marian, nem mesmo Brom. Brom demonstrou interesse em

mim apenas por causa de Morzan e Saphira. Sempre fui uni inconveniente. O que quer que pensem de mim, saibam, eu *não* sou meu pai nem meu irmão, e me recuso a seguir as pegadas dos dois." Colocando as mãos na beira da mesa, Eragon se inclinou para a frente. "Não vou trair os elfos ou os anões ou os Varden para Galbatorix, se é isso que preocupa vocês. Farei o que devo fazer, mas, de agora em diante, vocês não têm nem minha lealdade nem minha confiança. Eu não vou. ."

O chão e o ar tremeram quando Glaedr rosnou, seu lábio superior recuando para revelar toda a extensão de suas presas. *Você tem mais motivos para confiar em nós do que qualquer outra pessoa, fedelho,* advertiu ele, sua voz trovejando na mente de Eragon. *Se não fosse por nossos esforços, você já estaria morto há muito tempo.*

Então, para surpresa de Eragon, Saphira disse para Oromis e Glaedr: *Contem para ele,* e ele ficou alarmado ao sentir a preocupação nos pensamentos dela.

Saphira?, ele perguntou, confuso. *Contar o quê?*

Ela o ignorou. *Essa discussão não tem propósito. Não prolonguem mais ainda o desconforto de Eragon.*

Uma das sobrancelhas puxadas de Oromis se ergueu.

— Você sabe?

Sei.

— Você sabe o quê? — berrou Eragon, a ponto de arrancar a espada da bainha e ameaçar a todos até que se explicassem.

Com um dedo magro, Oromis apontou na direção da cadeira caída.

— Sente-se. — Como Eragon permaneceu em pé, enraivecido demais e excessivamente ressentido para obedecer, Oromis suspirou. — Compreendo que isso seja difícil para você, Eragon, mas se insiste em lazer perguntas e depois se recusa a ouvir as respostas, frustração será sua única recompensa. Agora, sente-se, por favor, de modo que possamos conversar a respeito disso de uma maneira civilizada.

Com o olhar de ódio, Eragon endireitou a cadeira e se jogou sobre ela.

— Por quê? — quis saber ele. — Por que vocês não me disseram que meu pai era Morzan, o primeiro Renegado?

— Em primeiro lugar, seremos afortunados se você tiver qualquer semelhança com seu pai, o que realmente acredito que tenha. E, como eu estava começando a dizer antes que me interrompesse, Murtagh não e seu irmão, mas sim meio-irmão.

O mundo pareceu rodopiar em volta de Eragon; a sensação de vertigem era tão intensa que ele teve de agarrar a beira da mesa para se equilibrar.

— Meu meio-irmão. . Mas então, quem.. ?

Oromis pegou uma amora da tigela, a contemplou por alguns instantes e então a comeu.

— Glaedr e eu não quisemos esconder isso de você, mas não tivemos outra escolha. Nós dois prometemos, com os mais fervorosos juramentos, que jamais lhe revelaríamos a identidade de seu pai ou a de seu meio-irmão, nem discutiríamos sua linhagem, a menos que você tivesse descoberto a verdade por conta própria, ou a menos que a identidade de seus parentes o colocasse cm perigo. O que transcorreu entre você e Murtagh durante a batalha da Campina Ardente satisfaz tão suficientemente esses requisitos que agora podemos falar francamente sobre esse assunto.

Eragon tremia e mal conseguia conter a emoção.

— Oromis-elda, se Murtagh é meu meio-irmão, então quem é meu pai?

Olhe em seu coração, Eragon, Glaedr sugeriu. *Você já sabe quem ele é, e já sabe há muito tempo.*

Eragon balançou a cabeça.

— Eu não sei! Eu não sei! Por favor. .

Uma nuvenzinha de fumaça e chama escapou das narinas de Glaedr quando ele resfolegou. *Não é óbvio? Seu pai é Brom.*

A SINA DE DOIS AMANTES

ragon ficou boquiaberto com o dragão dourado.

— Mas como? — exclamou. Antes que Glaedr e Oromis

pudessem responder, ele rodopiou na direção de Saphira e, com a

E mente e com a voz, perguntou: — Você sabia? Você sabia e ainda assim me deixou acreditar esse tempo todo que Morzan era meu

pai, mesmo que.. mesmo que eu. . eu. . — Com o peito pulsando, Eragon gaguejou e baixou o tom de voz, incapaz de falar com coerência. Involuntariamente, lembranças de Brom o inundavam, arrebatando seus outros pensamentos. Ponderou novamente o significado de cada palavra e expressão de Brom e, nesse instante, uma sensação de verdade tomou conta de Eragon. Ele ainda queria explicações, mas não precisava delas para determinar a veracidade

das afirmações de Glaedr, pois em seu âmago Eragon sentiu a verdade do que o dragão havia dito. Sobressaltou-se quando Oromis o tocou no ombro.

— Eragon, você precisa se acalmar — disse o elfo com uma voz suave.

— Lembre-se das técnicas de meditação que lhe ensinei. Controle sua respiração e concentre-se em deixar a tensão escapar de seus membros em direção ao chão. . Sim, assim mesmo. Agora mais uma vez, respire profundamente.

As mãos de Eragon aquietaram-se e as batidas de seu coração ficaram mais lentas à medida que ele seguia as instruções de Oromis. Uma vez clareados seus pensamentos, olhou novamente para Saphira e perguntou cora uma voz suave:

— Você sabia?

Saphira ergueu a cabeça do chão. *Oh, Eragon, eu quis contar para você. Era muito doloroso ver como as palavras de Murtagh o atormentavam e ainda assim ser incapaz de ajudá-lo. Eu tentei — eu tentei muitas vezes —, mas, assim como Oromis e Glaedr, também jurei na língua antiga que ocultaria de você a identidade secreta de Brom, e eu não podia quebrar meu juramento.*

— Qua. . quando ele contou para você? — perguntou Eragon, tão agitado que continuava talando em voz alta.

Um dia após os Urgals nos atacarem nas cercanias de Teirm, enquanto você ainda estava inconsciente.

— Também foi nessa ocasião que ele contou para você como contatar os Varden em Gil'ead?

Foi. Antes de eu saber o que Brom desejava dizer, ele me fez jurar jamais falar sobre isso com você, a menos que você descobrisse por conta própria. Infelizmente, eu aceitei.

— E ele disse mais alguma coisa? — demandou Eragon, sua raiva surgindo novamente. — Existe algum outro segredo que eu devesse saber, tal corno Murtagh não ser meu único irmão, ou talvez a maneira de derrotar Galbatorix?

Durante os dois dias que Brom e eu passamos caçando os Urgals, ele repassou para mim os detalhes de sua vida para que — caso ele morresse, ou algum dia você descobrisse sua relação com ele — você pudesse saber o tipo de homem que ele havia sido e o motivo pelo qual agira da forma que agiu. Brom também mandou um presente para você. Um presente?

Uma lembrança de ele falando a você como seu pai e não como Brom, o contador de histórias.

— Contudo, antes de Saphira compartilhar essa lembrança com você

— disse Oromis, e Eragon percebeu que ela permitira que o elfo ouvisse suas palavras —, seria melhor, acho eu, se você soubesse como isso veio a acontecer. Você pode me ouvir, Eragon?

Ele hesitou, sem saber ao certo o que queria, então assentiu. Erguendo seu copo de cristal, Oromis bebeu o vinho e então recolocou o copo sobre a mesa.

— Como você sabe, tanto Brom quanto Morzan foram meus

aprendizes. Brom, que era três anos mais novo, tinha tanta estima por Morzan que permitia a ele subjugá-lo, lhe dar ordens e tratá-lo de maneira vergonhosa. Com uma voz rascante, Eragon contentou:

— É difícil imaginar Brom permitindo alguém lhe dando ordens. Oromis inclinou a cabeça com um movimento rápido, semelhante ao de um pássaro.

— No entanto, era assim que acontecia. Brom amava Morzan como um irmão, apesar de seu comportamento. Somente quando Morzan entregou os Cavaleiros para Galbatorix e os Renegados mataram Saphira, o dragão de Brom, ele percebeu a verdadeira natureza da personalidade de Morzan. Por mais forte que fosse a afeição de Brom por Morzan, foi como uma vela acesa diante do fogo de um inferno em comparação com o ódio que a substituiu. Brom jurou lutar contra Morzan sempre e em quaisquer oportunidades, desfazer suas conquistas e reduzir suas ambições a meros lamentos amargos. Chamei sua atenção para o perigo de um caminho tão cheio de ódio e violência, mas ele estava enlouquecido pela mágoa da morte de Saphira e não me dava ouvidos.

"Nas décadas que se seguiram, seu ódio jamais enfraqueceu, nem ele arrefeceu seus esforços para derrotar Galbatorix, matar os Renegados e, acima de tudo, fazer com que Morzan pagasse a dor que ele sofrerá. Brom tinha uma consistência persistente, seu nome era um pesadelo para os Renegados e um baluarte de esperança para aqueles que ainda possuíam, o espírito para resistir ao Império." Oromis olhou na direção da linha branca do horizonte e deu outro gole no vinho. "Tenho bastante orgulho do que ele conseguiu por conta própria e sem a ajuda de seu dragão. E sempre estimulante para um professor ver um de seus alunos obtendo êxito, seja lá como for. . Mas estou fazendo uma digressão. Então, mais ou menos há uns vinte anos, os Varden começaram a receber relatórios de seus espiões no Império acerca das atividades de uma misteriosa mulher conhecida apenas corno Mão Negra."

— Minha mãe — apontou Eragon.

— Sua mãe e também de Murtagh — continuou Oromis. — A princípio, os Varden não sabiam nada a respeito dela, salvo que era extremamente perigosa e leal ao Império. Com o passar do tempo, e depois de muito sangue derramado, ficou claro que servia a Morzan, e somente a Morzan, e que ele passara a depender dela para dar prosseguimento a seus interesses no Império. Ao saber disso, Brom fez um plano para matar a Mão Negra e assim golpear Morzan. Como os Varden não tinham como prever onde sua mãe poderia aparecer novamente, Brom

viajou para o castelo de Morzan e espionou-o até ser capaz de vislumbrar um meio de se infiltrar na fortaleza.

— Onde ficava o castelo de Morzan?

— *Fica,* não ficava; o castelo ainda está de pé. Galbatorix o utiliza agora. Fica situado na base das colinas da Espinha, perto do litoral noroeste do lago Leona, bem escondido do resto da região.

— Jeod me disse que Brom penetrou no castelo fingindo ser um dos criados — comentou Eragon.

— Ele fez isso sim, e não foi uma tarefa das mais fáceis. Morzan havia impregnado sua fortaleza com centenas de encantamentos designados para protegê-lo de seus inimigos. Também forçara todos os que o serviam a fazer juramentos de lealdade e, freqüentemente, com seus verdadeiros nomes. Entretanto, depois de muitas tentativas, Brom conseguiu achar uma falha nas proteções de Morzan que o permitiu assumir a posição de um jardineiro da propriedade, e foi com esse disfarce que ele encontrou sua mãe pela primeira vez.

Olhando de relance para suas mãos, Eragon observou:

— E então ele a seduziu para ferir Morzan, suponho.

— De forma alguma — retrucou Oromis. — Isso talvez tenha sido a

sua intenção inicialmente, mas aconteceu algo que nenhum dos dois previra: apaixonaram-se um pelo outro. Qualquer afeição que sua mãe pudesse ter tido por Morzan já havia desaparecido naquele momento, expulsa pelo cruel tratamento que ele impunha a ela e à criança recém-nascida, Murtagh. Eu não sei a exata seqüência dos eventos, em algum momento, no entanto, Brom revelou sua verdadeira identidade à sua mãe. Em vez de traí-lo, ela começou a alimentar os Varden com informações a respeito de Galbatorix, Morzan e o resto do Império.

— Mas Morzan não a havia obrigado a fazer os juramentos de lealdade a ele na língua antiga? Como ela pôde se voltar contra ele? — questionou Eragon.

Um sorriso apareceu nos lábios finos de Oromis.

— Ela pôde porque Morzan lhe permitiu um pouco mais de liberdade do que aos outros criados, de modo que pudesse usar a própria genialidade e iniciativa enquanto realizava as tarefas para ele. Em sua arrogância, Morzan acreditava que seu amor por ele garantiria sua lealdade mais do que qualquer juramento. E ela também não era mais a mesma mulher que se unira a Morzan; tornar-se mãe e conhecer Brom alteraram sua personalidade de tal forma que seu verdadeiro nome foi modificado, o que a liberou dos compromissos anteriores. Se Morzan tivesse sido mais cuidadoso, se, por exemplo, tivesse lançado um encantamento para alertá-lo quando ela falhasse em cumprir suas promessas, perceberia o momento em que perdeu o

controle sobre ela. Mas essa sempre foi a fraqueza de Morzan; inventava um encantamento sagaz, mas então este falhava porque, com sua impaciência, ele deixava escapar algum detalhe crucial.

Eragon franziu o cenho.

— Por que minha mãe não abandonou Morzan assim que teve a chance?

— Depois de tudo o que havia feito em nome de Morzan, ela sentiu que era sua obrigação ajudar os Varden. Porém, mais importante do que isso, ela não podia deixar Murtagh com o pai.

— Ela não podia levá-lo com ela?

— Se estivesse dentro de suas possibilidades, tenho certeza de que teria leito isso. Morzan percebeu que a criança proporcionava grande controle sobre sua mãe. Ele a forçou a entregar Murtagh a uma ama-de-leite e só

permitia que ela o visitasse em intervalos irregulares. O que Morzan não sabia era que, durante esses intervalos, ela também visitava Brom.

Oromis virou-se para observar um par de andorinhas dando pinotes no céu azul. De perfil, sua fisionomia oblíqua e delicada lembrava a Eragon um falcão ou um gato. Ainda mirando as andorinhas, Oromis recomeçou: Nem mesmo sua mãe poderia prever para onde Morzan a mandaria, nem quando poderia retornar ao castelo. Portanto, Brom tinha de permanecer na propriedade de Morzan durante grandes espaços de tempo se desejasse vêla. Por quase três anos, Brom trabalhou como ura dos jardineiros de Morzan. Vez por outra, conseguia escapar para enviar uma mensagem aos Varden ou para se comunicar com seus espiões espalhados pelo Império, mas, além disso, ele não saía dos limites do castelo.

— Três anos! Ele não ficava com medo de Morzan reconhecê-lo?

Oromis baixou os olhos do céu, retornando-os para Eragon.

— Brom era extremamente habilidoso em se disfarçar, e já haviam se passado muitos anos desde que ele e Morzan ficaram frente a frente.

— Ah. — Eragon girou o copo entre os dedos, estudando como a luz se refratava através do cristal. — Então, o que aconteceu?

— Então, um dos agentes de Brom em Teirm fez contato com um jovem acadêmico chamado Jeod, que desejava se juntar aos Varden e que afirmava ter descoberto evidências de um túnel, secreto até aquele momento, que levava à porção do castelo de Urû'baen construída pelos elfos. Brom, acertadamente, sentiu que a descoberta de Jeod era importante demais para ser ignorada, assim, fez as malas, desculpou-se com seus companheiros de serviço e partiu para Teirm com toda a pressa do mundo.

— E minha mãe?

— Havia partido um mês antes em uma das missões de Morzan. Eragon lutava para montar uma história coerente a partir dos relatos fragmentados que ouvira de várias pessoas.

— Quer dizer então que.. Brom se encontrou com Jeod e, assim que ficou convencido de que o túnel era real, fez um plano para um dos Varden tentar roubar os três ovos de dragão que estavam em posse de Galbatorix em Urû'baen.

O rosto de Oromis ficou nebuloso.

— infelizmente, por motivos que jamais foram totalmente esclarecidos, o homem que selecionaram para a tarefa, um tal de Hefring de Furnost, conseguiu surrupiar apenas um ovo, o de Saphira, do tesouro de Galbatorix e, assim que ficou de posse dele, fugiu não só dos Varden como também dos criados de Galbatorix. Por causa dessa traição, Brom precisou passar os sete meses seguintes caçando Hefring em várias direções e em toda a região numa desesperada tentativa de recapturar Saphira.

— E durante essa época, minha mãe viajou em segredo para Carvahall, onde eu nasci cinco meses depois?

Oromis concordou.

— Você foi concebido pouco antes de sua mãe seguir para sua última missão. Em decorrência disso, Brom não sabia nada a respeito da condição de Selena enquanto procurava Hefring e o ovo de Saphira... Quando Brom e Morzan finalmente se enfrentaram em Gil'ead, Morzan perguntou a Brom se ele havia sido responsável pelo desaparecimento de sua Mão Negra. É

compreensível que Morzan suspeitasse do envolvimento de Brom, já que ele havia sido o mentor das mortes de vários Renegados. Brom, é claro, imediatamente concluiu que alguma coisa terrível havia acontecido com sua mãe. Mais tarde, ele me contou que foi essa conclusão que lhe deu a força e a coragem de que necessitava para matar Morzan e seu dragão. Assim que morreram, Brom pegou o ovo de Saphira do cadáver de Morzan, pois Morzan já havia localizado Hefring e lhe tomado o ovo, e saiu da cidade, detendo-se o suficiente para esconder o ovo onde sabia que os Varden acabariam por encontrá-lo.

— Então foi por isso que Jeod achava que Brom havia morrido em Gil'ead — concluiu Eragon.

Novamente, Oromis concordou.

— Afligido pelo medo, Brom não ousou esperar por seus

companheiros. Mesmo sua mãe estando viva e bem, Brom preocupava-se com a possibilidade de Galbatorix decidir fazer de Selena sua própria Mão Negra, e com o fato de ela nunca mais ter a chance de escapar de seu trabalho para o Império.

Eragon sentiu algumas lágrimas lhe escorrendo pelos olhos. *Como Brom deve tê-la amado, a ponto de deixar todos para trás assim que soube que ela estava em perigo.*

De Gil'ead, Brom cavalgou direto para a propriedade de Morzan, parando apenas para dormir. Entretanto, apesar de tudo, sua velocidade não foi suficiente. Quando alcançou o castelo, descobriu que sua mãe havia retornado duas semanas antes, doente e exausta devido à misteriosa viagem que empreendera. Os curandeiros de Morzan tentaram salvais, mas apesar dos esforços, ela ingressou no vazio poucas horas antes de Brom chegar ao castelo.

— Ele nunca mais a viu? — perguntou Eragon, com a garganta apertada.

— Nunca mais. — Oromis fez uma pausa, e sua expressão ficou mais suave. — Na minha opinião, perdê-la foi quase tão difícil para Brom quanto a morte de seu dragão, e apagou muito do fogo que tinha na alma. Contudo, ele não desistiu, nem enlouqueceu como ocorrera durante o período cm que os Renegados assassinaram a homônima de Saphira. Ao contrário, ele decidiu descobrir a razão da morte de sua mãe e punir os responsáveis, se pudesse. Questionou os curandeiros de Morzan e forçou-os a descrever as enfermidades de sua mãe. Pelo que disseram, e também pelos rumores que ouviu entre os criados da propriedade, Brom chegou à verdade sobre a gravidez de sua mãe. De posse dessa esperança, ele cavalgou para o único local que lhe veio à cabeça: a casa de Selena em Carvahall. E lá descobriu você

aos cuidados de sua tia e de seu tio.

"Mas Brom não ficou em Carvahall. Assim que se certificou de que lá

ninguém sabia que sua mãe havia sido a Mão Negra e que você não estava sob perigo iminente, Brom retornou em segredo para Farthen Dûr, onde se revelou para Deynor, o líder dos Varden na época. Deynor ficou muito surpreso em vê-lo, pois ate aquele momento todos acreditavam que Brom havia perecido em Gil'ead. Brom convenceu Deynor a manter sua presença um segredo para todos, exceto para um seleto grupo, e então. ." Eragon ergueu um dedo.

— Mas por quê? Por que fingir estar morto?

— Brom queria viver o suficiente para ajudar a instruir o novo Cavaleiro, e sabia que a única maneira de não ser assassinado em retaliação à

morte de Morzan seria Galbatorix acreditar que ele já estava morto e enterrado. E Brom também esperava evitar atrair atenções indesejadas a Carvahall. Pretendia se estabelecer lá para ficar perto de você, o que, aliás, conseguiu, mas estava determinado a impedir que o Império descobrisse sua existência em decorrência disso.

"Enquanto estava em Farthen Dûr, ajudou os Varden a negociar o acordo com a rainha Islanzadí acerca de como os elfos e os humanos compartilhariam a custódia do ovo e de como o novo Cavaleiro seria treinado, se e quando o ovo gerasse um dragão. Então, Brom acompanhou Arya quando ela levou o ovo de Farthen Dûr até Ellesméra. Quando chegou,

contou a mim e a Glaedr o que eu acabei de contar a você, de modo que a verdade sobre seus pais não fosse esquecida caso ele morresse. Essa foi a última vez que eu o vi. Daqui, Brom retornou a Carvahall, onde se apresentou como bardo e contador de histórias. O que aconteceu daí em diante, você

sabe melhor do que eu."

Oromis ficou em silêncio e, por um instante, ninguém disse nada. Mirando o chão, Eragon revisava tudo o que Oromis havia lhe contado e tentava organizar seus sentimentos. Por fim, comentou:

— Então Brom é realmente meu pai, e não Morzan? Quero dizer, se minha mãe era a companheira de Morzan, então. . — Ele diminuiu o tom de voz, constrangido demais para continuar.

— Você é filho de seu pai — afirmou Oromis —, e seu pai é Brom.

Não há nenhuma dúvida sobre isso.

— Nenhuma dúvida mesmo? Oromis balançou a cabeça.

— Nenhuma.

Uma sensação de vertigem tomou conta de Eragon, e ele percebeu que estava prendendo a respiração. Expirou.

— Acho que entendo por que.. — fez uma pausa para encher os pulmões — por que Brom não falou nada sobre isso antes de eu achar o ovo de Saphira, mas por que não me contou depois? E por que obrigou você e Saphira a jurarem segredo? Ele não queria me reconhecer como seu filho?

— Não posso fingir que sei os motivos de todos os atos de Brom, Eragon. Entretanto, estou certo disso: Brom não desejava outra coisa além de chamá-lo de filho e criá-lo e educá-lo, mas não ousava revelar seu parentesco para evitar que o Império descobrisse e tentasse causar algum mal a ele através de você. Sua prudência também foi assegurada. Olhe como Galbatorix lutou para capturar seu primo de modo que pudesse usar Roran para forçar você a se render.

— Brom poderia ter contado a meu tio — protestou Eragon. —

Garrow não teria entregado Brom ao Império.

— Pense. Eragon. Se você estivesse vivendo com Brom, e se notícias de que ele estava vivo tivessem chegado aos ouvidos dos espiões de Galbatorix, vocês dois teriam que fugir de Carvahall para salvar suas vidas. Mantendo a verdade oculta de você, Brom esperava protegê-lo desses perigos.

— Ele não obteve sucesso. De um jeito ou de outro, nós fomos obrigados a fugir de Carvahall.

— Sim — disse Oromis. — O erro de Brom, de fato, embora eu ache

que tenha trazido mais bem do que mal, foi não conseguir suportar ficar totalmente separado de você. Se tivesse tido a força de cancelar a volta a Carvahall, você jamais teria encontrado o ovo de Saphira, os Ra'zac não teriam matado seu tio e muitas coisas que não aconteceram teriam acontecido; e muitas coisas que estão acontecendo não estariam. Mas ele não pôde arrancar você do coração.

Eragon trincou os dentes quando um tremor percorreu seu corpo.

— E depois que ele soube que Saphira nascera para mim? Oromis hesitou, e sua expressão calma ficou um pouco perturbada.

— Não tenho certeza, Eragon. Pode ter sido pelo fato de Brom ainda estar tentando protegê-lo dos seus inimigos, e ele não lhe contou nada pelos mesmos motivos pelos quais não o levou diretamente para os Varden: porque você não estaria suficientemente preparado para isso. Talvez ele estivesse planejando contar pouco antes de você partir para os Varden. Se eu tivesse de adivinhar, contudo, diria que Brom segurou a língua não porque estivesse envergonhado de você, mas porque se acostumara a viver com seus segredos e execrava a possibilidade de abandoná-los. E porque, e isso não passa de especulação, não tinha certeza de como você reagiria à revelação. Por sua vez, você não estava assim tão informado a respeito de Brom antes de sair de Carvahall com ele. É bem possível que ele tivesse medo de você o odiar caso contasse para você que era seu pai.

— Odiá-lo! — exclamou Eragon. — Eu não o teria odiado. Embora. . talvez eu não tivesse acreditado nele.

— E você teria confiado nele depois de tal revelação?

Eragon mordeu a parte de dentro da bochecha. *Não, eu não teria.* Oromis continuou:

— Brom fez o melhor que pôde em meio a circunstâncias

incrivelmente difíceis. Antes de tudo, era sua responsabilidade mantê-los vivos e ensinar e aconselhar você, Eragon, para que não usasse seu poder de modo egoísta, como Galbatorix o fizera. Isso, Brom conseguiu com distinção. Ele pode não ter sido o pai que você desejava, mas deixou para você uma herança que qualquer filho invejaria.

— Não foi nada mais do que ele teria feito por quem quer que viesse a ser o novo Cavaleiro.

— Isso não diminui em nada a importância — apontou Oromis. —

Mas você está enganado; Brom fez mais por você do que teria feito por qualquer outra pessoa. Basta pensar em como ele se sacrificou para salvar sua vida e verá a verdade do que estou

afirmando.

Com a unha do indicador direito, Eragon cutucava a borda da mesa, seguindo um tênue sulco formado por um dos anéis na madeira.

— E foi realmente um acidente Arya ter enviado Saphira para mim?

— Sim — confirmou Oromis. — Mas não foi completamente

coincidência. Em vez de transportar o ovo para o pai, Arya fez com que ele aparecesse diante do filho.

— Como isso foi possível se ela não tinha nenhum conhecimento a meu respeito?

Os ombros finos de Oromis subiram e desceram.

— Apesar de milhares de anos de estudo, nós ainda não conseguimos prever ou explicar todos os efeitos da magia.

Eragon continuou passando o dedo pelo pequeno sulco na mesa. *Eu lenho um pai,* pensou. *Eu o vi morrendo, e não fazia a menor idéia do que ele representava para mim.* .

— Meus pais — disse ele — tiveram a oportunidade de se casar?

— Eu sei por que você está perguntando isso, Eragon, e não sei se minha resposta o deixará satisfeito. Casamento não é um costume élfico, e as sutilezas do processo freqüentemente me escapam. Ninguém uniu as mãos de Selena e Brom em casamento, mas sei que se consideravam marido e mulher. Se for inteligente, você não se preocupará com o fato de outras pessoas de sua raça o chamarem de bastardo. Ficará, sim, contente de saber que é filho de seus pais e que ambos deram suas vidas para que você pudesse viver. Eragon ficou surpreso ao perceber como estava calmo. Durante toda i sua vida especulara a respeito da identidade de seu pai. Quando Murtagh afirmara que era Morzan, a revelação o chocara tanto como a notícia da morte de Garrow. A contra-afirmação de Glaedr, dizendo que ele era filho de Brom, também o deixara perplexo, mas o choque parecia não ter durado. Talvez porque, dessa vez, a notícia não tivesse sido tão perturbadora. Calmo como estava, Eragon imaginou que ainda demoraria muitos anos até que tivesse certeza de seus sentimentos cm relação a seu pai e sua mãe. *Meu pai era um Cavaleiro e minha mãe era a companheira de Morzan e sua Mão Negra.*

— Será que eu poderia contar para Nasuada? — perguntou ele. Oromis abriu as mãos.

— Conte para quem quiser; o segredo agora é seu. Faça o que quiser com ele. Duvido que os perigos que o cercam aumentem se o mundo todo souber que você é herdeiro de Brom.

— Murtagh. Ele acredita que somos irmãos de pai e mãe. Me disse isso na língua antiga.

— E eu tenho certeza de que Galbatorix pensa o mesmo. Foram os Gêmeos que descobriram que a mãe de Murtagh e a sua mãe eram a mesma pessoa, e transmitiram isso ao rei. Mas eles não poderiam ter informado o rei a respeito do envolvimento de Brom, pois não havia ninguém entre os Varden que fosse íntimo dessa informação.

Eragon olhou de relance um par de andorinhas rodopiarem acima de sua cabeça, e se permitiu um meio sorriso mal-intencionado.

— Por que você está sorrindo? — quis saber Oromis.

— Não tenho certeza se seria possível entender, mestre. O elfo dobrou os braços sobre o colo.

— Talvez não, é verdade. Mas, sendo assim, você não pode saber com certeza a menos que tente explicar.

Eragon levou um bom tempo para achar as palavras de que necessitava.

— Quando eu era mais jovem, antes. . de tudo *isso* — ele gesticulou na direção de Saphira, Oromis, Glaedr e do mundo como um todo —, eu costumava me divertir imaginando que, devido à sua grande sabedoria e beleza, minha mãe havia sido aceita na corte dos nobres de Galbatorix. Imaginava que ela viajava de cidade em cidade, e jantava com os condes e damas nos salões e que.. bem, que havia se apaixonado perdidamente por um homem rico e poderoso, mas, por algum motivo, fora obrigada a não revelar minha existência para ele. Então, ela me entregou a Garrow e Marian para que cuidassem de mim, e um dia voltaria e me contaria quem eu era e me diria que nunca havia desejado me abandonar.

— Isso não é muito diferente do que aconteceu — notou Oromis.

— Não, não ê, mas. . eu imaginava que minha mãe e meu pai fossem pessoas importantes e que eu também fosse alguém importante. O destino me deu o que eu queria, mas a verdade acerca disso não é tão grandiosa ou tão feliz quanto imaginava que seria. . Eu estava sorrindo de minha própria ignorância, suponho, e também da improbabilidade de tudo o que aconteceu comigo.

Uma leve brisa soprou pela clareira, ondulando a grama aos pés do grupo e agitando os galhos da floresta ao redor. Eragon observou o movimento da grama por alguns instantes, então perguntou lentamente:

— Minha mãe era uma boa pessoa?

— Eu não teria como dizer, Eragon. Os eventos de sua vida foram complicados. Seria tolo e arrogante da minha parte aspirar julgar alguém que conheci tão pouco.

— Mas eu preciso saber! — Eragon juntou as mãos, pressionando os dedos entre os calos nas juntas. — Quando perguntei a Brom se a conhecera, ele disse que ela era orgulhosa e digna, que sempre ajudava os pobres e os menos afortunados. Mas como ela podia agir assim? Como

podia ser essa pessoa e ao mesmo tempo ser a Mão Negra? Jeod me contou histórias sobre algumas das coisas, coisas horríveis, terríveis, que ela fez enquanto estava a serviço de Morzan.. Então era ma? Não ligava se Galbatorix era um ditador ou não? Por que foi companheira de Morzan, para começar?

Oromis interrompeu.

— O amor pode ser uma terrível maldição, Eragon. Pode fazê-lo não notar até mesmo as piores falhas no comportamento de uma pessoa. Duvido que sua mãe estivesse inteiramente ciente da verdadeira natureza de Morzan quando saiu de Carvahall com ele. E quando ficou ciente, ele não permitia que ela desobedecesse a seus desejos. Tornou-se sua escrava até no nome. E foi somente mudando sua própria identidade que foi capaz de escapar ao controle exercido por ele.

— Mas Jeod disse que ela gostava do que fazia como a Mão Negra. Uma expressão de leve desdém alterou a fisionomia de Oromis.

— Relatos de atrocidades passadas são freqüentemente exagerados e distorcidos. Isso é algo que você deveria ter em mente. Ninguém além *de* sua mãe sabe exatamente o que ela fez. Nem por que, nem como se sentia a respeito disso, e ela não está mais entre os vivos para se explicar.

— Mas então em quem eu devo acreditar? — implorou Eragon. — Em

Brom ou em Jeod?

— Quando você perguntou a Brom a respeito de sua mãe, ele disse a você o que achava serem suas qualidades mais importantes. Meu conselho seria confiar no conhecimento que ele possuía acerca dela. Se isso não acaba com suas dúvidas, lembre-se de que, independentemente dos crimes que tenha cometido enquanto agia como a Mão de Morzan, sua mãe acabou se aliando aos Varden e fez o possível e o impossível para protegê-lo. Sabendo disso, você não deveria se atormentar mais a respeito do caráter dela.

Propelida pela brisa, uma aranha pendurada por uma diáfana teia sedosa passou perto de Eragon, subindo e descendo nos invisíveis torvelinhos de ar. Quando a aranha saiu de vista, Eragon disse:

— Na primeira vez que visitamos Tronjheim, a vidente Angela me disse que o wyrd de Brom era fracassar em tudo o que empreendia, exceto em matar Morzan.

Oromis inclinou a cabeça.

— Pode-se concluir isso, sim. É possível também concluir que Brom alcançou muitos objetivos grandiosos e difíceis. Depende de como se escolhe ver o mundo. As palavras dos videntes raramente são fáceis de ser decifradas. Minha experiência diz que suas predições nunca levam à paz de espírito. Se deseja ser feliz, Eragon, não pense no que está por vir nem

naquilo sobre o qual você não tem controle. Pense no agora e naquilo que é capaz de mudar. Nesse momento, um pensamento ocorreu a Eragon.

— Blagden — disse ele, referindo-se ao corvo branco que era o companheiro da rainha Islanzadí. — Ele também sabe algo sobre Brom, não sabe?

Uma das sobrancelhas bem definidas de Oromis se ergueu.

— Sabe? Eu nunca falei sobre isso com ele. É uma criatura inconstante e que não merece crédito.

— No dia em que eu e Saphira partimos para a Campina Ardente, ele recitou uma charada para mim.. Não me lembro de todas as palavras, mas era alguma coisa sobre um de dois serem um, enquanto um poderia ser dois. Penso que talvez ele estivesse querendo dizer que Murtagh e eu compartilhávamos somente um dos pais.

— Não é impossível — disse Oromis. — Blagden estava aqui em Ellesméra quando Brom me contou sobre isso. Não ficaria surpreso se aquele ladrão de bico afiado estivesse empoleirado no galho de alguma árvore próxima durante nossa conversa. Ouvir conversas alheias é um hábito infeliz seu. Também pode ser que a charada seja o resultado de uni de seus ataques esporádicos de presciência.

Um instante depois, Glaedr se agitou, e Oromis se virou e olhou de relance para o dragão dourado. O elfo se levantou da cadeira com um movimento gracioso.

— Frutas, nozes e pão são bons alimentos, mas, depois de sua viagem, você deveria ter algo mais substancioso para encher a barriga. Eu tenho uma sopa em minha cabana que precisa ir para o fogo, mas, por favor, não se perturbe. Eu a trarei quando estiver pronta. — Com passos suaves sobre a grama, Oromis caminhou para sua casa coberta de cascas de árvores e desapareceu em seu interior. Quando a porta entalhada se fechou, Glaedr resmungou e fechou os olhos, parecendo adormecer.

E tudo ficou em silêncio, salvo pelo farfalhar dos galhos levados pelo vento.

HERANÇA

ragon permaneceu sentado à mesa redonda por vários minutos, então se levantou e caminhou até a beira dos rochedos de Tel'naeír, onde olhou por cima da floresta trezentos metros abaixo. Com a E ponta da bota esquerda, empurrou uma pedrinha penhasco abaixo

e ficou observando-a se chocar contra a face oblíqua da formação rochosa até desaparecer nas profundezas do baldaquino.

Um galho se quebrou quando Saphira se aproximou por trás. Ela se agachou ao lado de Eragon — suas escamas pintando-o com centenas de pontinhos azulados — e mirou na mesma direção que ele. *Você está zangado comigo?,* ela perguntou.

Não, é claro que não. Entendo que você não podia quebrar seu juramento na língua antiga. . Só gostaria que Brom pudesse ter me contado ele próprio e que não tivesse tido necessidade de esconder a verdade de mim.

Ela balançou a cabeça na direção dele. *E como você está se sentindo, Eragon?*

Você sabe tanto quanto eu.

Alguns minutos atrás, eu sabia, mas não agora. Você ficou quieto demais, e olhar dentro de sua mente é como olhar um lago tão profundo que não consigo enxergar o fundo. O

que há com você, pequenino? E raiva? E felicidade? Ou você não tem nenhuma emoção a dar?

O que há em mim é aceitação, ele respondeu, e se virou para encará-la. *Não posso mudar quem são meus pais; me reconciliei com isso depois da Campina Ardente. O*

que tem de ser é, e nenhuma quantidade de fúria de minha parte mudará isso. Estou.. feliz, acho, por considerar Brom meu pai. Mas não tenho certeza. . E muito em que pensar de uma vez só.

Talvez o que eu tenha para lhe dar, ajude. Gostaria de ver a lembrança que Brom deixou para você, ou prefere esperar?

Não, nada mais de espera, ele respondeu. *Se adiarmos, talvez você nunca lenha outra oportunidade.*

Então, feche os olhos e deixe-me lhe mostrar o que aconteceu no passado. Eragon seguiu suas orientações, e de Saphira fluiu uma corrente de sensações: visões, sons, cheiros e mais, tudo o que ela vinha experimentando no momento da lembrança.

Diante de si, Eragon avistou uma clareira na floresta em algum lugar aos pés das montanhas que ficavam a oeste da Espinha. A grama era densa e abundante, e véus de liquens verde-amarelados pendiam das imensas árvores inclinadas cobertas de musgo. Devido às chuvas, que invadiam o continente, provenientes do oceano, as árvores dali eram muito mais verdes e úmidas do que as do vale Palancar. Vistas pelos olhos de Saphira, os tons de verde e vermelho eram mais vividos do que teriam sido se vistos por Eragon, enquanto cada tom de azul brilhava com uma intensidade extra. O cheiro de solo musgoso e de madeira apodrecida preenchia o ar.

E no centro da clareira estava uma árvore caída. E sobre esta árvore estava sentado Brom.

O capuz da veste do homem idoso estava puxado para trás, expondo sua cabeça nua. Em seu colo estava sua espada. Seu cajado torto entalhado com runas estava encostado no tronco. O anel Aren brilhava em sua mão direita.

Por um bom tempo, Brom não se moveu. Então, forçou os olhos para olhar para o céu, seu nariz em forma de gancho lançando uma longa sombra sobre seu rosto, e Eragon vacilou, sentindo-se desconectado com o tempo.

— Sempre o sol traça seu caminho de horizonte a horizonte — disse Brom —, e sempre a lua segue, e sempre os dias se sucedem sem se importar com as vidas que trituram, uma a uma. — Abaixando seus olhos, olhou diretamente para Saphira e, através dela, para Eragon. — Por mais que tentem, nenhum ser escapa da morte para sempre, nem mesmo os elfos ou os espíritos. Para todos há um fim. Se você está me vendo, Eragon, então meu fim chegou e estou morto, e você sabe que sou seu pai.

Da bolsinha de couro a seu lado, Brom retirou seu cachimbo, encheu com cardo, e então o acendeu com um suave murmúrio:

— Brisingr.

Tragou várias vezes para manter o fogo antes de recomeçar.

— Se está vendo isso, Eragon, espero que esteja são e salvo, e feliz, e que Galbatorix esteja morto. Entretanto, percebo que isso é improvável, pelo simples motivo de você ser um Cavaleiro de Dragão, e um Cavaleiro de Dragão nunca pode descansar enquanto há injustiça na região.

Um riso escapou de Brom e ele balançou a cabeça, sua barba ondulando como água.

— Ah, não tenho tempo de dizer nem metade do que gostaria, teria duas vezes a minha idade atual antes de terminar. Na busca da brevidade devo assumir que Saphira já lhe contou como sua mãe e eu nos encontramos, como Selena morreu, e como cheguei a Carvahall. Gostaria que você e eu tivéssemos essa conversa frente a frente, Eragon, e talvez possamos ter, e Saphira não precisará compartilhar essa lembrança, mas duvido muito. As mágoas de meus anos me empurram, Eragon, e sinto um calafrio gélido em meus membros do tipo que jamais me perturbou antes. Acredito que seja porque sei que agora você assumirá meu lugar nesta luta. Há muitas coisas que ainda anseio conseguir, mas nenhuma delas para proveito próprio, somente para você, e você deverá eclipsar todas as coisas que fiz. Disso tenho certeza. Antes que meu túmulo se feche sobre mim, contudo, gostaria de ser capaz, pelo menos essa vez, de chamá-lo de meu filho. . Meu filho. . Por toda a sua vida, Eragon, esperei revelar a você quem eu era. Foi para mim um prazer inigualável acompanhar seu crescimento, mas também uma inigualável tortura por causa do segredo que mantinha em meu coração.

Então, Brom riu, um som rouco e áspero.

— Bem, eu não consegui exatamente mantê-lo a salvo do Império consegui? Se você ainda está imaginando quem foi o responsável pela morte de Garrow, não precisa procurar mais, porque aqui está ele. Foi minha própria idiotice. Jamais deveria ter voltado a Carvahall. E olhe só agora: Garrow morto, e você um Cavaleiro de Dragão. Deixe-me avisá-lo, Eragon, cuidado com a pessoa por quem se apaixonar, pois o destino parece ter um interesse mórbido em nossa

família.

Encaixando os lábios em torno da haste do cachimbo, Brom aspirou cardo incinerado diversas vezes, soprando a fumaça branca para um dos lados. O aroma pungente era pesado nas narinas de Saphira.

— Tenho minha cota de lamentações, mas você não é uma delas, Eragon. Você pode, ocasionalmente, se comportar como um tolo confuso quando, por exemplo, deixou escapar aqueles malditos Urgals, mas não é mais idiota do que eu na sua idade. — Ele balançou a cabeça — Menos que um idiota, na verdade. Tenho orgulho de tê-lo como filho, Eragon, mais orgulho do que você jamais imaginaria. Nunca pensei que você fosse se tornar um Cavaleiro como eu fui, nem desejei esse futuro para você, mas vendo-o com Saphira, ah, me faz sentir vontade de cantar para o sol como um galo. Brom tragou mais uma vez.

— Percebo que deve estar zangado comigo por ter escondido isso de você. Não posso dizer que ficaria feliz em descobrir o nome de meu próprio pai dessa maneira. Mas, gostando disso ou não, nós somos da mesma família, você e eu. Como não pude lhe dedicar os cuidados que lhe devia como pai, vou lhe dar a única coisa que posso dar. E é um conselho. Pode me odiar, se assim desejar, Eragon, mas preste atenção no que tenho para lhe dizer, pois sei do que estou falando.

Com sua mão livre, Brom segurou a bainha de sua espada, as veias proeminentes nas costas de sua mão. Prendeu o cachimbo em um dos cantos da boca.

— Certo. Agora, meu conselho tem duas partes. O que quer que faça, proteja aqueles de que gosta. Sem eles, a vida é mais triste do que você pode imaginar. Uma frase óbvia, sei, mas não menos verdadeira por isso. Essa é a primeira parte do conselho. Quanto ao restante.. Se você tiver sido tão afortunado a ponto de já ter conseguido matar Galbatorix, ou se *alguém* tiver conseguido cortar a garganta daquele traidor, então minhas congratulações. Se *não,* então você deve entender que Galbatorix é seu maior e mais poderoso inimigo. Até que esteja morto, nem você nem Saphira jamais terão paz. Vocês poderão correr para os mais distantes cantos da terra, mas, a menos que se juntem ao Império, um dia terão de enfrentar Galbatorix. Sinto muito, Eragon, mas essa é a verdade. Lutei com muitos magos e com diversos Renegados e, até agora, sempre derrotei meus oponentes. — As linhas na testa de Brom se acentuaram. — Bem, todos menos um, porque ainda não estava completamente preparado, no entanto. De qualquer modo, o motivo de eu sempre ter triunfado é o fato de eu usar o cérebro, ao contrário da maioria. Não sou um feiticeiro dos mais fortes, nem você, comparado a Galbatorix, entretanto no que diz respeito a duelos de magos, a *inteligência* é ainda mais importante do que a força. A forma de derrotar outro mago não é golpear sua mente sem critérios. Não! Para garantir a vitória, você precisa descobrir como seu inimigo interpreta as informações e reage ao mundo. Então conhecerá

suas fraquezas, e aí você ataca. O truque não é investir em um encantamento que ninguém jamais pensou antes, o truque é encontrar um que passou despercebido ao seu inimigo e usá-lo contra ele. O truque não é sair destruindo as barreiras da mente do oponente, é deslizar por

baixo ou em volta das barreiras. Ninguém é onisciente, Eragon. Lembre-se disso. Galbatorix pode ter um poder imenso, mas não pode prever todos os acontecimentos. Sempre que conseguir prever, deverá permanecer ágil em seu pensamento. Não fique ligado demais à crença de alguém a ponto de não poder vislumbrar outra possibilidade de saída. Galbatorix é louco e, portanto, imprevisível, mas também possui lacunas em seu pensamento que uma pessoa comum talvez não tivesse. Se conseguir encontrar essas falhas, então quem sabe você e Saphira possam derrotá-lo.

Brom abaixou o cachimbo, seu rosto grave.

— Espero que possam. Eragon, meu maior desejo é que você e Saphira tenham uma vida longa e frutífera, sem medo de Galbatorix e do Império. Gostaria de poder tê-lo protegido de todos os perigos que o ameaçam, mas, infelizmente, isso não está entre as minhas habilidades. Tudo o que posso fazer é lhe aconselhar e lhe ensinar o que sei agora, enquanto ainda estou aqui.. Meu filho. O quer que venha a acontecer a você, saiba que eu o amo, e também sua mãe o amava. Que as estrelas o protejam, Eragon, filho de Brom. À medida que as últimas palavras de Brom ecoavam na mente de Eragon, sua lembrança começou a desaparecer aos poucos, deixando para trás uma escuridão vazia. Ele abriu os olhos e ficou constrangido de encontrar lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. Gargalhou abafado e esfregou os olhos com a túnica. *Brom realmente temia que eu o odiasse,* disse, e fungou. *Você vai ficar bem?,* Saphira perguntou.

Sim, disse Eragon, e ergueu a cabeça. *Creio que sim. Não gosto de algumas coisas que Brom fez, mas estou orgulhoso de poder chamá-lo de pai e de levar seu nome. Ele foi um grande homem. . Mas me perturba o fato de eu jamais ter tido a oportunidade de conversar com algum dos meus pais.*

Pelo menos você foi capaz de passar algum tempo com Brom. Não tive tanta sorte; meu pai e minha mãe morreram bem antes de eu incubar. O mais perto que posso estar deles são algumas lembranças nebulosas de Glaedr.

Eragon colocou uma das mãos sobre o pescoço de Saphira, e ambos confortaram um ao outro da melhor forma possível na beira dos rochedos de Tel'naeír, mirando a floresta dos elfos.

Não muito tempo depois, Oromis surgiu de sua cabana trazendo duas tigelas de sopa, e Eragon e Saphira deram as costas aos rochedos e lentamente caminharam de volta à pequena mesa em frente ao gigantesco volume de Glaedr.

ALMAS DE PEDRA

ragon estava empurrando para o lado sua tigela vazia quando Oromis perguntou:

E — Você gostaria de ver uma fairth de sua mãe, Eragon?

— Sim, por favor.

De dentro das dobras de sua túnica branca, Oromis retirou um fino pedaço de ardósia, que entregou a Eragon.

Ele sentiu a pedra fria e lisa entre seus dedos. Do outro lado dela, sabia que encontraria urna cópia perfeita de sua mãe pintada com magia, com pigmentos que um elfo havia colocado na ardósia muitos anos atrás. Uma onda de inquietude percorreu-o. Sempre tivera vontade de ver a mãe, mas agora que a oportunidade estava diante dele, temia que a realidade pudesse desapontá-lo.

Com um esforço, virou a ardósia e apreendeu uma imagem — nítida como se estivesse sendo vista através de uma janela — de um jardim de rosas vermelhas e brancas iluminado pelos tênues raios da alvorada. Uma trilha de cascalho atravessava o leito das flores. E, ali no meio, estava unia mulher, ajoelhada, segurando uma rosa branca entre as mãos e cheirando a flor, seus olhos se fechando com vim leve sorriso nos lábios. Ela era muito bonita, pensou Eragon. Sua fisionomia era suave e delicada, ainda que estivesse usando roupas revestidas de couro, com braçais sobre os antebraços, grevas sobre as canelas, uma espada e uma adaga penduradas na cintura. No formato de seu rosto, Eragon podia detectar um indício de suas próprias feições, bem como uma razoável semelhança com Garrow, o irmão dela.

A imagem fascinou Eragon. Pressionou as mãos contra a superfície da fairth, desejando poder adentrá-la e tocar o braço de sua mãe.

Mãe.

Oromis comentou:

— Brom me deu a fairth para eu guardar em segurança antes de deixar Carvahall, e agora ela pertence a você.

Eragon não levantou os olhos.

— Mestre, poderia guardá-la para mim lambem? Ela poderia se quebrar durante nossas viagens e batalhas.

A pausa que se seguiu chamou a atenção de Eragon. Retirou abruptamente os olhos de sua mãe para ver que Oromis parecia estar melancólico e preocupado.

— Não, Eragon, não posso. Você terá de encontrar outra maneira de preservar a fairth.

Por quê?. Eragon quis perguntar, mas a tristeza nos olhos de Oromis o dissuadiu.

Então, Oromis disse:

— Seu tempo aqui é limitado, e nós ainda temos muitas coisas a discutir. Devo adivinhar qual

será o próximo assunto que você abordará ou você mesmo me dirá?

Com grande relutância, Eragon colocou a fairth sobre a mesa e girou-a de modo que a imagem ficasse de cabeça para baixo.

— As duas vezes que nós combatemos Murtagh e Thorn, Murtagh estava mais poderoso do que qualquer homem poderia ser. Na Campina Ardente, derrotou a mim e a Saphira porque nós não percebemos o quanto estava forte. Se não fosse por sua mudança de opinião, nós estaríamos presos em Urû'baen neste exalo momento. Uma vez o mestre mencionou que sabia como Galbatorix havia ficado tão poderoso. Poderia nos contar agora? Para nossa própria segurança, precisamos saber.

— Não é meu papel contar isso para vocês — informou Oromis.

— Então de quem é? — demandou Eragon. — Se o mestre não pode...

Atrás de Oromis, Glaedr abriu um de seus olhos flamejantes, tão grandes quanto um escudo redondo, e disse: *É meu.. A fonte do poder de Galbatorix reside nos corações dos dragões. De nós, ele rouba seu poder. Sem nossa ajuda, Galbatorix teria sido derrotado pelos elfos e pelos Varden há muito tempo.* Eragon franziu o cenho.

— Não entendo. Por que vocês ajudariam Galbatorix? E como poderiam ajudá-lo? Só restam quatro dragões e um ovo na Alagaësia. . Não é?

Muitos dos dragões cujos corpos Galbatorix e os Renegados assassinaram ainda estão vivos hoje.

— Ainda estão vivos. .? — Embasbacado, Eragon olhou de relance para Oromis, mas o elfo permaneceu calado, seu rosto inescrutável. Ainda mais desconcertante era o fato de Saphira não parecer compartilhar a confusão de Eragon.

O dragão dourado virou a cabeça na direção das garras para ter uma visão melhor de Eragon, suas escamas raspando umas nas outras. *Diferentemente do que ocorre com a maioria das criaturas,* ele explicou, *a consciência de um dragão não reside unicamente em nosso crânio. Existe em nosso peito um objeto duro com a forma de uma gema, similar a nossas escamas na composição, chamado Eldunarí, que significa "o coração dos corações". Quando um dragão é reproduzido, seu Eldunarí é*

claro e sem brilho. Normalmente, assim permanece por toda a vida do dragão e se dissolve junto com o corpo quando ele morre. Entretanto, se desejarmos, nós podemos transferir nossa consciência para o Eldunarí. Ele então adquirirá a mesma cor de nossas escamas e começará

a brilhar como brasa. Se um dragão fizer isso, o Eldunarí sobreviverá à decrepitude da carne e a essência do dragão poderá viver indefinidamente. Igualmente, um dragão pode expelir pela garganta seu Eldunarí enquanto ainda está vivo. Assim, seu corpo e sua

consciência podem existir separadamente e ainda assim estar ligados, o que pode ser bastante útil em determinadas circunstâncias. Mas fazer isso nos expõe a um grande perigo, pois quem quer que se apodere de nosso Eldunarí se apodera de nossas almas. Assim, nós ficamos presos aos seus desígnios, não importa o quão maléficos possam ser. As implicações do que Glaedr dissera aturdiram Eragon. Olhando para Saphira, ele perguntou: *Você já sabia disso?*

As escamas em seu pescoço se ondularam quando ela fez um estranho movimento serpentino com a cabeça. *Eu sempre estive ciente de meu coração dos corações. Sempre fui capaz de senti-lo dentro de mim, mas nunca pensei em falar sobre isso com você.*

Por que você não me disse nada, sendo esse assunto tão importante?

Você acharia importante mencionar que possui um estômago, Eragon? Ou um coração ou um fígado ou qualquer outro órgão? Meu Eldunarí é parte integrante de quem eu sou. Eu jamais considerei sua existência digna de nota. . Pelo menos não até nossa última visita a Ellesméra.

Então você sabia!

Só um pouco. Glaedr deu indícios de que meu coração dos corações era mais importante do que eu inicialmente acreditava, e ele me aconselhou a protegê-lo para que eu não me entregasse, inadvertidamente, nas mãos de nossos inimigos. Mais do que isso ele não explicou, mas desde então inferi muitas das coisas que ele acabou de dizer. E mesmo assim você não achou importante mencionar isso para mim?, indagou Eragon.

Eu quis, rosnou ela, *mas assim como Brom, dei minha palavra para Glaedr que jamais falaria sobre isso com ninguém, nem mesmo com você.*

E você concordou?

Confio em Glaedr e confio em Oromis. Você não?

Eragon resmungou e se voltou para o elfo e o dragão dourado.

— Mestre, por que não nos contou isso antes?

Destampando o decantador, Oromis encheu seu copo com vinho.

— Para proteger Saphira.

— Protegê-la? Do quê?

De você, Glaedr respondeu. Eragon ficou tão surpreso e ultrajado que mal conseguiu se recompor para protestar antes de Glaedr continuar falando. *Na natureza, um dragão aprende sobre seu Eldunarí com algum dragão mais velho quando está suficientemente maduro para*

entender seu uso. Dessa forma, um dragão não transfere a si próprio para o coração dos corações sem saber toda a importância de seu ato. Entre os Cavaleiros, um costume diferente surgiu. Os primeiros anos de parceria entre um dragão e um Cavaleiro são cruciais para estabelecer um relacionamento saudável entre os dois, e os Cavaleiros descobriram que era melhor esperar até que os Cavaleiros recém-incorporados e os dragões ficassem familiarizados uns com os outros para informá-los a respeito do Eldunarí. Do contrário, na descuidada agitação da juventude, um dragão poderia decidir expelir seu coração dos corações simplesmente para apascentar ou impressionar o seu Cavaleiro. Quando descartamos nosso Eldunarí, descartamos uma incorporação material de todo o nosso ser. E

não podemos recolocá-lo aposição original uma vez que ele se foi. Um— dragão não deveria provocar a separação de sua consciência por nada, pois isso mudaria para o resto de sua vida a forma como vive, mesmo que dure mais mil anos.

— Você ainda tem seu coração dos corações? — quis saber Eragon.

A grama em volta da mesa cedeu sob a rajada de ar quente que irrompeu das narinas de Glaedr. *Essa é uma pergunta que você não pode fazer a nenhum outro dragão além de Saphira. Nem pense em dirigi-la novamente a mim,fedelho.* Embora a reprimenda de Glaedr tivesse deixado Eragon com as bochechas em fogo, ainda teve os recursos para responder como deveria, com uma mesura e dizendo as seguintes palavras:

— Sim, mestre. — Então, perguntou: — O que.. O que acontece se o Eldunarí se quebra?

Se um dragão já transferiu sua consciência para o coração dos corações, então morrerá uma morte verdadeira. Glaedr piscou de forma audível e suas pálpebras internas e externas brilharam ao longo da esfera raiada de sua íris. *Antes de firmarmos nosso pacto com os elfos, mantínhamos nossos corações em Du Fel s Nángoröth, as montanhas no centro do deserto Hadarac. Mais tarde, depois que os Cavaleiros se estabeleceram na ilha de Vroengard e lá construíram um depósito para os Eldunarí, não só*

os dragões selvagens como também os aculturados confiaram seus corações à guarda dos Cavaleiros.

— Quer dizer que então Galbatorix capturou os Eldunarí? — Eragon tentou concluir.

Ao contrário das expectativas de Eragon, quem respondeu foi Oromis.

— Capturou sim, mas não todos de uma vez. Fazia muito tempo desde a última vez que alguém verdadeiramente ameaçara os Cavaleiros. Muitos de nossa ordem foram descuidando-se da proteção dos Eldunarí. Na época que Galbatorix se voltou contra nós, não era incomum o dragão de um Cavaleiro expelir seu Eldunarí apenas pela conveniência.

— Conveniência?

Qualquer um que detém um de nossos corações, Glaedr retomou a palavra, *pode se comunicar com o dragão de quem o órgão pertenceu independentemente da distância. Um Cavaleiro e um dragão podem estar cada um em uma extremidade da Alagaësia e ainda assim, se o Cavaleiro estiver com o Eldunarí de seu dragão, vão poder compartilhar pensamentos tão facilmente quanto você e Saphira fazem atualmente.*

— Além disso — completou Oromis —, um mago que possui um Eldunarí pode se utilizar do poder de um dragão para fortalecer seus encantamentos, também sem depender de onde o dragão esteja. Quando. . Um beija-flor colorido e brilhante interrompeu a conversa ao dar um vôo rasante sobre a mesa. Com asas como um borrão pulsante, o pássaro adejou sobre as tigelas de fruta e bebericou o líquido que escapava de uma amora esmagada. Então, voou para longe, desaparecendo entre os troncos da floresta.

Oromis continuou:

— Quando Galbatorix matou seu primeiro Cavaleiro, também roubou

o coração de seu dragão. Durante os anos em que passou escondido na natureza, em seguida a esse evento, invadiu a mente do dragão e moldou-a para seus desejos, provavelmente com a ajuda de Durza. E na época em que iniciou seriamente sua insurreição, com Morzan ao seu lado, já estava mais forte do que a maioria dos outros Cavaleiros. Sua força não era meramente mágica, mas mental, pois o poder da consciência dos Eldunarí aumentava o seu próprio.

"Galbatorix não tentava apenas matar os Cavaleiros e os dragões. Sua meta era adquirir quantos Eldunarí conseguisse, ou tomando dos Cavaleiros ou torturando um Cavaleiro até que seu dragão expelisse seu coração dos corações. Quando percebemos o que ele estava fazendo, já estava poderoso demais para ser detido. Galbatorix foi ajudado pelo fato de que muitos Cavaleiros viajavam não apenas com os Eldunarí de seus próprios dragões, mas também com Eldunarí dos dragões cujos corpos não existiam mais, pois tais dragões ficavam freqüentemente entediados de ficar sentados em uma alcova e ansiavam por aventuras. E, é claro, uma vez que Galbatorix e os Renegados saquearam a cidade de Dorú Areaba na ilha de Vroengard, ele ganhou acesso a toda a coleção de Eldunarí estocada lá.

"Galbatorix atingiu seu êxito utilizando o poder e a sabedoria dos dragões contra toda a Alagaësia. A princípio, não era capaz de controlar mais do que um punhado de Eldunarí capturado. Não é urna tarefa fácil forçar um dragão a se submeter a você, não importa quanto poder você possa ter. Assim que Galbatorix esmagou os Cavaleiros e entronizou-se em Urû'baen, passou a se dedicar a subjugar o restante dos corações, um a um.

"Acreditamos que a tarefa deixou-o ocupado grande parte dos quarenta anos seguintes, durante os quais prestou pouca atenção aos assuntos da Alagaësia, o que tornou possível ao povo de Surda se rebelar contra o Império. Quando terminou, Galbatorix emergiu de seu retiro e começou a reconquistar o controle sobre o Império e as terras além dele. Por alguma razão, depois de dois anos e meio de mais carnificina e tristeza, retirou-se novamente para Urû'baen,

e lá reside desde então, não tão solitário como antes, mas obviamente focado em algum projeto que só ele sabe. Suas maldades são muitas, mas não se entregou à devassidão; fato constatado pelos espiões dos Varden. Mais do que isso, contudo, não foi possível descobrirmos."

Profundamente perdido em seus pensamentos, Eragon mirava ao longe. Pela primeira vez, todas as histórias que ouvira a respeito dos poderes sobrenaturais de Galbatorix faziam sentido. Uma leve sensação de otimismo se formou em seu âmago quando disse para si mesmo: *Não tenho certeza de como fazer isso, mas se nós pudéssemos tirar os Eldunarí do controle de Galbatorix, ele não seria mais poderoso do que um Cavaleiro de Dragão como outro qualquer.* Por mais improvável que a perspectiva parecesse, era estimulante para Eragon saber que o rei possuía uma vulnerabilidade, por menor que fosse.

Enquanto ruminava o assunto, outra questão lhe ocorreu.

— Por que será que nunca ouvi alguém mencionar os corações dos dragões nas histórias antigas? Certamente, se são tão importantes, os bardos e sábios falariam a respeito.

Oromis pousou uma das mãos sobre a mesa.

— Dentre todos os segredos da Alagaësia, o dos Eldunarí é o mais cuidadosamente guardado, mesmo entre meu povo. Ao longo da história, dragões têm lutado para ocultar seus corações do resto do mundo. Revelaram sua existência para nós somente após o pacto mágico entre nossas raças ser estabelecido, e mesmo assim somente para alguns poucos indivíduos.

— Mas por quê?

Ah, respondeu *Glaedr, freqüentemente desprezávamos a necessidade de segredo, mas se os Eldunarí tivessem se tornado de conhecimento público, todo ordinário mal- intencionado da região teria tentado roubar um deles, e por fim algum acabaria conseguindo seu objetivo. Foi algo que tentamos impedir de todas as formas,*

— Não existe uma maneira de um dragão se defender através de seu Eldunarí? — quis saber Eragon.

O olho de Glaedr pareceu cintilar mais do que nunca. *Uma pergunta apropriada. Um dragão que expeliu seu Eldunarí, mas que ainda goza do uso de seu corpo, pode, é claro, defender seu coração com suas garras, presas e com seu rabo, e ainda com suas asas. Um dragão cujo corpo está morto, entretanto, não possui nenhuma dessas vantagens. Sua única arma e sua mente e, talvez, se for o momento certo, a magia, que não podemos comandar de livre e espontânea vontade. Esse é um dos motivos pelos quais muitos dragões não escolhem prolongar sua existência além do fim de seu corpo. Ser incapaz de se mover de acordo com sua vontade, ser incapaz de sentir o mundo à sua volta, exceto através das mentes de outros, e ser capaz de influenciar o curso dos eventos somente com seu pensamento e com raros e imprevisíveis lampejos de magia; é uma existência difícil de ser abraçada por quase todas as criaturas, mas especialmente pelos dragões, que são os seres mais livres que*

existem.

— Então, por que fariam isso? — Eragon continuou indagando. *Às vezes, acontece por acidente. À medida que seu corpo começa a falhar, um dragão pode entrar em pânico e fugir para seu Eldunarí. Ou se um dragão expeliu seu coração antes de seu corpo morrer não tem escolha a não ser continuar vivo. Mas, na maioria das vezes, os dragões que escolhem continuar vivendo em seus Eldunarí são aqueles que estão velhos demais, mais velhos do que eu e Oromis hoje. Estão tão velhos que as preocupações com a carne já deixaram de ser um problema, e eles se aposentam, desejando passar o resto da eternidade especulando a respeito de questões que os mais jovens não compreenderiam. Reverenciamos e guardamos com carinho os corações desses dragões por causa da vasta sabedoria e inteligência contida neles. É comum tanto para os dragões selvagens quanto para os aculturados, assim como para os Cavaleiros, se aconselhar com eles a respeito de assuntos importantes. O fato de Galbatorix tê-los escravizado é um crime de inimaginável crueldade e vilania.*

Agora tenho uma questão, disse Saphira, o rico zumbido de seus pensamentos correndo pela mente de Eragon. *Uma vez que um de nós fica confinado em seu Eldunarí, deve continuar existindo ou ê possível que, não suportando mais sua condição, abandone o mundo e se transfira para a escuridão?*

— Não por conta própria — respondeu Oromis. — Não, a menos que a inspiração para utilizar a magia tome conta do dragão e permita que quebre seu Eldunarí por dentro, o que aconteceu raríssimas vezes, até onde sei. A única outra opção seria o dragão convencer alguém a destruir o Eldunarí em seu lugar. Essa falta de controle é outra razão pela qual os dragões são extremamente cautelosos em se transferir para seus corações dos corações. Temem ficar presos em uma armadilha da qual não há escapatória.

Eragon podia sentir Saphira execrando a perspectiva daquela idéia. Mas ela não falou sobre isso, apenas perguntou: *Quantos Eldunarí estão escravizados por Galbatorix?*

Nós não sabemos o número exato — respondeu Oromis novamente

—, mas estimamos que sua coleção contenha muitas centenas.

Saphira contorceu levemente o corpo brilhante. *Então nossa raça não está*

à beira da extinção, afinal?

Oromis hesitou, e foi Glaedr quem tornou a palavra. *Pequenina,* ele disse, surpreendendo Eragon com o uso do epíteto, *mesmo que o chão ficasse coberto de Eldunarí, nossa raça ainda estaria condenada. Um dragão preservado dentro de seu Eldunarí ainda é um dragão, mas não possui nem as necessidades da carne nem os órgãos com os quais suprir essas necessidades. Ele não pode se reproduzir.* A base do crânio de Eragon começou a latejar, e estava ficando cada vez mais ciente do cansaço decorrente dos quatro dias de

viagem. Sua exaustão tornava difícil manter os pensamentos por mais de alguns instantes; à

menor distração, escapavam de seu controle.

A ponta do rabo de Saphira deu um puxão. *Eu não sou tão ignorante a ponto de acreditar que algum Eldunarí pudesse ter cria. Entretanto, fico reconfortada por saber que não estou tão sozinha quanto imaginava. . Nossa raça pode estar condenada, mas pelo menos existe mais de quatro dragões vivos no mundo, dentro de seus mantos ou não.*

— Isso é verdade — concordou Oromis, mas são tão cativos de Galbatorix quanto Murtagh e Thorn.

Contudo, libertá-los me dá algo por que lutar, assim como resgatar o último ovo, observou Saphira.

— É algo para nós dois lutarmos — completou Eragon. — Somos a

única esperança que podem ter. — Ele esfregou a testa com o polegar direito.

— Mas ainda tem algo que não entendo.

— Sim? — perguntou Oromis. — Onde está sua dúvida?

— Se Galbatorix conquistou seu poder a partir desses corações, como produzem a energia que ele usa? — Eragon fez uma pausa, em busca de uma maneira melhor de montar a frase para a pergunta. Fez um gesto para as andorinhas voando no céu. — Todas as criaturas vivas comem e bebem para se sustentar, até as plantas. A comida proporciona a energia de que nossos corpos necessitam para funcionar adequadamente. Também proporciona a energia de que necessitamos para fazer magia, quer dependamos de nossa própria força para lançar o encanto, quer utilizemos a força de outras criaturas. Mas como pode ser com esses Eldunarí? Não possuem ossos, músculos e pele, possuem? Não comem, comem? Então, como sobrevivem?

De onde vem sua energia?

Oromis sorriu, seus longos dentes resplandecentes como porcelana esmaltada.

— Da magia.

— Magia?

— Se alguém define magia como a manipulação de energia, e na verdade é isso mesmo, então, por que não? Magia, sim. Onde exatamente os Eldunarí adquirem sua energia é um mistério tanto para nós quanto para os dragões; ninguém jamais identificou a fonte. Talvez absorvam a luz do sol, como as plantas, ou se alimentem das forças vitais das criaturas próximas a eles. Seja lá qual for a resposta, foi provado que quando um dragão experimenta a morte corporal e

sua consciência passa a residir somente em seu coração dos corações, leva consigo toda a energia livre disponível em seu corpo no momento em que pára de funcionar. A partir daí, o estoque de energia aumenta num ritmo regular durante cinco ou sete anos, até que atinge toda a capacidade de energia, que na verdade é imensa. A quantidade total de energia que um Eldunarí pode reter depende do tamanho do coração: quanto mais velho o dragão, maior o Eldunarí e mais energia pode absorver antes de ficar saturado.

Voltando os pensamentos para o combate com Murtagh e Thorn, Eragon comentou:

— Galbatorix deve ter dado diversos Eldunarí para Murtagh. Essa é a única explicação para o aumento de seu poder.

Oromis assentiu.

— Vocês tiveram sorte por Galbatorix não ter emprestado a ele mais corações, pois seria mais fácil para Murtagh derrotar você, Arya e todos os outros feiticeiros com os Varden.

Eragon lembrou como, nas duas vezes que ele e Saphira se encontraram com Murtagh e Thorn, a mente de Murtagh parecia conter múltiplos seres. Eragon compartilhou suas lembranças com Saphira: *Devem ter sido os Eldunarí que eu senti naquele momento. . Fico imaginando onde Murtagh os colocou. Thorn não estava carregando nenhum alforje, e eu não vi nenhum volume nas roupas de Murtagh.*

Não sei, disse Saphira. *Você entende que Murtagh devia estar se referindo aos Eldunarí quando disse que em vez de arrancar fora seu próprio coração, seria melhor arrancar fora os corações dele.* Corações, *não* coração. *Você está certa! Talvez estivesse tentando me alertar.* Eragon respirou fundo, aliviou o nó entre seus ombros e recostou-se na cadeira.

— Fora o coração dos corações de Saphira e o de Glaedr, existem muitos Eldunarí que Galbatorix não capturou?

Pequenas rugas apareceram em torno dos cantos da boca de Oro mis.

— Não que saibamos. Depois da queda dos Cavaleiros, Brom foi atrás de Eldunarí que poderiam ter passado despercebidos a Galbatorix, sem sucesso. E em todos os anos que passei rastreando a Alagaësia com minha mente, não detectei mais do que um sussurro de um pensamento oriundo de um Eldunarí. Galbatorix e Morgan sabiam da existência de todos os Eldunarí

quando iniciaram seu ataque contra nós, e nenhum coração dos corações desapareceu sem explicação. E inconcebível que alguma quantidade significativa de Eldunarí possa estar escondida em algum lugar pronta para nos ajudar caso conseguíssemos localizá-la.

Embora Eragon não estivesse esperando nenhuma outra resposta, ainda assim achou decepcionante.

— Uma última pergunta. Quando um Cavaleiro ou o dragão de um Cavaleiro morre, o membro sobrevivente da dupla freqüentemente desaparece ou comete suicídio logo depois. E aqueles que não fazem isso normalmente ficam loucos devido à perda. Estou certo?

Está, respondeu Glaedr.

— Mas o que aconteceria se um dragão transferisse sua consciência para o coração e depois o corpo morresse?

Pelas solas de suas botas, Eragon sentiu um leve tremor sacudir o chão à medida que Glaedr mudava de posição. *Se um dragão experimenta a morte corporal e seu Cavaleiro continua vivo, juntos passam a ser conhecidos como Indlvarn. A transição dificilmente é prazerosa para o dragão, mas muitos Cavaleiros e dragões se adaptam com sucesso ã mudança e os dragões continuam a servir os Cavaleiros com distinção. Se, contudo, e o Cavaleiro quem morre, então o dragão normalmente destrói seu Eldunarí ou pede para outro destruí-lo em seu lugar, já que seu corpo não existe mais. Assim, estará matando a si próprio e seguindo seu Cavaleiro em direção ao vazio. Mas não todos. Alguns dragões são capazes de superar suas perdas — assim como alguns Cavaleiros, tais como Brom — e continuam a servir nossa ordem ainda por muitos anos. Ou através de sua carne ou através de seu coração dos corações.*

Você nos deu muita coisa para refletirmos, Oromis-elda, observou Saphira. Eragon assentiu, mas ficou em silêncio, pois estava ocupado pensando em tudo o que havia sido dito.

MÃOS DE GUERREIRO

ragon mordia um doce e suculento morango enquanto mirava as

incomensuráveis profundezas do céu. Quando terminou de comer

a fruta, jogou o caule na bandeja à sua frente, empurrando-o para E o local exato com a pontinha do dedo, e então fez menção de

dizer algo.

Antes que pudesse, porém, Oromis adiantou-se:

— E agora, Eragon?

— E agora o quê?

— Nós conversamos bastante a respeito daqueles assuntos sobre os quais você tinha curiosidade. O que você e Saphira desejam saber daqui em diante? Não podem permanecer muito tempo em Ellesméra, então imagino o que mais desejam alcançar com sua visita, ou é sua intenção partir amanhã de manhã?

— Esperávamos — começou Eragon — que, quando retornássemos,

seríamos capazes de continuar nosso treinamento como antes. Obviamente, não temos tempo para isso agora, mas há outra coisa que eu gostaria de fazer.

— E o que seria isso?

— ... Mestre, não lhe contei tudo que aconteceu comigo quando Brom e eu estávamos em Teirm. — E, então, Eragon recontou como a curiosidade o havia conduzido até a loja de Angela, como ela havia lido sua sorte, e o conselho que Solembum havia lhe dado em seguida.

Oromis colocou um dos dedos sobre o lábio superior, sua fisionomia contemplativa.

— Tenho ouvido essa feiticeira ser mencionada no último ano com crescente freqüência, não só por você como também por Arya, nos relatos que fez sobre os Varden. Essa Angela parece ser especialista em aparecer quando e onde quaisquer eventos relevantes estejam para ocorrer. *Isso é verdade,* confirmou Saphira. Oromis continuou:

— Seu comportamento me lembra bastante o de uma feiticeira humana que uma vez visitou Ellesméra, embora não tivesse o nome de Angela. Angela tem estatura baixa, cabelos castanhos espessos e encaracolados, olhos vibrantes e urna esperteza tão afiada quanto esquisita?

— O senhor a descreveu com perfeição — observou Eragon. — É a

mesma pessoa?

Oromis fez um pequeno e rápido movimento com a mão esquerda.

— Se for, é uma pessoa extraordinária. . E quanto às profecias, eu não daria muito crédito a elas. Podem ser verdadeiras ou não, mas, sem mais conhecimentos, nenhum de nós pode influenciar o resultado.

"O que o menino-gato disse, entretanto, é digno de mais consideração. Infelizmente, não posso elucidar nenhuma de suas colocações, jamais ouvi falar de um lugar chamado cofre das Almas, e apesar da pedra de Kuthian me soar familiar, não consigo me lembrar de onde ouvi esse nome. Vou pesquisar em meus pergaminhos, mas meu instinto me diz que não vou encontrar nenhuma menção a isso em escritos élficos."

— E quanto à arma embaixo da árvore Menoa?

— Nada sei sobre essa arma, Eragon, e estou bem informado acerca dos tesouros desta floresta. Em toda Du Weldenvarden, talvez exista apenas dois elfos cujos conhecimentos excedam os meus no que concerne à floresta. Investigarei, mas suspeito que este será um empreendimento fútil. — Quando Eragon expressou seu desapontamento, Oromis comentou: — Compreendo que solicite uma substituição à altura de Zar'roc, Eragon, e nisso posso

ajudar. Além da minha própria lâmina, Naegling, nós, elfos, preservamos duas outras espadas de Cavaleiros de Dragão. São elas Arvindr e Támerlein. Arvindr atualmente está guardada na cidade de Nädindel, que você não teve tempo para visitar. Mas Támerlein está aqui. É um tesouro da Casa Valtharos, e apesar de lorde Fiolr, senhor da casa, não estar disposto a se separar dela tão facilmente, acho que lhe daria a arma se você pedisse com respeito. Marcarei um encontro entre vocês para amanhã de manhã.

— E se a espada não servir a mim? — perguntou Eragon.

— Esperemos que sirva. Contudo, também mandarei uma mensagem

para a ferreira Rhunön dizendo que ela deve esperá-lo no final do dia.

— Mas ela jurou que jamais forjaria outra espada. Oromis suspirou.

— jurou sim, mas ainda assim vale a pena buscar sua consultoria. Se existe alguém que pode recomendar a arma adequada a você, esse alguém é

ela. Além do mais, mesmo que goste de Támerlein, tenho certeza de que Rhunön ia querer examinar a espada antes de você ir embora com ela. Mais de cem anos se passaram desde a última vez que Támerlein foi usada em batalha, e talvez precise de uma leve reforma.

— Será que outro elfo poderia forjar uma espada para mim? — quis saber Eragon.

— Não — respondeu Oromis. — Não que pudesse se comparar com a

excelência do artesanato de Zar'roc ou com qualquer espada roubada que Galbatorix tenha escolhido usar. Rhunön é uma das mais idosas de nossa raça, e foi ela sozinha quem fez as espadas de nossa ordem.

— É tão idosa quanto os Cavaleiros? — indagou Eragon,

impressionado.

— Mais idosa ainda. Eragon fez uma pausa.

— O que nós devemos fazer entre hoje e amanhã, mestre? Oromis olhou para Eragon.

— Vá visitar a árvore Menoa; sei que não sossegará até fazer isso. Veja se consegue encontrar a arma que o menino-gato instigou em você. Assim que tiver satisfeito sua curiosidade, retire-se para os aposentos de sua casa da árvore, os criados de Islanzadí os deixaram prontos para você e Saphira. Amanhã faremos o que pudermos.

— Mas, mestre, temos tão pouco tempo. .

— E vocês dois estão cansados demais para outros entusiasmos por hoje. Confie em mim,

Eragon, fará melhor descansando. Creio que essas horas de descanso o ajudarão a digerir tudo aquilo sobre o que conversamos. Mesmo pelas medidas de reis, rainhas e dragões, aquela conversa de horas não foi nem um pouco leve.

Apesar das garantias de Oromis, Eragon se sentia inquieto por passar o restante do dia em lazer. Seu senso de urgência era tão grande que continuaria trabalhando mesmo quando sabia que deveria estar se recuperando. Eragon mudou de posição na cadeira e, com o movimento, deve ter revelado algo de sua ambivalência, pois Oromis sorriu e comentou:

— Se ajuda a relaxar, Eragon, prometo o seguinte: antes que você e Saphira voltem para os Varden, pode escolher qualquer tipo de magia que lhe ensinarei tudo o que sei sobre ela, por menos tempo que tenhamos. Com o polegar, Eragon empurrou o anel em volta do indicador direito e ponderou a oferta de Oromis, tentando decidir qual, dentre todas as áreas da magia, ele mais gostaria de aprender. Finalmente, revelou:

— Gostaria de aprender corno convocar espíritos. Uma sombra atravessou o rosto de Oromis.

— Vou manter minha palavra, Eragon, mas feitiçaria é uma arte obscura e inapropriada. Você não deveria tentar controlar outros seres em proveito próprio. Mesmo que ignore a imoralidade da feitiçaria, é uma disciplina excepcionalmente perigosa e hediondamente complicada. Um mago necessita de pelo menos três anos de estudo intensivo antes de poder esperar convocar espíritos sem que eles o possuam.

"Feitiçaria não é como outras magias, Eragon; com ela, você tenta forçar seres incrivelmente poderosos e hostis a obedecer a seus comandos, seres que devotam cada momento de seu cativeiro para encontrar uma falha em suas amarras de modo que possam se virar contra você e subjugá-lo vingativamente. Ao longo da história, jamais houve um Espectro que também fosse Cavaleiro, e de todos os horrores que acometeram essa bela terra, uma tal abominação seria facilmente a pior, pior ainda do que Galbatorix. Por favor escolha outro assunto, Eragon: um menos perigoso para você e para nossa causa."

— Então, o senhor poderia me ensinar meu verdadeiro nome?

— Suas solicitações estão num crescendo de dificuldades, Eragonfiniarel — notou Oromis. — Talvez eu pudesse adivinhar seu verdadeiro nome se assim eu desejasse. — O elfo de cabelos prateados estudou Eragon com cada vez mais intensidade, seus olhos pesados sobre ele. -Sim, acredito que talvez pudesse. Mas não vou. Um nome verdadeiro pode ser de grande importância cm termos de magia, mas não é um encantamento em si e para si, de modo que não está incluído em minha promessa. Se seu desejo é conhecer melhor a si próprio, Eragon, então procure descobrir seu nome verdadeiro por conta própria. Se eu dissesse a você, talvez lucrasse com isso, mas seria um lucro desprovido da sabedoria que conquistaria empreendendo sua própria jornada em busca de seu nome verdadeiro. Uma pessoa deve adquirir os conhecimentos, Eragon. Eles não devem lhe ser introjetados por outros, independentemente de quão importantes essas pessoas possam ser para você. Eragon mexeu com o anel por mais alguns instantes, e então resmungou e balançou a cabeça.

— Não sei. . Minhas perguntas se esgotaram.

— Duvido muito disso — comentou Oromis.

Eragon considerava difícil se concentrar no assunto em questão; seus pensamentos continuavam retornando ao Eldunarí e a Brom. Novamente, ficou maravilhado com a estranha série de eventos que levara Brom a se estabelecer em Carvahall e, mais tarde, ele próprio a se tornar Cavaleiro de Dragão. *Se Arya não tivesse. .* Eragon parou e sorriu quando um pensamento lhe ocorreu.

— Você me ensina como mover um objeto de um lugar a outro sem

atraso, como Arya fez com o ovo de Saphira?

Oromis assentiu.

— Excelente escolha. O encantamento é custoso, mas tem muitos usos. Tenho certeza de que se provará mais útil a você cm seu relacionamento com Galbatorix e com o Império. Arya, pelo menos, pode atestar sua efetividade. Erguendo seu copo, Oromis segurou-o contra o sol, e a luz que vinha de cima tornou o vinho transparente. Estudou o líquido por um bom tempo e, então, abaixou o tropo.

— Antes de se aventurar na cidade, deveria saber que aquele que você

enviou para viver entre nós chegou aqui algum tempo atrás.

Um momento passou antes que Eragon pudesse entender a quem Oromis estava se referindo.

— Sloan está em Ellesméra? — perguntou Eragon, aturdido.

— Ele mora sozinho em uma pequena habitação perto do córrego na

fronteira oeste de Ellesméra. A morte esteve bem próxima dele quando o retiramos da floresta, mas curamos os ferimentos de sua carne e agora está

são. Os elfos na cidade levam-lhe comida e roupa e cuidam para que esteja bem. Levam-no aonde deseja ir e, às vezes, lêem para ele; mas, na maior parte do tempo, ele prefere ficar sozinho, sem dizer uma palavra com os que se aproximam. Por duas vezes tentou escapar, mas seus encantamentos o impediram.

Estou surpreso por ele ter chegado aqui tão rapidamente, Eragon comentou com Saphira.

A compulsão que você lançou sobre ele deve ter sido mais forte do que imaginou inicialmente.

Sim. Com uma voz tranqüila, Eragon quis saber:

— Foi possível lhe restaurar a visão?

— Não.

O triste homem está quebrado por dentro, Glaedr disse. *Não enxerga com clareza suficiente a ponto de seus olhos serem de algum uso.*

— Será que eu deveria lhe fazer uma visita? — indagou Eragon, sem. ter certeza do que Oromis e Glaedr esperavam.

— Isso você mesmo decide — respondeu Oromis. — Reencontrá-lo talvez somente o perturbe. Entretanto, você é o responsável por seu castigo, Eragon. Seria errado de sua parte esquecê-lo.

— Não, mestre, não esquecerei.

Com uni movimento brusco da cabeça, Oromis colocou o copo sobre a mesa e moveu sua cadeira para perto de Eragon.

— O dia envelhece, e não poderia manter você aqui por mais tempo sem interferir em seu descanso, mas há mais uma coisa que gostaria de fazer antes de sua partida: suas mãos. Posso examiná-las? Gostaria de ver o que dizem sobre você agora. — E Oromis direcionou suas mãos a Eragon. Estendendo seus braços, Eragon colocou as mãos com as palmas para baixo em cima das de Oromis, tremendo com o toque dos dedos magros do elfo em seus pulsos. Os calos em suas juntas lançavam longas sombras pelas costas de suas mãos à medida que Oromis as inclinava de um lado para o outro. Então, exercendo uma pressão leve, porém firme, Oromis girou as mãos de Eragon e inspecionou suas palmas e as partes internas dos dedos.

— O que está vendo?

Oromis torceu novamente as mãos de Eragon e gesticulou para os calos.

— Agora você possui as mãos de um guerreiro, Eragon. Cuidado para não se tornarem as mãos de um homem que se delicia com a carnificina da guerra.

A ÁRVORE DA VIDA

os rochedos de Tel'naeír, Saphira voou rasante sobre a imponente floresta até chegar à clareira onde ficava a árvore Menoa. Mais espessa do que uma centena de pinheiros gigantescos que a circundavam, a árvore erguia-se na direção do céu como um D poderoso pedestal, sua copa arqueada estendendo-se ao longo de mais de trezentos metros. Sua intricada rede de raízes se irradiava do maciço tronco revestido de musgo, cobrindo mais de quatro hectares do solo da floresta até mergulharem profundamente rio suave terreno e desaparecerem abaixo das árvores menores. Perto da Menoa, o ar era úmido e frio, e uma leve, porém constante, bruma descaía lentamente do emaranhado de folhas acima, umedecendo

as amplas samambaias amontoadas na base do tronco. Esquilos vermelhos corriam pelos galhos da antiga árvore, e os vividos chilreios e trinados das centenas de pássaros explodiam das profundezas da folhagem. R em toda a clareira, prevalecia a sensação de uma presença vigilante, pois a árvore continha os restos da elfa uma vez conhecida como Linnëa, cuja consciência agora guiava o crescimento da árvore e de toda a floresta.

Eragon procurou o desnivelado terreno de raízes em busca de algum sinal de arma, mas, assim como antes, não encontrou nenhum objeto que pudesse levar para uma batalha. Examinou um pedaço de casca solta no musgo aos seus pés e entregou a Saphira. O *que você acha?,* perguntou ele. *Se a recheasse de encantos, você acha que eu conseguiria matar um soldado com isso?*

Você poderia matar um soldado com uma folhinha, se quisesse, ela respondeu. *Entretanto, contra Murtagh e Thorn, ou contra o rei e seu dragão negro, você vai ter de juntar uma corda de lã úmida a essa casca para atacá-los.*

Você tem razão, ele reconheceu, e jogou a casca fora.

A mim parece, disse ela, *que você não deveria fazer papel de idiota só para provar que o conselho de Solembum é verdadeiro.*

Eu sei, mas talvez eu devesse encarar o problema de modo diferente se eu quiser mesmo achar essa arma. Como você apontou antes, poderia facilmente ser uma pedra ou um livro em vez de algum tipo de lâmina. Um cajado feito de um galho da árvore Menoa poderia se transformar em uma arma valiosa, imagino eu.

Mas dificilmente se igualaria a uma espada.

Não. . E eu não ousaria cortar um galho sem permissão da própria árvore, e não faço a menor idéia de como conseguiria convencê-la a atender meu pedido. Saphira arqueou seu pescoço sinuoso e ergueu os olhos para a árvore. Então, balançou a cabeça e os ombros para se livrar das gotículas que haviam se acumulado nas bordas de suas escamas facetadas. Quando os respingos de água gelada o atingiram, Eragon gritou e saltou para trás, protegendo o rosto com o braço. *Se alguma criatura tentasse fazer mal à árvore Menoa,* ela disse, *duvido que continuasse viva tempo suficiente para lamentar o erro.*

Por várias horas os dois se debruçaram sobre a clareira. Eragon continuava com esperança de que acabariam se deparando com algum esconderijo entre as raízes entrelaçadas onde encontrariam a ponta visível de um baú enterrado, que conteria uma espada. *Já que Murtagh está com Zar'roc, que é a espada de seu pai,* pensou Eragon, *tenho todo o direito de ter a espada que Rhunön fez para Brom. Seria a cor certa, também,* acrescentou Saphira. *Seu dragão, minha homônima, também era azul.*

Finalmente, em desespero, Eragon alcançou a árvore Menoa com sua mente e tentou atrair a atenção de sua lenta consciência para explicar sua busca e pedir ajuda. Mas talvez também precisasse tentar se comunicar com o vento ou com a chuva, porque a árvore não dedicou mais

atenção a ele do que ele teria dedicado a uma formiga escalando suas botas.

Desapontados, Cavaleiro e dragão deixaram a Menoa assim que a borda do sol beijou o horizonte. Da clareira. Saphira voou para o centro de Ellesméra, onde planou até aterrissar no quarto da casa da árvore que os elfos haviam emprestado a eles. O lugar era um conjunto de diversas salas globulares que ficavam na copa de uma árvore compacta, dezenas de metros acima do chão.

Uma refeição de frutas, vegetais, feijões cozidos e pão estava esperando por Eragon na sala de jantar. Depois de comer um pouco, ele se aconchegou perto de Saphira na bacia forrada com um cobertor colocada no chão, ignorando a cama para dar preferência à companhia de seu dragão. Permaneceu deitado, alerta e ciente do que estava à sua volta, enquanto Saphira mergulhou num sono profundo. De seu lugar ao lado dela, Eragon observava as estrelas subindo e descendo acima da floresta iluminada pela lua e pensou em Brom e no mistério de sua mãe. Tarde da noite, deslizou para o estado de transe de seu sonhar acordado, e lá falou com seus pais. Eragon não conseguia ouvir o que diziam, pois sua voz e as deles estavam abafadas e indistintas, mas de alguma forma percebeu o amor e o orgulho que seus pais sentiam por ele, e, embora soubesse que não passavam de fantasmas de sua mente inquieta, cada vez mais valorizava a lembrança da afeição dos dois. Na madrugada, um elfo esguio conduziu Eragon e Saphira pela trilha de Ellesméra até a propriedade da família Valtharos. Ao passarem entre os troncos escuros dos soturnos pinheiros, Eragon percebeu como a cidade estava vazia e tranqüila comparada à última vez em que haviam estado lá; notou apenas três elfos entre as árvores: figuras altas e graciosas que deslizavam em passos silenciosos.

Quando os elfos marcham para a guerra, Saphira observou, *poucos ficam para trás.*

Verdade.

Lorde Fiolr estava esperando por eles dentro de um salão abobadado iluminado por diversas luzes-vivas flutuantes. Seu rosto era longo e severo e com uma angulação mais incisiva do que a da maioria dos elfos, de modo que sua fisionomia lembrava a Eragon uma lança de lâmina estreita. Vestia uma túnica verde e dourada cujo colarinho se projetava atrás de sua cabeça, como as penas de pescoço de algum pássaro exótico. Em sua mão esquerda, segurava um bastão de madeira branca entalhada com símbolos de Liduen Kvaedhí. Sobre a extremidade estava fincada uma lustrosa pérola. Inclinando-se até a cintura, lorde Fiolr fez uma saudação, assim como Eragon. Então, trocaram os tradicionais cumprimentos élficos, e Eragon agradeceu ao lorde pela generosidade de lhe permitir inspecionar a espada Támerlein.

E lorde Fiolr comentou:

— Há muito tempo Támerlein é um tesouro de minha família, e especialmente cara ao meu coração. Você conhece a história de Támerlein, Matador de Espectros?

— Não — respondeu Eragon.

— Minha companheira era a muito sábia e justa Naudra, e seu irmão, Arva, era Cavaleiro de Dragão à época da Queda. Naudra o estava visitando em Ilirea quando Galbatorix e os Renegados devastaram a cidade como uma tempestade do norte. Arva lutou junto com os outros Cavaleiros para defender Ilirea, mas o Renegado Kialandí deu-lhe um golpe mortal. Enquanto estava à morte no meio do combate de Ilirea, Arva deu sua espada, Támerlein, a Naudra para que ela pudesse se proteger. Com Támerlein, Naudra escapou dos Renegados e voltou para cá com outro dragão e outro Cavaleiro, embora ela morresse logo depois em decorrência de seus ferimentos.

Com um dedo, lorde Fiolr bateu no bastão, produzindo, como resultado, um brilho suave na pérola.

— Támerlein é tão preciosa para mim quanto o ar em meus pulmões; antes me separaria de minha vida do que dela. Infelizmente, nem eu nem meus parentes somos dignos de usá-la. Támerlein foi forjada para um Cavaleiro, e Cavaleiros nós não somos. Estou disposto a emprestá-la a você, Matador de Espectros, para ajudá-lo em sua luta contra Galbatorix. Entretanto, Támerlein continuará sendo propriedade da Casa Valtharos. Você

deve prometer, então, que devolverá a espada se eu ou algum herdeiro meu pedirmos.

Eragon deu sua palavra e assim lorde Fiolr o conduziu e a Saphira até

uma longa e polida mesa que brotava da madeira viva do chão. Em uma das extremidades da mesa estava um estrado adornado, e sobre ele estava a espada Támerlein e sua bainha.

A lâmina tinha uma coloração verde-escura, assim como a bainha. Uma grande esmeralda enfeitava o cabo. Os ornamentos da espada eram trabalhados em aço azulado. Uma linha de símbolos adornava a proteção do punho. Em élfico estava escrito: *Eu sou Támerlein, agente do sono final,* No comprimento, a espada era igual a Zar'roc, mas a lâmina era mais larga, a ponta mais arredondada e o cabo mais pesado. Era uma bela e mortífera arma, mas, só em olhá-la, Eragon podia ver que Rhunön forjara Támerlein para uma pessoa com um estilo de combate diferente do seu, um estilo que se baseava mais em cortar e despedaçar do que nas técnicas mais elegantes que Brom lhe havia ensinado.

Assim que seus dedos se fecharam em torno do cabo da espada, percebeu que era largo demais para sua mão, e nesse instante entendeu que Támerlein não era para ele, Ela não parecia uma extensão de seu braço, como Zar'roc. Mas, apesar da percepção, Eragon hesitou, pois onde mais ele poderia esperar encontrar uma espada com tanta qualidade? Arvindr, a outra lâmina que Oromis havia mencionado, estava em uma cidade centenas de quilômetros distante.

Então, Saphira orientou-o: *Não a leve. Se você tem de levar uma espada para a batalha, se sua vida e a minha dependem dela, então a espada deve ser perfeita. Nada menos será suficiente. Além disso, não gosto das condições que lorde Fiolr impôs ao presente.* E assim Eragon recolocou Támerlein em seu estrado e se desculpou com lorde Fiolr, explicando por

que não podia aceitar a espada. O elfo de rosto estreito não pareceu muito desapontado. Ao contrário, Eragon imaginou ter visto um lampejo de satisfação surgir em seus olhos impetuosos. Da casa da família Valtharos, Eragon e Saphira passaram pelas cavernas maliluminadas da floresta e atravessaram o túnel de cornisos que levava ao átrio no centro da casa de Rhunön. Quando emergiram do túnel, Eragon ouviu o barulho de um martelo sobre um cinzel, e avistou a elfa sentada num banquinho perto da forja sem parede no centro do lugar. Estava ocupada entalhando um bloco de aço reluzente diante dela. O que estava esculpindo, Eragon não conseguia adivinhar, pois o pedaço de metal ainda parecia tosco e indistinto.

— Quer dizer que você ainda está vivo, Matador de Espectros —

comentou Rhunön, sem tirar os olhos de seu trabalho. Sua voz parecia o ruído de arenito sendo esmigalhado. — Oromis me disse que você perdeu Zar'roc para o filho de Morzan.

Eragon estremeceu e assentiu, apesar de ela não estar olhando para ele.

— Sim, Rhunön-elda. Ele tomou-a de mim na Campina Ardente.

— Humph. — Rhunön concentrava-se no martelo, batendo nas costas

do cinzel com velocidade sobre-humana. Então, fez uma pausa. — E a espada encontrou seu dono de direito. Não gosto do uso que... qual é mesmo o nome dele? Ah, sim, *Murtagh* está dando a Zar'roc, mas todo Cavaleiro merece uma espada apropriada, e não posso imaginar uma espada melhor para o filho de Morzan do que a própria lâmina do pai. — A elfa levantou os olhos para Eragon. — Compreenda-me, Matador de Espectros, teria preferido que você

tivesse ficado com a posse de Zar'roc, mas ficaria muito mais satisfeita se você

tivesse uma espada feita para você. Zar'roc pode ter-lhe servido muito bem, mas não tinha o formato ideal para o seu corpo. E não venha me falar de Támerlein. Seria um idiota se pensasse que poderia manuseá-la.

— Como pode ver — observou Eragon —, não a peguei emprestada

de lorde Fiolr.

Rhunön assentiu e voltou ao trabalho com o cinzel.

— Então está bem.

— Se Zar'roc e a espada adequada para Murtagh, será que a espada de Brom não seria a arma certa para mim?

Rhunön franziu fortemente o cenho.

— Undbitr? Por que você estaria pensando na espada de Brom?

— Porque Brom era meu pai — informou Eragon, e sentiu um arrepio por ter sido capaz de dizer a frase.

— É assim agora? — Baixando o martelo e o cinzel, Rhunön saiu da forja e ficou de frente para Eragon. Sua postura era levemente inclinada devido aos séculos que passara debruçada sobre o trabalho. E por causa disso, parecia ser alguns centímetros mais baixa do que ele. — Mmm, sim, posso ver a similaridade. Ele era um tipo rude, Brom, era sim, dizia o que queria sem medir palavras. Eu gostava muito disso. Não consigo suportar o que minha raça se tornou. São educados demais, refinados demais, pomposos demais. Rá!

Lembro quando os elfos costumavam rir e lutar como criaturas normais. Agora ficaram tão contidos que alguns parecem não ter mais emoção do que uma estátua de mármore!

Saphira quis saber: *Você está se referindo a como os elfos eram antes de nossas raças se juntarem uma com a outra?*

Rhunön virou-se para Saphira com uma expressão mal-humorada.

— Escamas Brilhantes. Bem-vinda. Sim, estava falando de uma época anterior aos laços entre os elfos e os dragões serem selados. As mudanças que vi em nossas raças, desde então, você dificilmente acreditaria, mas foi assim que aconteceu, e aqui estou, uma das poucas ainda vivas que ainda consegue se lembrar de como éramos antes.

Então, Rhunön atacou Eragon com seu olhar novamente.

— Undbitr não é a resposta de que precisa. Brom perdeu sua espada durante a queda dos Cavaleiros. Se não está na coleção de Galbatorix, então pode ter sido destruída ou pode ter sido enterrada em algum lugar, embaixo dos ossos destroçados em algum campo de batalha há muito tempo esquecido. Mesmo que pudesse ser encontrada, você não poderia reavê-la antes de encarar novamente seus inimigos.

— O que eu deveria fazer, então, Rhunön-elda? — perguntou Eragon. F, ele contou para ela a respeito da cimitarra que escolhera quando estava com os Varden e dos encantamentos com os quais a reforçara e como ela o havia deixado desamparado nos túneis embaixo de Farthen Dûr.

Rhunön resfolegou.

— Não, isso jamais funcionaria. Urna vez que urna lâmina foi forjada e temperada, pode-se protegê-la com uma interminável fileira de encantamentos, mas o metal em si permanece fraco como sempre. Um Cavaleiro precisa de algo mais: uma lâmina que possa sobreviver ao mais violento dos impactos e que não seja afetada pela maioria dos encantos. Não, o que você deve fazer é lançar os encantamentos sobre o metal fervente enquanto o está extraindo do minério e também enquanto o está forjando, de modo a alterar e melhorar sua estrutura.

— Mas como posso conseguir uma espada assim? — quis saber Eragon. — Você faria uma

para mim, Rhunön-elda?

As tênues rugas no rosto de Rhunön se acentuaram. Aproximou-se e esfregou o cotovelo esquerdo, os grossos músculos de seu antebraço desnudado estavam visíveis.

— Você sabe que jurei nunca mais criar outra arma enquanto estivesse viva.

— Sei.

— Meu juramento me amarra. Não posso quebrá-lo, não importa o quanto eu deseje. — Ainda segurando o cotovelo, a elfa voltou para o banquinho e se sentou diante de sua escultura. — ti por que eu deveria fazer isso, Matador de Espectros? Diga-me. Por que eu deveria liberar no inundo outra destruidora de almas?

Eragon escolheu suas palavras com cuidado.

— Porque se o fizesse, poderia ajudar a pôr um fim no reinado de Galbatorix. Não concorda que seria apropriado se eu o matasse com uma lâmina forjada por você, já que foi com suas espadas que ele e os Renegados chacinaram tantos dragões e Cavaleiros? Você odeia o modo como usaram suas armas. Não existiria melhor maneira de equilibrar a situação do que forjar o instrumento da destruição de Galbatorix. Não concorda?

Rhunön cruzou os braços e levantou os olhos para o céu.

— Uma espada. .. uma nova espada. Depois de tanto tempo, exercer novamente meu oficio. . — Baixando o olhar, trincou os dentes para Eragon: — É possível, apenas possível, que haja uma maneira de eu ajudá-lo, mas é fútil especular, pois não posso tentar.

Por que não?, Saphira indagou.

— Porque eu não tenho o metal de que necessito! — rosnou Rhunön.

— Você não pensa que forjei as espadas dos Cavaleiros com aço ordinário, pensa? Não! Muito tempo atrás, enquanto vagava por Du Weldenvarden, deparei com fragmentos de uma estrela cadente que havia caído na terra. Os pedaços continham um minério diferente de todos que eu já manuseara, e então voltei com eles para minha forja, os refinei, e descobri que a mistura de aço que resultou era mais forte, mais dura e muito mais flexível do que qualquer um de origem terrena. Chamei o metal de aço de luz, devido ao brilho incomum, e quando a rainha Tarmunora me pediu para forjar a primeira das espadas dos Cavaleiros, foi aço de luz que eu usei. Mais tarde, sempre que tinha oportunidade, ia até a floresta procurar mais fragmentos do metal estelar. Não costumava encontrar sempre, mas, quando encontrava, eu os guardava para os Cavaleiros.

"Ao longo dos séculos, os fragmentos se tornaram cada vez mais raros, até que finalmente comecei a achar que não sobrara mais nenhum. Levei vinte e quatro anos para encontrar o último depósito. A partir dele, forjei sete espadas, entre as quais Undbitr e Zar'roc. Desde a

queda dos Cavaleiros, só

procurei pelo aço de luz apenas mais uma vez, e foi ontem à noite, depois que Oromis me falou de você. — Rhunön inclinou a cabeça, e seus olhos aguados se fixaram em Eragon. — Caminhei quilômetros e quilômetros para todos os lados, lancei muitos encantamentos para achar e amarrar, mas não me deparei com um milímetro que fosse de aço de luz. Se um pouco dele pudesse ser encontrado, então poderíamos começar a considerar a possibilidade de uma espada para você, Matador de Espectros. Do contrário, essa discussão não passa de perda de tempo sem nenhum sentido."

Eragon fez uma mesura para a elfa e agradeceu pela atenção que lhe dispensara, então ele e Saphira deixaram o átrio pelo túnel verde de folhas de corniso.

Enquanto caminhavam lado a lado na direção de uma clareira de onde Saphira pudesse decolar, Eragon comentou: *Aço de luz, isso deve ter alguma coisa a ver com o que Solembum disse. Deve haver aço de luz embaixo da árvore Menoa. Como ele poderia saber?*

Talvez a própria árvore lenha lhe contado. Isso importa?

Aço de luz ou não, ela ponderou, *como poderemos pegar alguma coisa coberta pelas raízes da árvore Menoa? Nós não podemos cortá-las. Nós nem mesmo sabemos onde cortar.*

Preciso pensar a respeito disso.

Da clareira próxima à casa de Rhunön, Saphira e Eragon voaram sobre Ellesméra até os rochedos de Tel'naeír, onde Oromis e Glaedr estavam esperando. Assim que Saphira aterrissou e Eragon desmontou, ela e Glaedr saltaram do penhasco e desceram em espiral, sem ramo exato, apenas gozando o prazer da presença um do outro.

Enquanto os dois dragões dançavam entre as nuvens, Oromis ensinou a Eragon como um mago podia transportar um objeto de um lugar para o outro sem que o objeto atravessasse a distância que os separava.

— A maioria das formas de magia — explicou Oromis — requer uma

quantidade de energia proporcional à distância entre você e seu alvo. Entretanto, isso não ocorre nesse exemplo em particular. Seria necessária a mesma quantidade de energia para enviar a pedra em minha mão para o outro lado daquele córrego e para as Ilhas do Sul. Por esse motivo, o encanto é

muito útil quando se precisa transportar por meio de magia um item para um local tão distante que você morreria se fosse movê-lo normalmente através do espaço. Mesmo assim, é um encanto difícil, e só se deve recorrer a ele se todos os outros falharam. Mudar de local algo tão grande como o ovo de Saphira, por exemplo, deixaria você tão exausto que nem conseguiria se mexer depois. Então, Oromis ensinou a Eragon as palavras do encanto e diversas variações. Assim que ele memorizou os encantamentos, para a satisfação de Oromis,

o elfo o mandou tentar transportar a pequena pedra que estava segurando.

Assim que Eragon proferiu o encanto na sua totalidade, a pedra desapareceu da palma da mão de Oromis e, um instante depois, reapareceu no meio da clareira com um raio de luz azul, uma explosão barulhenta e a eclosão de ar quente. Eragon estremeceu com o barulho e agarrou o galho de uma árvore próxima para se equilibrar quando seus joelhos se dobraram e ele sentiu um suor frio percorrendo-lhe o corpo. Seu couro cabeludo ardeu quando mirou a pedra, que estava no meio de um círculo de grama calcinada, e lembrou o momento em que segurou o ovo de Saphira pela primeira vez.

— Muito bem-feito — elogiou Oromis. — Agora, você pode me dizer

por que a pedra fez aquele barulho quando se materializou na grama?

Eragon prestava bastante atenção a tudo o que Oromis dizia, mas, ao longo da lição, continuou ruminando a questão da árvore Menoa, mesmo sabendo que Saphira estava fazendo o mesmo enquanto voava bem alto. Quanto mais ruminava, mais se desesperava pela perspectiva de jamais encontrar uma solução.

Quando Oromis terminou de ensiná-lo como transportar objetos, o elfo perguntou:

— Já que declinou a oferta do lorde Fiolr para ficar com Támerlein, você e Saphira ficarão mais tempo em Ellesméra?

— Não sei, mestre — respondeu Eragon. — Há mais uma coisa que

gostaria de tentar com a árvore Menoa, mas, se não der certo, então suponho que nós não teremos escolha a não ser retornar de mãos vazias para os Varden.

Oromis assentiu.

— Antes de ir embora, volte aqui com Saphira uma última vez.

— Sim, mestre.

Enquanto balançava suas asas na direção da Menoa com Eragon em suas costas, Saphira comentou: *Não deu certo antes. Por que deveria dar certo agora?*

Dará certo porque tem de dar certo. Além disso, você tem uma idéia melhor?

Não, mas não gosto disso. Não sabemos como ela pode reagir. Lembre-se, antes de Linnëa cantar e se transformar na árvore, ela matou o jovem que a traiu. Ela pode se utilizar de violência novamente.

Ela não ousará, não com você por perto para me proteger.

Mmm.

Com um leve sopro, Saphira acendeu uma raiz dezenas de metros distante da base da árvore Menoa. Os esquilos no enorme pinheiro berraram avisos para seus pares ao repararem na chegada do dragão.

Deslizando na direção da raiz, Eragon esfregou as palmas das mãos nas coxas, e murmurou:

— Certo, não vamos perder tempo.

Pisando levemente, subiu pela raiz até o tronco da árvore, deixando os braços esticados de cada lado para manter o equilíbrio. Saphira o seguia num ritmo mais lento, suas garras quebrando e partindo as cascas sobre as quais pisava.

Eragon se agachou em um pedaço escorregadio de madeira e enganchou o dedo em uma greta no tronco da árvore para não tropeçar. Esperou até que Saphira estivesse em pé acima dele e então fechou os olhos, respirou fundo o ar frio e úmido e impulsionou seus pensamentos na direção da árvore.

A Menoa não fez nenhuma tentativa de impedi-lo de tocar sua mente, pois sua consciência era tão grande e distante, e tão emaranhada na consciência das outras plantas da floresta, que ela não tinha necessidade de se defender. Quem quer que tentasse controlar a árvore também teria de estabelecer um domínio mental sobre uma boa parcela de Du Weldenvarden, um feito que nenhuma pessoa poderia esperar alcançar sozinha.

Vindos da árvore, Eragon sentiu calor e luminosidade, e a pressão da terra nas raízes por centenas de metros em todas as direções. Sentiu a agitação da brisa através dos galhos intricados da árvore e o fluxo de seiva pegajosa vazando de um pequeno corte na casca. E recebeu uma série de impressões familiares das outras plantas que a Menoa vigiava. Em comparação com a atenção que demonstrara por ocasião da Celebração de Juramento ao Sangue, a árvore parecia estar quase adormecida. O único pensamento consciente que Eragon conseguiu detectar foi tão longo e se movia de forma tão lenta que era impossível de decifrar.

Reunindo todos os seus recursos, Eragon dirigiu um grito mental à

árvore. *Por favor, ouça-me, ó grande árvore! Preciso de sua ajuda! Toda a região está em guerra, os elfos abandonaram a segurança de Du Weldenvarden e não tenho uma espada para lutar! O menino-gato Solemhum me disse para olhar embaixo da árvore Menoa se eu precisasse de uma arma. Bem, o momento chegou! Por favor, ouça-me, ó mãe da floresta!*

Ajude-me em minha busca! Enquanto falava, Eragon imprimia na consciência da árvore imagens de Thorn e Murtagh e das tropas do Império. Acrescentando várias outras lembranças à mistura, Saphira galvanizava o esforço dele com a força de sua própria mente.

Eragon não contava apenas com palavras e imagens. De dentro de si e de Saphira, ele canalizava uma corrente estável de energia para o interior da árvore: uma dádiva de boa-fé

que esperava também poder ajudar a despertar a curiosidade da Menoa.

Vários minutos se passaram, e a árvore continuava sem reconhecer sua presença. Mas Eragon se recusava a abandonar suas tentativas. A árvore, ele ponderava, se movia numa velocidade inferior à dos homens e elfos. Era bastante aceitável que não respondesse imediatamente à solicitação deles. *Não podemos gastar muito mais de nossa força,* disse Saphira, *não se quisermos voltar para os Varden em tempo hábil.*

Eragon concordou e, relutante, represou o fluxo de energia.

Enquanto continuavam suplicando à Menoa, o sol alcançou seu zênite e então começou a descair. Nuvens se avolumavam, se desintegravam e se moviam apressadamente na cúpula do céu. Pássaros voavam pelas copas das árvores, esquilos nervosos tagarelavam, borboletas pulavam de um ponto a outro e uma fileira de formigas vermelhas marchava atrás da bota de Eragon, carregando pequenas larvas brancas em suas pinças.

Então, Saphira rosnou, e todos os pássaros voaram para longe, aterrorizados. *Chega dessa humilhação!,* declarou ela. *Sou um dragão e não serei ignorada, Nem mesmo por uma árvore!*

— Não, espere! — gritou Eragon, sentindo as intenções dela, mas ela o ignorou.

Afastando-se do tronco da Menoa, Saphira se agachou, enterrou as garras na raiz e, com um puxão poderoso, arrancou três enormes tiras de madeira. *Venha falar conosco, árvore-elfa!,* rosnou ela. Recuou a cabeça como uma cobra se preparando para dar o bote, e uma torre de chama irrompeu de sua boca, banhando o tronco em urna tempestade de fogo azul e branco. Cobrindo o rosto, Eragon deu um salto para escapar do calor.

— Saphira! Pare! — berrou ele, horrorizado.

Vou parar quando ela responder.

Uma densa nuvem de gotículas caiu no chão. Olhando para cima, Eragon viu os galhos do pinheiro tremendo e balançando numa agitação crescente. O ruído de madeira raspando em madeira encheu o ar. Ao mesmo tempo, uma brisa gelada atingiu a bochecha de Eragon, e ele imaginou ter sentido um leve troar embaixo dos pés. Olhando ao redor, percebeu que as árvores que circundavam a clareira pareciam maiores e mais angulosas do que antes, e pareciam estar se inclinando para dentro, seus galhos contorcidos aproximando-se dele como se fossem garras.

E Eragon ficou com medo.

Saphira. ., ele chamou, e se agachou, pronto para correr ou lutar. Fechando suas mandíbulas e assim encerrando a corrente de fogo, Saphira afastou o olhar da Menoa. Ao se dar conta do anel de árvores ameaçadoras, suas escamas ondularam e as pontas se ergueram do couro como o pêlo de um gato acuado. Ela rosnou para a floresta, balançando a cabeça de lado a lado, e

então abriu as asas e começou a se afastar da árvore. *Rápido, suba em mim.*

Antes que Eragon pudesse dar um único passo, uma raiz tão grossa quanto seu braço brotou do chão e se enroscou em seu calcanhar esquerdo, imobilizando-o. Raízes ainda mais grossas apareceram dos dois lados de Saphira e a agarraram pelas pernas e pelo rabo, mantendo-a presa. Saphira grunhiu em fúria e arqueou seu pescoço para soltar outro dilúvio de fogo. As chamas tremeluziam e escapavam de sua boca quando uma voz soou na sua mente e na de Eragon, uma voz lenta e sussurrante que lembrou a Eragon o farfalhar de folhas. li a voz disse: *Quem ousa perturbar minha paz? Quem ousa me morder e me queimar? Nomeiem-se, de modo que eu saiba quem matei.* Eragon fez uma careta de dor quando a raiz apertou com mais força seu tornozelo. Um pouco mais de pressão e quebraria o osso. *Eu sou Eragon Matador de Espectros, e esse é o dragão a quem estou ligado, Saphira Escamas Brilhantes. Morram bem, Eragon Matador de Espectros e Saphira Escamas Brilhantes. Espere! Não terminei de dizer os nomes.*

Um longo silêncio se seguiu, e então a voz disse: *Prossiga.*

Sou o último Cavaleiro de Dragão livre da Alagaësia, e Saphira ê a última de sua espécie do sexo feminino que resta no mundo. Talvez sejamos os únicos que podem derrotar Galbatorix, o traidor que destruiu os Cavaleiros e conquistou metade da Alagaësia. Por que você me feriu, dragão?, a voz suspirou.

Saphira mostrou os dentes enquanto respondia. *Porque você não nos respondia, árvore-elfa, e porque Eragon perdeu sua espada e um menino-gato disse-lhe para procurar embaixo da árvore Menoa quando precisasse de uma arma. Nós procuramos e procuramos, mas não conseguimos encontrar nada.*

Então morrerão em vão, dragão, pois não há nenhuma arma embaixo de minhas raízes.

Desesperado para manter a árvore falando, Eragon continuou explicando: *Nós acreditamos que o menino-gato possa ter se referido ao aço de luz, o metal estelar que Rhunön utiliza para forjar as lâminas dos Cavaleiros. Sem ele, ela não pode substituir minha espada.*

A superfície da terra ficou ondulada quando a rede de raízes que cobria a clareira mudou levemente de posição. O distúrbio retirou centenas de animais em pânico de suas tocas e covis: coelhos, ratos, ratazanas, musaranhos e outras pequenas criaturas fugiam precipitadamente pelas frestas do chão em direção à parte principal da floresta.

Com o canto dos olhos Eragon viu dezenas de elfos correndo na direção da clareira, seus cabelos soltos atrás deles parecendo flâmulas de seda. Silenciosos como fantasmas, os elfos pararam embaixo dos ramos das árvores circundantes e miravam-no e a Saphira, mas não faziam nenhum movimento no sentido de se aproximarem ou de ajudá-los.

Eragon estava a ponto de chamar Oromis e Glaedr com sua mente quando a voz retornou. *O menino-gato sabia a respeito do local. Há um nódulo de aço de luz enterrado nas bordas de minhas raízes, mas não podem se apossar dele. Vocês me morderam e me queimaram, e não*

os perdôo.

Uma sensação de alerta mitigou a excitação de Eragon ao ouvir sobre a existência do minério. *Mas Saphira é o último dragão do sexo feminino!,* ele exclamou. *Certamente você não a mataria!*

Dragões sopram fogo, sussurrou a voz, e as árvores estremeceram no limite da clareira. *Fogo deve ser apagado.*

Saphira rosnou novamente. Se *nós não pudermos deter o homem que destruiu os Cavaleiros de Dragão, ele virá aqui e queimará a floresta ao seu redor, e então a destruirá também, árvore-elfa. Se você nos ajudar, contudo, talvez possamos detê-lo.* Um guincho ecoou entre as árvores quando um galho raspou no outro. *Se tentar matar minhas plantas, ele morrerá,* disse a voz. *Ninguém pode esperar derrotar a floresta, e falo pela floresta.*

A energia que nós demos a você não é suficiente para curar seus ferimentos?, indagou Eragon. *Isso não é uma compensação suficiente?*

A Menoa não respondeu, mas penetrou a mente de Eragon, varrendo

seus pensamentos como uma ventania. O *que você é, Cavaleiro?,* quis saber a árvore. *Eu conheço cada criatura que vive nessa floresta, mas jamais encontrei alguma como você.*

Não sou nem elfo nem humano, respondeu Eragon. *Sou algo entre um e outro. Os dragões mudaram minha forma durante a Celebração de Juramento ao Sangue. Por que eles o mudaram, Cavaleiro?*

Para que eu pudesse combater melhor Galbatorix e seu império. Eu lembro de haver sentido uma deformação no mundo durante a celebração, mas não imaginei que fosse importante.. Tão poucas coisas parecem importantes hoje em dia, exceto o sol e a chuva.

Nós curaremos sua raiz e seu tronco se isso a deixar satisfeita, mas, por favor, podemos levar o aço de luz?

As outras árvores chiaram e gemeram como almas abandonadas, e então, suave e tremulante, a voz reapareceu. *Você me dará o que eu quero em troca, Cavaleiro de Dragão?*

Darei, Eragon respondeu, sem hesitação. Qualquer que fosse o preço, ele pagaria de bom grado por uma espada de Cavaleiro.

A copa da Menoa ficou imóvel e, por vários minutos, tudo ficou quieto na clareira. Então, o chão começou a tremer e as raízes na frente de Eragon começaram a se contorcer e a se pulverizar, triturando pedaços de casca enquanto se espremiam para fazer surgir uma faixa de terra da qual emergiu o que parecia ser um bloco de ferro corroído com quase um metro de comprimento por meio metro de largura. À medida que o metal aparecia sobre a superfície do rico solo escuro, Eragon começou a sentir um leve prurido no baixo-ventre. Estremeceu e

friccionou o local, mas a momentânea sensação de desconforto já havia passado. Então, a raiz em volta de seu tornozelo cedeu e voltou para o solo, assim como também as outras que seguravam Saphira.

Aqui está seu metal, sussurrou a árvore Menoa. *Leve-o e vá. . Mas. .* Eragon começou a perguntar.

Vá. . repetiu a árvore Menoa, sua voz desaparecendo. *Vá..* E a consciência da árvore afastou-se dele e de Saphira, recuando cada vez mais profundamente para dentro de si até que Eragon quase não conseguia mais sentir sua presença. Em torno deles, imensos pinheiros relaxavam e voltavam às suas posições originais.

— Mas. . — disse Eragon em voz alta, confuso pelo fato de a Menoa não ter dito o que queria.

Ainda perplexo, foi até o metal, deslizou os dedos embaixo da beira da pedra revestida e pegou com as mãos a massa irregular, grunhindo devido ao peso. Abraçando-a contra o peito, deu as costas à árvore e iniciou a longa caminhada até a casa de Rhunön.

Saphira cheirou o aço de luz ao se juntar a ele. *Você tinha razão,* ela concluiu. *Eu não deveria tê-la atacado.*

Pelo menos nós pegamos o aço de luz, observou Eragon, *e a Menoa. . Bem, não sei o que conseguiu, mas nós conseguimos o que viemos buscar, e ê isso o que importa.* Os elfos se uniram ao longo da trilha que Eragon escolhera e olharam para ele e para Saphira com tanta intensidade que o deixou com um arrepio na nuca, fazendo com que acelerasse o passo. Os elfos não falaram nem uma vez sequer, apenas miravam com seus olhos puxados, miravam como se observassem um animal perigoso ameaçando suas casas.

Uma nuvenzinha de fumaça escapou das narinas de Saphira. *Se Galbatorix não nos matar antes,* ela disse, *tenho a impressão de que lamentaremos para sempre esse dia.*

A MENTE SOBRE O METAL

nde você encontrou isso? — perguntou Rhunön quando Eragon

cambaleou para o interior do átrio da casa e jogou o reluzente bloco de metal bruto no chão aos seus pés. Em poucas palavras,

O Eragon explicou a respeito de Solembum e da Menoa.

Agachando-se perto do bloco, Rhunön acariciou a superfície marcada por pequenas crateras, seus dedos se detendo sobre as partes metálicas espalhadas na rocha.

— Ou você foi muito tolo ou muito corajoso para confrontar a árvore desse jeito. Ela não se sujeita com tanta facilidade a esse tipo de desrespeito. *Ai tem metal suficiente para uma espada?,* Saphira quis saber.

— Para várias espadas, se minha experiência serve para alguma coisa —

respondeu Rhunön, levantando-se. A elfa olhou de relance para sua forja no centro do átrio, e bateu as palmas das mãos, seus olhos iluminando-se com uma combinação de ansiedade e determinação. — Vamos fazê-la então! Você

precisa de uma espada, Matador de Espectros? Muito bem, eu lhe darei uma espada como nunca antes se viu na Alagaësia.

— Mas e seu juramento? — indagou Eragon.

— Não pense nisso por enquanto. Quando vocês devem retornar aos

Varden?

— Nós deveríamos ter partido no dia em que chegamos — informou

Eragon.

Rhunön fez uma pausa, sua expressão introspectiva.

— Então terei de me apressar da forma como jamais me apressei e utilizar magia para confeccionar aquilo que, de outro modo, requereria semanas de trabalho manual. Você e Escamas Brilhantes me ajudarão. — Não era uma pergunta, mas Eragon assentiu em concordância. — Nós não descansaremos essa noite, mas prometo, Matador de Espectros, você terá sua espada amanhã de manhã. — Inclinando os joelhos, Rhunön ergueu o bloco sem esforço aparente e o carregou até a bancada onde estavam alguns trabalhos em andamento.

Eragon removeu sua túnica e camisa para não arruiná-las durante o trabalho vindouro, e, em

seu lugar, Rhunön lhe deu um casaco apertado e um avental de tecido grosso para suportar o fogo. Ela estava usando a mesma coisa. Quando Eragon perguntou-lhe a respeito de luvas, ela riu e balançou a cabeça.

— Só os ferreiros desajeitados usam luvas.

Então, Rhunön o conduziu a uma câmara baixa, com aspecto de grota, instalada no tronco de uma das árvores fora da qual sua casa estava assentada. Dentro da câmara estavam sacos de carvão e pilhas soltas de tijolos de argila esbranquiçados. Por meio de um encantamento, Eragon e Rhunön ergueram várias centenas de tijolos e os carregaram para fora, dispondo-os perto da forja sem parede, e então fizeram a mesma coisa com os sacos de carvão, cada qual do tamanho de um homem grande.

Uma vez que os suprimentos estavam arrumados de acordo com a satisfação de Rhunön, os dois construíram uma fundição para o bloco. A fundição era uma estrutura complexa, e a elfa se recusou a usar magia para construí-la, de modo que o projeto levou quase a tarde toda. Primeiro, cavaram um fosso retangular de um metro e meio de profundidade, que preencheram com camadas de areia, cascalho, argila, carvão e cinzas e inseriram nele inúmeras câmaras e canais para escoar a umidade que, do contrário, encharcaria o local onde ficava o fogo da fundição. Quando o conteúdo do fosso ficou nivelado com o chão, juntaram uma pilha de tijolos no topo das camadas abaixo, usando água e argila não aquecida como argamassa. Rhunön entrou rapidamente em sua casa e retornou com um par de foles que eles grudaram na base da cuba.

Então, pararam para beber e comer alguns pedaços de pão e queijo. Após o rápido repasto, Rhunön colocou uni punhado de pequenos galhos na cuba, acendeu-os com fogo murmurando uma palavra e, quando as chamas estavam bem assentadas, colocou pedaços medianos de carvalho velho ao longo da base. Por quase uma hora, ela cuidou do fogo, cultivando-o com o carinho que um jardineiro teria com suas rosas, até que a madeira tivesse queimado a ponto de virar um leito nivelado de carvão. Então, a elfa dirigiu-se a Eragon acenando-lhe com a cabeça e dizendo:

— Agora.

Ele ergueu o bloco e delicadamente o abaixou na cuba. Quando o calor em seus dedos ficou insuportável, Eragon soltou o bloco e deu um salto para trás assim que uma fonte de fagulhas começou a se desprender como um enxame de moscas. Em cima do metal e da madeira carbonizada, deitou uma espessa camada de carvão como combustível para o fogo.

Eragon limpou a sujeira do carvão das palmas das mãos, agarrou os puxadores de um dos foles e começou a bombear, como fazia Rhunön com os foles do outro lado da fundição. Ambos supriam o fogo com uma corrente estável de ar fresco, de modo que queimasse cada vez mais.

As escamas no peito de Saphira, assim como as debaixo da cabeça e do pescoço, brilhavam

com rajadas de luz à medida que as chamas na fundição dançavam. Ela se agachou vários metros longe dali com os olhos fixos sobre o coração derretido do fogo. *Eu podia ajudar nisso, vocês sabem,* ela comentou. *Eu não levaria mais de um minuto para derreter o metal.*

— Sim — concordou Rhunön —, mas se o derretermos muito rapidamente, o metal não vai combinar com o carvão para se tornar suficientemente duro e flexível para uma espada. Guarde seu fogo, dragão. Poderemos precisar dele mais tarde.

O calor da fundição e o esforço de bombear os foles logo deixaram Eragon coberto de suor; seus braços nus brilhavam com a luz do fogo. Vez por outra, ele e Rhunön abandonavam seus postos para deitar uma nova camada de carvão no fogo.

O trabalho era monótono e, como resultado, Eragon logo perdeu a noção do tempo. O constante rugir do fogo, a sensação dos puxadores dos foles em suas mãos, o barulho do ar escapando e a presença vigilante de Saphira eram as únicas coisas em que reparava.

Não foi nenhuma surpresa para ele quando Rhunön interrompeu o trabalho.

— Já e suficiente. Pode parar com os foles.

Enxugando a testa, Eragon ajudou-a a retirar as pedras de carvão incandescentes da fundição e a colocá-las em um barril cheio de água. As pedras crepitaram e emitiram um cheiro azedo quando atingiram o líquido. Quando finalmente expuseram a piscina de metal fervente e brilhante escória e outras impurezas abandonadas durante o processo —, Rhunön cobriu o metal com dois centímetros de fina cinza branca e então recostou sua pá contra o lado da fundição e foi se sentar na bancada perto da forja.

— E agora? — perguntou Eragon, juntando-se a ela.

— Agora esperamos.

— O quê?

Rhunön fez um gesto na direção do céu, onde a luz do sol poente dava tons avermelhados, purpúreos e dourados a uma seqüência de nuvens esparsas.

— È importante que esteja escuro quando começarmos a trabalhar o metal para que possamos julgar corretamente sua cor. Da mesma forma, o aço de luz necessita de tempo para esfriar, de modo que fique macio e fácil de moldar.

Alcançando a nuca, Rhunön desfez o laço que mantinha seus cabelos presos, e então juntou novamente os cabelos fazendo um novo laço.

— Nesse meio-tempo, vamos conversar sobre sua espada. Como você

luta, com uma ou duas mãos?

Eragon pensou por um minuto.

— Varia. Se tiver escolha, prefiro segurar uma espada com uma das mãos e carregar um escudo com a outra. Entretanto, as circunstâncias nem sempre foram favoráveis para mim, e freqüentemente precisei lutar sem escudo. Assim, gosto de poder agarrar o cabo com as duas mãos, para que eu possa dar um golpe mais poderoso. O cabo de Zar'roc: era suficientemente largo para eu agarrá-la com minha mão esquerda, se eu necessitasse, mas as cristas em torno do rubi eram desconfortáveis e não me permitiam uma empunhadura segura. Seria bom ter um cabo um pouco mais longo.

— Estou entendendo que você não deseja uma verdadeira espada para duas mãos — notou Rhunön.

Eragon balançou a cabeça.

— Não, seria grande demais para lutar cm lugares fechados.

— Depende dos tamanhos do cabo e da lâmina combinados, mas no

geral, você está correto. Estaria disposto, então, a uma espada para mão e meia?

Uma imagem da espada original de Murtagh lampejou na mente de Eragon, e ele sorriu. *Por que não?,* pensou.

— Sim, urna espada de mão e meia seria perfeita, creio eu.

— E o comprimento da lâmina?

— Não maior do que o de Zar'roc.

— Hum. Quer uma lâmina reta ou curva?

— Reta.

— Tem alguma preferência por guarda de mão?

— Não.

Cruzando os braços, Rhunön se sentou com o queixo tocando o tórax, as pálpebras pesadas sobre os olhos. Seus lábios tremeram.

— E quanto à largura da lâmina? Lembre-se, por mais estreita que seja, a espada não se quebrará.

— Talvez pudesse ser um pouco mais larga na guarda do que Zar'roc.

— For que?

— Penso que ficaria com uma aparência melhor.

Uma gargalhada intensa escapou da garganta de Rhunön.

— Mas em que isso melhoraria o uso da espada? Constrangido, Eragon inquietou-se, sem achar justificativas.

— Nunca me peça para alterar uma arma somente para melhorar sua aparência — advertiu Rhunön. — Uma arma é uma ferramenta, e se é bonita, então é bonita porque é útil. Uma espada que não conseguisse preencher suas funções seria horrorosa aos meus olhos, por mais bela que fosse sua aparência, mesmo se fosse adornada com as mais finas jóias e os mais intricados entalhes. A elfa mordeu os lábios, fazendo um bico enquanto pensava. — Assim, uma espada igualmente adequada para o irrestrito banho de sangue do campo de batalha e para defendê-lo nos estreitos túneis de Farthen Dûr. Uma espada para todas as ocasiões, de comprimento mediano, exceto o cabo, que deve ser mais longo do que a média.

— Uma espada para matar Galbatorix — completou Eragon. Rhunön

assentiu.

— E como tal, deve ser bem protegida contra a magia. . — O queixo da elfa tocou novamente o tórax. — As armaduras melhoraram bastante no último século, então a ponta deverá ser mais estreita do que as que eu costumava fabricar, a melhor para despedaçar chapas de metal e cotas de malha e para deslizar pelos vãos que se formam entre os vários pedaços. Hum.

— De um pequeno saco ao seu lado, Rhunön retirou um pedaço de barbante amarrado com um nó, com o qual tomou diversas medidas da mão e dos braços de Eragon. Em seguida, resgatou urna tenaz de ferro trabalhado da forja e jogou na direção de Eragon. Ele pegou o objeto com uma das mãos e ergueu urna sobrancelha para a elfa. Ela fez um gesto com o dedo em sua direção.

— Vamos lá. Levante-se e me deixe ver como você se move com urna espada.

Fora do abrigo da forja, Eragon a satisfez demonstrando várias das maneiras que Brom o ensinara. Depois de um minuto, ouviu o clique do metal sobre a pedra, e então Rhunön tossiu e comentou:

— Ah, não consigo evitar. — Ela parou na frente de Eragon, segurando outra tenaz. Sua testa estava emoldurada por uma expressão ameaçadora quando ergueu a ferramenta diante de si com uma saudação e gritou: — Em guarda, Matador de Espectros!

A pesada tenaz de Rhunön vibrou no ar quando ela avançou na direção dele com um forte golpe. Dançando para o lado, Eragon se desviou do ataque. A ferramenta vibrou em sua mão quando os dois pedaços de ferro colidiram. Por um breve instante, os dois duelaram. Embora fosse óbvio que ela não praticava esgrima havia um bom tempo, ainda assim Eragon a considerou uma formidável oponente. Finalmente, foram forçados a parar porque o macio

ferro das tenazes havia entortado, deixando-as parecidas com as raízes retorcidas de um teixo.

Rhunön pegou a tenaz de Eragon, e então levou os dois danificados pedaços de metal para unia pilha de ferramentas quebradas. Assim que voltou, a elfa ergueu o queixo e concluiu:

— Agora eu sei exatamente qual formato deve ter sua espada.

— Mas como você a fará?

Um brilho de bom humor apareceu nos olhos de Rhunön.

— Não a farei. Você a fará em meu lugar, Matador de Espectros. Eragon mirou-a por um momento, então explodiu.

— Eu? Mas nunca fui aprendiz de ferreiro ou de espadeiro. Não tenho habilidade para forjar nem mesmo uma faca de cozinha.

O brilho nos olhos de Rhunön se acentuou. Em todo caso, você

mesmo fará essa espada.

— Mas como? Você vai ficar ao meu lado me orientando enquanto martelo o metal?

— Pouco provável — respondeu Rhunön. — Não. Eu guiarei suas ações de dentro de sua mente, de modo que suas mãos possam fazer o que as minhas não podem. Não é uma solução perfeita, mas não consigo imaginar outra maneira que me permita realizar o trabalho sem quebrar meu juramento. Eragon franziu o cenho.

— Mas que diferença faz você mover minhas mãos por mim? Não é a

mesma coisa que fazer a espada você mesma?

O semblante de Rhunön ficou nebuloso, e sua voz assumiu um tom brusco.

— Você quer essa espada ou não, Matador de Espectros?

— Sim, quero.

— Então evite me atazanar com tais questões. Fazer a espada por seu intermédio é diferente porque acredito ser diferente. Se eu pensasse de outra maneira meu juramento me impediria de participar do processo. Assim, a menos que você deseje retornar para os Varden de mãos vazias, seria prudente que permanecesse em silêncio acerca desse assunto.

— Sim, Rhunön-elda.

Então, encaminharam-se para a fundição, e Rhunön pediu para Saphira extrair a massa solidificada de aço de luz, ainda aquecida, da base da cuba de tijolo.

— Quebre-a em pedaços do tamanho de um punho — orientou Rhunön, e se retirou para um local seguro.

Erguendo sua perna dianteira, Saphira pisou com toda a força na viga ondulada de aço de luz. A terra tremeu, e o aço se partiu em vários pedaços. Três vezes mais Saphira pisou sobre o metal até que Rhunön ficasse satisfeita com o resultado.

A elfa reuniu as partes afiadas de metal em seu avental e os carregou até

uma mesa baixa próxima da forja. Lá, separou o material de acordo com a dureza, o que conseguia determinar pela cor e a textura do metal fraturado, como ela mesma disse a Eragon.

— Alguns são duros demais e alguns são macios demais — explicou ela

— e apesar de eu conseguir consertar isso se desejasse, seria necessário aquecê-los outra vez. Então, usaremos somente os pedaços que já estão adequados para uma espada. Nas bordas da lâmina utilizaremos aço levemente mais duro — ela tocou uma seleção de pedaços que cintilavam —, estes são os melhores para o fio. O meio da espada será feito de aço levemente menos duro — agora tocou uma seleção de pedaços que eram mais acinzentados e não tão brilhantes —, os melhores para envergar e para absorver o choque de um golpe. Antes que o metal possa ser forjado, contudo, deve ser trabalhado para ficar livre das impurezas que ainda permanecem.

Como isso é feito?, Saphira quis saber.

— Você verá em alguns instantes. — Rhunön foi até um dos pilares que sustentavam o telhado da forja, sentou-se de costas para ele, cruzou as pernas e fechou os olhos, seu rosto imóvel e tranqüilo. — Está pronto, Matador de Espectros?

— Estou — respondeu Eragon, apesar da tensão em seu estômago.

A primeira coisa que reparou em Rhunön assim que suas mentes se encontraram foram os acordes menores que ecoavam pela paisagem escura e emaranhada de seus pensamentos. A música era lenta e cadenciada, e expressa em um tom tão estranho e desconcertante que arranhava seus nervos. O que aquilo dizia a respeito da personalidade da elfa. Eragon não tinha certeza, mas a assustadora melodia fez com que ele repensasse se era prudente permitir que ela controlasse seu corpo. Mas pensou em Saphira sentada perto da forja, montando guarda, e sua trepidação diminuiu, e ele baixou a última das defesas em torno de sua consciência.

Eragon teve a sensação de um pedaço de lã crua deslizando sobre sua pele quando Rhunön envolveu a mente do Cavaleiro na dela, insinuando-se no interior das áreas mais privadas de seu ser. Ele tremeu ao contato e quase se afastou, mas então a voz rouca de Rhunön soou em seu crânio: *Matador de Espectros, relaxe, e tudo ficará bem.*

Sim, Rhunön-elda.

Então, Rhunön começou a erguer seus braços, suas pernas, rolar sua cabeça e experimentar as habilidades do seu corpo. Por estranho que fosse para Eragon sentir sua cabeça e membros se movendo à revelia, a sensação ficou mais estranha ainda quando seus olhos começaram a piscar de um lado para o outro, aparentemente de comum acordo. A sensação de desamparo desencadeou um repentino acesso de pânico em Eragon. Quando Rhunön fez com que ele caminhasse e seu pé atingiu o canto da forja e pareceu-lhe que estava prestes a cair, Eragon imediatamente reassumiu o comando de suas faculdades e agarrou o chifre da bigorna de Rhunön para se equilibrar. *Não interfira,* rebateu Rhunön. *Se seus nervos falharem no momento errado durante a forja, você poderá causar um dano irreparável a si mesmo. E acontecerá o mesmo se você não for cuidadosa,* retorquiu Eragon. *Seja paciente, Matador de Espectros. Ao anoitecer já terei dominado todo o processo.* Enquanto esperavam o último raio de luz sumir no céu aveludado, Rhunön preparou a forja e começou a praticar o manuseio de diversas, ferramentas. Sua falta de jeito inicial com o corpo de Eragon não durou muito, embora uma vez tenha batido com as pontas dos dedos na mesa quando procurava um martelo. A dor encheu de água os olhos de Eragon. A elfa se desculpou: *Seus braços são mais longos do que os meus.* Alguns minutos mais tarde, quando estavam prestes a começar, ela comentou: *Você tem sorte de ter a velocidade e a força de um elfo, Matador de Espectros, senão nós não teríamos a menor esperança de terminar isto esta noite.*

Rhunön colocou dentro da forja os pedaços de aço de luz duros e macios que decidira utilizar. Ao pedido da elfa, Saphira aqueceu o aço, abrindo suas mandíbulas apenas um centímetro, de modo que as chamas azuis e brancas que escapavam de sua boca permanecessem focadas em uma estreita torrente e não derramassem no resto da oficina. O barulhento pilar de fogo iluminava todo o átrio com uma forte luz azul e fazia com que as escamas de Saphira cintilassem de forma ofuscante.

Rhunön mandou Eragon remover o aço de luz da torrente de chamas

com um par de tenazes assim que o metal adquiriu um brilho avermelhado. Ele o depositou sobre a bigorna e, com uma série de golpes rápidos do martelo, achatou os blocos de metal até atingirem apenas alguns centímetros de espessura. A superfície do aço avermelhado e fervente brilhava em partículas incandescentes. A medida que terminava cada placa, Rhunön as depositava em uma cuba de água salgada.

Tendo achatado todos os pedaços de aço de luz, Rhunön puxou as placas da cuba com um pedaço de arenito para remover as crostas pretas que haviam se formado na superfície do metal. O polimento expôs uma estrutura cristalina, que a elfa examinava com grande atenção. Ela ainda separou o metal pela relativa dureza e pureza de acordo com as qualidades dos cristais que eram liberados.

Eragon estava a par de cada pensamento e sensação de Rhunön, devido à proximidade. A profundidade de seu conhecimento o impressionava; ela via coisas no metal que ele jamais suspeitaria que existissem, e os cálculos que fazia concernentes ao tratamento necessário ao material estavam além de sua compreensão. Ele também sentia que a elfa estava insatisfeita com a forma com a qual ela manuseara o martelo enquanto achatava o metal.

A insatisfação de Rhunön continuou a crescer até verbalizá-la: *Bak!*

Veja essas falhas no metal! Não posso forjar uma espada assim. Meu controle sobre seus braços e mãos não está bom o suficiente para confeccionar uma espada digna de nota. Antes que Eragon pudesse ponderar, Saphira se manifestou: *As ferramentas não fazem o artista, Rhunön-elda. Certamente você achará um meio de compensar essa inconveniência.*

Inconveniência?, Rhunön bufou. *Minha coordenação não é maior do que a de uma novata. Sou uma estranha na casa de um estranho.* Ainda reclamando, pôs-se a fazer cálculos mentais incompreensíveis a Eragon. Finalmente, concluiu: *Bem, talvez eu tenha uma solução, mas aviso de imediato, não continuarei se não for capaz de manter a excelência de meu trabalho.*

Ela não explicou a solução nem para Eragon nem para Saphira. Uma após a outra, colocou as placas de metal na bigorna e as transformou em flocos que não ultrapassavam a largura de uma pétala de rosa. Juntando a metade feita do aço de luz mais duro, Rhunön os empilhou em um tijolo que revestiu com argila e cascas de bétula para sustentá-los. O tijolo foi para uma grossa pá de aço com um cabo de dois metros de comprimento, similar àqueles usados por padeiros para inserir e remover os pães de um forno quente.

Rhunön colocou a extremidade da pá no centro da forja e afastou Eragon o máximo que pôde sem que ele deixasse de segurar o cabo. Então, pediu para Saphira recomeçar a soprar fogo, e novamente o átrio brilhou com o azulado fluxo luminoso. O calor era tão intenso que Eragon sentiu como se sua pele exposta estivesse tostando, e percebeu que as pedras de granito da forja haviam adquirido um brilho amarelado.

O aço de luz poderia ter facilmente levado mais de uma hora para atingir a temperatura apropriada em um fogo de carvão, mas precisou apenas de alguns minutos no inferno devastador das chamas de Saphira para adquirir uma tonalidade esbranquiçada. Assim que isso ocorreu, Rhunön ordenou que Saphira cessasse o fogo. Escuridão engolfou a forja quando o dragão fechou as mandíbulas.

Apressando Eragon, Rhunön o fez transportar o brilhante tijolo de aço revestido de argila para a bigorna, onde ela usou um martelo para soldar os flocos esparsos do aço de luz em um todo coeso. A elfa continuou a bater no metal, alongando-o até virar uma barra, então fez um corte no meio, colocou um pedaço sobre o outro, como uma dobradura, e soldou-os. Os estrondos do metal, similares ao de sinos, ecoavam nas antigas árvores que circundavam o átrio.

Rhunön fez com que Eragon retornasse o aço de luz à forja assim que sua cor atingiu um tom amarelado, e novamente Saphira banhou o metal com o fogo de seu ventre. Seis vezes Rhunön aqueceu e dobrou o aço, e, a cada uma, o metal ficava mais liso e mais flexível, até poder envergar sem se partir. Enquanto Eragon martelava o aço, cada ação sua ditada por Rhunön, a elfa começou a cantar, não só com a língua dele, mas também com a sua. Juntos, suas vozes formavam uma harmonia não de todo desagradável que subia e descia com os golpes do martelo. Eragon sentiu uma espécie de picada ao longo da coluna quando percebeu Rhunön

canalizar um fluxo estável de energia nas palavras que estavam pronunciando, e ele notou que a canção continha encantos para formar, moldar e juntar. Com suas vozes unidas, Rhunön cantava sobre o metal que estava na bigorna, descrevendo suas propriedades — alterando-as de um modo que excedia a compreensão de Eragon — e impregnando o aço de luz com urna complexa rede de encantamentos elaborados para lhe dar força e resistência além das de qualquer metal comum. Sobre o braço com que Eragon segurava o martelo, Rhunön também cantava e, sob a delicada influência de sua voz, cada golpe que dava com o braço dele aterrissava no alvo desejado.

Rhunön apagou a barra de aço de luz depois que a sexta e última dobra foi completada. Repetiu todo o processo com a metade de aço duro, forjando uma barra idêntica à primeira. Então reuniu os fragmentos do aço mais macio, que dobrou e soldou dez vezes antes de formar uma pequena e compacta cunha.

Em seguida, Rhunön mandou que Saphira reaquecesse as duas barras de aço mais duro. A elfa colocou as hastes brilhantes lado a lado sobre a bigorna, pegou as duas pelas extremidades com um par de tenazes e então torceu as hastes uma em volta da outra sete vezes. Fagulhas se soltavam no ar à medida que ela martelava as hastes para soldá-las em um único pedaço de metal. A massa resultante de aço de luz Rhunön dobrou, soldou e bateu mais seis vezes. Quando ficou satisfeita com a qualidade do metal, achatou o aço até transformá-lo em uma folha retangular, cortou a folha pela metade no comprimento com um cinzel afiado e curvou cada uma das duas metades até

o meio, de modo que ficassem com a forma de um *V* longo e oco. E tudo isso, Eragon estimou, Rhunön foi capaz de realizar no curso de uma hora e meia. Ele ficou maravilhado com a rapidez da elfa, mesmo tendo sido seu próprio corpo o responsável pela consecução das tarefas. Nunca antes havia visto um ferreiro moldar um metal com tanta desenvoltura; o que Horst levaria horas para conseguir, ela havia feito em apenas alguns minutos. E por mais difícil que fosse a forja, a elfa continuava cantando, tecendo uma rede de encantos para o interior do aço de luz e guiando o braço de Eragon com. infalível acuidade.

Em meio ao frenesi de ruídos, fogo, fagulhas e esforço, Eragon imaginou ter visto — quando Rhunön olhou de relance para a forja — um trio de figuras esguias em pé na extremidade do átrio. Saphira confirmou sua suspeita um instante depois quando comentou: *Eragon, não estamos sozinhos. Quem são eles?,* perguntou ele. Saphira enviou-lhe uma imagem da pequena e mirrada menina-gata Maud em forma humana, em pé entre dois pálidos elfos, não maiores do que ela. Um deles era macho, o outro, uma fêmea, e ambos eram extraordinariamente belos, mesmo para os padrões dos elfos. Seus solenes rostos em forma de lágrima pareciam sensatos e inocentes na mesma proporção, o que tornava impossível para Eragon adivinhar suas idades. A pele dos dois continha tanta energia que vazava dos poros. Eragon inquiriu Rhunön acerca da identidade dos elfos quando ela fez uma pausa para permitir-lhe um breve descanso. Rhunön olhou-os de relance

— dando a ele uma visão levemente melhor — sem interromper sua canção. Informou em pensamento: *Eles são Alanna e Dusan, as únicas crianças elfas de Ellesméra. Houve muita*

euforia quando foram concebidas doze anos atrás. Não se parecem com nenhum outro elfo que eu tenha conhecido, ele observou. *Nossas crianças são especiais, Matador de Espectros. São abençoadas com certas dádivas — dádivas de beleza e dádivas de poder— que nenhum elfo adulto pode esperar possuir. A medida que envelhecemos, nosso viço se esvai de algum modo, embora a magia de nossos primeiros anos jamais nos abandone totalmente.*

Rhunön não desperdiçou mais tempo falando. Fez com que Eragon colocasse a cunha de aço entre as duas faixas em forma de V e as martelasse até que envolvessem quase completamente a cunha e a fricção mantivesse os três pedaços unidos. Então, a elfa soldou os pedaços num todo e, enquanto o metal ainda estava quente, começou a retirá-lo para formar uma tosca forma de metal que se transformaria na espada. A cunha macia tornou-se a lombada da lâmina, ao passo que as duas faixas duras passaram a ser os flancos, as bordas e a ponta da espada. Assim que o comprimento da forma chegou quase ao da espada, o trabalho adquiriu um ritmo mais lento à medida que Rhunön retornou ao espigão e cuidadosamente martelou a peça, estabelecendo os ângulos e as proporções finais.

Rhunön mandou Saphira aquecer a lâmina em segmentos curtos de quinze centímetros por vez, feito conseguido porque a elfa segurava a lâmina por sobre uma das narinas de Saphira, através das quais o dragão liberaria ura único jato de fogo. Uma seqüência de sombras agonizantes voava na direção do perímetro do átrio cada vez que o fogo dava sinais de vida.

Eragon assistia, impressionado, suas mãos transformarem o tosco bloco de metal em um elegante instrumento de guerra. A cada golpe, o feitio da lâmina ficava mais claro, como se o aço *quisesse* virar uma espada e estivesse ansioso para assumir o formato que Rhunön desejava.

Finalmente a forja chegou ao fim, e sobre a bigorna se encontrava uma longa lâmina negra que, embora ainda estivesse crua e incompleta, já irradiava um desígnio de mortíferos propósitos.

Rhunön permitiu que os braços exaustos de Eragon descansassem enquanto a lâmina esfriava. Então, fez com que ele levasse o objeto para outro canto de sua oficina, onde ela havia disposto seis diferentes amola-dores e, sobre um pequeno banco, uma ampla coleção de limas, raspadores e pedras abrasivas. Ela afixou a lâmina entre dois blocos de madeira e passou a hora seguinte aplainando os flancos da espada com uma faca de tanoeiro, assim como refinando seus contornos com as limas. A exemplo das marteladas, cada golpe da faca de tanoeiro e cada raspagem da lima pareciam ter duas vezes o efeito que normalmente teriam; era como se as ferramentas soubessem a quantidade exata de aço a ser removido, sem que um grama a mais fosse retirado.

Quando terminou de limar, Rhunön fez uma fogueira de carvão em sua forja, e, enquanto esperava o fogo maturar, misturou uma pasta com argila escura e fina, cinzas, pedra-pomes em pó e seiva cristalizada de juníperos. Pincelou a lâmina com o preparado, colocando duas vezes mais na longitude da parte central do que ao longo das bordas e na ponta. Quanto mais densa a solução de argila, mais lentamente o metal subjacente esfriaria quando o fogo fosse

apagado. Conseqüentemente, mais macia ficaria aquela área da espada. A argila tornou-se mais leve quando Rhunön a secou com um rápido encantamento. Sob a direção da elfa, Eragon foi até a forja, colocou a espada deitada sobre o leito de carvões cintilantes e, soprando os foles com sua mão livre, lentamente puxou-a na direção dos quadris. Assim que a ponta da lâmina ficou livre do fogo, Rhunön a virou e repetiu a seqüência, colocando a lâmina nos carvões até as bordas adquirirem uma tonalidade ainda mais alaranjada e a parte central da espada, uma cor brilhante e avermelhada. Então, com um único e suave movimento, Rhunön ergueu a espada dos carvões, brandiu a resplandecente barra de aço no ar e a mergulhou na cuba de água próxima da forja.

Uma densa nuvem de vapor irrompeu da superfície da água, que chiou, crepitou e borbulhou em volta da lâmina. Depois de um minuto, a turbulência do líquido cessou e Rhunön retirou a espada, agora com a cor de pérola. De volta à fogueira, colocou toda a arma no mesmo fogo brando, de modo a reduzir as partes quebradiças das bordas, e então apagou o fogo mais uma vez. Eragon esperara que a elfa fosse liberar seu corpo depois de terem forjado, endurecido e temperado a lâmina, mas, para sua surpresa, ela permaneceu em sua mente e continuou a controlar seus membros.

Rhunön o mandou apagar a forja e então encaminhou Eragon de volta à bancada onde estavam as limas, os raspadores e as pedras abrasivas. Lá, ela o sentou e, com pedras cada vez mais finas, poliu a lâmina. A partir de suas lembranças, Eragon aprendeu que a elfa normalmente levaria uma semana ou mais polindo uma lâmina, mas por causa da canção que haviam cantado, ela, através dele, seria capaz de completar a tarefa em apenas quatro horas, além de entalhar um sulco estreito ao longo de cada lado da lâmina. À medida que o aço de luz tornava-se mais liso, a verdadeira beleza do metal era revelada. Nele, Eragon podia ver bruxulcantes padrões em formato de feixes, cada linha dos quais marcava a transição entre duas camadas do aço aveludado. E ao longo de cada borda da espada encontrava-se uma ondulada tira prateada tão larga quanto seu polegar, dando a impressão de que as laterais estavam queimando com línguas de fogo congelado.

Os músculos do braço direito de Eragon cederam quando Rhunön estava cobrindo o espigão com sombreados decorativos, e a lima que estava segurando escorregou do espigão e caiu de seus dedos. A extensão de sua exaustão o surpreendeu, pois estivera concentrado na espada e em nada mais. *Chega,* avisou Rhunön, e retirou-se da mente de Eragon sem mais delongas.

Chocado pela súbita ausência dela, Eragon balançou em seu assento e quase perdeu o equilíbrio antes de restabelecer o controle sobre seus membros rebeldes.

— Mas ainda não acabamos! — protestou ele, voltando-se para Rhunön. A noite parecia estranhamente quieta na sua opinião, sem o estresse do dueto.

Rhunön ergueu-se de onde se encontrava sentada de pernas cruzadas, encostada em um pilar, e balançou a cabeça.

— Não preciso mais de você, Matador de Espectros. Vá embora e sonhe até o amanhecer.

— Mas. .

— Você está cansado e, mesmo com minha magia, pode arruinar a espada se continuar trabalhando nela. Agora que a lâmina está pronta, posso cuidar do resto sem interferência no meu juramento. Então, descanse. Você

encontrará uma cama no segundo andar da minha casa. Se estiver com fome, há comida na despensa.

Eragon hesitou, relutante em sair, mas assentiu e saiu aos trambolhões da bancada, seus pés se arrastando sobre a terra. Assim que passou por Saphira, passou a mão pela sua asa e desejou boa noite, exausto demais para dizer qualquer outra coisa. Em resposta, ela despenteou seus cabelos com um cálido sopro de ar e disse: *Eu vou assistir a tudo e lembrar para você, pequenino.* Eragon parou na soleira da casa de Rhunön e olhou para o átrio sombreado onde Maud e as duas crianças elfas ainda estavam em pé. Ergueu uma das mãos em saudação, e Maud sorriu para ele, mostrando seus dentes pontudos e afiados. Urna pontada percorreu o pescoço de Eragon quando as crianças elfas fitaram-no; seus grandes olhos puxados eram levemente luminosos na penumbra. Como não fizeram mais nenhum movimento, ele inclinou a cabeça e apressou-se para dentro, ansioso para se deitar sobre um colchão macio.

UM CAVALEIRO COMPLETO

corde, pequenino, chamou Saphira. O *sol nasceu e Rhunön está*

impaciente.

A Eragon deu um salto, livrando-se do cobertor tão facilmente

quanto de seu sonhar acordado. Seus braços e ombros estavam doloridos devido ao esforço do dia anterior. Calçou as botas, se atrapalhando com o cadarço em meio ao entusiasmo. Pegou no chão seu avental encardido e desceu às pressas as elaboradas escadas entalhadas até a entrada da casa curvada de Rhunön.

Lá fora, o céu brilhava com os primeiros raios de luz da manhã, embora o átrio ainda estivesse envolvido pela sombra. Eragon avistou Rhunön e Saphira na forja sem paredes e apressou-se em sua direção, arrumando os cabelos com os dedos.

Rhunön estava encostada na beira da bancada. Tinha olheiras escurecidas, e as rugas em seu rosto estavam mais pesadas do que antes. A espada estava diante dela, oculta embaixo de um pano branco.

— Fiz o impossível — comentou ela, as palavras roucas e entrecortadas. — Fiz uma espada tendo jurado não fazê-la. E ainda mais, a fiz em menos de um dia e com mãos que não eram as minhas. Contudo, a espada não é tosca ou de má qualidade. Não! E a melhor espada que já

forjei até hoje. Teria preferido usar menos magia durante o processo, mas esse é o meu único remorso e é bem pequeno comparado à perfeição do resultado. Veja!

Rhunön segurou a ponta do pano e o puxou para o lado, revelando a espada.

Eragon ficou sem ar.

Ele havia imaginado que, durante as horas após tê-la deixado, Rhunön feria tempo suficiente apenas para fabricar um cabo simples e uma guarda para a espada, e quem sabe uma bainha de madeira igualmente simples. Ao contrário de suas expectativas, a espada que Eragon via sobre a bancada era tão magnífica quanto Zar'roc. Naegling e Támerlein e, em sua opinião, mais bela do que todas.

Uma lustrosa bainha de um azul-escuro igual ao das escamas das costas de Saphira cobria a lâmina. A cor projetava uma leve diversidade, como a luz pontilhada na base da fonte límpida de uma floresta. Um pedaço de aço de luz azulado entalhado no formato de unia folha cobria a extremidade da bainha, ao passo que um colarinho decorado com vinhas estilizadas circundava a abertura. A proteção do punho também era feita do aço azulado, assim como as quatro arestas que sustentavam a grande safira que formava o botão do punho da espada. O cabo de um palmo e meio de comprimento era feito de madeira negra e dura.

Acometido por uma sensação de reverência, Eragon aproximou-se da espada, parou e olhou de relance para Rhunön.

— Posso?

Ela inclinou a cabeça.

— Pode. A ti a entrego, Matador de Espectros.

Eragon ergueu a espada da bancada. A bainha e a madeira do cabo estavam frias ao toque. Por vários minutos, maravilhou-se com os detalhes da bainha, da guarda e do botão do cabo. Então, apertou com mais força o cabo e desembainhou a lâmina.

Como o restante da espada, a lâmina era azul, mas com uma tonalidade mais leve. Mais parecida com o azul das escamas na altura do pescoço de Saphira do que com as das costas. E, assim como Zar'roc, a cor era iridescente. À medida que Eragon movia a espada no ar, a cor tremeluzia e variava de tom, projetando todas as tonalidades de azul encontradas em Saphira. Em meio à explosão colorida, o padrão estriado do aço de luz e as tiras esbranquiçadas ao longo do fio ainda eram visíveis.

Com apenas uma das mãos, Eragon brandiu a espada no ar, e riu da sensação de leveza e velocidade proporcionada por ela. A arma parecia quase estar viva. Então, agarrou-a com as duas mãos e ficou deliciado ao descobrir que se encaixavam perfeitamente no cabo. Deu uma estocada para a frente, golpeando um inimigo imaginário, e ficou confiante de que morreriam com o ataque.

— Aqui — disse Rhunön, e apontou para o feixe de três hastes de ferro enfiadas no chão do lado de fora da forja. Faça uma tentativa nelas. Eragon se permitiu um instante para focalizar seus pensamentos e então deu um único passo na direção das hastes. Com um grito, golpeou para baixo e cortou as três vigas de metal. A lâmina emitiu uma única nota pura que lentamente desvaneceu no silêncio. Quando examinou a posição do fio onde golpeara o ferro, Eragon constatou que o impacto não causara o menor estrago.

— Está bem satisfeito, Cavaleiro de Dragão? — perguntou Rhunön.

— Mais do que satisfeito, Rhunön-elda — respondeu Eragon, e lhe fez uma mesura. Não sei como agradecer-lhe por um presente de tal magnitude. Pode me agradecer matando Galbatorix. Se existe alguma espadaa destinada a acabar com a vida daquele rei louco, é essa aqui.

— Vou me esforçar ao máximo, Rhunön-elda. A elfa assentiu, parecendo satisfeita.

— Bem, você finalmente possui sua própria espada, que é como deveria ser. Agora você é um verdadeiro Cavaleiro de Dragão!

— Sim — concordou Eragon, e ergueu a espada em direção ao céu, admirando-a. — Agora sou um verdadeiro Cavaleiro.

— Antes de sair, ainda há uma coisa para você fazer — observou Rhunön.

— Sim?

Ela estalou um dedo na direção da espada.

— Você deve nomeá-la para que eu possa gravar o símbolo apropriado na lâmina e na bainha.

Eragon caminhou na direção de Saphira e perguntou: O *que você acha?*

Não sou eu quem vai carregar a lâmina. Dê o nome que melhor lhe convier. Sim, mas você deve ter algumas idéias!

Ela abaixou a cabeça em sua direção e cheirou a espada. Então disse: *Dente-gema-azul é como eu a chamaria. Ou Garra-azul-vermelha. Isso pareceria ridículo aos humanos.*

Então, que tal Arrebatadora ou Estripadora? Ou quem sabe Garra de Batalha ou Espinho Brilhante ou Desmembradora? Você poderia chamá-la de Terror, Dor, Quebra- braços, Sempre-afiada ou Escama-ondulada: isso por causa das linhas no aço. Também poderia ser Língua da Morte, Aço-elfo ou Metal Estelar, ou ainda muitos outros nomes. Seu súbito extravasamento surpreendeu Eragon. *Você tem talento para isso,* ele comentou.

Inventar nomes ao acaso é fácil. Inventar o nome certo, contudo, pode testar até a paciência de um elfo.

Que tal Matadora de Rei?, ele sugeriu.

E se matarmos realmente Galbatorix? E então? Você não fará mais nada importante com a espada?

Hum. Colocando a espada ao longo da perna dianteira esquerda de Saphira, Eragon disse: *Ela é exatamente da mesma cor que você. . Eu poderia nomeá-la em sua homenagem.*

Um grunhido baixo soou no peito de Saphira. *Não.*

Ele tentou conter um sorriso. *Tem certeza? Imagine se estivéssemos em combate e. .*

Ela enterrou as garras no chão. *Não. Eu não sou uma coisa para você brandir e se divertir.*

Não, você tem razão. Sinto muito. . Bem, e se a chamasse de Esperança na língua antiga? Zar'roc significa "desgraça". Não seria apropriado eu empunhar uma espada cujo próprio nome se contrapusesse à desgraça?

Um sentimento nobre, disse Saphira. *Mas você realmente deseja dar esperança aos seus inimigos? Você deseja golpear Galbatorix com esperança?*

Esse é um jogo de palavras divertido, ele disse, rindo. *Talvez tenha sido, mas não é mais.*

Travado, Eragon fez uma careta e esfregou o queixo, estudando o jogo de luz ao longo da lâmina cintilante. À medida que mirava a profundidade do metal, seus olhos vislumbraram, por acaso, um desenho em forma de chama que marcava a transição entre o aço mais macio da parte central e o das extremidades, e se lembrou da palavra que Brom usara para acender seu cachimbo durante a lembrança que Saphira compartilhara com ele. Então, Eragon pensou em Yazuac, onde usara magia pela primeira vez, e também em seu duelo com Durza em Farthen Dûr, e, naquele instante, percebeu sem dúvida nenhuma que encontrara o nome certo para sua espada.

Eragon consultou Saphira, e quando ela concordou com a escolha, ele ergueu a arma até a altura do ombro e disse:

— Estou decidido. Eu a nomeio Brisingr!

E com um som parecido com uma ventania, a lâmina pegou fogo, um

invólucro de chamas azul-safira lambia a lâmina de aço afiada.

Proferindo um grito sobressaltado, Eragon soltou a espada e saltou para trás, com medo de se queimar. A lâmina continuava flamejando no chão, as chamas translúcidas calcinando a grama ao seu redor. Então percebeu que era ele que estava alimentando a energia para manter o fogo sobrenatural. Rapidamente encerrou a magia, e o fogo desapareceu da espada. Confuso por haver lançado um encanto sem ter a intenção, pegou a espada novamente e locou com a ponta

do dedo na lâmina. Não estava mais quente do que antes. Com uma expressão raivosa, Rhunön se aproximou, arrancou a espada de Eragon e examinou-a da ponta até o botão do cabo.

— Você teve sorte por eu já tê-la protegido contra calor e estragos. Do contrário, você teria arranhado a proteção e destruído a tempera do metal. Não jogue a espada no chão novamente, Matador de Espectros, mesmo que ela vire uma cobra, ou a pegarei de volta e lhe darei em troca um martelo velho. — Eragon desculpou-se. E, parecendo de alguma forma mais tranqüila, Rhunön devolveu-lhe a espada. — Você lhe pôs fogo propositalmente? —

quis saber ela.

— Não — respondeu Eragon, incapaz de explicar o que havia ocorrido.

— Diga novamente — ordenou Rhunön.

— O quê?

— O nome, o nome. Diga novamente.

Segurando a espada o mais distante possível de si, Eragon exclamou:

— Brisingr!

Urna coluna de chamas tremeluzentes engolfou a lâmina da espada, o calor aquecendo o rosto de Eragon. Dessa vez, ele notou uma leve perda de força devido ao encanto. Depois de alguns instantes, extinguiu o fogo sem fumaça.

Mais uma vez, Eragon exclamou:

— Brisingr! — E mais uma vez a lâmina tremeluziu com línguas de chama azuladas que mais pareciam fantasmas.

Agora existe uma espada compatível com Cavaleiro e dragão!, disse Saphira, deliciando-se com as palavras. *Solta fogo como eu.*

— Mas eu não estava tentando lançar um encanto! — protestou Eragon. — Tudo o que fiz foi dizer *Brisingr* e.. — gritou e praguejou quando a espada novamente pegou fogo, que ele apagou pela quarta vez.

— Posso? — perguntou Rhunön, estendendo uma das mãos na direção

de Eragon. Ele entregou-lhe a espada, e ela também, disse: — Brisingr! — Um tremor pareceu percorrer a lâmina. Mas, fora isso, permaneceu inanimada. Com a expressão contemplativa, Rhunön devolveu a espada a Eragon. —

Imagino duas explicações para esse fenômeno. A primeira é que, ao se envolver na forja, você

introjetou na lâmina uma porção de sua personalidade. Dessa forma, ela ficou em sintonia com seus desejos. Minha outra explicação é que você descobriu o nome verdadeiro da espada. Talvez ambas as coisas tenham ocorrido. De qualquer maneira, você escolheu bem, Matador de Espectros. Brisingr! Sim, eu gosto. É um bom nome para uma espada. *Um ótimo nome,* Saphira concordou.

Então, Rhunön colocou sua mão sobre o meio da lâmina de Brisingr e murmurou um encanto inaudível. O símbolo élfico para *fogo* apareceu sobre os dois lados da lâmina. Ela fez o mesmo com a frente da bainha.

Novamente, Eragon fez uma mesura para a elfa, e tanto ele quanto Saphira expressaram sua gratidão com ela. Um sorriso apareceu no rosto envelhecido de Rhunön, e ela tocou as testas dos dois com seu polegar caloso.

— Estou feliz por ter sido capaz de ajudar os Cavaleiros mais essa vez. Vá, Matador de Espectros. Vá, Escamas Brilhantes. Retornem aos Varden, e que seus inimigos fujam de medo quando virem a espada que você agora possui.

Então, Eragon e Saphira se despediram dela e juntos saíram da casa de Rhunön. Eragon segurando Brisingr nos braços como se fosse um bebê

recém-nascido.

GREVAS E BRAÇAIS

ma única vela estava acesa no interior da tenda de lã cinzenta, uma pobre substituta para o brilho do sol.

U Roran estava com os braços estendidos enquanto Katrina atava os lados do gibão acolchoado que havia feito para ele. Quando terminou, ela puxou a borda do gibão, alisando os vincos.

— Pronto. Está muito apertado? Ele balançou a cabeça. -Não.

Ela retirou as grevas do catre que compartilhavam e se ajoelhou diante dele em meio à luz tremeluzente da vela. Roran observou quando ela afivelou as grevas na parte de baixo de suas pernas. Pegou com a mão a curva da panturrilha enquanto prendia a segunda peça da armadura, sua pele quente contra a dele através do tecido das calças.

Levantando-se, ela voltou-se para o catre novamente e pegou os braçais. Roran estendeu os braços na sua direção e a mirou nos olhos, no exato instante em que ela mirava os seus. Com movimentos lentos e pensados, ela apertou os braçais nos antebraços dele, e então deslizou suas mãos da parte interna do cotovelo até o pulso, onde ele juntou as mãos dela com a suas.

Ela sorriu e livrou-se do delicado aperto.

Perto do catre, ela pegou a camisa. Ficou na ponta dos pés, colocou a cota de malha sobre a cabeça de Roran e ficou segurando enquanto ele ajustava os braços nas mangas. A malha brilhou como gelo quando ela a soltou, descaindo sobre os ombros e se desfraldando de tal modo que a bainha ficou nivelada com os joelhos.

Sobre a cabeça de Roran, Katrina colocou a boina de couro, amarrando-a firmemente com um nó sob o queixo. Ria segurou o rosto do marido entre as mãos por um momento e então o beijou uma vez nos lábios e pegou o elmo, que cuidadosamente deslizou por sobre a boina.

Roran deslizou seu braço em volta da cintura larga da mulher, interrompendo seu movimento de volta para o catre.

— Ouça-me — pediu ele. — Estarei bem. — E tentou transmitir todo o seu amor por ela no tom de sua voz e na força de seu olhar. — Não fique aqui sentada, sozinha, o tempo todo. Prometa-me isso. Vá se encontrar com Elain, ela pode estar precisando de sua ajuda. Está doente, e sua criança está

quase nascendo.

Katrina ergueu o queixo, seus olhos brilhando com lágrimas que ele sabia que ela não choraria até que ele tivesse partido.

— Você precisava marchar na linha de frente? — sussurrou ela.

— Alguém precisa, e pode muito bem ser eu. Quem você mandaria em meu lugar?

— Qualquer pessoa. . qualquer urna mesmo. — Katrina baixou os olhos e ficou em silêncio algum tempo, então, removeu um lenço vermelho de seu corpete e disse: — Aqui, leve essa lembrança minha, de modo que o mundo todo possa saber o quanto eu me orgulho de você. — E ela amarrou o lenço no cinto da espada do marido.

Roran a beijou duas vezes e a soltou. Ela pegou seu escudo e sua lança no catre. Ele a beijou uma terceira vez enquanto pegava as armas de sua mão, e então encaixou o braço na correia do escudo.

— Se alguma acontecer comigo. . — começou ele a dizer. Katrina colocou um dedo sobre os lábios dele.

— Shh. Não fale sobre isso, senão acontece.

— Muito bem. — Ele a abraçou uma última vez. — Fique em segurança.

— Você também.

Embora odiasse deixá-la, Roran ergueu seu escudo e saiu às pressas da tenda na tênue luminosidade do amanhecer. Homens, anões e Urgals atravessavam o acampamento como uma

enxurrada para oeste, na direção do local onde os Varden estavam reunidos.

Roran encheu os pulmões com o ar frio da manhã e então seguiu em frente, ciente de que seu grupo de guerreiros estaria esperando por ele. Assim que chegou ao campo, procurou a divisão de Jörmundur e, após se apresentar a ele, seguiu para a dianteira do grupo, onde escolheu ficar ao lado de Yarbog. O Urgal olhou para ele e rosnou:

— Um bom dia para uma batalha.

— Um bom dia.

Uma cometa soou na vanguarda dos Varden assim que o sol rompeu

no horizonte. Roran ergueu a lança e começou a correr, como todos os outros à sua volta, uivando a plenos pulmões à medida que flechas choviam sobre eles e pedras zuniam sobre suas cabeças, voando em todas as direções. À sua frente, avultava um muro de pedra de vinte e quatro metros de altura. O sítio a Feinster havia começado.

DESPEDIDA

a casa de Rhunön, Saphira e Eragon voaram para a casa da árvore. Eragon juntou seus pertences no quarto, selou Saphira e retornou ao seu lugar costumeiro na crista de seus ombros. *Antes de irmos para* D *os rochedos de Tel'naeír,* disse ele, *há mais uma coisa que eu preciso Jazer em Ellesméra.*

Precisa?, perguntou ela.

Não estarei satisfeito se não afizer.

Saphira alçou vôo da casa. Planou na direção oeste até que as construções começaram a rarear. Então, guinou para baixo, aterrissando sobre uma trilha estreita, coberta de musgo. Depois de pedirem e conseguirem informações sobre o itinerário com um elfo que estava sentado nos galhos de uma árvore nas proximidades, Eragon e Saphira continuaram pela floresta até

atingirem uma pequena casa de um cômodo construída a partir do tronco de um abeto que se encontrava em um ângulo agudo, como se estivesse sendo constantemente atingido por urna ventania.

À esquerda da casa encontrava-se um suave aterro muitos centímetros mais alto do que Eragon. Um regato caía sobre o aterro e se transformava em uma límpida piscina antes de ziguezaguear em direção aos mal-iluminados recessos da floresta. Orquídeas brancas margeavam a piscina. Uma raiz bulbosa se projetava do chão entre as frágeis flores que cresciam ao longo de uma bancada. Sentado de pernas cruzadas sobre a raiz estava Sloan.

Eragon prendeu a respiração, não querendo alertar o outro homem de sua presença.

O açougueiro estava usando uma túnica marrom-alaranjada, à moda dos elfos. Uma estreita faixa de tecido preto estava amarrada em volta de sua cabeça, escondendo as cavidades oculares. Em seu colo, ele segurava uma porção de pedaços de madeira envelhecidos que estava cortando com uma pequena faca curva. Seu rosto estava coberto com muito mais rugas do que lembrava Eragon, e sobre suas mãos e braços encontravam-se diversas novas cicatrizes, lívidas em contraste com a pele circundante.

Espere aqui, Eragon pediu a Saphira, e deslizou de suas costas. Quando Eragon se aproximou, Sloan parou o entalhe e levantou a cabeça.

— Vá embora — disse, irritado.

Sem saber como responder, Eragon parou onde estava e ficou em silêncio.

Com os músculos da mandíbula tensos, Sloan removeu mais alguns pedacinhos da madeira que segurava, bateu com a ponta da faca na raiz e esbravejou:

Maldito seja! Você não pode me deixar em paz com minha desgraça apenas por algumas horas? Não quero mais ouvir nenhuma história de bardo ou de menestrel, e por mais que continue me perguntando, não vou mudar de idéia. Agora vá embora. Suma daqui.

Pena e raiva tomaram conta de Eragon, e também urna sensação de deslocamento ao ver um homem perto do qual crescera e que tanto temera e odiara em tal estado.

— Você está confortável? — perguntou Eragon na língua antiga, adotando um tom leve e cadenciado.

Sloan proferiu um rosnado de desgosto.

— Você sabe que não entendo sua língua e não quero aprender. As palavras soam em meus ouvidos por mais tempo do que deveriam. Se você

não falar na língua de minha raça, é melhor nem falar comigo.

Apesar da solicitação de Sloan, Eragon não repetiu a pergunta na língua comum a ambos. Nem foi embora.

Praguejando, Sloan recomeçou seu entalhe. Depois de um ou outro golpe, passava seu polegar direito sobre a superfície da madeira, verificando o progresso do que quer que estivesse entalhando. Vários minutos se passaram, e então, com unia voz mais suave, Sloan disse:

— Você estava certo. Ter alguma coisa para fazer com as mãos acalma meus pensamentos. Às vezes. . às vezes quase consigo esquecer o que perdi, mas as lembranças sempre retornam, e tenho a sensação de me engasgar com elas. . Estou contente por você ter afiado a faca. A faca

de um homem deve estar sempre afiada.

Eragon observou-o por mais uni minuto. Então, virou-se e caminhou de volta para Saphira. Ao subir na sela, comentou: *Sloan não parece ter mudado muito.*

E Saphira respondeu: *Você não pode esperar que ele se transforme inteiramente em outra pessoa em tão pouco tempo.*

Não, mas eu tinha esperança de que ele aprendesse alguma coisa sábia aqui em Ellesméra, e que talvez se arrependesse de seus crimes.

Se ele não deseja reconhecer seus erros, Eragon, nada poderá forçá-lo a isso. De qualquer modo, você fez tudo o que pôde. Agora, ele tem de achar um meio de se reconciliar com seu destino. Se não conseguir, então deixe que ele procure o conforto do túmulo eterno. De uma clareira próxima à casa de Sloan, Saphira alçou vôo por sobre as árvores circundantes e seguiu para o norte, na direção dos rochedos de Tel'naeír, batendo as asas com o máximo de força e velocidade que podia. O

sol da manhã estava cheio no horizonte, e os raios de luz pelas copas das árvores criavam sombras longas e escuras que, unidas como se fossem uma, apontavam para oeste como flâmulas purpúreas.

Saphira descendeu na direção da clareira próxima à casa de pinheiro de Oromis, onde Glaedr e ele estavam em pé esperando pelos dois. Eragon ficou espantado de ver que Glaedr estava com uma sela aninhada entre dois dos imensos espinhos em suas costas e que Oromis estava trajando uma pesada túnica de viagem azul e verde, sobre a qual usava um corselete dourado. também usava braçais. Um longo escudo em formato de diamante estava colocado em suas costas, um capacete arcaico descansava em seu braço esquerdo e, em volta de sua cintura, estava encaixada sua espada cor de bronze, Naegling.

Com um sopro de vento de suas asas, Saphira aterrissou sobre uma faixa de grama e trevo. Colocou a língua para fora, saboreando o ar à medida que Eragon deslizava para o chão. *Você vai voar conosco para os Varden?,* ela perguntou. A ponta de seu rabo vibrou de excitação.

— Nós voaremos com vocês até o limite de Du Weldenvarden, mas lá

nossos caminhos se separam — informou Oromis.

Desapontado, Eragon quis saber:

— Então vocês retornam a Ellesméra? Oromis balançou a cabeça.

— Não, Eragon. Depois nós continuaremos até a cidade de Gil'ead. Saphira sibilou, surpresa. Sentimento compartilhado por Eragon.

— Por que Gil'ead? — perguntou ele, atordoado.

Porque Islanzadí e seu exército marcharam de Ceunon para lá, e eles estão a ponto de sitiar a cidade, respondeu Glaedr. As estranhas estruturas brilhantes de sua mente se chocavam com a consciência de Eragon.

Mas você e Oromis não desejam permanecer ocultos do Império?, Saphira perguntou.

Oromis fechou os olhos por um momento, sua expressão distante e enigmática.

— O tempo de se esconder se encerrou, Saphira. Glaedr e eu ensinamos a vocês dois tudo o que podíamos no breve tempo em que estiveram aqui conosco. Foi um ensino inferior comparado com o que teriam recebido antigamente, mas, devido à urgência dos eventos, nós somos afortunados de ter conseguido ensiná-los tanto quanto pudemos. Glaedr e eu estamos satisfeitos por agora saberem tudo o que pode vir a ser útil para derrotarem Galbatorix.

"Dessa forma, já que parece improvável que algum de vocês tenha outra chance de voltar aqui para receber mais instruções antes do fim dessa guerra, e já que parece ainda mais improvável que surja outro dragão e outro Cavaleiro para instruirmos enquanto Galbatorix ainda estiver dominando nossa bela terra, decidimos que não havia mais nenhuma razão para permanecermos isolados em Du Weldenvarden. E mais importante que ajudemos Islanzadí e os Varden a derrotar Galbatorix do que ficar aqui num conforto ocioso enquanto esperamos que outro Cavaleiro e outro dragão nos procurem.

"Quando Galbatorix descobrir que ainda estamos vivos, sua confiança ficará abalada, pois não saberá se outros dragões e Cavaleiros sobreviveram à

sua tentativa de extermínio. E também, o conhecimento de nossa existência fortalecerá os espíritos dos anões e dos Varden e neutralizará quaisquer efeitos adversos que a aparição de Murtagh e Thorn na Campina Ardente possam ter tido sobre a coragem de seus guerreiros. E também pode muito bem aumentar o número de recrutas que Nasuada recebe do Império." Eragon olhou de relance para Naegling e comentou:

— Mas, mestre, certamente vocês não pretendem se aventurar nas batalhas.

— E por que não deveríamos? — inquiriu Oromis, pendendo a cabeça para o lado.

Como não queria ofender Oromis ou Glaedr, Eragon ficou em dúvida de como responder. Por fim, disse:

— Perdoe-me, mestre, mas como você poderá lutar se não consegue lançar encantamentos que requerem mais do que unia pequena quantidade de energia? E os espasmos que o acometem de vez em quando e o fazem sofrer?

Se algum ocorrer no meio de uma batalha, poderia ser fatal.

Oromis retrucou:

— Como você já deve estar bastante ciente agora, o simples uso da força raramente decide a vitória quando dois magos duelam. Mesmo assim, tenho toda a força que necessito aqui, na jóia de minha espada. — E ele colocou a palma da mão direita sobre o diamante amarelo que formava o botão do cabo de Naegling. — Por mais de cem anos, Glaedr e eu temos estocado qualquer quantidade excedente de nossa força nesse diamante, por mais ínfima que seja. E outros também adicionaram suas forças à gema. Duas vezes por semana, vários elfos de Ellesméra me fazem uma visita e transferem o máximo que podem de suas forças vitais para a gema. A quantidade de energia contida nessa pedra é formidável, Eragon. Com ela, eu poderia mover uma montanha. Não será grande problema, portanto, defender Glaedr e a mim mesmo de espadas, lanças e flechas, ou mesmo de uni pedregulho arremessado por uma catapulta. Quanto aos meus ataques, atei algumas proteções à pedra de Naegling que me protegerão de algum perigo se eu ficar incapacitado no campo de batalha. Então, Eragon, você pode ver que Glaedr e eu estamos muito além de incapacitados.

Sentindo-se devidamente repreendido, Eragon baixou a cabeça e murmurou:

— Sim, mestre.

A expressão de Oromis suavizou um pouco.

— Eu agradeço sua preocupação, Eragon, e você tem razão em estar preocupado, pois a guerra é um esforço perigoso e mesmo o guerreiro mais habilitado pode encontrar a morte esperando por ele em meio ao acalorado frenesi da batalha. Entretanto, nossa causa vale a pena. Se Glaedr e eu encontrarmos a morte, iremos de bom grado, pois com nosso sacrifício podemos ajudar a libertar a Alagaësia da sombra tirânica de Galbatorix. Mas se vocês morrerem — começou Eragon, sentindo-se apequenado

— e ainda assim nós obtivermos êxito em matar Galbatorix e em libertar o último ovo de dragão, quem treinará esse dragão e seu Cavaleiro?

Oromis surpreendeu Eragon ao se aproximar e tocá-lo no ombro.

— Se isto acontecer — disse o elfo, seu rosto grave —, então a responsabilidade será sua, Eragon, e sua, Saphira, de instruir o novo dragão e o novo Cavaleiro nas regras de nossa ordem. Ah, não fique tão apreensivo, Eragon. Você não estaria sozinho nessa tarefa. Sem dúvida Islanzadí e Nasuada assegurariam que os mais sábios estudiosos de ambas as nossas raças estariam prontos para ajudá-lo.

Uma estranha sensação de inquietude perturbava Eragon. Sempre ansiou ser tratado como adulto, mas, em todo caso, não se sentia preparado para assumir o lugar de Oromis. Parecia errado até mesmo pensar na possibilidade. Pela primeira vez, Eragon compreendeu que em algum momento se tornaria parte da velha geração e que quando isso acontecesse não teria nenhum mentor para o guiar. Sentiu a garganta apertando. Oromis soltou o ombro de Eragon e fez um gesto na direção de Brisingr, que estava em seus braços.

— Toda a floresta tremeu quando você acordou a árvore Menoa, Saphira, e metade dos elfos

em Ellesméra contataram Glaedr e a mim com pedidos frenéticos para que fôssemos correndo ajudá-la. Além disso, tivemos de interceder a seu favor com Gilderien, o Sábio, para impedir que ele a punisse por usar métodos tão violentos.

Eu não pedirei desculpa, disse Saphira. *Nós não tínhamos tempo de esperar que algum tipo de diplomacia fizesse efeito.* Oromis assentiu.

— Compreendo, e não a estou criticando, Saphira. Só queria que você

ficasse ciente das conseqüências de seus atos. — Atendendo ao pedido do mestre, Eragon entregou sua recém-forjada espada a ele e segurou o seu elmo enquanto o elfo examinava a espada.

— Rhunön se superou — declarou Oromis. — Poucas armas, espadas ou qualquer outra coisa, se equivalem a essa. Você tem sorte de portar uma lâmina tão impressionante, Eragon. — Uma das sobrancelhas salientes de Oromis se ergueu uma fração de centímetro enquanto lia o símbolo gravado na espada. —Brisingr. . um nome bastante apropriado para a espada de um Cavaleiro de Dragão.

— Sim — concordou Eragon —, mas por alguma razão, sempre que eu

pronuncio seu nome, a lâmina. . — ele hesitou e, em vez de dizer *fogo,* que, é

claro, era o significado de *brisingr* na língua antiga, disse: — fica em chamas. As sobrancelhas de Oromis ficaram ainda mais salientes.

— E mesmo? Rhunön tem uma explicação para esse fenômeno único?

— À medida que falava, Oromis devolvia Brisingr a Eragon e pegava de volta seu elmo.

— Tem, mestre — respondeu Eragon, E ele contou as duas teorias de Rhunön.

Quando terminou, Oromis murmurou:

— Imagino que.. — E seu olhar vagou de Eragon em direção ao horizonte. Então, Oromis balançou levemente a cabeça e novamente focou seus olhos cinzentos em Eragon e Saphira. Seu rosto ficou ainda mais solene do que antes. — Sinto muito por ter deixado meu orgulho falar por mim. Glaedr e eu podemos não ser desamparados, mas tampouco somos inteiramente imunes, como você mesmo apontou. Glaedr tem seu ferimento, e eu tenho as minhas próprias. . debilidades. Não é por acaso que eu sou conhecido como O Imperfeito Que E Perfeito.

"Nossas incapacidades não seriam problema se nossos inimigos fossem homens mortais. Mesmo agora, poderíamos facilmente chacinar urna centena de homens comuns; uma centena ou milhares, pouco importaria. Entretanto, nosso inimigo é o mais perigoso que nós ou que nossa terra jamais enfrentou. Por mais que me desagrade reconhecer isso, Glaedr e eu estamos em desvantagem, e é bem possível que não sobrevivamos às batalhas que ainda estão por vir.

Nós vivemos bastante e intensamente, e as lamentações de séculos nos pressionam, mas vocês dois são jovens e cheios de vida, e acredito que suas possibilidades de derrotarem Galbatorix são maiores do que as de quaisquer outros seres."

Oromis olhou de relance para Glaedr, e o rosto do elfo demonstrou preocupação.

— Portanto, para ajudar a garantir sua sobrevivência, e como precaução contra nossa possível morte, Glaedr decidiu, com a minha bênção. . *Eu decidi,* informou Glaedr, *dar a você, Saphira Escamas Brilhantes, e a você, Eragon Matador de Espectros, meu coração dos corações.*

O espanto de Saphira não foi menor do que o de Eragon. Juntos, eles miraram o majestoso dragão de ouro que assomava muito acima deles. Foi Saphira quem falou: *Mestre, a honra que você nos concede está acima de qualquer palavra, mas. . tem certeza de que deseja confiar seu coração a nós?*

Tenho certeza, afirmou Glaedr, e baixou sua gigantesca cabeça até que ela ficasse levemente acima de Eragon. *Tenho certeza por várias razões. Se vocês possuírem meu coração, poderão se comunicar comigo e com Oromis — independentemente da distância que nos separar — e eu poderei ajudá-los com minha força sempre que estiverem em dificuldades. E se Oromis e eu cairmos em batalha, nosso conhecimento e experiência, e também minha força, ainda estarão à disposição de vocês. Há muito tempo eu medito acerca dessa escolha, e tenho plena confiança de que é a mais correta.*

— Mas, se Oromis viesse a morrer — disse Eragon, com a voz baixa

—, você estaria disposto a viver sem ele, e como um Eldunarí?

Glaedr virou sua cabeça e focou um de seus imensos olhos em Eragon. Mio *desejo me separar de Oromis, mas o que quer que aconteça, continuarei fazendo o que for possível para destronar Galbatorix. Essa é nossa única meta, e nem mesmo a morte poderá nos impedir de alcançá-la. A idéia de perder Saphira o deixa horrorizado, Eragon, o que é compreensível. Entretanto, Oromis e eu tivemos séculos para nos resignar com o fato de que tal separação é inevitável. Não importa o quanto sejamos cuidadosos, mais cedo ou mais tarde um de nós morrerá. Não é um pensamento agradável, mas é a verdade. Assim é*

o mundo.

Mudando de postura, Oromis disse:

— Não posso fingir que vejo isso com bons olhos, mas o propósito da vida não é fazer o que desejamos, mas o que deve ser feito. É isso o que o destino nos demanda.

Então agora, continuou Glaedr, *eu pergunto a você, Saphira Escamas Brilhantes, e a você, Eragon Matador de Espectros, vocês aceitam meu presente e tudo o que ele acarreta?*

Aceito, disse Saphira.

Aceito, respondeu Eragon, depois de um breve instante de hesitação. Então, Glaedr afastou a cabeça. Os músculos de seu abdômen ondularam e enrijeceram várias vezes, e sua garganta começou a convulsionar, como se algo estivesse preso nela. Ampliando sua postura, o dragão de ouro estendeu seu pescoço à frente do restante do corpo, cada nervo e tendão de seu corpo em alto-relevo abaixo da armadura de escamas cintilantes. A garganta de Glaedr continuava flexionando e relaxando em velocidade crescente até que, finalmente, ele baixou a cabeça de modo que ficasse nivelada com Eragon e abriu a mandíbula. Ar quente e penetrante escapou de seu gigantesco estômago. Eragon mirou, com os olhos semi-cerrados, tentando não ficar nauseado. Quando olhou fixamente dentro da boca de Glaedr, Eragon viu a garganta do dragão se contrair urna última vez, e então uma leve luz dourada apareceu entre as curvas dos tecidos sanguinolentos. Um segundo depois, um objeto redondo com mais ou menos trinta centímetros de diâmetro deslizou tão rapidamente pela língua carmesim de Glaedr que Eragon quase não conseguiu pegar.

Assim que suas mãos se fecharam em torno do Eldunarí escorregadio e coberto de saliva, Eragon arfou e cambaleou para trás, pois começou a sentir, subitamente, cada emoção e pensamento de Glaedr, e todas as sensações de seu corpo. A quantidade de informação era assoberbante, assim como era a proximidade do contato entre eles. Eragon esperara algo parecido, mas ainda estava chocado por perceber que estava segurando todo o ser de Glaedr em suas mãos.

Glaedr recuou, sacudindo a cabeça como se tivesse sido picado, e rapidamente protegeu sua mente de Eragon, embora o Cavaleiro ainda pudesse sentir seus pensamentos se movendo, assim como a cor geral de suas emoções.

O Eldunarí propriamente dito era como uma gigantesca jóia de ouro. Sua superfície era quente e coberta com centenas de facetas bem trabalhadas, que variavam de tamanho e à vezes projetavam ângulos estranhos. O centro do Eldunarí tinha um leve brilho, similar ao de uma lanterna coberta, e a luz difusa latejava num ritmo lento e estável. A partir de uma inspeção inicial, a luz parecia uniforme, mas quanto mais Eragon olhava para ela, mais detalhes ele via por dentro: pequenos torvelinhos e correntes que se enrascavam e se contorciam em direções aparentemente casuais, partículas mais escuras que quase não se moviam e lampejos agitados de luminosidade, não maiores do que a cabeça de um alfinete, que brilhavam por um instante e então desapareciam no campo de luz subjacente. Estava vivo.

— Aqui — chamou Oromis, e entregou a Eragon um saco de pano firme.

Para alívio de Eragon, sua conexão com Glaedr sumiu assim que ele colocou o Eldunarí na sacola e suas mãos soltaram a pedra-gema. Ainda trêmulo, Eragon apertou o agora coberto Eldunarí contra o peito, maravilhado por saber que seus braços estavam envolvendo a essência de Glaedr e com medo do que pudesse acontecer com ela se ele permitisse que o coração dos corações escapasse de seu domínio.

— Obrigado, mestre — Eragon conseguiu dizer, abaixando a cabeça na direção de Glaedr.

Nós guardaremos seu coração com nossas próprias vidas, acrescentou Saphira.

— Não! — exclamou Oromis, com a voz resoluta. — Não com suas

vidas! Isso é precisamente o que eu desejo evitar. Não permitam que algum infortúnio aconteça com o coração de Glaedr por descuido de vocês, mas tampouco se sacrifiquem para protegê-lo ou a mim ou qualquer outro ser. Vocês precisam permanecer vivos custe o que custar. Se não, nossas esperanças serão arruinadas e tudo será escuridão.

— Sim, mestre — disseram Eragon e Saphira ao mesmo tempo, ele em sua língua e ela com seus pensamentos.

Glaedr disse: *Por terem jurado fidelidade a Nasuada — e devem a ela lealdade e obediência — podem contar-lhe de meu coração, se preciso for, mas apenas se preciso for. Pela segurança dos dragões em todo o mundo, os poucos que restam de nós, a verdade sobre o Eldunarí não pode ser divulgada.*

Podemos contar para Arya?, perguntou Saphira.

— E quanto a Blödhgarm e os outros elfos que Islanzadí enviou para me proteger? — quis saber Eragon. — Eu permiti que tivessem acesso à

minha mente na última vez em que e eu Saphira lutamos com Murtagh. Irão notar sua presença, Glaedr, se você nos ajudar no meio de alguma batalha. *Vocês podem informar Blödhgarm e seus feiticeiros a respeito do Eldunarí,* concordou Glaedr, *mas somente depois que jurarem a vocês que guardarão segredo.* Oromis colocou seu elmo na cabeça.

— Arya é filha de Islanzadí. Assim, suponho que seja apropriado que saiba. Entretanto, da mesma forma que Nasuada, não digam a ela a não ser que se torne absolutamente necessário. Um segredo compartilhado não é

segredo algum. Se forem disciplinados, nem pensem nisso, nem no próprio Eldunarí, de modo que ninguém possa roubar a informação de suas mentes.

— Sim, mestre.

— Agora, vamos sair daqui — sugeriu Oromis, e vestiu um par de grossas luvas. — Ouvi de Islanzadí que Nasuada sitiou a cidade de Feinster, e que os Varden precisam muito da ajuda de vocês.

Nós passamos muito tempo em. Ellesméra, comentou Saphira. *Talvez,* retrucou Glaedr, *mas foi um tempo bem empregado.* Apressando-se, Oromis escalou a única perna de Glaedr e chegou às costas arqueadas, onde se sentou na sela e começou a apertar as correias em volta das pernas.

— Enquanto estivermos voando — o elfo dirigiu-se a Eragon —

poderemos revisar as listas de nomes verdadeiros que vocês aprenderam durante a última visita.

Eragon foi até Saphira e subiu cuidadosamente nela. Envolveu o coração de Glaedr com um de seus cobertores e colocou o pacote no alforje. Depois, prendeu as pernas do mesmo jeito que Oromis. Atrás de si, podia sentir uma constante onda de energia emanando do Eldunarí.

Glaedr caminhou até a beira dos rochedos de Tel'naeír e abriu as volumosas asas. A terra tremeu quando o dragão de ouro saltou na direção do céu raiado de nuvens, e o ar retumbou e tremeu quando Glaedr dirigiu suas asas para baixo, afastando-se da floresta abaixo. Eragon agarrou o espinho à

sua frente quando Saphira o seguiu, lançando-se ao céu aberto e caindo dezenas de metros num mergulho íngreme antes de ascender ao lado de Glaedr.

Glaedr assumiu a ponta quando os dois dragões se orientaram na direção sudoeste. Cada um batendo as asas em um tempo diferente, Saphira e Glaedr voavam em grande velocidade sobre a floresta.

Saphira arqueou o pescoço e deu um rugido sonoro. À frente, Glaedr respondeu da mesma maneira. Os gritos intensos dos dois ecoavam na vasta cúpula do céu, assustando os pássaros e os animais abaixo.

VÔO

e Ellesméra, Saphira e Glaedr voaram sem parar sobre a floresta antiga dos elfos, pairando bem acima dos altos e escuros pinheiros. Às vezes, a floresta se abria e Eragon conseguia ver um lago ou um D rio sinuoso na região. Freqüentemente, surgia alguma manada de pequenos cervos agrupados à margem do rio. Os animais paravam e

erguiam as cabeças para observar os dragões voando no céu. Contudo, era raro Eragon prestar atenção à paisagem porque estava ocupado recitando em sua mente cada palavra da língua antiga que Oromis lhe havia ensinado. E se esquecia alguma ou cometia algum erro de pronúncia, Oromis o obrigava, a repetir a palavra até que ele a memorizasse.

Fies chegaram ao ponto limítrofe de Du Weldenvarden ao fim da tarde do primeiro dia. Lá, acima da fronteira sombreada entre as árvores e os campos gramados, Glaedr e Saphira voaram entrelaçados em círculos, e Glaedr orientou: *Mantenha seu coração em segurança, Saphira. E o meu também. Manterei, mestre,* Saphira replicou.

E Oromis gritou das costas de Glaedr:

— Bons ventos para vocês dois, Eragon e Saphira! Que nosso próximo encontro seja diante dos portões de Urû'baen.

— Bons ventos para vocês também! — falou Eragon, em resposta.

Então, Glaedr guinou e seguiu a linha da floresta na direção oeste —

que o levaria até o ponto mais ao norte do lago Isenstar, e de lá até Gil'ead —

enquanto Saphira continuou na mesma direção sudoeste que estava antes. Fia voou toda aquela noite, aterrissando somente para beber e para que Eragon pudesse esticar as pernas e se aliviar. Diferentemente da viagem até

Ellesméra, não depararam com nenhum vento de proa. O ar permaneceu claro e tranqüilo, como se até a natureza estivesse ansiosa para que voltassem para os Varden. Quando o sol nasceu no segundo dia, os encontrou já sobre o deserto Hadarac e em direção ao sul, de modo a costear a fronteira do Império. E quando a escuridão novamente engolfou a terra e o céu e os reteve em seu frio abraço, Saphira e Eragon já estavam bem além dos confins arenosos e secos e mais uma vez pairando sobre os campos verdejantes do Império, seguindo um curso que os faria passar entre Urû'baen e o lago Tüdosten a caminho da cidade de Feinster.

Depois de voar por dois dias e por duas noites sem dormir, Saphira sentia-se incapaz de continuar. Rodopiando até um pequeno aglomerado de bétulas brancas perto de uma fonte, abrigou-se na sombra e dormiu por algumas horas enquanto Eragon montava guarda e praticava esgrima com Brisingr.

Desde que haviam se separado de Oromis e Glaedr, uma sensação de constante ansiedade perturbava Eragon quando imaginava o que estaria à sua espera e de Saphira em Feinster. Sabia que estariam mais bem protegidos da morte e dos ferimentos do que a maioria dos seres. Mas quando seus pensamentos se voltavam para a Campina Ardente e a batalha de Farthen Dûr, e quando lembrava a visão do sangue espirrando de vários membros golpeados, os gritos dos homens feridos e a brancura fervente de uma espada retalhando sua própria carne, Eragon sentia enjôos e seus músculos tremiam, como se sua energia houvesse acabado. E ele não sabia se desejava lutar contra todos os soldados na região ou fugir para a direção oposta e se esconder em uma caverna funda e escura.

Seu horror apenas piorou quando ele e Saphira retomaram a viagem e avistaram fileiras de homens armados marchando sobre os campos abaixo. Aqui e acolá, torres de fumaça subiam das aldeias saqueadas. A visão da destruição irrestrita o enojava. Desviando o olhar, apertou o espinho à sua frente e olhou de esguelha até que a única coisa visível através de suas pálpebras semicerradas eram os calos brancos em suas juntas.

Pequenino, chamou Saphira, seus pensamentos lentos e cansados. *Nós já*

fizemos isso antes. Não fique tão perturbado.

Ele lamentou tê-la distraído durante o vôo. *Sinto muito. . Estarei bem quando chegarmos. Só quero que tudo termine.*

Eu sei.

Eragon fungou e enxugou o nariz frio na manga da túnica. *Às vezes gostaria de sentir tanto prazer em lutar quanto você. Tudo seria tão mais fácil. Se você sentisse,* ela disse, *o mundo todo se acovardaria aos nossos pés, incluindo Galbatorix. Mas eu discordo. E bom você não compartilhar meu amor pelo sangue. Nós equilibramos um ao outro, Eragon.. Separados, nós somos incompletos, mas juntos somos um todo. Agora limpe sua mente desses pensamentos venenosos e conte-me uma charada pra me manter acordada.*

Muito bem, ele concordou, depois de um instante, *'lenho as cores vermelha e azul e amarela e todas as outras tonalidades do arco-íris. Sou alto e baixo e estou quase sempre enroscado. Consigo comer uma centena de ovelhas em seqüência e ainda ficar com fome. O que sou eu?*

Um dragão, é claro, ela respondeu, sem hesitação.

Não, um tapete de lã.

Bah!

O terceiro dia de viagem passou com agonizante lentidão. Os únicos sons eram o bater de asas de Saphira, o irritante e constante som de seus arquejos e o incômodo ruído do ar passando pelas orelhas de Eragon. Suas pernas e a região lombar doíam pelo tempo excessivo sentado na sela, mas seu desconforto era leve comparado ao de Saphira. Os músculos das asas queimavam com uma dor quase insuportável. Ainda assim, ela se mantinha perseverante e não reclamava. E recusou a oferta de aliviar seu sofrimento com um encanto, justificando: *Você uai precisar de força quando estivermos lá.* Muitas horas depois do anoitecer, Saphira bamboleou e descaiu vários metros com uma única guinada nauseante. Eragon se esticou na sela, alarmado, e olhou em torno para ver se encontrava alguma pista para a causa do distúrbio, mas viu apenas negritude abaixo e estrelas brilhantes acima. *Acho que acabamos de chegar ao rio Jiet,* disse Saphira. *O ar aqui está frio e úmido, como deve ser sobre a água.*

Então, Feinster não deve estar muito distante. Tem certeza de que consegue encontrar a cidade no escuro? Nós podemos estar a centenas de quilômetros ao norte ou ao sul de lá!

Não podemos, não. Meu senso de direção pode não ser infalível, mas certamente é

melhor do que o seu ou de qualquer outra criatura terrestre. Se os mapas dos elfos que nós vimos estiverem corretos, nós não podemos estar mais distantes do que oitenta quilômetros, ao norte ou ao sul de Feinster. E, dessa altura, poderemos ver facilmente a cidade a distância. Poderemos inclusive sentir o cheiro da fumaça das chaminés. E assim foi. Mais tarde naquela madrugada, com o amanhecer já bem próximo, um tênue brilho vermelho apareceu no horizonte, a oeste. Ao vê-lo, Eragon girou o corpo e removeu sua armadura do alforje. Então, vestiu sua cota de malha, seu gorro, seu elmo, seus braçais e suas grevas. Desejou estar com seu escudo, mas o havia deixado com os Varden antes de correr para o monte Thardûr com Nar Garzhvog.

Em seguida, remexeu o conteúdo de suas bolsas até encontrar o frasco prateado de faelnirv que Oromis havia lhe dado. O contêiner de metal estava frio ao toque. Eragon bebeu uma pequena quantidade do licor encantado, que queimava o interior de sua boca e que tinha gosto de sabugo, hidromel e sidra adocicada. Seu rosto foi tomado de calor. Em questão de segundos, seu cansaço começou a diminuir à medida que as propriedades restauradoras do faelnirv faziam efeito.

Eragon sacudiu o frasco. Ficou preocupado ao perceber que um terço do precioso licor já havia acabado, apesar de haver consumido apenas uma pequena dose antes. *Preciso ser mais cuidadoso com isso no futuro,* pensou. À medida que ele e Saphira se aproximavam, o brilho no horizonte se transformava cm milhares de pontos de luz individuais: pequenos lampiões, fogões de cozinha acesos, fogueiras e até enormes faixas de piche queimado que emitiam uma pútrida fumaça negra no céu noturno. Através da luz avermelhada das fogueiras, Eragon podia ver um mar de pontas de lanças brilhantes e elmos reluzentes surgindo na base da grande e bem fortificada cidade. Os muros estavam repletos de pequenas figuras ocupadas flechando o exército invasor, derramando caldeirões de óleo fervente por entre as seteiras do parapeito, cortando cordas que haviam sido jogadas sobre os muros e empurrando as frágeis escadas de madeira que os sitiantes insistiam em encostar contra as altas paredes. Fracos chamados e gritos ecoavam do chão, assim como o barulho do aríete tentando arrebentar os portões de ferro da cidade.

O que restava do cansaço de Eragon desapareceu quando analisou o campo de batalha e notou o posicionamento dos homens, dos edifícios e das várias peças de maquinário bélico. Fora dos muros de Feinster estavam centenas de choupanas caindo aos pedaços, grudadas umas nas outras, com um espaço entre elas que mal permitia a passagem de um cavalo: as habitações daqueles muito pobres para ter uma casa na parte principal da cidade. A maioria das choupanas parecia deserta, e uma grande porção havia sido demolida para que os Varden pudessem se aproximar dos muros da cidade à

força. Uns vinte ou mais desses horríveis casebres estavam queimando e, no exato momento em que Eragon estava observando, o fogo espalhava-se, saltando de um telhado arrasado para outro. À leste das choupanas, linhas negras em curva assolavam a terra onde as trincheiras haviam sido cavadas para proteger o acampamento dos Varden. No outro lado da cidade ficavam docas e píeres similares àqueles que ele conhecera em Teirm, e o oceano escuro e inquieto que parecia se estender até a eternidade.

Um arrepio de excitação animalesca tomou conta de Eragon, e sentiu Saphira tremer abaixo de si ao mesmo tempo. Segurou com firmeza o cabo de Brisingr. *Eles parecem não haver notado a nossa presença. Devemos anunciar nossa chegada?*

Saphira respondeu liberando um rugido que fez com que seus dentes rangessem e pintando o céu à sua frente com um espesso lençol de fogo azulado.

Abaixo, os Varden aos pés da cidade e os defensores em cima dos parapeitos pararam e, por

um momento, o campo de batalha ficou em silêncio. Então, os Varden começaram a gritar e a bater com suas lanças e espadas contra os escudos enquanto grandes rosnados de desespero escapavam do povo no interior da cidade.

Ah!, exclamou Eragon, piscando. *Preferia que você não tivesse feito isso. Agora não consigo enxergar nada.*

Sinto muito.

Ainda piscando, ele disse: *A primeira coisa que deveríamos fazer é encontrar um cavalo ou qualquer outro animal que tenha acabado de morrer para que eu possa restaurar sua força com a dele.*

Você não tem. .

Saphira parou de falar quando outra mente tocou as mentes deles. Depois de meio segundo de pânico, Eragon reconheceu a consciência de Trianna. *Eragon, Saphira!,* gritou a feiticeira. *Chegaram bem na hora! Arya e outro elfo escalaram o muro, mas foram emboscados por um grande grupo de soldados. Eles não sobreviverão nem mais um minuto se ninguém os ajudar! Apressem-se!*

BRISINGR!

aphira fixou as asas junto ao corpo e iniciou um mergulho quase vertical na direção das construções escuras da cidade. Eragon abaixou a cabeça para se proteger da força do vento que atingia seu rosto. O inundo girou em torno deles quando Saphira rolou para a S direita para que os arqueiros no chão não conseguissem atirar nela. Os braços e pernas de Eragon ficaram pesados quando Saphira interrompeu o mergulho. Ela então nivelou o vôo, e o peso que o pressionava para baixo desapareceu. Como se fossem falcões estranhos e aos gritos, flechas passavam zunindo por eles, algumas errando o alvo, enquanto as proteções de Eragon desviavam as outras.

Planando baixo por cima das muralhas externas da cidade, Saphira rugiu novamente e atacou com as garras e o rabo, derrubando grupos de homens aos berros de cima do parapeito para o chão duro vinte e cinco metros abaixo.

Uma torre alta e quadrada equipada com quatro balistas se elevava na outra extremidade da muralha sul. As bestas descomunais atiravam dardos de quase quatro metros de comprimento contra os Varden aglomerados diante dos portões da cidade. Do lado de dentro das antemuralhas, Eragon e Saphira avistaram cerca de cem soldados reunidos em torno de dois guerreiros, encurralados contra a base da torre, tentando desesperadamente rechaçar o ataque cerrado das espadas.

Mesmo na penumbra e de tão alto, Eragon reconheceu Arya.

Saphira saltou do alto do parapeito e pousou no meio dos soldados, esmagando alguns homens com as patas. Os outros se dispersaram, com gritos de medo e espanto. Saphira rugiu, frustrada de ver a presa escapar e bateu com o rabo na terra batida, esmagando mais uma dúzia de soldados. Um homem tentou passar correndo por ela. Rápida como uma cobra no bote, apanhou-o com a boca e sacudiu a cabeça, rompendo a espinha do homem. Livrou-se de mais quatro de maneira semelhante.

A essa altura, os homens que restavam haviam desaparecido entre as construções.

Eragon soltou depressa as tiras que prendiam suas pernas e pulou de cima de Saphira. O peso adicional da armadura fez com que caísse sobre um joelho ao bater no chão. Grunhiu e se forçou a ficar em pé.

— Eragon! — Arya correu até ele. Estava ofegante e encharcada de suor. Sua única armadura era um gibão acolchoado e um elmo leve pintado de preto para não lançar reflexos inconvenientes.

— Bem-vinda, Bjartskular. Bem-vindo, Matador de Espectros —

cumprimentou Blödhgarm, todo satisfeito, ali, ao lado, com as presas curtas da cor de laranja

cintilando à luz dos archotes; os olhos amarelos, acesos. A crista de pêlo nas costas e na nuca do elfo se eriçou, o que lhe deu uma aparência ainda mais feroz que a de costume. Tanto ele como Arya estavam com manchas de sangue, embora Eragon não soubesse dizer se eram suas ou não.

— Vocês se machucaram? — perguntou ele.

— Alguns arranhões, mas nada sério — respondeu Blödhgarm, e Arya concordou.

O que estão fazendo aqui sem reforços?, indagou Saphira.

— Os portões — Arya arquejou. — Há três dias, nós tentamos derrubá-los, mas são imunes à magia, e o aríete praticamente não fez mossa na madeira. Por isso, convenci Nasuada a. .

Quando Arya parou para recuperar o fôlego, Blödhgarm assumiu o fio da narrativa.

— Arya convenceu Nasuada a organizar o ataque de hoje para que nós pudéssemos entrar sorrateiramente em Feinster, sem sermos percebidos, para abrir os portões pelo lado de dentro. Infelizmente, encontramos um trio de feiticeiros. Eles nos enfrentaram mentalmente e nos impediram de usar magia enquanto convocavam soldados para nos sobrepujar em número.

Enquanto Blödhgarm falava, Eragon pôs uma mão no tórax de um soldado morto e transferiu qualquer energia que restasse na carne do homem para seu próprio corpo e de lá para Saphira.

— Onde estão esses feiticeiros agora? — quis saber ele, passando para outro cadáver.

Os ombros cobertos de pêlos de Blödhgarm subiram e baixaram.

— Parece que se apavoraram com sua aparição, Shur'tugal.

E deveriam mesmo, rosnou Saphira.

Eragon esgotou a energia de mais três soldados e do último tirou também o escudo redondo de madeira.

— Pois bem — ele pôs-se de pé —, vamos abrir os portões para os Varden, certo?

— Sim e sem demora — respondeu Arya. Ela começou a avançar e então olhou de esguelha para Eragon. — Você está com uma espada nova. —

Não foi uma pergunta. Eragon assentiu.

— Rhunön me ajudou a forjá-la — explicou ele.

— E como se chama sua arma, Matador de Espectros? — perguntou

Blödhgarm.

Eragon estava prestes a responder quando quatro soldados saíram correndo de um beco escuro, com as lanças em riste. Num movimento simples e harmonioso, ele tirou Brisingr da bainha, cortou a haste da lança do chefe do pelotão e, continuando com o movimento, decapitou o soldado. Brisingr parecia tremeluzir com um prazer selvagem. Arya atacou com uma espada e atingiu mais dois antes que pudessem reagir, enquanto Blödhgarm saltou de lado e se encarregou do último soldado, matando-o com a adaga.

— Depressa! — gritou Arya, correndo na direção dos portões da cidade.

Eragon e Blödhgarm seguiram-na, enquanto Saphira os acompanhava de perto, com as garras batendo ruidosas nas pedras do calçamento da rua. Arqueiros disparavam flechas contra eles de lá de cima do parapeito. E, por três vezes, soldados saíram correndo do corpo principal da cidade e investiram contra o grupo. Sem reduzir a velocidade, Eragon, Arya e Blödhgarm abateram seus agressores, ou Saphira os atingiu com um jato de fogo escorchante.

O retumbar regular do aríete ficou ainda mais alto à medida que eles se aproximavam dos portões de doze metros de altura da cidade. Eragon avistou dois homens e uma mulher, trajados em vestes escuras, em pé, diante dos portões blindados, cantando na língua antiga e balançando de um lado para outro com os braços levantados. Os três feiticeiros se calaram quando viram Eragon e os companheiros e, com as vestes panejando, seguiram correndo pela rua principal de Feinster, que levava ao castelo do outro lado da cidade. Eragon teve vontade de persegui-los. Era, porém, mais importante dar aos Varden acesso à cidade, onde não estariam mais à mercê dos homens nas muralhas. *Pergunto-me que tipo de tramóia planejaram,* pensou, preocupado ao ver os feiticeiros irem embora.

Antes que Eragon, Arya, Blödhgarm e Saphira chegassem aos portões, cinqüenta soldados em armadura reluzente saíram em grupo das torres da guarda e se posicionaram diante das enormes portas de madeira.

— Vocês jamais passarão, seus demônios imundos! — gritou um deles, batendo com o punho da espada no escudo. — Esta cidade é nossa, e não vamos permitir a entrada de Urgals, elfos e outros monstros desumanos! Fora daqui! Em Feinster, vocês nada encontrarão a não ser sangue e dor. Arya indicou para Eragon as torres da guarda.

— Os mecanismos para abrir os portões estão escondidos ali dentro.

— Podem ir — instruiu ele. — Você e Blödhgarm, passem pelos homens sem chamar atenção e entrem de mansinho nas torres. Saphira e eu vamos mantê-los ocupados nesse meio-tempo.

Arya assentiu, e então ela e Blödhgarm sumiram nas sombras negras em que estavam mergulhadas as casas por trás de Eragon e Saphira.

Através do seu vínculo com ela, Eragon percebeu que Saphira estava se preparando para investir contra o pelotão de soldados. Ele pôs a mão numa das suas patas dianteiras. *Espere,* pediu ele. *Deixe-me tentar uma idéia primeiro. Se não funcionar, vou poder destroçar todos eles?,* perguntou ela, lambendo as presas.

Sim, se for esse o caso, vai poder jazer com eles o que quiser. Eragon caminhou lentamente na direção dos soldados, segurando a espada e o escudo afastados de cada lado do corpo. Uma flecha foi atirada do alto contra ele, só para parar a trajetória a menos de um metro do seu peito e cair direto no chão. Examinou os rostos assustados dos soldados e ergueu a voz.

— Meu nome é Eragon Matador de Espectros! Talvez vocês tenham ouvido falar de mim e talvez não. Seja qual for o caso, saibam o seguinte: sou um Cavaleiro de Dragão e me comprometi a ajudar os Varden a derrubar Galbatorix do trono. Digam-me se algum de vocês jurou fidelidade na língua antiga a Galbatorix ou ao Império. . Então, juraram ou não?

O mesmo homem que tinha falado antes, que parecia ser o capitão dos soldados, respondeu.

— Não juraríamos lealdade ao rei nem que ele estivesse com uma espada em nosso pescoço. Nossa lealdade pertence a lady Lorana. Ela e sua família nos governam há quatro gerações e sempre foram competentes na tarefa. — Os outros soldados murmuraram, concordando.

— Então, juntem-se a nós! — bradou Eragon. — Deponham as armas,

e prometo que nenhum mal acontecerá a vocês e a suas famílias. Não podem ter esperança de resistir em Feinster contra o poderio combinado dos Varden, de Surda, dos anões e dos elfos.

— Isso é o que você diz — gritou um dos soldados. — Mas e se Murtagh e aquele seu dragão vermelho voltarem para cá?

Eragon hesitou antes de responder em tom confiante.

— Ele não é páreo para mim e para os elfos que lutam ao Lido dos Varden. Já os rechaçamos uma vez. — A esquerda dos soldados, Eragon viu Arya e Blödhgarm se esgueirarem por trás de uma escada de pedra que levava ao topo das muralhas e, silenciosos, passarem na direção da torre da guarda.

— Podemos não ter jurado fidelidade ao rei, mas lady Lorana jurou —

disse o capitão. — Que destino lhe darão? A morte? A prisão? Não, não trairemos nossa confiança, deixando que vocês passem, nem os monstros que arranham as garras nas nossas muralhas. Vocês e os Varden não oferecem nada além da promessa da morte para quem foi forçado a servir ao Império!

"Por que não deixou as coisas como estavam, hein, Cavaleiro de Dragão? Por que não manteve a cabeça baixa para que todos nós vivêssemos em paz? Mas, não, a atração da fama, da glória e da fortuna foi forte demais. Você tinha de trazer tragédia e destruição para nossas casas só para satisfazer suas ambições. Pois eu lhe rogo uma praga, Cavaleiro de Dragão! Eu o amaldiçôo do fundo do coração. Que você deixe a Alagaësia para nunca mais voltar!"

Eragon sentiu um calafrio percorrer seu corpo porque a maldição do homem repetia a que o

último Ra'zac lhe lançara em Helgrind; e lembrava-se de como Angela lhe predissera exatamente esse tipo de futuro. Com esforço, Eragon deixou esses pensamentos de lado.

— Não quero matá-los, mas é o que farei, se for preciso. Deponham as armas!

Em silêncio, Arya abriu a porta no térreo da torre da guarda mais à

esquerda e entrou de mansinho. Sorrateiro como um felino em caça, Blödhgarm passou por trás dos soldados na direção da outra torre. Se qualquer um dos homens tivesse olhado para trás, poderia vê-lo.

O capitão cuspiu no chão junto dos pés de Eragon.

— Você nem mesmo parece humano! Um traidor da sua raça é o que

você é! — E com isso o homem levantou o escudo, desembainhou a espada e andou lentamente em direção a Eragon. — Matador de Espectros — rosnou ele. — Ora, seria mais fácil eu acreditar que o filho de doze anos do meu irmão tivesse matado um Espectro do que um rapazinho como você.

Eragon esperou até o capitão estar a poucos palmos de distância. Então, deu um único passo para a frente e fincou Brisingr no centro do escudo reforçado do homem, atravessando o braço que estava por trás da proteção, atravessando o corpo que o sustentava e saindo pelas costas. O

capitão se contorceu uma única vez e acabou imóvel. Quando Eragon estava arrancando a lâmina do cadáver, ouviu-se um clangor dissonante proveniente do interior das torres da guarda, à medida que correntes e engrenagens começavam a girar e as vigas colossais que mantinham fechados os portões da cidade começaram a se recolher.

— Deponham as armas ou morrerão! — gritou Eragon.

Com um berro uníssono, vinte soldados avançaram contra ele, de espada em riste. Os outros ou se dispersaram, fugindo para o centro da cidade, ou aceitaram o conselho de Eragon, descansando as espadas, lanças e escudos nas pedras cinzentas do calçamento, e se ajoelharam ao longo da rua com uma reverência.

Uma névoa fina de sangue se formou em torno de Eragon à medida que abria caminho através dos soldados, alternando de um para outro mais veloz do que eles conseguiam reagir. Saphira derrubou dois e incendiou outros dois com uma labareda curta lançada pelas narinas, assando-os dentro da armadura. Eragon deslizou até conseguir parar alguns palmos depois do último soldado, mantendo a postura, com o braço da espada ainda esticado pelo golpe que acabara de proferir, e esperou até ouvir o homem tombar no chão, primeiro uma metade, depois a outra.

Arya e Blödhgarm saíram das torres da guarda no exato momento em que os portões gemeram e giraram nos gonzos, revelando a ponta rombuda e lascada do gigantesco aríete dos Varden.

Lá em cima, os arqueiros no parapeito gritaram desalentados e se retiraram para posições mais defensáveis. Dezenas de mãos surgiram em torno das bordas dos portões, para abri-los ainda mais; e Eragon avistou uma grande quantidade de Varden de expressão feroz, tanto homens como anões, aglomerados no arco mais além. "Matador de Espectros!" gritavam, como também gritavam "Argetlam!" e "Seja bemvindo de volta. A caça está boa hoje!".

— Esses são meus prisioneiros! — disse Eragon, apontando com Brisingr para os soldados ajoelhados ao lado da rua. — Quero que os prendam e se certifiquem de que sejam bem tratados. Dei minha palavra de que nenhum mal lhes ocorreria.

Seis guerreiros se apressaram em cumprir suas ordens.

Os Varden avançaram velozes, derramando-se pela cidade adentro, com o retinir das armaduras e as batidas das botas gerando um trovejar contínuo e retumbante. Eragon ficou satisfeito ao ver Roran e Horst, bem como outros homens de Carvahall na quarta fileira dos guerreiros. Saudou-os, e Roran, erguendo o martelo num cumprimento, correu em sua direção. Eragon agarrou o antebraço direito de Roran e o puxou para um forte abraço. Afastando-se um pouco, deu-se conta de que o primo parecia mais velho e de olhos mais fundos em comparação com o que era antes.

— Estava mais que na hora de você chegar — grunhiu Roran. —

Estamos morrendo feito moscas no esforço de romper as muralhas.

— Saphira e eu viemos o mais rápido que pudemos. Como vai Katrina?

— Vai bem.

Quando tudo isso terminar, você vai precisar me contar o que lhe aconteceu desde que fui embora.

Roran crispou os lábios e fez que sim. Depois apontou para Brisingr.

— Onde conseguiu a espada?

— Com os elfos.

— E corno se chama?

— Bris. . — começou Eragon a dizer, mas nesse instante os outros onze elfos que Islanzadí tinha designado para proteger Saphira e ele se destacaram da coluna dos homens e cercaram os dois. Arya e Blödhgarm também se juntaram a eles, Arya limpando a lâmina fina da sua espada. Antes que Eragon pudesse falar, Jörmundur cruzou os portões a cavalo e o saudou.

— Matador de Espectros! — gritou. — Como é bom vê-lo de novo!

— O que deveríamos fazer agora? — perguntou Eragon, depois de retribuir o cumprimento.

— O que você achar que deve fazer— respondeu Jörmundur, freando

seu garanhão castanho. — Precisamos abrir caminho até o castelo. Parece que Saphira não caberia entre a maior parte das casas. Por isso, saiam voando por aí e atormentem as forças do inimigo onde puderem. Se conseguirem derrubar os portões do castelo ou capturar lady Lorana, seria uma ajuda enorme.

— Onde está Nasuada?

Jörmundur fez um gesto para trás do ombro.

— Na retaguarda do exército, coordenando nossas forças com o rei Orrin. — Jörmundur olhou de relance para a maré de guerreiros que chegavam e então voltou a olhar para Eragon e Roran. — Martelo Forte, seu lugar é com seus homens, não tagarelando com seu primo. — E então o comandante esguio e vigoroso esporeou o cavalo e seguiu pela rua escura, gritando ordens para os Varden.

Quando Roran e Arya começaram a acompanhá-lo, Eragon agarrou Roran pelo ombro e tocou com sua espada na de Arya.

— Esperem — disse ele.

— O que foi? — perguntaram os dois, em tom exasperado.

Sim, o que foi?, quis saber Saphira. *Não deferíamos estar sentados conversando quando temos diversão à nossa espera.*

— Meu pai — exclamou Eragon. — Não é Morzan. É Brom.

— Brom? — repetiu Roran, piscando.

— Sim, Brom!

Até mesmo Arya pareceu surpresa.

— Tem certeza, Eragon? e como você sabe?

— Claro que tenho. Explico depois, mas não podia esperar para contar a verdade para vocês.

— Brom.. — disse Roran, abanando a cabeça. Eu nunca teria calculado, mas suponho que faça sentido. Você deve estar feliz por se ver livre do nome de Morzan.

— Mais do que isso — respondeu Eragon, com um largo sorriso.

— Então, trate de se cuidar — disse Roran, dando-lhe um tapinha nas costas antes de correr

atrás de Horst e dos outros aldeões.

Arya foi se afastando na mesma direção, mas antes que desse mais que alguns passos, Eragon chamou seu nome.

— O Imperfeito Que É Perfeito deixou Du Weldenvarden e se juntou a Islanzadí em Gil'ead — informou ele. Os olhos verdes de Arya se arregalaram e seus lábios se abriram como se ela fosse fazer uma pergunta. Mas, antes que conseguisse, a coluna de guerreiros em investida a carregou mais para dentro da cidade.

— Matador de Espectros, por que o Sábio Pesaroso deixou a floresta?

— indagou Blödhgarm, aproximando-se de Eragon lateralmente.

— Ele e seu companheiro acreditam que chegou a hora de atacar o Império e revelar sua presença para Galbatorix.

O pêlo do elfo se encrespou.

— Essa é de fato uma notícia importantíssima. Eragon voltou a montar em Saphira.

— Abram caminho até o castelo. Nos encontramos lá — instruiu ele a Blödhgarm e seus outros guardas.

Sem esperar pela resposta do elfo, Saphira pulou para a escada que levava ao topo das muralhas da cidade. Os degraus de pedra rachavam sob seu peso enquanto ela subia até o parapeito largo, de onde alçou vôo acima dos casebres em chamas do lado de fora de Feinster, batendo forte as asas para ganhar altitude.

Arya terá de nos dar permissão antes que possamos transmitir para qualquer pessoa a notícia de Oromis e Glaedr, comentou Eragon, lembrando-se do juramento de sigilo que ele, Orik e Saphira haviam prestado à rainha Islanzadí durante sua primeira visita a Ellesméra.

Tenho certeza de que ela dará permissão assim que ouvir nosso relato, respondeu Saphira.

Certo.

Eragon e Saphira voaram de um lugar para outro dentro de Feinster pousando onde quer que avistassem um aglomerado maior de homens ou onde quer que membros dos Varden parecessem estar cercados. A menos que alguém atacasse primeiro, Eragon procurava convencer cada grupo de inimigos a se entregar. Fracassava tanto quanto tinha êxito, mas se sentia melhor por ter tentado, porque muitos dos homens que ocupavam as ruas eram cidadãos normais de Feinster, não soldados treinados.

— O Império é nosso inimigo; você, não — dizia ele a cada um. —

Não pegue em armas contra nós e não terá motivo para nos temer.

As poucas vezes em que Eragon avistou uma mulher ou criança correndo pela cidade escura, ordenou-lhes que se escondessem na casa mais próxima; e, sem exceção, obedeceram.

Eragon examinou a mente de cada pessoa ao seu redor e de Saphira, em busca de mágicos que pudessem representar-lhes perigo, mas não encontrou nenhum feiticeiro além dos três que já havia visto. E estes tinham o cuidado de manter-lhe seus pensamentos ocultos. O que o preocupava era o fato de não terem voltado à luta de nenhuma forma perceptível.

Pode ser que pretendam abandonar a cidade, comentou com Saphira. *Será que Galbatorix os deixaria partir no meio de uma batalha?*

Duvido que queira perder um feiticeiro que seja.

Pode ser, mas devíamos ter muito cuidado. Quem sabe o que estão planejando?

Eragon deu de ombros. *Por enquanto, o melhor afazer é ajudar os Varden a controlar Feinster o mais rápido possível.*

Ela concordou e se voltou para uma escaramuça numa praça próxima. Lutar numa cidade era diferente de lutar em campo aberto, como Eragon e Saphira estavam acostumados. As ruas estreitas e as construções juntas demais prejudicavam os movimentos do dragão e dificultavam a reação quando soldados atacavam, apesar do Cavaleiro perceber a aproximação dos homens muito antes de eles chegarem. Seus confrontos com os soldados acabavam se tornando combates sinistros e desesperados, interrompidos somente pela eventual explosão de fogo ou de magia. Mais de uma vez, Saphira destruiu a fachada de uma casa com um movimento descuidado do rabo. Os dois sempre conseguiam escapar de lesões permanentes, graças a uma combinação de sorte, talento e das proteções de Eragon, mas os ataques os deixaram mais cautelosos e tensos do que normalmente ficavam em batalhas.

O quinto confronto desse tipo deixou Eragon com tanta raiva que, quando os soldados começaram a fugir, como sempre faziam no final, ele os perseguiu, determinado a matar até o último deles. Os combatentes o surpreenderam ao guinar na rua para entrar numa chapelaria, destruindo a porta de grade.

Eragon seguiu-os, saltando por cima dos destroços da porta. O interior da loja era de um negrume total e cheirava a penas de galinha e perfume velho. Poderia ter iluminado a loja com magia; mas, como sabia que os soldados estavam em desvantagem, conteve-se. Sentia que suas mentes estavam por perto e ouvia sua respiração entrecortada, mas não tinha certeza do que se encontrava no espaço que o separava deles. Foi avançando devagar pela escuridão da loja, tateando o caminho com os pés. Mantinha o escudo à sua frente e Brisingr acima da cabeça, pronta para um golpe.

Leve como o som de um pedaço de linha que cai no chão, Eragon ouviu um objeto riscando o ar.

Deu um salto abrupto para trás e cambaleou quando uma maça ou martelo atingiu seu escudo, partindo-o em pedaços. Irromperam gritos. Um homem derrubou uma cadeira ou uma mesa, e alguma coisa se espatifou numa parede. Eragon golpeou a esmo e sentiu Brisingr afundar em carne e se enterrar em ossos. Um peso arrastava a ponta da espada. Eragon a arrancou com um puxão, e o homem que ele havia atingido desabou aos seus pés. Eragon ousou olhar para trás para Saphira, que esperava por ele na rua estreita lá fora. Só nesse momento viu que havia uma lanterna instalada num poste de ferro ao lado da rua e que a luz lançada por ela o deixava visível para os soldados. Saiu rapidamente do portal aberto e dispensou o que restava do seu escudo.

Mais um estrondo reverberou pela loja, e houve uma confusão de passadas quando os soldados saíram correndo pelos fundos e subiram um lance de escada. Eragon subiu atrás. O segundo andar era a moradia da família à qual pertencia a loja ali embaixo. Algumas pessoas gritaram, e um bebê

começou a chorar enquanto Eragon pulava por um labirinto de cômodos pequenos; mas não lhes deu atenção, de tão concentrado que estava na perseguição. Por fim, encurralou os soldados numa sala de estar apertada, iluminada por uma única vela que bruxuleava.

Eragon matou os quatro soldados com quatro golpes da espada, encolhendo-se quando o sangue respingou nele. Aproveitou para pegar um escudo novo de um deles e então parou para examinar os corpos.

Pareceu grosseiro deixá-los jogados no meio do lugar. Por isso, atirouos por uma janela próxima. No caminho de volta para a escada, um vulto saiu de uma quina e tentou fincar uma adaga nas costelas de Eragon. A ponta da adaga parou a menos de um centímetro do seu corpo, impedida de avançar pelas suas proteções. Surpreso, Eragon levantou Brisingr e estava prestes a arrancar a cabeça do adversário quando percebeu que quem brandia a adaga era um garoto magro de não mais de treze anos.

Eragon ficou petrificado. *Esse poderia ser eu,* pensou. *Eu teria feito o mesmo se estivesse no seu lugar.* Olhando para além do menino, Eragon avistou um homem e uma mulher em pé, de roupa de dormir e gorro, um agarrado ao outro, olhando apavorados para ele.

Um tremor percorreu seu corpo. Abaixou Brisingr e, com a mão livre, tirou a adaga das mãos agora relaxadas do menino.

— Se eu fosse vocês — disse Eragon, e a altura da sua voz o espantou

— não sairia enquanto a batalha não tiver terminado. — Hesitou e então acrescentou um pedido de desculpas.

Envergonhado, Eragon saiu às pressas da chapelaria e foi se juntar a Saphira. Os dois seguiram pela mesma rua.

Não longe da chapelaria, dragão e Cavaleiro depararam com alguns homens do rei Orrin que

vinham carregando castiçais de ouro, travessas e utensílios de prata, jóias e uma variedade de objetos tirados de uma mansão bem mobiliada que haviam arrombado.

Eragon arrancou uma pilha de tapetes dos braços de um homem.

— Devolvam essas coisas! — gritou ele para todo o grupo. — Estamos aqui para *ajudar* essa gente, não para lhes roubar nada! Eles são nossos irmãos e irmãs, nossos pais e mães. Não vou castigá-los desta vez, mas espalhem o aviso de que, se vocês ou quaisquer outros forem apanhados saqueando, eu mandarei enforcá-los e açoitá-los como os ladrões que de fato são! — Saphira rugiu, reforçando a mensagem de Eragon. Sob seu olhar vigilante, os guerreiros repreendidos devolveram a pilhagem para a mansão de mármore. *Agora,* disse Eragon a Saphira, *pode ser que consigamos. .*

— Matador de Espectros! Matador de Espectros! — gritava um homem que corria na sua direção, de algum lugar mais para dentro da cidade. Suas armas e armadura o identificavam como um Varden.

— O que foi? — perguntou Eragon, apertando Brisingr com mais força.

— Precisamos da sua ajuda, Matador de Espectros. E da sua também, Saphira!

Eles seguiram o guerreiro por Feinster até chegarem a uma grande construção de pedra. Algumas dezenas de Varden estavam agachados por trás de um muro baixo diante da construção. Pareceram aliviados ao ver Eragon e Saphira.

— Não se aproximem! — disse um Varden, com um gesto. — Aí

dentro há todo um pelotão de soldados, e seus arcos estão nos mirando. Cavaleiro e dragão pararam exatamente fora do ângulo de visão do prédio.

— Não conseguimos chegar a eles — disse o guerreiro que os tinha buscado. — As portas e janelas estão tapadas, e atiram em nós se tentamos abrir caminho destruindo os tapumes.

Eragon olhou para seu dragão. *Quem vai até lá, eu ou você?*

Eu cuido disso, respondeu Saphira, saltando para o ar com um farfalhar das asas que se abriram.

O prédio oscilou, com janelas se estilhaçando, quando Saphira pousou no telhado. Eragon e os outros guerreiros olharam assombrados quando ela encaixou a ponta das garras nos sulcos de argamassa entre as pedras e rosnando com o esforço, demoliu o prédio até expor os soldados apavorados, que matou como um terrier mata ratos.

Quando Saphira voltou para o lado de Eragon, os Varden abriram espaço para ela, nitidamente assustados com a demonstração de sua ferocidade. Não lhes deu atenção e começou a lamber as patas, para limpar o sangue grudado nas escamas.

Alguma vez lhe disse como me sinto feliz por nós não sermos inimigos?, perguntou Eragon.

Não, mas é muita gentileza sua.

Pela cidade inteira, os soldados lutavam com uma tenacidade que impressionou Eragon. Cediam terreno somente quando forçados e faziam de tudo para retardar o avanço dos Varden. Por causa dessa resistência determinada, os Varden só chegaram ao lado ocidental da cidade, onde se erguia o castelo, quando a primeira claridade fraca do amanhecer começava a se espalhar pelo céu.

O castelo tinha uma estrutura imponente: alto, quadrado e provido de numerosas torres de alturas diferentes. O telhado era de ardósia para que quem o atacasse não conseguisse incendiá-lo. Na frente, havia um pátio espaçoso — no qual haviam sido construídos alguns anexos baixos e uma fileira de quatro catapultas. E, cercando tudo isso, uma grossa ante-muralha dotada de suas próprias torres menores. Centenas de soldados ocupavam as ameias, outras centenas se apinhavam no pátio. A única forma de entrar no pátio pelo chão era por um corredor largo aberto em arco na antemuralha, fechado tanto por uma grade levadiça quanto por um par de grossos portões de carvalho.

Alguns milhares de Varden estavam aglomerados de encontro à

antemuralha, lutando para romper a grade levadiça com o aríete que haviam trazido do portão principal da cidade, ou então para galgar as muralhas com escadas e ganchos de escalada, que os defensores não paravam de empurrar de volta. Bandos de flechas gemiam, descrevendo arcos para lá e para cá por cima da muralha. Nenhum dos dois lados parecia estar com a vantagem.

O portão!, apontou Eragon.

Saphira desceu de muito alto e, com um violento jato de fogo, esvaziou o parapeito acima da grade levadiça, deixando a fumaça escapar pelas narinas. Ela se deixou cair no topo da muralha, com um solavanco que atingiu Eragon. *Vá, Eu cuido das catapultas antes que comecem a atirar rochas sobre os Varden. Lenha cuidado.* Ele desceu de seu dorso para o parapeito. *São eles que devem ler cuidado!,* respondeu ela, rosnando para os tanoeiros que se reuniam em torno das catapultas. Metade deles deu meia-volta e fugiu para dentro do castelo.

A muralha era muito alta para Eragon pular sem riscos para a rua lá

embaixo. Por isso, Saphira deixou o rabo cair por um lado, prendendo-o entre dois merlões. Eragon embainhou Brisingr e então desceu, usando os espinhos no rabo como degraus numa escada de mão. Quando chegou à ponta, soltouse e caiu os seis metros que faltavam. Rolou para reduzir o impacto quando parou no meio da multidão dos Varden.

— Saudações, Matador de Espectros — cumprimentou Blödhgarm, saindo da aglomeração com os outros onze elfos.

— Saudações. Eragon sacou Brisingr novamente. — For que vocês ainda não abriram o portão para os Varden?

— O portão está protegido por muitos encantamentos, Matador de Espectros. Muita força seria necessária para destroçá-lo. Meus companheiros e eu estamos aqui para sua proteção e para a de Saphira. E não poderemos cumprir nosso dever se nos esgotarmos em outras tarefas.

— Você prefere que eu e Saphira nos esgotemos, Blödhgarm? —

perguntou Eragon, reprimindo uma maldição. — Isso nos deixará mais seguros?

O elfo olhou fixamente para Eragon por um momento, os olhos amarelos indecifráveis, e então abaixou de leve a cabeça.

— Abriremos o portão imediatamente, Matador de Espectros.

— Não, não abram — retrucou Eragon, irritado. — Esperem aqui. Eragon abriu caminho até a frente dos Varden e seguiu a passos largos até a grade fechada.

— Abram espaço! — gritou, gesticulando para os guerreiros. Os Varden recuaram, deixando uma área livre com uns seis metros de largura. Um dardo lançado por uma balista ricocheteou nas proteções de Eragon e seguiu girando por uma rua transversal. Saphira rugiu de dentro do pátio, e então vieram os sons de madeira que se partia e de cordas retesadas que se rompiam.

Segurando a espada com as duas mãos, Eragon a ergueu acima da cabeça e gritou "Brisingr!". A lâmina irrompeu num fogo azul, e os guerreiros atrás dele soltaram exclamações de espanto. Eragon deu um passo adiante e golpeou uma das barras transversais da grade levadiça. Um clarão ofuscante iluminou a muralha e os prédios vizinhos enquanto a espada cortava com facilidade a grossa barra de metal. Ao mesmo tempo, Eragon percebeu um repentino cansaço quando Brisingr rasgou as proteções aplicadas à grade levadiça. Ele sorriu. Corno tinha esperado, as fórmulas de contramagia com que Rhunön impregnara Brisingr eram mais do que suficientes para derrotar os encantamentos.

Num ritmo rápido, porém constante, Eragon abriu o maior buraco possível na grade levadiça e se postou de lado quando o trecho solto do gradil tombou direto nas pedras do calçamento com um ruído estridente. Passou pela grade caída e avançou para as portas de carvalho escondidas mais adiante dentro da antemuralha. Alinhou Brisingr com a tenda finíssima entre as duas portas, pôs seu peso por trás da espada e empurrou a lâmina através da brecha estreita até ela sair do outro lado. Então, aumentou o fluxo de energia para o fogo que ardia em torno da lâmina até a arma ficar quente o bastante para atravessar a madeira densa com a mesma facilidade com que uma faca corta o pão recém-assado. Uma enorme quantidade de fumaça subiu em espirais a partir da lâmina, fazendo com que a garganta e os olhos de Eragon ardessem. Ele subiu a espada gradativamente, queimando a enorme viga que travava as portas por dentro. Assim que sentiu diminuir a resistência à lâmina de Brisingr, recolheu a espada e extinguiu a chama. Estava usando luvas grossas e não hesitou em segurar as bordas incandescentes de uma porta para abri-la com um puxão vigoroso. A outra também se abriu

para fora, aparentemente por vontade própria, embora um instante depois Eragon visse que tinha sido aberta por Saphira. Estava sentada à direita da entrada, olhando para ele com olhos cintilantes, cor de safira. Atrás dela, as quatro catapultas estavam em ruínas.

Eragon foi se postar ao lado de seu dragão enquanto os Varden entravam no pátio em enxurrada, enchendo o ar com seus gritos de guerra clamorosos. Esgotado pelo esforço, Eragon pôs a mão sobre o cinto de Beloth, o Sábio, e reabasteceu suas forças precárias com parte da energia que armazenara nos doze diamantes ocultos ali. Ofereceu a que sobrava a Saphira, que estava tão cansada quanto ele, mas ela recusou. *Guarde-a para você mesmo. Não lhe resta tanto assim. Além do mais o que realmente preciso é de uma refeição e de uma boa noite de sono.*

Eragon se encostou nela e deixou que suas pálpebras se semicerrassem. *Em breve,* disse ele, *em breve, tudo isso estará acabado. Espero que sim,* respondeu ela.

Entre os guerreiros que passavam estava Angela, trajando sua estranha armadura verde e preta, com rebordos, e portando sua hûthvír, a arma em forma de bastão de lâmina dupla dos sacerdotes dos anões. A herbolária parou ao lado de Eragon, com uma expressão travessa.

— Exibição impressionante, mas não acha que está exagerando um pouco?

— O que quer dizer? — perguntou Eragon, carrancudo.

— Ora, vamos! — Ela ergueu uma sobrancelha. — Será que era realmente necessário incendiar sua espada?

A expressão de Eragon se desanuviou quando compreendeu a objeção de Angela. Deu uma risada.

— Não, para a grade levadiça, não, mas gostei de fazer daquele jeito. Além do mais, não tenho como impedir que seja assim. Dei à espada o nome de *Fogo* na língua antiga. E, cada vez que pronuncio a palavra, a lâmina se acende como um galho de madeira seca numa fogueira.

— Você deu à sua espada o nome de Fogo? — indagou Angela com

um sorriso de incredulidade. — Fogo? Como pôde escolher um nome tão sem graça? Bem que podia tê-la chamado de Lâmina de Labareda e deixar por isso mesmo. Fogo, faça-me o favor! Você não preferiria ter uma espada chamada Mordedora-de-Carneiros, Colhedora-de-Crisântemos ou algum outro nome mais criativo?

— Já tenho aqui minha Mordedora-de-Carneiros — disse Eragon, pondo a mão em Saphira. — Por que iria precisar de outra? Angela abriu um largo sorriso.

— Quer dizer que no final das contas você não é totalmente desprovido de humor! Talvez ainda haja esperança para você! — E foi embora dançando na direção do castelo, girando ao

seu lado o bastão de lâmina dupla e resmungando: — Fogo? Ora essa!

De Saphira veio um rosnado baixo: *Cuidado com quem chama de Mordedora- de-Carneiros, Eragon, ou você mesmo pode acabar sendo mordido. Está bem, Saphira.*

A SOMBRA DO FIM

quela altura, Blödhgarm e seus companheiros elfos já haviam se juntado a Eragon e Saphira no pátio, mas o Cavaleiro os ignorou e procurou Arya. Quando a avistou, correndo ao lado de Jörmundur,

A que estava em seu cavalo de batalha, saudou-a e brandiu a espada para atrair sua atenção.

Arya percebeu o chamado e apressou-se, sua passada tão graciosa quanto a de uma gazela. Desde a última vez em que haviam estado juntos, ela adquirira um escudo, um elmo completo e uma cota de malha. O metal de sua armadura brilhava com a mesma luminosidade acinzentada que permeava a cidade. Assim que ela parou, Eragon informou:

— Saphira e eu vamos entrar no castelo por cima e tentar capturar lady Lorana. Você quer vir conosco?

Arya concordou balançando firmemente a cabeça.

Saltando do chão para uma das pernas dianteiras de Saphira, Eragon alcançou a sela. Arya seguiu seu exemplo um instante após e se sentou logo atrás dele, as argolas de sua cota de malha pressionando as costas dele. Saphira abriu as asas aveludadas e alçou vôo, deixando Blödhgarm e os outros elfos olhando para cima com fisionomias frustradas.

— Você não deveria abandonar seus guardas assim — murmurou Arya

no ouvido esquerdo de Eragon. Ela o abraçou por trás e segurou com firmeza quando Saphira rodopiou acima do pátio.

Antes que pudesse responder, Eragon sentiu o toque da imensa mente de Glaedr. Por um momento, a cidade abaixo desapareceu, e viu e sentiu apenas o que o dragão dourado via e sentia.

Pequenas-flechas-pungentes-como-marimbondos atingiram sua barriga quando ergueu-se acima das cavernas-de-madeira espalhadas dos bípedes-de-orelhas-redondas. O ar estava tranqüilo e firme abaixo de suas asas, perfeito para o vôo que precisava realizar. Em suas costas, a sela roçou em suas escamas quando Oromis mudou de posição. Glaedr colocou a língua para fora e saboreou o estimulante aroma de sangue- derramado-com-gosto-de-carne-cozida-e-madeira-queimada. Estivera naquele lugar muitas vezes antes. Em sua juventude, era chamado de um outro nome que não Gil'ead, e, a época, os únicos habitantes

eram os elfos-de-língua-rápida-e-riso-obscuro e os amigos dos elfos. Suas visitas anteriores sempre foram prazerosas, mas era doloroso lembrar os dois companheiros- de-ninho que haviam morrido aqui, assassinados pelos Renegados-de-mente-deformada. O sol-preguiçoso-de-um-olho-só pairava acima do horizonte. Para o norte, Isenstar- grande-água era um lençol ondulante de prata reluzente. Abaixo, a manada dos orelhas- pontudas comandada por Islanzadí estava parada em torno da cidade-formigueiro-arrasado. Suas armaduras brilhavam como gelo esmagado. Uma fumaça azulada sobrepunha toda a área, espessa como a névoa fria da manhã.

E do sul, o pequeno-Thorn-nervoso-de-garras-cortantes batia suas asas em direção a Gil'ead, berrando seu desafio para todos ouvirem. Murtagh-filho-de-Morzan estava sentado sobre ele, e em sua mão direita, Zar'roc brilhava como uma garra. Lamento preencheu Glaedr quando avistou as duas infelizes crias. Gostaria que ele e Oromis não tivessem de matá-los. Mais uma vez, *pensou,* dragão deve lutar contra dragão e Cavaleiro deve lutar contra Cavaleiro, e tudo por causa daquele Galbatorix-destruidor-de-ovos. *De mau humor, Glaedr acelerou seu vôo e arreganhou as garras em preparação para esfacelar seus inimigos que estavam a caminho.* Eragon sentiu unia chicotada na cabeça quando Saphira guinou para o lado e descaiu alguns metros antes de se reequilibrar. *Você também viu aquilo?,* perguntou ela.

Sim. Preocupado, Eragon olhou para o alforje, onde estava escondido o coração dos corações de Glaedr, e imaginou se ele e Saphira não deveriam tentar ajudar Oromis e o dragão dourado. Mas ficou seguro ao lembrar que havia inúmeros feiticeiros entre os elfos. Seus professores não necessitariam de ajuda.

— Qual é o problema? — quis saber Arya, sua voz alta no ouvido de Eragon.

Oromis e Glaedr estão a ponto de enfrentar Thorn e Murtagh, respondeu Saphira.

Eragon sentiu Arya enrijecer atrás dele.

— Como vocês sabem?

— Explico depois. Só espero que não sejam feridos.

— Eu também — concordou Arya.

Saphira voou bem acima do castelo e então planou para baixo com asas silenciosas e aterrissou sobre o pináculo da mais alta torre. Quando Eragon e Arya saltaram sobre o telhado íngreme, Saphira dirigiu-se a eles: *Encontro vocês na câmara abaixo. A janela aqui é pequena demais para mim.* E decolou, a lutada de ar atingindo-os como um golpe.

Eragon e Arya se abaixaram sobre a borda do telhado e pularam para uma estreita saliência de pedra dois metros abaixo. Ignorando a queda vertiginosa que o esperava se escorregasse, o Cavaleiro avançou gradualmente pela saliência até uma janela em forma de cruz, onde entrou numa grande sala quadrada com uma coleção de bestas e estrados com pesadas balistas. Se

alguém estava na sala quando Saphira aterrissou, já não estava mais. Arya escalou a janela depois dele. Ela inspecionou a sala, então fez um gesto indicando as escadas no canto e seguiu nesta direção, suas botas de couro silenciosas sobre o chão de pedra.

À medida que a seguia, Eragon sentiu uma estranha confluência de energias abaixo deles e também as mentes de cinco pessoas cujos pensamentos estavam próximos a ele. Cauteloso em relação a um ataque mental, Eragon ensimesmou-se e se concentrou em recitar um fragmento de poesia élfica. Tocou Arya rio ombro e sussurrou:

— Deveríamos ter trazido Blödhgarm conosco.

Juntos, os dois desceram as escadas, fazendo todo o esforço para ficar em silêncio. A próxima sala da torre era muito maior do que a anterior. O pédireito tinha mais de nove metros de altura, e nele estava pendurada uma lanterna de vidro facetado. Uma chama amarela queimava em seu interior. Centenas de quadros cobriam as paredes: retratos de homens barbados em belos trajes e mulheres sem expressão sentadas ao lado de crianças com dentes afiados e achatados; paisagens marinhas soturnas e assoladas pelo vento representavam marinheiros afogados; e cenas de batalha representando humanos chacinando bandos de grotescos Urgals. Uma fileira de altas persianas de madeira na parede ao norte abria-se para uma varanda com uma balaustrada de pedra. Do lado oposto à janela, perto da parede, estava uma coleção de pequenas mesas redondas repletas de pergaminhos, três cadeiras acolchoadas e duas enormes urnas de cobre com buquês de flores secas. Uma mulher robusta, de cabelos grisalhos e usando um vestido azul-lavanda estava sentada em urna das cadeiras. Possuía uma forte semelhança com vários homens nos quadros. Um diadema de prata adornado com jade e topázio podia ser visto sobre sua cabeça.

No centro da sala estavam os três magos que Eragon vislumbrara antes na cidade. Os dois homens e a mulher estavam um de frente para o outro, os capuzes de suas túnicas jogados para trás e seus braços estendidos de cada lado, de modo que as pontas dos seus dedos se tocassem. Moviam-se em uníssono, murmurando uni encantamento familiar na língua antiga. Uma quarta pessoa estava sentada no meio do triângulo: um homem trajado do mesmo estilo, mas que não dizia nada, apenas fazia careta, como se estivesse sentindo dor.

Eragon invadiu a mente de um dos feiticeiros, mas o homem estava focado em sua tarefa, e o Cavaleiro não conseguiu acessar sua consciência, incapaz de subordiná-lo à sua vontade. O homem nem parecia notar o ataque. Arya deve ter tentado a mesma coisa, pois ela franziu o cenho e sussurrou:

— Foram bem treinados.

— Você sabe o que eles estão fazendo? — murmurou ele. Ela balançou a cabeça.

Então, a mulher com o vestido azul-lavanda levantou os olhos e avistou os dois agachados nos degraus de pedra da escada. Para a surpresa de Eragon, a mulher não gritou por ajuda. Apenas colocou um dedo sobre os lábios e então fez um gesto.

Eragon trocou olhares perplexos com Arya,

— Pode ser uma armadilha — sussurrou ele.

— Muito provavelmente — concordou ela. O que devemos fazer?

— Saphira está chegando?

— Sim.

— Então vamos cumprimentar nossos anfitriões.

Combinando os passos, desceram os degraus restantes e adentraram a sala sem tirar os olhos dos absortos magos.

— A senhora é lady Lorana? — perguntou Arya com uma voz suave

assim que pararam diante da mulher.

Ela inclinou a cabeça.

— Sim, bela cita. — Ela voltou o olhar na direção de Eragon: — E

você é o Cavaleiro de Dragão de quem nós temos ouvido muito falar recentemente? Você é Eragon Matador de Espectros?

— Sou — respondeu Eragon.

Uma expressão de alívio apareceu no rosto distinto da mulher.

— Ah, tinha esperança de que você apareceria. Você deve detê-los, Matador de Espectros. — E fez um gesto na direção dos magos.

— Por que a senhora não ordena que se rendam? — sussurrou Eragon.

— Não posso — respondeu Lorana. — Obedecem somente ao rei e a seu novo Cavaleiro. Fiz um juramento a Galbatorix, não tive escolha quanto a isso, portanto, não posso erguer um dedo contra ele ou seus criados. Do contrário eu mesma já teria providenciado sua destruição.

— Por quê? — quis saber Arya. — O que a senhora teme tanto? A pele em volta dos olhos de Lorana ficou enrugada.

— Eles sabem que não podem conter os Varden na atual situação, e Galbatorix não enviou reforços para nós. Então, estão tentando, não sei como, criar um Espectro na esperança de que o monstro se volte contra os Varden e espalhe tristeza e confusão nas fileiras inimigas.

Eragon foi tomado de horror. Não conseguia imaginar ter de enfrentar outro Durza.

— Mas um Espectro poderia igualmente se voltar contra eles e contra todos em Feinster, assim como contra os Varden.

Lorana assentiu.

— Não se importam. Desejam apenas causar o máximo de dor e destruição que puderem antes de morrer. São insanos, Matador de Espectros. Por favor, você tem de detê-los, pelo bem do meu povo!

Assim que ela parou de falar, Saphira aterrissou sobre a varanda do lado de fora da sala, quebrando a balaustrada com seu rabo. Deslocou as persianas com um único golpe da pata, quebrando as molduras como se fosse madeira velha. Então, empurrou sua cabeça e ombros na câmara e rosnou.

Os magos continuaram cantando, parecendo não notar sua presença.

— Céus — lamentou Lorana, agarrando os braços da cadeira.

— Certo. — Eragon sacou Brisingr e focou os magos, Saphira fez o mesmo pela direção oposta.

O mundo girou em torno dele e, mais uma vez, estava enxergando através dos olhos de Glaedr.

Vermelho. Preto. Lampejos de amarelo vibrante. Dor.. Dor-de-entortar-ossos em sua barriga e no ombro de sua asa esquerda. Dor corno não sentia há mais de cem anos. Então, alívio quando Oromis-parceiro-de-sua-vida curou seus ferimentos. Glaedr reequilibrou-se e procurou Thorn. O pequeno-dragão-picanço-vermelho em mais forte e mais rápido do que Glaedr previra, devido à interferência de Galbatorix. Thorn golpeou o flanco esquerdo de Glaedr, seu lado fraco, onde perdera sua perna dianteira. Giraram um em volta do outro, desabando em direção ao chão-achatado-e-duro- que-arrebenta-asas. Glaedr mordia e rasgava e arranhava com seus pés traseiros, tentando submeter o dragão menor.

Você não *me* superará, fedelho, *disse para si.* Eu já era velho antes de você nascer.

Garras-brancas-em-forma-de-adaga rasgaram Glaedr nas costelas e na parte inferior. Flexionou seu rabo e golpeou Thorn-rosnador-de-dentes-longos na perna, penetrando-o na coxa com um ferrão em seu rabo. O combate há muito já exaurira os escudos-invisíveis-de-encantamentos dos dois, deixando-os vulneráveis a todo tipo de ferimento.

Quando o chão rodopiante estava a apenas alguns metros de distância, Glaedr respirou fundo e jogou a cabeça para trás. Enrijeceu o pescoço e a barriga e liberou o denso-fluido-de-fogo das profundezas de seu estômago. O fluido entrou em combustão ao se combinar com o ar em sua garganta. Escancarou as mandíbulas e inundou o dragão vermelho com fogo, engolfando-o em um casulo flamejante. A torrente de chamas-rodopiantes-e-famintas-para-agarrar-algo produziu uma comichão na parte interna das bochechas de Glaedr.

Selou a garganta, encerrando o fluxo de fogo quando ele e o dragão-de-garras- cortantes-que-guincha-e-se-contorce se separaram. De suas costas, Glaedr ouviu Oromis dizer:

— A força dos dois está desaparecendo. Posso ver pela postura. Com mais alguns minutos, a concentração de Murtagh falhará e serei capaz de assumir o controle de seus pensamentos. Ou, se preferirmos, os matamos com uma espada e com uma de suas presas. Glaedr rosnou em concordância, frustrado por ele e Oromis não ousarem se comunicar com suas mentes, como normalmente faziam. Alçando vôo sobre o vento-quente- da-terra-cultivada, voltou-se para Thorn, cujos membros pingavam sangue purpúreo. Então, rosnou e se preparou para lutar mais uma vez.

Eragon mirou o teto, desorientado. Estava deitado de costas na torre do castelo. Ajoelhada ali perto estava Arya, preocupação estampada em seu rosto. Ela o pegou com um braço e o ajudou a se levantar, equilibrando-o quando cambaleou. Do outro lado da sala, Eragon viu Saphira balançar a cabeça, e sentiu como da própria estava confusa.

Os três magos ainda estavam em pé com seus braços estendidos, se movendo lentamente e cantando na língua antiga. As palavras do encantamento soavam com uma força incomum e continuavam audíveis muito tempo além do normal. O homem que estava sentado aos pés do trio agarrou os joelhos, todo o seu corpo tremendo enquanto sacudia a cabeça de um lado para o outro.

— O que aconteceu? — perguntou Arya, em um tom baixo, porém tenso. Ela trouxe Eragon para mais perto de si e baixou ainda mais a voz. —

Como você consegue saber o que Glaedr está pensando tão longe daqui e com sua mente fechada até mesmo para Oromis? Perdoe-me por tocar cm seus pensamentos sem permissão, Eragon, mas estava preocupada com seu bem-estar. Que tipo de laço você e Saphira têm com Glaedr?

— Mais tarde — respondeu ele, e endireitou os ombros.

— Oromis lhe deu algum amuleto ou algum outro objeto que permite que você contate Glaedr?

— Eu levaria muito tempo para explicar. Mais tarde. Prometo. Arya hesitou, e então assentiu.

— Vou lembrar a promessa.

Juntos, Eragon, Saphira e Arya avançaram na direção dos magos e atacaram cada um em separado. Um som metálico preencheu a sala quando Brisingr foi desviada antes de atingir seu alvo, torcendo o ombro de Eragon. Da mesma maneira, a espada de Arya bateu em unia proteção, assim como a pata dianteira direita de Saphira. Suas garras chiaram no piso de pedra. Concentre nesse aqui — gritou Eragon, e apontou para o feiticeiro mais alto, uni homem pálido com uma barba desgrenhada. — Depressa, antes que consigam convocar algum espírito!

Eragon ou Arya poderiam ter tentado enredar ou exaurir as proteções dos feiticeiros com. encantamentos próprios, mas usar magia contra outro mago é sempre uma proposta perigosa, a menos que a mente esteja sob seu controle. Nem Eragon nem Arya queriam arriscar serem mortos por uma proteção que ainda ignoravam.

Atacando alternadamente, Eragon, Saphira e Arya cortaram, golpearam com as espadas e agrediram o feiticeiro barbudo por quase um minuto. Nenhum dos golpes atingiu o homem. Então, finalmente, depois de um ínfimo indício de fraqueza, Eragon sentiu alguma coisa recuando sob a força de Brisingr, e a espada continuou seu caminho e arrancou a cabeça do feiticeiro. O ar em frente a Eragon brilhou vividamente. No mesmo instante, sentiu um súbito esgotamento de sua força à medida que suas proteções o defendiam de um encantamento desconhecido. O assalto cessou depois de alguns segundos, deixando-o tonto e com a cabeça leve. Seu estômago roncava. Fez uma careta e se fortificou com a energia do cinto de Beloth, o Sábio.

A única reação que os outros dois magos exprimiram em função da morte do companheiro foi aumentar a velocidade da invocação. Uma espuma amarela estava grudada nos cantos de suas bocas, saliva voava de seus lábios e a brancura dos seus globos oculares estava visível; ainda assim não faziam nenhuma tentativa de fugir ou de atacar.

Passando para o feiticeiro seguinte — um homem corpulento com anéis nos polegares —, Eragon, Saphira e Arya repetiram o procedimento que haviam utilizado com o primeiro mago: alternando golpes até obterem sucesso em superar suas proteções. Foi Saphira quem matou o homem, arremessandoo para cima com um movimento de suas garras. Ele atingiu a escada e teve o crânio esfacelado no canto de um degrau. Dessa vez não houve retaliação mágica.

Assim que Eragon se moveu na direção da feiticeira, um emaranhado de luzes multicoloridas invadiu a sala através das persianas quebradas e convergiram sobre o homem sentado no chão. Os espíritos cintilantes brilhavam com uma nervosa virulência. Começaram, então, a circundar o homem, formando uma parede impenetrável. Ele levantou os braços, como se estivesse se protegendo, e gritou. O ar zuniu e chiou com a energia que irradiava das esferas tremeluzentes. Um sabor amargo, parecido com ferro, revestiu a língua de Eragon, e sua pele ardeu. Os cabelos da feiticeira arrepiaram-se. Do lado oposto ao dela, Saphira sibilou e arqueou as costas. Cada músculo de seu corpo ficou rígido.

Um raio de medo atravessou Eragon. *Não!,* pensou, sentindo-se enjoado. *Não agora. Não depois de tudo por que passamos.* Ele estava mais forte do que quando enfrentara Durza em Tronjheim, mas também estava muito mais ciente de como um Espectro podia ser perigoso. Somente três Cavaleiros, em toda a história, haviam sobrevivido a um ataque de um Espectro: Laetri, a elfa, Irnstad, o Cavaleiro, e ele próprio, e não tinha confiança de que pudesse repetir o feito. *Blödhgarm, onde está você?,* Eragon gritou com sua mente. *Precisamos de sua ajuda!*

Então, tudo em volta de Eragon desapareceu e somente enxergou:

Brancura. Pura brancura. A água-do-céu-fria-e-macia era um bálsamo nos membros

feridos de. Glaedr depois do sufocante calor do combate. Ele batia as asas, dando boas-vindas afina cobertura de umidade que se acumulava cm sua lingua-seca-e-pegajosa. Golpeou novamente o ar e água-do-céu se dividiu diante dele, revelando o sol- brilhante-que-queima-as-costas e a terra-desorganizada-verde-e-marrom. Onde está ele?, *Glaedr imaginou. Balançou a cabeça, em busca de Thorn. O pequeno-dragão-picanço- vermelho voara bem acima de Gil'ead, mais alto do que qualquer pássaro normalmente voaria, onde o ar era rarefeito e a respiração fumaça-de-água.*

— Glaedr, atrás de nós! — Oromis gritou.

Glaedr girou o corpo, lento demais. O dragão vermelho se chocou contra seu ombro esquerdo, desequilibrando-o. Rosnando, Glaedr envolveu sua perna dianteira restante na cria-feroz-que-morde-e-arranha e procurou arrancar a vida do corpo agonizante de Thorn. O

dragão mais jovem rugiu e escapou em parte do abraço de Glaedr, enterrando suas garras no peito do dragão dourado. Glaedr arqueou seu pescoço, enterrou seus dentes na perna esquerda traseira de Thorn e, assim, o manteve preso, embora o dragão vermelho se enroscasse e desse chutes como um gato selvagem fechado. Sangue-quente-e-salgado inundou a boca de Glaedr.

Quando começaram a cair vertiginosamente, Glaedr ouviu o som de espadas atacando escudos, com Oromis e Murtagh trocando uma série de golpes. Thorn estava trêmulo de agonia, e Glaedr vislumbrou Murtagh-filho-de-Morzan. Glaedr achou que o humano parecia assustado, mas não estava totalmente certo. Mesmo após tantos anos de união com Oromis, ele ainda tinha dificuldade em decifrar as expressões dos bípedes-sem- chifre, com seus rostos suaves e neutros e a falta de rabo.

O som de metal contra metal cessou, e Murtagh gritou:

— Maldito seja por não ter se mostrado antes! Maldito seja! Você poderia ter nos ajudado! Você poderia ter.. — Ele parecia ter engasgado por um instante. Glaedr grunhiu quando uma força invisível interrompeu abruptamente a queda em que se encontravam, quase o soltando da perna de Thorn, e em seguida ergueu os quatro céu acima, mais e mais alto, até a cidade-formigueiro-arrasado virar uma pequena mancha e o próprio Glaedr ter dificuldades para respirar no ar rarefeito. O que o fedelho está fazendo?, *Glaedr imaginou, preocupado.* Está tentando se matar?

Então, Murtagh voltou a falar, e quando o fez, sua voz estava mais possante e profunda do que antes, e ecoava como se estivesse em um corredor vazio. Glaedr sentiu as escamas em seu ombro formigarem ao reconhecer a voz de seu antigo inimigo.

— Quer dizer que sobreviveram, Oromis e Glaedr — disse Galbatorix. Suas palavras eram redondas e suaves, como as de um orador profissional, e o tom era enganadoramente amigável. — Há muito tempo desconfio de que os elfos poderiam estar escondendo um

dragão ou um Cavaleiro de mim. É gratificante poder confirmar minhas suspeitas.

— Desapareça, vil traidor de juramentos! — gritou Oromis. — Você não deveria ter nenhuma satisfação vinda de nós!

Galbatorix gargalhou.

— Que saudação mais dura. É pena, Oromis-elda. Os elfos esqueceram sua famosa cortesia ao longo do último século?

— Você não merece mais cortesia do que um lobo raivoso.

— Ah, Oromis. Lembre-se do que me disse quando eu estava diante de você e dos outros Anciões: "Raiva é um veneno. Vocês devem purgá-la de suas mentes ou, do contrário, ela corromperá suas principais virtudes." Você deveria seguir seu próprio conselho.

— Você não consegue me confundir com sua língua viperina, Galbatorix. Você é

uma abominação, e cuidaremos para que você seja eliminado, mesmo que isso custe nossas vidas.

— Mas por que deve ser assim, Oromis? Por que deve me confrontar? Fico triste por você ter permitido que seu ódio distorcesse sua sabedoria, pois você era um homem sábio, Oromis, talvez o mais sábio membro de toda a nossa ordem. Você foi o primeiro a reconhecer a loucura que estava devorando minha alma, e foi você que convenceu os outros Anciões a negar meu pedido de um outro ovo de dragão. Isso foi bastante sábio de sua parte, Oromis. Inútil, mas sábio. E, de alguma maneira, você conseguiu escapar de Kialandí e Formora, mesmo depois de ser derrotado por eles. E, então, escondeu-se até que todos os seus inimigos, exceto um, tivessem morrido. Isso também foi muito sábio da sua parte, elfo. Galbatorix fez uma breve pausa em seu discurso.

— Não há necessidade de continuar lutando contra mim. Admito de livre e espontânea vontade que cometi terríveis crimes na minha juventude, mas aqueles dias já

passaram faz muito tempo. E quando reflito acerca do sangue que derramei, minha consciência fica atormentada. Mesmo assim, o que você faria comigo? Não posso desfazer meus atos. Agora, minha grande preocupação é garantir a paz e a prosperidade do Império que domino e governo. Você não consegue enxergar que perdi minha sede por vingança? A raiva que me conduziu por tantos anos se queimou até virar cinza. Faça essa pergunta a si, Oromis: quem ê responsável pela guerra que varreu a Alagaësia? Eu não sou. Os Varden provocaram esse conflito. Eu teria ficado contente de governar meu povo e deixar os elfos, os anões e os surdanos com seus próprios planos. Mas os Varden não podiam deixar nada em paz. Eles escolheram roubar o ovo de Saphira. São eles que cobrem a terra com montanhas de corpos. Não eu. Você já foi sábio, Oromis, pode ser sábio novamente. Desista de seu ódio e junte-se a mim em Ilirea. Com você do meu lado, podemos dar um fim a esse conflito e inaugurar uma era de paz que durará mil anos ou mais.

Glaedr não ficou convencido. Apertou com mais força suas garras-de-esmagar-e- retalhar, fazendo com que Thorn uivasse. O ruido-de-dor pareceu incrivelmente alto após o discurso de Galbatorix.

Oromis retrucou num tom claro e firme.

— Não. Você não pode nos fazer esquecer suas atrocidades com um bálsamo de mentiras adocicadas. Solte-nos! Você não possui os meios para nos reter aqui muito mais tempo. E recuso essa barganha sem sentido com um traidor como você.

— Rá! Você é um velho decrépito e idiota — devolveu Galbatorix, e sua voz adquiriu um tom zangado e duro. — Você deveria ter aceitado minha oferta. Teria uma posição proeminente entre meus escravos. Vou fazê-lo lamentar sua devoção insana a sua assim chamada justiça. E você está errado. Posso manter vocês aqui o quanto desejar, porque fiquei tão poderoso quanto um deus e não existe nenhuma criatura que possa me deter!

— Você não vencerá — afirmou Oromis. — Até mesmo deuses não duram para sempre.

Ao ouvir isso, Galbatorix proferiu um hediondo juramento.

— Sua filosofia não me conterá, elfo! Sou o maior dos magos, e logo serei maior ainda. A morte não me levará. Você, entretanto, morrerá. Mas antes sofrerá. Vocês dois sofrerão além da imaginação. Então, matarei você, Oromis, e tomarei seu coração dos corações, Glaedr, e você me servirá até o fim dos tempos.

— Jamais! — exclamou Oromis.

E Glaedr ouviu novamente o retinir de espada contra armadura. O dragão dourado havia excluído Oromis de sua mente durante o combate, mas seus laços iam além do pensamento consciente, de modo que sentiu quando seu Cavaleiro ficou rígido, incapacitado pela dor lancinante em seu osso-ferido-e-nervo-putrefato. Alarmado, Glaedr soltou a perna de Thorn e tentou chutar para longe o dragão. Thorn uivou com o impacto, mas permaneceu onde estava. O encantamento de Galbatorix mantinha os dois no lugar — incapazes de se mover mais do que alguns metros para qualquer direção. Outro retinir metálico pôde ser ouvido acima, e então Glaedr viu Naegling cair ao seu lado. A espada dourada lampejou e cintilou ao desabar em direção ao chão. Pela primeira vez, a garra fria do medo atacou Glaedr. A maior parte da energia-volitiva— do - mundo de Oromis estava estocada na espada, e suas proteções estavam ligadas à lâmina. Sem ela, ele ficaria indefeso.

Glaedr se jogou contra os limites do encanto de Galbatorix, lutando com todo o seu poder para se libertar. Apesar de seus esforços, contudo, não conseguiu escapar. E assim que Oromis começou a se recuperar, Glaedr sentiu Zar'roc dilacerando Oromis do ombro aos quadris.

Glaedr uivou.

Uivou como Oromis uivara quando ele perdera sua perna.

Uma força inexorável se acumulou dentro da barriga de Glaedr. Sem parar para ponderar se seria possível, empurrou Thorn e Murtagh com uma rajada de magia, fazendo- os voar como se fossem folhas levadas pelo vento. Então, fixou as asas junto ao corpo e mergulhou na direção de Gil'ead. Se conseguisse chegar com rapidez suficiente, Islanzadí e seus feiticeiros poderiam ser capazes de salvar Oromis.

Mas a cidade estava muito distante. A consciência de Oromis estava vacilando. .. sumindo. . desaparecendo. .

Glaedr injetou sua própria força no corpo arruinado de Oromis, tentando sustentá-lo até que chegassem ao chão. Mas, apesar de toda a energia que forneceu a Oromis, não conseguiu parar o sangramento, o terrível sangramento.

Glaedr.. solte-me, *murmurou Oromis com a mente.*

Um instante depois, com uma voz mais fraca ainda, sussurrou: Não se lamente. *E então, o parceiro da vida inteira de Glaedr ingressou no vazio. Ele se foi.*

Ele se foi!

ELE SE FOI!

Escuridão. Vazio.

Glaedr estava sozinho.

Uma névoa carmesim descendeu sobre o mundo, pulsando em uníssono. Ele abriu as asas e tomou o caminho de volta, em busca de Thorn e seu Cavaleiro. Não os deixaria escapar. Ele os pegaria e os estraçalharia e os queimaria até que os tivesse erradicado da face da terra.

Glaedr localizou o dragão-picanço-vermelho mergulhando em sua direção, rosnou sua mágoa e dobrou sua velocidade. O dragão jovem desviou no último instante, na tentativa de se colocar ao lado do dragão dourado, mas não foi rápido o suficiente para escapar de Glaedr, que investiu e mordeu e dilacerou os últimos centímetros de seu rabo. Uma torrente de sangue espirrou da extremidade amputada. Ganindo de agonia, o dragão vermelho ziguezagueou e surgiu subitamente atrás de Glaedr, que começou a girar o corpo para encará-lo. Mas o dragão menor foi bem rápido, bem ágil. Glaedr sentiu urna dor aguda na base do crânio, e então sua visão fraquejou e sumiu.

Onde estava?

Estava sozinho.

Estava sozinho e no escuro.

Estava sozinho e no escuro, e não conseguia se mover ou enxergar. Podia sentir as mentes de outras criaturas próximas, mas não eram as mentes de Thorn e Murtagh, mas de Arya, Eragon e Saphira.

E então, Glaedr percebeu onde estava, e o verdadeiro horror da situação desabou sobre ele, e uivou para a escuridão. Uivou e uivou, e se entregou a sua agonia, não se importando com o que o futuro poderia trazer, pois Oromis estava morto, e ele estava só. Só!

Com um sobressalto, Eragon recobrou a consciência.

Estava enrascado sobre si mesmo. Lágrimas inundavam seu rosto. Arfando, se levantou do chão e procurou Saphira e Arya.

Levou alguns instantes para entender o que via.

A feiticeira que Eragon esteve a ponto de atacar estava deitada diante dele, morta por um único golpe de espada. Os espíritos que ela e seus companheiros haviam convocado não estavam mais visíveis. Lady Lorana ainda estava sentada na cadeira. Saphira lutava para se levantar no lado oposto da sala. E o homem que estivera sentado no chão em meio aos outros três feiticeiros, agora estava em pé ao seu lado, segurando Arya pelo pescoço. A cor desaparecera da pele do homem, deixando-o branco como osso. Seus cabelos, antes castanhos, agora eram de um vermelho vivido, e quando ele olhou para Eragon e sorriu, o Cavaleiro viu que seus olhos estavam avermelhados. Em todas as características de sua aparência e postura, o homem lembrava Durza.

— Nosso nome é Varaug — anunciou o Espectro. — Tenham medo

de nós.

Arya o chutou, mas seus golpes pareciam não surtir efeito.

A pressão fervente da consciência do Espectro atormentava a mente de Eragon, tentando quebrar suas defesas. A força do ataque imobilizou-o. Ele mal conseguia repelir a invasão do Espectro, quanto mais andar ou brandir uma espada. Por algum motivo, Varaug era ainda mais forte do que Durza, e Eragon não tinha certeza de quanto tempo ainda poderia suportar o poder do Espectro. Percebeu que Saphira também estava sendo atacada. Ela estava sentada rígida e imóvel, com os dentes à mostra, furiosa.

As veias na testa de Arya pulsavam, e seu rosto estava vermelho e roxo. Sua boca estava aberta, mas ela não respirava. Com a palma de sua mão esquerda, golpeou o cotovelo do Espectro e quebrou a junta com um estalido. O braço de Varaug ficou bambo e, por um momento, os pés de Arya roçaram o chão, porém logo os ossos do braço do Espectro voltaram ao lugar e ele a ergueu mais alto ainda.

— Vocês morrerão — rosnou Varaug. — Vocês todos morrerão por

nos aprisionar nesse barro duro e frio.

Saber que as vidas de Arya e Saphira estavam em perigo despiu Eragon de todas as emoções, exceto uma implacável determinação. Com os pensamentos tão afiados e límpidos como um caco de vidro, investiu contra a consciência fervente do Espectro. Varaug era muito poderoso, e os espíritos que residiam nele eram diferentes demais entre si para Eragon superar e controlar, de modo que procurou isolar o Espectro. Cercou a mente de Varaug com a sua: sempre que Varaug tentava alcançar Saphira ou Arya, Eragon bloqueava o raio mental, e sempre que o Espectro tentava mover seu corpo, Eragon contra-atacava o impulso com um comando seu.

Duelavam na velocidade do pensamento, combatendo em todas as direções ao longo do perímetro da mente do Espectro, que era uma paisagem tão confusa e incoerente que Eragon temia ficar louco se a olhasse por muito tempo. Eragon investia com o máximo de energia em seu duelo com Varaug, esforçando-se para prever cada movimento do Espectro, mas sabia que aquela disputa só poderia terminar com sua própria derrota. Por mais rápido que agisse, Eragon não conseguia antecipar os inúmeros movimentos de inteligência do Espectro.

A concentração de Eragon por fim fraquejou, e Varaug aproveitou a oportunidade para penetrar ainda mais a mente de Eragon, emboscando-o. . trespassando-o. . suprimindo seus pensamentos até que ele não pôde fazer mais nada além de mirar o Espectro com uma raiva muda. Um formigamento lancinante tomou conta de seus membros quando os espíritos começaram a percorrer seu corpo, atacando cada um de seus nervos.

— Seu anel está cheio de luz! — exclamou Varaug, seus olhos arregalados de prazer. — Bela luz! Vai nos alimentar por um bom tempo!

Então, rosnou de raiva quando Arya agarrou seu pulso e quebrou-o em três partes. Ela se livrou do aperto antes que o Espectro pudesse se curar, e caiu no chão, arfando. Varaug tentou chutá-la, mas ela rolou para longe. Saiu em busca de sua espada.

Eragon tremeu ao lutar para se livrar da opressiva presença do Espectro.

A mão de Arya se fechou sobre o punho de sua espada. Um grito sem palavra escapou do Espectro. Ele partiu para enfrentar a elfa e os dois rolaram no chão, lutando pelo controle da arma. Arya gritou e golpeou a cabeça de Varaug com o botão do cabo da espada. O Espectro ficou zonzo por um instante, e Arya cambaleou para trás e se levantou.

Num átimo, Eragon se livrou de Varaug. Sem se importar com sua própria segurança, retomou o ataque à consciência do Espectro. Seu único pensamento era detê-lo por alguns instantes.

Varaug apoiou-se sobre um joelho, e então fraquejou quando Eragon redobrou seus esforços.

— Pegue-o! — gritou Eragon.

Arya atacou, seus cabelos negros esvoaçantes. .

E ela golpeou o Espectro no coração.

Eragon recuou e desemaranhou-se da mente de Varaug no exato momento em que o Espectro rechaçava Arya. Puxando a lâmina de seu corpo, abriu a boca e proferiu um trêmulo e penetrante lamento que despedaçou os painéis de vidro da lanterna acima. Correu na direção de Arya, mas parou quando sua pele ficou transparente, revelando as dezenas de espíritos cintilantes aprisionados nos confins de sua carne. Os espíritos latejaram, crescendo, e a pele de Varaug se abriu pelas fibras entre os músculos. Com uma última explosão de luz, os espíritos rasgaram Varaug ao meio e fugiram da sala da torre, atravessando as paredes, como se a pedra não tivesse substância.

A pulsação de Eragon voltou lentamente ao normal. Então, sentindo-se muito velho e muito cansado, foi até Arya, que estava encostada em uma cadeira, com uma das mãos massageando o pescoço. Ela tossiu, cuspindo sangue. Como ela se sentia incapaz de falar, Eragon colocou sua mão sobre a dela e disse:

— Waíse heill. — À medida que a energia para aliviar os ferimentos da elfa fluía de Eragon, suas pernas enfraqueceram e ele precisou se apoiar na cadeira. — Melhor? — perguntou ele, assim que o encantamento terminou seu trabalho.

— Melhor — sussurrou Arya, e o brindou com um leve sorriso. Ela fez um gesto na direção de onde estivera Varaug. — Nós o matamos. . Nós o matamos, e ainda sim sobrevivemos. — Ela parecia surpresa. —

Pouquíssimos até hoje mataram um Espectro e sobreviveram.

— Isso é porque lutaram sozinhos, não juntos, como nós.

— Não, não lutaram como nós.

— Tive você para me ajudar em Farthen Dûr e você teve a mim para ajudá-la aqui.

— Sim.

— Agora vou ter de chamar *você* de Matadora de Espectros.

— Somos ambos. .

Saphira os espantou liberando um lamento longo e magoado. Ainda lamentando, arranhou as garras no chão, revolvendo e rachando as pedras. Seu rabo chicoteava de um lado para o outro, arrebentando os móveis e as soturnas pinturas na parede. *Eles se foram!,* ela disse. *Eles se foram! Eles se foram para sempre!*

— Saphira, o que há de errado? — exclamou Arya. Como Saphira não respondia, Arya repetiu a pergunta para Eragon.

Odiando as palavras que pronunciava, Eragon informou:

— Oromis e Glaedr estão mortos. Galbatorix os matou. Arya cambaleou como se tivesse sido atingida por um golpe.

— Oh. — Ela agarrou as costas da cadeira com tanta força que suas juntas ficaram esbranquiçadas. Lágrimas encheram os olhos puxados e se derramaram pelas bochechas e pelo rosto. — Eragon. — Ela se aproximou e o pegou no ombro e, quase por acidente, ele acabou abraçando-a, Eragon sentiu seus próprios olhos ficando molhados. Trincou a mandíbula num esforço para manter a compostura. Se começasse a chorar, sabia que não conseguiria mais parar.

Ele e Arya permaneceram abraçados por um longo tempo, um consolando o outro. Então, Arya se afastou.

— Como aconteceu?

— Oromis teve um de seus ataques, e enquanto ficou paralisado, Galbatorix usou Murtagh para. . — A voz de Eragon parou, e ele balançou a cabeça. — Conto tudo depois para você e para Nasuada. Ela precisa saber disso, e não quero ser obrigado a descrever o evento mais de uma vez. Arya assentiu.

— Então vamos nos encontrar com ela.

ALVORADA

uando desciam da sala na torre escoltando lady Lorana, Eragon

e Arya encontraram Blödhgarm e os outros onze elfos, que vinham subindo a escada de quatro em quatro degraus.

Q — Matador de Espectros! Arya! — exclamou uma elfa de

cabelos negros e longos. — Vocês estão feridos? Nós ouvimos

o lamento de Saphira e achamos que um de vocês havia morrido.

Eragon olhou de relance para Arya. Seu voto de sigilo prestado à rainha Islanzadí o impedia de falar sobre Oromis ou Glaedr na presença de qualquer pessoa que não fosse de Du Weldenvarden — como, por exemplo, lady Lorana —, sem permissão da rainha, de Arya ou de quem quer que suceda a Islanzadí no trono nodoso em Ellesméra.

— Eu os libero do juramento, Eragon e Saphira — Arya assentiu. —

Podem falar deles a quem quiserem.

— Não, não estamos feridos — informou Eragon. — Mas Oromis e

Glaedr acabam de morrer, abatidos em combate sobre Gil'ead.

Como se fossem um, os elfos gritaram, consternados, e então começaram a lançar dezenas de perguntas a Eragon.

— Controlem-se — pediu Arya, levantando a mão. — Este não é o momento nem o lugar para satisfazer sua curiosidade. Ainda há soldados à

solta, e não sabemos quem pode estar escutando. Mantenham a dor oculta no coração até que estejamos em perfeita segurança. — Ela parou e olhou para Eragon. — Explicarei em detalhes as circunstâncias da morte dos dois assim que eu mesma tomar conhecimento delas.

— Nen ono weohnata, Arya Dröttningu — murmuraram eles.

— Você ouviu meu chamado? — indagou Eragon a Blödhgarm.

— Sim — respondeu o elfo de pêlos. — Viemos o mais rápido possível, mas havia muitos soldados no caminho.

Eragon torceu a mão sobre o peito no tradicional gesto de respeito dos elfos.

— Peço desculpas por deixá-lo para trás, Blödhgarm-elda. O calor da batalha me tornou tolo e excessivamente confiante; e quase morremos por causa do meu erro.

— Não precisa se desculpar, Matador de Espectros. Hoje também cometemos um erro, que prometo que não se repetirá. De agora em diante, lutaremos ao seu lado e ao lado dos Varden, sem reservas.

Juntos, todos desceram a escada até o pátio lá fora. Os Varden haviam matado ou capturado a maioria dos soldados dentro do castelo, e os poucos homens que ainda lutavam se entregaram assim que viram lady Lorana sob a custódia dos Varden. Como o vão da escada era pequeno demais para ela, Saphira desceu planando para o pátio e, quando chegaram, ela já esperava por eles.

Eragon permaneceu ali com Saphira, Arya e lady Lorana, enquanto um dos Varden ia buscar Jörmundur. Quando se juntou ao grupo, o capitão foi informado do que ocorrera dentro da torre — o que lhe causou enorme espanto —, e então lady Lorana lhe foi entregue para ficar sob sua custódia.

— Lady — ele lhe fez uma reverência —, a senhora pode ter certeza de que a trataremos com o respeito e a dignidade devidos a alguém da sua posição. Podemos ser inimigos, mas ainda somos civilizados.

— Obrigada. E um alívio ouvir isso. Entretanto, meu principal interesse agora é pela

segurança dos meus súditos. Se for possível, gostaria de falar com sua líder, Nasuada, sobre os planos que ela tem para eles.

— Creio que ela também quer falar com a senhora.

— Sou-lhe imensamente grata, elfa — disse Lorana quando ia embora

—, e a você também, Cavaleiro de Dragão, por terem matado aquele monstro antes que ele espalhasse dor e destruição por Feinster. O destino nos colocou em lados contrários deste conflito, mas isso não significa que eu não possa admirar sua bravura e intrepidez. Como talvez nunca mais nos vejamos, que a sorte sorria para vocês dois.

— Que a sorte também lhe sorria, lady Lorana. — Eragon lhe fez uma reverência.

— Que as estrelas zelem pelo seu caminho — disse Arya. Blödhgarm e os elfos sob seu comando acompanharam Eragon,

Saphira e Arya na busca por Nasuada em Feinster. Eles a encontraram a cavalo percorrendo as ruas cinzentas, inspecionando os danos causados à

cidade.

Nasuada saudou Eragon e Saphira com um alívio evidente.

— Estou feliz por terem finalmente voltado. Nestes últimos dias andamos precisando de vocês por aqui. Vejo que está com uma espada nova, Eragon, uma espada de Cavaleiro de Dragão. Foram os elfos que lhe deram?

— De modo indireto, sim. — Eragon observou as diversas pessoas que estavam nas proximidades e abaixou a voz: — Nasuada, precisamos falar a sós com você. E importante.

— Muito bem. — Nasuada estudou os prédios daquela rua e então indicou uma casa que parecia abandonada. — Vamos conversar ali dentro. Dois Falcões da Noite, os guardas de Nasuada, avançaram e entraram na casa. Ressurgiram daí a alguns minutos.

— Está vazia, minha lady — informaram, com uma reverência.

— Ótimo. Obrigada. — Ela desmontou, entregou as rédeas a um dos

homens do seu séquito e entrou a passos largos. Eragon e Arya seguiram-na. Os três percorreram a construção desmazelada até encontrar um aposento, a cozinha, com uma janela grande o suficiente para acomodar a cabeça de Saphira. Eragon abriu-a e Saphira repousou a cabeça no tampo da bancada de madeira da cozinha. Seu hálito encheu o ambiente com o cheiro de carne torrada.

— Podemos falar sem medo — anunciou Arya, depois de lançar encantamentos que

impediriam qualquer pessoa de bisbilhotar a conversa.

— Então, Eragon, de que se trata? — perguntou Nasuada, esfregando os braços e estremecendo.

Eragon engoliu em seco, desejando não precisar se estender a respeito do destino de Oromis e Glaedr.

— Nasuada. . — ele começou — Saphira e eu não estávamos sós. . Havia outro dragão e outro Cavaleiro lutando contra Galbatorix.

— Eu sabia — disse Nasuada, num sopro, com os olhos brilhantes. —

Era a única explicação possível. Foram eles seus mestres em Ellesméra, não foram?

Sim, respondeu Saphira, *mas não mais.*

— Não mais?

Eragon crispou os lábios e abanou a cabeça, com as lágrimas toldando sua visão.

— Hoje, pela manhã, morreram em Gil'ead. Galbatorix usou Thorn e Murtagh para matá-los. Eu o ouvi falar com eles por Murtagh.

A excitação sumiu do rosto de Nasuada, substituída por uma expressão vazia, opaca. Ela se deixou cair na cadeira mais próxima e olhou para as cinzas na lareira apagada. A cozinha estava em silêncio. Por fim, ela se mexeu.

— Você tem certeza de que estão mortos?

— Sim.

Nasuada enxugou os olhos na bainha da manga.

— Fale-me deles, Eragon, por favor.

E assim, durante a meia hora seguinte, Eragon falou de Oromis e Glaedr. Explicou como os dois sobreviveram à queda dos Cavaleiros e por que haviam decidido se manter ocultos desde aquela época. Descreveu suas respectivas incapacidades e passou algum tempo discorrendo sobre a personalidade de cada um e sobre como tinha sido estudar sob sua orientação. A sensação de perda de Eragon se aprofundou quando relembrou os longos dias que passara nos rochedos de Tel'naeír além das muitas coisas que o elfo havia feito por ele e Saphira. Quando chegou ao confronto com Thorn e Murtagh em Gil'ead, Saphira levantou a cabeça da bancada e recomeçou a chorar, com seu lamento pesaroso, baixo e insistente.

Nasuada, então, suspirou.

— Quem dera eu pudesse ter conhecido Oromis e Glaedr —

comentou —, mas infelizmente não era para acontecer.. Só uma coisa ainda não entendo, Eragon. Você disse que *ouviu* Galbatorix falando com eles. Como isso foi possível?

— E, isso eu também gostaria de saber — manifestou-se Arya. Eragon procurou alguma coisa para beber, mas na cozinha não havia água nem vinho. Tossiu e enveredou por um relato da sua recente viagem a Ellesméra. Saphira de vez em quando fazia um comentário, mas na maior parte do tempo deixou a história a cargo de Eragon. Começando com a verdade sobre seu genitor, Eragon passou rapidamente pelos acontecimentos da sua estada, desde a descoberta do aço de luz debaixo da árvore Menoa até a criação de Brisingr e sua visita a Sloan. Por último, falou para Arya e Nasuada do coração dos corações dos dragões.

— Bem — Nasuada levantou-se para andar até os fundos da cozinha e voltar. — Você, filho de Brom; e Galbatorix sugando a alma de dragões cujos corpos morreram. Quase não é possível compreender. . — Ela voltou a esfregar os braços. — Pelo menos, agora conhecemos a verdadeira fonte do poder de Galbatorix.

Arya estava ali em pé, imóvel, sem ar, com uma expressão atordoada.

— Os dragões estão vivos — sussurrou. Ela uniu as mãos como se fosse fazer uma prece e as segurou junto ao peito. — Ainda estão vivos depois de todos esses anos. Ai, se eu ao menos pudesse contar aos outros membros da minha raça. Como se alegrariam! E como seria terrível sua ira quando soubessem da escravidão dos Eldunarí! Nós correríamos direto para Urû'baen e não descansaríamos enquanto não tivéssemos libertado os corações do controle de Galbatorix, sem nos importarmos com quantos de nós morrêssemos nessa tentativa.

Mas não podemos contar a eles, disse Saphira.

— Não — concordou Arya, baixando os olhos. — Não podemos, mas

muito me agradaria se pudéssemos.

— Por favor, não se ofenda — pediu Nasuada, olhando para Arya —, mas gostaria que sua mãe, a rainha Islanzadí, tivesse decidido compartilhar essa informação conosco. Poderíamos ter feito uso dela há muito tempo.

— Concordo. — Arya franziu a testa. — Na Campina Ardente, Murtagh conseguiu derrotar vocês dois — ela indicou Eragon e Saphira —

porque, sem saber que Galbatorix poderia ter dado a ele parte dos Eldunarí, vocês deixaram de agir com a devida cautela. Se não fosse pela consciência de Murtagh, os dois estariam presos a serviço de Galbatorix neste exato momento. Oromis e Glaedr, assim como minha mãe, tinham bons motivos para manter em segredo a existência dos Eldunarí, mas essa sua discrição quase representou nossa ruína. Tratarei desse assunto com minha mãe na próxima vez em que nos falarmos.

Nasuada andava para lá e para cá entre a bancada e a lareira.

— Você me deu muito em que pensar, Eragon. — Ela bateu no chão

com a ponta da bota. — Pela primeira vez na história dos Varden, sabemos de um modo para matar Galbatorix que talvez possa realmente funcionar. Se conseguirmos separá-lo desses corações dos corações, ele perderá boa parte da força, e depois você e nossos outros feiticeiros poderiam sobrepujá-lo.

— Sim, mas como podemos separá-lo dos corações? — indagou Eragon.

— Eu não saberia dizer — respondeu Nasuada, dando de ombros. —

Mas tenho certeza de que deve ser possível. De agora em diante, vocês trabalharão na invenção de um método. Mais nada tem tanta importância quanto isso.

Eragon percebeu que Arya o estudava com uma concentração fora do comum. Perturbado, olhou para ela com uma expressão de indagação.

— Sempre me perguntei — disse Arya — por que o ovo de Saphira apareceu para você, e não em qualquer lugar num campo vazio. Parecia uma coincidência grande demais para ter sido um simples fruto do acaso, mas não consegui pensar em nenhuma explicação plausível. Agora compreendo. Eu devia ter adivinhado que você era filho de Brom. Não conheci Brom muito bem, mas cheguei a conhecê-lo, e existe entre vocês certa semelhança.

— Existe?

— Você deveria ter orgulho de chamar Brom de pai — comentou Nasuada. — Sob todos os aspectos, ele era um homem extraordinário. Se não fosse por ele, os Varden não existiriam. Parece justo que seja você quem vai levar adiante sua obra.

— Eragon — chamou Arya, então —, podemos ver o Eldunarí de Glaedr?

Eragon hesitou e então saiu para tirar a bolsa dos alforjes de Saphira. Com cuidado para não tocar no Eldunarí, afrouxou o cadarço no alto e deixou que a bolsa escorregasse para revelar a gema dourada semelhante a uma pedra preciosa. Em comparação com a hora em que o tinha visto pela última vez, o brilho no interior do coração dos corações estava fraco e opaco, como se Glaedr mal estivesse consciente.

Nasuada se debruçou e ficou olhando fixamente para o remoinho no centro do Eldunarí, os olhos cintilando com a luz refletida.

— E Glaedr está mesmo aí dentro? *Sim,* respondeu Saphira.

— Posso falar com ele?

— Você pode tentar, mas duvido que responda. Ele acabou de perder seu Cavaleiro. Vai levar muito tempo para se recuperar do choque, se é que isso vai ocorrer um dia. Por favor, Nasuada, deixe-o em paz. Se ele quisesse falar com você, já o teria feito.

— É claro. Não era minha intenção perturbá-lo neste momento de dor. Esperarei para ser apresentada a ele quando chegar a hora em que tenha recuperado a serenidade.

Arya se aproximou de Eragon e pôs as mãos de cada lado do Eldunarí, com os dedos a pouco mais de dois centímetros da superfície. Olhou para a pedra com uma expressão de reverência, aparentemente perdida nas suas profundezas, e então murmurou alguma coisa na língua antiga. A consciência de Glaedr se acendeu de leve, como que em resposta.

Arya baixou as mãos.

— Eragon, Saphira, vocês receberam a mais solene das

responsabilidades: a guarda de outra vida. Não importa o que aconteça, devem proteger Glaedr. Com a morte de Oromis, precisamos da sua força e sabedoria mais do que nunca.

Não se preocupe, Arya, não permitiremos que nenhuma desgraça lhe aconteça, prometeu Saphira.

Eragon voltou a cobrir o Eldunarí com a bolsa e se atrapalhou com o cadarço, desajeitado por conta da exaustão. Os Varden haviam obtido uma vitória importante, e os elfos haviam conquistado Gil'ead, mas saber disso lhe trazia pouca alegria. Olhou para Nasuada.

— E agora? — perguntou.

— Agora — respondeu Nasuada, levantando o queixo —, marchamos

para o norte, para Belatona; e, quando a tivermos conquistado, avançaremos para Dras-Leona, que também dominaremos. E de lá, para Urû'baen, onde derrubamos Galbatorix ou morremos tentando. E isso o que vamos fazer agora, Eragon.

Depois que deixaram Nasuada, Eragon e Saphira concordaram em trocar Feinster pelo acampamento dos Varden, para que ambos pudessem repousar sem serem perturbados pela cacofonia de ruídos da cidade. Com Blödhgarm e os outros guardas de Eragon dispostos ao seu redor, andaram na direção dos portões principais de Feinster, Eragon ainda levando nos braços o coração dos corações de Glaedr. Nenhum dos dois falava.

Eragon mantinha o olhar fixo no chão entre os pés. Prestava pouca atenção aos homens que passavam correndo ou marchando. Seu papel na batalha estava encerrado; e tudo o que queria era se deitar e esquecer as tristezas do dia. As últimas sensações que tinha recebido de Glaedr ainda reverberavam na sua mente: *Ele estava só. Estava só e no escuro. . Só!* Eragon não conseguiu respirar quando uma onda de náusea o inundou. *Quer dizer que é*

assim perder seu Cavaleiro ou seu dragão. Não era de admirar que Galbatorix tivesse enlouquecido.

Somos os últimos, comentou Saphira.

Eragon franziu o cenho, sem entender.

Os últimos dragão e Cavaleiro livres, explicou ela. *Somos os únicos que restaram. Estamos.*
.

Sós.

Estamos, sim.

Eragon tropeçou quando seu pé pisou numa pedra solta que lhe passara despercebida. Consternado, fechou os olhos um instante. *Não temos como fazer isso sozinhos,* pensou. *Não temos. Não estamos prontos.* Saphira concordou, e sua dor e ansiedade, associadas às dele, quase o deixaram paralisado. Quando chegaram aos portões da cidade, Eragon parou, relutando em abrir caminho através da multidão que se aglomerava diante da abertura, procurando fugir de Feinster. Olhou ao redor em busca de outro trajeto. Quando seus olhos passaram pelas muralhas externas, um desejo repentino de ver a cidade à luz do dia o dominou.

Afastando-se de Saphira, subiu correndo uma escada que levava ao topo das muralhas. Ela deu um pequeno rosnado de aborrecimento e o seguiu, abrindo parcialmente as asas ao pular da rua para o parapeito com um único salto.

Os dois ficaram ali parados, juntos, nas ameias, por quase uma hora, assistindo ao nascer do sol. Um a um, raios de uma pálida luz dourada riscavam os campos verdejantes a partir do leste, iluminando as incontáveis partículas de poeira que vagavam pelo ar. Onde os raios batiam numa coluna de fumaça, a fumaça refulgia laranja e vermelha, turbilhonando com energia renovada. Os incêndios entre os casebres fora da muralha da cidade já

estavam em sua maioria apagados. Se bem que, desde a chegada de Eragon e Saphira, o combate tivesse incendiado uma quantidade de casas dentro da cidade de Feinster, e as colunas de fumaça que saltavam dessas casas em desintegração davam à paisagem da cidade uma beleza assustadora. Atrás de Feinster, o mar tremeluzente se estendia até o horizonte, distante, onde mal se viam as velas de um navio que seguia rumo ao norte.

À medida que o sol aqueceu Eragon através da armadura, sua melancolia foi aos poucos se dissipando, como as espirais de névoa que adornavam os rios lá embaixo. Respirou fundo e soltou o ar, relaxando os músculos.

Não, disse ele, *não estamos sós. Eu tenho a você, e você tem a mim. E ainda temos Arya, Nasuada e Orik, além de muitos outros que nos ajudarão pelo caminho. E Glaedr também,* lembrou Saphira.

Sim.

Eragon baixou os olhos para o Eldunarí protegido em seus braços e sentiu uma onda de compaixão e proteção pelo dragão preso no coração dos corações. Abraçou a pedra mais junto do peito e pôs uma mão em Saphira, grato pelo companheirismo entre eles.

Nós podemos vencer, pensou. *Galbatorix não é invulnerável. Ele tem uma fraqueza, e podemos usá-la contra ele. . Nós podemos vencer. Podemos e devemos,* disse Saphira.

Pelo bem dos nossos amigos e da nossa família. .

... e por toda a Alagaësia..

... precisamos vencer.

Eragon ergueu o Eldunarí de Glaedr acima da sua cabeça, apresentando-o ao sol e ao novo dia, e sorriu, ansioso pelas batalhas no porvir, para que ele e Saphira finalmente enfrentassem Galbatorix e matassem o rei atroz.

GUIA DE PRONÚNCIA E GLOSSÁRIO

SOBRE A ORIGEM DOS NOMES

ara o observador casual, os vários nomes que um intrépido viajante encontrará em Alagaësia talvez podem não passar de uma coleção aleatória de rótulos sem integridade, cultura e história inerentes. No P entanto, como acontece com qualquer país que foi repetidamente colonizado por culturas diferentes — e, nesse caso, por raças diferentes —, a Alagaësia adquiriu nomes de uma ampla gama de fontes ímpares, entre elas as línguas dos anões, dos elfos, dos humanos e até

mesmo dos Urgals. Dessa forma, podemos ter o vale Palancar (um nome humano), o rio Anora e Ristvak'baen (nomes élficos) e a montanha Utgard (um nome proveniente dos anões). Todos num raio de alguns quilômetros quadrados um do outro.

Apesar de ser de grande interesse histórico, na prática, isso freqüentemente leva a uma confusão no que concerne à pronúncia correta, infelizmente, não há regras estabelecidas para o neófito. Cada nome deve ser aprendido nos seus próprios termos, a menos que se consiga imediatamente localizar a língua de origem. A questão fica ainda mais confusa quando se percebe que, em muitos lugares, a população local alterou a pronúncia e a soletração de palavras estrangeiras para que se ajustassem à sua própria língua. O rio Anora é um exemplo disso. Originalmente, *anora* soletrava-se *aënora,* que significa *vasto* na língua antiga. Em seus escritos, os humanos simplificaram a palavra para *anora,* e isso — combinado com uma mudança de vogal onde *äe* (a-É) era falado como a forma mais fácil *a* (a) — criou o nome da maneira como aparece na época de Eragon.

Para poupar ao máximo o leitor dessas dificuldades, compilei a lista que se segue, com a compreensão de que não passa de um guia incompleto da pronúncia real. O entusiasta é estimulado a estudar as línguas originais para dominar suas verdadeiras complexidades.

PRONÚNCIA

Ajihad — aji-RRA-de

Alagaësia — alaga-É-sia

Arya — a-RI-a

Blödhgarm — BLÔD-garm

Brisingr — BRISS-ing-guer

Carvahall — car-va-RRAL

Dras-Leona — dras-le-Ô-na

Du Weldenvarden — Du Velden-VAR-den

Ellesméra — E-les-MÉ-ra

Eragon — Éragon

Farthen Dûr — farten DÛR

Galbatorix — galbato-RIX

Gil'ead — gile-A-de

Glaedr — gla-É-dur

Hrothgar RÓ-fi-gar

Islanzadí — Is-lan-ZA-di

Jeod — JE-odi

Murtagh — murTA-gui

Nasuada — Na-SU-Á-da

Nolfavrell Nol-FÁ-vrel

Oromis — O-ro-mis

Ra'zac — RÁ-zaqui

Saphira — sa-FI-ra

Shruikan — churui-KAN

Sílthrim — SÍL-fi-rim

Skgahgrezh — ska-GÁ-gres

Teirm — teirmi

Trianna — Tri-A-na

Tronjheim — tronj-RREim

Urû'baen — U-ru-BEIM

Vrael — VRA-el

Yazuac — IA-zu-a-qui

Zar'roc — ZAR-roqui

A LÍNGUA ANTIGA

Adurna reisa — Água, erga-se.

Agaetí Blödhren — Celebração de Juramento ao Sangue (ocorre uma vez a cada cem anos para reverenciar o pacto original entre elfos e dragões) Alfa-kona — mulher elfa

Äthalvard — uma organização de elfos dedicada à preservação de suas canções e poemas.

Atra du evarínya ono varda, Däthedr-vodhr — Que as estrelas zelem pelo seu caminho, estimado Däthedr.

Atra esterní ono thelduin, Eragon Shur'tugal — Que a felicidade o guie, Eragon Cavaleiro de Dragão.

Atra guliä un ilian tauthr ono un atra ono waíse sköliro fra rauthr — Que a sorte e a felicidade sigam-no e que você seja protegido contra o infortúnio.

Audr — em cima

Bjartskular — Escamas Brilhantes

Blödhgarm — Lobo de Sangue

Brisingr — fogo

Brisingr, iet tauthr — Fogo, siga-me.

Brisingr raudhr! — Fogo vermelho!

Deyja — morra

Draumr kópa — olhar de sonho

Dröttningu — princesa

Du deloi lunaea — Alise a terra/solo.

Du Namar Aurboda — O Banimento dos Nomes

Du Vrangr Gata — A Trilha Errante

edur — pináculo ou distinção

Eka eddyr aí Shur'tugal.. Shur'tugal.. Argetlam — Eu sou um Cavaleiro de Dragão. . Cavaleiro de Dragão. . Mão de Prata.

Eka elrun ono — Eu te agradeço.

elda — uma honraria de muito louvor sem gênero específico.

Eldhrimner O Loivissa nuanen, dautr abr deloi/Eldhrimner nen ono weohnataí medh solus um thringa/Eldhrimner um fortha onr fëon vara/Wiol allr sjon — Cresça, ó bela Loivissa, filha da terra/Cresça com o sol e a chuva/Cresça e reproduza sua flor de primavera/Para todos verem.

Eldunarí — o coração dos corações

Erisdar — as lanternas sem chama usadas tanto pelos elfos quanto pelos anões (chamadas em homenagem ao elfo que as inventou)

faelnirv — licor élfico

fairth — uma espécie de fotografia tirada por meios mágicos em um pedaço de ardósia

fell — montanha

finiarel — sufixo honorífico ligado com um hífen para um homem jovem bastante promissor

flauga — voe

fram — para a frente

Fricai onr eka eddyr — Eu sou seu amigo.

gánga — vá

Garjzla, letta! — Luz, pare!

gedwëy ignasia — palma brilhante

Helgrind — Os Portões da Morte

Indlvarn — um certo tipo de união entre um Cavaleiro e seu dragão jierda — quebre; bata

könungr — rei

Kuldr, reisa Iam iet um malthinae böllr — Ouro, erga-se em minha mão e se transforme em uma esfera.

kveykva — raio

lámarae — um tecido que se faz tecendo a lã com agulhas de crochê (similar à

baetilha, mas de maior qualidade)

letta — pare

Liduen Kvaedhí — Roteiro Poético

loivissa — um lírio azul de caule alto que cresce no Império

maela — quieto

naina — brilhe

nalgask — uma mistura de cera de abelha e óleo de avelã usada para umedecer a pele

Nen ono weohnata, Arya Dröttningu — Como queira, princesa Arya.

seithr — bruxa

Shur'tugal — Cavaleiro de Dragão

slytha — durma

Stenr reisa — Pedra, erga-se!

svit-kona — sufixo honorífico formal para uma elfa de grande sabedoria talos — um cacto encontrado perto de Helgrind

thaefathan — engrosse

Thorta du ilumëo! — Fale a verdade!

vakna — desperto

vodhr — sufixo honorífico masculino ligado com hífen significando louvor intermediário

Waíse heill! — Fique curado!

yawë — sinal de confiança

A LÍNGUA DOS ANÕES

Ascûdgamln — punhos de ferro

Az Knurldrâthn — As Árvores de Pedra

Az Ragni — O Rio

Az Sartosvrenht rak Balmung, Grismstnzborith rak Kvisagûr — A Saga do Rei Balmung de Kvisagûr

Az Sindriznarrvel — A Gema de Sindri

barzûl — uma praga, destino ruim

delva — termo carinhoso entre os anões; também a forma de um nódulo de ouro nativo das montanhas Beor que os anões estimam bastante

dûr — nosso

dûrgrimst — clã (literalmente, nossa sala/casa)

dûrgrimstvren — guerra de clãs

eta — não

Eta! Narho ûdim etal os isû vond! Narho ûdim etal os formvn mendûnost brakn, az Varden, hrestvog dûr grimstnzhadn! Az Jurgenvren qathrid né

domar oen etal... — Não! Não deixarei isso acontecer! Não deixarei esses idiotas sem barba, os Varden, destruírem nosso país. A Guerra dos Dragões nos deixou fracos e não. .

Fanghur — criaturas semelhantes a dragões, mas que são menores e menos inteligentes que seus primos (nativas das montanhas Beor)

Farthen Dûr — Nosso Pai

Feldûnost — barbagelada (uma espécie de bode nativo das montanhas Beor) Gáldhiem — Cabeça brilhante/cintilante

Ghastgar — Concurso de arremesso de lança, similar a um torneio, em que os participantes ficam sobre as costas do Feldûnost.

grimstborith — chefe de clã (literalmente, chefe da sala; a forma plural é

grimstborithn)

grimstcarvlorss — administradora da casa

grimstnzborith — governante dos anões: rei ou rainha (literalmente, chefe das salas)

hûthvír — arma em forma de bastão com lâmina dupla usada pelo Dûrgrimst Quan

Hwatum il skilfz gerdûmn! — Ouça minhas palavras!

Ingeitum — trabalha com metais; ferreiro

Isidar Mithrim — Rosa Estrela (A Grande Estrela de Safira)

knurla — anão (literalmente, feito de pedra; a forma plural é *knurlan)* knurlaf — mulher/ela/dela

knurlag — homem/ele/dele

knurlagn — homens

Knurlcarathn — pedreiros

Knurlnien — Coração de Pedra

Ledwonnû — o colar de Kilf; também usado como um termo genérico para *colar*

menknurlan — seres que não são pedra/aqueles que não são, ou estão sem, pedra (o pior insulto na língua anã, não pode ser diretamente traduzido) mérna — lago/piscina

Nagra — um javali gigante, nativo das montanhas Beor

Nal, grimstnzborith Orik! — Salve, rei Orik!

ornthrond — olho de águia

Ragni Darmn — rio do Pequeno Peixe Vermelho

Ragni Hefthyn — Guardião do rio

Shrrg — lobo gigante, nativo das montanhas Beor

Skilfz Delva — Minha Delva (ver *delva* para a tradução)

thriknzdal — a linha temperada em uma lâmina de uma arma temperada de um modo diferente

Tronjheim — Elmo de Gigantes

Ûn qroth Gûntera! — Assim falou Gûntera!

Urzhad — urso gigante das cavernas, nativo das montanhas Beor

Vargrimst — sem clã/banido

Vrenshrrgn — Lobos de Guerra

werg — o equivalente na língua dos anões a *ugh* (usado de modo jocoso no lugar chamado Werghadn; *Werghadn* é traduzido como a terra de ugh ou, de forma mais liberal, como a terra feia)

A LÍNGUA NÔMADE

no — sufixo honorífico, ligado por um hífen ao nome principal de alguém a quem se respeita

A LÍNGUA URGAL

Herndall — fêmeas Urgals que governam suas tribos

namna — faixas de tecido contendo narrativas familiares que são colocadas nas entradas das cabanas dos Urgals

nar — título de grande respeito sem gênero específico

Urgralgra — o nome que os Urgals usam para si mesmos (literalmente, aqueles com chifres)

AGRADECIMENTOS

vetha Fricäya. Saudações, Amigos.

Escrever *Brisingr* foi divertido, envolvente e, às vezes, difícil. K Quando comecei, tive a sensação de que a história era um

enorme quebra-cabeça tridimensional que eu precisava montar sem pistas, nem instruções. A

experiência foi imensamente prazerosa, apesar dos desafios que ocasionalmente apresentou.

Por conta da sua complexidade, *Brisingr* acabou sendo muito maior do que eu previa — tão maior, na realidade, que tive de ampliar a série de três para quatro livros. Assim, a Trilogia A Herança passou a ser o Ciclo A Herança. Essa mudança também me agradou. Ter mais um volume na série permitiu que eu explorasse e desenvolvesse a personalidade e os relacionamentos dos personagens num ritmo mais natural.

Como ocorreu com *Eragon* e *Eldest,* jamais teria conseguido terminar este livro sem o apoio de todo um exército de pessoas talentosas, a quem sou eternamente grato:

Em casa: mamãe, pelas refeições, chá, conselhos, solidariedade, paciência infinita e otimismo; papai, por sua perspectiva singular, pelas observações afiadíssimas sobre a história e o texto, por me ajudar a dar o nome ao livro e por ter tido a idéia de que a espada de Eragon pegasse fogo cada vez que ele dissesse seu nome (muito legal); e minha única irmã, Angela, por mais uma vez consentir que eu reprisasse sua personagem, bem como por numerosas referências sobre nomes, plantas e tudo o que diz respeito a lã. Na Writers House: Simon Lipskar, meu agente, pela amizade, por trabalhar tanto e por me passar um sermão muito necessário logo no início de *Brisingr* (sem o qual eu talvez tivesse demorado mais dois anos para terminá-lo); e seu assistente Josh Getzler, por tudo o que faz por Simon e pelo Ciclo A Herança. Na Knopf: minha editora, Michelle Frey, que me deu um auxílio assombroso ao limpar e enxugar os originais (o primeiro rascunho era *muito* mais longo); a editora assistente Michele Burke que também trabalhou na edição e ajudou a organizar a sinopse de *Eragon* e *Eldest;* a diretora de comunicação e marketing, Judith Haut, que desde o início anunciou a série aos quatro ventos; a diretora de publicidade, Christine Labov; a diretora de arte Isabel Warren-Lynch e sua equipe por mais uma vez terem produzido um livro tão elegante; John Jude Palencar por uma pintura majestosa para a capa (não sei como vai superar este trabalho no quarto livro!); o chefe de revisão Artie Bennett por verificar todas as palavras, reais ou inventadas, em *Brisingr* com um cuidado tão meticuloso; Chip Gibson, diretor da divisão infantil na Random House; a diretora editorial da Knopf, Nancy Hinkel, por seu apoio inabalável; Joan DeMayo, diretora de vendas e sua equipe (muitos parabéns e agradecimentos!); o diretor de marketing John Adamo, cuja equipe criou esta campanha de tanto impacto; Linda Leonard, de novas mídias, por todos os seus esforços de marketing na *web;* Linda Palladino, Milton Wackerow e Carol Naughton, produção; Pam White, Jocelyn Lange e todos da equipe de direitos autorais, que fizeram um trabalho realmente extraordinário na venda do Ciclo A Herança em países e línguas do mundo inteiro; Janet Renard, revisão; e todos os outros profissionais da Knopf que me apoiaram.

Na Listening Library: Gerard Doyle, que com sua voz dá vida ao mundo da Alagaësia; Taro Meyer por acertar em cheio a pronúncia das minhas línguas; Orli Moscowitz, por organizar tudo com perfeição; e Anianda D'Acierno, editora da Listening Library.

Obrigado a todos vocês.

The Craft of the Japanese Sword [A arte da espada japonesa] de Leon e Hiroko Kapp e

Yoshindo Yoshihara me forneceu grande parte da informação necessária para descrever com precisão os processos de fundição e forja no capítulo "A mente sobre o metal". Recomendo com ênfase o livro a qualquer um que esteja interessado em aprender mais a respeito da arte de fazer espadas (especificamente as japonesas). Vocês sabiam que os ferreiros japoneses acendem o fogo martelando na ponta de uma barra de ferro até que ela esteja incandescente e então tocam com ela numa ripa de cedro revestida com enxofre?

Além disso, para aqueles que entenderam a referencia a um "deus solitário" quando Eragon e Arya estão sentados em volta da fogueira, minha única explicação é que o Doctor pode viajar para onde quiser, até mesmo para realidades alternativas.

Ei, eu também sou fã!

Por fim, o agradecimento mais importante. Obrigado a você por ler *Brisingr.* E

obrigado por ser fiel ao Ciclo A Herança durante todos esses anos. Sem seu apoio, eu nunca teria sido capaz de escrever esta série, e não consigo imaginar nenhuma outra coisa que preferisse fazer.

Mais uma vez, as aventuras de Eragon e Saphira terminaram, e mais uma vez chegamos ao final desse caminho sinuoso. . mas só por enquanto. Muitos quilômetros a mais estão à nossa frente. O Livro Quatro será

publicado assim que eu conseguir terminá-lo; e posso lhe garantir que vai ser a parcela mais empolgante da série. Mal posso esperar que você o leia! Sé onr sverdar sitja hvass!

Christopher Paolini

20 de setembro de 2008

Esta obra foi digitalizada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste ebook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

A saga do Cavaleiro e do dragão está próxima do fim, mas ainda é preciso unir as forças rebeldes. E a sabedoria será sua maior arma neste caminho.

ISBN 978-85-61384-49-4

9 788561 384494